





As exmo. amigo

D. Maria Lichô

Companhia de

Sylvio Cruz

Rio de Janeiro - 1921

—

MEMORIAS
HISTORICAS
DA
PROVINCIA DE PERNAMBUCO.



SENADO FEDERAL

PROVA DE CONHECIMENTOS

DA

PROVA DE CONHECIMENTOS

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 3289

do ano de 1974



20th February 1850

General Bernardo Fernandes Gama

MEMORIAS HISTORICAS

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO,

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO

TOPOGRAPHICO-HISTORICO,

Dedicadas aos Illustrissimos, e Excellentissimos Senhores

BARÃO DA BOA-VISTA,

BACHAREL EM MATHEMATICAS PELA UNIVERSIDADE DE PARIS, DIGNITARIO DA IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO, COMMENDADOR DA DE CHRISTO, POR SUA MAGESTADE FIDELISSIMA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE S. BENTO DE AVIZ, TENENTE CORONEL DA PRIMEIRA CLASSE DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO, DEPUTADO A ASSEMBLEA GERAL LEGISLATIVA, PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO, E PRESIDENTE DA MESMA PROVINCIA.

E

BARÃO DE SUASSUNA,

FIDALGO CAVALLEIRÔ, GENTILHOMEM DA IMPERIAL CAMARA, DIGNITARIO DA IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO, CORONEL DA EXTINGTA SEGUNDA LINHA DO EXERCITO, SENADOR DO IMPERIO, PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO, E DEPUTADO A ASSEMBLEA LEGISLATIVA DA MESMA PROVINCIA.

POR

Joze Bernardes Fernandes Gama.

Cavalleiro da Ordem de Christo, Condecorado com a Medalha da Campanha da Independencia do Imperio, na Provincia da Bahia, Tenente da primeira classe do Estado-Maior do Exercito, empregado em commissão na Provincia de Pernambuco, etc.

TOMO I.

PERNAMBUCO,

Na Typographia de M. F. de Faria. — 1844.

981.34
6484
MIP
1844

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

BARRIO DA BOA-VISTA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

11

BARRIO DE SANTANA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

11

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

PROVINCIA DE PERNAMBUCO



PROLOGO.

O desejo de instruir-me na Historia de minha Patria, suscitou-me a idéa de recopilar os factos aqui, e alli espalhados nas obras dos escriptores que trataram das cousas do Brasil, e d'est'arte formar uma collecção de Memorias Historicas de Pernambuco, que me servisse, por assim dizer, de Compendio.

Quando já tinha algum trabalho adiantado; mas ainda quando não pretendia dal-o a luz, permittio o acaso que dous dos meus amigos o vissem em uma occasião, em que a conversa, recahindo sobre as antiguidades de nossa Patria, nos levou a lamentar a falta que ella soffre de uma Historia. No meio das reflexões a que objecto insensivelmente nos conduzia, e do enthusiasmo que a recordação dos feitos de nossos passados naturalmente despertou, os meus dous amigos instaram ardentemente comigo, para que eu concluise o trabalho que encetára, e o impremisse; esforçando-se elles em convencer-me que esta impressão, tanto se tornaria util ao Publico, pelo lado de offerecer em uma só obra a narração dos factos mais notaveis de nossa Patria, como porque ia excitar a impressão de outras obras desta natureza, ha tanto tempo annunciadas, mas que até hoje se tem conservado ineditas nos gabinetes de seus autores.

Oppuz ao desejo de meus amigos a minha nimia pobreza litteraria, e até os mesmos defeitos da obra, cuja publicação aconselhavam; todavia elles persistiram na sua opinião, mas eu então não cedi: reflectindo porém que Pernambuco ainda não tem uma Historia, e que esta, postoque em verdade dependa de uma penna, não tão pouco habil como a minha, comtudo carece de *Memorias*, ou *Apontamentos*, os quaes, embora sejam destituídos de erudicção, são todavia utilissimos ao Historiador, si os factos ahi se narram com todas as

as circumstancias , e com verdade , (Alma da Histeria) deberei-me publicar o meu trabalho , cedendo finalmente tambem ás repetidas instancias dos meus amigos.

Ora, eu para minha instrucção, nada mais tinha feito do que copiar, quasi fielmente, os diversos autores, que trataram dos negocios de Pernambuco, servindo-me de guia a Historia do Brasil por Mr. *Alphonse de Beauchamp*, do qual só me apartei, ou ampliando aquellas noticias em que foi omisso, aproveitando-me para isto dos mesmos autores que elle copiou, como Rocha Pita, Brito Freire, Fr. Rafael de Jesus, Joboatão, e outros; ou corrigindo a exposição d'alguns factos, que combinada com a dos escriptores que elle seguio, me pareceu carecer de exactidão. Accrescentei porém ás noticias que me deu Mr. *Beauchamp* as que colhi nos Archivos das Secretarias, nas Memorias de Monsenhor Pizarro, e em varios manuscriptos, e folhetos, que com muito trabalho, e alguma despeza alcancei, para completar as Memorias Historias de Pernambuco até o fim do Seculo passado.

Nas do Seculo presente porém não segui autor algum na ordem dos factos, e até mesmo me apartei de varios escriptores modernos: recopilei o que me foi possivel extrahir dos Archivos Publicos, consultei os Jornaes, e muitos impressos, manuscriptos, e cartas que encontrei entre os papeis de meu Pai o Sr. Jozé Fernandes Gama, que Deos tem em Gloria, e dando tambem tratos á minha memoria, descrevi os factos como chegaram á minha noticia, e alguns como vi succeder.

São pois os tres primeiros Tomos d'estas Memorias, pela maior parte um plágio, que eu evitaria, si não estivesse convencido de que dizer o mesmo, que outros disseram (e disseram bem) por differentes palavras he pura, e inutil perda de trabalho. O 4.º e 5.º Tomos são todos meus.

Mas as Memorias que eu havia redigido para mim somente, careciam de explicações Topographicas. Não tendo tenção, quando as escrevi, de dal-as ao Publico, eu havia saltado por quasi todas as descripções corographicas, que se acham nos autores que copiei: para remediar portanto

esta falta , que tornava a obra mui defeituosa pora ser impressa , só me restavam dous meios : ou redigil-a novamente , que he um trabalho mui enfadonho , ou dar em separado essas descripções , que havia saltado ; escolhi o ultimo meio. Eis a razão porque precede a estas Memorias um Ensaio Topographico-Historico , cujos defeitos , que são muitos , espero que o benevolo leitor desculpe.

Em conclusão ; persuadido , que he util a um Historiador , e muitas vezes necessario , expôr-lhe os factos com todas as suas miudas circumstancias , para que elle possa formar o seu juizo critico, receiei menos enfastiar o leitor, do que , para ser breve e agradar-lhe , omittir minuciosidades. Occupando-me mais em dar os subsidios , que devem servir de Norte ao Historiador , que com penna habil , e judiciosa escrever a Historia de Pernambuco , eu não tive em vista ostentar erudição ; e fatuidade seria querer ostental-a.

Não escrevi uma Historia, e nem a podia escrever ; (*Magnum quid Historiam recte scribere , et summi Oratoris proprium* (*)) apenas offereço ao Historiador um Memorial, cujos defeitos , que em cada pagina formigam , espero que o Respeitavel Publico , e elle benigna e indulgentemente desculpem. »

A succinta exposição, que acabo de fazer, e que servio de Prologo na primeira edição d'este Tomo, seria sufficiente ainda na prezente reimpressão, si circumstancias não occorressem que obrigam augmental-a alguma cousa, apezar de conhecer, que em obras historicas , raro será aquelle Prologo, que excedendo á tres paginas, não se torne fastidioso.

Corrigi, e acrescentei o Ensaio Topographico, não como desejava, porque, não me sendo possivel examinar por mim mesmo os lugares que descrevo , ainda fui obrigado a louvar-me em informações, que talvez se apartem da exactidão , mas sim como me permittiram essas informações : comtudo como esta he a unica obra d'este genero , que ha sobre toda a Provincia de Pernambuco , persuado-me que

(*) Cicer. Liv. 2.º de Orat.

e alguma utilidade pôde vir a ser, si unia penna menos in-nabil do que a minha se encarregar de a corrigir, depois de proceder ás observações e exames, que as minhas occupa-ções me privaram fazer: entretanto eu continuo a pro-curar noticias, e a verificá-las, a fim de aperfeiçoar este trabalho, tanto quanto a mesquinhez de minha capacidade me possa ajudar.

Releva notar que no calculo da população eu prestei, como devia, todo o conceito aos agentes que fizeram o arro-lamento dos Fogos, pois que antes de provas em contrario, eu a ninguem nego boa fé, e exacção no cumprimento de seus deveres. Si porém á minha noticia chegarem informa-ções fidedignas, que desmintam o bom conceito que me mereceram, e ainda merecem, esses agentes, não se me tache de contradictorio, si no ultimo Tomo das Memorias, quando chegar á época notavel em que teve lugar esse arro-lamento, eu exceptuar alguns do louvor que na mais sin-cera boa fé tributo a todos, si então tiver necessidade de corrigir erros, em que por ventura me fizeram cahir; por quanto escrevendo eu apontamentos, ou Memorias para a Historia da nossa Provincia, tendo encarregado-me volun-tariamente d'este trabalho, com o fim de prestar um serviço ao meu Paiz, e finalmente tendo sido ajudado n'esta empre-sa pelo dinheiro do Publico, eu por certo me aviltaria, e me mostraria ingrato, si deixasse á meus filhos (a quem amo extremosamente) o triste legado de uma obra, pela qual um dia se lhes possa lançar em rosto — *Vosso pai prostituio sua penna na obra que escreveu.* — Escrevo os factos passados, se-gundo os Historiadores que consultei, e os contemporaneos com imparcialidade restricta. Desassombrando-me de todas as considerações que podiam embaçar a fidelidade da nar-ração; e recordando-me dos seguintes versos de meu sempre lembrado Pai, eu digo com elle.

De circumlocações eu nada sei,
O caso conto, como o caso foi.
Da minha phrase na constante lei,
O ladrão he ladrão, o boi he boi.

... de la Asamblea Legislativa Provincial...
... de la Provincia de Buenos Aires...

... de la Asamblea Legislativa Provincial...
... de la Provincia de Buenos Aires...

... de la Asamblea Legislativa Provincial...
... de la Provincia de Buenos Aires...

... de la Asamblea Legislativa Provincial...
... de la Provincia de Buenos Aires...

... de la Asamblea Legislativa Provincial...
... de la Provincia de Buenos Aires...

Assim como corrigi o Ensaio Topographico, emend igualmente o 1.º Tomo das Memorias, n'aquella parte que carecia de exactidão. Tendo obtido novos esclarecimentos, e havendo-se-me prestado obras, que nunca tinha consultado, eu aproveitei a occasião de reimprimir o 1.º Tomo, para emendar os erros historicos em que cahi, por informacões menos exactas.

Eis quanto me pareceu sufficiente dizer sobre a obra, agora permitta-se-me, que diga alguma cousa sobre os meios, que se me proporcionaram para imprimil-a, dando ao mesmo tempo um publico testemunho de gratidão.

Quando á instancias de meus amigos deliberei imprimir estas Memorias, persuadi-me que os productos das assignaturas, e da venda dos Volumes dêssem uma somma, que fizesse face as despezas; mas enganei-me, estas excederam muito ao duplo d'aquelles, e assim me impossibilitaram de continuar a impressão, visto que a despeza só do Volume que impremi, montou em mais de 900#000 reis. Eu ia pois abandonar a empresa, quando me occorreu que o Patriotismo da Assembléa Legislativa da nossa Provincia, e o amor que todos os seus Membros votam ás letras, podiam superar o obstaculo que me offerecia a caristia da Imprensa.

Requeri pois á mesma Assembléa a concessão de uma Loteria, cujo producto chegasse para as despezas da impressão de cinco Volumes, em que devidi a obra; e os escolhidos da Provincia, dando uma prova não equivoca do quanto anhelam animar as empresas literarias, concederam-me quanto pedi. Eu seria pois merecedor de censura, si não ornasse este 1.º Tomo, estampando em uma de suas paginas os Nomes dos Nobres Deputados Provinciaes, que só pelo amor ás letras, e com o patriotico fim de animar as empresas literarias, concederam uma Loteria para imprimir as Memorias Historicas, que eu havia composto. Estampando pois esses Nomes, que honram a obra, eu não faço mais do que tributar ao Patriotismo, e ao amor das letras um Publico testemunho de pura gratidão.

Mas não são sómente os Nobres Deputados, que concederam a Loteria, os unicos que cooperaram para a impressão

s Memorias. O Exm. Sr. Barão da Boa-Vista, Presidente da Provincia, e quatorze Cidadãos tambem nobremente animados pelo desejo de proteger as empresas literarias, deram a essa impressão um apoio, não menos digno de commemorar-se.

Sim, o Exm. Sr. Presidente permittindo que a Loteria se dividisse em duas partes, visto que se tinha reconhecido ser mui difficultoso venderem-se os bilhetes no valor de 65:000//reis; e esses quatorze Cidadãos juntando-se em sociedade, e obrigando-se a ficar com os bilhetes que não se vendessem até a quantia de 3:360//000 reis, (*) assellaram a obra da Assembléa Provincial. Sem este poderoso auxilio em verdade a primeira parte da Loteria não teria sido extrahida, e as Memorias Historicas ainda hoje estariam por imprimir. He portanto um meu dever, he da mesma sorte tributar o devido louvor ao nobrezelo pelas emprezas literarias, estampar igualmente os nomes d'esses quatorze Cidadãos, que desinteressadamente deram tão proficuo apoio ás Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco. Queiram todos que cooperaram para a sua impressão, aceitar este meu puro testemunho de gratidão.

Vale.

(*) Na primeira parte da Loteria perdeu cada um dos Senhores quatorze socios a quantia de 139//680 réis.

Deputados que compunham a Assembléa Legislativa da Provincia de Pernambuco em 26 de Maio de 1842, dia no qual passou em ultima discussão a Lei, que concedeu uma Loteria para a impressão das Memorias Historicus da mesma Provincia, cujo 1.^o Tomo, então já impresso, foi lido e examinado antes da concessão da Loteria,

Os Ill.^{mos} Srs.

Conselheiro Desembargador Barão de Itamaracá, (Presidente da Assembléa.)

Doutor, José Filippe de Souza Leão, (1.^o Secretario da mesma.)

Official Maior da Secretaria do Governo, Antonio José d'Oliveira, (2.^o Secretario da mesma.)

Doutor em Philosophia Lente do Curso Juridico d'Olinda Pedro Francisco de Paula Calvacanti d'Albuquerque.

Doutor Juiz de Direito do Crime Alvaro Barbalho Uxôa Calvacanti.

Coronel da Guarda Nacional Lourenço Bezerra Calvacanti d'Albuquerque.

Tenente Coronel da Guarda Nacional Antonio Carneiro Machado Rios.

Doutor Juiz do Civel João José Ferreira de Aguiar.

Doutor em Medecina Luiz de Carvalho Paes d'Andrade.

Doutor em Philosophia Manoel Francisco de Paula Calvacanti d'Albuquerque.

Doutor Juiz do Civel Antonio Affonso Ferreira.

Doutor Juiz do Civel José Thomaz Nabuco de Araujo Junior.

Commandante Geral do Corpo de Policia Pedro Alexandrino de Barros Calvacanti.

Coronel da Guarda Nacional (Advogado) Teburtino Pinto de Almeida.

Doutor (Advogado) Filippe Lopes Neto.

Major da Guarda Nacional Izidro Francisco de Paula Mesquita e Silva.

Doutor em Medecina Francisco Xavier Pereira de Brito.

Tenente d'Artilharia, e Lente de Geometria do Collegio das Artes José Pedro da Silva.

Commandante Superior da Guarda Nacional Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque Lacerda.

Doutor Juiz de Direito do Crime Alexandre Bernardino dos Reis e Silva.

Doutor Juiz de Direito do Crime Joaquim Manoel Vieira de Mello.

Conego Pregador da Capella Imperial, Professor Jubilado de Rhetorica, Lente de Eloquencia Nacional do Lycêo do Recife, e Director interino do Curso Juridico d'Olinda Reverendissimo Miguel do Sacramento Lopes Gama.

Doutor Juiz do Civel Custodio Manoel da Silva Guimarães.

Doutor Lente do Curso Juridico d'Olinda José Bento da Cunha Figueiredo.

Exm. Senador, Coronel da 2.^a Linha do Exercito, Barão de Suassuna.

Doutor Manoel Joaquim Carneiro da Cunha.

Doutor Juiz do Civel Bernardo Rabello da Silva Pereira.

Inspector da Thesouraria Provinciat João Baptista Pereira Lobo Junior.

Doutor Juiz do Civel Francisco Elias do Rego Dantas.

Doutor Juiz do Civel Antonio Baptista Gitirana.

Reverendissimo Doutor Joaquim Francisco de Faria.

Tenente coronel do Estado Maior do Exercito Antonio Gomes Leal.

Advogado Laurentino Antonio Pereira de Carvalho.

Doutor Lente substituto de Rhetorica do Lycêo do Recife João Antonio de Souza Beltrão de Araujo Pereira

Negociante Joaquim José da Costa.

Cidadãos, que se obrigaram a ficar com os bilhetes, que não se vendessem, da Loteria concedida para a impressão das Memorias Historicas d'esta Provincia até a quantia de 3:360#000 réis.

Os Illustrissimos Senhores.

José Antonio Basto.

Francisco José da Silveira.

Manoel Ferreira Ramos.

Francisco Antonio das Chagas.

José Xavier Faustino Ramos.

José Nunes de Faria.

Joaquim Pinto.

Joaquim José Lourenço da Costa.

Joaquim d'Oliveira e Sauza.

Francisco Joaquim Pereira Lobo.

Francisco Mamede de Almeida.

José Lazary.

Bento José da Costa.

José Ramos d'Oliveira.

Com os seguintes nomes e com os bilhetes que são
de concessão da lotaria concedida para a impressão das
Memórias Históricas d'este Provedor-geral a - quantia de
3:1600000 réis - para se pagar em 10 annos.

- Os Illustrissimos Senhores Senhores
- Jose Antonio Basto.
 - Francisco Jose da Silveira.
 - Mansel Ferraz Ramos.
 - Francisco Antonio das Chagas.
 - Jose Xavier Pantoja Ramos.
 - Jose Nunes de Faria.
 - Joaquim Pinto.
 - Joaquim Jose Lourenço da Costa.
 - Joaquim d'Oliveira e Souza.
 - Francisco Joaquim Pereira Lobo.
 - Francisco Manoel de Almeida.
 - Jose Laxary.
 - Bento Jose da Costa.
 - Jose Ramos d'Oliveira.

ENSAIO

TOPOGRAPHICO--HISTORICO

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

DO

SENADO FEDERAL

A Provincia de Pernambuco (uma das do Imperio Brasileiro que configuram o cabo Este da America (*) Meridional) está situada obliquamente, e, si os seus limites descrevessem rectas, assemelhar-se-hia á figura que podem representar dous Trapezios, ligados por lados oppostos ; isto he, do litoral, na direcção E. S. E. -- O. N. O., até a serra dos Irmãos, que he a linha que a divide do Piauhy, formaria o

(*) Alguns Geographos querem, que a America seja aquella ilha Atlantica, de que Platão falla no *Timéo*, e que suppoem inteiramente absorvida pelo Oceano. Ora todos os povos a porfia, se empenham em datar sua existencia desde remotissimas épocas; não me persuado portanto mui fóra de proposito, apresentar as opiniões que dão aos nossos Indigenas antiquissima existencia, e civilisação: direi pois por curiosidade, quanto he possivel dizer-se em uma Nota, o que sobre esta questão (que tanto ha dado, que fazer aos Geographos) tenho lido em livros, que só nimia curiosidade, e desejo de instrucção, pôde induzir, e animar alguém a folhear-os.

Platão no *Timéo* (Tom. 3. pag. 24 da Edição de H. Estevão) diz: « A Atlantica foi uma grande ilha, situada fóra das columnas d'Hercules, e de tanta grandeza que excedia toda a comprehensão d'Azia, e Africa. Huma grande parte d'esta ilha, foi submergida, por um grande terremoto, seguido de uma alluviação continua, por espaço de um dia, e uma noite.

Ficinio, não obstante ter por fabuloso quando Platão finge, nota porém que o que elle diz no *Timéo*, a respeito da submersão da Atlantica, he uma narração admiravel, e absolutamente verdadeira, e para o provar, acrescenta no *Cricias*: (que he a Historia do primeiro Seculo.) Que a submersão da Atlantica tinha sido referida por *Cricias Avô* a *Cricias Neto*, que aquelle a tinha ouvido narrar a seu tio *Solon*, e que este o soubera pela boca dos Sacerdotes Egypcios, com cujos povos os grandes, e poderosissimos Reis d'aquella ilha tinham continuas guerras.

Aristoteles nos seus Auditorios, refere que os Cartaginezes descobriram uma vasta ilha, situada fóra das columnas d'Hercules, cheia de grandes matas, regada de varios rios, uberrima em

primeiro Trapezio, e d'ahi na direcção N. E -- S. O., seguindo á linha do rio S. Francisco, formaria o outro, porém menos extenso, e de menor largura. A figura pois que Pernambuco representa, não he possivel descrever precisamente em termos technicos; direi por tanto, para dar uma idéa mais aproximada, que o terreno d'esta Provincia, pelos limites que se lhe deram, assemelha-se a uma manga de vestido curvada, mas que não guarda proporção, porque do hombro ao cotovello tem mais de dous tantos, do que d'ahi ao punho.

O litoral de Pernambuco está entre 7°, 12', e 1", e 9°, 11', e 30" de Latitude Meridional, e entre 37°, e 32', e 37°, e 8' de Longitude (**) Occidental. Limita esta Provincia: pelo N.

differentes fructos, distante muitos dias de viagem, para onde navegavam os Cartaginezes frequentissimas vezes, e ahi se estabeleciam; e que havendo recebido de que sacudissem o jugo Nacional, fazendo o Estado succumbir a uma rebellião, fumentada pelas riquezas, que tiravam da dita ilha, se promulgou um E-dicto, comminando pena capital, contra todo aquelle que passasse á mencionada ilha.

Diodoro-Siculo, no Livro 5.º da sua Bibliotheca, quando trata sobre esta ilha, diz quasi o mesmo que *Aristoteles*.

O Geographo Francez porém, author do Atlas de 1789, resolve a questão da seguinte maneira = « A ilha Atlantica he verdadeiramente a America, ou India Occidental em tudo, ou em parte. A barbaria dos primeiros Secculos, e a omissiva applicação ás memorias d'aquelles tempos, tem causado o prejuizo de laborar-se na incerteza dos primeiros successos. Porém si damos credito ás relações dos Escriptores antigos, sobre esta materia, podemos julgar que existio em algum tempo a Atlantica ou esta seja a America, hoje conhecida; (si he crível que os antigos, sem o adjutorio da Bussola, atrevesassem o extenso Atlantico) ou seja finalmente a que pretendem submergida no mar, restando-nos como fragmentos d'ella, os Açores, a Madeira, o Porto Santo, as Desertas, as Canarias, as Selvagens, &c., &c. por serem terras mais altas, e os seus fundamentos de rocha viva, e por isso mesmo capazes de resistir aos impetus dos terremotos, e dos vulcões subterraneos. »

Finalmente da oppinião de *Becano* no Liv. 3.º do seu Niloscopia, da *de Turnebo* no Liv. 20.º Cap. 11.º das suas memorias; da *de Jacob Pemelio* nas notas ao Apologetico de Tertuliano; e em conclusão da *de Vossio*, reputado pelos sabios, como um escrupuloso critico, conclue-se logicamente, que a ilha Atlantica, de que fallaram os antigos, não he outra senão a America.

(**) As Longitudes citadas n'este Ensaio são calculadas ao Oeste do Meridiano de Pariz.

com as da Parahyba, e Ceará, servindo de linha divisoria; na costa o rio Abiahy, na citada Lat. de 7º, 12', e 1"; e pelo interior a serra da Burburema, que, tomando de distancia em distancia diversos nomes, como v. g. Furada, Jardim, Araripe, &c., &c. serve de limites ás mencionadas Provincias, na direcção pouco mais ou menos de E. S. E.—O. N. O.; limita pelo S. com a Provincia das Alagoas, e com a Comarca de S. Francisco,] que já nos pertenceu, e que hoje pertence á Bahia, servindo de linha divisoria; na costa o riacho Pirás-sinunga, na referida Lat. de 9º, 11', e 30" e pelo interior os limites da mencionada Provincia das Alagoas, que correm pouco mais, ou menos E. N. E.—O. S. O. até o rio Moxotó, que desagoa no de S. Francisco; e d'ahi as extremas das Villas Barra, e Curunhanha que pertencem á Bahia; limita por E. com o Oceano, e pelo O. com as extremas do Piauby, e Bahia no lugar Pão-da-Arara,

Tem Pernambuco de N. a S. mais de trinta e seis legoas; (*) porém pelas diversas curvas que a costa descreve se contam, pouco mais ou menos, 42 legoas de litoral. Em sua maior extensão tem a Provincia talvez 190 legoas, contadas da ponta de Olinda, ponto o mais saliente (**) da costa, até o mencionado lugar chamando Pão-da-Arara.

A' O. da costa, e d'ella arredada vinte, a vinte-e cinco legoas, corre, quasi parallella com a mesma costa, uma cordilheira de montanhas de segunda ordem, que postoque seja entremeiada de algumas planícies, ou vargens parece que a Natureza a collocára para extremar o paiz que nós chamamos Mata, d'aquelle denominado Sertão. Ahi o viajante, que acaba de atravessar essa baliza, (que em muitos lugares não tem duas legoas) como que sorprendido, quer persuadir-se que

(*) Pernambuco, em quanto Capitania doada por D. João 3.^o a Duarte Coelho tinha 60 legoas de costa, desde o rio S. Francisco até o de Iguarassú, ou Santa Cruz; mas depois da expulsão dos Hollandezes, reunindo-se-lhe parte da Capitania de Itamaracá, teve 70 legoas, desde o dito rio S. Francisco até o rio Abiahy; com a elevação porém em 1818 da Comarca das Alagoas á Capitania separada, e com a desmembração da Comarca do rio S. Francisco em 1824 para Minas, ficou reduzido ao estado actual.

(**) Vid. Mr. Baron Roussin.

arreatado por um braço invizível, elle de improvíso foi transportado para outro paiz inteiramente novo, differente em clima, em vegetação, emfim em tudo diverso d'aquelle, que á duas horas pizava! Tratarei primeiro do Litoral, e da parte da Provincia chamada Mata; depois descreverei o Sertão.

POPULAÇÃO.

A população de Pernambuco monta a 600,020 pessoas livres, (exclusive o grande numero de estrangeiros que aqui habita), servindo-me de base n'este calculo o recenseamento tirado em 1842, para a eleição da presente Legislatura; pelo qual se conhece que toda a Provincia tem 120,004 Fogos; (como adiante se verá na descripção das Freguezias) a cada um dos quaes dando cinco pessoas (marido, mulher, dous filhos, e um domestico) vem a Provincia a ter a população que cálculo. Na primeira edição d'este Ensaio calculei dez pessoas por Fogo; mas então, nem estava precisamente definido pela Lei o que se devia entender por Fogo, de maneira que alguns reputavam como tal cada uma casa, embora n'ella habitassem mais de uma familia, como até muita razão eu tinha para acreditar, que quasi todos os arrolamentos careciam de exactidão, e para me persuadir que uma consideravel parte da população do interior nunca havia sido recenseada; (como acaba de verificar-se) agora porém que estou informado de que os arrolamentos se fizeram com muito mais escrupulo, e segundo o novissimo Decreto, que definio o que se deve entender por Fogo; parece-me que, dando cinco pessoas a cada um, aproximei-me á exactidão, quanto he possível em taes calculos; releva comtudo notar, que não obstante ter havido maior cuidado, e perspicacia n'este ultimo recenseamento, todavia ainda me inclino a crer, pelo curto espaço de tempo que houve para este importante trabalho, que em muitas Freguezias do centro da Provincia, de notavel extensão, e onde as habitações são mui distantes umas das outras, muitas familias deixaram de ser arroladas, e que talvez por isso este meu calculo careça da exactidão que poderia ter, si não se dera esse inconveniente.

O numero de escravos he grande ; alguns calculam esse numero igual á dous terços da população livre , outros elevam mais este calculo ; todavia ainda que Pernambuco carece do recenseamento da escravatura , julgo que o primeiro calculo he o mais aproximado á exactidão , e que si a escravatura excede, he mui pouco, aos dous terços da população livre. D'estes escravos uma grande parte está empregada na lavoura da canna de assucar em 512 engenhos que a Provincia possui, e em mais de duas centenas de engenhócas de fabricar rapadura , ou assucar bruto , que tem grande consumo no Sertão. Os de mais escravos ; uns empregam-se nas outras lavouras , como seja algodão , mandioca , feijão , arroz , café , &c. , &c. , e outros , e em grande numero , são ainda roubados á agricultura , para apinharem-se nas Cidades , e Villas , onde a falta de servos livres , obriga a empregar escravos ; visto que uma boa parte da população , que poderia optima e convenientemente ser empregada , negasse (por antigos prejuizos , inevitaveis entre um povo , onde infelizmente ha necessidade de escravaria) a servir a quem lhe pague , pela repugnancia que ainda tem de exercer misteres , nos quaes até ha bem poucos annos exclusivamente se empregavam escravos. Este mal , filho das circumstancias do paiz , tem diminuido muito , depois que felizmente tomou as redeas do Governo d'esta Provincia o Exm. Sr. Barão da Boa-Vista. Prohibindo S. Ex. que nas differentes obras publicas com que tem embellezado e enriquecido a Capital , e facilitado o transito do centro da Provincia se empreguem escravos , seja sob que pretexto , ou denominação fôr , e ao mesmo tempo augmentando alguma cousa os jornaes dos trabalhadores , vio-se em Pernambuco , sómente em consequencia d'esta sabia medida , concorrerem homens livres , e empenharem-se com grande instancia , a fim de serem empregados como serventes das obras , serviço até então somente feito por escravos. Estes homens assim despreoccupados , sahindo da inercia em que viviam , tornaram-se cidadãos uteis , e ao mesmo tempo deram braços á agriclutura , por quanto os escravos a quem substituiram , necessariamente tem tomado este destino ; não está portanto talvez mui lon-

ge o dia, nõ qual nas Cidades, e Villas mais notaveis venha a ser desnecessario o serviço escravo.

EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO, RENDAS PUBLICAS,
DESPEZA.

A exportação de Pernambuco ainda não he igual á importação, isto he, o valor dos generos que exportamos não paga o d'aquelles que importamos, e por isso necessariamente pagamos aos importadores em moeda uma grande somma: a do anno financeiro de 1842 a 1843 montou a 474:384/315 réis em ouro, e prata. Esta differença da exportação á importação, tem diversas causas, cuja remoção pela maior parte não está em verdade ao alcance das providencias humanas. Uma d'essas causas, e a mais notavel, ha sido o mófo, ou o inseto quasi imperceptivel, que cobrindo os algodoeiros, tem tornado improductivas grandes lavras de algodão. D'este genero, que no anno financeiro de 1838 a 1839, exportou Pernambuco 256,474 arrobas, e 25 arrateis em 50,109 saccas, como referi na primeira edição d'este Ensaio; no anno que acaba de passar exportou apenas 160,139 arrobas, e 13 arrateis em 20,967 saccas: 20,142 saccas de menos! Mas si no algodão houve de 1839 a 1842 este notavel decrescimento, não aconteceu o mesmo no assucar, e pelo contrario este genero, si metermos em linha de conta a diminuição de braços com que nos tem mimosiado a avareza (por antonozia philantropia) Ingleza, teve um notavel augmento, como se observa, combinando-se a exportação dos dous mencionados annos financeiros.

Anno de 1838 a 1839.

Anno de 1842 a 1843.

Cx. ^{as} de Assucar	17,733	} 1,585,139 arrobas, e 9 arra- teis.	24,643	} 2,164,594 arrobas, e 27 ar- rateis.
Feixos . . .	2,842		1,591	
Barricas . . .	77,532		68,283	
Saccos . . .	22,370		90,200	
Caras, e latas. . .	103		230	

Em os outros generos d'exportação houve alguma differença nos dous ultimos annos mencionados, mas como esses generos não são dos que se podem chamar-- a grande agricultu-

ra de Pernambuco -, prescindendo de combinar a alteração que sofreram na sua producção, mencionando simplesmente quanto de cada um se exportou no referido anno financeiro de 1842 a 1843. Exportou pois Pernambuco n'esse anno, alem do algodão, e assucar que mencionei o seguinte -- Agoardente 129,382 canadas em 815 pipas, 22 quartollas, 98 barriz, e 275 garrafões; 397 alqueires de Arroz, 122,160 couros salgados, 89,260 chifres, 96 arrobas, e 26 arrateis de café, 20,400 charutos, 10,204 arrateis de doce, 5,371 $\frac{1}{2}$ alqueires de farinha de mandioca, 113 arrobas, e 18 arrateis de tabaco; 259 Tóros, e 1,181 taboas de madeira de construcção, 9,057 canadas de Mel, 3,035 $\frac{1}{2}$ Quintaes de pau Brazil, 12,976 pèlles, 28,573 meios de solla, e vaquetas, 64 $\frac{1}{2}$ quintaes de Tatajuba, e tambem em obras velhas ouro 22 onças, e prata 2,873 $\frac{7}{8}$ ditas, assim como 9,547 arrateis de cobre velho e outros generos miudos. Valor de toda a exportação 6,138:489#852 reis.

A importação de Pernambuco consta de muitissimos e diversos generos, que seria prolixidade mencionar, limitar-me-hei por tanto a dizer que, segundo as avaliações da Alfandega, importou esta Provincia no citado anno financeiro de 1842 a 1843 em obras de ouro, prata, ferro, &c. &c., em cobre e outros metaes, em fazendas de sêda, linho, e algodão, em viveres, &c., &c. volumes, cujo contheudo foi avaliado em 7,320:826#205 reis: a saber importou Pernambuco—

Da Grãa Bretanha	3:651:926#532
Da França	824:982#554
Das Cidades Anseaticas	304:858#483
De Portugal	711:956#379
Da Hespanha	88:842#786
Dos Paizes-Baixos	9:536#520
Da Italia	114:519#136
Da Suecia	6:280#590
Dos Dominios Austriacos	114:520#096
Dos Estados Unidos	753:446#950
Do Rio da Prata	223:560#835
Dos Portos do Imperio	516:395#344
Total	7:320:826#205

Não alcancei os balanços da receita e despeza d'esse anno financeiro, mas sim o do immediatamente anterior; porém, segundo estou informado, posso afiançar que a differença de cifras, que ha entre um e outro, he mui pequena, e que por tanto quer apresente um, quer apresente outro dou uma completa idéa da receita e despeza da Provincia, relativa as rendas geraes.

RENDAS NACIONAES DO ANNO FINANCEIRO DE 1841 A 1842.

<i>Alfandega</i>	{ Renda arrecadada	1:272:400#745
	{ Por arrecadar	61:696#992
<i>Meza do Consulado</i>	{ Renda arrecadada	386:703#207
	{ Por arrecadar	9:410#224
<i>Meza de Rendas internas, e collectorias.</i>	{ Renda arrecadada	109:662#473
	{ Por arrecadar	26:480#871
<i>Receita extraordinaria.</i>	{ Renda arrecadada	40:036#720
	{ Por arrecadar	970#654
<i>Depositos</i>	{ Renda arrecadada	5:045#462
	{ Por arrecadar	267#000
<i>Movimentos de fundos</i>	{ Renda arrecadada	394:410#936
	{ Por arrecadar	48:904#867
<i>Saldo que ficou do anno precedente</i>		165:846#468
Somma da renda arrecadada		2:374:106#011
Dita da dita por arrecadar		147:730#608
Somma total do rendimento Nacional.		2:521:836#619

DESPEZA GERAL DO ANNO FINANCEIRO DE 1841 A 1842.

<i>Ministerio do Imperio</i>	{ Pagou-se	79:600#647
	{ Resta pagar	19:300#983
<i>Ministerio da Justiça</i>	{ Pagou-se	98:210#078
	{ Resta pagar	17:091#012
<i>Ministerio da Marinha</i>	{ Pagou-se	231:774#872
	{ Resta pagar	21:872#784
<i>Ministerio da Guerra</i>	{ Pagou-se	505:179#695
	{ Resta pagar	86:590#633
<i>Ministerio da Fazenda</i>	{ Pagou-se	443:609#480
	{ Resta pagar	41:767#376

<i>Movimentos de fundos</i>	}	Pagou-se	505:155#313
		Resta pagar	107:386#439

Somma da despeza paga	1863:530#085
Dita da que resta pagar	294:009#227

Somma total da despeza	2157:539#312
----------------------------------	--------------

Aqui falta mencionar o debito do anno precedente, que passou para este na importancia de 510:575#926

————— 000000 —————

RECEITA PROVINCIAL, SEGUNDO O BALANÇO DO EXERCICIO
DO ANNO FINANCEIRO DE 1841 A 1842.

Renda arrecadada pela Meza do Consulado	138:238#806
Dita pela Administração das Obras Publicas	8#000
Dita pela Meza das Rendas Internas Provinciaes	144:779#755
Dita pela Collectoria do Municipio d'Olinda	6:794#491
Idem de Iguarassú	330#449
Idem de Goianna	2:191#199
Idem do Cabo	207#780
Idem de Pão-d'Alho	1:947#700
Idem de Nazareth	1:144#673
Idem do Limoeiro	396#659
Idem de S. Antão	767#614
Idem de Serinhaem	127#500
Idem do Rio-Formoso	440#610
Idem do Brejo	343#000
Idem de Simbres	147#500
Idem de Garanhuns	42#500
Pela Agência do tabaco, e charutos do consumo	9:391#037
Pelo Juizo dos Feitos da Fazenda	17:623#024
Pela Thesouraria das Rendas Provinciaes	149:033#454
Idem por arrematações	142:595#336
Idem por movimentos de fundos, e outras ar- recadações	67:940#966
Somma da Receita Provincial arrecadada	684:492#053
Receita que falta arrecadar	36:943#570
Total	721:435#623

DESPEZA PROVINCIAL NO ANNO FINANCEIRO DE 1841 A 1842.

Pagou-se do anno sobredito	610:076#579
Pagou-se de dividas dos annos anteriores	27:222#851
Despendeu-se com movimento de fundos	47:192#623
<hr/>	
Somma	684:492#053
Resta por pagar	57:774#039
<hr/>	
Somma da despeza	742:266#092

Receita Provincial arrecadada, e não arrecadada	721:435#623
Despeza paga, e não paga	742:266#092
<hr/>	
Deficit	20:830#469

GOVERNO, FORÇA ARMADA, ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA CIVIL E ECCLESIASTICA, FAZENDA PUBLICA.

Pernambuco possui uma Assembléa Legislativa, composta de 36 Membros, cujos Decretos, para terem força de lei, são sancionados pelo Presidente da Provincia, o qual he nomeado pelo Imperador, governa toda a Provincia, goza das honras que os antigos Capitães Generaes gozavam, e tem, segundo a Lei, attribuições muito mais amplas do que elles tinham. Um Commandante das Armas (cuja Patente he sempre pelo menos a de Official Superior do Exercito) subordinado ao Presidente, e tambem nomeado pelo Imperador, tem a livre administração da Força armada, na parte administrativa, e disciplinar dos Corpos do Exercito que se acham na Provincia. A jurisdição Ecclesiastica porém tem maior extensão do que a das Authoridades civiz, e militares, excepto a Relação porque o Bispado de Pernambuco comprehende as Provincias das Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte, e Ceará. Os Bispos, desde a erecção do Bispado, sempre residiram, a maior parte do anno, em a Cidade Olin-da; mas o Exm. Sr. D. João da Purificação Marques Perdigão, reconhecendo que a sua residencia n'aquella Cidade torna-se mui incommoda para a maior parte dos que tem dependencias perante S. Exc., fixou a sua residencia na Cidade do Recife no Palacio da Soledade, collocado na Freguezia da Boa-Vista.

A Guarda Nacional de Pernambuco, que consta de 25,085 praças, inclusive 2,531 reservas, ou homens que tem mais de 50 annos de idade, ou que por achacados só podem fazer serviços moderados, está organizada em 3 Commandos Superiores, e em 16 legiões; das quaes, 6 compoem os Commandos Superiores, e 10 são independentes, contendo todas estas legiões 14 esquadrões de cavallaria, e 41 Batalhões de caçadores e mais um meio Batalhão e uma companhia avulsa. Além destes corpos estão igualmente organizados 2 Batalhões de Caçadores e 1 Esquadrão de Cavallaria, que não fazem parte de commando Superior, ou de Legião, como melhor tudo adiante se verá, a proporção que eu fôr tratando dos diversos Municipios da Provincia.

A administração Judiciaria está incumbida à Relação, aos Juizes Ecclesiasticos, a Magistrados que administram Justiça em toda a Provincia, e a outros que tem jurisdição local, mais, ou menos dilatada.

A Relação, composta de quatorze Desembargadores, inclusive o Presidente, conhece, por meio de recurso, de todas as causas crimes e civeis, que se submettem à sua decisão, e he o Tribunal privativo para os crimes de responsabilidade de diversos Empregados Publicos, e o Vigario Geral, assim como o Provisor, que conhecem dos negocios Ecclesiasticos, são Authoridades, cuja jurisdição comprehende não só toda a Provincia, como todo o Bispado. O Chefe de Policia, que he Authoridade criminal, e o Juiz dos Feitos da Fazenda, que toma conhecimento das causas, em que a Fazenda Nacional tem interesse, são Authoridades que tem jurisdição em toda a Provincia, na forma das Leis respectivas. Os Juizes de Direito, que presidem ao Tribunal dos Jurados, que são os Juizes privativos dos Empregados Publicos, não privilegiados, e que nas correições tem em certos casos jurisdição civil; os Juizes Municipaes que tem jurisdição criminal e civil, os Juizes de Orphãos, que conhecem de Inventarios, e das acções que delles nascem; e os Delegados, e Subdelegados de Policia, que preparam os processos criminaes, e que julgam, com recurso, varios delictos policiaes, são Authoridades, cuja jurisdição se limita aos districtos que a

cada uma estão designados. Além d'estes Magistrados locais, ha em cada Freguezia, e em alguns Curatos, um Juiz de Paz, que conhece definitivamente de todas as causas, cujo maximo não excede a 16#000 rs., que tem obrigação de conciliar as partes, antes de começarem suas demandas, e que preside aos actos preparatorios das eleições. Ha tambem em cada Municipio uma Camara electiva, à qual compete, além de outras attribuições, o governo economico do respectivo Termo. Os Juizes vitalicios do civil de primeira Instancia, cujas funções passaram, pela novissima Lei, para os Juizes Municipaes, continuam ainda no exercicio de seu Ministerio em algumas Comarcas, entretanto que se lhes dá outro destino: na capital ainda restam dous. Além de todos estes Funcionarios ha um grande numero de Inspectores de Quartirão, que são uma especie de Officiaes de Justiça ou Agentes de Policia. O Tribunal dos Jurados, que tem a seu cargo julgar os criminosos, reune-se nas cabeças dos districtos, presidido pelo Juiz de Direito respectivo. São precisos para formar casa 48 Jurados, mas estando reunidos 36 póde o Tribunal começar os seus trabalhos.

A Cidade do Recife, que he cabeça de Comarca, compete, além das Authoridades, que tem jurisdicção mais extensa, dous Juizes de Direito, tres Juizes Municipaes, e um de Orphãos. A cada uma das outras Comarcas compete um Juiz de Direito.

Nas cabeças de Comarca reune-se o Conselho de Jurados, mas os Municipios de Olinda, Iguarassú, Serinhaem, e Pesqueira, (Simbres) não obstante não serem cabeças de Comarca tem todavia cada um seu Conselho, que he presidido pelo respectivo Juiz de Direito.

Em cada um Municipio ha um Juiz Municipal, e de Orphãos, excepto porém no Municipio de Iguarassú que pertence à jurisdicção do Juiz Municipal e de Orphãos de Olinda; no de Serinhaem, que pertence ao do Rio Formoso; e no de Pesqueira que pertence ao do Brejo.

Cada termo tem um Delegado de Policia, e cada Freguezia um Subdelegado. A experiencia porém tem móstrado a

necessidade de subdividir as Subdelegaturas, e com effeito algumas já tem sido subdivididas.

A fazenda Nacional he fiscalizada, e despendida por uma Thesouraria, cujo Inspector, nomeado pelo Imperador, delibera por si, e nos casos de mais ponderação, em junta com o Procurador Fiscal, e o Contador. A Alfandega, e outras Estações, assim como differentes collectores derramados por toda a Provincia, são os Exactores que arrecadam os fundos Publicos Nacionaes.

Outra Thesouraria, igual em honras e attribuições á primeira, mas cujo Inspector he nomeado pelo Presidente da Provincia, fiscalisa, e despende as rendas Provinciaes; assim como outras Estações, e outros collectores, independentes dos primeiros, são os Exactores dos fundos Publicos da Provincia.

RESUMO HYDROGRAPHICO.

Pernambuco, que tão rapidamente augmentou, e melhorou em todos os ramos administrativos, depois que o Brazil se proclamou independente, nada, com a nova ordem de cousas, tem adiantado a respeito dos seus portos e rios; pelo contrario n'esta parte, parece que o desleixo do Governo Colonial lhe tocou em legado.

Em outros tempos esta Provincia offerecia abrigo em diversos pontos do seu litoral á grandes vasos; hoje porém apenas conta, além do porto da Capital, uma só bahia propria para ancoragem de navios de alto porte: a de Tamandaré. Este mal, que no principio seria mui facil remover, demanda hoje, para seu remedio, despezas consideraveis, e grandes esforços da parte dos que immediatamente ganham com a sua remoção, e talvez por isso dure ainda alguns annos; todavia lisongeio-me com a bem fundada esperança de que, a proporção que os conhecimentos Hydraulicos se forem generalizando, e que consequentemente todos reconheçam a utilidade que resulta do maior numero de portos, e da navegação interior, nos esforçaremos para dar a alguns de nossos portos, e rios a capacidade que em outro tempo tiveram,

e que igualmente aproveitaremos aquelles, dos quaes a Natureza não quiz que tirassemos vantagem, sem o soccorro d'Arte.

Pão Amarello, Itamaracá, Catuama, e Goianna, segundo escreveram o Cosmographo Pimentel, e o Barão Roussin, no seu Roteiro do Brasil, segundo alguns fragmentos historicos, e registros que se tem conservado, e mesmo segundo o testemunho de pessoas que ainda vivem, foram em outro tempo portos frequentados, por embarcações de muito maior porte, do que actualmente podem admittir! O porto de Itamaracá admittio em 1702, navios de trezentas Toneladas, e o de Goiana, ha bem poucos annos, deixou de dar abrigo a grande numero de Sumacas, que entretinham um importante commercio de cabotagem.

O cuidado sobre a nossa navegação interna, tem sido em tudo semelhante ao do melhoramento dos portos: abandonados á Natureza, sem o menor soccorro d'Arte, os rios de Pernambuco, obstruidos todos os annos pelas enchentes, cada dia vão offerecendo maiores difficuldades na sua navegação.

A Arte ainda até hoje não empregou os seus esforços para remediar este mal, dando aos rios mais caudalosos (principalmente ao Capibaribe) leitos permanentes, e sufficientemente profundos, para serem navegados; e construindo no Alveo dos mais pobres, canaes que, por meio da continua repreza de suas agoas, ou pela addicção de algumas nascentes vezinhas, se tornem navegaveis. Maravilha ao leitor Americano o quadro comparativo que faz Mr. de Chevalier dos *Estados Unidos* de 1790, com os de 1839, tudo devido á facil, e commoda communicacão, que ao commercio offerecem suas optimas estradas, e muitos canaes que tem aberto!

Desenganemos-nos, nós os Pernambucanos, que em quanto não tivermos ao menos boas estradas, mui pouco poderemos augmentar, principalmente nas povoações, e fabricas do interior. Cumpre pois que os proprietarios, e homens abastados, dando uma prova patente de seu patriotismo, se juntem em Companhias, para aberturas de canaes, e estradas, (ao menos para concluir as que o Exm. Sr. Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque, Barão de Suassuna,

começou) aproveitando a patriótica Administração do Exm. Sr. Barão da Boa-Vista, que em menos de 5 annos, tem feito mais Obras Publicas em Pernambuco, do que todos os seus antecessores, desde que o Brasil se declarou independente.

O melhoramento do porto do Recife, assim como occupou os desvelos do mesmo Exm. Sr. Barão de Suassuna no pouco tempo, que habilmente governou esta Provincia, tem sido igualmente um dos objectos em que muito se tem occupado o Exm. Sr. Barão da Boa-Vista. Sua Ex., apesar de não ter á sua disposição os fundos que são necessarios para a obra que demanda esse melhoramento, não tem todavia deixado de fazer tudo quanto as circumstancias pecuniarias lhe tem permittido: um caes no lado de S. Antonio, que reúne á sua notoria utilidade a agradável perspectiva de um bello passeio, cujas arvores que o bordam, logo que toquem o seu termo de crescimento hão-de tornal-o o mais aprazivel recreio d'esta Cidade; o emprego da barca de escavação, e emfim as providencias, e cautelas tomadas nos aforamentos dos terrenos de Marinha, si não tem levado o porto da nossa Capital ao estado que se deseja, ao menos o hão melhorado muito.

Este porto defendido pelas Fortalezas do Brun (*) e Buraco, abrigado pelo Recife que lhe emprestou o nome, e alumiado por um brilhante farol, o melhor do Brasil, offerece em qualquer hora de maré cheia ás embarcações, que demandam até 12 pés d'agua, e nas grandes marés de Lua, ás que demandam até 14, entrada franca, e ancoradouro commodo. Este ancoradouro tem a figura de um Poligno irregular, e contém pouco mais ou menos 6,900 palmos de extensão (de Fóra de Portas a ponte do Recife) e 930 de largo; (da praia ao recife, ou lanço de penedia, que abriga o porto) mas em toda esta largura, só 700 palmos, pouco mais ou menos, offerecem fundo sufficiente ás embarcações, como adiante direi.

O porto de Pernambuco tem duas barras: a que está pro-

(*) A Fortaleza do Brun foi fundada pelos Hollandezes em 25 de Junho de 1631. O nome lhe foi prestado pela mulher do General Hollandez Theodoro Bañduar Demburg, que se chamava Brun. Vid. Corog. Braz.

xima ao Picão, pela qual passam navios que demandam menos agoa, e a outra mais profunda, algumas braças ao N. por onde navegam as embarcações maiores. Esta barra tem em preamar 43 palmos, e em baixa-mar 32, e dentro, onde os navios surgem em um lagamar chamado Poço, tem na preamar junto ao recife $4\frac{1}{2}$ braças, e em baixa-mar $3\frac{1}{2}$: todo o fundo de areia branca.

A barra do Picão tinha em 1820, vinte e dous palmos em preamar d'agoas vivas, e 12 na baixa-mar; hoje porém esse fundo está alguma cousa augmentado, pois que na baixa mar tem 14 palmos, e 24 na preamar. Não acontece porém o mesmo á respeito da largura do ancoradouro; pelo contrario ella tem decrescido muito. O desleixo dos Governos transactos, que com reprehensivel indifferença deixaram que se fizessem atterros a borda d'goa, que se construissem caes, enterrassem estacadas, &c., &c., tudo delineado pelo capricho, e fantazia dos diversos possuidores; e d'outro lado a nenhuma Policia do porto, dando lugar a que este sirva de deposito dos lastros dos navios, do lixo da Cidade, e até de sepultura á ossada (permitta-se-me o termo) de quantos barcos velhos tem sido condemnados; diminuiu na largura do nosso porto de 150 a 200 palmos, de maneira que hoje não passa de um estreito carreiro, no qual os navios, que demandam o ancoradouro, não podem bordejar. Aquellas obras, e estes entulhos, estreitando o leito, fizeram com que as agoas, por uma lei invariavel de Hydrostatica, procurassem seu nivel natural, profundando junto ao recife o antigo Alveo. Dez braças ao S. da barra do Picão está edificado o farol, que acima mencionei, e que serve de guia aos navegantes, que demandam o porto; obra construida em 1819, sob a direcção do Capitão de Mar e Guerra João Felix Pereira de Campos, governando esta Provincia o Capitão General Luiz do Rego Barreto. O Farol avista-se na distancia de oito legoas.

Do Poço para cima, defronte do principio da Cidade (Fora de portas) ha um banco de areia, que as enchentes mudam lateralmente, ora para junto do recife, ora affastando-o um pouco d'elle; mas os navios com maré cheia passam por cima.

Um quarto de legoa ao mar, pouco mais ou menos, ha um banco, denominado *Baixo do Inglez*, em frente da barra do Picão, que na preamar offerece 12 palmos d'agoa: tem esfalques no fundo, que he de Salão vermelho, e no qual tem tocado alguns navios, e botado o leme fóra. Ao S. E. d'este banco, ha fundo de seis a oito braças limpas, onde ferram os navios de franquia, e os que, por seu pontal, não podem demandar a barra, sem alliviarem parte da carga. Este ancoradouro denomina-se *-Lameirão-*, he mui desabrigado, durante os ventos do Quadrante de S. E., e ahi soffrem os navios muito, pela grande vaga que ha.

Cabe agora dar neste lugar uma breve, e successiva noticia dos portos do nosso litoral, para que o leitor mais facilmente conheça, quando fôr lendo as *Memorias Historiacas*, as distancias, e os lugares em que os factos aconteceram.

Uma legoa ao N. 4.^a de N. O. da Cidade d'Olinda desagoa o rio *Tapado*, e d'ahi outra legoa o rio *Doce*, onde não entram senão jangadas. A' outra legoa de distancia, na Latitude de 7.^o, e 55', e Longitude de 37.^o, e 11' fica a barra de *Pão-Amarello*, que antigamente dava abrigo a navios de igual lotação, a dos que actualmente procuram o Mosqueiro, mas cujo surgidouro está hoje reduzido a um canal entre o recife, e a terra, muito inferior ao que já foi. Duas legoas ao N. de *Pão-Amarello* está o rio *Maria Farinha*, na Lat. de 7.^o, e 47', e na Long. de 37.^o, e 10', e outra legoa mais adiante, a barra principal da ilha de Itamaracá, que, como disse, já admittio navios de 300 Toneladas, sendo todavia necessario vento feito, porque o canal, (que em baixa-mar tinha a largura de 12 braças) por estreito, não permittia bordejar: as agoas nos plenilunios elevam-se alli 12 palmos, e hoje o rio na sua maior largura, não excede a um tiro de Mosquete. Tres legoas mais para o N. está a outra barra da ilha de *Itamaracá* chamada *Barra da Catuama*, na Lat. de 7.^o, e 39', e na Long. de 37.^o, e 11', com 20 palmos de fundo na preamar das marés vivas, e em baixa-mar 14; mas as pedras, e varios cachopos que alli ha, privam toda a navegação. Um esteiro, que tornea a ilha, forma estas duas barras.

Quatro legoas ao N. $1/2$ N. O. de Itaramacá fica a barra do rio *Capibaribe-Merim*, ou *Goiana* na Lat. de 7° , e $31'$, e na Long. de 37° , e $8'$, entre duas pontas chamadas; a do S. *Das Pedras*, e a do N. *Dos Coqueiros*: Hoje por este rio apenas podem subir canoas de 20 a 30 Tonelladas. Duas legoas e $1/3$ ao N. da barra do *Capibaribe-Merim* fica o porto dos *Francez* conhecido tambem pelo de *Pitimbù*, o qual antigamente teve surgidouro capaz para 12 náos; mas hoje apenas dá abrigo a embarcações de pequeno lote, tendo o seu fundo, além disso, tornado-se pessimo.

Agora tratarei dos portos, que estão á direita d'Olinda, começando do S. para o N., e por um dos da Provincia das Alagoas, porque algumas vezes nas *Memorias* o mencionarei. O porto denominado *Barra-Grande*, está collocado quatro legoas ao N. E. de *Porto Calvo* na Lat. de 9° , e $3'$, e na Long. de 37° , e $32'$. Aquella mui boa enseada he, como toda a costa de Pernambuco, guarnecida de recifes, por entre os quaes se entra, por uma fenda para o seu optimo ancoradouro, que tem 3 a $3 1/2$ braças de fundo. Tres legoas para o N. está o riacho *Piracinunga* na Lat. de 9° , $11'$, e $30''$, que divide Pernambuco das Alagoas, e uma legoa (dentro da qual estão as pequenas barras; das *Ilhetas*, em 9° , e $3'$, e de *Mambucaba* em 9° , $1'$, e $30''$) aquem d'esse riacho está o porto dos *Abreos*, na foz do rio *Una*, na Lat. de 8° , e $51'$, e na Long. de 37° . e $25'$. Duas legoas ao N. dos *Abreos*, e sete ao N. E. da *Barra Grande* na Lat. de 8° , e $43'$, e na Long. de 37° , e $24'$, está a mais bella enseada, que tem toda a Provincia, capaz de admittir no seu ancoradouro uma grande Armada; fallo da enseada de *Tamandaré*, cujo surgidouro nada deixa a desejar ao navegante: o seu fundo he limpo; na barra tem 6 a 7 braças, e dentro 4 a $5 1/2$. Duas legoas ao N. de *Tamandaré*, está a barra de *Rio-Formoso* na Lat. de 8° , e $40'$, e na Long. de 37° , e $22'$, onde não entram senão pequenos barcos; e a outras duas legoas está na Lat. de 8° , e $39'$, e na Long. de 37° , $22'$, e $50''$, e ao N. da foz do *Rio-Formoso*, a enseada do *Gamella*, cuja barra he por entre os recifes, pela face do S. da

ilha de *S. Aleixo*. (*) Pouco mais ao N. está na Lat. de 8º, e 35', e na Long. de 37º, e 22', a foz do rio *Serinhaem*, por onde só entram barcaças, e mais aquem alguma cousa, na Lat. de 8º, e 33', e na Long. de 37º, e 19', a ponta de *Maracahipe*, que he porto de jangadas. Tres legoas ao N. do *Gamella*, na Lat. de 8º, e 29', e na Long. de 37º, e 20', está *Porto de Gallinhas*, que não he mais do que uma pequena enseada (formada pelo recife) com duas braças de fundo limpo. Uma legoa ao N. de *Porto de Gallinhas* desemboca o rio *Ipojuca*, na lat. de 8º, e 23', e na Long. de 37º, e 19', e a quatro legoas d'este está na Lat. de 8º, 20', e 40'', e na long. de 37º, e 16', o Cabo de *S. Agostinho*, tendo do lado do S. a Fortaleza de *Nazareth*, que protege a pequena barra, que ahi ha, onde hoje apenas entram pequenos barcos, e jangadas; e do lado do N. a enseada de *Gaibú*, na qual podem fundear navios grandes, até perto de terra, na distancia de um tiro de Mosquete. Tres legoas ao N. do Cabo, na lat. de 8º. e 21', está a *Barra das Jangadas*, na foz dos rios *Jaboatão*, e *Pirapama*, os quaes, confundindo-se ahi, formam essa barra, por onde entram sómente canoas, e jangadas, e com muito risco; e finalmente uma legoa ao N. d'este porto, e tres legoas, e meia longe do porto da Cidade do Recife, está, na Lat. de 8º, e 16', o porto das *Candeias*, por onde apenas entram jangadas. Tambem entre o porto do Recife, e o das *Candeias*, ha outra pequena barra, denominada *Barreta*, defendida pelo fogo da fortaleza das Cinco Pontas.

Eis em resumo a noticia circunstanciada dos portos da Provincia, que me pareceu necessaria ao leitor das Memorias.

CLIMA

Alguns viajantes e escriptores tem dito que o clima do Brasil he mui analogo ao da Guiena Franceza, nova Hespanha, ou ao das Antilhas; mas esta opinião carece de apoio,

(*) A' pagina 7 da primeira edição d'este Ensaio eu disse, que a ilha de *S. Aleixo* recebera este nome de Americo Vespucio em 1501; mas agora examinando minuciosamente esse ponto, vi que me enganei: o que porem se sabe com certeza, pelo Diario de Pedro Lopes, he que ella em 1530 já tinha esse nome. Está a ilha na Lat. de 8º. e 36'; e na Long. de 37º, e 21'.

por quanto sendo mui vasto o Imperio Brasileiro, estendendo-se desde a Equinocial até além do Tropico de Capricorneo, deve gozar de differentes climas. Em todo este immenso territorio, bem poucos phenomenos serão aquelles que igualmente se observem em toda sua extensão: o que v. g. he certo em uma Provincia, não he certamente em outra. Em Minas, por exemplo, S. Paulo, Rio Grande do Sul faz quasi tanto frio, como nos paizes meridionaes da Europa, e talvez mais do que em Portugal, ou na Italia; entretanto que na Bahia, em Pernambuco, e nas outras Provincias proximas ao Equador já mais se experimenta um frio igual, ou para fallar exactamente nunca ha frio, principalmente no litoral, e nas suas proximidades. Mato Grosso, que está ao Oeste, e no centro da America Meridional, comprehendendo um terreno consideravel, quasi todo cercado de altas montanhas, goza necessariamente de um clima mui differente das outras Provincias Brasileiras; e até aqui mesmo em Pernambuco he tão diverso o clima do litoral, e da parte da Provincia chamada Mata, do da outra parte, denominada Serão, que só os phenomenos que aqui observamos são bastantes para provar, que não he exacta a opinião d'esses escriptores, e viajantes, ainda mesmo d'aquelles, como Malte-Brun, que sem entrarem em grandes explicações, dizem que essa analogia do clima do Brasil com o da Guiena, ou das Antilhas só se dá nas Provincias mais equatoriaes. Deixemos porém as opiniões d'esses viajantes, para descrever aquillo que todos os annos observamos.

Em Pernambuco (no litoral, e no territorio chamado Mata) o Inverno começa, nos annos regulares, no fim de Fevereiro, ou principio de Março e termina em Agosto: durante estes mezes, principalmente desde Abril até Julho, chove abundantemente, sendo raro o dia, no qual a terra não he banhada; em Maio porém ha uma interrupção de quinze a vinte dias, nos quaes não chove, ou chove mui pouco; interrupção esta denominada *veranico de Maio*. Desde Agosto até Dezembro alguns ligeiros aguaceiros, aos quaes o povo denomina *chuvas de caju*, regam a terra, e esse he justamente o tempo que se pôde chamar — o Estio de Pernambuco. Em o fim

de Dezembro, ou no principio de Janeiro ordinariamente chove com abundancia, e então a atmospherã apresentando-se carregada, algumas vezes desabrocha estrepitosas trovoadas, que todavia raramente chegam a durar 24 horas. Infelizmente porém estas chuvas, chamadas pelo vulgo—primeiras agoas—nem sempre vem fertilizar nosso paiz; pelo contrario em alguns annos ellas tardam, e n'este caso subindo o calor consideravelmente cresta as plantas, e amortece a vegetação; mas si a tardança d'estas chuvas prolonga-se a ponto de não chover nos mezes do Inverno; então declarando-se a secca morre a maior parte das plantas, que regadas apenas pelo orvalho da noite, não podem resistir á entensidade abrasadora dos raios do sol; todavia os habitantes de Pernambuco, ainda no meio da mais abrasadora secca, na absoluta ausencia das chuvas, jámais soffrem o que se experimenta em outros paizes: a doce e salutar (como lhe chama Pison) viração do Levante neutralizando o calor, e ardencia do sol, faz com que mui pouco sensível seja, ainda no seu mais elevado grão. M. Koster, tratando a respeito da nossa Capital, e da Cidade de Olinda, assim se exprime: —*Sob os raios do sol, ainda quando está no seu zenith, he o calor tão pouco sensível, que aquelle que se acha exposto á sua influencia de alguma sorte se esquece de que uma sombra lhe proporcionaria completa frescura.* O clima pois de Pernambuco no litoral e Mata he quente e humidissimo pelo Inverno, mui quente e humido no Verão; e são estas as unicas duas Estações, que aqui propriamente se conhecem. No Inverno cresce a humidade, e o calor diminue, e no Verão experimenta-se o phenomeno contrario; com tudo o orvalho que cahe durante a noite, e o terral (vento do Oeste) que afugenta a viração, faz sentir pela madrugada um frio consolador, que, convidando a uma cobertura menos ligeira do que aquella que até a essa hora se pôde usar, faz conciliar somno restaurador.

As repentinas mudanças de temperatura, tão frequentes em outros climas, são raras em Pernambuco, principalmente no tempo de calor, no qual se goza dos mais bellos dias. No Inverno porém estes são menos brilhantes, e alguns se pas-

sam, nos quaes a atmospherica carregada não deixa ver o sol; todavia nunca a serração he tão espessa que decorra todo um dia, sem que seja possível distinguir perfectamente a posição em que está o Sol. Aqui as mudanças de temperatura se observam, como exactamente as descreve o citado M. Koster. *Na estação pluvial, diz elle, alguns minutos antes de cahir a chuva, as nuvens descem muito, e tornam-se mui negras, e mui densas; então suspendendo-se por algum tempo a brisa do mar, sente-se uma especie de calmaria, que he o signal certo de borrasca, e á qual ordinariamente sempre precede grande calor.*

A temperatura do nosso clima, a quantidade d'agoa que cahe no nosso paiz, o grão de calor, humidade, &c. nunca tinham sido calculados, e nem me consta que antes dos Srs. Doutores João Loudon, (*) e J. J. de M. Sarmento houvesse alguém, que se encarregasse de fazer observações meteorologicas; estes dous senhores porém levados unicamente pelo amor da sciencia, deram-se a este trabalho, e publicaram o seu resultado nos Annaes da Medecina Pernambucana, periodico scientifico da sociedade de Medecina, e do qual he Redactor em Chefe o nosso habil e estimavel Patricio o Sr. Dr. Simplicio Antonio Mavignier, cuja these, escripta na lingua Franceza em 1829, consultei algumas vezes na parte *Description géographique* para corrigir, e accrescentar o presente Ensaio Topographico. Já que temos pois algum trabalho sobre um tão importante objecto, julgo interessante copiar do n. 4. do referido periodico o artigo do Sr. Dr. Sarmento, em que apresenta o resultado de seis mezes de observações, e d'esta sorte dou assim uma idéa menos duvidosa da temperatura atmospherica do nosso paiz.

SEIS MEZES DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS EM PERNAMBUCO.
PELO SENHOR DR. J. J. DE M. SARMENTO.

« Se a utilidade das observações meteorologicas é reconhecida por todas as pessoas que tem alguma instrucção,

(*) O Sr. Dr. Loudon já não existe! Uma terrivel enfermidade cortou-lhe a existencia; mas este honrado Inglez, este Medico habil, vivirá por muito tempo na memoria d'aquelles, que conheceram e apreciaram suas estimaveis qualidades!

« ainda que pouco familiarizadas com as sciencias experimen-
 « taes; se os Governos das Nações mais cultas dispendem
 « avultadas sommas na retribuição de observadores que as
 « tomem exactamente; quanto maior não deve ser essa utili-
 « dade nas terras distantes dos focos da civilização, e situa-
 « das em circumstancias climatericas muito differentes da-
 « quellas que se achão em outros pontos do globo, onde
 « observão regularmente outros experimentadores? Movido
 « por estas considerações empreendi a laboriosa e aborre-
 « cida empreza de tomar uma serie de observações comple-
 « tas, e tão exactas, quanto possivel fosse; o que me seria
 « absolutamente impossivel, se não houvesse sido ajudado
 « com zelo e intelligencia pelo conservador dos instrumentos
 « de chymica do Lycêo, o senhor Manoel Gonçalves da Silva
 « Queiroz.

« O lugar para estas observações foi a casa da minha resi-
 « dencia, que na verdade se acha muito bem situada para tal
 « objecto. Está effetivamente isolada de todos os lados, e ba-
 « tida desimpedidamente por todos os ventos, não havendo
 « habitações de parte alguma em uma extensão de mais de
 « cincoenta a cem metros. Escolhi nas lojas da casa uma sa-
 « la, onde abertas todas as portas e janellas penetra o vento
 « de todas as direcções. Os instrumentos fixados sobre uma
 « mesa grande no centro da sala ficão tres metros acima da al-
 « tura media das marés do nosso porto, o que se deve tomar
 « em particular attenção pelo que diz respeito às observações
 « barometricas. Antes de principiar as observações, nos ulti-
 « mos dias de Julho do anno passado, experimentei se o
 « thermometro, de que tencionava servir-me, daria as mes-
 « mas indicações estando à sombra no meu sitio, ou sobre a
 « mesa da sala com todas as janellas abertas. Para isso com-
 « parei-o com outro thermometro; e notando que a differença
 « era muito pouca, fiz observações simultaneas, e vi que a
 « differença era a mesma, ou o thermometro estivesse na sala,
 « ou no sitio à sombra.

« Os instrumentos de que me servi merecem toda a con-
 « fiança, não só porque todos elles forão construidos por artis-

« las illustres, e porque o barometro e o thermometro com-
 « parados com os mesmos instrumentos do Observatorio de
 « Paris só differião em decimaes de millimetro tão pequenas,
 « que se podem desprezar, mas tambem porque comparados
 « aqui com outros instrumentos não houve differença, que se
 « pudesse attribuir a desarranjo na viagem.

« Tomadas estas precauções principiei no dia 1.º de Agos-
 « to de 1842 todas observações ao mesmo tempo. Às 5 e às 9
 « horas da manhã, ao meio dia, às 3 horas da tarde, e às 9 ho-
 « ras da noite tomava-se a temperatura, a pressão do ar, o grão
 « de humidade dado pelo hygrometro, a direcção do vento, o
 « estado do céo, quando chovia de vinte em vinte quatro ho-
 « ras, a quantidade d'agua da chuva, e quando me era pos-
 « sivel determinava uma vez por dia o acido carbonico
 « do ar.

« Estes primeiros seis mezes de observações principiãrão
 « no fim das chuvas do anno passado, e acabãrão antes de
 « principiarem as chuvas deste anno : e como a chuva consti-
 « tue quasi a unica differença das estações neste clima, os
 « termos medios neste espaço de tempo concorrem para deter-
 « minar os termos medios annuaes ; mas só com muitos an-
 « nos de boas observações se poderão detirminar exacta-
 « mente.

« A differença da temperatura entre as observações das
 « cinco e das nove horas da manhã não excede de dous grãos;
 « e muitas vezes apenas chega a um grão centigrado. No mes-
 « mo dia, desde as cinco horas do mahã até às nove da noite,
 « nunca as variações do thermometro chegarão a tres grãos
 « centigrados.

« A temperatura, de Agosto por diante, foi augmentando
 « progressivamente; porém a proporcionalidade da sua dis-
 « tribuição ás mesmas horas continua, como se vê na seguin-
 « te lista dos termos medios mensaes da temperatura as ho-
 « ras das observações.

	5 horas da manhã	9 horas da manhã	ao meio dia	3 h. da tarde	9 h. da noite
Agosto	24, ^c 2	25, ^c 2	25, ^c 7	25, ^c 5	24, ^c 8
Setembro	24, 7	25, 5	26, 3	25, 3	25, 1
Outubro	24, 6	26, 6	26, 8	26, 5	25, 6
Novembro	25, 6	27, .	27, 4	27, 1	26, 1
Dezembro	25, 6	26, 8	27, 2	26, 9	26, 2
Janeiro	26, 1	27, 7	27, 7	27, 6	26, 5

« As observações barometricas não estão reduzidas a zero, por que os calculos absolutamente necessarios para a determinação do acido carbonico do ar me obsorvião o pouco tempo que me restava disponivel, e a reduçção das observações barometricas a zero não era indispensavel. Cada qual a poderá fazer, sabendo que o barometro é de siphão, e a escala de cobre.

« Operada essa reduçção, vê-se que a pressão atmospherica, attendendo á altura de tres metros em que se achava o instrumento acima do nivel medio das marés, he a que geralmente se tem encontrado á beira do mar. As variações do barometro são muito pequenas, como tem visto na zona torrida todos os observadores. Posto que varios autores recomendaveis tenham asseverado que na zona torrida as tempestades nada influem nas indicações do barometro, vê-se nos mappas que offereço á Sociedade, que a maior variação irregular, que é 2^m. m., 3, teve lugar no dia 13 de Agosto, e nesse mesmo dia houve vento tão forte, que parecia principio de furacão.

« As variações diversas do barometro observão-se ás mesmas horas em que por toda a parte tem sido dadas pelos observadores; mas a amplidão destas variações não é tamanha como aquellas que os senhores Humboldt, Bousseingault, Freycinet, e outros achárão em varios pontos da zona torrida, e no periodo da manhã nunca chega a dous millimetros.

« O vento, cuja direcção era dada por dous cataventos collocados, um por cima do telhado da casa, e outro no sitio, foi de madrugada frequentemente do O.; mas ao prin-

« cíprio das observações pelas sete horas da manhã já estava no
 « rumo do S. ao S E. , onde permanecia até ao outro dia pela
 « manhã. A proporção que iam os affastando do tempo das
 « chuvas o vento foi tomando para o E. , e depois para o N E.
 « e para o N N E. , como é ordinario nesta terra , onde a di-
 « recção dos ventos he regular nas duas estações do anno.

« Para a determinação da agua da chuva mandei fazer no
 « Arsenal um udometro , porém deitando sobre elle de certa
 « altura um jacto de agua com a velocidade pouco mais ou
 « menos com que ella cahe nas chuvas abundantes , observei
 « que a reflexão de algumas gottas era causa de perda. Pedi
 « ao nosso collega , o senhor Doutor Loudon , um modelo do
 « udometro de Londres , porem tambem havia perda , posto
 « que menor. Creio que nas fortes chuvas do inverno com os
 « udometros que tem , como o do observatorio de Paris , per-
 « to de trinta pollegadas de diametro se poderia chegar á
 « maior exactidão.

« Nos mappas , que apresento , não admira que seja tão
 « diminuta a quantidade d'agua , por que as observações prin-
 « cipiãõ exactamente no fim das chuvas. Mesmo assim sen-
 « do o total de centimetros cubicos de agua da chuva nestes
 « seis mezes de 24^o, e 48, este numero dobrado dá com pou-
 « ca differença a quntidade de chuva que annualmente cahe
 « no eirado do observatorio de Paris , mais aqui esta quanti-
 « dade tomada nos mezes de chuva é incomparavelmente su-
 « perior á de Paris.

« Em Abril do anno passado cahrião 66 centimetros , e em
 « Junho ainda mais. A chuva accusada no anno de 1842
 « pelo udometro do senhor Doutor Loudon dá 262 centime-
 « tros, o que é muito mais do que a quantidade observada em
 « Calcutte , e se considerarmos que a meu ver no udometro do
 « senhor Doutor Loudon ha perda , pode-se asseverar que cho-
 « ve aqui tanto como no Cabo Francez da Ilha de S. Domin-
 « gos , ponto onde até hoje se tem observado maior quantida-
 « de de chuva.

« Com esta quantidade de chuva , e achando-se a Cidade
 « rodeada por todos os lados de agua , não admira que o hy-

« grometro marque quasi constantemente a maxima humida-
 « de, se algumas vezes momentaneamente desce a oitenta
 « grãos, e até mais do que isto, mais frequentemente chega
 * a cem grãos, de sorte que temos aqui quasi sempre humi-
 « dade extrema para a temperatura reinante. Duvido que ha-
 « ja terra mais humida do que Pernambuco, o que não pôde
 « deixar de ter influencia tanto sobre a saude dos habitantes,
 « como sobre a força da vegetação.

« O conhecimento da composição do ar nos diversos cli-
 « mas é da maior importancia, e seria muito para desejar que
 « nas observatorias bem organisadas se determinasse quoti-
 « dianamente esta proporção. Em França sei eu que o senhor
 « Bousseingault tem por vezes recorrido ao Governo para que
 « torne possivel este trabalho, augmentando o subsidio do
 « observatorio para remuneração dos experimentadores. Po-
 « rem não me consta que até hoje tenha conseguido esta util
 « ampliação dos trabalhos do observatorio.

« As quantidades relativas de oxigeno e de azote tem si-
 « do determinadas tantas vezes, e em tantos pontos do Globo,
 « e os resultados tem sido tão constantes, que bem era de
 « suppôr que estas quantidades não differissem aqui. Effec-
 « tivamente determinadas duas vezes as proporções do oxi-
 « geneo e do azote tanto pelo phosphoro, como pelo hydro-
 « geneo no eudiometro, achei sempre as proporções conheci-
 « das de 21 de oxigeno para 79 de azote.

« Restava determinar a quantidade de acido carbonico,
 « o que nunca se tinha feito na America, e a cujo respeito,
 « visto a prodigiosa rapidez de vegetação, era licito nutrir
 « idéas discordantes daquellas que as experiencias obrigão
 « a ter.

« As analyses do acido carbanico do ar, pelo processo
 « ordinario não poderião por falta de tempo ser sufficiente-
 « mente repetidas, tanto assim que o senhor Thenart só a fez
 « uma vez, e Th. de Saussure consagrou quatro annos ao seu
 « bello trabalho sobre este assumpto. Com a maquina de
 « aspiração de Brunner torna-se, posto que ainda muito de-
 « morada, mais rapida a determinação do peso, e conseguin-

« temente do volume do acido carbonico n'uma porção de-
 « terminada de ar. A maquina de Brunner que eu tinha, e
 « que já offereci a esta Sociedade, deve inspirar toda a con-
 « fiança, porque me foi cedida pelo senhor Bousseingault da
 « Academia das Sciencias de França, a quem servia na se-
 « rie de experiencias feitas em Paris e suas visinhanças, que
 « ha pouco apresentou á Academia de que é membro.

« Igual confiança merece a balança, porque tambem me
 « foi cedida pelo senhor Pelouze da Academia das Sciencias,
 « Professor de Chimica na Escola Polytechnica, e no Colle-
 « gio Real de França, e della se servia para importantes traba-
 « lhos. Com tão perfeitos instrumentos só a inhabilidade
 « do operador ou crassos erros de calculo poderião infirmar
 « o resultado das experiencias.

« Porém eu fiz em Paris com esta mesma maquina expe-
 « riencias concordantes com as do senhor Bousseingault, e
 « nos calculos tive o maior cuidado.

« Ora o termo medio de 44 experiencias, tomando o
 « ar por um tubo fóra da casa, foi de 0,000369. Forçoso
 « é pois concluir que o ar em Pernambuco, quando exémp-
 « to de impurezas transitorias e totalmente locaes, tem em to-
 « das as suas partes a mesma composição que lhe acharão os
 « observadores que o tem analysado em diversos pontos do
 « Globo.

« Nos mappas notareis, que se houve experiencia sobre
 « o acido carbonico do ar nos dias em que cahio mais de um
 « centimetro de chuva, a quantidade de acido carbonico
 « diminue muito relativamente aos dias precedentes, ou se-
 « guintes, o que concorda com as experiencias do senhor
 « Th.de Saussure: quando a chuva foi pouca, não se obser-
 « vava a sua influencia dissolvente do acido carbonico, mas é
 « natural que as horas de tão pouca chuva não correspondes-
 « sem ás das experiencias sobre o acido carbonico. Tenho
 « no meu registo as horas das experiencias, mas infelizmen-
 « te não se notárão as horas da chuva; tanto é verdade, que
 « se nunca se arrepende quem observa qualquer phenomeno,

« de tomar notas demasiadas, são frequentes as occasiões
« de arrependimento, quando se não tomão sufficientes.

« Os termos medios das diversas observações nestes seis
« mezes são os seguintes :

Barometro	764, 3
Thermometro centigrado	26,° 1
Higrometro	92°
	e . e .
Agua da chuva	4,08
Acido carbonico do ar.	0,000369

« Mais poderião ser as considerações sobre os nume-
« ros achados, porém cada qual encontrará nos mappas (*) os
« elementos necessarios para essas considerações. »

Em Pernambuco são rarissimos os tremores de terra :
meu sempre lembrado Pai, que viveo mais de setenta annos,
dizia que se lembrava de um bem pouco sensivel terremoto
que aqui teve lugar, quando elle era menino, e eu me recordo
tambem de outro, acontecido pelas sete horas da noite de um
dos dias de 1809, ou 1810, quando eu era ainda de mui tenra
idade ; e tão pequeno abalo fez, que si minha carinhosa, e
sempre lembrada Mãi (meu Pai estava fóra da Provincia) não me
fallára algumas vezes sobr'elle, talvez que não me recordasse.

N'esta Provincia não consta que hajam vulcões, e nem ha
noticia da a pparição dos symptomas que provam a sua exis-
tencia. Tambem em Pernambuco o fluxo e refluxo do mar
he o mais regular : (talvez que em mui poucas par-
tes se observe uma semelhante regularidade) as marés de
Março, e Setembro, que são as do Equinocio e as maiores, cres-
cem até um certo ponto, do qual nunca excedem ; e as dos
outros mezes, que são menores, tem igualmente um cresci-
mento regular, cujo termo jámais passam. Emfim para
descrever Pernambuco em poucas palavras, e descrevel-o
sem a menor parcialidade, porque escrevo a vista de Estran-
geiros, que arrebatados ainda dizem muito mais, eu aproveita-
rei as expressões de que se servio em 1829 o Sr. Dr. Mavignier
quando estava em Paris.

(*) Não copio estes mappas, porque occupam grande espaço
quem os quizer consultar os encontrará em o numero 4.º dos An-
naes da Medecina Pernambucana.

Em Pernambuco (o paraizo da America como o denominam alguns viajantes) nunca o calor he insoportavel, jámais o frio incommoda: aqui o Céu he sempre azul, a lua brilha com esplendor incomparavel, as estrellas scintillam que encanta, o Sol he vivificante, a vegetação perpetua, a Primavera eterna! Ajunte-se a este quadro a facilidade de obter as cousas necessarias á vida, e uma população que se gloria de ser generosa e hospitaleira, e sobretudo amiga de seu paiz, e entusiasta pela Monarchia, e liberdade! Tal he minha Patria!

DIVISÃO JUDICIARIA.

A Provincia de Pernambuco está dividida em treze Comarcas; a saber, Recife, Cabo, Rio-Formoso, S. Antão, Bonito, Limoeiro, Nazareth, Pão-d'Alho, Goianna, Brejo, Garanhuns, Flores, e Boa-Vista.

COMARCA DO RECIFE.

Comprehende o Municipio do Recife, a ilha de Fernando de Noronha, e os Municipios d'Olinda, e Iguarassú, ao ultimo dos quaes está unida a ilha de Iatmaracá.

MUNICIPIO DO RECIFE.

RECIFE.

Cidade maritima em 8°, 3', e 58" de Lat., e 37°, 12', e 1" de Long. Limita pelo N. com o districto de Pão-d'Alho, e Olinda; pelo S. com o do Cabo; por E. com o Oceano; e pelo O. com o Termo de S. Antão. A sua população chega a 5,655 pessoas livres, segundo os calculos da eleição. Está dividida em tres Bairros (illuminados por 400 lampiões, e por isso muito mal alumizados) pelos rios Capibaribe, e Beberibe, communica-se por quatro pontes; (*) uma sobre os dous rios mencionados, e as outras tres sobre o primeiro sómente.

O Bairro do Recife, ou Freguezia de S. Fr. Pedro Gonçal-

(*)Todas estas pontes são de madeira; a da Recife porém ainda conserva seis pilares, e dous arcos de pedra, obra dos Hollandeses. A da Boa-Vista, que he a mais elegante, e a mais solida, he obra do Sr. Coronel Engenheiro Firmino Herculano de Moraes e Silva.

ves, pelo N. está unido ao Isthmo, por onde se caminha para Olinda, e pelo O. communica-se com o Bairro, ou Freguezia de S. Antonio, por uma bella ponte de 930 palmos de comprimento, e 40 de largura, debaixo da qual passam os dous rios Capibaribe, e Beberibe, que ao N. d'ella, e a pouca distancia, confundem suas agoas na volta do novo Palacio do Governo. Esta Freguezia arrolou 1,862 Fogos, tem portanto 9,310 habitantes livres: dá 19 Eleitores.

O Bairro, ou Freguezia de S. Antonio, he uma ilha cerca-da quasi toda pelo rio Capibaribe, o qual, confundindo-se com o Beberibe, como está dito, foge por baixo da ponte do Recife. Outra ponte, collocada no lado opposto, quasi na direcção da primeira, com 780 palmos de extensão, e 26 $\frac{1}{2}$ de largura, elegantemente construida, e sob a qual corre o Capibaribe, communica esta Freguezia com a da Boa-Vista; e uma terceira ponte de 470 palmos de comprimento, e trinta de largura, debaixo da qual passa um braço do Capibaribe, que desagoa na Barreta, a communica com os Afogados, povoação situada tres quartos de legoa ao S. do Recife, e para onde se caminha por um Aterro, que brevemente será uma das mais bellas ruas da nossa Capital. Esta Freguezia arrolou 4,296 Fogos, tem portanto 21,480 habitantes: dá 43 Eleitores.

O Bairro, ou Freguezia da Boa-Vista, o mais bello dos tres, e que vai tendo um crescimento espantoso, communica-se com a Freguezia da Varzea por uma bella ponte de 470 palmos de comprimento, e 30 de largura, collocada sobre o Capibaribe, uma milha longe da ponte da Boa-Vista, no sitio Passagem da Magdalena, lugar aprazivel, onde se encontram notaveis edificios. Esta Freguezia arrolou 3,173 Fogos, tem portanto 15,865 habitantes livres: dá 32 Eleitores.

Tem pois esta Cidade de extensão desde Nossa Senhora do Pillar, em Fora de Portas, até o Manguinho, onde começam os predios rusticos, perto d'uma legoa de E. ao O.; e desde o novo Palacio do Governo até o fim da rua do Atterro dos Afogados mais de duas milhas N. S.

O Termo da Cidade do Recife abrange, não só os tres Bairros mencionados, começando pela Cruz do Patrão, collocada no Isthmo d'Olinda, mas tambem a Freguezia dos Afogados até o sitio Gameleira, onde acaba o Termo: abrange igualmente a Freguezia de S. Amaro Jaboatão; a Freguezia do Poço da Panella; a parte da Freguezia de S. Lourenço da Mata, que pertencia ao Termo d'Olinda; e a parte da Freguezia da Luz, que foi supprimida, e que ficou pertencendo à Jaboatão, e S. Lourenço.

A Cidade do Recife he Cabeça de Comarca, e Capital da Provincia, residencia do Bispo Diocezano, assento da Assembléa Legislativa Provincial, do Governo civil, do Commando das Armas, do Tribunal da Relação, da Junta de Justiça (*) Militar, do Tribunal dos Jurados, e residencia de um Juiz dos Feitos da Fazenda, de tres Municipaes, de um de Orphãos, de dous do crime, (**) e de dous do civil de primeira Instancia. As rendas Nacionaes, e as Provinciaes são como já referi, arrecadadas, e administradas por duas Thesourarias, uma Alfandega, uma Mesa do Consulado, e outra de Rendas Provinciaes. As obras Publicas da Provincia estão a cargo de uma Inspeção, á qual pertence um Gabinete Topographico. A propagação da Vaccina está encarregada a dous Facultativos habeis. Para instrucção Publica tem a Cidade, não só um Lycèu, mas tambem duas Aulas de Latim, 8 de primeiras letras, inclusive uma de ensino mutuo, e 4 para meninas, tudo á custa da Fazenda Provincial, além de dous Collegios acreditados, e de muitas Aulas particulares bem frequentadas. A' um Arsenal de Marinha mui bem montado, e com bellos edificios, e bons arranjos, e a outro de Guerra, no qual ha uma casa de Educandos, d'onde tem sahido optimos Artistas, estão encarregados os objectos, e fiscalisação que lhes são peculiares. O Correio das cartas

(*) He um Tribunal composto de tres Officiaes Superiores do Exercito, e tres Desembargadores, presidido pelo Presidente da Provincia. Julga em ultima Instancia os réos militares sentenciados em Conselho de guerra.

(**) No Municipio do Recife ha um Promotor da Justiça, ou accusador Publico, assim como nos demais Municipios, onde se reune o Tribunal dos Jurados.

está entregue a uma Administração, que tem facilitado os meios de comunicação externa, e interna.

Esta Capital he actualmente guarnecida por um Batalhão d'Artilheria, uma Companhia de Artifices, e outra de cavallaria pagos, além do Batalhão de Infanteria destacado da Guarda Nacional, que durante este serviço, faz parte do Exercito.

A Guarda Nacional do Municipio do Recife forma um Commando Superior, (ou Divisão) composto de duas Legiões, e estas de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 7 Batalhões de Caçadores, todos com 2,885 praças, exclusive 867 Reservas. Além d'esta Tropa, ha um Corpo de Policia (pago pelas rendas Provinciaes) de 6 Companhias de Infanteria, com 395 praças.

As ruas da Cidade não são mui regulares; mas a edificação nova tem melhorado muito os defeitos da antiga. Possui tres Quarteis; o primeiro no centro do bairro de Santo Antonio, o 2.º, que he a Fortaleza das Cinco Pontas, no mesmo Bairro, e o 3.º no Bairro da Boa-Vista no Hospicio, a margem do Capibaribe. Possui tambem um Hospital Militar, e dous de Caridade; dous Conventos, um do Carmo, e outro de S. Antonio, cada um com a sua competente Ordem 3.ª, ambas hem ricas, principalmente a do ultimo; tres Parochias; 17 Templos Catholicos Romanos; um bello, e elegante edificio na rua da Aurora do Bairro da Boa-Vista, mandado construir pelos Inglezes, para os seus actos Religiosos, onde para esse fim se reúnem quando querem; um Recolhimento de mulheres, uma casa para expostos, um pequeno Theatro, e outro grande que está a construir-se, obra mui elegante e de fortissima construcção, riscada e dirigida pelo Engenheiro Mr. Youthier, empregado no serviço da Provincia; um Palacio Episcopal; uma cadeia arruinada, a que se vai dar differente destino, por não convir que as prisões estejam collocadas no centro da Cidade; e grande numero de edificios particulares de muito valor.

Entre todos estes edificios, e mesmo entr'aquelles, que serão monumentos indeleveis do patriotismo, e incansavel zelo do Exm. Senhor Presidente, Barão da Boa-Vista, merece

notavel menção a Alfandega. Este edificio, que quando Sua Excellencia tomou posse do Governo, não passava d'um grande armazem, irregularmente repartido (estado a que o impio philosophismo reduzio o Magestoso Convento dos Congregados do Oratorio!) está hoje transformado em uma elegante casa, que não só offerece todos os meios para uma rigorosa, e ao mesmo tempo commoda fiscalisação dos Direitos Nacionaes; mas que igualmente acredita a Provincia, para com os Estrangeiros que nos visitam. O mais he que tudo isto, foi feito com a maior economia possivel, e com tal fiscalisação, que, sem receio de ser contrariado, posso affirmar, que o mais economico dos particulares não poderia fazer para si com menos despeza uma obra igual! Graças a S. Exa. que a empreheendeu, e graças tambem ao mui habil Senhor Tenente, Stereo-Areometra da Alfandega, Manoel Coelho Cintra, escolhido para a administrar.

Outro edificio, não menos notavel, deve a Provincia ao seu digno filho que a está administrando: o palacio do Governo, de que tanto carecia Pernambuco, cujos Presidentes passavam pelo dissabor (mormente quando eram procurados por Estrangeiros) de darem audiencia em uma casa indecente, que não correspondia á grandeza, e á dignidade da nossa Provincia. O Sr. Major João Pedro de Araujo e Aguiar foi o administrador d'este trabalho, e á sua actividade, honra, e zêlo deve a Patria a perfeição da obra, cujo risco foi dado pelo Sr. Coronel Engenheiro Moraes Ancora.

O Governo civil tem a sua Secretaria no palacio de que acabo de tratar, e ahi nada ha que desejar, tanto em arranjos e commodos, como em decencia. O Commando das Armas, a Junta de Justiça, as Thesourarias, a Mesa das Rendas Provinciaes, e a Administração do Correio exercem suas funcções no Bairro de S. Antonio, no edificio que foi Convento dos Padres Jesuitas, para o que se tem feito os necessarios arranjos, de maneira que as Repartições estão mui decentemente arranjadas, principalmente as Thesourarias. Os Juizes de primeira Instancia dão Audiencia em uma sala do mesmo edificio, e a Relação celebra as suas

sessões n'uma parte d'elle , destinada para esse fim. A Camara Municipal faz as suas sessões em uma casa mui decente , sita no largo do Collegio no Bairro sobredito. A Assembléa Legislativa Provincial , reune-se em uma casa Nacional, sita no Forte do Mattos , no Bairro do Recife , arranjada mui decente , e commodamente , tanto para os Deputados , e Secretaria respectiva , como para os espectadores, para os quaes ha uma espaçosa , e commoda galeria. A Alfandega occupa a maior parte do Convento , que foi dos Congregados , como já disse , e finalmente a Mesa do Consulado um elegante edificio , construido no largo do Corpo Santo n'este mesmo Bairro.

A Cidade tem tres Typographias , sustenta 2 Jornaes (o Diario de Pernambuco , e o Diario Novo) , e alguns periodicos , que não tem publicação regular : os seus habitantes ainda usam da agoa , que as canoas mui mal acondicionadamente lhes conduzem , depois de a receberem , no Monteiro do rio Capibaribe , ou em Olinda do Beberibe ; mas talvez que não se passem dous annos que esse uso , tão damnoso a saúde , não cesse inteiramente. Dentro d'este tempo espera-se que a Companhia , que contractou o encanamento das aguas do rio da Prata , finde as obras a que se comprometteu , e d'esta sorte abasteça a Cidade de optima agua potavel por meio de Chafarizes.

Apezar de carecer ainda de Aqueductos , e d'outros commodos , que o numero de seus habitantes demanda , a Cidade do Recife he a terceira do Brazil em população , commercio , e riqueza. No seu porto entram annualmente 400 embarcações , pouco mais ou menos , além de muito mais de 500 canoas , occupadas no importante commercio de cabotagem , entretido entre a Cidade , e os portos da Provincia ; em fim a nossa Capital n'estes cinco annos tem tido um crescimento espantoso : Fabricas de Rapé , fundição de ferro , grandes estabelecimentos de Marcenaria , e outros muitos , que seria enfadonho referir , offerecem aos seus habitantes , senão todos ao menos grande parte dos commodos , e prazeres que se encontram em abundancia nas grandes Cidades da Europa.

AFOGADOS

Povoação, e Freguezia ao S. O. do Recife sobre os rios Capibaribe, e Tegipió, unida a Capital pelo Aterro e ponte dos Afogados. Ao O. segue-lhe a estrada do Sertão, e ao S. a do Cabo, para onde se vai pela ponte de Motocolombó, que tem 300 palmos de comprimento, e 25 de largura. Possui a Igreja Matriz, que he a de N. Senhora da Paz, uma Capella dedicada a S. Miguel, e outra a N. Senhora do Rosario, e varias ruas regulares, com algumas casas boas. Pertence-lhe a Povoação da Varzea, que lhe fica 4 milhas ao N. O., e que está duas legoas ao O. S. O. do Recife; a da Boaviagem a beira do mar, lugar mui aprazivel, e onde algumas familias vão passar o Verão; e a Capella da Senhora dos Remedios, uma milha ao N., e uma legoa ao O. N. O. do Recife. Arrolou 2,068 Fogos, tem portanto 10,340 habitantes livres: dá 21 Eleitores.

A povoação dos Afogados era uma Capella filial da Freguezia da Varzea; porém pela Lei Provincial de 6 de Maio de 1837 foi erecta em Freguezia, supprimida aquella da qual era filha, que além d'isto lhe ficou subordinada. Esta Povoação tem uma Aula de primeiras Letras, e a da Varzea outra.

S. AMARO JABOATÃO

Freguezia, e Povoação sobre o rio do mesmo nome, na estrada de S. Antão, 4 legoas ao O. do Recife. A Igreja Matriz está collocada na Povoação. Tem uma Aula de primeiras Letras, e pertence-lhe a Capella Curada de Gurjaú de cima: o seu districto comprehende alguns engenhos de assucar. Arrolou 1,608 Fogos, tem portanto 8,040 habitantes livres: dá 16 Eleitores.

POÇO DA PANELLA

Freguezia situada uma legoa ao O. N. O. do Recife, a margem esquerda do Capibaribe, lugar aprazivel, e salubre, onde muitas familias vão passar a Estação calmosa. Comprehende as povoações do Poço, Casa-Forte, Monteiro, e Api-

pucos. Estes lugares, que pelo Inverno tem poucos habitantes, pelo Verão tornam-se tão procurados, que uma casa muito ordinária, não se alcança para os quatro mezes do calor, senão por avultada somma; mas certamente em nenhuma outra cousa se pôde empregar melhor o dinheiro, (quem pôde) do que em adquerir uma casa, afim de gozar, durante a Estação calmosa, do saudavel e vivificante ar, que se respira nas margens do ameno Capibaribe; n'esse paraizo! Esta Parochia fazia parte do Municipio de Olinda; porém pela Lei Provincial de 8 de Maio de 1843 passou a pertencer ao Municipio do Recife: tem uma Aula de primeiras Letras. Arrolou 1,857 Fogos, tem portanto 9,285 habitantes livres: dá 19 Eleitores.

S. LOURENÇO DA MATA.

Freguezia a margem do Capibaribe, 5 legoas ao N. O. do Recife. A Igreja Matriz está collocada na Povoação de S. Lourenço em terreno elevado. Tem uma Aula de primeiras Letras, e o districto alguns engenhos de assucar. Arrolou 1,998 Fogos, tem portanto 9,990 habitantes livres: dá 20 Eleitores.

LUZ.

Povoação, 5 legoas ao O. 4.^a de O. N. O. do Recife, e cujo districto pertence uma parte; isto he, aquella, cujas agoas entram no rio Capibaribe abaixo do riacho Goitã, á Freguezia de S. Lourenço da Mata, e a outra, cujas agoas correm para o rio Jaboatão, á de S. Lourenço. Encerra alguns engenhos de assucar.

Tambem esta Povoação era Freguezia; mas a mesma Lei que supprimio a da Varzea, abolio esta, e creou a de N. Sra. de Goitã, dividindo o districto da supprimida com essa que cregio, e outras.

FERNANDO DE NORONHA.

Illa montanhosa (que serve de presidio, e lugar de degredo) no Oceano na Lat. Merional de 3°, e 56', e Long. de

34°. e 58', distante da costa 73 legoas ao N. O. do Cabo de S. Roque. Tem tres legoas de extensão, e quasi uma na sua maior largura. O terreno he fertilissimo, e a batata, ou raiz de Mandioca chega as vezes a um crescimento admiravel. Abunda de caça, e peixe, e ainda ha pouco mais de tres annos o Sr. Coronel Francisco José Martins, quando a governou, estabeleceu a pesca da Baleia, de que fez grande quantidade de azeite, que chegou, tanto para o consumo da ilha, como para remetter para esta Cidade a grande porção, que foi recolhida ao Arsenal de Marinha.

O principal lugar da ilha he um quadro, chamado Villa, onde, sobre um terreno mais elevado, está edificada a Igreja de Nossa Senhora dos Remedios, e na frente e lados d'esta, as casas em que habitam os Officiaes Militares, e Empregados de Fazenda, e as que servem de armazens, Hospital, Ferraria, &c., &c. O Governador mora em uma casa decente, e commoda, poucas braças longe do quadro chamado Villa, e na frente d'esta casa, quarenta braças pouco mais, ou menos está a Aldeia, ou habitação dos degredados, em forma de Sanzala, junto da qual ha uma pequena Capella. Além dos edificios descriptos, a ilha possui tambem um commodo banheiro de pedra e cal, no qual se banham as pessoas principaes, e mais outras pequenas obras de pouco valor.

A agoa das diversas Fontes que ha na ilha (uma das quaes suppre o banheiro) he soffrivel; porém a da fonte chamada Biboca, e que quando a maré enche fica coberta pelo mar, he optima, e em nada inferior a do Monteiro, ou Beberibe.

Proximo do quadro denominado Villa se vê um morro de pedra de altura extraordinaria, cuja configuração he mui semelhante a do Pão d'Assucar do Rio de Janeiro, e em cujo simo se rompem as nuvens.

O porto da ilha he defendido pela magnifica Fortaleza dos Remedios, e dominado por quatro baterias d'esta Fortaleza, e pela bateria de S. Anna, collocada junto ao quartel do destacamento, que fica mui pouco distante do quadro referido. Além d'estas fortificações, tem a ilha, nos lugares que offerecem desembarque, os Reductos de S. Antonio, (de todos o mais commodo desembarque) Boldró, Concei

ção, S. Cruz, Dous Irmãos, e finalmente sobre uma rocha a grande Fortaleza do Morro, algumas braças arredada da ilha, com a qual se communica por uma restinga de pedra, que quando a maré está cheia, ou o mar embravecido, não dá passagem, pondo incommunicaveis os que por ventura estão na Fortaleza. Um quarto de legoa distante da ilha ha outra (inhabitavel por não ter agoa) chamada dos Ratos.

A ilha de Fernando foi descuberta em Agosto de 1503 por Fernão de Loronha, ou Noronha, Capitão-Mór de uma Armada de seis vellas, que por ordem de El-Rei D. Manoel veio explorar o Brazil, depois que Cabral o descobrio.

Sobre esta ilha, seja pela pouca importancia que se lhe tem dado, ou seja por outras razões que ignoro, os Historiadores quasi nada tem esclarecido; apenas se contentaram com dizer, que ella foi descuberta por um Portuguez chamado Fernando de Noronha: proximamente porém em Portugal um Opusculo com o titulo de Diario da Navegação de Pero Lopes de Souza (o Donatario de Itamaracá) apresenta importantes documentos sobre esta ilha, eu por tanto, copiando o que contem em uma Nota esse Opusculo Portuguez, satisfaço o fim a que me propuz, publicando as Memorias, que para mim sómente havia redigido.

Eis o que diz o Opusculo, que copio até com a mesma Orthographia.

« É a bem conhecida ilha de Fernão de Noronha achada,
 « como todos repetem, pelo portuguez de seu nome, sem di-
 « zerem porém até agora em que anno. Tinhamos empre-
 « hendido um trabalho, para mostrar ter sido esta ilha,
 « descuberta pela armada de 6 velas que foi ao Brasil em
 « 1503, fundados sobre considerações nauticas e geografi-
 « cas quando encontrámos no Real Archivo da Torre do Tom-
 « bo documentos que nos tiraram, a este respeito, de toda
 « a duvida. Consistem estes documentos em doações desta
 « ilha (chamada então de S. João) ao descobridor e seus
 « successores, sendo a primeira a 16 de Janeiro de 1504, em
 « que elrei diz que fazia doação a Fernão de Noronha da ca-
 « pitania da ilha que elle *novamente achára e descobrira*. Eis
 « aqui os documentos em que nos estribamos :

« Dom Joam &c. fazemos saber que por parte de fernam
 « de lronha cavaleiro de nosa casa nos foi apresentada hu-
 « ma carta del-Rey meu Senhor e padre que Santa gloria ajaa
 « de que o teor tall he—Dom Manuell per graça de Deus Rey
 « de portugall e dos allgarves daquem e dalem mar em afri-
 « qua senhor de guinee e da conquista navegacam commercio
 » detiopia arabia persya e da lndia. A quantos esta nosa
 « carta vyrem fazemos saber que avendo nos Respeito aos
 « serviços que fernam de noronha cavaleiro de nosa casa
 « nos tem feitos e esperamos ao diamte dele Receber e que-
 « remdo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem
 « e nos praz que vindo se a povoar em allgum tempo a nosa
 « llha de sam Joam que ele ora novamente achou e descobrio
 « cimcoenta leguoas alamar da nosa terra de santa Cruz lhe
 « darmos e fizermos merce da Capitania della em vida sua e
 « de hum seu filho baram lidimo mais velho que dele ficar ao
 « tempo de seu falecimento e quando esto asy for lhe mam-
 « daremos fazer sua Carta em forma em a qual lhe daremos
 « os direitos e Juridição que com a dita Capitania ade ter
 « segundo que nos emtão bem parecer. E por firmeza delo
 « e sua guarda lhe mandamos dar esta Carta per nos asynada
 « e asellada do noso Sello pemdente a quall prometemos
 « de se lhe cumprir e guardar inteiramente como se nella
 « contem por quanto asy hee nosa merce dada em a nosa
 « cidade de lixboa a deseseis dias de Janeiro francisco de
 « matos a fez ano do nacimiento de noso Senhor Jesu Christo
 « de mill quinhentos quatro — pedindo-nos o dito Francisç
 « de lronha por merce que lhe confirmassemos a dita carta
 « e visto per nos seu dizer querendo lhe fazer graça e merce
 « temos por bem e lha confirmamos e avemos por confirma-
 « da asyena maneira que se nela contem e queremos e man-
 « damos que asy lhe seja comprida e guardada dada em a
 « nosa cidade de lixboa a tres dias de março pero fragoso a
 « fez ano de noso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos
 « vinte e dous. —

(Do Real Archivo Liv. 37 da Chanc. de D. João 3.º
 fol. 152.)

« Neste mesmo livro a fol. 152 v. se acha a carta d'elrei

« D. Manoel de 24 de Janeiro de 1504 , em que lhe faz doação
 « da ilha ; confirmada igualmente por elrei D. João 3.º na
 « data ut supra de 3 de Março de 1522. — É como se segue :

« Dom Joham & .º fazem os ssaber que por parte de fer-
 « nam de loronha caualeiro de nossa cassa nos foi apresem-
 « tada hũa carta del-Rey meu Senhor e padre que santa gro-
 « ria aja de que ho teor lie — dom manuell per graça de deos
 « Rey de portugall e dos algarues daquem e dalem mar em
 « afryca senhor de guine e da conquista navegacam comer-
 « cyo tyopia arabia percia e da Imdia a quantos esta nossa
 « carta virem fazemos saber que havẽdo nos Respeitos aos
 « seruiços que fernam de noronha caualeiro de nossa cassa
 « nos tem feitos e esperamos dele ao diamte receber e que-
 « remdo-lhe fazer graça e mercè temos por bem e lhe faze-
 « mos doaçam , e merce daqui em diamte pera em todollos
 « dias de sua vida e de hum seu filho barão lidimo mais ve-
 « lho que dele ficar ao tempo de seu falecymto da nosa jlha
 « de sam joham que ele hora novamente achou e descubryo
 « cinquenta legoas alla mar da nossa terra de santa cruz
 « que lhe temos aremdada a qual Ilha lhe asy damos pera
 « nella lamcar gado e a romper e aproueitara segumdo lhe mais
 « aprouer com tall entemdimento e decraração que de todo
 « perveeito que na dita Ilha ouuer asy agora como ao diam-
 « te per quallquer modo e maneira que seja tiramdo espycea-
 « ria drogaria e cossas de tintas que pera nos reeseruamos e
 « de todo ho mais nos dara e pagara e asy ho dito seu filho o
 « quarto e dizimo soomente ssem mais outro nenhum di-
 « reito. — E porem mandamos aos veadores de nosa fazenda
 « officiaes de nosa casa de guyne e Imdia que hora sam e Ao
 « diamte forem e a quaesquer outros nossos officiaes e Juizes
 « e Justiças a que esta nosa carta for mostrada e o conheci-
 « mento della pertemcer que Inteiramente lha cumpram e
 « guardem e facam comprir e guardar ssem lhe niso em
 « nenhu tempo que seja a ele fernam de loronha nem ao dito
 « seu filho em suas vydas ser a ello posto duvida nem ououtro
 « embargo algum por que asy he nosa merce e por firmeza
 « delo lhe mandamos dar esta per nos assynada e asselada do
 « noso selo pemdente dada em a nosa Cydade de lixboa a

« vinte e quatro dias de Janeiro francisco de matos a fez anno
 « do nacymento de nosso Senhor Jesu Christo de mil qui-
 « nhentos e quatro — e pedimdo-nos o dito fernam de loro-
 « nha por mece que lhe confirmassemos a dita carta e visto
 « por nos seu dizer queremdo-lhe fazer graça e merce temos
 « por bem e lha confirmamos e havemos por confirmada que-
 « remos e mandamos que asy se lhe cumpra e guarde dada
 « em a çidade de lixboa a tres dias de março pero fargoso a
 « fez anno do nacimiento de nosso senhor jesu christo de mil
 « quinbentos e vinte e dous.

« De outros livros e lugares vemos as successivas coufir-
 « mações desta doação, e rectificamos ser a mesma ilha cha-
 « mada hoje—de Fernão (ou Fernando) de Noronha —Aqui
 « os apontamos :

« Do Liv. 9 fol. 272. v. da Chancellaria de elrei D. Sebas-
 « tião se vê que em dacta de 20 de Maio de 1559 foi confir-
 « mada em Fernão de Loronha, filho de Diogo de Loronha,
 « neto de Fernão de Loronha, a doação que fora feita a este
 « ultimo seu avô por elrei D. Manoel (e o Alvará acima de D.
 « João 3.º) da ilha de S. João, *que está (diz a carta de doa-
 « ção) sessenta legoas ao mar do Cabo de S. Roque da Terra do
 « brazil.*

« Do Liv. 3.º f. 100 de D. Pedro 2.º se vê a confirmação de
 « elrei da doação da mesma ilha por successão a João Perei-
 « ra Pestana, filho de João Pereira Pestana, e neto de Fernão
 « Pereira Pestana de Loronha *donatario que foi da ilha de S.
 « João.* Esta Carta de confirmação he datada de 8 de Janeiro
 « de 1693.—

« Esta ilha ficou pertencendo sempre ao dominio de Por-
 « tugal, e chegando a ella piratas no seculo passado partiu
 « a expulsa-los, a 7 de Setembro de 1738, D. Manoel Henri-
 « ques, que ali chegou a 23 de Outubro (Hist. Geneal. Tom.
 « 8.º p. 243).

« Fica portanto sabido que o descobrimento da ilha de
 « Fernão de Noronha foi em 1503.

« Agora avançaremos mais. Sendo, pelas combinações
 « referidas na nota precedente, inquestionavelmente esta
 « ilha a descoberta em Agosto de 1503, pela armada de seis

« velas que então foi ao Brasil, das quaes, naufragando
 « duas, se apartou o capitão-mór com outras duas da com-
 « panhia de Americo temos que o capitão-mór retroce-
 « deu a Lisboa a dar parte deste achado, e que não
 « pôde deixar de ter sido Fernão de Noronha, porquanto ao
 « commandante he que sempre tocava a honra do descobre-
 « mento, e o tempo que medea antes de 16 de Janeiro de 1504,
 « não era mais que o sufficiente para fazer, naquelles tem-
 « pos, a volta, contractar o arrendamento da ilha descober-
 « ta, e por fim andar como pertendente a suplicar a doação
 « e capitania pelos paços reaes.

« Bem se vê que para fazermos esta combinação de fac-
 « tos, he necessario que acreditemos a veracidade das rela-
 « ções de Americo nas duas viagens de 1501, e principalmen-
 « te de 1503—única autoridade, em que, taes como Munster,
 « se estribam os que logo depois o contam. »

MUNICIPIO D'OLINDA.

OLINDA.

Cidade a beira do mar, longe do Recife uma legoa, si-
 tuada sobre os montes, que por lindos lhe prestaram o nome,
 na Lat. de 8°, e 1', e na Long. de 37°, e 10': limita pela N. com
 o Termo de Iguarassú, pelo S. com o do Recife, por E. com
 o Oceano, pelo O. com Pão-d'Alho. O seu Termo comprehende
 as Freguezias da Sé, S. Pedro Martir, e Maranguape.

Olinda foi a antiga, e opulentissima Capital de Pernambu-
 co: começou a decahir em 1710, quando os mascates do
 Recife, ou mercadores Portuguezes, para abaterem os No-
 bres, naturaes do paiz, subornaram o Governador Portuguez
 Sebastião de Castro Caldas, e com a sua protecção consegui-
 ram chamar para o Recife todos os negocios Publicos, como
 se verá no 3.º Tomo das Memorias. Desde então que Olinda
 declina, de maneira que hoje está grandemente atrasada, e
 com o andar dos tempos, essa antiga Capital, theatro de glo-
 riosos feitos Pernambucanos, não será mais do que um Bair-
 ro da Cidade do Recife; mas assim mesmo notavel, porque a

nova estrada da Capunga, mandada abrir pelo Exm. Sr. Barão da Boa-Vista, lhe vai dar uma grande importancia. Olinda ainda he a Séde Episcopal, e onde está collocada a maior Cathedral do mais populoso Bispado do Brasil. Esta cidade estaria talvez quasi inhabitada, e reduzida a ruinas, si os estabelecimentos do Curso de Sciencias Sociaes e Juridicas, do Collegio das Artes, e da Bibliotheca Publica, não a esteiassem, por assim dizer, quando já estava propinqua a desabar-se. Tem pois essa Cidade, alem do Seminario de Sciencias Theologicas, que tinha desde 1800, um Curso Juridico, um Collegio de Preparatorios, um Jardim Botanico, com Aula respectiva, e de Agricultura, tres Aulas de primeiras Letras, inclusive uma para meninas, e uma Bibliotheca.

Olinda encerra duas Parochias, um Mosteiro de Religiosos Bentos, um Convento de Antoninos, outro de Carmelitas, um Recolhimento de mulheres, oito Templos Catholicos Romanos, um Hospital de Caridade, um Collegio de Orfãos, um Aljube, ou prisão Ecclesiastica, uma Casa de Camara mui boa, sob a qual está a Cadeia, duas Fontes, ou Chafarizes de uma só bica, além de muitos edificios particulares de bastante valor.

A fralda do monte em que está collocada Olinda, he do lado do S. regada pelo rio Beberibe, que ahi receberia no fluxo do mar agoa salgada, si um Varadauro de pedra, separando o rio da maré, não offerecesse aos Olindenses o commodo, e grato espectaculo de verem as canoas, nadando em agoa salgada, receber quanta agoa potavel precisam, pelas bicas que atravessam o mesmo Varadouro.

Calcula-se a população d'Olinda, e seu Termo em 17,820 habitantes livres. A Guarda Nacional deste Municipio forma uma Legião, composta de um Esquadrão de Cavallaria, e dous Batalhões de Caçadores, tendo todos estes Corpos 778 praças, exclusive 18 Reservas.

A Freguezia da Sé arrolou 1,276 fogos, tem portanto 6,380 habitantes livres: dá 13 Eleitores; e a Freguezia de S. Pedro Martir arrolou 1,460 fogos, tem portanto 7,300 habitantes livres: dá 15 Eleitores.

MARANGUAPE.

Freguezia , perto da costa , 5 legoas ao N. do Recife. A Igreja Parochial he a de Nossa Senhora dos Prazeres. Dentro desta Freguezia está collocada a Fortaleza de Pão Amarello , (na Lat. de 7º, e 55'', e na Long. de 37º, e 11') que protege a barra, por onde os Hollandezes entraram em 15 de Fevereiro de 1630; assim como ha 2 cadeiras de 1.ª Letras, sendo uma para meninas. Esta Freguezia fornece quasi toda a cal , que se gasta no Recife. Arrolou 828 fogos , tem portanto 4,140 habitantes livres : dá 8 Eleitores.

BEBERIBE.

Povoação, e Capella Curada, pertencente a Freguezia da Sé, a margem do rio Beberibe em uma planicie, duas legoas ao N. do Recife, lugar onde tambem muitas familias passam o Verão. Tem uma Aula de Primeiras letras, e ainda alli existe a casa, na qual se manipulou o anil, cujo fabrico foi prohibido por Decreto de um Rei Portuguez.

MUNICIPIO DE IGUARASSU'.**IGUARASSU'.**

Villa, e Freguezia situada em terreno elevado à margem do rio Santa Cruz, sobre o qual atravessa uma pequena, mas bem construida ponte.

Foi esta a primeira povoação de nossa Patria : teve o titulo de *Leal*, dado por seu fundador Duarte Coelho, primeiro Donatario de Pernambuco. Está seis legoas ao N. O. $\frac{1}{4}$ de N. N. O. do Recife, e meia legoa longe da costa. Limita pelo N. com Nazareth, pelo S. com Olinda, por E. com o Oceano, e pelo O. com Goianna. Comprehende a Freguezia de Iguarassú, e a parte da supprimida Freguezia de Pasmado, cujas agoas correm para o rio Araripe, e para o S. d'este. Possui um Convento de Antoninos, um Recolhimento de mulheres, a Igreja Matriz de S. S. Cosme, e Damião,

edificada em acção de graças pela victoria alcançada (no anno de 1530) em 27 de Setembro, dia consagrado pela Igreja a estes S. S. Martires. Tem mais quatro Templos, casa de Camara (a mais sumptuosa que houve em Pernambuco) e cadeia; estão porém todos estes edificios, pela maior parte, arruinados. A população da Villa he mui pouca, e quasi toda pobrissima; mas o Termo contém ricos proprietarios, e magnificas casas, sendo entre todas mui notavel a do engenho Monjope, propriedade do Sr. Capitão-Mór João Cavalcanti d'Albuquerque. Esta Freguezia arrolou 4,252 fogos, tem portanto 21,260 habitantes livres: dá 43 Eleitores.

A Guarda Nacional deste Municipio forma uma legião composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e dous batalhões de Caçadores, tendo todos estes corpos 1,269 praças, exclusive 128 Reservas.

ITAMARACA.

Ilha na Lat. de 7°, e 44', e na Long. de 37°, e 12'. Esta ilha, que está separada do continente por um estreito, mas profundo canal, tem tres legoas de extensão, e uma na sua maior largura, e encerra uma Parochia, cujo Orago he de Nossa Senhora da Conceição, e á qual pertence as Capellas de Nossa Senhora do Rosario dos homens pretos; de Santa Cruz, na Fortaleza; do Bom Jesus, na praia de Nossa Senhora do Pillar; de Nossa Senhora dos Prazeres, no engenho Macaxeira; de S. João Baptista, no engenho do mesmo nome; e a de Nossa Senhora do Amparo, n'outro engenho, assim denominado. Na povoação da Conceição, onde está collocada a Matriz, ha uma Aula de Primeiras Letras. Esta Freguezia arrolou 1,957 fogos, tem portanto 9,785 habitantes livres: dá 20 Eleitores.

Na extremidade do S. da ilha na Lat. de 7°, e 48', e na Long. de 37°, e 12' está edificada a grande Fortaleza de S. Cruz, fundada em 1631 pelos Hollandezes, que então a chamaram *Forte d'Orange*. Esta Fortaleza foi duas vezes tomada pelos Pernambucanos do poder dos Hollandezes, os quaes

reputaram a ilha um ponto tão importante, que projectaram fazer d'ella a Capital da parte do Brasil, que tinham conquistado no Secculo 17^o.

Ao longo da costa da ilha, pela parte de E. em terreno plano, está a povoação do Pilar, lugar o mais povoado da ilha, que tem duas Aulas de Primeiras letras, uma para cada sexo, e onde se faz todo o commercio, principalmente de sal, e cal,

Na barra da Catuama (em a ponta do N. na Lat. de 7^o, 40', e 30', e na Long. de 37^o, e 11') houve um pequeno Reducto, obra dos Pernambucanos no tempo da guerra Hollandeza; mas hoje está reduzido a ruinas.

Toda ilha produz mui boas fructas, hortaliça, e em summa tudo quanto alli se planta satisfaz o plantador; mas as uvas, e sobretudo as mangas, (principalmente as chamadas do *Jasmim*) não pôde haver melhores: são optimas.

Itamaracá foi cabeça de uma Capitania, independente de Pernambuco, doada por El-Rei D. João 3.^o a Pedro Lopes de Souza, e comprehendia todo o territorio que hoje comprehende a Provincia da Parahyba, e parte da do Rio Grande do Norte; isto he, a doação de Lopes começava em Itamaracá, e acabava na Bahia da Traição, como melhor nas Memorias se verá.

Itamaracá teve titulo de Villa desde a sua fundação em 1535, e ainda que, depois de expulsos os Hollandezes, ficasse sujeita ao Governo de Pernambuco, com tudo na parte Judiciaria conservou-se independente. O Doutor Antonio Vanguerve Cabral, author da obra, intitulada *Pratica Judicial*, foi um de seus Ouvidores, e pelo que elle cita na mesma obra, se conhece que alli a Administração da Justiça era somente subordinada à Relação da Bahia. Tambem era Itamaracá independente na arrecadação, e fiscalisação dos Direitos Reaes: uma Provedoria, igual em tudo a creada em Pernambuco, fiscalisava, e arrecadava as suas rendas, as quaes chegaram a avultar tanto, que pôr carta Regia de 7 de Dezembro de 1679 se lhe encarregou o pagamento da folha Ecclesiastica de Pernambuco, quando os rendimentos d'aqui não bastassem. Mas chegando a noticia de El-Rei, que os

dizimos alli se arrematavam de uma maneira irregular, e ao mesmo tempo considerando sobre os inconvenientes, que já offereciam duas Provedorias em um mesmo Governo, extinguiu a Provedoria de Itamaracá, por Carta Régia de 6 de Julho de 1760, passando para a Provedoria de Pernambuco as funções da outra.

A extincção da Provedoria, a pobreza da Câmara, e outras circumstancias que occorreram, fizeram com que Itamaracá fosse perdendo insensivelmente a sua cathogoria, mórmente depois do Alvará de 30 de Maio de 1815, que creou a Comarca d'Olinda, em cuja organização foi esquecida a Villa de Itamaracá, ao mesmo passo que ella ficou fazendo parte da nova Comarca; de maneira que bem se pôde dizer, que passou a ser uma fraccão do Termo de Iguarassú. Desde então, n'este estado de esquecimento, conservou-se a Villa de Itamaracá, até que em 1833, quando se poz em execução o Codigo do Processo, subdividindo-se as antigas Comarcas, cobrou ella seu quasi perdido predicamento. Deu-se-lhe pois para seu Termo, não só toda a ilha, mas tambem a parte da Freguezia de Tijucupapo, até o riacho Aratáca, cujas agoas vão ao mar ao S. de *Carne de Vacca*, a parte da hoje supprimida Freguezia de Pasmado, ao N. do riacho *Tabatinga*, e a parte da Freguezia de Iguarassú, que comprehende os povoados *Camboa*, e *Ramalho* até os primeiros oiteiros. Mas nem só deixou de gozar da jurisdicção d'este accrescimo de territorio, porque a divisão nunca se levou a effeito; mas até poucos annos gozou da sua restauração: pela Lei Provincial de 5 de Maio de 1840 esta antiquissima Villa, foi supprimida, dividindo-se o seu Termo com as de Iguarassú, e Goianna, e esta ultima, que bem se pôde chamar filha d'aquella supprimida, foi elevada a cathogoria de Cidade!

Concedo que não fosse util aos Povos a divisão de 1833; dou de barato que o accrescimo do Termo não conviesse, e até mesmo que a Provincia nenhuma utilidade tirasse da Villa de Itamaracá: mas seria prejudicial conservar-lhe ao menos o Titulo; esse Titulo vão, que todavia trazia a memoria recordações honorificas, pelo menos de uma remota antiguidade.

Si a Goianna se conferio, com a melhor justiça, as honras de Cidade pelos seus feitos patrioticos, que a fazem notavel na Historia do Seculo presente; porque não conservar á Itamaracá o titulo de Villa, de que dignamenfe tinha gozado por mais de tres Seculos? Conservar o Titulo de Villa á Itaramacá, importava a conservação de um Monumento Historico! Ah! Quam justo seria reedificá-lo!

COMARCA DO CABO.

Comprehende a Parochia do mesmo nome, e as Freguezias de Muribeca, e Ipojuca.

MUNICIPIO DO CABO.

CABO.

Villa, e Freguezia erecta em 1812, sobre a margem do rio Pirapama em terreno elevado, sette legoas ao S. O. da Cidade do Recife, na Lat. de 8º, e 23'. Limita pelo N. com o Termo do Recife, pelo S. com o de Serinhaem, por E. com o Oceano, e pelo O. com S. Antão. Abrange as Freguezias do Cabo, Muribeca, e parte da de Ipojuca ao N. de Porto de Gallinhas A Villa não he muito povoada, mas o Municipio tem pelos calculos da eleição 40,750 habitantes livres, que se empregam n'agricultura. O Municipio encerra para mais de cem engenhos de fabricar assucar, e a Villa contém, alem de alguns edificios bons, dois Templos. Para a instrucção Publica ha uma Aula de Primeiras Letras, paga pelo cofre da Provincia. A Guarda Nacional d'este Municipio forma uma Legião, composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 3 Batalhões de Caçadores, contendo todos estes Corpos 1,558 praças, exclusive 143 Reservas.

Pela Lei de 5 de Maio de 1840 a Assembléa Provincial, reconhecendo a importancia d'este Mucidio elevou-o a Comarca, collocando-o assim na posição que a sua riqueza, e população ha muito justamente demandavam. Antes d'esta justissima Lei, o consideravel Municipio do Cabo, fazia

parte da Comarca do Recife. A Freguezia do Cabo arrolou 4,054 Fogos, tem por tanto 20,270 habitantes livres: dá 41 Eleitores.

NAZARETH.

Povoação, oito legoas ao S. S. O. do Recife, sobre a eminencia do Cabo de S. Agostinho (*) em 8°, e 22', de Lat. Possui um Convento de Carmelitas da Observancia, e uma Aula de Primeiras Letras; seus habitantes são pescadores. O Forte de Nazareth, hoje desarmado, obra do Italiano Conde de Bagnuolo, que veio a Pernambuco com o 3º Donatario, na primeira campanha contra os Hollandezes, está collocado na entrada da barra da parte do S., e do lado opposto existe o forte de Gaibú, sobre uma rocha, protegendo a pequena barra do mesmo nome, como está dito na pagina 19 d'este Ensaio.

MURIBECA.

Povoação, e Freguezia sobre os montes Guararapes (celebres pelas victorias alcançadas pelos Pernambucanos sobre os Hollandezes) 3 legoas ao S. O. do Recife, e uma longe do mar: Matriz a Igreja da Senhora do Rosario. Esta Freguezia comprehende a povoação da Venda Grande a beira do mar, e a das Curcumanas, notavel pelas deliciosas melancias

(*) Depois que Cabral descobriu a costa do Brazil mandou El-Rei de Portugal, que Americo Vespucio, Nautico notavel, explorasse em uma Frota esta costa. Sahio Americo de Lisboa em 10 de Maio, de 1501, e avistando, com boa viagem, em 16 de Agosto a ponta do Rio-Grande do Norte, deu a esse Cabo o nome de *S. Roque*, Santo de quem a Igreja Resa n'esse dia; e assim, costeando o paiz do N. para o S., foi dando aos portos, e rios que ia visitando o nome do Santo do dia em que os explorava: a ponta que vio em 28 do mesmo Agosto chamou *Cabo de S. Agostinho*: (Pernambuco) ao rio que visitou em 29 de Setembro *S. Miguel*, (Alagoas) ao outro que observou em 30 *S. Jeronimo*, e em fim ao grande rio cuja foz sondou em 4 de Outubro *S. Francisco*. Eis como em 1501 foram baptizados alguns dos pontos do nosso Litoral.

Vij. Diar da Nav. de Per- Lop. Not. 22, e combine-se com a Nota 17 da pag 43 das Mem. Hist. e Polit. da Bah. pelo Sr. Accioli.

que produz; e comprehende tambem o Hospicio de Nossa Senhora da Piedade, pertencente aos Carmelitas. A farinha de Muribeca he tão boa, como a de Magé, ou Suruy do Rio de Janeiro. Arrolou 2,043 fogos, tem por tanto 10,215 habitantes livres: dá 20 Eleitores

IPOJUCA.

Povoação, e Freguezia, cuja Matriz he a Igreja de S. Miguel, sobre um Oiteiro a margem do rio Ipojuca, junto a estrada geral, onze legoas ao S. O. do Recife, e duas longe do mar. Possui uma Aula de primeiras letras, e um Convento de Antoninos. Todos os annos se celebra uma solemne festa n'este Convento em honra e louvor do Senhor Santo Cristo, Imagem mui venerada, e aos Pés da Qual muitas pessoas (algumas moradoras em longes terras) vão em romaria tributar sua adoração, segundo os votos que a sua piedade as induz fazer. Arrolou 2,053 Fogos, tem por tanto 10,265 habitantes livres: da 21 Eleitores.

COMARCA DO RIO-FORMOSO.

Comprehende as Freguezias de Rio-Formoso, Una, Barreiros, Agoa-Preta, e Serinhaem.

MUNICIPIO DE RIO-FORMOSO.

RIO-FORMOSO.

Villa, e Freguezia, situada em planicie á margem do rio, que lhe presta o nome, duas legoas longe da sua foz, 18 ao S. S. O. do Recife, e 5 ao N. do rio Una. Limita pelo N. com o Termo de Serinhaem; pelo S. com o de Alagoas, no riacho Piracinunga; por E. com o Oceano; e pelo O. com o Termo de S. Antão. Abrange as Freguezias d'Agoa-Preta, Barreiros, e parte das de Una, e Serinhaem.

A povoação de Rio-Formoso, que nos fins do seculo passado, não passava de meia duzia de casas, levantadas

a maior parte em terras do engenho, que tem o mesmo nome, e que he hoje propriedade da Sra. D. Francisca Antonia do Espirito Santo Lins, de tal maneira cresceu, que em 1833, quando n'esta Provincia se pôz em execução o Codigo do Processo Criminal, foi erecta em Villa, com a cathogoria de cabeça de Comarca; e presentemente entra na ordem das grandes Villas da Provincia, já pelos bons edificios que tem, já pela sua riqueza, e já pelo commercio que entretem. Todavia ainda carece de cadeia, e casa propria para as sessões da Camara Municipal, e para as do Jury. Os habitantes d'este Municipið, são agricultores de cannas de assucar, e calcula-se o seu numero em 36,725. A Guarda Nacional forma um Esquadrão de Cavallaria de 191 praças, exclusive 2 Reservas, o qual faz parte da Legião de Serinhaem.

No Termo de Rio-Formoso, 4 legoas ao N., está a magnifica Fortaleza de Tamandaré, que protege a barra do mesmo nome. A Freguezia do Rio-Formoso arrolou 2,454 Fogos, tem por tanto 12,270 habitantes: dá 25 Eleitores.

U N A.

Povoação, e Freguezia sobre uma eminencia, perto da margem septentrional do rio Una, que nasce em Garanhuns. Está 22 legoas ao S. S. O. 4.^a de S. O. do Recife, e 4 ao O. de Rio-Formoso: tem Aula de Primciras Letras, e a Igreja Matriz, que he a da Senhora da Purificação. Arrolou 1,964 Fogos, tem por tanto 9,820 habitantes livres: dá 20 Eleitores.

ABREOS.

Povoação de algum commercio, junto á foz do rio Una, 24 legoas ao S. O. do Recife, e 5 longe da povoação precedente. Tem uma Capella, e Aula de Primeiras Letras.

BARREIROS.

Aldeia, e Freguezia, chamada Villa, 23 $\frac{1}{2}$ legoas ao S. S. O. do Recife, e 4 milhas longe da povoação de Una.

Tem Aula de Primeira Letras, e a Igreja de S. Miguel, que he a Matriz d'esta Parochia. Os seus habitantes são Indios, e pela maior parte mui pobres ; não obstante porém sua pobreza, tem prestado relevantes serviços à ordem Publica n'estes ultimos annos : o seu Chefe diz-se descendente do grande Camarão, e, com toda a razão, muito se gloria com a sua ascendencia. Arrolou 426 Fogos, tem por tanto 2,130 habitantes livres : dá 4 Eleitores.

AGOA--PRETA.

Povoação, e Freguezia, 28 legoas ao S. O. do Recife, e cujos habitantes são pela maior parte Indios. Contém alguns engenhos de assucar em seu Termo ; e na Povoação , onde os edificios não são notaveis, se vê a Igreja de S. José, que he a Matriz. Esta povoação tem uma Aula de Primeiras Letras , e servio por muito tempo de Acampamento das forças Imperiaes, durante a guerra dos Cabanos. Arrolou 2,501 Fogos, tem por tanto 12,505 habitantes livres : dá 25 Eleitores.

MUNICIPIO DE SERINHAEM.

SERINHAEM. (*)

Villa , sobre a margem do rio do mesmo nome, situada em terreno elevado, erecta em 1627 com o nome de Villa Formosa, patria de Capitães, que prestaram relevantes serviços na guerra dos Hollandezes, como se verá nas Memorias. Está duas legoas longe da costa, e 16 ao S. S. O. do Recife. Limita pelo N. com o Termo da Comarca do Cabo, pelo S. com o da de Rio-Formoso, por E. com o mar, e pelo O. com o districto de S. Antão.

Esta Villa foi opulenta, e ainda alguns edificios que lhe

(*) Serinhaem, ou Xerenhaem, quer dizer em Lingoa Caheté-*Meu prato*. O Cacique, ou Chefe Caheté, tirava da producção das terras, em que está collocada esta Villa a sua subsistencia, por isso as denominou -- *Xerenhaem* --, nome que prestou ao rio, e que ainda conserva, apenas com mudança da primeira letra, talvez porque assim fica a pronuncia mais doce.

restam, testemunham sua passada grandeza. Tem um Convento de Antoninos, um Templo dedicado á Senhora da Conceição, que he a Matriz, uma casa de Camara, (construcção antiga) e Aula de Primeiras Letras. Abrange este Minicipio a parte da Freguezia de Ipojuca, cujas agoas vão ao mar ao S. de Porto de Gallinhas, e a de Serinhaem, não comprehendida no Termo do Rio-Formoso. Contém muitos Engenhos de assucar. A Guarda Nacional d'este Municipio forma dous Batalhões de Caçadores, compostos ambos de 950 praças, exclusive 25 Rsservas, e compõe uma Legião com o Esquadrão de cavallaria do Rio-Formoso. Esta Freguezia arrolou 2,700 Fogos, tem portanto 13,500 habitantes livres, que são agricultores : dá 27 Eleitores.

COMARCA DE S. ANTÃO.

*Comprehende a Freguezia da Cidade da Victoria,
e a da Escada.*

MUNICIPIO DE S. ANTAÕ,

VICTORIA.

Cidade, erecta em 1843 com este nome em commemoração da batalha ganha pelos Pernambucanos nas suas immediações sobre as forças Hollandezas. Esta Cidade, que era a Villa creada em 1812, com o seu antigo nome de S. Antão, he regada pelo riacho Tapacurá (afluente do Capibaribe) e está collocada na estrada do Sertão, 12 legoas ao O. S. O. do Recife.

O Termo d'este Municipio limita pelo N. com os Termos de Pão d'Alho, e Limoeiro, pelo S. com os de Serinhaem, e Cabo, por E. com o do Recife, e pelo O. com os de Bonito, e Garanhuns. Abrange as Freguezias da Cidade da Victoria, e Escada, e parte da supprimida Freguezia da Luz, cuja agoas entram no riacho Tapacurá, acima do riacho Una.

Em 1626 um Fulano Braga, fez construir, no lugar que he hoje Cidade, uma Capella dedicada a S. Antão, e algumas

casas em que se accomodou com a sua familia, e parentes. Esta pequena povoação, chamou-se por algum tempo *Cidade do Braga*; mas perdendo o nome de seu fundador, ficou com o do Santo ao qual elle tinha consagrado a pequena Capella que edificara. Hoje porém essa mesma povoação, tanto tem crescido, que he uma das principaes da Provincia, e que dá esperanças de augmentar progressivamente, já pelo commercio que entretem, e já porque o local coopera muito para o seu engrandecimento. Concluida a estrada do centro, na qual se está trabalhando, de maneira que da Victoria possam os generos ser conduzidos para o Recife em carroças, aquella Cidade infallivelmente ha de se tornar um importante deposito, e de commercio tal, que presentemente ainda mal se calcula; talvez então se conheça, quanta razão tenho de sempre em meus pobres escriptos (quando vem apêlo) instar pela factura de estradas, e mais estradas.

A Cidade da Victoria he cabeça de Comarca, e tem duas Igrejas, inclusive a Matriz, uma boa cadeia, novamente construida, alguns sobrados, e diversas ruas: tem igualmente uma Aula de Latim, e duas de Primeiras Letras, uma para cada sexo. Estima-se a população da Comarca em 33,365 habitantes livres, que são agricultores, parte de cannas de assucar, parte de algodão, e parte de mandioca, e legumes. A Guarda Nacional forma uma Legião, composta de um Esquadrão de cavallaria, e tres Batalhões de Caçadores, contendo estes quatro Corpo 1,372 praças, exclusive 110 Reservas.

A Freguezia da Cidade da Victoria, arrolou 4,055 Fogos, tem portanto 20,275 habitantes livres: dá 41 Eleitores.

ESCADA

Povoação, e Freguezia, a margem esquerda do rio Ipojuca, (*) 13 legoas ao S. O. do Recife. A Matriz, que he a Igreja de Nossa Senhora da Escada, acha-se arruinada

(*) O Ipojuca nasce na fralda da serra Jabuticaba, e correndo 72 legoas pouco mais, ou menos, desagoa no Oceano, como adiante direi.

Esta Freguezia contém muitos engenhos de assucar. Arrolou 2,618 Fogos, tem por tanto 13,090 habitantes livres : dá 26 Eleitores.

COMARCA DO BONITO.

*Comprehende a Freguezia do mesmo nome ;
e às de Bezerras, e Altinho.*

MUNICIPIO DO BONITO.

BONITO.

Villa, e Freguezia situada ao pé da Serra Macaco, entre as cabeceiras do rio Serinhaem, e de alguns afluentes de Una, em terreno elevado, 32 legoas ao S. O. do Recife. Limita pelo N. com Termo do Brejo, pelo S. com o de S. Antão, por E. com o de Serinhaem, e pelo O. com o de Garanhuns,

Bonito, povoação notavel, tinha sido erecta em Villa, e cabeça de Comarca em 1833; mas pela Lei de 19 de Abril de 1838, perdeu o seu predicamento, porque a Comarca foi supprimida, tornando a Villa a fazer parte dos Termos a que pertencia antes de 1833. Porém a Assembléa Provincial, attendendo ao justo clamor do patriotico Povo do Bonito, elevou outra vez á Comarca este mui importante Municipio. Estima-se a população do Municipio do Bonito em 52,770 habitantes livres, que se empregam pela maior parte n'agricultura. Tem duas Aulas de Primeiras Letras, uma para cada sexo. A Guarda Nacional d'este Municipio forma uma Legião composta de 2 Batalhões de Caçadores com 1,024 praças, excluzive 112 Reservas. Esta Freguezia arrolou 3,158 Fogos, tem por tanto 15,790 habitantes livres : dá 32 Eleitores.

BEZERROS.

Freguezia, e Povoação a margem do rio Ipojuca, em terreno montanhoso, 26 legoas ao O. S. O. do Recife, e 8 longe da Villa do Bonito. Tem uma Aula de Primeiras Letras. A Matriz d'esta extensa freguezia, está collocada em a Povoação

ção de Caruarú. Arrolou 3,366 Fogos, tem portanto 16,830 habitantes livres : dá 34 Eleitores.

CARUARU.

Povoação sobre a margem esquerda do rio Ipojuca, 32 legoas ao O. S. O. do Recife, e 8 longe da Villa do Bonito. Tem uma Aula de primeiras Letras, e uma feira mui abundante todos os Sabbados. Tanto Bezerros, como Caruarú são duas povoações mui notaveis.

ALTINHO.

Freguezia a margem do rio Una, 40 legoas ao O. S. O. do Recife. A Matriz he a Capella de Nossa Senhora do O'. Tem uma Aula de Primeiras Letras. Esta Freguezia pertencia á Comarca de Garanhuns, mas pela Lei de 4 de Setembro de 1843, passou a fazer parte da do Bonito. Arrolou 4,030 Fogos, tem portanto 20,150 habitantes livres : dá 40 Eleitores. Nesta Freguezia, assim como em grande parte das outras da Comarca do Bonito, goza-se do clima do Sertão.

CAMARCA DO LIMOEIRO.

Comprehende a Freguezia do mesmo nome, e as do Bom Jardim, e Taquaretinga.

MUNICIPIO DO LIMOEIRO.

LIMOEIRO.

Villa, erecta em 1812, a margem septentrional do rio Capibaribe, em uma planicie, bordada de montes, 18 legoas ao O. N. O. do Recife. Limita pelo N. com a Provincia da Parahyba, pelo S. com o Termo de S. Antão, por E. com o de Nazareth, e Pão d'Alho, e pelo O. com o do Brejo. Este Municipio abrange as Freguezias do Limoeiro, e Bom Jardim, e a parte da Freguezia de Taquaretinga, comprehendida na Provincia de Pernambuco, abaixo do riacho Tabocas. A

Villa he cabeça de Comarca, e tem a Igreja da Senhora da Apresentação, que he a Matriz, e uma grande cadeia. N'este edificio ha os precisos arranjos para casa de Camara, Sala dos Jurados, &c., &c. Tem a Villa uma Aula de Primeiras Letras, e outra de Latim. Estima-se a população do Termo do Limoeiro em 43,920 habitantes livres, pela maior parte agricultores de algodão, e legumes. Tem alguns engenhos de assucar. A guarda Nacional d'este Municipio forma uma Legião composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 2 Batalhões de Caçadores, ao todo 1,563 praças, exclusive 50 Reservas. A Freguezia do Limoeiro arrolou 3,755 Fogos, tem portanto 18,775 habitantes livres : dá 38 Eleitores.

BOM JARDIM.

Povoação, e Freguezia, 18 Legoas ao O. N. O. do Recife, collocada em um terreno bem alto, e que goza de uma bella vista. Tem a Igreja Matriz, consagrada a S. Anna, e uma Aula de Primeiras Letras. Arrolou 3,565 Fogos, tem portanto 17,825 habitantes livres : dá 36 Eleitores.

TAQUARETINGA.

Freguezia, parte da qual pertence no Politico, e no civil à Provincia da Parahyba, e parte à de Pernambuco, collocada junto a serra Bonita, 41 legoas ao O. N. O. do Recife. Tem 1 Igreja Matriz consagrada a S. Amaro. No territorio, que pertence à Pernambuco, arrolou esta Freguezia 1,464 Fogos, tem portanto d'esta parte 7,320 habitantes livres : dá 15 Eleitores. Mas esse mesmo territorio está ainda subdividido; isto he, uma grande parte d'elle pertence à Comarca do Brejo, e a outra (a menos povoada) he que pertence ao Limoeiro, porém ahi está collocada a Séde da Parochia. Na parte comprehendida na Comarca do Limoeiro arrolou 555 Fogos, e n'aquella, que pertence á do Brejo, e que se denomina Jacarará, arrolou 909.

COMARCA DE NAZARETH.

Comprehende a Freguezia do mesmo nome, e a de Tracunhem.

MUNICIPIO DE NAZARETH.

NAZARET DA MATA.

Villa, erecta em 1833, situada a margem esquerda do rio Tracunhem (*) em terreno plano, e elevado ao N. O. do Recife, quasi 16 legoas. Limita pelo N. com o Termo de Goianna, pelo S. com o de Pão d'Alho, por E. com o de Igua-rassú, e pelo O. com o de Limoeiro. He Cabeça de Comarca, e sendo uma das Villas novamente creadas, he das que tem tido rapido engrandecimento. Todos os Sabbados ha uma abundante feira; carece ainda de Matriz, e de edificio proprio para as Sessões da camara, assim como de cadeia: mas avista do commercio que para alli vai afluindo, e do patriotismo, e zelo de seus habitantes, brevemente ver-se-ha esta nascente Villa com todos os precisos edificios publicos. Abrange este Municipio a Freguezia de Tracunhem, e o districto de Larangeiras. Tem duas Aulas, uma de Latim e outra de Primeiras Letras. Éstima-se a população, em 25,885 habitantes livres, que são agricultores de algodão, cannas de assucar, mandioca, e legumes. A Guarda Nacional forma uma Legião composta de 3 Batalhões de Caçadores e uma sessão de Batalhão ao todo 1,625 praças, exclusive 128 Reservas. A Freguezia de Nazareth arrolou 3,061 Fogos, tem portanto 15,305 habitantes livres: dá 31 Eleitores.

TRACUNHEM.

Freguezia 14 legoas ao N. O. 4.^a do O. N. O. do Recife em terreno elevado. Tem uma Igreja Matriz, consagrada à S. Antonio, e uma Aula de Primeiras Letras. Arrolou 2,116 Fogos, tem portanto 10,580 habitantes livres: dá 21 Eleitores.

(*) O rio Tracunhem desagoa no riacho Capibaribe-merim, e ambos então perdendo os seus nomes, formam um só rio com o nome de Goianna, o qual desemboca no Oceano, entre Ponta de Pedras, e Ponta de Coqueiros.

COMARCA DE PAO D'ALHO.

Comprehende a Freguezia do mesmo nome, e a de Nossa Senhora da Gloria de Goitá.

MUNICIPIO DE PA'O-DALHO.

PA'O D'ALHO.

Villa, erecta em 1812, a margem direita do rio Capibari-be em terreno plano, 9 legoas ao O. N. O. do Recife. Limita pelo N. com o Termo de Nazareth, pelo S. com o de S. Antão, por E. com os do Recife e Olinda, e pelo O. com o de Limoeiro. Abrange as Freguezias de Pão d'Alho, Goitá, e parte da de S. Lourenço da Mata, acima do riacho Mussurepe. Tem Igreja Matriz, consagrada ao Divino Espirito Santo, uma Aula de Primeiras Letras, e um pequeno Hospital; carece de casa de camara, e cadeia. Ha grandes engenhos n'este Municipio. Estima-se a sua população em 26,175 habitantes livres, que são agricultores, a maior parte de cannas de assucar, e o resto de legumes, e mandioca. A Guarda Nacional forma um Esquadrão de Cavallaria, e um Batalhão de Caçadores, ambos com 683 praças, exclusive 29 Reservas. Pão d'Alho fazia parte da Comarca de Nazareth, porém a Lei de 4 de Maio de 1840 elevou este importante Municipio á cathegoria de Comarca, e assim collocou-o na Ordem, em que ha muito devia estar. A Freguezia de Pão d'Alho arrolou 3,196 Fogos, tem portanto 15,980 habitantes livres : dá 32 Eleitores.

GOITA'.

Freguezia, 14 legoas ao O. N. O. do Recife, sobre terreno plano, que tomou o nome de um riacho afluente do Capibari-be. A Parochia he a da Senhora da Gloria, e pertence-lhe a parte da Freguezia de Pão d'Alho, e a da supprimida Freguezia, da Luz, cujas agoas correm para os riachos Goitá, Aratangi, e Cutunguba. Arrolou 2,039 Fogos, tem portanto 10,195 habitantes livres : dá 20 Eleitores.

COMARCA DE GOIANNA.

Comprehende a Freguezia do mesmo nome, e as de Tejucupapo, e Itambé.

MUNICIPIO DE GOIANNA.

GOIANNA.

Cidade, erecta em 1840, que sob o Governo dos Donatários pertenceu á Capitania de Itamaracá, e que já esteve sujeita á Parahyba, situada entre os rios Capibaribe-mirim, e Tracunhem em terreno elevado, 4 legoas distante da costa, e 14 ao N. N. O. do Recife. Limita pelo N. com o Termo da Parahyba, pelo S. com o de Iguarassú, por E. com o Oceano, e pelo O. com o districto do Limoeiro. O seu Termo abrange as Freguezias de Goianna, Itambé, parte da supprimida Freguezia de Pasmado, a margem esquerda do riacho Ubú, parte da de Tejucupapo ao N. de Carne de Vacca, e parte da de Tacoara, encravada n'esta Provincia, que tem estado sujeita ao Municipio da Alhandra, Provincia da Parahyba. He cabeça de Comarca, possui uma Aula de Latim, e duas de Primeiras Letras, sendo uma para Meninas; um Convento de Carmelitas da Reforma, um Recoilhimento de mulheres, a Igreja Matriz, (que he a de Nossa Senhora do Rosario) e mais 4 Templos, um Hospital de Misericordia, casa de Camara, e cadeia. Esta Cidade foi rica, e populosa, mas hoje tem alguma cousa decahido de sua opulencia; comtudo ella tem em si mesmo elementos de grandeza, e me persuado que para eleva-la ao seu brilhantismo antigo, nada he tão preciso, como abrir o rio, desembaraçando-o das grandes ramagens de mangue, que tem tornado o seu optimo canal, n'uma estreita camboa, tão cheia de voltas, e incommoda, que afugenta os commerciantes. O Recife faz uma despeza enorme com a sua illuminação, obras Publicas, &c. &c., justo he que com as Comarca de fóra, cujos habitantes contribuem com tão grossos cabedaes, se despenda tambem: a nossa Assembléa Provincial deve pois votar fundos, para a abertura do rio

Goianna. Estima-se a população do Municipio de Goianna em 39,720 habitantes livres, que pela maior parte são agricultores de cannas de Assucar. A Guarda Nacional forma um Commando Superior, composto de 2 Legiões, e estas de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 5 Batalhões de Caçadores, ao todo 3,502 praças, exclusive 328 Reservas. A Freguezia de Goianna arrolou 4,044 Fogos, tem portanto 20,220 habitantes livres: dá 40 Eleitores.

TEJUCUPAPO.

Freguezia, sobre o rio Megão, 12 legoas ao N. do Recife, e 3 longe da Cidade de Goianna. Tem uma Aula de Primeiras Letras, e uma Igreja Matriz, consagrada á S. Lourenço. Arrolou 1,594 Fogos, tem portanto 7,970 habitantes livres: dá 16 Eleitores.

GUAGIRU'.

Povoação, sobre a Costa, junto a fóz do rio Goianna, 15 legoas ao N. do Recife com uma Aula de Primeiras Letras. Ahi está a barra de Goianna, 4 legoas distante d'essa Cidade.

PEDRAS DE FOGO.

Povoação, na estrada do Norte, que devida Pernambuco da Provincia da Parahyba, 21 legoas ao N. N. O. do Recife, e 7 longe de Goianna. He o lugar da feira dos gados, e de grande commercio, e não tardará muito que se torne uma consideravel Povoação, tanto em riqueza, como em commercio. Tem uma Aula de Primeiras Letras.

PITIMBU'.

Povoação sobre a costa na Latitude de 7.º, e 14.', pouco mais de meia legoa ao S. do riacho Abiay, (que nos devida da Parahyba) e ao N. do Recife 19 legoas. Tem uma Aula de Primeiras Letras. O porto d'esta Povoação he comodo, e mui seguro o ancoradouro.

Freguezia situada em uma planice, legoa e meia distante da Costa, e 15 ao N. O. do Recife. Tem uma Aula de Primeiras Letras, Matriz a de S. José. Esta Freguezia arrolou 2,306 Fogos, tem portanto 11,530 habitantes livres : dá 23 Eleitores.

SERTÃO DE PERNAMBUCO.

O Sertão de Pernambuco tem de extensão de N. a S. 50 legoas, e 147 de E. ao O. Pelo lado do Sul principia (seguinto de E. ao O.) na ribeira do rio Ipojuca, em o lugar chamado Barra da Taquara, 2 legoas ao S. de Caruarú, termo do Bonito; estende-se além da nascente d'aquelle rio, e vai continuando para o Poente, oblicando para o S. até encontrar com o rio de S. Francisco. Pelo lado do N. principia, seguinto a mesma direcção, de E. ao O. na margem direita do rio Capibaribe, no lugar chamado Barra de Trapiá, 13 legoas ao O. do Limoeiro, sóbe além da origem d'este rio, até os Sertões da Parahyba, e ahi confina com o Termo da Villa do Crato, Provincia do Ceará, da qual he separado pela Serra Jabuticaba.

Este vasto territorio, maior do que alguns Reinos da Europa, ainda he mui pouco conhecido; serei portanto alguma cousa prolixo descrevendo-o. Permaneceu muitos annos, por assim dizer, entregue a si mesmo, governado por Capitães Mores irresponsaveis, cuja vontade era lei; em 1815 porém foi elevado a Comarca com um Corregedor, que em verdade pouco melhorou o seu estado: comtudo o seu commercio consideravelmente tem augmentado, pelo estabelecimento das feiras nos lugares povoados, e principalmente desde que se generalisou a cultura do algodão, em troca do qual recebe annualmente do Recife fazendas, e outros generos, cujo valor sóbe a melhor de mil contos de reis. Não he só no commercio, que o Sertão tem augmentado: a illustração, e a Moral não tem feito menos

progressos, n'essa interessantissima parte da nossa Provincia. Os Sertanejos, assim como se dão aos rudes trabalhos do campo, entregam-se igualmente à cultura das Letras, tanto quanto lhes he possível, já enviando seus filhos para a Capital, afim de se applicarem aos estudos maiores, e já aproveitando as Aulas, que em seu seio existem.

A Moral tem marchado a-la-par com a illustração, e n'esta parte talvez que o Sertão leve a dianteira às Cidades. Si alli as Sciencias não se tem disseminado como aqui, tambem o impio philosophismo, não tem feito lá um só proselyto. Conservados os austeros costumes de nossos Pais, os Sertanejos felizmente ainda permanecem n'essa paz de consciencia, que fortalece o Christão, que o anima nos trabalhos, que o consola nas enfermidades, e que por fim semêa-lhe de rozas o leito da morte.

CLIMA.

He quente, e secco nos lugares baixos, vulgarmente chamados — *Mimoso* —, mui temperado, e sobre maneira agradável no principio do Verão, e no Inverno. Humido, e frio nas eminencias, ou chapadas das Serras, vulgarmente chamadas Agrestes. O ar he saudavel, e, a excepção d'algumas febres e defluxões, que poucas vezes atacam, alli goza-se geralmente muita saude; e até a bixiga, unico mal que era temivel no Sertão, hoje tem diminuido muito com a miraculosa vaccina.

Pelo meiado do Verão os campos tornam-se aridos: as Serras, e os rochedos apresentando-se nús, offerecem em verdade um quadro melancolico; mas pelo Inverno, vulgarmente chamado tempo do verde, a vista se indemnisa com usura, pelo aspecto risonho e agradável, que o campo tapizado de verde lhe offerece. As arvores então revestidas de verdes folhas, e ornadas de odorifiras flores enbalsamam o ar, e tornam o Sertão um Paraizo de delicias.

ASPECTO DO SERTÃO.

O aspecto he montanhoso, e desigual pelas innumera-veis Serras de que está bordado.

As maiores planicies, que se encontram entre uma, e outra Serra não excedem á 6 legoas.

Nas fraldas das Serras, e nas planicies (no termo das Villas de Garanhuns, e do Brejo,) he onde estão estabelecidas a maior parte das fabricas de descaroçar algodão; alli por tanto cria-se pouco gado, porque a população emprega-se mais n'Agricultura; em Pajeú de Flores porém, onde se cultiva menos, e onde só os cumes, ou chapadas das Serras estão reservados para a Agricultura, cria-se muito maior quantidade de gados.

Do grande numero de Serras, que bordam o Sertão, são bem notaveis as tres grandes cadeias de montanhas, que formam tres cordilheiras de 2.^a ordem, e que se estendem na direcção de Nordeste Sudueste, com pequenas alterações. Entre estas Serras são notaveis, a da Onça, entrelaçada com a denominada Caxorro; a do Brejo, ou da Villa de Simbres; e finalmente a de Jacarará. No meio d'ellas, 40 legoas ao O. do Recife, nota-se, no districto do Poço, limitrophe de Santo Antão, o pico da Serra dos Caxorros, nu, e isolado, como o pico de Fernando de Noronha, apresentando uma formidavel base. Toda esta massa enorme, he uma só pedra, figurando dous hombros, d'entre os quaes sobresahe muitas braças o pico de figura conica. Avista-se este pico na distancia de 20 legoas, e quando se está mais proximo d'elle conhece-se que tem muito maior base e altura, do que o Pão d'Assucar do Rio de Janeiro. Pelo Oriente este pico he quasi perpendicular, e pelo Occidente o declive he mui pouco inclinado. O seu cume até hoje tem sido inacceivel, e não consta que o mais ousado caçador tenha pizado em cima. Apresenta a vista mais pithoresca que se offerece no Sertão, e talvez que este seja o ponto culminante de todos os Sertões do Bispado de Pernambuco. No pé da Serra, que supporta este grande colosso, ha duas deliciosas vertentes, uma do lado Oriental, e outra do Occidental, e he esta a que sacia os habitantes no tempo das crueis seccas.

Não menos digna de nota he a Serra contigua á povoação da Pedra, Termo da Villa de Simbres. Desde o cume

até a base he uma só pedra, como uma grande Lava dos gelos do Norte da Europa, e se estende ao nivel do terreno obra de 60 braças.

R I O S.

Os mais notaveis são o Capibaribe, e o Ipojuca, que correm do O. para E., oblicando para o S., e o Pageú em diversas direcções.

O Capibaribe nasce na fralda Occidental da Serra Jacarará no Olho d'Agoa do Gavião, e lagoa do Angú, e d'ahi, por entre a Serra donde nasce, e a do Brejo segue, recebendo os diversos riachos afluentes, que lhe engrossam a corrente, até que desemboca no Recife.

O Ipojuca nasce na Serra Jabuticába, e regando quasi o espaço de 80 legoas em diversas direcções, desagoa 12 legoas ao S. do Recife, perto da Povoação, á qual emprestou o nome.

O Pageú, ao qual dão os viajantes 73 legoas de curso, nasce no declive Meridional da Serra Borburema, no lugar chamado Serra do Teixeira, que separa Pernambuco da Parahyba. No seu curso recebe os riachos Canudo, S. Antonio de Lima, Gróssos, Varas, Cedro, e Riachão, e correndo E. O. até a Freguezia Serra-Talhada, ahi muda de direcção oblicando para o S., e, alargando mais seu leito com outros afluentes, vai desagoar caudaloso no rio de S. Francisco, pouco adiante da Fazenda da Barra, 21 legoas á cima da Caxoeira de Paulo Affonso, e não 8, como, por informações inexactas, se affirma na Corographia Brazilica. Este rio porém caudaloso no Inverno, pelo verão secca em muitas partes, ficando o leito cheio de poços aqui, e alli. Quando este rio enche; o Surubim, peixe grande e saborosissimo do rio de S. Francisco, recebendo a nova agoa, sóbe por ella, e vem servir de alimento mui grato aos moradores da Ribeira de Pageú. Abunda de lontras, cujas pelles são preciosas; e suas margens são povoadas por Garças brancas, e sinzentas, Putriones, Jaburús, e mais outras aves aquaticas.

PRODUCCÕES VEGETAES.

Difficilimo seria descrever todas as producções do fertilissimo Sertão, d'esse verdadeiro Eldourado, porque o numero d'ellas he quasi infinito; referirei apenas as de que tenho noticia. Usam os habitantes do Sertão em suas enfermidades (e vivem muitos annos, sem ouvirem nem ao menos fallar nos diversos systemas medicos) da Contraerva, da Ipecacuanha, da Quina, do Fumo bravo, da Macella, do Vellame, da milagrosa folha do Angico, (*) da entrecasca d'esta arvore, e igualmente d'outras muitas plantas de beira mar. Ha tambem com abundancia no Sertão a baunilha, o oleo de Cupahiba, o odorifico balsamo de Coquinho, &c., &c. Abunda em madeiras de marcineria, que infelizmente todos os annos são devoradas pelas chammas, quando se fazem roçados, isto he quando se preparam terras para plantações. O Sertão abunda igualmente de um arbusto chamado Pereiro: as folhas d'este arbusto são curtas, lisas, e ponteagudas. No mez de Março reveste-e de novas folhas (porque no Verão fica nú como os de mais vegetaes) e logo depois transuda em suas hastes um liquido resionso, do qual se formam vesiculas esbranquiçadas, que, derretendo-se com facilidade, dão uma especie de sêra, da qual se fazem velas louras, brandas e susceptiveis de qualquer polido; estas velas ardem bem, dão luz brilhante, e o cheiro, quando estão ardendo, não he desagradavel. Só esta producção poderia ser um manancial de riqueza; e talvez que ainda o seja, quando a industria, com o andar dos tempos, chegar no Sertão ao auge, que he de esperar do genio activo e emprehendedor de seus filhos.

O Sertão produz abundantemente optimo algodão, mandioca, cannas de assucar, legumes; em fim os Sertanejos,

(*) Nas feridas d'arma de fogo, he remedio infallivel. Si a bala não fere algum dos órgãos essenciaes á vida, e cuja lesão mata immediatamente, só he preciso, para curar a mais complicada e perigosa ferida, pisar a folha do Angico, bebêr tres vezes por dia o succo extrahido, e applicar sobre a ferida o bagaço, ou residuo desse succo. Eu vi com este remedio sómente em 1824 curar-se, entre outros, o Sr. Tenente Coronel Antonio Carneiro Machado Rios, ferido em uma acção.

retribuidos generosamente pela fecundidade do fertilissimo sólo que habitam, em verdade nada tem que invejar dos habitantes de beira-mar : todavia apezar d'esta fertilidade (*) a Agricultura não chegou ainda ao estado de grandeza de que he susceptivel, porque tem constantemente lutado com dous crueis obstaculos : as seccas, e as más estradas. Cabe aqui notar, que estes dous males podem ser neutralizados: o primeiro pelas fontes Artezeanas, e o seguudo pelo mesmo meio, que tem sido empregado a beira-mar. O Sertão paga uma contribuição avultada, he pois de toda a justiça que se neutralize o grande mal que o atrasa : as seccas. A tentativa mallograda dos poços Artezeanos não deve desanimar, porque sabe-se perfeitamente, que mallograram-se as diligencias que se fizeram, porque, por uma mal entendida economia, em vez de se convidar um Engenheiro habil, veio de Inglaterra para abrir os poços um trabalhador mui ignorante (nem sabia ler) que apenas, por ter sido servente na abertura d'estes poços na Europa, sabia trabalhar com a maquina ; e quem sabe si isto mesmo elle o fazia com perfeição.

PRODUCCÕES MINERALOGICAS.

O Sertão contém ouro, salitre, saes cristalizados, sabão pedra, pedras pretas, que se assemelham a Pyrites de cobre, e ferro de que muito abunda. Contem igualmente finissimas argillas de diversas cores, entre as quaes se nota a de côr amarella desmaiada, de que se fazem mui boas jarras, quartinhas, pratos, e mais vasos necessarios ao uso domestico.

COMARCA DO BREJO.

Comprehende a Freguezia do mesmo nome, e as do Termo de Simbres.

MUNICIPIO DO BREJO.

BREJO.

Villa, erecta em 1833, sobre a margem do riacho Madre de Deos, em uma planicie collocada junto de duas Serras,

(*) No Sertão (entre outras muitas plantas, que vegetam muito melhor do que a beira-mar) se colhem ordinariamente Repolhos de 20 libras de peso, e alguns tem havido de mais de 24 libras.

(uma a E., e outra ao S.) 50 legoas ao O. do Recife. Limita pelo N. com a Provincia da Parahyba, pelo S. com o Termo do Bonito, por E. com o de Limoeiro, e por O. com o de Simbres. Abrange as Freguezias do Brejo da Madre de Deus, e parte da de Taquaretinga á cima do riacho Tabocas, cujas agoas entram no rio Capibaribe; e parte da de Bezerras, que lhe pertencia antes da divisão das Comarcas. He cabeça de Comarca, e possui, além da Matriz, que he a Igreja de S. José, mais uma Capella consagrada á Senhora da Conceição, uma Aula de Latim, e duas de primeiras Letras, uma para cada sexo. A Villa do Brejo he hoje um dos lugares de maior commercio no Sertão: suas ruas, apezar de serem alguma coisa estreitas, apresentam bella vista, e alguns edificios, ultimamente levantados, tem embellecido-a muito. Todos os Sabbados ha alli uma rica feira, não só dos generos de primeira nesescidade, como de todos os mais de produccão do paiz, bem como algodão em caroço, couros, vaquetas, pelles curtidas e em cabello, sabão, sebo, aves, &c., &c., e tambem de muitas fazendas, e outras mercadorias levadas do Recife. He cortada por dous ribeiros, que seccão pelo Verão; mas como toda a varzea em que está situada, abunda d'olhos d'agoa, tem a vantagem de ter (principalmente em duas ruas que ficam a E.) no fundo de quasi todas as casas, fontes perenes para o seu uso. Além d'estas fontes, por assim dizer, particulares, possui a Villa mais tres fontes de agua crystallina, isto he, as de Taioba, Pingo, e Prata. Ha 85 annos que o Brejo principiou a ser habitado, e ha 50 que alli se generalizou a cultura do algodão, que tem enriquecido muitas casas. Durante o Inverno o ar he humido e frio, e pelo Verão soffre-se grande calor, porque os raios do Sol, vibrando na Serra, reflectem sobre a Villa. A Guarda Nacional forma uma Legião, composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 2 Batalhões de Caçadores, ao todo 699 praças, exclusive 107 Reservas. Arrolou 2,051 Fogos, tem portanto 10,255 habitantes livres, dos quaes uma grande parte compõe-se de agricultores, e outra de criadores de gados: dá 21 Eleitores. A' Comarca do Brejo pertence a parte da Freguezia de Taquaretinga, chamada Jacarará, que arrolou 909 Fogos, como se lê no fim da pag. 58

MUNICIPIO DE SIMBRES.

SIMBRES.

Villa mui antiga sobre a Serra do Orobá, 60 legoas. ao O. 4^a de O. S. do Recife. Limita pelo N. com o Termo do Brejo, pelo S. com o de Garanhuns, por E. com o de S. Antão, e pelo O. com o de Flores. Esta Villa he propriamente uma Aldeia, habitada por Indigenas, que muito se gloriam por descenderem das Tribus dos Xicurús, e Paratiós, mas que por sua natural preguiça, conservam incultas duas legoas de terra doadas por El-Rei, e que em mão de outro qualquer proprietario, muito produziriam em proveito das rendas Publicas, e mesmo dos Indios, conforme as condições com que se alienassem. Si a Villa he uma pobre Aldeia, o seu Termo pelo contrario he um dos mais ricos, e de maior importancia no Sertão; já pela sua riqueza, já pelos bellos, e magestosos edificios que o ornam, e já sobretudo, pelo grão de illustração a que tem chegado os seus habitantes, principalmente os de Pesqueira, Povoação para onde, pela Lei de 13 de Maio de 1836 se transferio a Séde da Villa. Tem uma Aula de primeiras letras: Matriz a Igreja da Senhora das Montanhas. Estima-se em 18,375 os habitantes livres do Termo de Simbres. A Guarda Nacional d'este Municipio forma um Batalhão de Caçadores, e uma companhia de Cavallaria, a qual pertence ao Esquadrão, que faz parte da Legião do Brejo, ao todo 628 praças, exclusivel 15 Reservas. A Freguezia de Simbres arrolou 2,919 Fogos, tem portanto 14,595 habitantes livres: dá 29 Eleitores.

ALAGOA DE BAIXO.

Freguezia erecta em 1842, 45 legoas a O. S. E. do Recife, e cujo districto foi demembrado do territorio da Freguezia do Buique, do qual fazia parte. Matriz a Capella de Nossa Senhora da Conceição. Esta freguezia depois de erecta ficou pertencendo a Comarca de Garanhuns, mas a Assembléa Provincial em sua Lei de 2 de Maio de 1843 desligou-a

do Jardim, que pertence à Provincia do Ceará; pelo S. com o mesmo rio; por E. com o Termo da Villa de Flores; e pelo O. com os das Villas da Barra, e Carunhanha, pertencentes à Provincia da Bahia, e com uma parte do districto d'Oeiras, Provincia do Piahy. Pelo lado de O. tem de S. a N. 50 legoas, e pelo lado de E. 30, porque a Serra Araripe, que he o nosso limite, ahi entra muito, formando um angulo para o N. O. Boa-Vista he Cabeça de Comarca, e comprehende as Freguezias de S. Maria, Assumpção, e Exú. N'esta Comarca, quando o rio de S. Francisco vasa (de Outubro até Março) não se goza muita saude nas proximidades do rio, pelas febres que assaltam os nabitantes, principalmente os que não estão climatisados; mas logo que se está 6 ou 8 legoas longe do rio, goza-se de um ar tão puro e saudavel, como em outra qualquer parte do Sertão; he portanto falso quanto se diz a respeito da insalubridade de toda a Comarca da Boa-Vista; pelo contrario he um paiz, como todo o Sertão, saudavel, e que mais que todos, convida os industriosos para o seu seio; porque, mesmo por estar ainda principiando, offerece muitas vantagens, que outra qualquer parte do Sertão já não pôde offerecer. Estima-se os seus habitantes livres em 41,495, que são criadores de gados. Já tem casas abastadas, e a civilisação vai fazendo progressos, a proporção que seus habitantes se vão illustrando. A Guarda Nacional faz ainda parte do Commando Superior de Flores; a saber, em Quebrabó, um Batalhão de Caçadores em Tacaratú, outro e no Exú um Esquadrão de Cavallaria. Estes corpos formam uma Legião, e ao todo contem 1,174 praças, exclusive 72 Reservas

QUEBROBO'.

Povoação, situada a margem do rio S. Francisco, 153 legoas ao O. S. O. do Recife. Foi, como Tacaratú, Julgado, e a pouco tempo ainda formava um Collegio Eleitoral de 18 Eleitores. Quebróbó he a Séde Parochial da Freguezia de S. Maria: a passagem do Juazeiro do lado de Pernambuco pertence ao seu districto. Esta Freguezia de S. Maria ar-

rolou 1,965 Fogos, tem portanto 9,825 habitantes livres: dá 20 Eleitores.

SANTA MARIA.

Freguezia, situada em uma ilha do rio de S. Francisco, 178 legoas ao O. S. O. do Recife. A Igreja Matriz está destruída, e o Vigario reside em Quebrobó, como acabo de referir: seus habitantes tem o mesmo genero de vida que os da Assumpção.

ASSUMPÇÃO.

Freguezia, situada na extremidade Occidental da ilha do mesmo nome, no rio de S. Francisco, 160 legoas ao O. S. O. do Recife. Tem uma Aula de primeiras letras. Matriz a Igreja da Senhora da Assumpção: seus habitantes são caçadores, e pescadores. Esta Freguezia, assim como a de S. Maria, que acima mencionei, foi Villa de Indios, cujo Senado era em parte preenchido por gente d'esta raça, da qual tambem havia um Juiz Ordinario, que em suas funções alternava com o Juiz de raça branca; hoje porém estas duas Villas não passam de decadentes Aldeias. Arrolou 1,576, Fogos, tem portante 7,880 habitantes livres: dá 16 Eleitores.

EXU'.

Freguezia, junto a Serra Araripe, 180 legoas ao O. N. O. do Recife. Matriz a Igreja do Senhor Bom Jesus do Exú. Esta Freguezia tem de S. a N. 6 legoas (do Caldeirão a Taboca) e de E. ao O. 10. (da Serra Araripe a Bagressi.) Arrolou 4,758 Fogos, tem portanto 23,790 habitantes livres: dá 48 Eleitores.

Pela Lei Provincial de 6 de Maio de 1843 foi elevada á Parochia a capella de S. Antonio, erecta no lugar denominado Salgueiro, que fazia parte da Freguezia do Exú; tem portanto a Provincia mais esta Freguezia, por quanto dependendo somente o provimento do respectivo Vigario da promptificação da Igreja, estou convencido que a piedade dos fieis

que promoveram a creação da nova Freguezia, não arrefecerá na conclusão da sua tão meritoria obra.

No rio de S. Francisco ha, além das ilhas habitadas, outras, pela maior parte pequenas, e baixas, as quaes postoque, quando o rio enche, ficam alagadas desde Outubro até Fevereiro, comtudo nos outros mezes são optimas terras para plantações, e que abundam de viveres aquelles lugares.

F I M.

ERRATAS DO ENSAIO TOPOGRAPHICO-HISTORICO.

Pg. 44 linha 1.^a em lugar de Capunga, lea-se Tacaruna.

Alguns outros erros, que escaparam na correcção, se encontram, mas são tão insignificantes que *não val a pena de emendal-os*. Estou certo que o judicioso leitor benignamente os supprirá.

THE YEAR OF 1772

... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

MEMORIAS HISTORICAS

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

TOMO I.

SECULOS 16. E 17.

LIVRO 1.º

Da origem da Nação Portugueza; dos descobrimentos da America, e do Brasil; dos Indigenas de Pernambuco; do Governo dos Donatarios n'esta Provincia, e dos feitos dos Pernambucanos nas conquistas do Maranhão, e Pará.

CAPITULO 1.º

Breve noticia da Nação Portugueza, desde sua origem até o descobrimento da America.

300 A 1300.

INTRODUÇÃO

O jugo ferreo, as tyrannias, as injurias, e em summa a soma de males inauditos, com que por tantos annos os Portuguezes nos flagellaram, despertando no coração Pernambucano justissima indignação, excitam em verdade o desejo de varrer de nossa idéa até o nome Portuguez. Mas injustiça seria confundir esses Portuguezes, (escoria da Nação) cuja maior parte era derramada pelo Brasil em consequencia de seus vicios, com os Illustres e virtuosos Fidalgos, povoadores de Pernambuco, que, atravessando o grande Atlantico, e deixando o Paiz em que viram o seu primeiro dia, vieram aqui sacrificar-se, e expôr as vidas, para que brilhassem em nossa Patria a Luz do Evangelho, e as virtudes que então distinguiam a pequena, mas opulentissima Nação Portugueza. Foram esses homens virtuosos os nossos Maiores, foram elles que civilisaram Pernambuco, justo he que não os confundamos com os degenerados, que depois barbaramente nos dominaram.

Si pois descendemos d'esses Portuguezes , necessario he que nas presentes Memorias, nas quaes tenho por fim dar apontamentos para a Historia do nosso Povo, me remonte á sua origem.

Lançando a vista ás paginas da Historia, acho a Luzitania constantemente tão ligada em seus principios com a Hespanha, que me parece uma, e a mesma Nação. Estes dous povos passaram por muitas mudanças, antes de occuparem um lugar distincto na lista das Nações; porém como só he meu proposito dar uma mui breve noticia da origem da Nação Portugueza, deixarei em claro essas mudanças, de que sempre foi arbitra a sorte dos combates.

Scipião, o moço, terminando a guerra, na qual desputou aos Cartaginezes a posse da Hespanha, sujeitou ao dominio Romano toda a Peninsula. Agripa no tempo de Augusto completou esta conquista, pela redução dos Cantabrios, e então os Imperadores Romanos perpetuaram alli seu pacifico dominio. Sob o governo de Galba, a Luzitania continha cinco Colonias Romanas, e Ulysipto (Lisboa) era uma Cidade privilegiada.

No fim do 5.º Seculo, começando a sublevação dos povos do Norte, começou tambem a lenta destruição do Imperio Romano. A Hespanha successivamente foi invadida pelos Alanos, Suevos, e Wisigodos, reinando estes ultimos por mais de tres Seculos. Os Arabes, ou Sarracenos, apoderando-se della pouco depois, ahi se estabeleceram, ficando apenas livres as montanhas das Asturias, que vieram a ser o abrigo dos residuos da opulencia dos Godos. Um punhado d'estes Christãos, capitaneado por Pelagio, pôde resistir aos conquistadores Arabes; e os successores d'este heróe, inthusiasmados com seu exemplo, e recuperando o Sceptro Gothico, fundaram o Reino de Oviedo e de Leão, berço da Monarchia Hespanhola.

Então os altivos habitantes das Asturias, transpando os limites prescriptos pelos Musulmanos Arabes, estendem além de suas montanhas a confederação Christãa, que por feitos d'armas cada dia se tornava mais respeitavel. Fortificados os Christãos no Norte da Hespanha, não tardaram em dividir-se

politicamente. Leão, Castella, Aragão, e Navarra governaram-se cada uma sobre si; mas confederadas para resistirem ao commum inimigo. A Hespanha Musulmana coube igual sorte: aos reinados brilhantes dos Califas Omniades de Cordova, succederam divisões, e guerras civiz. Os Emirs, ou Governadores das Provincias, sublevando-se, tornaram-se pequenos Soberanos independentes, e este estado revolucionario obstou a que os Arabes se oppozessem aos progressos dos Christãos, que do Norte da Peninsula, ameaçavam o Meiodia da Europa.

S. Fernando Rei das Hespanhas no principio do Seculo 11º leva suas armas além do Tejo, e, expulsando os Musulmanos, marca os limites de seu dominio. Entretanto novamente se dividem os Estados Christãos; mas Affonso, filho de S. Fernando, reunindo emfim sobre sua cabeça todas as Corôas de seu Pai, bate os Musulmanos, dilata seus Estados, penetra até a fertil Andaluzia, subjuga uma parte das margens do Tejo, e com o titulo de Rei de Castella adquire tanta celebridade, que attrahe á Hespanha muitos jovens cavalleiros Francezes.

Entre esta briosa mocidade se distinguia Henrique de Borgonha, de origem Capeta, neto de Roberto 2.º Rei de França. Tendo servido primeiro sob as ordens do illustre Cid, cuja gloria o attrahira, assignala Henrique seu valor contra os Mouros da Luzitania, e alcança do Rei de Castella e Leão o titulo de Conde, e a mão de D. Thereza filha legitima (*) deste Monarcha.

Unido o Conde Henrique a Castella, illustrou seu nome por uma multidão de façanhas contra os Mouros, e subjogou a fertil Provincia comprehendida entre o Minho, e o Douro, a qual perdendo então o seu nome de Luzitania tomou o de Portugal, cuja ethymologia a mais verosimil faz dirivar este nome da Cidade do Porto, fundada pelo Conde D. Henrique, e da Villa de Calé, que lhe fica na margem opposta do Douro-Porto-Calé, ou *Portugal*, por corrupção do vocabulo.

(*) Alguns historiadores menos exactos dizem que D. Thereza era filha natural, mas Barbosa no seu Cath. das Rainhas de Portugal pg. 7 prova que era filha legitima.

D. Henrique de Borgonha, elevado a Conde de Portugal, e vassallo do Rei de Leão começa a governar, tendo sómente sob seu dominio as Cidades do Porto, Braga, Miranda, Lamego, Coimbra, e Viseu, e por seus novos triumphos, sem tomar o titulo de Rei, lança os primeiros fundamentos da Monarchia Portugueza. Seu filho D. Affonso Henriques, herdeiro de sua gloria, e de seu valor, destroçando um poderoso exercito de Mouros, e matando em um só dia cinco dos Reis, que capitaneavam este exercito, foi acclamado pelos seus Soldados Rei de Portugal em 1139 no Campo de Ourique, theatro desta sanguinolenta batalha. Depois as primeiras Córtes Portuguezas juntas em Lamego em 1143, e compostas por Prelados, Nobres, e Deputados das Cidades confirmam a eleição dos Soldados, e promulgam as leis fundamentaes do Reino, declarando-o hereditario, e independente.

El-Rei D. Affonso Henriques, fundador, e legislador ao mesmo tempo, illustrou um reinado de 46 annos por uma administração paternal, e por seus desvelos no progresso das sciencias. A dynastia deste Fundador da Monarchia Portugueza imperou até o fim do Seculo 16^o. Em seu reinado, e pelos seus cuidados, a Ordem de Cavallaria, essa brilhante instituição, que desenvolve as mais nobres paixões do homem, estabeleceu-se nas margens do Tejo com a mesma pompa, e galantaria com que desde seus principios florecêra em França, e em Inglaterra. As frequentes relações com os Mouros imprimiram no character Portuguez uma tal mistura de polidez e galantaria, que bem depreça a lingoaguem do amor, tomou aquelle tom sublime, que parecia ser propriedade exclusiva da fogosa imaginação Oriental. Viram-se pois em Portugal, repetidos torneios, e festas magnificas: a gravidade, e altivez, e em summa as paixões nobres, porém fortes tornaram-se o distinctivo caracteristico dos Cavalleiros, ou Nobres Portuguezes. Formou-se então esse espirito Nacional, que os successores de D. Affonso 1.^o sublimaram, já pela igualdade que estabeleceram entre si, e a Nobreza, e já pelos limites que elles mesmos marcaram ao Poder Real. As Córtes foram muitas vezes convocadas, a legislação, excitando o amor das grandes virtudes, conferia os titulos de Nobreza

em recompensa não só de serviços militares, mas ainda d'aquellas acções, que caracterizam o desinteresse, e a grandeza d'Alma. As guerras Portuguezas eram ao mesmo tempo Religiosas, e Politicas, e o zelo da Nação era igualmente excitado pela propagação da Fé, e pelo duplicado interesse da expulsão dos Mouros.

Os successores de D. Affonso edificaram cidades, construíram armadas, animaram o povo, e uniram a Portugal o pequeno Reino do Algarve, que tomaram dos Mouros. Nos primeiros Seculos da Nação Portugueza, vê-se ella expulsar os Musulmanos, fortificar suas fronteiras, e combater, ora os infieis, ora os Castelhanos, quasi sempre com vantagem; vê-se este povo bellicoso, cultivar ao mesmo tempo a agricultura, o commercio, e as artes; vê-se tambem o Clero, e a Nobreza, naturaes apoios do Throno, exercitar no Estado uma notavel influencia, e oppôr barreira às invasões do Poder absoluto; vê-se em fim pretenderem os Monarchas por diferentes vezes, mas em vão, despojar o oppulento Clero de sua preponderancia; porém tambem se vê todos estes esforços malograrem-se diante deste Corpo respeitavel, que encontra apoio inexpugnavel no Poder espirital dos Papas, perante os quaes algumas vezes se curvaram os Reis Portuguezes. Perturbações frequentes, e guerras civiz conservaram todavia à Nação sua vaidade e energia, sem comtudo alterar suas virtudes.

Os Nobres retirados da Cidade e da Côrte, conservavam nos Palacios os retratos de seus antepassados, como para terem um constante exemplo de suas façanhas e virtudes, que lhes cumpria imitar.

Estava pois toda a Nação já preparada para grandes em-
prezas, quando nos fins do Secculo 14.º D. Fernando 1.º, no-
no Monarcha, morreu sem deixar herdeiro masculino, depois
de ter casado D. Beatriz sua filha (*) com D. João 1.º Rei de
Castella, julgando assim assegurar o Throno a seu genro, ou

(*) Alguns historiadores, inimigos da Rainha D. Leonor, e que desejavam que Portugal se unisse a Castella aproveitando a fraqueza que a Rainha teve, entregando-se ao Conde João Fernandes de Andeiro, disseram que D. Beatriz não era filha do Rei, e sim d'este Conde; mas isto he falso porque o criminoso ajuntamen-

a seu Neto, então já nascido. Mas a aversão que os Portuguezes tinham ao dominio Castelhana, fez com que elles fizessem que D. João, irmão natural do Rei defunto, cedendo ás instancias (**) de seus compatriotas, se apoderasse do Governo, dando-lhe as Côrtes, convocadas em Coimbra, a Côrta, que elle assegurou sobre sua cabeça pela famosa batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1358, na qual, com o soccorro dos Inglezes, desbaratou os Francezes, e Castelhanos que lhe disputavam o Reino.

Este novo Rei, a quem a historia chama *D. João o natural*, foi o tronco da segunda linha, que por espaço de dous Seculos occupou o Throno de Portugal. O seu reinado foi illustre, não só pela victoria decisiva de Aljubarrota, mas ainda pela expedição que armou contra os Mouros, aos quaes, penetrando até Africa, perseguiu, tomando-lhes Ceuta na famosa batalha de 1415.

Desde então começaram os Portuguezes a conhecer a necessidade da navegação, e dos descobrimentos. O reinado de D. João 1.º se faz digno de contemplação, principalmente pelo impulso e movimento que o Infante D. Henrique, digno filho deste Monarcha, deu ao espirito de sua Nação, vencendo preocupações, que até então pareciam invenciveis.

Instruido na Geographia, e nas Mathematicas, activo, comprehendedor, illuminado o Infante D. Henrique abriu a seus compatriotas uma carreira gloriosa. Possuidor de um pequeno terreno na extremidade Occidental do Algarve, ali faz construir navios a sua custa, e os envia a reconhecer a costa d'Africa. Os Portuguezes, em todos os tempos comprehendedores, abrem pelas ondas caminhos até então ignorados, e, navegando mares nunca feudidos, dobram os Cabos até esse tempo considerados como limites do Mundo, assombrando a Europa por empresas atrevidas!

Pela influencia de D. João 1.º, e pela inspiração de seu genio, os Portuguezes descobrem, primeiro as Ilhas da Ma-

to da Rainha com o Conde teve lugar em 1380, quando o Rei esteve em Estremoz, e D. Beatriz nasceu em Coimbra em 1372. Veja-se Fr. Luiz dos Anjos Jard. de Portug. pag. 254.

(**) Veja-se Fern. Lop. Chron. Port. Part. 1.ª Cap. 20.

deira, das Canarias, e de Cabo-Verde, as dos Açores, e, depois, dobrando o Cabo Bojador, correm ao longo da costa Occidental d'Africa, até onde nunca ainda haviam chegado outros navegantes. Foi também sob seus auspícios, que os Portuguezes descobriram, ainda que mais tarde, as costas de Guiné, e ahi se estabeleceram. O Illustre Infante D. Henrique falleceu em 13 de Novembro de 1460 com quasi 67 annos de idade, pouco depois de ser acclamado Rei D. João 2.º seu Sobrinho. Si Portugal não contou este Infante no numero de seus Reis, o mesmo Portugal, e toda a Europa, o colloca a par dos mais assignalados Varões. He á elle incontestavelmente que se devem as primeiras idéas, que nos fins do Seculo 15.º franquearam o descobrimento da America.

El-Rei D. João 2.º, que tinha subido ao Throno, pouco antes da morte de seu tio o grande Infante D. Henrique, era, a alma das grandes empresas dos Portuguezes. Além de cuidar seriamente no governo de seu Reino, elle presidia aos trabalhos, e animava seus Vassallos com um desvelo Paternal, entretanto que nas outras duas partes do Mundo então conhecidas, os povos gemiam curvados a um jugo estranho. Enquanto a Persia experimentava a tyrannia dos Tartaros, o Egypto se curvava á milicia dos Mamelucos, e o resto d'Africa, dividido por muitos Xerifes, reconhecia por senhor o tyranno de Marrocos; a Nação Portugueza fundava novos monumentos da sua gloria, sobre todos os pontos onde a levava sua infatigavel actividade. Forão pois estes Portuguezes illustres, que se tinham assignalado pelo exercicio de grandes virtudes civicas, e Religiosas que povoaram Pernambuco.

CAPITULO II.

Christovam Colomb descobre a America ; descripção da sua viagem.

1486 A 1492.

Qual fosse o lugar em que Christovam Colomb vio pela primeira vez a luz do dia não ha certeza absoluta. Uns lhe dão por Patria *Nerni*, ou *Cugureo*, pequenas povoações vizi-

nhas de Genova , outros Savone ; o que he certo porém he que seus Pais , subditos da Republica de Genova , gozavam de grande consideração em seu Paiz , e que perdendo pelas guerras de Italia , a fortuna que possuiam , se entregaram ao commercio maritimo para ter de que subsistir.

Christovam Colomb desde sua puericia , manifestou grande gosto , e propenção para a vida da mar ; seus Pais portanto , aproveitando o talento que lhe descobriam , puzeram todo o cuidado em dar-lhe uma educação analoga a tão boas disposições. Colomb pois entregou-se com tanta applicação ao estudo da Geometria , Cosmographia , e Astronomia , fez n'estas sciencias tão rapidos progressos , que ainda antes de completar quinze annos de idade , entrou em 1461 na carreira que devia illustrar seu Nome.

Em suas primeiras viagens , sob a direcção de Nauticos Genezezes , Colomb dirigio-se aos portos do Mediterraneo ; porém desejando dilatar seus conhecimentos , emprehendeu visitar os mares do Norte , nos quaes logo se adiantou muitos grãos pelo interior do circulo Polar. Depois Christovam unio-se a um seu parente , tambem chamado Colomb , e Nautico distincto , que com uma pequena fragata armada a sua custa , se havia enriquecido , e feito celebre por correrias , tanto contra os Turcos , como contra os Venezianos , rivaes dos Genezezes no commercio. Durante alguns annos , que durou esta associação , Christovam servio de um grande socorro a este parente , a quem communicou seus conhecimentos , e defendeu por sua coragem ; mas o genio d'este grande homem estava em um circulo mui estreito n'este genero de navegação !

Gozavam então os Portuguezes de uma grande nomeada como descobridores : suas emprezas ousadas abriam portanto um vasto campo á todos aquelles a quem animava o desejo de ver paizes novos , ou de distinguirem-se por feitos d'armas ; de tal sorte que já alguns maritimos , amigos de Christovam , estavam ao serviço de Portugal. Colomb , imitando seus amigos , não tardou em distinguir-se por seu merecimento , e por seus talentos. Estabelecendo-se em Portugal , espôsa a filha de Perestrello , famoso navegante que havia

descoberto as ilhas da Madeira, e Porto Santo. Morto Pe-restrello, seus Diarios, e suas cartas tornaram-se propriedade de Colomb, que d'elles se aproveitou para estudar as primeiras operações dos Portuguezes, e para não só colher noticias curiosas, como tirar conclusões importantes, que todavia só adoptou como certas, depois de verificadas por elle mesmo nas viagens que empreendeu, e em que se mostrou um dos mais habéis navegantes do seu tempo.

Ávido de conhecimentos, e capaz de meditações profundas, Colomb não cessava de estabelecer ligação sempre luminosa, entre as antigas, e novas descobertas, remontando-se sobretudo aos principios que tinham guiado os Portuguezes. Persuadido que se podia, não somente ir mais longe do que elles foram, mais ainda achar, (tomando uma direcção opposta) um caminho mais curto, do que aquelle pelo qual elles procuravam uma communicação com o continente da India; esta opinião ousada, o conduzio naturalmente a outra, da qual elle tirou grandes consequencias. Examinando a extensão do caminho que os Portuguezes percorriam, prolongando-se pela Costa d'África, conjecturou, que, pois que tanto se penetrava pelo meio dia, se poderia tambem descobrir novas terras, amarando-se para o Occidente. Este raciocinio, a authoridade dos Cosmographos, e varios indicios attestados pelos navegantes, o fortificaram cada vez mais em sua opinião. Elle pois com toda a boa fé, que em nada diminue sua gloria, publicou seus principios, e sustentava-os dizendo: = *Estando a figura da Terra conhecida, e a grandeza de seu volume determinada com alguma exactidão, segue-se evidentemente, que os continentes da Europa, Asia, e Africa, não formam se não uma pequena parte da superficie do globo terrestre . . . He pois mui natural que o continente do mundo conhecido, collocado em um dos lados do globo, seja, no hemispherio opposto, equilibrado por uma quantidade de terra pouco mais ou menos igual a esse continente. Além d'isto, sustentava Colomb: os Pilotos que se tem amarado mais ao Oeste attestam que tem visto sobre as agoas cannas de uma grossura enorme, e sem semelhança alguma com as cannas Europeas, d'onde se conclue que ellas vem de alguma terra desconhecida, situada*

no ponto opposto. Quando o vento sopra do Occidente o mar lança algumas vezes sobre as praias dos Açores pinheiros que as ilhas não produzem. Tem-se visto até homens de uma especie nova, em canoas; e finalmente concluia Colomb, dous corpos d'estes estrangeiros, arrojados pelo mar nas costas dos Açores, convençe que ha um Mundo desconhecido, porque examinados estes corpos se observou grande dessemilhança entr'elles, e os dos homens do Mundo conhecido.

Convencido pois Colomb, já pelas suas observações, e já pelas noticias adquiridas, que havia um outro Mundo habitado, não lhe sahia da memoria descobri-lo; mas esta empreza demandava grandes despezas, e elle não as podia fazer. Lembrou-se primeiro de sua Patria, e apresentou ao Governo sua theoria e observações; mas o Senado de Genova despresou o projecto por chimerico. Vendo que sua Patria despresava o fructo de seus estudos, Colomb offereceu-os ao Rei de Portugal D. João 2º. Este não os reputou chimericos, como o Senado de Genova, e pelo contrario agasalhou seu author; mas cioso de se distinguir elle mesmo por operações maritimas, e ávido de novas possessões, fez partir secretamente uma Caravella para tirar a Colomb a gloria da descoberta. Esta expedição teve o successo que merecia: o Piloto encarregado pelo Rei de se servir do plano de Colomb, como era inhabil para isso, depois de ter errado alguns tempos sobre o mar, voltou para Portugal, assegurando que o projecto devia ser considerado como um sonho.

Indignado por este procedimento Colomb deixou Portugal, e passou para Hespanha em 1484 com designio de apresentar seus planos a Fernando, e Izabel, que então governavam os Reinos unidos de Castella, e Aragão. Aquelle Principe, um dos mais instruidos, e dos mais opulentos da Europa, acolheu favoravelmente o projecto, e assegurou que elle faria todas as despezas para a sua execução. Mas tendo que lutar com os prejuizos do tempo, e com a ignorancia dos seus conselheiros, Colomb vio-se illudido por mais de cinco annos com vans esperanças, até que disposto a deixar Hespanha, estava já a partir, quando á instancias do Prior João Peres, Confessor da Rainha, ainda se demorou, sujeitan-

do-se a que o seu projecto se submetesse a um novo exame. Finalmente aplainadas todas as difficuldades, principalmente pelo interesse que n'este negocio tomou o dito Prior, Fernando, e Izabel assignaram um contracto, pelo qual estes Soberanos creavam a Colomb, (e a seus herdeiros) Grande Almirante, e Vice-Rei de todas as ilhas, e continentes que elle descobrisse, concedendo-lhe o dizimo de todas as producções, e commercio. Izabel pôz toda a actividade nos preparativos da viagem; Fernando porém, posto que seu nome figurasse no contracto, testemunhava ainda uma tal desconfiança na execução do projecto, que não quiz tomar nenhuma parte n'elle, na qualidade de Rei de Aragão, estipulando com sua Esposa, que todas as despezas seriam feitas a custa da Corôa de Castella. Colomb depois do contracto, despedindo-se de Suas Magestades, dirigio-se para o porto de Palos, pequena cidade da Andaluzia, onde se esquipavam os Navios destinados para a expedição.

O armamento todavia não correspondia, nem a dignidade da Nação, nem á importancia da empreza, cujas despezas, que tanto haviam inquietado o circumspecto Fernando, apenas montaram a cento e oitenta mil pezos fortes pouco mais, ou menos. A expedição compunha-se de tres navios: o maior era de um porte consideravel, mas os outros dous não passavam de Escunas. Aproveccionados para um anno, tendo de equipagem noventa homens, entre os quaes se distinguiam alguns Gentiz Homens da Côrte de Izabel, encarregados de acompanhar Colomb, e os tres irmãos Pinzons, ricos e bons maritimos de Palos, que quizeram seguir a fortuna do heroe, cuidaram em dar a vela. O maior dos navios, commandado por Colomb na qualidade de Almirante, recebeu d'elle o nome de *Santa Maria*, em Honra da Virgem Nossa Senhora, de quem era mui devoto; o segundo chamado *Pinta*, era commandado por Martin Pinzon; e o terceiro chamado *Nigna* por Diogo Pinzon.

Era preciso sem duvida o genio, e coragem de Colomb, assim como a intima convicção em que elle estava da exactidão de seus calculos, para se abandonar a uma navegação tão perigosa, e por mares desconhecidos com tão fracos

meios ! O illustre viajante não ignorava por certo os perigos que ia vencer ; mas quam poderoso não he em uma Alma grande , o desejo de adquirir gloria , e sobretudo a confiança na Divindade ! Colomb não quiz embarcar , antes de ter por um acto publico de devoção , chamado sobre si , e sobre seus companheiros , a Protecção do Todo Poderoso. Em procissão dirigio-se Colomb , e seus companheiros de viagem à Igreja do Mosteiro da Rabida , onde todos se confessaram , receberam a absolvição de suas culpas , e commungaram pelas mãos do respeitavel João Peres , que tanto favoreceu esta empreza. Depois d'esta tocante cerimonia todos os assistentes dirigiram a Deus preces pelo bom successo de uma empreza , que não podia deixar de estender a Fé Christãa. Finalmente na manhã de terça feira 3 de Agosto de 1492 ao sahir do sol , e em presença de um numero consideravel de espectadores , cujas Almas balançavam entre o temor , e a esperança , Colomb deu a vela para esta expedição memoravel , cujos resultados tem tido uma tão grande influencia nos destinos do Mundo.

Do porto de Palos Colomb seguiu direito às Canarias , onde chegou depois de dez dias de uma navegação , cujos menores acontecimentos foram recolhidos com um interesse tal , que só a magnitude da empreza póde justificar. O leme da *Pinta* quebrou-se no segundo dia de viagem. Os marinheiros , gente de um espirito fraco , e pela maior parte visionaria , postoque descobrissem n'este accidente o presagio de um máo successo , e testemunhassem os mais vivos temores , notando então a insuficiencia dos navios para uma viagem que se suppunha mui longa , e perigosa , comtudo continuaram a viagem. Colomb antes de se metter outra vez a caminho fez cuidadosamente reparar , e fortificar todos os navios , embarcou provisões frescas , e a 6 de Setembro partio de Gomera , a mais Occidental das ilhas Canarias.

D'alli fazendo prôa do Oeste , e deixando os caminhos já sabidos , se entranhou em um mar até então desconhecido. Quando no segundo dia de viagem os marinheiros perderam terra de vista ; imaginando , que nunca mais tornariam a vel-a , nns sem coragem , e abatidos , lembrando-se de sua Patria ,

choravam por seus pais, e levavam os dias a lastimarem-se; outros dando a conhecer um mais violento desespero, dirigiam vivos reproches a Colomb, a quem faziam responsavel por suas vidas, accusando-o de uma ambição illimatada, de que seriam todos deploraveis victimas. Mas Colomb por um dom tão feliz, quanto raro, reunia aos talentos de um grande Nautico, a capacidade necessaria para commandar homens, e guiar os espiritos: tanto insinuante e persuasivo, quanto firme sem arrogancia, elle deveu a seus discursos o chegar a consolar, aquietar, e conservar em obediencia seus subordinados, que por mais de uma vez, durante a viagem, renovaram seus queixumes, e ameaças. A gravidade de seu semblante, o sangue frio que mostrava nos perigos, inspirava a aquelles que tinham n'alma alguma elevação, uma confiança que augmentava sua coragem, em quanto os outros na esperança de riquezas nutriam a cubiça, prolongando sua perseverança.

Colomb velava dia, e noite, e sentia vivamente que a fadiga o constrangesse a dormir algumas horas. O movimento do mar, a direcção das correntes, o vôo dos passaros, os peixes, as plantas marinhas, e todos os objectos que fluctuavam sobre o mar eram objectos de suas observações. Colomb empregava differentes meios para animar seus companheiros; era um d'estes meios occultar-lhes o verdadeiro numero de legoas que tinham navegado, dando-lhes sempre um terço de menos; porém o temor tornou-se geral quando na distancia de perto de 300 legoas ao Oeste das Canarias, se apercebeu que a agulha não apontava exactamente para a estrella Polar, porém um grão mais ao Oeste, differença que crescia a medida que se adiantava. Abandonados da unica e preciosa guia que póde encaminhar os homens no mar, os navegantes se persuadiram perdidos no meio de um Oceano sem limites. N'esta circumstancia Colomb mostrou tanta presença de espirito, quanta sagacidade, e conseguiu socegar a sua gente, explicando-lhe de uma maneira propria a tranquillisal-a aquelle phenomeno, cuja causa elle em verdade ignorava, como ainda hoje se ignora, se bem que não dá lugar a inquietação, que então lhe deu.

A quatrocentas legoas das Canarias o mar offerece o aspecto de um longo prado, porque as plantas que o cobrem se encontram em alguns lugares tão espessas, que embaraçam a carreira dos navios. Aqui a explicação de Colomb pareceu aos marinheiros perder toda sua clareza, persuadindo-se elles, que tinham chegado ao termo de toda a navegação possível, e que infallivelmente iam morrer. O Almirante porém achou pelo contrario um motivo para encorajar-se n'aquillo mesmo que fazia a desesperação de sua gente: segundo elle, estas hervas eram um signal certo da visinhança de alguma terra. Os navegantes esforçavam-se para participar da segurança de seu Chefe, quando um vento fresco veio felizmente desembaraçal-os d'essas plantas importunas, ao mesmo tempo que viram-se alguns passaros estranhos voltejar em roda dos navios, e voarem para o Oeste. Então cada um tomou coragem, convindo na justeza dos calculos do Almirante; mas esta favoravel disposição dos animos não durou muito tempo.

Colomb segundo seus calculos achava-se no 1.º de Outubro a setecentas e setenta legoas ao Oeste das Canarias, e segundo o seu costume declarou a sua gente que tinha andado sómente dous terços. Apesar d'esta precaução elle não pôde impedir que o terror se apoderasse de toda a equipagem. Julgava-se mais que nunca impossivel qualquer descoberta: os prognosticos tirados do vôo dos passaros, e outras circustancias não se haviam realisado; as seguranças dadas pelo Almirante tinham sido enganadoras; emfim toda a esperança se esvaecia com o aspecto de um mar immensuravel, que parecia não prometter senão uma navegação infinita, e innumerous perigos. O murmurio crescia de dia, em dia; discursos os mais resolutos attrahiam os timidos, e em fim as equipagens dos tres navios se rebellaram contra o Almirante, tratando-o por miseravel aventureiro, que para executar um plano chimerico, conduzia a uma perda certa os infelizes subditos d'um Principe credulo, cuja protecção havia usurpado: até se propôz lançar Colomb ao mar. Sua morte, diziam, dará liberdade para pensar na volta, em quanto os navios se acham em estado de se conservarem em cima

d'agoa. Todavia o conselho geral foi de se constringer o Almirante a tomar um partido, que assegurasse a salvação de todos.

Colomb não ignorava a conspiração, que contra elle se tramava; mas elle fingia ignoral-a, apresentando um rosto alegre, ao mesmo tempo que sua alma lutava em uma constante agitação. Colomb fallava a cada um segundo seu character; a uns dirigia consolações, a outros reproches: agora elle exaggera aos olhos de uns a opulencia que brevemente seria sua partilha, logo lembra a outros suas promessas feitas perante Deos, e o Rei. Em quanto pois elle se occupava assim em aquietar os animos, indicios de visinhança de terra appareceram, que fizeram renascer algumas esperanças, que todaviaesvaecendo-se, não tardaram em ser seguidas de novos alarmas. A rebellião appareceu em fim com violencia: ajuntaram-se tumultuosamente sobre a tolda os conjurados, e ameaçaram seu Chefe: este em vão tentou acalmar os animos; seus discursos foram interrompidos por gritos de impaciencia, e de raiva, que bem demostravam, que já não havia nem respeito, nem subordinação.

Constrangido a transigir com os rebeldes, Colomb conservava todavia ainda poder sobre elles para obter uma dilação sufficiente, afim de completar a execução de seu projecto. Prometteu pois solememente de se conformar com o que exigissem, com a condição porém de que continuariam a obedecer-o por mais tres dias, porque passado este termo, elle promettia abandonar sua empresa, e leval-os a Hespanha. Esta proposição foi geralmente aceita.

Entretanto appareceram em grande quantidade bandos de passaros, entre os quaes se notavam especies das que não se alongam muito de terra. Um marinheiro da *Pinta* vio uma canna flutuando sobre o mar, que parecia cortada á pouco, e um pedaço de pão trabalhado por mão de homem. A gente da *Nigna* achou um tronco de arvore golpeado de fresco. O ar tornou-se mais doce, e mais quente, as nuvens a roda do sol offereceram um aspecto differente, e durante a noite o vento foi variavel. Todos estes signaes, cheios de encantos, e de interesse para Colomb, não lhe permittiram mais duvi-

dar que estava mui perto de terra. Na noite de 11 de Outubro, depois de uma prece geral, elle fez carregar as velas, fazendo pairar os tres navios, ao mesmo passo que velou toda a noite com receio de dar a costa. Pelas dez horas apercebendo ao longe uma luz, chamou dous de seus principaes officiaes, e todos reconheceram que esta luz se movia, e era levada de um lugar a outro. A' meia noite se ouviu gritar da *Pinta*: Terra! Terra! Terra!

He impossivel descrever a satisfação que estes gritos levaram ao coração dos navegantes; elles iam em fim ver essa terra desejada, que faria esquecer tão grandes tormentos. Todavia, depois de tantas esperanças frustradas, alguns não ousavam ainda dar credito a existencia de um verdadeiro successo; mas todas as inquietações se dissiparam com a noite. Ao raiar do dia, vio-se distinctamente duas legoas ao Norte uma ilha plana, e verdejante, guranecida de arvores, e regada de muitos rios, apresentando o aspecto de um paiz delicioso. Então, reinando a seguridade em todos os corações, as felicitações mutuas, e as lagrimas de alegria seguiram-se a tantos pezares. Unidos pelos mesmos sentimentos os tres navios deram graças ao Céu entoando um Te-Deum. Colomb tornou-se logo o objecto de todas as homenagens, e passando de um extremo a outro, aquella mesma gente, que no dia anterior o tinha ultrajado, o aclamava como um homem inspirado pela Divindade, e o unico capaz de levar a execução um plano, que lhes parecia exceder a possibilidade humana!

N'aquelle mesmo dia todas as lanchas guarnecidas de gente, e em apparelho militar, com bandeiras despregadas se encaminharam para terra ao som de musica guerreira. Atraídos pela novidade, os Americanos correram em chusma para a costa, exprimindo em seus gestos a admiração e pasmo de que estavam possuidos. Colomb ricamente vestido, com a espada na mão foi o primeiro Europêo que pisou o novo Mundo no dia 6 de Outubro de 1492.

Desembarcado Colomb, e toda a equipagem, prostando-se todos, e beijando a Terra, levantaram um Crucifixo, e novamente renderam graças ao Senhor Eterno. Depois Colomb por um acto solemne na qualidade de Grande Almirante

te das Corôas de Castella e Leão, tomou posse da ilha em nome do Rei Fernando seu Soberano, e denominou-a *S. Salvador*; sendo portanto o primeiro acto do seu Vice-Reinado o mudar o nome a terra, que os naturaes denominavam *Guanáhani*.

Assim descobriu Colomb a rica e innocente America, que pouco depois foi victima da barbaridade de seus crueis descobridores, os quaes como inefavel beneficio da Luz Evangelica lhe trouxeram tambem todos os vicios, e o dominio mais barbaro, que jámais se tem visto : mas Colomb perdeu a honra da descoberta, porque um outro aventureiro lh'a roubou, dando o seu nome ao Mundo Novo.

CAPITULO III.

Americo Vespuccio dá o seu o Nome á quarta parte do Mundo, roubando a gloria de Colomb.

1467 A 1500.

Americo Vespuccio, natural de Florença, nasceu em 1451. Seu gosto pelas viagens maritimas se desenvolveu na primavera de seus dias. Desde que Americo soube que Christovam Colomb tinha descoberto o novo Mundo, ardeu em desejos de participar de sua gloria. D. Fernando, Rei de Hespanha, aproveitando a pericia d'este Nautico, concedeu-lhe quatro navios, com os quaes elle partio de Cadiz em 1497, e percorreu as costas de Paria, e Terra-Firme até o golfo do Mexico, regressando para Hespanha no fim de 18 mezes. Deixando á Colomb a gloria de ter abordado ás ilhas do novo Mundo, Americo apossou-se do titulo de primeiro descobridor do continente; e com effeito o que elle disse, a relação circumstanciada que publicou do que tinha visto n'esta viagem, e nas outras que fez a serviço do Rei de Portugal, fizeram tanta impressão no animo dos Geographos do seu tempo, que em conclusão o paiz novamente descoberto tomou o seu Nome !

Um anno depois d'esta primeira viagem, Americo Vespuccio veio outra vez a America, á serviço do Monarcha Hespa-

nhol com seis navios, e n'esta segunda viagem chegou além das Antilhas nas costas da Guaiana, e Venezuela, e regressou em 1500, levando pedras finas, e muitas outras preciosidades. Mas os Hespanhoes mostraram-se tão pouco reconhecidos por estes serviços, desgostaram de tal sorte o Nautico, que acabava de servir-os tão satisfactoriamente, que elle desgostoso retirou-se do serviço Hespanhol. Então D. Manoel Rei de Portugal, aproveita-se d'este desgosto de Americo, convida-o para seu serviço, presta-lhe embarcações para novas viagens, e o faz partir de Lisboa, ora commandando, como referem alguns Historiadores, ora sob o commando de officiaes Portuguezes, (*) como affirmam outros. N'estas viagens Americo fez importantes descobertas, explorando uma grande parte da costa do Brasil, como mais amplamente referirei no Cap. V d'este Livro.

Este illustre navegante, depois de servir ao Rei Portuguez, foi outra vez chamado pelo Monarcha Hespanhol, que o remunerou conferindo-lhe a Patente de Piloto Mór, Posto que exercia quando falleceu em Sevilha (**) (e não na ilha Terceira, como alguns Historiadores affirmaram, e como eu

(*) Alguns escriptores Portuguezes, e entre'elles ultimamente o Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen são de opinião que Americo Vespuccio nunca foi o commandante de alguma d'estas expedições, e que pelo contrario não passou de simples subalterno, empregado apenas na qualidade de Piloto, sob as ordens de Officiaes, ou Commandantes Portuguezes; e o Sr. Visconde de Santarem, seguindo a Aires de Casal, ainda avança mais, esforçando-se para provar que Americo nunca fez essas viagens, e que pelo contrario foi um impostor, que só escreveu por informações. Mas tanto a primeira opinião, como a segunda, que he sobremaneira injustissima e gratuita, com a devida venia, parece que resente-se de nimio Nacionalismo! Americo, simples Piloto, sem commandar dá o seu nome á maior parte do Globo; esse nome atravessa gloriosamente tres Seculos, e os nomes d'esses Commandantes, á quem elle era sujeito chegam até nós quasi desaperecidos? Não viviam ainda esses Commandantes quando já o nome de Americo, seu subalterno, retumbava em todo o Mundo; e não reivindicariam elles então seu direito, si fôra usurpada essa gloria! Si Americo fora um impostor!?

A historia Portugueza abunda de homens grandes, e de acções heroicas praticadas por Portuguezes; não carece em verdade para brilhar gloriosamente, de embaciar o quadro do tão grande, quanto modesto Americo Vespuccio.

(**) Vid. Diar. da Nav. de Per. Lop. Nota § da Nota 22 pag. 88.

mesmo o disse na primeira edição d'este Tomo, guiando-me por elles) a 25 de Fevereiro de 1512, depois de haver dado seu nome á ametado do Globo.

Postoque com manifesta injustiça se attribuiu a Americo uma gloria, que justamente só pertencia ao grande Colomb, não se póde negar todavia, que a importancia de suas descobertas o colloca em um mui distincto lugar, entre os mais celebres navegantes do seu tempo.

CAPITULO IV.

Martin Behem avista Pernambuco, e descobre o Brasil primeiro do que Colomb, é Vespuccio. Pedro Alvares Cabral, segundo descobridor do Brasil, avista as praias da Provincia das Alagoas, e desembarca em Porto Seguro. Gaspar de Lemos percorre as costas de Pernambuco, depois que Cabral tem tomado posse do Brasil em nome do Rei de Portugal no dia da Invenção da S. Cruz. Breve noticia deste acto.

1484 A 1500.

Tem-se reputado uma injustiça, o não ter o Novo Mundo, descoberto por Colomb, tomado o nome d'este navegante ousado, e sim o de Americo Vespuccio, que só aventurou-se aos mares do Occidente, depois da memoravel viagem de Colomb, e da relação de suas descobertas, que lhe servio de guia. O que se dirá agora si se provar, que a descoberta do Novo Mundo não pertence a nenhum dos dous, e que ella deve ser attribuida a um terceiro, ainda até hoje quasi desconhecido?

Martin Behem, natural da Cidade de Nuremberg, (Alemanha) o qual he sem duvida aquelle *Martin Behemira* de quem falla *Garcilasso de la Vega* na Historia do Perú, sua Patria, viajando a custa de D. João 2.º, Rei de Portugal, pela Costa d'Africa em direcção ao Congo (descoberto por elle) impellido por uma forte tempestade de Leste, amarou-se tanto para o Occidente, que descobriu as praias de Pernambuco em 1484.

(* Este Behem, armado Cavalleiro pelo proprio Rei de Por-

(*) Il (*Robertson Historiador*) soutient, [mais sans en alleguer aucune preuve, que ce pays n'est qu'une isle fabuleuse. Nous pourrions soutenir avec autant de fondement que Behem, dans son voyage au Congo a été poussé par les vents contraires jusq' a Fernambuc, &c. . . .

tugal, que o cobrio de distincções honorificas, pelos serviços que lhe prestou nas descobertas dos Açores, Costa d'Africa, e sem duvida tambem do Brasil, (*) voltou em 1492 para sua Patria carregado de riquezas. Abi então compôz elle um Globo terrestre, que he reputado como uma das obras perfeitas do seu tempo, e que ainda hoje se conserva na Bibliotheca de Nuremberg. N'este Globo se observam traçadas as descobertas que elle fez, e ás quaes denominou — *Terras Occidentales* —, e se vê que elle descreve exacta, e inconstestavelmente as costas do Brasil, e as visinhanças do Estreito de Magalhães, marcando a latitude, e longitude d'estas terras, então desconhecidas. Ora este Globo foi feito no mesmo anno em que Colomb começou as suas viagens de descobertas; Behem por tanto não podia n'esse tempo aproveitar-se das viagens de Colomb, e muito menos das suas relações; porque quando elle já traçava em seu Globo, com bastante exactidão as costas do Brasil, errava então Colomb sobre os mares em demanda das Terras do Occidente. Este Globo, e os raciocinios de Colomb, expostos por elle, quando demandava auxilio dos Soberanos da Europa, para emprehender a sua viagem, provam não só que a America antes d'elle, já tinha sido vista por outros, mas tambem a existencia d'este Behem. Não foram por tanto nem Christovam Colomb, nem Americo Vespucio os primeiros que descobriram a America no Seculo 14.º, como com bastante minunciosidade o demonsttra o author da obra intitulada *Archives Litteraires de l'Europe* no Tomo 6.º pag. 265 a 275, e pag. 352 a 362. Mais um descobridor do Brasil será para o Europeo uma questão de mera curiosidade; porém para um Brasileiro, ella o deve vivamente interessar. Os Gregos conservaram escrupulosamente a Historia fabulosa de seus fundadores: até ereziram-lhes Altares!

(*) Colomb quiz emprehender uma viagem ás Indias Occidentales, mas depois de uma noticia que recebeu, quando estava na ilha da Madeira, occupado na composição de Cartas geographicas. Esta noticia lhe foi communicada por *Martin Behem*, ou segundo os Hospanhos, por Affonso Sanches de Huelva, piloto que por acaso tinha primeiro descoberto a ilha que se achamou Dominica. . . . Colomb jámais teria emprehendido a sua viagem á America, si *Behem* lhe não tivesse mostrado o caminho.

Tendo o celebre Vasco da Gama descoberto o novo caminho para as Indias Orientaes pelo Cabo da Boa Esperança, D. Manoel, Rei de Portugal, tornou todos os seus cuidados para os novos estabelecimentos, que esta descoberta o convidava a manter n'aquella interessante parte d'Asia.

D. Manoel pois fez partir de Lisboa em Março de 1500 uma esquadra de 13 navios, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, com ordem de dirigir-se a India, e promover alli o estabelecimento dos Portuguezes. Este navegante, querendo livrar-se das calmarias, tão frequentes na Costa d'Africa, fez-se tanto ao largo, que batido por uma tempestade, foi forçado a correr para o Occidente. N'esta carreira; mas já quando a tempestade declinava, com grande admiração sua aos 24 de Abril de 1500 descobriu ao Oeste uma terra descohecida na altura de dez grãos ao Sul da Linha. Era a hoje Provincia das Alagoas.

Cabral manda deitar ao mar um batel, e este aproximando-se a Terra vio ao longo da praia alguns selvagens de cor baça, inteiramente nus, com os narizes chatos, e os cabellos corridos, e que armados de arcos e flexas se avizinhavam, mas sem manifestarem intenção hostil; porém vendo os Portuguezes desembarcar fugiram e se acolheram ao mato. O vento porém que sobreveio, e a agitação do mar, fazendo recolher o batel, obrigaram a Cabral, durante a noite, a correr para o Sul ao longo da costa a que se havia aproximado, e procurar outro surgidouro: correu pois até 16 grãos de latitude Austral, e descobrindo uma boa enseada, fundeou com segurança, e lhe pôz o nome de Porto Seguro. Enviou outra vez bateis a praia, e estes lhe trouxeram dous naturaes do Paiz, que encontraram pescando. Cabral os fez cobrir de bellos vestidos, adornou-os de manilhas de latão, deu-lhes cascaveis, e espelhos, e os mandou pôr em terra. Este expediente produziu effeito: alguns Selvagens inteiramente nus, e pintados de côr vermelha se familiarisaram, e, attrahidos dos mimos e presentes, estabeleceram com os Portuguezes amigavel comunicação, trocando fructos, milho, e farinha de mandioca por baga

tellas da Europa, de que os navios estavam carregados, a fim de traficarem na Costa d'Africa.

Cabral fez reconhecer a Terra, e pela informação de seus praticos teve a satisfactoria noticia, de que ella parecia fertil, cortada de rios, coberta de arvores de fructo, e povoada de homens, e animaes.

No dia seguinte (Domingo de Pascoa) Cabral desembarcou com seus principaes Officiaes, e uma parte de sua equipagem; erigio um altar para se celebrar Missa cantada; arvorou uma cruz no mais alto de uma grande arvore copada; e fez levantar outra de pedra junto a praia. D'este Sacrosanto Padrão, e pelo dia, no qual se tomou posse da Terra, que foi a 3 de Maio, veio ao Brasil o nome de S. Cruz; (*) mas como n'este paiz se achou muito do precioso pão de tinturaria, a que os Portuguezes chamavam *Brasil*, (e os Indigenas *Ibirapitanga*) por que a sua côr de fogo, assemelha-se a das brazas, prevaleceu o nome d'aquillo que dava interesse aos homens, e não o do Lenho despertador de sua eterna salvação.

Assim começou Cabral o primeiro estabelecimento Portuguez no Brasil sobre o cume de um rochedo esbranquiçado, fronteiro a um terreno, que elevando-se ao Norte se estende para o meio dia.

Em quanto Cabral fazia celebrar a Missa cantada, acompanhada de musica, os indigenas attrahidos pelo estrondo da Artilheria, vinham em chusma, e paravam em profundo silencio, como feridos de admiração, e espanto. Cabral, fiel aos principios de seu Seculo, encarregou ao Padre Fr. Henrique (Religioso Franciscano Guardião de 8 Missionarios enviados à India) de pregar o Evangelho a estes povos. Longe estava elle sem duvida, de acreditar o bom exito de uma predica, que não podia ser entendida; porém preenchia o dever imposto pelas Bullas Apostolicas, e ao mesmo tempo adqueria o justo titulo de ser o primeiro, que n'estas praias fazia ouvir a palavra de Deos.

(*) Cabral denominou a sua descoberta = Terra da Vera Cruz --, mas depois chamaram-lhe -- Terra da Santa Cruz. -- Vid Carta de Pero Vas Caminha. Mem. Hist. e Pol. da Prov. da Bah. Pg. 19 usque 42.

Durante o officio Divino os indigenas deram demonstração de grande interesse, que sem duvida não passava de um effeito da novidade: fizeram exactamente todos os actos de adoração e humildade que os Padres, e os assistentes faziam; ajoelharam, levantaram-se, bateram nos peitos, e em fim imittaram em tudo os Portuguezes para agradar-lhes. Nestas disposições viram os descobridores o presagio de um futuro feliz; comtudo não se conheceu nesta gente vestigio algum de Religião, de Governo, nem mesmo de Policia.

Cabral fez levantar um Padrão com o Escudo das Armas de Portugal, e despachou logo para a Côrte de Lisboa a Gaspar de Lemos, um de seus Capitães, com as novas d'este descobrimento, mandando em sua companhia um dos indigenas, que se pôde reduzir a embarcar. Lemos n'esta viagem percorreu a costa de Pernambuco, mas não communicou com os Indios.

Concluidos estes arranjos, voltou Cabral para bordo, deixando na praia dous criminosos condemnados a morte em Portugal, e cuja pena lhes fôra commutada em degredo, para fins semelhantes. Os indigenas o acompanharam até aos bateis cantando, dançando, batendo palmas, atirando flexas ao ar, e levantando as mãos aos Céos, para manifestarem a alegria, que lhes causara tal visita. Alguns chegaram a entrar n'agoa para acompanhar os Portuguezes, outros foram a esquadra em suas jangadas, e até homens, e mulheres se lançaram a nado com tanta facilidade, como si agoa fosse o seu elemento. Finalmente Cabral deixou as praias do Brazil, e seguiu a sua viagem para o Cabo da Boa esperança.

CAPITULO V.

Americo Vespuccio vem ao Brasil, e tem relações com os Indigenas de Pernambuco. O Governo Portuguez envia para o Brasil prostitutas, e criminosos. Estado de Pernambuco anterior ao Governo dos Donatarios.

1502 A 1550.

A noticia da nova descoberta de Cabral deu grande prazer a El-Rei D. Manoel; porém ou fosse porque a conquista da

India lhe roubava todos os cuidados, ou por que não houvesse então em Portugal pessoa habil, a quem encarregasse as explorações, que demandava um paiz tão longiquo; o certo he que não lhe deu o apreço, que lhe devia dar, e que quasi um anno se passou, sem que mandásse explorar a terra, que o seu General descobrira.

Achava-se por esse tempo em Sevilha Americo Vesputio, que por desgostoso se havia retirado de serviço de Hespanha, e que, pela experiencia adquerida nas suas viagens, era pessoa mui apta para explorar o paiz novamente descoberto. Mandou pois El-Rei D. Manoel convidar Americo para se encarregar desta exploração, e aceitando elle o partido que o Monarcha Portuguez lhe propôz, sahio de Lisboa com tres embarcações no dia 10 de Maio de 1501; e tendo na viagem experimentado, por espaço de quarenta e quatro dias, continuo temporal, finalmente, depois de tres mezes de trabalhos, e já falto de mantimentos, descobriu terra na Lat. de 5.º ao S. da Equinoccial. Mandou logo Americo escaleres para explorarem a terra, mas n'essa investigação apenas os exploradores conseguiram achar vestigios, que os convenceram ser o lugar habitado por criaturas humanas, mas desta vez não viram alguém; no dia seguinte porém, tornando os escaleres a terra, afim de proverem os tonéis da agoada, e adquirirem algum mantimento, si lhes fosse possivel, viram em cima de uma collina alguns dos habitantes do paiz, os quaes, apezar dos signaes de amizade que os marinheiros lhes fizeram, não quizeram descer. Retiram-se por tanto os escaleres, deixando na praia campainhas, e espelhos, que os Indios (logo que viram retirarem-se os exploradores) recolheram, fazendo os ademanes proprios de admiração, que a sua vista lhes causava. Na manhã seguinte apresentaram-se em maior numero, e acenderam diversas fogueiras, as quaes sendo reputadas como signal de convite à terra, fizeram com que alguns Portuguezes tornassem alli; mas os Indios como timoratos, se conservaram postados a longa distancia, e d'ahi por acenos chamaram aquelles a que os seguissem às suas habitações. Dous marinheiros comtudo, dotados de maior intrepidez; não tanto por desejos de pro-

curarem mantimentos , quanto por adquirirem informações a cerca da existencia de ouro e especiarias, acompanharam aquelles indigenas , promettendo aos mais da tripulação , que voltariam no fim de cinco dias ; mas esperou-se por elles frustradamente até o setimo dia, e já preparavam-se os navios a continuar a viagem , quando se apresentou na praia um grande numero de Aborigenes , commixturados com as mulheres e meninos ; o que não acontecera da primeira vez , pois sòmente tinham vindo os homens.

Foram novamente os escaleres á terra, mas teve-se como medida de prudencia o mandar um dos marinheiros mais robustos , a indagar daquelles indigenas noticias dos dous individuos , que os haviam acompanhado : esse marinheiro foi logo cercado por um grande numero de mulheres , que o examinavam com estranha curiosidade, e , em quanto isto tinha lugar, uma d'ellas, que ligeiramente desceu da collina, lhe descarregou uma forte pancada de pão , sendo o infeliz marinheiro arrastrado por todas as outras mulheres para a collina, ao som de extraordinaria vozeria. Consecutivamente atacaram os Indios aos Portuguezes dos escaleres, que estavam encalhados com a vazante, e destes se apoderariam , a não serem logo disparados dos navios quatro tiros de canhão com metralha , que os fizeram dispersar, correndo para o mesmo lugar, para onde as mulheres tinham levado o prisioneiro , o qual foi reduzido a postas , e assado em fogueiras á vista dos mesmos navios , fazendo os selvagens estrondosa gritaria, e signaes de que tinham praticado de igual maneira com os dous , que os haviam acompanhado para o interior.

O commandante fez-se logo á vela d'esse lugar, obstando assim á pretensão de vingança, que de tal insulto estavam promptos a tomar quarenta pessoas de sua equipagem , e seguindo ao longo da costa até 8^o. de lat. (*), ahí permaneceu cinco dias , attrahido da affabilidade que encontrou nos indigenas , dous dos quaes espontaneamente o acompanhá-

(*) Partimmo di Lisbona tre navi di conserva á 10 de maggio 1501..... diritti all'isole della gran Canaria... et fummo nella cos-

ram : depois continuou a costear o continente, baptizando (*) os portos, e rios ; onde se demorava alguns dias, á porporção da benevolencia que observava em os naturaes com quem praticava, e depois de diversas observações pelo litoral, voltou para Portugal, onde chegou em Julho de 1502.

Destá expedição apenas resultou o conhecimento, de que a terra de Santa-Cruz formava um continente, e não ilha como até então se reputava, e por isso enviou D. Manoel segunda a verificar a extensão e importancia do mesmo continente, e descobrir a ilha *Molcha*, ou *Molucas*, segundo alguns escriptores, procurando igualmente achar passagem á Asia, pelo mar do sul ; e para esse descobrimento foi nomeado Gonçalo Coelho, que partio de Lisboa em Maio de 1503 com seis navios, de um dos quaes foi commandante Americo Vespuccio.

a d'Ethiopia, a un porto che se dice Beseneghe (a)... Sopra la quale alza il polo del setentrione 14.^o et 12'. Partimmo di questo porto... et navigando per libeccio, pigliando una quarte di mezzodi tanto che in 67 giorni... piacque a Dio mostrarci terra nova che fui 17 d'agosto... Stava oltre della linea equinottiale verso ostro 5.^o... Partimmo di questo loco, et comminciammo nostra navigatione tra levante, et sirocco, che così corre la terra, e facemmo molte scale... et così navigammo tanto che trovamo che la terra faceva la volta per libeccio, et como voltaamo un cavo, al quale mettemo nome di S. Agostinho, cominciammo a navigare per libeccio. È discosto questo cavo della predetta terra... 150 leghe verso levante, et sta 8.^o fuori de la linea equinottiale vers ostro... navigando sempre per libeccio á vista di terra, di continuo facendo di molte scale... tanto andamo verso l'ostro, che già stavamo fuori tropico di capricorno, donde il polo antartico s'alzava sopra l'orizzonte 32.^o.... Corremmo di questa nostra costa appresso di 750 leghe le 150 dal cavo di S. Agostinho verso el ponente, et le 600 verso il libeccio... Visto che in questa terra non trovavamo cosa di minera alcuna, accordammo di espedirci di essa, et andarci á commettere al mar per altra parte... di questa terra cominciammo nostra navigatione per el vento sirocco... et tanto navigammo per questo vento, che ci trovammo anto alti ch'il polo Antartico ci stava alto fora del nostro orizzonte ben 52.^o; et di già stavammo discoti del porto di dove partimmo ben 500 leghe per sirocco » *Vespuc.*

(*) Vid O Ensaio Topographico Historico Notas das paginas 19, e 50.

(a) Julga-se ser esse porto o da ilha hoje chamada Goréa, sobre a Costa d' Africa, da qual está apartada perto de uma legoa : fica pouco a Leste de Cabo Verde na lat. de 14.^o 40', e 10" norte, e na long de 19.^o e 45' a Oeste de Paris.

Gonçalo Coelho, logo que chegou á altura das ilhas de Cabo Verde, obstinou-se, contra o parecer de Vespuccio, em demandar Serra-Leôa, e defronte d'esta um forte temporal arrojou os navios para 3° do equador, onde avistaram uma ilha aprazivel; mas d'hi a quatro legoas varou em um rochedo o navio capitania; e tendo ido em seu soccorro os outros vasos, seguiu Amerio, de ordem do commandante, em uma das mais pequenas embarcações a explorar algum surgidouro naquella ilha, onde o devia esperar. Mas depois de oito dias de dilação, apparecendo-lhe um unico navio dos expedicionarios, que assegurou a perda daquelle commandante, e haver sómente escapado a equipagem, fez em terra provimento de lenha e agoada, e proseguio para a costa do Brasil. Com trezentas legoas de navegação achou o porto, que denominou de Todos os Santos, no qual se demorou dous mezes, aguardando os outros navios; perdidas porém todas as esperanças, costeou a terra até 18° de lat. ao S. da Equinoccial, e permanecendo ahi cinco mezes, voltou para Portugal com o seu navio carregado de *pão-brasil*, deixando levantado um pequeno forte, com doze peças de artilheria, e munições de boca para seis mezes, guarnecido por vinte quatro pessoas de sua tripulação, que pela humanidade dos Indios, haviam penetrado até quarenta legoas pelo interior.

Chegou Americo Vespuccio a Lisboa em junho de 1504, e foi acolhido com jubilo, pois já era julgado perdido, não havendo mais noticia alguma das outras embarcações; e retirando-se para Hespanha, tornou a entrar no serviço desta Nação, servindo as suas informações de encorajamente para as viagens de Vicente Yanes Pinzon, e João Dias Solis, pilotos que então gozavam do maior credicto.

Conhecido pois, pelo relatorio de Americo Vespuccio, que os naturaes possuidores de Pernambuco eram de alguma sorte communicaveis, ainda assim a Côte de Portugal, atrahida então pela riqueza e conquista da Índia, não cuidou em cultivar a parte do Novo Mundo que descobrira, e que lhe pertencia segundo a divisão, que com a Côte de Hespanha

fizera, (*) e na qual entreveio a Autoridade do Summo Pontífice Alexandre 6.^o; de sorte, que o Brasil se conservou por muito tempo, sem que nelle se fizesse algum estabelecimento Portuguez, contentando-se entretanto o Rei em mandar fazer novas averiguações, já por Gonçalo Coelho, como está dicto, já por Fernando de Noronha, e já por outros; de maneira que durante o reinado de D. Manoel as expedições para o Brasil não tiveram outro objecto, senão indagações, verificações, e tentativas. Com tudo o consumo proveitoso das cargas de pão-brasil, que Americo Vespucio havia levado a Lisboa, convidou alguns especuladores a emprenderem este commercio, e empregarem nelle navios mercantes. Estas expedições parciaes se multiplicaram, apresentando-se na qualidade de interpretes, feitores, ou correspondentes grande numero de aventureiros, que vieram habitar voluntariamente esta Região deliciosa e abundante, onde se podia gozar independencia completa entre Selvagens, que pela maior parte ao principio se mostraram hospitaleiros. Estes Colonos voluntarios não foram os unicos: de tempos em tempos o Governo Portuguez fazia partir para o Brasil um, ou dous navios carregados de prostitutas escandalosas e incorregiveis, e dos maiores criminosos do Reino, que era quasi o mesmo que entregal-os debaixo dos Tropicos á condemnação, que parecia poupar-se-lhes na Europa. Estes homens, aviltados pelos seus factos, e por uma sentença condemnatoria, se portaram ao principio de alguma sorte circunspectamente com os naturaes do Brasil; mas pouco tardou que estes, pela imprudencia dos novos hospedes, descobrissem, muito mais cedo do que podia ser, a escravidão que os esperava, e que sem demora tomassem a attitude defensiva. As primeiras relações dos malfeteiros Portuguezes com os nossos indigenas foram pois fataes ao mesmo tempo

(*) Francisco 1.^o Rei de França, quando em 1554 mandou Jacques Cartier visitar as costas da America dizia engraçadamente --
 « Que! O Rei de Hespanha, e o de Portugal tranquillamente
 « dividiriam entre si o Novo Mundo sem d'isto me darem parte.
 « Eu desejava que elles me mostrassem o Artigo do Testamento de
 « Adão, no qual lhes legou a America! »
 Beaut. de L'Hist. de Amer.

a uns, e a outros. Aquelles, assim mesmo depravados como eram, perderam o sentimento de horror, que lhes havia feito experimentar os sacrificios humanos, tão frequentes entre os Selvagens; e estes deixando logo de ter para taes homens (que ao principio tinham julgado de uma Natureza muito superior) a veneração que a sua mesma simplicidade lhes fez tributar, perderam as vantagens, que offerece a civilização, e sobre tudo, o conhecimento das verdades que ensina a Religião Catholica Apostolica Romana, unica que póde conduzir os miseraveis filhos de Eva á Eterna Gloria.

Tal era a situação de Pernambuco, 20 annos depois do seu descobrimento, quando El-Rei D. Manoel, (o afortunado) depois de um longo Reinado, terminou sua gloriosa carreira, chorado como pai de seu povo, amigo das sciencias, e protector da navegação.

Até esta época a importancia do descobrimento do Brasil, quasi que era desconhecida. Attento unicamente para os negocios da India, o Governo Portuguez cuidava pouco em um paiz, cujos lucros deviam sahir mais da agricultura, do que do commercio. Os Portuguezes amavam então tanto o commercio, e empregavam n'elle tanto ardor, quanto os Hespanhoes no descobrimento de minas de ouro, e prata. D'esta sorte ficou o Brasil aberto ás outras Nações da Europa durante os primeiros annos do Reinado de El-Rei D. João 3.º, filho, e successor de D. Manoel. Comtudo aquelle Monarcha, ainda que mais religioso do que politico, não tardou muito em dar á descoberta de Cabral a importancia que ella merecia. Tranquillo sobre as pretensões da Hespanha, desde que terminaram as differenças entre as duas Nações, pelo casamento que fez com a irmã de Carlos 5.º, não teve mais a temer senão a rivalidade dos Francezes, que já nos mares do Brasil exerciam uma especie de pirataria sobre os navios Portuguezes, e ao mesmo tempo tratavam de agradar, e familiarisarem-se com os indigenas, principalmente com os de Pernambuco, onde em 1530 fizeram algumas carregações de pão-brasil.

Estas correrias Francezas obrigaram El-Rei D. João 3.º a mandar por seu Embaixador, fazer reclamações perante o

Rei de França; mas não produzindo effeito este meio, resolveu El-Rei tratar como inimigos todos os navios que se encontrassem no Brasil. Em consequencia enviou uma esquadra debaixo do commando do Capião Christovam Jaques, encarregando-o de examinar novamente a costa, expulsar d'ella os Francezes, e marcar os pontos convenientes, para construir Feitorias, e estabelecimentos permanentes.

Christovam pois, executando pontualmente as ordens de seu Soberano, metteu a pique dous navios francezes, que achou carregados na Bahia, e, voltando para o Norte, reparou em Pernambuco na ilha de Itamaracá, a primeira Feitoria Portugueza, que elle mesmo havia fundado em 1503 (*). Não tardou porém muito tempo que um corsario de Marselha não se apoderasse d'esta Feitoria, guarnecendo-a com 70 homens.

Caberia agora começar a narração do estabelecimento de Duarte Coelho, fundador de Pernambuco, mas parece-me conveniente dar primeiro alguma noticia dos costumes, e character dos indigenas Pernambucanos, para depois entrar n'esses detalhes.

CAPITULO VI.

Breve noticia dos costumes, e character dos Indigenas de Pernambuco, e dos das Capitánias limitrophes.

1550.

O Brasil na época de seu descobrimento era possuido por muitas Nações diversas; umas occultas nos bosques, outras estabelecidas nas planicies sobre as margens dos rios, ou nas costas maritimas: algumas pacificas, a maior parte errantes; estas achando na pesca, e na caça a sua principal subsistencia, e aquellas na producção da terra mais, ou menos bem cultivada. Quasi todas estas Nações não se communicavam, e pelo contrario, divididas por odios hereditarios, viviam em constante guerra. Discreverei o character e cos-

(*). Veja-se no Cap. IX d'este livro a doação de Pedro Lopes, e combine-se com a Secção 2.^a das Mem. Hist. da Prov. da Bahia.

tumes das que habitavam Pernambuco, e suas dependencias, apartando-me mui pouco das observações de Mr. Beauchamp.

Pernambuco era pois habitado na costa desde o rio de S. Francisco até Itamaracá, e suas proximidades, pelos *Cahetés*, Tribu Selvagem, e feróz; e desde Itamaracá até o rio Abiay, que o divide da Parahyba, pelos *Tabajrés* da mesma casta, mas menos ferozes, e fieis nos seus tratados. Os Petiguarés, os mais crueis de todos, possuíam a costa da Parahyba, e do Rio Grande. Os Paratiós, os Chiquirús, e os Caririz, habitavam parte do nosso Sertão.

A anthropophagia dominava em todos estes Selvagens: comiam em ceremonial com medonha alegria os seus prisioneiros de guerra; mas nem todos os Indios do Brasil eram anthropophagos. Parece ser a casta dos Tupiz que trouxe do Sertão este uso horrendo, que os Portuguezes acharam introduzido quasi em todo o Litoral. A lingoagem Tupy era a mais vulgar, ainda que no Brasil se fallavam mais de 150 lingoas barbaras, oriundas, segundo a opinião de alguns Missionarios, do Idioma Guarany, lingua Mãe da America.

Mas aproximados ao bruto do que ao homem, estes Selvagens não reconheciam Divindade alguma: pelo menos nenhum indício davam, que demonstrasse este sentimento consolador, que, bem se pôde dizer, he innato na especie humana. Nem uma palavra em sua lingua exprimia o nome de Deos, nem idéa relativa ao Senhor do Universo; todavia elles tributavam notavel veneração ao Sol, e à Lua, e mostravam um grande temor pelo estrondo dos trovões. Ainda que os signaes de veneração, e respeito que tributavam ao Sol, e à Lua não tivessem character de Culto, e nem demonstrassem, que as suas idéas se elevavam a cima dos objectos visiveis; comtudo elles eram supersticiosos: talvez que as sombras, o delirio, os sonhos, e em summa todas essas causas phisicas, tão poderosas para alienar espiritos fracos, gerassem superstições, que os seus Pagés, ou Adivinhos souberam acreditar.

Chocarreiros, e ao mesmo tempo Sacerdotes, os *Pagés* affirmavam a existencia de um espirito mal fazejo, do qual se gloriavam moderar a perigosa influencia; eram por tanto consultados nas enfermidade, e nas occasiões perigosas,

principalmente no acto de se fazer a guerra, ou tratar-se a paz. E quanto não depoem esta mesma grosseiria crença contra os libertinos, e materialistas? Quem infundio n'aquelles barbaros a idéa de espiritos bons, e máos, necessaria consequencia de que acreditavam na existencia d'Alma, e nade um Ser Supremo, senão a antiga tradicção dos tempos deluvianos, e a relação que estas verdades tem com a Natureza? Mas tornemos aos Pagés.

A grosseira crença que estes impostores infundiram no animo dos seus, pelos movimentos e gestos extraordinarios, promessas, e adivinhações, induzem a crer, que todos aquelles que os consultavam suppunham n'elles relações com os Seres invisiveis, superiores à especie humana. Os Cabetés com effeito (assim como todos os Selvagens encontrados no Brasil) attribuiam aos seus Adivinhos não só o poder de fazer as terras ferteis, mas igualmente de inspirar aos guerreiros força, e valor; attributos entr' elles os mais apreciaveis.

Cada Pagé vivia só em uma gruta sombria, onde nenhum outro Selvagem ousava entrar: alli traziam-lhe quanto pedia, e tal imperio exercia nos animos, que si elle prognosticava a morte d'algum, que por ventura o offendia; este desgraçado recolhia-se immediatamente ao leito, e certo que infalivelmente morria não podia mais comer, nem beber, e assim se realisava o anáthema! Quanto póde a imaginação preocupada!!

Os Selvagens de Pernambuco andavam nus, pintavam a cutis, excepto a do rosto, de côr vermelha, e uniam a esta tinta geral, algumas camadas de cores diversas, em muitas partes do Corpo. As mulheres faziam grandes buracos nas orelhas, por onde enfiavam (em lugar de brincos) grossas enfiadas de pequenos ossos brancos, e de pedras de côr, que, a maneira de Rosarios, lhes cahiam sobre as espaldas. Os homens pellavam cuidadosamente todo o corpo, e entr'elles era uma parte essencial de belleza ter o nariz chato; de maneira que o primeiro cuidado de um pai, era dar esta forma ao nariz de seu filho. Nas suas guerras, ou nas festas, ornavam com, pennas verdes, amarellas, e vermelhas a testa, as faces,

e os braços, ligando estas pennas, tecidas com muit'arte, com gomma, ou mel silvestre. Os Chefes, (Caciques) distinguíam-se por um grande collar de conchas.

Entr'estes Selvagens era permittida a polygamia, mas os maridos com tanta facilidade tomavam mulheres, com quanta as deixavam; porém nenhum joven podia casar, antes que tivesse preso, ou morto algum inimigo. A mulher para poder casar não precisavá mais do que ter os primeiros signaes de puberdade. As donzellas antes de casar, entregavam-se sem pejo aos homens solteiros, e seus proprios pais as offereciam ao primeiro que apparecia; e assim não he para admirar, que na cerimonia do casamento, que consistia na simples promessa de amor e fidelidade, nenhuma estivesse no estado de vîrgindade; porém logo que casavam eram fieis a seus maridos, porque o adulterio se reputava infamia grande entre estes povos. A condição das mulheres casadas era desgraçada; tornavam-se escravas dos maridos, e eram obrigadas a seguil-os na guerra, e a carregar com as provisões da familia. A principal occupação das mulheres consistia em fiar algodão para fazer redes: e cordas: tambem ellas se occupavam em fabricar vasos de barro para os usos domesticos.

As habitações variavam na forma, na grandesa, e na distancia de umas as outras; porém o mais ordinario eram casas de palha, ou cabanas destribuidas em Aldêas. Algumas povoações havia, cercadas de muros feitos de barrotes, cujos entervallos eram cheios de terra.

A Mandioca era o sustento diario destes Selvagens; e a esta raiz ajuntavam-lhe outras que reduziam a farinha para comporem bebidas, e tambem bollos mais, ou menos consistentes: a caça, e a pesca suppriam o resto das precisões. Não comiam quando bebiam, e vice versa; costume commum de quasi todos os indigenas da America.

Menos sujeitos ás enfermidades, que as nações civilisadas adquirem pelo luxo, e moleza em que vivem, prescreviam aos seus doentes dieta absoluta, davam-lhes algumas bebidas compostas de seus vegetaes, e n'isto consistia toda a medicina de seus Pagés. Si porém a doença se tornava incuravel,

matavam o doente, quebrando-lhe a cabeça, porque tinham por maxima: — que melhor he morrer rapidamente, do que padecer por longos dias, e depois vir a morrer.

Celebravam os seus funeraes carpindo-se, e com tristes lamentações, que ordinariamente continham o elogio do fallecido. Si era pai de familia enterravam com elle as suas armas, pennas, e collares, o que nos fornece alguma prova para se crer, que a idéa da outra vida lhes não era totalmente estranha. Enterravam os seus mortos em pé, e algumas vezes levantavam sobre a cova, como distincção honorifica, pedras cobertas de certas folhas, que se conservam por muito tempo seccas. Nunca se aproximavam a estes monumentos, sem dar gritos, e derramar copiosas lagrimas.

Não tinham Reis, nem Principes, e nem fôrma alguma de Governo permanente: a unica Superioridade que reconheciam em tempo de guerra era a de seus Anciãos, ou velhos directores, encarregados n'esse tempo de excitar por seus discursos a mocidade á tomar armas. Nas grandes crises juntavam-se em conselho, ao qual denominavam *Carbés*, e ahi decidiam-se as questões por votos unanimes: sem unanimidade de votos nada se decidia.

O homicidio era o unico crime que puniam: os pais, ou parentes do matador eram obrigados a entregal-o aos do morto, e estes afogavam o culpado, e o enterravam. A reconciliação sincera, e prompta succedia a esta satisfação; bem differentes n'isto dos povos civilizados, entre os quaes são muitas vezes hereditarios os odios nas familias! Felices seriamos, si não podessemos apontar entre nós mesmos d'estes exemplos!

Sem outras Leis mais que os seus costumes, seguindo quasi sempre o instincto natural, varias Tribus Pernambucanas, principalmente a dos Tabayrés, possuíam algumas virtudes domesticas e sociaes: praticavam, e respeitavam a hospitalidade, viviam tranquillamente entre si, soccorriam-se nas enfermidades, e eram fieis aos seus alliados.

Estes Selvagens eram todavia dados a indolencia, e á ociosidade, que os caracteriza. Em tempo de paz manifestavam de alguma sorte inclinações doces, e sôcegas, e a sua

indolencia chegava a tanto, que era mui frequente dormirem muitas vezes vinte e quatro horas seguidas; mas passando de repente de um extremo ao outro, levavam dias inteiros a dansar, e a fazer outros exercicios violentos.

Era com especialidade nos combates, que se manifestava a sua activa, e horrivel ferocidade, e que a crueldade, levada ao maior auge, se transformava em virtude guerreira. Nos seus banquetes, desviando qualquer outra idéa, entretinham-se com fervor na combinação dos planos contra os inimigos, e principalmente com o prazer que se promettiam de engordal-os, para depois matal-os, e comel-os.

Era mui raro haver entre elles outros motivos para a guerra além da vingança. A sua principal arma era uma maça, a que chamavam — *Tacapa* — feita de pão mui forte, e pesado, romba em uma extremidade, e os dous lados com gumes, tendo de comprimento seis pés, e um de largo n'essa extremidade, e no cabo uma polegada de grossura. Usavam igualmente (como ainda usam os seus descendentes) de arcos feitos de pãos durissimos a que chamavam *Virapára*, servindo-se do fio de algodão para as cordas d'estes arcos, dos quaes habilmente faziam expedir setas, ou flexas a que denominavam *Vyba*, e quando eram ervadas (das quaes especialmente usavam na guerra) *Vybaacy*. Estas flexas eram armadas de fortes espinhas, ou dentes de peixe, e com tal destresa as expediam, que jamais um passaro voando escapava de seus tiros. Uma especie de corneta, a que chamavam *Irubiá*, e flautas que denominavam *Memby* (*) feitas ordinariamente dos óssos das pernas de suas victimas, eram os seus unicos instrumentos de musica.

Apenas o signal de marchar era dado pelos Anciãos, todos os guerreiros se punham em marcha, excitando-se por expressões as mais energicas de vingança, e odio. Si em alguma das expedições era preciso embarcar, não se desviavam muito das costas pela fragilidade de suas canoas, feitas de um só pão.

(*) Os flautistas se denominavam na Lingoa Indigena *Memby-jnycara*,

Chegados ao paiz que queriam devastar, emboscavam-se cuidadosamente, porque raras vezes atacavam a peito descoberto. Então, cobertos com a sombra da noite, penetravam as habitações, lançavam-lhe fogo, e, aproveitando-se da primeira confusão, commettiam toda a casta de crueldades. Seu fim principal era fazer prisioneiros, sem os quaes não ficaria satisfeita sua vingança.

Sendo obrigados a combater em campo juntavam-se, formavam uma especie de batalhão, marchavam com cadencia, mas acceleradamente; e algumas vezes suspendiam esta marcha para ouvirem discursos mui inflammados, que duravam horas. Então o ardor de combater se tornava em furor desmedido, e os dous partidos acommettiam-se dando gritos, e urros espantosos. Entretanto faziam soár as cornetas, estendiam os braços, ameaçavam-se, e insultavam-se reciprocamente, mostrando os ossos dos prisioneiros que cada um tinha comido. Chegados a duzentos, ou trezentos passos um dos outros, disparavam logo um chuveiro de flexas. As pennas de varias cores de que os guerreiros se adornavam, e as que estavam presas ás flexas, espalhavam sob os raios do Sol tal esplendor, que seria difficil descrever tão espantoso espetaculo. Os guerreiros feridos pelas flexas, arrancando-as do corpo, quebravam estes instrumentos de sua dôr, e os mordiam de raiva, e assim em quanto lhes restavam forças nunca se punham fóra do combate, dando com as suas maças, golpes terriveis, e quasi sempre mortaes.

Decidida a sorte do combate, os vencedores amarravam os prisioneiros, e mostravam-lhes os dentes, maneando as maças, para que elles não duvidassem da sorte que os esperava. Depois mettiam os prisioneiros no centro, e assim entravam em triumpho na sua Aldeia. Ao principio estes infelices eram tratados com uma bondade aparente, limitando-se o captiveiro ás cautelas necessarias para evitar a fuga; até lhes davam mulheres para os consolar, pondo sobre tudo o maior cuidado em engordal-os. Quando os viam no estado de nutrição, que lhes desafiava o paladar marcavam o dia de sua morte. As mulheres tinham a seu cargo preparar as vasilhas de barro, compôr os licores para a festa, e entrançar a

Mussurana, ou grande corda de fio de algodão, que devia ligar a victima no acto de ser immolada. Os Chefes principaes com o corpo pulverisado de gomma, e ornado de pennas curtas, dispostas com semetria, segundo as cores, enfeitavam tambem com massos de pennas a astea, ou cabo da *Livvara-pemme*, isto he, da maça que devia terminar os dias da victima.

Todos os indigenas da Aldeia, convidados para a cerimonia, passavam dous dias inteiros a dançar, e a beber com o captivo, que parecia não fazer outro papel, senão o de convidado; e postoque estivesse certo da sorte que o esperava, fingia a alegria com que se distinguia. As mulheres no dia seguinte traziam a *Mussurana*, e a lançavam aos pés do prisioneiro, e a mais velha d'entr'ellas entoava a cantiga da morte, em quanto os homens deitavam o laço ao pescoço da victima, e a amarravam. A cantiga era allusiva a este laço -- « *Somos nós (entoavam as indigenas) que temos o passaro preso pelo pescoço, (e mofando do captivo por não lhes poder fugir, continuavam) Si tu fosses papagaio, que roubasses nossos campos a terias fugido* ». Então muitos dos Selvagens, pegando nas pontas da *Mussurana* ligavam o captivo pelo meio do corpo, e neste estado passeavam com elle em triumpho. O preso porém a quem deixavam as mãos livres, não dava o menor signal de abatimento, ou de susto; pelo contrario, olhando com altivez para todos que chegavam ao lugar da sua passagem, fallava-lhes, trazia-lhes á memoria as suas expedições contra elles, dizendo a um que matara seu pai, a outro que comera seu filho, &c. Entretanto findas estas disputas lhe recommendavam, que levantasse os olhos para o Sol, porque nunca mais o poderia ver, e logo acendiam a fogueira, sobre a qual seus membros em pouco tempo deviam ser estendidos. Quando a hora era chegada, uma mulher cantando e dançando trazia a *Livvara-pemme*, a roda da qual se havia cantado e dançado desde o amanhecer do dia. O executor apparecia n'esta occasião acompanhado de uma duzia, pouco mais, ou menos de seus amigos ornados de gomma, e de pennas para a cerimonia. Aquelle que tinha a maça, ou *Livvara-pemme* a offerecia á principal personagem da festa; mas o Chefe da Tri-

bu depois de pegar n'ella, e passal-a muitas vezes por entre as pernas com grandes gestos, a entregava ao executor, que adiantando-se com os seus amigos fazia sciente ao captivo, que antes de morrer se lhe permitia o vingar-se.

Então o prisioneiro entrava em furor, apanhava pedras, e as arremessava contra tudo que o cercava; mas pouco tardava que não se avansasse com a maça na mão, ornada das mais bellas pennas, aquelle que o devia sacrificar. Neste momento um estranho dialogo tinha lugar entre ambos: o executor, como vingador de seus companheiros, perguntava ao captivo, si era verdade ter elle morto, e comido muitos dos principaes da sua Tribu. Este, gloriando-se por esta confissão, respondia com ameaças, dizendo pouco mais, ou menos. Dá-me a liberdade, que eu te comerei, e aos teus. Está bem, respondia o executor, nós te prohiberemos d'isto; eu vou tirar-te a vida, porque tu, e os teus haveis comido muitos irmãos meus, e tu por isso serás hoje mesmo comido. Esta he a sorte da vida, tornava o prisioneiro, os meus amigos são muitos, elles me vingaráõ. Ainda bem não eram proferidas estas palavras, e logo o executor, levantando a maça, esmagava de um só golpe a cabeça da victima. As mulheres lançavam-se em continente sobre o cadaver, despedaçavam-no com pedras, que cortavam como o ferro, e untavam os filhos com o sangue; ás de maior idade competia limpar as entranhas da victima, que eram no mesmo momento assadas, e devoradas, assim como as outras partes do corpo. Durante este abominavel banquete, os velhos exhortavam os mancebos a procurar mais occasiões iguaes a esta, por suas façanhas guerreiras. Não sei nesta horrivel festa o que mais admire; si a engenhosa barbaridade dos algozes, si o valor exaltado das victimas.

Estes Selvagens, apezar do horroroso atractivo que os arrastava a comer carne humana com tanto prazer, todavia só comiam os prisioneiros, e sempre segundo o ceremonial que a cima descrevi, deixando intactos os cadaveres dos que morriam no campo da batalha.

O uso commum dos Selvagens era amontoar nas Aldeias as cabeças dos prisioneiros que comiam, e mostrar aos es-

trangeiros por vangloria estes monumento de seu valor, e vingança. Recolhiam com igual cuidado os óssos mais grossos das coxas, e dos braços para fazerem as suas flautas, e sobre tudo os dentes, que, enfiados a maneira de contas, penduravam ao pescoço. Geralmente mediam a sua gloria pelo numero de prisioneiros, e grande cuidado empregavam em perpetuar a memoria do dia em que ganhavam alguma acção, fazendo, por meio de insizões, debuxos nos braços, nos peitos, nas pernas, e mais partes do corpo.

Tambem alguma parte do Norte dos Sertões de Pernambuco, da Parahyba, do Rio Grande do Norte, e do Ceará era habitada por outra raça denominada Tapuya. Esta raça que, segundo as tradicções mais antigas, havia sido senhora do Sul do Brasil, e donde fôra expulsa, pelos Tupiz, distinguia-se das outras pela estatura alta, cabellos negros e compridos, côr parda, e força extraordinaria. O seu nome quer dizer *Inimigos*-titulo que estes selvagens tomaram, pelo estado de guerra continua, que estavam obrigados a manter contra as outras raças, e mesmo por que entre si viviam em effectiva luta: com tudo de todos os Selvagens eram estes os menos crueis. Não matavam, he verdade, os seus prisioneiros; mas nem por isso deixavam de ser anthropóphagos: em vez de comerem os seus inimigos, comiam os seus proprios mortos, como derradeira prova de affecto. Logo que um menino morria, seus pais o comiam, e si era adulto toda a familia tomava parte neste horrivel banquete!

Os Tapuyas passavam uma vida errante, a maneira dos Arabes; com a differença porém que elles se continham em limites particulares, e só mudavam de habitação, segundo as differentes Estações do anno. Os cabellos cortados a maneira de corôa, e a unha do dedo pollegar direito de comprimento excessivo, eram os unicos signaes distinctivos dos seus Chefes, ou Caciques, os quaes usavam tambem de uma capa tecida de algodão, guarnecida com uma renda bordada com pennas de passaros de differentes cores. Além desta capa, usavam de uma especie de capuz, com que cubriam a cabeça; mas estes vestidos só serviamnos dias de festividades publicas.

Em 1530 contavam-se só desta raça perto de settenta e seis povoações guerreiras, distinctas por differentes nomes, e quasi todas espalhados pela Parahyba, Rio Grande, e Ceará. Deste numero eram os *Gayós*, que ervavam as suas flexas; os *Jaborós-Apuyarés*, sempre errantes, e que não usavam d'outra arma, senão de páos tostados ponteagudos; os *Aquigirós*, que por excepção notavel eram pigmeos, mas corajosos, e robustos; os *Paliés*, que vestiam-se com uma tunica de canhamo, sem mangas, e fallavam uma lingoa particular; os *Cuxarás*, que habitavam o centro dos Sertões; os *Mandavés*, e os *Naporás*, que se davam á agricultura, e muitos outros que nenhuma condição tinham que os distinguisse.

No meio de todos estes anthropóphagos os Campêbos eram os unicos que não comiam carne humana; mas decapitavam seus inimigos, e traziam as cabeças penduradas a cintura.

Finalmente tambem pertenciam a raça dos *Tapuyas* os *Mariquitos*, que habitavam parte da Provincia das Alagoas, e que passavam a vida nos bosques. Estes Indios atacavam de ordinario os seus inimigos a cara descoberta, e muitas vezes empregavam o ardil com o bom successo, que lhes assegurava a agilidade de que eram dotados. As mulheres destes Selvagens, de figura assás agradavel, participavam das suas disposições guerreiras.

Taes eram pouco mais, ou menos os signaes que caracterisavam as Nações indigenas, quando Duarte Coelho tomou posse de Pernambuco. Então a Policia Europeanão tendo ainda penetrado os bosques, e as montanhas do Sertão; o character primitivo das povoações conservava-se fielmente.

CAPITULO VII.

El-Rei faz doação a Duarte Coelho de 60 legoas de costa. Duarte Coelho salta em Itamaracá, expulsa os Francezes, bate os Pitiguarés, e funda Iguarassu'.

1550.

Os degradados, e as mulheres dos quaes Portugal havia descartado-se; por mui pouco tempo conservaram para com

os Indios, que tão bem os receberam, a prudencia, que tanto lhes convinha guardar. Aquella gente, tão longe de sua Patria, condemnada a viver entre um povo barbaro, que por felicidade affavelmente a acolhera, em vez de portar-se com este povo de uma maneira que não o desgostasse; pelo contrario tão altiva se mostrou, e de tal sorte se conduzio, que aquelle mesmo povo, que tão hospitaleiramente a hospedara, se vio obrigado a tratá-la como inimiga, e a declarar-lhe guerra. Então carecendo da protecção dos naturaes do paiz, longe dos seus; esses infelices, pela maior parte vieram a servir de pasto á voracidade dos anthropophagos, salvando-se apenas alguns que se abrigaram em Itamaracá na Feitoria estabelecida em 1503 por Christovam Jacques, um d'aquelles que por ordem de El-Rei D. Manoel vieram explorar o Brasil, depois que Cabral o descobrio.

Os Corsarios Francezes, que andavam na costa, e que tinham sabido ganhar a affeição dos indigenas, aproveitaram-se destas circumstancias, e com o auxilio d'aquelles mesmos Indios, que a pouco tempo tão benignamente haviam recebido os Portuguezes, atacaram o estabelecimento de Jacques, e a final apoderaram-se d'elle, prisionando todos que o defendiam.

⊕ Neste estado estavam os negocios de Itamaracá, quando instruido El-Rei D. João 3.º, pela exacta informação que lhe deram os Nauticos, que por ordem de seu fallecido Pai tinham visitado a costa do Brasil, de que este requissimo, e ameno paiz offerecia proporções para fundar-se um Imperio, deliberou povoal-o, e n'elle propagar a fé Christãa; não como até então se tinha feito, com a remessa de criminosos infames, e de mulheres depravadas, mas sim de familias illustres e abastadas, cujos Chefes, tendo servido o Estado com distincção e honra, receberiam em premio de seus serviços a dotação de um certo numero de legoas, com a condição de povoal-as, e civilisar os Indios, que por ventura n'ellas habitassem. Dividio pois El-Rei todo o Brasil em 14 Capitaniaes: destas, oito conquistaram suas armas, e por isso sempre pertenceram á Corôa, e seis, tendo sido dadas á diversos Varões,

a estes ficaram pertencendo, porque as conquistaram: Pernambuco, e Itamaracá foram deste numero.

Duarte Coelho que servira na India com honra, intelligencia, e valor, já como Diplomata, e já como General, foi um dos que em remuneração de seus serviços teve a Capitania de Pernambuco, uma das seis doadas.

Poderia eu aqui, resumindo a doação, dar apenas uma idéa d'ella; porém não escrevendo eu a historia; mas sim Memorias para ella, julgo que devo apresentar ao Historiador a integra dessa Doação, que El-Rei fez escrever, tres annos depois da partida do Donatario, e já quando Olinda estava fundada. A intrega da Doação ei-la.

« Dom João por graça de Deos Rey de Portugal, dos Al-
 « garves da quem, e da alem Mar em Africa Senhor de Gui-
 « né e da Conquista, Navegação, Commercio da Etiopia, Ara-
 « bia, Persia, e da India &c. &c. A quantos esta minha Carta
 « virem: Faço saber que considerando eu quanto serviço de
 « Deos e meu proveito, e bem do meu Reyno e Senhorios, e
 « dos Naturaes, e Subditos delles, he ser a minha Costa, eter-
 « ra do Brazil mais povoada do que até agora foi assi para se
 « nella haver de celebrar o culto, e Officios Divinos, e se exal-
 « çar a nossa Santa fé Catholica com trazer, e provocar a el-
 « la os Naturaes da dita terra infieis, e Idolatras, como pelo
 « muito proveito que se seguirá à meus Reynos e Senhorios,
 « e aos Naturaes, e Subditos delle de se a dita terra povoar, e
 « aproveitar, ouve por bem de a mandar repartir, e ordenar
 « em Capitancias de certas em certas legoas, para della pro-
 « ver aquellas pessoas que me bem parecese, pelo qual es-
 « guardando eu os muitos serviços que Duarte Coelho, Fi-
 « dalgo da minha casa, a El-Rey meu Senhor, e Padre que
 « Santa Gloria haja, e a mim tem feito assi nestes Reynos, co-
 « mo nas *partes da India* onde servio muito tempo, e em
 « muitas couzas a meu serviço, nas quaes deu de si muito
 « boa conta, e vendo como he razão de lhe fazer mercè, assi
 « pelos serviços que até aqui tem feito como por os que es-
 « pero que me ao diante fará, por todos estes respeitos, e
 « per algum outros que me a isto movem, e por folgar de
 « lhe fazer mercè de meu proprio moto, certa sciencia, po-

« der Real, e absoluto sem me elle pedir, nem outrem por
« elle, Hei por bem, e me praz de lhe fazer, e como de fei-
« to por esta presente Carta faço mercê, e irrevogavel Doa-
« ção que entre vivos e valedora deste dia para todo sempre
« de juro, e herdade para elle, e todos os seus filhos, netos,
« herdeiros, successores, que apoz elle vierem, assi descen-
« dentes, como transversaes, e culateraes, segundo adiante
« irá declarado, de sessenta legoas de terra na dita Costa
« do Brazil, as quaes se comessarão no Rio de S. Francisco,
« que he do Cabo de S. Agostinho para o Sul, e acabarão no
« rio que cerca em redondo toda a Ilha de Itamaracá ao qual
« rio ora novamente ponho nome rio de *Santa Cruz*, e mando
« que assi se nomeie, e chame da qui em diante, e isto com
« tal declaração que ficará com o dito Duarte Coelho a terra
« da banda do Sul, e o dito rio onde Christovão Jacques fez
« a primeira caza de minha Feitoria, e a cincoenta passos da
« dita casa da Feitoria pelo rio a dentro ao longo da praia se
« poerá hum padrão de minhas Armas, e do dito padrão se
« lançará huma linha cortando al oeste pela terra firme a
« dentro, e a terra da dita linha para o Sul será do dito Du-
« arte Coelho, e do dito padrão pelo rio abaixo para a barra
« e Mar, ficará assi mesmo com elle Duarte Coelho ametade
« do dito rio de S. Cruz para a banda do Sul, e assi entrará
« na dita terra e demarcação della todo o dito rio de *S. Fran-*
« *cisco*, e a metade do rio *Santa Cruz* pela demarcação sobre-
« dita, pelos quaes rios elle dará serventia aos vesinhos delle,
« de uma parte e da outra, e havendo na frontaria da dita de-
« marcação algumas Ilhas ey por bem que sejam do dito Du-
« arte Coelho, e aneixar a esta sua Capitania sendo as taes
« Ilhas até dez legoas ao mar na frontaria da dita demarcação
« pela linha de Leste, a qual linha se entenderá do meio da
« barra do dito rio de *S. Cruz*, cortando de largo ao longo da
« Costa, e entrarão na mesma largura pelo sertão e terra fir-
« me a dentro, tanto quanto poderem entrar, e fôr de minha
« conquista, na qual terra pela sobredita demarcação lhe as-
« si faço Doação, e mercê de juro, e de herdade para todo
« sempre como dito he, e quero, e me apraz que o dito Duar-
« te Coelho, e todos seus herdeiros, e successores que a dita

« terra herdarem, e subsederem se possam chamar Capitaens,
 « e Governadores della.

« 1.º Outro si lhe faço Doação e mercê de juro e herdade
 « para sempre para elle e seus descendentes successores no
 « modo sobredito da jurisdicção civil e crime da dita terra, da
 « qual elle dito Duarte Coelho e seus herdeiros, e successo-
 « res uzarão na forma e maneira seguinte.

« 2.º Poderá por si, e por seu Ouvidor estar a elleicção
 « dos Juizes e Officiaes, e alimpar e apurar as pautas, e pas-
 « sar Carta de confirmação aos ditos Juizes, e Officiaes as
 « quaes se chamarão pero dito Capitão e Governador, e elle
 « porá Ouvidor que poderá conhecer de acçoens novas a dez
 « legoas donde estiver e de appelaçoens e aggravos conhece-
 « rá em toda a dita Capitania e Governança, e os ditos Juizes
 « darão appelação para o dito seu Ouvidor nas quantias que
 « mandam minhas Ordenaçoens, e do que o dito seu Ouvidor
 « julgar asi por acção nova, como por appelação e aggravo,
 « sendo em causas civeis não haverá appelação nem aggra-
 « vo até quantia de cem mil réis, e da hi para cima dará ap-
 « pelação á parte que quizer appellar, e nos casos crimes
 « ey por bem que o dito Capitão e Governador e seu Ouvi-
 « dor tenham jurisdicção e alçada de morte natural inclusive
 « em Escravos, e Gentios; e assi mesmo em Piães Cristãos
 « homens livres, e em todos os casos assi para absolver, co-
 « mo para condemnar sem haver appelação nem aggravo,
 « e nas pessoas de mor calidade terão alçada de dez annos de
 « degredo, e até cem cruzados de pena, sem appelação nem
 « aggravo, e porém nos quatro casos seguintes a saber: *here-*
 « *sia*, quando o heretico lhe fôr entregue pelo Ecclesiastico,
 « *e treição, e sodomia, e moeda falsa* terão alçada em toda a
 « pessoa de qualquer calidade que seja para condemnar os
 « culpados á morte, e dar suas Sentenças á execução sem ap-
 « pelação, nem aggravo; e porque nos ditos quatro casos
 « pera absolver de morte, posto que outra pena lhe queiram
 « dar menos de morte, darão appelação e aggravo por par-
 « te da Justiça.

« 3.º Outro si me praz que o dito seu Ouvidor possa co-
 « nhecer das appelaçoens, ou aggravos que a elle ouverem

« de ir em qualquer Villa, ou Lugar da dita Capitania em
« que estiver posto que seja muito apartado do lugar onde
« assi estiver, com tanto que seja na propria Capitania, e o
« dito Capitão e Governador poderá poer Meirinho dante o di-
« to seu Ouvidor, e Escrivão, e outros quaes quer Officios
« necessarios, e acostumados nestes Reynos, e assi na Correi-
« ção da Ouvedoria como em todas as Villas e lugares da dita
« Capitania e Governança. E será o dito Capitão e Governador
« e seus sobcessores obrigados quando a dita terra for
« povoada em tanto crescimento que seja necessario poer ou-
« tro Ouvidor de o poer onde por mim, ou por meus Succes-
« sores for ordenado.

« 4.º Outro si me praz que o dito Capitão e Governador,
« e todos os seus Successores possam per si fazer Villas todas
« e quaes quer Povoações que si na dita terra fizerem e lhe a
« elle parecer que o devem ser, as quaes se chamarão Villas,
« e terão Termo e Jurisdição, Liberdades, e Insignias de Vil-
« las, segundo foro e costumes de meus Reynos, e isto porem
« se entenderá que poderão fazer todas as Villas que quise-
« rem das Povoações que estiverem ao longo da Costa da di-
« ta terra, e dos rios que se navegarem, porque por dentro
« da terra firme pelo Sertão, as não poderão fazer, menos es-
« paço de seis legoas de uma a outra para que possam ficar
« ao menos tres legoas de terra de Termo a cada hũa das
« ditas Villas, e ao tempo que assi fizerem as taes Villas, ou
« cada hũa dellas, lemitarão, e assignaráo logo termo para el-
« las, e depois não poderão da terra que assi tiverem dada por
« termo fazer mais outra Villa sem minha licença.

« 5.º Outro si me praz que o dito Capitão e Governador,
« e todos os seus Successores a que esta Capitania vier, pos-
« sam novamente crear, e prover por suas cartas os Tabal-
« liães do Publico e Judicial que lhe parecer necessario nas
« Villas e Povoações da dita terra, assi agora, como pelo tem-
« po adiante, e lhe darão suas cartas assignadas por elles, e
« asseladas com seu sello, e lhes tomarão juramento que sir-
« vam seus officios bem, e verdadeiramente, e os ditos Tabal-
« liães servirão pelas ditas Cartas sem mais tirarem outras
« em minha Chancelaria; e quando os ditos officios vagarem

« por morte, ou renunciação, ou por erros de se assi he, os
 « poderão isso mesmo dar, e lhe darão os Regimentos per
 « onde hão de servir conformes aos de minha Chancellaria,
 « e ey por bem que os ditos Tabaliaens se possam chamar e
 « chamem pelo dito Capitão e Governador e lhe pagarão suas
 « pensoens, segundo forma no Foral que ora para a dita ter-
 « ra mandei fazer, das quaes pensoens lhe assi faço mercè,
 « e doação de juro e herdade para sempre.

« 6º E outro si lhe faço doação e mercè de juro e herdade
 « para sempre das Alcaidarias Mores de todas as ditas Villas
 « e Povoações da dita terra com todas as rendas, direitos,
 « foros, tributos, que a ellas pertencerem, segundo são
 « escriptas e declaradas no Foral, as quaes o dito Capitão e
 « Governador, e seus successores haverão e arrecadarão para
 « si no modo e maneira no dito Foral contheudo e segundo
 « forma delle, e as pessoas a que as ditas Alcaidarias Mores
 « forem entregues da mão do dito Capitão e Governador, elle
 « lhes tomará a menagem dellas segundo forma de minhas
 « Ordenações.

« 7º Outro si me praz por fazer mercè ao dito Duarte
 « Coelho, e a todos seus Successores a que esta Capitania e
 « Governança vier de juro e herdade pera sempre que elles
 « tenham e ajam as moendas de agoas, marinhas de Sal, e
 « quaes quer outros engenhos de qual quer qualidade que se-
 « jam que na dita Capitania e Governança se poderem fazer,
 « e ey por bem que pessoa alguma não possa fazer as ditas
 « moendas, marinhas, nem engenhos se não o dito Capitão
 « e Governador, ou aquelles a que elle pera isso der licença,
 « de que lhe pagarão aquelle foro, ou tributo que se com
 « elles concertar.

« 8º Outro si lhe faço doação e mercè de juro e de her-
 « dade para sempre de dez legoas de terra ao longo da Costa
 « da dita Capitania, e Governança, e entrarão pelo Sertão tanto
 « quanto poderem entrar, e for de minha Conquista, a qual
 « terra será sua, e livre, e izenta sem della pagar foro, tri-
 « buto, nem direito algum, somente o Dizimo de Deos a
 « Ordem do Mestrado de Nosso Senhor Jesuz Christo, e den-
 « tro de vinte annos do dia que o dito Capitão e Governador

« tomar posse da dita terra, poderá escolher e tomar as ditas
« dez legoas de terra em qual quer parte que mais quiser ;
« não as tomando porém juntas, se não repartidas em qua-
« tro ou cinco partes, e não sendo de huma a outra menos
« de duas legoas, as quaes terras o dito Capitão e Governador,
« e seus Successores poderão arrendar, e aforar em
« fatiota, ou em pessoas, ou como quiserem, e lhes bem
« vier, e pelos foros, e tributos que quiserem, e as ditas
« terras não sendo aforadas, ou arrendadas dellas quando o
« forem virão sempre a quem succeder na dita Capitania e
« Governança pelo modo nesta doação contheudo, e das no-
« vidades que Deos nas ditas terras der, não serão o dito Capi-
« tão e Governador, nem as pessoas que da sua mão as ti-
« verem, ou troxerem obrigados a me pagar foro, nem di-
« reito algum, somente o dizimo de Deos a Ordem que geral-
« mente se hade pagar em todas as outras terras da dita Ca-
« pitania, como abaixo irá declarado.

« 9º Item o dito Capitão e Governador, nem os que a poz
« elle viereu não poderão tomar terra alguma de sesmaria
« na dita Capitania para si nem para sua mulher, nem para
« o filho e herdetro della, antes darão, e poderão dar e re-
« partir todas as ditas terras de sesmaria a quaes qner pes-
« soas de qual quer calidade e condição que sejam, e lhes
« bem parecer livremente sem foro, sem direito algum, so-
« mente o Dizimo de Deos que serão obrigados pagar á Ordem
« de todo o que nas ditas terras houverem segundo he de-
« clarado no Foral, e pela mesma maneira as poderão dar
« e repartir por seus filhos fora do Morgado, e assi por seus
« parentes ; e porem aos ditos seus filhos e parentes não
« poderão dar mais terra da que derem ou tiverem dado a
« qual quer outra pessoa estranha, e todas as ditas terras
« que assi der de sesmaria a huns, e a outros, será conforme
« a Ordenação das sesmaria só com a ebrigação dellas, as
« quaes terras o dito Capitão e Governador, nem seus sub-
« sessoros não poderão em tempo algum tomar para si,
« nem para sua mulher, nem filhos herdeiros como dito he,
« nem pôlas em outrem para depois virem a elles per modo
« algum que seja, somente ás poderão haver por titulo de

« compra verdadeira das pessoas que lhas quizerem vender
 « passados oito annos depois de as taes terras serem apro-
 « veitadas, e em outra maneira não.

« 10. Outro si lhe faço doação e merce de juro e de her-
 « dade para sempre de ametade da dizima do Pescado da
 « dita Capitania que a mim pertencer, por que a outra ame-
 « tade se hade arrecardar para mim, segundo no Foral he
 « declarado, a qual ametade da dita dizima se entenderá
 « do Pescado que se matar em toda a dita Capitania fora das
 « dez legoas do dito Capitão e Governador; por quanto as
 « ditas dez legoas he terra sua, e izenta segundo a tras he
 « declarado.

« 11. Outro si lhe faço duação e merce de juro e de her-
 « dade para sempre da dizima de todas as rendas, e direitos
 « que á dita ordem, e a mim de direito na dita Capitania
 « pertencer; a saber, que todo o rendimento que á dita
 « Ordem, e a mim couber; assi dos Dizimos, como de quaes
 « quer outras rendas, ou direitos de qual quer calidade que
 « sejam haja o dito Capitam e Governador e seus subssesso-
 « res huma dizima, que he de dez partes huma.

« 12. Outro si me praz por respeito, do cuidado que o
 « dito Capitam e Governador e seus successores hão de ter
 « de goardar e conservar o Brazil que na dita terra houver,
 « de lhe fazer duação e merce de juro e de herdade para sem-
 « pre da vintena parte do que liquidamente render para mim,
 « forro de todos os custos, o Brazil que se da dita Capitania
 « trazer a estes Reynos, e a conta do tal rendimento se
 « fará na caza da Mina da Cidade de Lisboa, onde o dito
 « Brazil hade vir. E na dita casa, tanto que o Brazil for ven-
 « dido, e arrecadado o dinheiro delle lhe será logo pago,
 « e entregue em dinheiro de contado pelo Feitor e Officiaes
 « della aquillo que por boa conta na dita vintena montar, e
 « isto por quanto todo o Brazil que na dita terra houver hade
 « ser sempre meu, e de meus successores, sem o dito Capi-
 « tam e Governador, nem outra alguma pessoa poder tractar
 « nelle, nem vendel-o para fora, somente poderá o dito
 « Capitam, e assi os moradores da dita Capitania aproveitar-
 « se do dito Brazil ahi na terra, no que lhes for necessario,

« segundo he declarado no Foral, e tratando nelle, ou ven-
 « dendo para fora incorrerão nas penas contheudas no dito
 « Foral.

« 13. Outro si me praz fazer duacão e merce ao dito
 « Capitão e Governador, e a seus Subcessores de juro e de
 « herdade para sempre que dos Escravos que elles resgata-
 « rem, e houverem na dita terra do Brazil, possam mandar
 « a estes Reynos vinte e quatro peças cada anno, para fa-
 « zer dellas o que lhes bem vier, os quaes Escravos virão ao
 « Porto da Cidade de Lisboa, e não a outro algum Porto, e
 « mandará com elles certidão dos Officiaes da dita terra, de
 « como são seus, pela qual certidão lhes serão qua despa-
 « chados os ditos Escravos forros, sem delles pagar direitos
 « alguns, nem cinco por cento, e alem d'estas vinte e qua-
 « tro peças, que assi cada anno poderá mandar fórras, ey
 « por bem que possa trazer por Marinheiros e Gurumetes
 « em seus Naviões todos os Escravos que quizerem, e lhes
 « forem necessarios.

« 14. Outro si me praz por fazer merce ao dito Capitão e
 « Governador, e a seus Subcessores, e assi aos vizinhos e
 « moradores na dita Capitania que nella não possa haver em
 « tempo algum direitos de Cizas, nem Imposições, Saboa-
 « rias, Tributo do Sal, nem outros alguns Direitos, nem
 « Tributos de qualquer calidade que sejam, salvo aquelles
 « que per bem desta Duacão e do Foral ao prezente são or-
 « denados que haja.

« 15. Item Esta Capitania e Governança, e rendas e bens
 « dellas, ey por bem e me praz que se herde e subceda de
 « juro e de herdade para todo sempre pelo dito Capitão e
 « Governador, e seus descendentes filhos, e filhas legitimos
 « com tal declaração que em quanto houver filho legitimo
 « barão no mesmo grão, não subceda filha, posto que seja
 « em idade que o filho; e não havendo macho, ou havendo,
 « e não sendo em tão propinquo grão ao ultimo possuidor
 « como a fêmea, então subcede a fêmea, e em quanto hou-
 « ver descendentes legitimos machos, ou femeas, que não
 « subceda na dita Capitania bastardo algum, e não havendo
 « descendentes machos, ou femeas legitimos então subce-

« derão os bastardos machos, e femeas; não sendo pore
« de danado coito, e subcederão pela mesma ordem dos le
« gitimos, primeiro os machos, e depois as femeas em igual
« grão, com tal condição que se o possuidor de dita Capita
« nia a quizer antes deixar a hum seu parente transversal,
« que aos descendentes bastardos, quando não tiver legiti
« mos o possa fazer, e não havendo descendentes machos,
« nem femeas legitimos, nem bastardos da maneira que dito
« hé em tal cazo subcederão os ascendentes machos e femeas,
« primeiro os machos, e em defeito delles as femeas, e não
« havendo descendentes, nem ascendentes, subcederão os
« transversaes pelo modo sobredito, sempre primeiro os
« machos que forem em igual grão, e depois as femeas, e no
« cazo de bastardos, o possuidor poderá se quizer deixar a
« dita Capitania a hum transversal legitimo, e tiral-a aos
« bastardos, posto sejam descendentes de muito mais pro
« pinquo grão; e isto ey assi por bem sem embargo da Lei
« Mental, que diz que não subcedam femeas, nem bastardos,
« nem transversaes, nem ascendentes, por que sem embargo
« de todo me praz que nesta Capitania subcedam femeas, e
« bastardos, não sendo de coito danado, e transversaes e
« ascendentes do modo que já he declarado.

« 16. Outro si quero, e me praz que em tempo algum se
« não possa a dita Capitania, e Governança, e todas as couzas
« que por esta Duação dou ao dito Duarte Coelho, partir nem
« escamabar, espedaçar, nem em outro modo enalhear, nem
« em cazamento de filho, ou filha, nem a outra pessoa dar,
« nem para tirar Pay, nem outra algũa pessoa de Cativo, nem
« para outra couza, ainda que seja mais piedosa, por que mi
« nha tenção, e vontade he que o dita Capitania, e Governan
« ça, e couzas ao dito Capitão e Governador nesta Duação da
« das, andem sempre juntas, e se não partam nem aliennem
« em tempo algum, e aquelle que a partir, ou alienar, ou
« espedaçar, ou der em cazamento, ou para outra couza, por
« onde haja de ser partida, ainda que seja mais piedosa, por
« esse mesmo feito perca a dita Capitania, e Governança, e
« passem directamente a aquelle a que houvera de ir, se o tal
« que isso assi nom cumprio fosse morto.

« 17. Outro si me praz que por caso algum de qual quer
« calidade que seja, que o dito Capitão e Governador cometa,
« por que segundo Direito, e Leys d'estes Reynos mereça
« perder a dita Capitania, e Governança, Jurisdição, e Rendas
« d'ella, a não perca seu Subcessor, salvo se for tredoro á
« Coroa d'estes Reinos e em todos os outros cazos que come-
« ter será punido quanto o crime o obrigar; e porem o seu
« Subcessor nom perderá por isso a dita Capitania, e Gover-
« nança, Jurisdição, Rendas, e bens della com o dito he.

« 18. Item mais me praz, e ey per bem que o dito Duar-
« te Coelho, e todos os seus Subcessores a que esta Capitania
« e Governança vier uzem inteiramente de toda a Jurisdição,
« Poder, e Alçada nesta Duação contheuda, e assi, e da ma-
« neira que nella he declarado, e pela confiança que delles
« tenho que guardarão nisso tudo o que cumprir a Serviço de
« Deos e meu, e bem do Povo e Direito das partes ey outro si
« per bem e me praz que nas terras da dita Capitania não
« entrem, nem possa entrar em tempo algum Corregedor,
« nem alçada, nem outras algumas Justiças para nellas uzar
« de Jurisdição algũa por nenhũa via, nem modo que seja;
« nem menos será o dito Capitão Suspensão da dita Capitania,
« e Governança, e Jurisdição della. E porem quando o dito
« Capitão cahir em algum erro, ou fizer couza por que me-
« reça, e deva ser castigado, eu, ou meus Subcessores o
« mandaremos vir a nós para ser ouvido com sua Justiça e lhe
« ser dada aquella pena, ou castigo que de Direito por tal
« cazo merecer.

« 19. Item esta merce lhe faço como Rey e Senhor destes
« Reynos, e assi como Governador e Perpetuo Administrador
« que sou da Ordem e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor
« Jezus Christo, e per esta presente Carta dou poder, e au-
« thoridade ao dito Duarte Coelho que elle per si, e per quem
« lhe aprover possa tomar e tome a posse real, e corporal, e
« actual das terras da dita Capitania e Governança, e das Ren-
« das, e bens dellas, e de todas as mais couzas contheudas
« nesta Duação, e uze de todo inteiramente como se nella
« contem; a qual Duação ey per bem, quero, e mando que
« se cumpra, e guarde em todo, e per todo com todas as

« clausulas, condiçoens, e declaraçoens nella contheudas, e
 « declaradas sem mingua, nem desfalecimento algum, e para
 « todo o que dito he derogo a Ley Mental, e quaes quer outras
 « Leis Ordenaçoens, Direitos, Grozas, Costumes que em con-
 « trario d'isto haja, ou possa haver per qual quer guia ou mo-
 « do que seja, posto que sejam taes que fosse necessario serem-
 « aqui expressas e declaradas de verbo ad verbo, sem embar-
 « go da Ordenação do segundo Livro Titulo quarenta e nove
 « que diz que quando se as taes Leys e Direitos derogarem se
 « faça a expressa menção dellas, e da sustancia dellas; e por
 « esta prometo ao dito Duarte Coelho, e a todos os seus Sub-
 « cessores que nunca em tempo algum vá, nem consinta ir
 « contra esta minha Carta de Duação em parte nem em todo,
 « e rogo e encomendo a todos os meus Subcessores que nunca
 « em tempo algum vá nem consinta ir contra esta minha
 « Carta de Duação em parte nem em todo, e rogo e encomen-
 « do a todos os meus Subcessores que lha cumpram, e man-
 « dem cumprir, e guardar; e assim mando a todos os meus
 « Corregedores, Dezembargadores, Ouvidores, Juizes, e
 « Justiças, Officiaes, e Pessoas dos meus Reynos e Senhorios
 « que cumpram e guardem, e façam cumprir esta minha
 « Carta de Duação, e todas as couzas contheudas nella, sem
 « lhe a isso ser posta duvida, nem embargo, nem contra-
 « dicção alguma, por que assi he minha merce. E por fir-
 « meza de todo lhe mandei dar esta minha Carta por mim as-
 « signada, e asselada do meu sello de Chumbo. Manoel da
 « Costa a fez em Evora a dez dias do mês de Março, Anno
 « do Nassimento de Nosso Senhor Jezu Christo de mil qui-
 « nhentos e trinta e quatro. E eu Fernão de Alvares The-
 « zoureiro Mor d'El-Rey Nosso Senhor, Escripvão de sua Fa-
 « zenda a subscrevi.

REY. . .

« E posto que no 10º Capitulo desta Carta diga que faço
 « Duação e merce ao dito Duarte Coelho de juro e de herdade
 « para sempre d'ametade da Dizima do Pescado da dita Ca-
 « pitania, ey per bem que a tal merce não haja effeito, nem

« tenha vigor algum, por quanto se viu que não podia haver
 « a dita ametade da Dizima para ser da Ordem e em satisfação
 « della me praz de lhe fazer merce, como de effeito per esta
 « prezente faço Duação e merce de juro e de herdade para
 « sempre de outra ametade do Dizimo do mesmo Pescado,
 « que ordenei que se mais pagasse, alem da Dizima inteira,
 « segundo he declarado no Foral da dita Capitania, a qual
 « ametade de Dizima do dito Pescado o dito Capitão e todos
 « os seus herdeiros, e Subcessores, a que a dita Capitania
 « vier, haverão e arrecadarão para si no modo, e maneira
 « contheuda no dito Foral, e segundo forma delle, e esta A-
 « postilla passará pela Chancellaria, e será registada ao pé
 « do registo desta Duação. Manoel da Costa a fez em Evora
 « a vinte e cinco de Setembro de mil quinhentos e trinta e
 « quatro.

REY. . .

FORAL DE PERNAMBUCO.

« D. João por Graça de Deus Rey de Portugal, e dos Al-
 « garves, daquem, e dalem Mar, em Africa Senhor de Guiné,
 « e da Conquista, Navegação, Commercio da Etiopia, Arabia,
 « Persia, e da India &c. &c.

« A quantos esta minha Carta virem : Faço saber que eu
 « fiz ora Duação e Merce a Duarte Coelho, Fidalgo de minha
 « Caza para elle, e todos seus filhos, netos, herdeiros, e Sub-
 « cessores de juro e de herdade para sempre da Capitania e
 « Governança de sessenta legoas de terra na minha costa do
 « Brazil, as quaes se começão no rio de S. Francisco, que he
 « do Cabo de S. Agostinho para o Sul, e acabam no rio de S.
 « Cruz, que he do dito Cabo para a linha, segundo mais in-
 « teiramente he contheudo, e declarado na Carta da Duação
 « que da dita terra lhe tenho passado, e por ser muito neces-
 « sario haver ahi Foral dos direitos, foros, e tributos, e cou-
 « zas que na dita terra hão-de pagar assi do que a mim, e a
 « Coroa de meus Reynos pertence, como do que pertence
 « ao dito Capitão per bem da dita sua Duação, eu avendo res-

« peito a calidade da dita terra, e a se ora novamente ir mo-
 « rar, povoar, e aproveitar, e por que se isto melhor, e mais
 « cedo faça, sentindo-o assi por serviço de Deus, e meu, e
 « bem do dito Capitão, e moradores da dita terra, e por fol-
 « gar de lhes fazer merce ouve per bem de mandar ordenar
 « e fazer o dito Foral na forma e maneira seguinte.

« 1.º Item. Primeiramente o Capitão da dita Capitania e
 « seus Subcessores darão e repartirão todas as terras della de
 « Sismaria a quaes quer pessoas de qual quer calidade, e con-
 « dição que sejam, com tanto que sejam Christãos, livremen-
 « te sem foro, nem direito algum somente o dizimo, que se-
 « rão obrigados de pagar a Ordem do Mestrado de Nosso Se-
 « nhor Jezu Christo, de tudo o que nas ditas terras ouverem;
 « as quaes Sismarias darão na forma e maneira que se con-
 « tem em minhas Ordenações, e não poderão tomar terra
 « alguma de Sismaria para si, nem para sua mulher, nem
 « para o filho herdeiro da dita Capitania, e porem podelaam
 « dar aos outros que não forem herdeiros da dita Capitania,
 « e assi a seus parentes como se em sua Duação contem, e
 « se algũo dos filhos que não forem herdeiros da dita Capi-
 « tania, ou qual quer outra pessoa tiver alguma Sismaria per
 « quall maneira que a tinha, e vier a herdar a dita Capita-
 « nia, será obrigado do dia que nella subceder a hum anno
 « primeiro seguinte de a largar, e trespassar a dita Sisma-
 « ria em outra pessoa, e não a trespassando no dito tempo
 « perderá para mim a tall Sismaria, com mais outro tanto
 « preço, como ella valer; e per esta mando ao meu Feitor,
 « ou Almoxarife, que na dita Capitania por mim estiver, que
 « em tall cazo lance loguo mão pela dita terra para mim, e a
 « faça assentar no Livro dos meus Proprios, e faça execução
 « pela valia della, e não o fazendo assi ey por bem que perca
 « seu Officio, e me pague de sua fazenda outro tanto quanto
 « montar na valia da dita terra.

« 2.º Item. Avendo nas terras da dita Capitania, Coos-
 « ta, Maares, Rios, e Bahias dellas qual quer sorte de pedra-
 « ria, perollas, aljofar, ouro, prata, coraal, cobre, estanho,
 « chumbo, ou outra qual quer sorte de metal pagar-se-ha a
 « mim o quinto, do quall quinto averá o Capitão sua dizima,

« como se contem em sua Duacção, e ser-lhe-ha entregue a
« parte que lhe na dita dizima montar ao tempo que se o di-
« to quinto para mim arrecadar per meus Officiaes.

« 3.º Item. O páo do Brazil da dita Capitania, e assi
« qual quer especiaria, ou drogaria de qual quer calydade
« que seja que nella houver, pertencerá a mim, e seraa tudo
« sempre meu, e de meus Subcessores, sem o dito Capitão,
« nem outra algũa pessoa poder tratar nas ditas couzas, nem
« em algũa dellas laa na terra, nem as poderá vender, nem
« tirar para meus Reynos ou Senhorios, nem para fora del-
« les, sob pena de quemm o contrario fizer perder por isso to-
« da a sua fazenda para a Coroa do Reyno, e ser degradado
« para a Ilha de S. Thomé para sempre. E porem quanto ao
« Brazill ey per bem que o dito Capitão, e assi os moradores
« da dita Capitania se possam aproveitar delle hy na terra, no
« que lhe for necessario, não sendo em o queimar, por que
« queimando-o encorrerão nas sobreditas penas.

« 4.º Item. De todo o pescado que se na dita Capitania
« pescar, não sendo há cana se pagará a Dizima a Ordem, que
« he de dez peixes hũ, e alem da dita dizima ey por bem que
« se pague mais meya dizima, que he de vinte peixes hũ, a
« quall meya dizima o Capitão da dita Capitania averá e ar-
« recadará para si, por quanto lhe tenho della feito mercê,
« como se conthem em sua Duacção.

« 5.º Item. Querendo o dito Capitão e moradores e
« povoadores da dita Capitania trazer, ou mandar trazer per
« si, ou per outrem a meus Reynos, ou Senhorios qual quer
« sorte de mercadorias que na dita terra e partes dellas ou-
« ver, tirando Escravos, e as outras mais couzas que a cima
« são defezas, podelo-hão fazer; e serão recolhidos e agaza-
« lhados em quaes quer Portos, Cidades, Villas, ou lugares
« dos ditos meus Reynos ou Senhorios em que vierem apor-
« tar, e não serão constrangidos a descarregar suas mercado-
« rias, nem as vender em algũu dos ditos Portos, Cidades, ou
« Villas contra suas vontades, se para outras partes antes qui-
« serem ir fazer seus proveitos, e querendo-os vender nos di-
« tos lugares de meus Reynos, ou Senhorios não pagarão del-
« les direitos algũu, sobmente a ciza do que venderem, posto

« que per os Foraes, Regimentos, ou Costume dos taaes lu-
 « gares fossem obrigados a pagar outros direitos, ou tribu-
 « tos; e poderão os sobreditos vender suas mercadorias a
 « quem quizerem, e levallas para fora do Reino se lhes bem
 « vier, sem embargo dos ditos Foraes, Regimentos, e Costu-
 « me que em contrario haja.

« 6.º Item. Todos os Navios de meus Reynos, e Senho-
 « rios que a dita terra forem com mercadorias, de que já cá
 « tenham pago os Direitos em minhas Alfandegas, e mos-
 « trarem d'isso Certidão dos meus officiaes dellas não paga-
 « rão na dita terra do Brazil direito algum, e se lá carrega-
 « rem mercadorias da terra para fora do Reyno, pagarão de
 « sahida dizima a mim, da qual dizima o Capitão haverá
 « sua redizima, como se contem em sua Duação. E porém,
 « trazendo as taes mercadorias para meus Reynos, ou Se-
 « nhorios não pagarão da sahida couza alguma, e estes que
 « troxerem as ditas mercadorias para meus Reynos ou Se-
 « nhorios serão obrigados de dentro de um anno levar, ou
 « enviar aa dita Capitania Certidão dos Officiaes de minhas
 « Alfandegas do lugar aonde descarregarem, de como assi
 « descarregaram em meus Reynos, e as calydades das mer-
 « cadorias que descarregaram, e quantas eram e não mos-
 « trando a dita Certidão dentro no dito tempo, pagarão a
 « dizima das ditas mercadorias, ou daquella parte dellas
 « que em os ditos meus Reynos ou Senhorios não descarre-
 « garem, e levarem para fora do Reyno, e se for pessoa que
 « não haja de tornar á dita Capitania, daraa laa fiança ao
 « que montar na dita dizima para dentro no dito tempo de
 « hum anno mandar Certidão de como veo descarregar em
 « meus Reinos, ou Senhorios, e não mostrando á dita Cer-
 « tidão no dito tempo, se arrecadará e averá a dita dizima
 « pela dita fiança.

« 7.º Item Quaes quer pessoas Estrangeiras, que não fo-
 « rem naturaes de meus Reinos, ou Senhorios que a dita
 « terra levarem ou mandarem levar quaes quer mercadorias,
 « posto que as levem de meus Reynos, ou Senhorio, e que
 « cá tenham pago dizima, pagarão lá da entrada dizima a
 « mim das mercadorias que assi levarem, e carregando na

« dita Capitania mercadorias da terra para fora , pagar-me-
« hão assi mesmo dizima da sahida das taes mercadorias das
« quaes dizimas o Capitão haverá sua redizima , segundo se
« contem em sua Duação , e ser-lhe ha a dita redizima entre-
« gue per meus Officiaes ao tempo que se as ditas dizimas
« para mim arrecadam.

« 8.º Item. De mantimentos, armas, arthelharia, pol-
« vora , Salitre , enchofre , chumbo , e quaes quer outras
« couzas de munição de guerra que à dita Capitania levarem,
« ou mandarem , levar ao Capitão e moradores della , ou
« quaes quer outras pessoas assi naturaes , como Estrangei-
« ros ey por bem que se não pagem direitos alguns , e que os
« sobreditos possam livremente vender todas as ditas cou-
« zas e cada huã dellas na dita Capitania ao Capitão e aos
« moradores , e povoadores d'ella que forem Christãos , e
« meus subditos.

« 9.º Item. Todas as pessoas assi de meus Reynos e Se-
« nhorios , como de fora delles que a dita Capitania forem
« não poderão tratar nem comprar , nem vender couza algu-
« ma com os Gentios da terra , e tratarão somente com o Ca-
« pitão , e povoadores della comprando e vendendo , e res-
« gatando com elles todo o que podem aver , e quem o con-
« trario fizer ey por bem que perca em dobro toda a merca-
« doria , e couzas que com os ditos Gentios contratarem , de
« que será a terça parte para a minha Camara , e outra ter-
« ça parte para quem os accuzar , e a outra terça parte para
« o Espritall que na dita terra houver , e não no avendo hy
« seraa para a fabrica da Igreja della.

« 10. Item. Quaes quer pessoas que na dita Capitania
« cargarem seus Navios serão obrigados , antes que come-
« cem a cargar , e antes que sayam fora da dita Capitania
« de o fazer saber ao Capitão della para prover , e ver que
« se não tiram mercadorias defezas , nem partirão isso
« mesmo da dita Capitania sem licença do dito Capitão , e
« não o fazendo assi , ou partindo sem a dita licença , per-
« der-se-hão em dobro para mim todas as mercadorias que
« carregarem, posto que não sejam defezas ; e isto porém se
« entenderá em quanto na dita Capitania não ouver Feitor,

« ou Official meu por que avendo-o hy a elle se fará saber o
« que dito he , e a elle pertencerá fazer a dita deligencia , e
« dar as ditas licenças.

« 11. Item. O Capitão da dita Capitania , e os morado-
« res , e povoadores della poderão livremente tratar , com-
« prar , e vender suas mercadorias com os capitaens das
« outras Capitancias que tenho providos na dita Costa do Bra-
« zill , e com os moradores , e povoadores della , a saber de
« umas Capitancias para outras , nas quaes mercadorias e
« compras e vendas dellas não pagarão huns nem outros di-
« reitos alguns.

« 12. Item. Todo o vizinho , e morador que viver na
« dita Capitania , e for Feitor , ou tiver Companhia com al-
« guã pessoa que viver fora de meus Reynos , e Senhorios
« não poderá tratar com o Gentio da terra , posto que sejam
« Christãos , e tratando com elles ey per bem que perca to-
« da a fazenda com que tratar , da qual será hum terço para
« quem o accusar , e os dois terços para as obras dos muros
« da dita Capitania.

« 13. Item. Os Alcaldes Mores da dita Capitania , e das
« Villas , e Povoaçoes della averão , e arrecadarão para si
« todos os direitos , foros , e tributos que em meus Reinos
« e Senhorios per bem de minhas Ordenaçoes pertencem , e
« são concedidos aos Alcaldes Moores.

« 14. Item. Nos rios da dita Capitania ; em que ouver
« necessidade de pôr barcas para a passagem delles , o Ca-
« pitão as porá e levará dellas aquelle direito , ou tributo
« que lá em Camara for taxado que leve , sendo confirmado
« por mim.

« 15. Item. Cada um dos Tabeliães do publico , judi-
« cial que nas Villas e Povoaçoes da dita Capitania ouver
« será obrigado de pagar ao dito Capitão quinhentos reis de
« penção em cada hum anno.

« 16. Item. Os moradores , e Povoadores da dita Capi-
« tania serão obrigados em tempo de guerra a servir nella
« com o Capitão , se lhe necessario for. Notifico assi ao Ca-
« pitão da dita Capitania que ora he , e ao diente for , e ao
« meu Feitor , Almojarife , e Officiaes della , e aos Juizes ,

« ou Official meu por que avendo-o hy a elle se fará saber o
 « que dito he , e a elle pertencerá fazer a dita deligencia , e
 « dar as ditas licenças.

« 11. Item. O Capitão da dita Capitania , e os morado-
 « res , e povoadores della poderão livremente tratar , com-
 « prar , e vender suas mercadorias com os capitaens das
 « outras Capitancias que tenho providos na dita Costa do Bra-
 « zill , e com os moradores , e povoadores della , a saber de
 « umas Capitancias para outras , nas quaes mercadorias e
 « compras e vendas dellas não pagarão huns nem outros di-
 « reitos alguns.

« 12. Item. Todo o vizinho , e morador que viver na
 « dita Capitania , e for Feitor , ou tiver Companhia com al-
 « guã pessoa que viver fora de meus Reynos , e Senhorios
 « não poderá tratar com o Gentio da terra , posto que sejam
 « Christãos , e tratando com elles ey per bem que perca to-
 « da a fazenda com que tratar , da qual será hum terço para
 « quem o accusar , e os dois terços para as obras dos muros
 « da dita Capitania.

« 13. Item. Os Alcaldes Mores da dita Capitania , e das
 « Villas , e Povoaçoes della averão , e arrecadarão para si
 « todos os direitos , foros , e tributos que em meus Reinos
 « e Senhorios per bem de minhas Ordenaçoes pertencem , e
 « são concedidos aos Alcaldes Moores.

« 14. Item. Nos rios da dita Capitania ; em que ouver
 « necessidade de pôr barcas para a passagem delles , o Ca-
 « pitão as porá e levará dellas aquelle direito , ou tributo
 « que lá em Camara for taxado que leve , sendo confirmado
 « por mim.

« 15. Item. Cada um dos Tabeliães do publico , judi-
 « cial que nas Villas e Povoaçoes da dita Capitania ouver
 « será obrigado de pagar ao dito Capitão quinhentos reis de
 « penção em cada hum anno.

« 16. Item. Os moradores , e Povoadores da dita Capi-
 « tania serão obrigados em tempo de guerra a servir nella
 « com o Capitão , se lhe necessario for. Notifico assi ao Ca-
 « pitão da dita Capitania que ora he , e ao diente for , e ao
 « meu Feitor , Almojarife , e Officiaes della , e aos Juizes ,

« Justiças da dita Capitania , e a todollos outrem Justiça ,
 « e Officiaes de meus Reinos , e Senhorios , assi de Justiça ,
 « como da Fazenda , e mando a todôs em Gerall , e a cada
 « hum em especiall , que cumpram , guardem , e façam in-
 « teiramente cumprir e guardar esta minha Carta de Forall
 « assi , e da maneira que se nella contem , sem lhe nisso
 « ser posto duvida , nem embargo , nem contradição algu-
 « ma , por que assi he minha merce. E por firmeza dello
 « mandei passar esta Carta por mim assignada , e assellada
 « do meu Sello pendente , a qual mando que se registre nos
 « livros da minha Feitoria da dita Capitania , e assi na mi-
 « nha Alfandega de Lisboa , e pela mesma maneira se regis-
 « tará nos Livros das Camaras das Villas e Povoaçoes da
 « dita Capitania para que a todos seja notorio o contheudo
 « n'este Forall , e se cumpra inteiramente. Manoel da Costa
 « a fez em Evora a vinte e quatro dias do mes de Setembro
 « do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezu Christo de
 « mil quinhentos e trinta e quatro annos.

REY

Estes Titulos , datados em 1534 , e e extrahidos em 1793 por certidão dos proprios originaes na Torre do Tombo em Lisboa , a requerimento do fallecido Coronel Antonio Marques da Costa Soares , fixariam a época da fundação de Igua-rassú ao menos no dito anno de 1534 , si uma carta (1) que

(1) Martim Affonso , amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Vi as cartas que me escrevestes por João de Souza , e por elle soube da vossa chegada a essa terra do Brasil , e como íeis correndo a costa , caminho do Rio da Prata , e assim do que passastes com as náos francezas , dos cossairos que tomastes , e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito ; e foi tão bem feito como se de vós esperava ; e sou certo que a vontade que tendes para me servir. A náó , que cá mandastes , quizera que ficára antes lá com todos os que nella vinham. Daqui em diante , quando outras taes náos de cossairos achardes , tereis com ellas e com a gente dellas , a maneira que por outra Provisão vos escrevo. Porque folgaria de saber as mais vezes novas de vós , e do que lá tendes feito , tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio , para se tornar João de Souza para vós , e quando foi de todo prestes para poder partir , era tão tarde para lá poder correr a costa , e por isso se tornou a desarmar e não foi ; vai a-

El-Rei D. João 3.^o dirigido em 1532 a Martim Affonso, e outros escriptos antigos, não me induzissem a crer que Duarte Coelho veio para Pernambuco pelo menos em 1530, como

gora com duas caravelas armadas para andarem com vosco o tempo que vos parecer necessario, e fazerem o que lhes mandardes. E por até agora não ter algum recado vosso, — do que no assento da terra, nem no Rio da Prata tendes feito, vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque, e sómente encomendar-vos muito, que vos lembre a gente e arrada que lá tendes, e o custo que se com ella fez e faz: e segundo vos o tempo tem succedido, e o que tendes feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada; fazendo o que vos melhor, e mais meu serviço parecer; porque eu confio de vós, que no que assentardes será o melhor. Havendo d'estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravela com recado vosso, e me escrevereis muito largamente todo o que até então tivêdes passado, e o que na terra achastes, e assim o que no Rio da Prata, — tudo mui declaradamente, para eu por vossas cartas e informação saber o que se ao diante deverá fazer. E se vos parecer que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-heis vir; porque pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós, que sou certo que nisso fareis o que mais meu serviço for. Depois de vossa partida se praticou se seria meu serviço povoar-se toda essa costa do Brasil, e algumas pessoas me requeriam capitánias em terra della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porém, porque depois fui informado que d'algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brasil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas forças, (como já em Pernambuco começava a fazer, segundo o Conde da Castanheira vos escreverá), determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o Rio da Prata cincoenta leguas de costa a cada capitaina; e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes vosso irmão cincoenta, nos melhores limites dessa costa por parecer de pilotos e de outras pessoas, de quem se o Conde por meu mandado informou, como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará, e depois de escolhidas estas cento e cincoenta leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas, que requeriam capitánias de cincoenta leguas a cada uma, e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse. Na costa de Andalusia foi tomada agora pelas minhas caravelas, que andavam na armada do Estreito, uma náo franceza carregada de brasil, e trazida a esta cidade, a qual foi de Marcelha a Pernambuco, e desembarcou gente em terra, a qual

he opinião de alguns Historiadores ; (2) e que portanto esta Provincia não começou a ser formalmente povoada , depois de ter sido escripta a doação Regia do mesmo Duarte Coelho , como pretendem Fr. Gaspar da Madre de Deus nas suas *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente* , e Antonio José Victoriano Borges da Fonseca na sua *Nobiliarchia Pernambucana T. 1. (3)*.

Antes porém que entre no desenvolvimento das razões que me induzem a crer , que Pernambuco começou a ser regularmente povoado por Duarte Coelho , ainda quando elle não tinha obtido a doação Regia por escripto ; permitta-se-me que corrija um erro em que cahi na primeira Edição d'este Tomo, quando affirmei, que o nome *Pernambuco* foi prestado á esta Provincia pela barra da sua presente Capital , e que este nome , antes da fundação de Olinda, não era conhecido ; si bem que não fui eu só que erreí , e que pelo contrario outros escriptores antigos, a quem segui , erraram igualmente.

De tal erro me tirou o Diario da navegação de Pero (4) Lopes de Souza em 1530 , publicado em Portugal pela primei-

desfez uma feitoria minha que ahi estava , e deixou lá setenta homens com tenção de povoarem a terra e de se defenderem. E o que eu tenho mandado que se nisso faça , mandei ao Conde que vo-lo escrevesse , para serdes informado de tudo o que passa , e se hade fazer , e pareceu necessario fazervo-lo saber para serdes avizado disso , e terdes tal vigia nessas partes por onde andaes , que vos não possa acontecer nenhum máu recado : e que qualquer força ou fortalleza que tiverdes feita , quando nella não estiverdes , deixeis pessoa de que confieis , que a tenha a bom recado ; ainda que eu creio que elles não tornarão lá mais a fazer outra tal ; pois lhe esta não succedeu como cuidavam. E mui declaradamente me avizai de tudo o que fizerdes , e me mandai novas de vosso irmão , e de toda a gente que levastes ; porque com toda a boa que me enviardes , receberei muito prazer. Pero Anriques a fez em Lisboa aos 28 de Setembro de 1532 annos.

REI.

(2) Vasconc. Chronic. do Comp. Liv. 1.^o n.^o 100 pag. 91. Jaboat. Preamb. Digres. 4. Estanc. 123 pag. 93. Castriot. Lus. Part. 1.^a Liv. 1.^o

(3) Esta obra (Inedita) acha-se em Olinda no Archivo do Mosteiro de S. Bento.

(4) Antigamente escrevia-se Pero , em lugar de Pedro.

ra vez em 1839. Neste Diario (1) do qual agora extraio em Nota a parte que me pareceu necessaria para o caso, se vê que a ponta (o lugar mais saliente da nossa costa) de Olinda se chamava *Percaauri*, e que o nome *Pernambuco* se dava a Itamaracá; verdade esta que hoje he evidente, já porque alli era o unico lugar onde existia a Feitoria, de que falla

(1) Na era de mil e quinhentos e trinta, sabado tres dias do mes de dezembro, parti desta cidade de *Lixboa*, debaixo da capitania de Martin Afonso de Sousa meu irmão, que ia por capitam de hũa armada e governador da terra do *brasil*: com vento leste sai fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Domingo quatro do dito mes no quarto d'alva se nos fez o vento norte, e com elle fizemos o mesmo caminho do sudoeste.

Segunda-feira cinco do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e seis graos e dous terços: demorava-me o *cabo de Sam Vicente* a leste e a quarta do nordeste.

Terça-feira seis de dezembro ao meo dia tomei o sol em trinta e cinco graos e hum quarto: com vento norte *mui forçoso* fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao capitaina sentiamos muito trabalho porque nam governava; e nam levamos mais vèla que o traquete e mezena.

Quarta-feira sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos: fazia o caminho do sudoeste.

Quinta-feira oito do dito mes se passou o vento ao nornodeste e ventou com muita força, e trazia grande mar por *lô*: a nao ia *tam má de governo*; corriamos muito risco de nos quebrar os mastros. Este dia nam tomei o sol: fazia-me em trinta e hum graos e hum terço. Demorava-me o *cabo de Sam Vicente* ao nornordeste; e a ilha da *Madeira* me demorava ao noroeste e a quarta d'aloeste: fazia-me della vinte e cinco leguas.

Sesta-feira nove dias de dezembro ás tres horas depois do meo dia houve vista da terra; e chegando-nos mais a ella, reconhecemos ser a ilha de *Tenarife*. Como foi noite tiramos as monetas; e pairamos a noite toda até o quarto d'alva, que nos fizemos á vèla.

Sabado des dias do dito mes ás quatro horas depois do meo dia surgimos no porto da ilha da *Gomeira*. Em terra tomei o sol em vinte e oito graos e hum quarto: *ali corregemos o leme*.

Terça-feira treze de dezembro no quarto d'alva nos fizemos á vèla com vento nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quarta-feira quatorze do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e seis graos e hum quarto: demorava-me o *cabo do Bojador* a leste e a quarta do nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quinta-feira quinze de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e meo: o vento *saltou* a lesnordeste *brando*.

Sesta-feira desaseis do dito mes no quarto d'alva se passou o vento ao sudoeste; e com elle barlaventeamos até á noite, que ficou o vento em calma.

Sabado desasete do dito mes andamos o dia todo em calma.

Pedro Lopes, (que depois veio a ser o Donatorio de Itamaracá) e já sobre tudo, porque reflectindo-se na sua narração, e cotejando-a com a Carta da nossa costa, perfeitamente se conhece que o nome *Pernambuco* era dado em 1530 á Itamaracá; sem que todavia por isto a etymologia d'esse nome dei-

Domingo deoito do dito mes, *dia de nossa Senhora ante natal*, andamos em calma *sem ventar baso de vento*; *senam* grande vaga de mar, que vinha do sudoeste; e os ceos corriam mui tesos do mesmo rumo.

Segundafeira desanove do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos: demorava-me o *cabo da S. Barbara* a leste, e por fazer grande abatimento com o mar mui grosso, que me rolava para a terra, me fazia do dito cabo vinte leguas. *Lancei o prumo ao mar e tomei fundo com cincoenta e cinco braças. De noite me ventou hum pouco de vento norte.*

Terçafeira vinte dias de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e hum quarto; e o vento *começou a refrescar do norte*, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul. Demorava-me o *cabo Branco* a lessueste: fazia-me delle vinte e cinco leguas. *Hũa hora de sol houvemos vista de duas velas e as fomos demandar: e era hũa caravela e hum navio que vinham de pescaria, e por elles escrevemos a Portugal.*

Quartafeira vinte e hum do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte graos e hum terço: com vento nordeste *de todalas velas* faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul: demorava-me o *cabo Branco* a leste e a quarta do nordeste.

Quintafeira vinte e dous do dito mes ao meo dia tomei o sol em deoito graos e tres quartos: demorava-me o *cabo Branco* ao nordeste e a quarta de leste: fazia-me delle cincoenta e cinco leguas.

Sestafeira vinte e tres do dito mes tomei o sol em desasete graos e dous terços; e desd' o meo dia fizemos o caminho ao sudoeste e quarta de loeste. Como foi noite *governamos* ao essudoeste.

Sabado vinte e quatro do dito mes tomei o sol em quinze graos; e fazia o mesmo caminho do essudoeste. E em se pondo o sol *vimos* terra ao sudoeste e a quarta d'oeste: seriamos della oito leguas. Como foi noite pairamos até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela. E como foi de dia reconhecemos ser a *ilha do Sal*.

Domingo vinte e cinco de dezembro, dia de natal, pela manhã fizemos o caminho do sul até á noite, que fomos com a *ilha de Boa Vista*: por resguardo do baxo, que nos demorava a lessueste, fizemos o caminho do sul. E como foi noite *mandou o capitam J. (*) a Baltazar Gonçalves capitam da caravela Princesa que fosse diante, e levasse o farol, e assi fomos até pela manhã.*

Segundafeira vinte e seis do dito mes *estavamos pegados* com a

(*) *Muitas vezes se encontrará a obreviatura = capitam J, = para designar o capitão, irmão do Author. Conservei esta obreviatura por que assim está no exemplar que obtive.*

xe de ser a mesma que todos os Historiadores lhe tem dado; isto he, oriunda das palavras da lingua Indigena = *Perá* = *nambuco* (que significa : *pedra furada, ou buraco*) em allusão a fenda, por onde entram os navios; por quanto tambem em Itamaracá, como em a nossa presente Capital, ha huma fenda ou barra por onde elles entram.

ilha de Maio: a *caravela Princesa* nam aparecia, nem da gavia. Indo demandar o porto da *ilha de Santiago*, veo hua cerraçam que na nao nam nos viamos huus aos outros. Por nam poder fazer caminho pairamos a noite toda.

Terçafeira vinte e sete do dito mes pela menhã estavamos hum tiro de *abombarda* de terra da *ilha de Santiago*, da banda do norte; e o vento começou a ventar norte mui rijo, e alimpou a nevoa. Indo para tomar o porto da *Ribeira Grande* saltou o vento de supito ao sueste, que nos era mui contrario; e assi barlaventeamos o dia todo sem poder cobrar nada. A noite passada da cerraçam se apartou de nós a nao *Sam Miguel*, de que era capitam *Heitor de Sousa*.

Quartafeira vinte e oito do mes de dezembro pela menhã nos acalmou o vento hum tiro de falcam da terra; e o mar andava tam grosso, que se nos nam ventara hum pouco de vento norte fomos de todo perdidos; porque o mar nos rolava para terra, e nam podiamos surgir; porque o fundo era de pedra: este dia ao meo dia fomos a surgir na *Praia*. Aqui achamos hũa nao de duzentos toneis, e hũa chalupa de castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao *Rio de Maranhã*; e o capitam *J. Ihe* mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; por quanto era delRei nosso senhor e dentro da sua demarcação.

Quintafeira vinte e nove do dito mes pela menhã demos a vela, e fomos surgir a *Ribeira Grande* onde achamos a *caravela Princesa*: aqui neste porto tomei o sol em quinze graos e hum sesmo. Aqui veo dar o navio *Sam Miguel* connosco. Nesta ilha estivemos tomando cousas necessarias para a viagem até terçafeira tres dias de janeiro de mil e quinhentos e trinta e hum. Fizemo-nos a vela em se cerrando a noite com muito vento nordeste: o galeão *Sam Vicente* perdeo duas ancoras em se fazendo a vela: e a *caravela Princesa* hũa; porque o surgidouro deste porto he todo sujo. Como saio a lua se fez o vento lesnordeste, e ventou com tanta força que nam podiamos com a vela. Indo assi correndo com gram mar deu a nao hũa guinada, e em preparando de ló nos arrebentou o masto do traquete pelos tamborettes, de que sentimos muita fortuna; e amainamos a vela; e fomos correndo ao som do mar até que foi de dia.

Quartafeira quatro de janeiro ao meo dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaxamos o masto hum covado, puzemos-lhe hũas emendas, e com arrataduras o corregemos o melhor que pudemos.

Quintafeira cinco do dito mes o vento era muito mais forte que o dia dantes: faziamos o caminho do sul e da quarta do sueste.

Sestafeira seis do dito mes o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em corregar o masto.

Tendo corrigido o erro em que eu, com a maior parte dos Historiadores, cahi resta-me agora expender as razões em que me fundo, para dizer que Pernambuco começou a ser povoado pelo Donatario Duarte Coelho, ao menos em 1530.

Sabado sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em oito graos e meo: demorava-me o *cabo Verde* ao nordeste, e tomava da quarta do norte: demorava-me o *cabo Roxo* a le nordeste: fazia-me delle cento e quinze leguas: faziamos o caminho do sulsueste.

Domingo oito do dito mes o vento norte bonança fazia-me o mesmo caminho do sulsueste.

Segundafeira nove do dito mes ao meo dia tomei o sol em cinco graos e meo: demorava-me o *cabo Roxo* ao nordeste: fazia-me delle cento e cincoenta leguas: demorava-me a *serra Lioa* a leste e a quarta do nordeste: fazia-me della cento e setenta e seis leguas. Faziamos o caminho ao sulsueste. Neste dia nos morreo hum homem, que traziamos da *ilha de Santiago*.

Terçafeira des do dito mes pela menhã nos deu hũa trovoadã com muito vento e agua, que nos fez amainar as velas. O dia todo estivemos sêm vento até o quarto da modorra, que se fez o vento nordeste; e com elle nos fizemos á vela.

Quartafeira onze do dito mes nos deram muitas trovoadas; e de noite no quarto da prima nos deu hũa trovoadã do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e agua e relampados.

Quintafeira doze do mes de janeiro se fez o vento leste, e com elle fizemos o caminho do sul.

Sestafeira treze do dito mes todo dia nos choveo. Com o vento norte faziamos o caminho do sul. Como se nos o sol poz, acalmou o vento; e estivemos toda a noite em calma.

Sabado quatorze do dito mes tomei o sol em tres graos e tres quartos: este dia todo nam ventou; senam choveu muita agua, e fazia tam grande calma, que nam se podia suportar.

Domingo quinze do dito mes tomei o sol em dous graos e dous terços.

Segundafeira desaseis do dito mes se fez o vento sudoeste, e com elle faziamos o caminho do sulsueste; e no quarto da prima nos deu hũa trovoadã, com gram força de vento, que nos fez amainar de romania as velas.

Terçafeira desasete do dito mes tornou a ventar o vento de oestesudoeste, e ao meo dia tornei a tomar o sol em hum grao e meo.

Quartafeira desoito do dito mes tomei o sol em meo grao: e o vento se fez sueste, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta d'oeste; e demorava-me o *cabo de santo Agostinho* ao sudoeste e a quarta doeste.

Quintafeira desanove do dito mes tomei o sol em dous terços de grao, da banda do sul.

Sestafeira vinte do dito mes, tomeio sol em tres quartos de grao: o vento era sueste, que nos era escasso para dobrarmos o

Vasconcellos, Jaboatão, e Fr. Rafael de Jesus escreveram em épocas muito mais proximas dos factos, e escreveram em Portugal, onde então existiam (como ainda hoje) os documentos que lhes era facilimo consultar ; e posto que esses escriptores (principalmente os dous ultimos) por

cabo de santo Agostinho. As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força.

Sabado vinte e hum do dito mes tomei o sol em hum grao e tres quartos.

A ilha de Fernãa de Loronha me demorava ao sudoeste e a quarta d'oeste; o cabo de santo Agostinho ao sudeoste. O vento nos era mui escasso, de que sentiamos muito trabalho.

Domingo vinte e dous do dito mes, tomei o sol em dous graos: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste, e a quarta d'oeste: fazia-me della quarenta e cinco leguas. No quarto de prima se nos fez o vento lessueste.

Segunda-feira vinte e tres de janeiro ao meo dia tomei o sol em tres graos e hum quarto: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste: fazia-me della desoito leguas. O cabo de santo Agostinho me demorava ao sudoeste: fazia-me delle cem leguas.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em quatro graos e hum quarto. Nesta paragem correm as aguas a loesnoeste: em certos fempos correm mais; se. desde março até outubro correm com mais furia. He por estas correntes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam duas quartas de abatimento, e abatem os navios quatro. Assi que nesta paragem a pilotagem he incerta, per experiencia verdadeira, para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estais de barlavento vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcratrizes pretos; e de julavento vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcratrizes brancos. E o mar he mui chão.

Quarta-feira vinte e cinco de janeiro ao meo dia tomei o sol em cinco graos e hum terço. Com o vento lessueste faziamos o caminho de lessudoeste.

Quinta-feira vinte e seis do dito mes tomei o sol em cinco graos e meo. Faziamos o caminho do sulsudoeste.

Sesta-feira vinte e sete do dito mes tomei o sol em sete graos e meo: e desde meo dia arribamos duas quartas: e fazia o caminho do sudoeste.

Sabado tomei o sol em oito graos e meo: faziamos o caminho a loeste e a quarta do sudoeste. E desd' o quarto da prima governamos a este.

Domingo vinte e nove do dito mes tomei o sol em nove graos. Faziamos o caminho a loeste, com vento leste.

Segunda-feira trinta dias do mes de janeiro tomei o sol: e estava na altura do cabo de santo Agostinho; e iamolo a demardar pelo rumo d'aloeste. Este dia nam correo pescado

informações menos verdadeiras, cahissem em notaveis erros historicos sobre alguns factos, não se lhes pode attribuir tanto desleixo, que a respeito das épocas, se diga: que elles não consultaram os documentos, e que de seu arbitrio affirmaram, que Pernambuco foi fundado por Duarte Coelho em

nenhum comnosco, que he sinal nesta costa d'estar perto de terra; e outro nenhum nam tem senam este.

Terçafeira trinta e hum do dito mes no quarto d'alva vimos terra, que nos demorava a loeste: achegando-nos mais a ella hou- vemos vista de hũa nao; e demos as velas todas, e a fomos de- mandar: e mandou o capitam J. dous navios na volta do norte, —na volta em que a nao ia, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio cercada arribou a terra, e mea legua della surgio e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para a terra. Mandou o capi- tam J. a Diogo Leite, capitam da caravela Princesa, que fosse com o seu batel apoz o batel da nao: quando ja chegou a terra, era ja a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fo- mos á nao, e nella nam achamos mais que hum só homem; ti- nha muita artelheria e polvora, e estava toda abarrotada de bra- sil. Ao meo dia nos fizemos á vela para ir demandar o c a b o de s a n t o A g o s t i n h o: seriamos delle seis leguas. To- mamos esta nao de França defronte do c a b o de P e r c a a u r i: (*) corre-se com o c a b o de A g o s t i n h o norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do c a b o de s a n t o A g o s t i n h o achamos outra nao de França, que tomamos carregada de brasil. Esta noite no quarto daprima me mandou o capitam J. com duas caravelas á i l h a de s a n t o A l e i x o; porque tinhamos informaçam que es- tavam ahi duas naos de França: fui toda a noite com o prumo na mão, sondando por fundo de doze braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha mea legua, em fundo de doze braças d'area grossa.

Quartafeira primeiro dia de febreiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar hũa nao, que cõs traquetes ia no bordo do norte, e como a vimos me fiz á vela no bordo do sul. A nao, como houve vista das caravelas, deu totalas velas. Neste bordo do sul fui quatro relogios, e virei no bordo do norte; e ao meo dia era na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hũa legua de mim a ré. Como descobrimos o c a b o de s a n t o A g o s t i n h o saio o capitam J. no navio Sam Mi- guel com o galeam Sam Vicente, e com hũa das naos, que toma- ra aos francezes; mas vinha tanto a julavento que quazi nam po- diam cobrar a terra. Este dia, hũa hora de sol, cheguei á nao, e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous tiros: antes que fosse noite lhe tirei tres tiros de camelo, e tres vezes toda a outra arte- pudelheria: e de noite carregou tanto o vento lessueste, que

(*) Esta descripção prova que o A. chama cabo de Precauri á ponta d'Olinda.

1530; tanto mais quando outros escriptores seus coevos, davam a essa fundação uma época posterior: apoiando-se na data da doação Regia, que em verdade não se pôde dizer que Vasconcellos, Jaboatão, e Fr. Rafael de Jesus a

nam pude jogar senam artelheria meuda; e com ella pellejamos toda a noite.

Quinta-feira dous de febreiro em rompendo a alva mandei hum marinheiro ao masto grande ver se via o capitam J., ou os outros navios, e me disse que via hũa vela, que nam divisava se era latina, se redonda. E desd' as sete horas do dia até o sol posto, que rendemos a nao, pellejamos sempre. A nao me deo dentro na caravela trinta e dous tiros, quebrou-me muitos aparelhos, e rompeo-me as velas todas. Estando assi com a nao tomada chegou o capitam J. com os outros navios; logo abalroei com a nao e entrei dentro; e o capitam J. abalroou com o seu navio: e os mais dos fransezes se passaram ao navio. A nao vinha carregada de brasil; trazia muita artelheria, e outra muita munición de guerra: por lhes faltar polvora se deram. Na nao nam demos mais que hũa bombardada, com hum pedreiro ao lume d'agua: com a artelheria meuda lhe ferimos seis homês: na caravela me nam mataram, nem feriram nenhum homem, de que dei muitas graças ao senhor Deus.

Sesta-feira tres do dito mes pela manhã nos achamos hũa legua de terra, a qual se corria vornadoeste sulsueste. Ao longo do mar eram tudo barreiras vermelhas: a terra he toda chã, chea d'arvoredo. Como nos achegamos mais a terra se nos fez o vento sueste: e ao meo dia surgimos em fundo de onze braças, hũa legua de terra. Como estive surto, lancei o batel fóra, por nenhum dos outros navios trazer batel, que os haviam deixado no cabo de santo Agostinho. Este dia vieram de terra, a nado, às naos indios a perguntar-nos se queriamos brasil.

Sabado pela manhã quatro de febreiro mandou o capitam J. a Heitor de Sousa, capitam da nao Sam Miguel que fosse a terra com o batel e com mercaderia, ver se poderia trazer algũa agua, de que tinhamos muita necessidade: e se tornou sem trazer agua, por lha nam querer dar a gente da terra. O capitam J. se passou á caravela Rosa, e se fez á vela no bordo do mar, para ir diante ao porto de Pernambuco (*): fazer algũas cousas prestes para a armada. Eu fiquei com os outros navios surto; e ao meo dia tomei o sol em seis graos e hum terço. Em se pondo o sol me fiz á vela; e em levando a amarra me desandou o cabrestante, e me ferio dous homês; e tornei a virar com muita força, e arrebentei o cabre, e me fiz á vela; e mandei a Baltazar Gonçalves que levasse o farol; por quanto eu nam tinha piloto. E fomos no bordo do mar até o quarto da modorra rendido; e tornei a virar no bordo da terra.

Domingo cinco do dito mes barlaventeei o dia todo sem poder cobrar mea legua de costa; e ao sol posto surgi em oito braças,

(*) Itamaracá.

não viram; logo estes escriptores affirmaram que Duarte Coelho tinha vindo para Pernambuco em 1530, porque tiveram provas, que os convenceram desta verdade.

Não só estas razões, que são de muito pezo, apoiam

por o navio Sam Miguel ser muito a julavento de mim. A agua corria mui tesa ao nornoroeste.

Segundafeira seis de febreiro pela manhã, nem da gavia parecia o navio Sam Miguel; estive surto, esperando até quinta-feira nove dias do dito mes, que me fiz á vela com o vento lessueste. Abarlaventeei o dia todo sem poder cobrar nada, por correrem as aguas muito ao dito rumo. A agua nos ia faltando, de que sentiamos muito trabalho.

Sestafeira des do dito mes, até quartafeira quinze do dito mes de febreiro, com muito trabalho cobramos hũa legua de costa, e surgi á boca de hum rio para tomar agua, e me fazer na volta de Guiné; porque o longo da costa nam podiamos cobrar, e os vento suestes e lessuestes ventavam ja mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto.

Quintafeira desaseis de febreiro no quarto d'alva ventou da terra hum pouco de vento com que me fiz á vela, e duas leguas ao mar me acalmou. Surgi em fundo de quinze braças; e ao meo dia se fez o vento leste, e com elle me fiz á vela no bordo do sul. No quarto da prima se me fez o vento nordeste, que nos era mui largo.

Sestafeira desasete do dito mes fomos surgir defronte do porto de Pernambuco, em fundo de quinze braças. Desd'o porto de Pernambuco até o cabo de Percaauri, (*) como passares das quinze braças, he fundo sujo. Aqui achamos a nao capitaina e o galeam Sam Vicente, e a nao de França que tomamos no arrecife do cabo de santo Agostinho, e me disseram como nam tinham novas do capitam J.; senam que o dia d'antes viram hũa vela ao mar, que ia no bordo do sul; e me disseram que foram ao Rio de Pernambuco; e como havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França; e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda; que nelle estava, delRei nosso senhor; e que o feitor do dito rio era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala. E achei sete homês da nao capitaina mortos, que se affogaram na barrá do arrecife.

Sabado desoito do mes de febreiro vimos a caravela, em que vinha o capitam J., que barlaventeava com o vento nordeste, quatro leguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar, e mandei ás naos que fizessem fogos nas gavias, para poder vir o capitam J.

Domingo se fez o vento lessueste, e com elle veo a caravela, em que vinha o capitam J., e lhe demos conta como o navio de Heitor de Sousa se havia apartado de nós, oito dias havia: e o capitam J. foi ao Rio de Pernambuco; e mandou levar todolos doentes a hũa casa de feitoria, que ahi estava. Da-

(*) Ponta d'Olinda.

minha opinião, porém ainda muitas outras me prestam os documentos antigos, cuja veracidade não se deve pôr em duvida. Duas cartas que Duarte Coelho endereçou ao Rei em 1546, e 1549, copiadas, como a Doação Regia, dos proprios originaes da Torre do Tombo, e que por conterem pontos Historicos igualmente aqui insiro em Nota (a) tambem

qui mandou o capitam J. as duas caravela, para que fossem descobrir o Rio do Maranhã; e mandou João de Sousa a Portugal em hũa nao, que de França tomaramos; e a outra nao mandou queimar. Depois de termos tomado agua e outras cousas, de que tinhamos necessidade para a viagem, nos fiemos á vela com o vento lesnordeste.

Sesta-feira primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao capitaina; e o galeam Sam Vicente, de que era capitam Pero Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos, ia eu, a que puz nome=Nossa Senhora das Candeas=pela tomarmos no mesmo dia de nossa Senhora: e com o dito vento faziamos o caminho ao sul, e a quarta do sueste. Mandou o capitam J. ao galeam Sam Vicente que se chegasse bem a terra. até ver se no arrecife de de Sam Miguel estavam algumas naos.

Sabado pela manhã chegou o galeam a nós, e nos disse como no arrecife nam havia naos. E ao meo dia tomei o sol em nove graos e meo.

Domingo tres dias de março faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste; e ao meo dia tomei o sol em des graos e hum quarto. A tarde nos deram duas trovoadas, hua do norte e outra de lessueste, com muita agua e vento; e toda a noite andamos amainados, com muitas trovoadas; e com os mores pés de vento, que eu até entam tinha visto.

(a) Senhor — Posto que neste anno de mil quinhentos quarenta e seis tenha escripto por trez vezes a Vossa Alteza, dando-lhe Conta das Couzas de qua, e assi de algumas couzas que me pareceo Seu Serviço, e pela incerteza das couzas do Mar, quiz, Senhor, por esta tornar a dar a mesma Conta, para Vossa Alteza prover o que for Seu Serviço.

Quanto he, Senhor, a esta nova Luzitania, posto que com muito trabalho, e com assas de fadiga tanta quanta ho Senhor DEOS sabe, a couza esteja bem principiada aos Louvores, mas ha muitos inconvenientes, e istorvos para ir a couza em crecemento, e augmento, como eu, Senhor, dezejo para Serviço de DEOS, e de Sua Alteza, e os que eu qua Senhor, posso remediar trabalho tanto, por isso quanto, Senhor, he possivel, mas ao que eu não posso, Senhor, acudir, he necessario Vossa Alteza remediar, e com brevidade prover sobre isso. Este quer ser Servido.

Ja tenho escripto a V. Alteza, e lhe fiz Saber per outras, que escripto lhe tenho, que huma das couzas que mais deneficã ao bem, e augmentos destas terras, he fazer-se Brazil, nem

provam que Pernambuco já estava fundado, quando foi cscripta a Doação de seu primeiro Donatario.

E a não ter vindo Coelho ao menos, como dizem os Historiadores que citei, em 1530, como poderia elle (tendo vindo

a vinte legoas das Povoações que se ora novamente povoão, em especial nesta nova Luzitania, porque o Brazil, Senhor está mui longe pelo Certão adentro, e mui peligroso de aver, e mui custozo, e os Indios fazem-no de má vontade, pelo qual esse que eu la tenho mandado estes annos passados para Vossa Alteza, e assi hum pouco que até o presente fiz para mim pela Licença de que me Vossa Alteza fez mercè, face todo por sua Ordem, e muito devagar conforme a condição dos Indios em dez, e doze mezes, e em anno e meio a carrega de hum Navio, e que me saia mais custozo he necessario Senhor, soffrelo pelo que cumpre ao bem da terra; mas a esses a que V. Alteza lá faz mercè de Brazil comoquerque lhe custa pouco, nem estão com os trabalhos, e fadigas, e nos peligos, e derramento de sangue, em que eu, Senhor, estou, e ando, não lhes dá nada, Senhor, de couza alguma do que me amim daa, e do que eu sinto não ho sentem elles; nem a perda que V. Alteza recebe.

Porque por fazerem seu Brazil emportunão tanto aos Indios, e prometem-lhe tanta couza fora d'Ordem, que mettem a terra toda em dezordem d'Ordem em que ha eu tenho posto, e se lhe dão alguma couza do que lhe promettem he deitar aperder o concerto, e ordem que tinha posto, para o que cumpre ao trato deste Brazil quando se Vossa Alteza quizer servir d'elle, porque não basta, Senhor, dar-lhe as ferramentas, como estaa em costume, mas por fazerem os Indios fazer Brazil dão-lhe Contas da Bahia, e Carapuças de pena, e roupa de cores que homem qua não pode alcançar para seu vestir, e o que pior he espadas, e espingardas em especial huns poucos de poucos homens que com favor, e abrigo meu, de trez annos para qua estão na terra de Pedro Lopes pegado comigo, que em som d'armadores de fazer fazendas como habitadores na terra, são armadores de Brazil que nunca de seão de o fazer, e carregar porque de trez annos para qua tem levado mais de seis, ou sete Navios carregados de Brazil. Eu já lho tenho requerido, e feito sobre isso o que me pareceo bem, e Serviço de Sua Alteza, e qua em minhas terras, Senhor, provido sobre isso, e pregado conforme a Ley que Vossa Alteza poz em minhas doações, e vou á mão a isso quanto posso, porque certifico a Vossa Alteza, que de trez annos para qua que se coñrompeo este fazer de Brazil, que ponhe em muita confusão a terra, e a mim dá grande trabalho, e fadiga em acudir a tantos desconcertos, e remediar desmanchos. Porque ate nos estorvar este fazer de Brazil afazermos nossas fazendas em especial os engenhos, porque quando estavam os Indios famintos, e dezejozos de ferramentas pelo que lhe davamos nos vinhão afazer as Levadas, e todaslas outras obras groças, e nos vinhão a vender os mantimentos de que temos assaz necessidade. E como estão fartos de ferramentas fazem-se mais roys do que são, e alvorçoão-se, e ensoberbessem-se, e levantão-se.

em 1553, segundo pretendem o Author das referidas *Memorias da Capitania de S. Vicente*, e o da Nobiliarchia Pernambucana) no curto espaço de onze annos fundar duas Villas, (Iguarassú, e Olinda) edificar engenhos, erigir Arsenaes, construir em-

E porque as fazendas em especial os engenhos, por estarem espalhadas, e não juntas, eos que vem a fazer estes engenhos não vem como homens poderosos para rezistir, mas para fazerem seus proveitos, e para os eu haver d'emparar, e defender como cada dia faço. Mas quem, Senhor, terá tanto dinheiro para polvora, e pelouros, artilharia, e armas, e as outras couzas necessarias? Digo Senhor, que he mui necessario remediar Vossa Alteza, e prover sobre isso e mandar-me logo Provizão que a vinte leguas de todas estas minhas Povoações; a saber de Olinda vinte Leguas para o Sul, que he já outra geração de Indios, e de Santa Cruz a vinte Leguas para o Norte, que he já outra geração na terra de Pedro Lopes de Souza se não faça Brazil da qui a dez, ou doze annos ao menos sobre pena da mesma pena que Vossa Alteza já tem posto, e mande-me Provizão disto e nisto, remediará V. Alteza o que por outra via alguma se não pode remediar, e Quem quizer fazer Brazil ha outros portos muitos onde o podem fazer sem nos fazerem tanto mal, e damno, e tanto deserviço de Deos, e se Vossa Alteza, e esse de pôr aqui ao redor, que he o milhor de todo outro Brazil ficará guardado para quando se Vossa Alteza quizer servir delle; que por sua Ordem, e com tudo reservado se fará.

Outro si Senhor, por as outras que atraz digo ter escripto a Vossa Alteza lhe dei Conta, e per esta lhe torno a dar, que cumpre muito a seu Serviço, e ao bem, e salvação das couzas de qua mandar que pois todos somos Portuguezes, e seus Vassallos, e Subditos que não usem como Portuguezes, e outros como Francezes, e outros como se fossem Castelhanos. Digo isto, Senhor, por es outras pessoas que Vossa Alteza tem dado terras por esta Costa do Brazill que em suas terras, ou Capitancias, que cumprão, e fação cumprir as Cartas Precatorias que lhes os outros Capitães, e Governadores mandarem, e que fação, e uzem como huzo o Duarte Coelho a quem Vossa Alteza qua mandou, e porque o qua mandou precura de fazer o que deve, e ho que cumpre a seu Serviço como sempre fez; e digo isto a Vossa Alteza porque anda esta couza em dezordem, e he muito necessario prover Vossa Alteza sobre isso antes que ahi haja mais dezaranhos por que nisto não lhe quebranta Vossa Alteza suas Duações, por que eu de minha parte não tão somente obedecerei, mas receberei mercê de Vossa Alteza ser eu o primeiro a que o mande; e os outros que sigão por isso.

Equanto he Senhor, ao privilegio, e Liberdade que Vossa Alteza deu amim ácerca dos omiziados que em Evora pedi-lhe, se entende nòs delictos dellã para os que laa andarem omiziados ainda que llaá sejião comdenados por suas justiças, vindo-se a estar, e a povoar comigo em minhas terras não poderão por aquelles cazos ser qua Citados, nem demandados. Desta maneira Senhor, se entende em estoutras teras, Capitancias se lhes Vossa

barcações, arrotear a terra, coborta de matas virgens, e de madeiros tão corpulentos, que parecia disputarem antiguidade ao proprio Tempo, e tudo isto em um terreno dominado pelos Cahetés, (Tribu formidavel) e, como diz o Historiador

Alteza tem dado esta Liberdade entendemna ao reves, porque os delitos, e maleficios qua comettidos, e feitos qua hão de ser punidos, e castigados como for razão, e Justiça e se de minhas terras fignirem alguns malfeitores para outras com temor do castigo, ou d'outras para a minha esta tall Liberdade, e privilegio lhes não deve de valer, porque se assi for, e como es outros Capitaens qua costumão, diguo, Senhor, e afirmo que se não povoará a terra, mas que em breve tempo se despovoará o povoado, e irá tudo a travez, poll quall, Senhor, diguo, que he muito necessario que todos em gerall huzem das Cartas Precatorias, e as cumprão, e que Vossa Alteza o mande.

Outro si, Senhor, ja por trez vezes tenho escripto, e disso dando conta a Vossa Alteza a cerca dos degradados, e isto, Senhor, diguo por mim, e por minhas terras, e por quão pouco Serviço de DEOS, e de Vossa Alteza, he, e bem, e augmento desta nova Lutzitania mandar qua taes degradados, como de tres annos para qua me mandão, porque certifico a Vossa Alteza, e lhe juro pela ora da morte, que nenhum fruto, nem bem fazem na terra, mas muito mal, e dano, e por sua cauza se fazem cada dia males, e termos perdido o credito que ate aqui tinhamos com os Indios, porque o que DEOS nem a Natureza não remediou, como eu o posso remediar, Senhor, se não com cada dia os mandar enforcar, o quall he grande descredito, e menoscabo com os Indios; e outro si não são para nenhum trabalho vem proves, e nús, e não podem deixar de husar de suas manhas, e nisto cuidão, e resnãõ sempre em fogir, e em se irem, crêa Vossa Alteza que são piores qua na terra que peste, pollo quall peço a Vossa Alteza, que pollo amor de Deos tal peçonha me qua não mande, porque tem mais destruir o serviço de Deos, e seu, eo bem meu, e de quantos estão comiguo, que não huzar de mizericordia com tal gente, porque ate nos Navios em que vem fazem mill malles, e como vem mais dos degradados, que da jente que marêa os Navios levantam-se, e fogem, e fazem mill malles, e achamos qua menos dous Navios que por trazerem muitos degradados são desaparecidos; torno a pedir a Vossa Alteza, que tall gente me qua não mande, e que me faça mercê de mandar as suas Justiças que os não mettão nos Navios que para minhas terras vierem, porque he, Senhor, deitarem-me a perder.

Outro si Senhor, dou Conta a Vossa Alteza, e lembro-lhe, o que lhe ja tenho escripto, que proveja, e mande a todas as pessoas a que deu terras no Brazill, que venhão a povoar, e rezidir nellas, que assi cumpre a seu Serviço, pois essa foi ha condição, ou já que não vem, que ponhão em suas terras pessoas autas, e suficientes, e Ouvidores, que entendam, e saibam o que hão de fazer, e não homeis de por ahi, porque estes taes não fazem, mas desfazem no bem que se deve de fazer; porque *mercenaria, mercenaria sunt.*

Rocha Pita, conquistado palmo a palmo do poder d'estes salvagens? Occorre mais que a Coroa não entrou com numerario para as consideraveis despezas d'esta Capitania, e que essas despezas foram todas feitas pelo Donatario. Ora si ao Rey

E nestas terras de Pedro Lopes de Souza, que DEOS haja, que estão aqui junto comigo mande Vossa Alteza que ponhão ahí Ovidor que saiba, e entenda ho que hade fazer, porque tem ahí quatro pessoas que melhor seria não estarem ahí, porque outra fazenda nem fruto não fazem se não fazer Brazil d'armadores, e como qero castigar degradados vão-se para lláa, e fazem couzas por omde merecião ja todos ser enforcados, se lla mando alguma Carta Precatoria dizem que aquillo que he couto, e que tem privilegios, estas couzas, Senhor, não são para sofrer, e se as eu ate agora sofri, foi Senhor, por não quebrantar a Jurisdição alhea; mas parece me que será necessario, e Serviço de Deos, e de Vossa Alteza acudir a isso pelo peligro, e dano que se pode cauzar das taes desordens.

Das couzas dessas terras, e Capitánias debaixo, este Agosto passado, por huã Feitor de Affonço de Torres que aqui veo ter, escrepvi a Vossa Alteza per aquall lhe dei disso alguma breve Conta, e por esta torno a lembrar a Vossa Alteza, que deve de prover sobre as couzas da Bahia, porque me parece comprir a seu Serviço, porque Francisco Pereira he Velho, e doente, e não está para isso; e postoque Vossa Alteza lá tenha tudo bem sabido, toda via direi, o que eu qua Senhor, entendo ácerca do que enqueri, e soube das Couzas da Bahia, que postoque Francisco Pereira tenha culpa de não saber uzar com a jente como bom Capitão, e ser mole para rezistir ás doudices, e desmandos dos doudos, e mallensinados que fazem, e cauzão levantamentos e onyões de que se elle não pode excuzar de cullpa, toda via, Senhor cumpri, e he necessario os que em tall erro cahirão por suas doudices, e dezordem, e máos ensinós e dezobidiencias, que com o dito Francisco Pereira tiverão serem mui bem castigados; porque afirmo a Vossa Alteza que foi huma couza mui dezonestá, e feia, e dina de muito castigo, por que aquellas revoltas, e levantamentos contra ho Francisco Pereira, foi a cauza de se a Bahia perder, eo Cllerigo que foi o principio daquelle dano, e mall, deve Vossa Alteza de o mandar ir prezo para Portugall, e que nunca torne ao Brazil, porque tenho sabido ser hum grão Reballdo.

E outro si torno a dar Conta per esta a Vossa Alteza do que passa ácerca dos dizimos, e dos direitos dos engenhos, o quall tudo per petição do Povo, e requerimento do Feitor de Vossa Alteza, se processarão autos, em os quaes eu sahi com Sentença, que pagassem todos em jerall o dizimo em açuquar feito, e purgado segundo uzo, e costumes nos Reynos, e Senhorios de Portugall com as mais razoens que Vossa Alteza lla verá, pelo trelhado dos autos, e Sentença que com esta vay com outros costumes novos que mandei que se uzassem daqui em diente, por assi ser razão, e justiça porque estes donos dos engenhos querião-me esfolar o Povo, pesso a Vossa Alteza que o mande ler peran si, e se lhe parecer ser justiça que ho confirme; porque afirmo a Vossa Alteza

mesmo seria curtissimo o espaço de onze annos. ou de quatorze (referindo-me á ultima carta de Duarte Coelho) para tornar de matas impenetraveis até aos raios do sol, e de um campo maninho, dominado pela mais formidavel das Tribus,

que he justiça, e que antes vou contra o Povo, e que contra os donos dos engenhos, mas a negra cubiça do mundo he tanta que turba o juizo aos homens, para não concederem no que he rezão, e justiça.

Torno a lembrar a Vossa Alteza, e a lhe pedir proveja sobre este fazer do Brazill, porque hora novamente per hũ Navio que aqy chegou do Reyno, nos deu qua novas de estarem lla prestes para se virem aqy fazer trinta mill quintaes, e passantes delles couza que tanto escandallo, e alvorossos metteo neste Povo d'O-linda, e em todos os moradores, e povoadores destas minhas terras, e me vierão, Senhor, com petições, e com requerimentos, que tall não consentice, se não que me emcamparião as fazendas, e os engenhos, e mas ouverão por emcampadas se tall consentice; e posto Senhor, que ja ho qua tinha defeso, hoje neste dia o tornei mandar preguar por todallas Povoaçoes, e fazendas, que pessoa alguma ho não corte, nem faça nem falle com se fazer Brazil a vinte leguas destas Povoaçoes sob as penas per Vossa Alteza postas em minhas Duaçoens, que he perdimento de bens, e ir degradado para sempre para Santomé; isto Senhor, foi mandado e provicado em nome de Vossa Alteza, e por virtude de minhas Duaçoens pelo qual, Senhor, he necessario mandar-me Vossa Alteza logo Provizão conforme a isto, porque eu prometi, e jurei ao Povo, de ho não fazer, nen consentir fazer, pois tanto dano por isso se recrece ao Serviço de DEOS, e de Vossa Alteza, e ao bem, e a Salvação de todos os que qua estamos.

Outro si, Senhor he necessario dar Conta a Vossa Alteza de alguãs outras desordens que qua andão, e se uzão per estoutras terras, e Capitancias de mim para baixo para o Sul, ao quall não sei se lhe chame povoadores, ou se lhes diga, e chame Salteadores, diguo isto, Senhor, por que aos Capitães ou pessoas a que Vossa Alteza deo as terras per Ley, e costume Militar, e uzança de guerra, elles devem mui bem de olhar, e tomar mui bom Conce-lho sobre o fazer paz, ou guerra, fazerem-na elles como lhes melhor parecer, e a necessidade se lhe offerecer, e não deixarem nem concetirem que ha jente, povo andem Salteando por todas partes a quem mais poderá Saltear por onde se cauza danarem, e deitam a perder tudo, e andão tam encarniçados nisto, que tem por lla tudo alevantado, e não abasta por lla, mas ainda vem asaltear em minha Costa e em toda parte onde podem; porque este anno, Senhor, presente vierão dellá adebaixo aqy ter seis Caravelloens como que me vinhão aver, e a tratar com minha jente; e quando entenderão que eu estou esperando a ora que DEOS for Servido de medar pocebibilidade para seguir esta empreza do sertão, que tanto dezejo por Servir a Vossa Alteza offerecerão-se a irem commigo promettendo-lhes eu grandes partidos, e me puz afazer Bragantins novos, e quando me não precatei todos apanharão o panete em pago das boas obras que de mim receberão, soube como forão

em um paiz, tal qual da mesma carta se deprenhende, e onde duas Villas, longe uma da outra cinco legoas, floreciam, e um campo cultivado offerencia ao colono laborioso copiosa recompensa de seus suores; si conseguir tudo isto pois seria

Salteando per minha costa primeiro que a isso acodice, sem poder aver á não se não hum só que Salteou nos Petiguoarés, terra onde ora ha trez annos ouve por resgate vinte e cinco, ou trinta Portuguezes que se ha hi perderão, e todos quantos Indios trazião Salteados lhos tomei, eos tornei a mandar para suas terras; porque quando afortuna der com alguns Portuguezes ahi á Costa por ser ruin pareja terá homem esperanza de hos aver per resgate, a estes Salteadores dei ho castiguo que me bem pareceo. Dou esta conta a Vossa Alteza porque será necessario mandar Vossa Alteza á todos esses Capitães debaixo, que tall não uzem, porque eu em minhas terras ho não consinto, nem concentirei. Quiz dar de todas as sobreditas couzas Conta a Vossa Alteza por descarrego de minha consciencia, e por cumprir o que Vossa Alteza me tem mandado, e encomendado. Peço a Vossa Alteza que proveja sobre todas estas couzas, pois cumpre a Seu Serviço. Desta Villa de Olinda avinte de Dezembro de mil quinhentos quarenta e seis.

Este Março passado de mil quinhentos quarenta e seis, fo, aqui entregue a hum Piloto de huã Navio de costatim de Cairos huma Caixa de mostra d'açucar escolhidos para Vossa Alteza ver, e ho Feitor de Vossa Alteza por meu mandado lha entregou pregada, e assi comperante mim foi concertada, e sobe eu que não fora dada a Vossa Alteza, posto que me dicerão, que fora entregue n'Alfandega, e que ha hi desapareça. Mande Vossa Alteza aos Officiaes, que quando virem couza que vai para Vossa Alteza, que lha levem, e lha seja presentada, e que não desapareça llá, pois DEOS llá a lleva. As couzas que me Vossa Alteza me escreva que provera per as Igrejas, não lhe esqueção. Servo de Vossa Alteza—Coelho.

Senhor — Averá hum mez, que por hum meu criado por nome Francisco Frazão, escrepvi a Vossa Alteza, dando-lhe conta de mim, e do que me pareceo serviço, rellatando-lhe as couzas conforme ao tempo, e a necessidade, segundo meu entender, á quall me reporto, e peço a Vossa Alteza a veja, e sobre o nella contheudo proveja, e me responda, para que saiba o que devo fazer.

E por esta, Snr., quero dar conta a Vossa Alteza do que despoes da outra escripta, e daqui par ida avinte dias vim asaber per Cartas de meus amigos, em especiall per huã de Manoell d'Albuquerque, que me disse deo Conta por ja lla ter passado alguã practica sobre isto com algũas pessoas que no negocio entendem, ou entender querem, as quaes segundo per hũs apontamentos vi se offerecem a Vossa Alteza de quererem povoar,, ou ajudar ha povoar as Capitancias perdidas dellá debaixo, e outras couzas que nos apontamentos vi, para o quall pedem a Vossa Alteza que por vinte annos lhe dé o Brazil de toda a Costa metendo diante de tudo ho destas minhas terras da nova Luzitania; e assi lhe pedem, que dentro no dito tempo lhe llarge e de todo los dizimos, e rendas de

bem difficil, senão impossivel, ao Monarcha; como poderia ser facil a um particular, que, por mui rico que fosse, muitos recursos lhe deviam faltar?

Segue-se portanto, que a Doação Regia foi reduzida

todallas terras, e Costa do Brazill, e assi hos rendimentos de qua, como os dellá, de que de qua for, e outras couzas que nos apontamentos vi; e posto, Senhor, que se me offerencia alguãs couzas em este estante para sobre isto dizer-lhe sofri, e Callo, e ho não faço por não ter certeza se ho de mim Vossa Alteza tomará, segundo minha saã, e verdadeira intenção, e por haver trez annos que per quatro vias tenho escripto, e dado Conta a Vossa Alteza, de tudo ho que me pareceo seu Serviço, e ate ho presente não tenho visto, nem avido resposta; ho quall, Senhor, me parece proceder do pouco credito que com Vossa Alteza tenho.

Mas quiz, Senhor acudir ho que com rezão, e com justiça a mim toca e relleva, não me afastando do que a seu Serviço cumpre, pois este foi sempre meu propozito, e custume, e digo, Senhor, que quanto he assi tornarem a povoar, e aproveitar as terras, e as Capitánias delláa debaixo que se despovoarão da maneira que Vossa Alteza já llá sabe, e he muito bem, e serviço de Deos, e de Vossa Alteza, e se Vossa Alteza as que lhe tenho escripto vio nellas veria o que sobre isso lhe escrevi, e dei Conta por que sempre me pareceo muito seu Serviço prover sobre isso pollos respeitos que nas minhas a Vossa Alteza lhe lembrava, e este foi, eh e meu parecer, que torne a mandar que se povoe, e aproveite as diias terras, como Vossa Alteza for Servido, e for rezão, e justiça.

Mas aspera couza, Senhor, parece quererem esses armadores, ou Contractadores metter ho que Deos por sua Misericordia, e meus grandes trabalhos, gastos, e despezas, e derramamento de sangue qys que estê ganhado, e melhor principiado, e povoado, e regido, e guovernado, e com Justiça admnistrado que todallas outras como ho que por muitos desvarios está perdido; e o proveito, e bem disto que tenho adquerido, e grãjeado para Vossa Alteza do que levo muito gosto, e contentamento, em especial pelo mais que da qy em diente se mostra aver, e multiplicar: e outro sy alem de me nisso tirarem o gosto, e contentamento, algum proveito, e fruto, que de meus trabalhos me podesse vir, e caber querem elles para si, não me parece ser rezão, nem justiça, e Vossa Alteza nisso fará o que for servido, mas eu, Senhor, não deicharei de dizer ho que com verdade entendo, que tanto portanto melhor, e mais rezão seria acudir com alguma ajuda, e favor aquem ho ganhou, e com tanto trabalho, gasto, e fadiga, e derramamento de Sangue, o pôs, e tem no estado em que está, e para a couza ir de bem em melhor, e se mais multiplicar, e augmentar, e que he ho proprio pastor, e não mercenarios que querem disso adquerir, e tirar seu proveito, e por syrna de tudo V. Alteza fará ho que for Servido, posto que de minha livre vontade não concederei em me metterem em taes armaçoens, e companhias, nem quero de Vossa Alteza o que elles querem, e pedem, somente se Vossa Alteza for servido, e lhe parecer rezão, e justiça para a cauza que entre as mãos trago, e dezejo fazer vir a bom

a escripto muito depois de estar Duarte Coelho em Pernambuco, e que consequentemente o author das citadas Memorias da Capitania de S. Vicente, e o da Nobiliarchia Pernambucana carecem de prova no que a este respeito dizem.

effeito ajudar-me, e favorecer-me receberei nisso mercê, que he o seguinte.

E quanto, Senhor, aos direitos, e dizimos destas minhas terras, assi os de qua, como os dellaa que lhe pedem, torno, Senhor, a dizer que Vossa Alteza os deve, e haja em tudo e per tudo como se em minhas Duazoens contem, que nada delles lhe peço somente que delles se tirem qua os pagamentos dos Ordenados dos Seçardotes como se ora qua faz, e por Vossa Alteza foi ordenado, quando para qua vim; e assi, Senhor para as obras, e couzas das Igrejas da obrigação de Vossa Alteza, sobre o quall tenho escripto a Vossa Alteza per trez vezes, e per trez vias, e sobre isto peço a Vossa Alteza, que proveja, por aver disso muita necessidade.

Mas ha mercê que a Vossa Alteza peço e que me licitamente pode fazer, que per espaço dos vinte annos, ou pollo espaço que Vossa Alteza conceder a esses armadores aja por bem de me largar os dizimos dos meus proprios engenhos, e isto somente dos de minha lavra, eo que me pertencer das partes, que a parte dos Lavradores seja muito embora de Vossa Alteza; e isto se Vossa Alteza disso for servido, e se não seja como mandar.

E outro si que per espaço do dito tempo aja por bem de me dar Lycença que em cada hum anno possa mandar de qua trez mill qyntaes de brazill as miuhas proprias custas, forros de todos os direitos, para ajuda dos sobreditos gastos, para me tornar a fornecer, e reformar de couzas do que tenho necessidade para os negooios de qua, por que não acho ja no Reyno quem me empreste, nem de tanto dinheiro a caybos, ho qual brazill poderei mandar adonde me bem vier, quer a Levante, quer a Poente onde quer que mandar buscar as couzas necessarias, e aqy será pezado pello seu Feitor, e Officiães e passarão sua arrecadação para onde quer que for, com declaração do que he, do qual sendo Vossa Alteza disso Servido me mande passar a Provizão, e a mande dar a Manoell de Albuquerque, ou a quem por minha parte lha requerer; o quall brazill farei em parte onde não faça nojo, por que assy me cumpre; e diguo, Senhor, trez mill quytas, per que segundo qua custa, eo pouco que lla vall não se tornarão em mil quytas.

E por quanto, Senhor, este fazer de brazill com tanta dezorde querem fazer, e he tão danozo, e tão odiozo o fazer nesta Comarca d'Olinda, e S. Cruz quanto já tenho escripto a Vossa Alteza, e enviado por estromentos, e pedindo-lhe ha trez annos, e per trez vias, que sobre isso proveja, porque de quantos Alvaraes Vossa Alteza tem mandado passar todos se querem aqy vir para acabar de deitar a perder tudo, e para pior ser está pegada comigo a terra de Pedro Lopes de Souza, que DEOS aja, onde não estaa o proprio pastor, mas hum mercenario por Lingua, e Feitor d'armadores que em outra couza não entendem se não em fazer brazill, ja disto tenho dado Conta a Vossa Alteza proveja sobre isso. Peço a

Alem d'isto, a carta que El-Rei fez escrever a Martim Affonço em 1532, tambem derrama alguma luz sobre este negocio. N'ella diz o Monarcha, que tinha mandado dividir a costa do Brasil em capitancias de cincoenta legoas cada uma,

Vossa Alteza, que mande que do Cabo de S. Agostinho ate Capiguarybemery, que he o extremo dos Pitiguarés, que pode ser doze, ou treze Legoas pouco mais, ou menos, que he tudo de huma jeração, que nesta sobredita Comarca se não faça brazill allgum daqy adez, ou doze annos para se ha couza tornar a meter em ordem, pois ahi ha tantos outros Portos em que ho podem fazer, assi do Cabo de S. Agostinho ate S. Francisco, que he na mesma minha Costa como d'ahi para baixo, e na Costa dos Petiguoarés que são outras gerações contrairos destes e fasendo llá não nos danificação, e a quem Vossa Alteza ouver por bem de ho dar, quer nos Petiguoarés, quer nos outros meus Portos debaixo pode Senhor, vir aqy para mais seguridade, e toda hajuda, e favor que lhes eu poder dar lhes darei de boa vontade, assi para os Petiguoarés, que he daqy doze, qynze, e vynte, trinta, e corenta leguas tudo Costa onde ha brazill muito, e bom, e mais barato que este daqy, assi polla desordem, como por ser dez, doze, qynze leguas pollo o Sertão a dentro; como querendo ir aos outros meus Portos do Cabo de Santo Agostinho para ho Sul, que he outra jeração contrarios destes, porque assi como os meus Bragantins, eos Caraveloens dos moradores andão a maior parte do anno por toda minha Costa, asi poderão mandar os seus Navios, e eu os favorecerei, e hajudarei no que poder, e aqy se poderão fornecer, e aviar de Linguas, e do mais que lhes cumprir, e poderão comprar, e vender com os moradores, e povoadores da terra, e fazerem seu proveito sem nos danificarem, asi a mim, como os que comigo estão.

Epосто, Senhor, que disto tenho escripto, e dado Conta a Vossa Alteza averá obra de huã mez, acerca de não me serem lla guardadas minhas Duaçoens conveome tornar per esta a escrepver sobre iso, e dar Conta a Vossa Alteza do que passa, e a cauza he esta Alguãs pessoas aqy moradores se me vierão a queixar de como lhes lla não querião guardar as Liberdade contheudas em minhas Duaçoens, e sobre isto mesmo me escrepverão de Portugal algumas pessoas que comigo estão consertados para virem, ou mandarem fazer engenhos, e parece que por saberem lla que se não guardavão minhas Duaçoens, e porque nos Alvaraes que de nós tem diz que ey por bem, e Serviço de Vossa Alteza, que do dia que vierem, ou per si, e em sua pessoa mandarem a povoar, e a fazer os engenhos, que trazendo, ou mandando trazer os Officiaes, e toda a jente, e couzas necessarias para elles, que possão gozar dos privilegios, e Liberdades de moradores, e povoadores destas minhas terras,, como se em minhas Duaçoens coutem. Sabido isto, Senhor, qua foi grande alvoroço, e ajuntamento em todo ho Povo, e todollos Officiaes, e pessoas nobres, e honradas todos juntamente se ajuntarão em conselho, e fizerão Camara, e me fizerão sobre iso huã petição per elles assignada, que com esta vai, pedindo-me com grandes ellamores que hos provesse com justiça, ao quall eu respondi o que Vossa Alteza verá nas Costas da peti-

e que tinha reservado cem para elle Martim Affonso, e para seu irmão Pedro Lopes cincoenta, cujo titulo de doação lheremettia n'aquella occasião: entretanto a doação de Pedro Lopes, cuja copia consegui ver, e que se acha registrada no

cão, e os consollei de seu agastamento, e os apacefiquei, dando-lhes allgumas descullpas de Vossa Alteza disso não ser sabedor, e prometendo-lhes de logo o fazer saber a Vossa Alteza, e dando-lhes esperança que Vossa Alteza proveria nisso.

Para o quall, senhor, peço a V. Alteza veja minha Carta, e lhe tome o intento, e achará que he tudo de sustancia de seu servcio, sobre que ando morrendo, que melhor me fora já huã morte que tantas sem acabar de morrer; porque as couzas destas calidades, que per fora tam alongadas do Reyno querem-se, Senhor. per outros meios, e maneiras que não as dellaa, e pois Vossa Alteza sabe que eu sempre tive cuidado tão especialmente das couzas do seu Serviço, e dado tamboa conta de mim, como DEOS, e V. Alteza sabe, e a todos ha notario Rezão será, Senhor, que por sua parte me não venhão estorvos para as couzas do seu Serviço que dezejo levar ávante; porque muito mais perdas será o que se pode seguir, não se guardando has Liberdades, e privilegios que o proveito que disso pode redundar, eu não tenho para mim, nem poço crer que isto vem per V. Alteza, nem que disso he sobedor, mas que por Officiaes que querem eyceder ho modo por se mostrarem Servidores; ou se vem por Rendeiros lembrese V. Alteza do que cumpre a seu Serviço, porque esses taes não se lembrão se não do seu proveito.

E pois Vossa Alteza sabe, que polo Servir qua vim, e me coacadeo em minhas Duaçoens para se a couza melhor, e mais pscestamente poder fazer, e ir para bem como louvores a DEOS vai entre as quaes couzas concedeo, e ouve por bem polla informação, e declaração que disso lhe dei ouve por bem, e seu Serviço que asi eu como todos os meus herdeiros, e Subcessores, e todollos moradores, e povoadores que em minhas terras viessem a morar. ou povoar, que de todallas mercadorias, e couzas que de qua mandassemos ou levassemos llaa no Reyno não pagassem se não huã soo siza; a saber de dez hum, e que podessem vender, e fazer dellas o que lhes bem viesse. E outro si que posto que se jão entrados ou chegados aquall quer porto. Cidades, Villas, ou Lugares dos seus Reynos, e Senhorios, em hi não quizerem vender, nem descarregar que livremente ho poção fazer, e irem pera onde lhe bem vier, sem serem constrangidos. nem lhe poderem ir a mão a isso, posto que nos taes Portos, Cidades, Villas, e Lugares aja outros Foraes, ou costumes em contrario deste, o quall segundo me dellá, Senhor, espoem, e qua todo o Povo se me queixa se não guarda llaa; nem querem guardar aos moradores, e povoadores que ha doze, e dez, e oito, e seis annos que morão, e povoão na terra, e qua tem grosas fazendas, Criados, e escravvos que omrão, e aumentão ha terra porque argue llaa, que tem as molheres no Reyno, e que lhes não ham de guardar as liberdades, e privilegios em minhas Duaçoens contheudas.

E outro si pessoas nobres, e poderozas que lla estão no Reyno,

Archivo da Camara Municipal de Goianna no Livro 8 do Registro das Patentes, e Ordens Reaes, a folhas 81, foi datada em 21 de Janeiro de 1535. Isto demonstra que n'aquelles tempos as doações das terras do Brasil só eram escriptas formalmente,

e qua povoão, e outros que querem povoar por seus Feitores, e jentes, escrapvaria, e fazer engenho, que he couza Reall, e que muito augmento, e acrescenta ho bê da terra, e dão muito provelto. a Vossa Alteza, e muito mais daqui emdiente indo a terra para bem como louvores a DEOS, vay, Vossa Alteza averá.

E outro sy, Senhor, querem llaa aver por moradores, e povoadores o que elles querem, e não os que eu qua per minha Ordem, e per meu trabalho, e endustria ando adquerindo para a terra, e mando assentar no Livro da Matricula, e tombo das terras todos aquelles que são moradores, e povoadores, e a estes o Feitor e Almoxorife de V. Alteza, e Escripvão de seu carregão pação as arrecadaçoens de moradores, e povoadores, e aos outros não. E outro si dizem llaa, e levantão outro sologysmo que não hão de gozar das liberdades os moradores, e povoadores que de qua mãão açucares, ou algodões, se não os que forem de sua lavra. e colheita; isto, Sãnhor, parece abuzão porque em todas as terras do mundo se costuma, e huza o que eu aqy costume, e huzo, e tenho posto em Ordem.

Que entre todos os moradores, e povoadores huns fazem engenho d'açucar porque são poderozos, para isso, outros Canaviaes, e outros algodoaes, e outros mantimentos que he a princippall, e mais necessaria couza para a terra, outros huzão de pescar, que outro si he mui necessario para a terra, outros huzão de Navios que andão buscando mantimentos, e tratando pela terra conforme ao Regimento que tenho posto, outros são Mestres d'engenhos, outros Mestres de açucar, Carpinteiros, Ferreiros, Pedreiros, Oleiros, e Officiaes de formas, e sinos para os açucares, e outros Officiaes que ando trabalhando, e gastando o meu por adqeryr para a terra, e os mando buscar a Portugal, e a Galiza, e ás Canareas, as minhas custas, e alguns que os que vem afazer os engenhos trazem, e aqy morão, e povoão d'elles Solteiros, e d'elles Cazados aqy, e d'elles que cada dia Cazo, e trabalho por Cazar na terra; porque toda esta ordem, e maneira, Senhor; se ha de ter para povoar terras novas, e tam alongadas do Reino, e tão grandes como estas, e de que se espera tanto bem, e proveito, asi para ho Serviço de DEOS, como de V. Alteza, e para bem de todos os seus Reinos, e Senhorios, e pollas mais rezoens que V. Alteza sabe, por cuja cauza me qua mandou. Ora pois, Senhor, pois que eu qua por minha parte trabalho, e faço tanto o que devo, não consinta Vossa Alteza llá bolirem com taes couzas, porque não he tempo para com tall se bolir; mas para mais acrescentar as liberdades, e privilegios e não para os diminuir. Peço a V. Alteza que veja esta minha, e que lhe tome ho yntento, e que sobre todas estas couzas proveja com brevidade; e que me leve em Conta minha boa, e sãa entenção, e pois sabe que minha condição, e entenção he fazer verdade, e fallar verdade com todos em jerall, quanto mais cam Vossa Alteza, e nas couzas de seu Serviço, sobre que ando trabalhando, e que

muito depois de promettidas, e que assim como a doação de Pedro Lopes, feita em 1532, foi escripta em forma legal em 1535, da mesma sorte a de Duarte Coelho se escreveu muito depois d'elle estar em Pernambuco. Mas não he este só o argumento que me presta a carta de El-Rei; ainda outro mais convincente ella fornece. Diz o Monarcha que os Francezes não se atreveriam a repetir em Pernambuco o insulto que aqui fizeram, e que S. Mag. refere, porque d'essa vez não se sahiram como esperavam. Ora que não foi Pedro Lopes, que expulsou os Francezes de Itamaracá; o seu *Diario*, que em Nota ensiro a pag. 62 d'estas Memorias, o demonstra; e nem he crível que sendo tão minucioso, deixasse de mencionar essa occorencia, se com elle tivera succedido; logo não havendo então no Brasil outra Armada Portugueza, alem da de Martim Affonço, na qual vinha Pedro Lopes, e tendo esta Armada deixado doentes em Itamaracá, como se deduz do mesmo *Diario* de Pedro Lopes, he claro que alli não existiam Francezes, e que por tanto a Feitoria, e fortificação estavam em poder de Portuguezes. Estas razões, que ainda

tanto cumpri. e importa, que se isto não fora, e así o não entendera, juro polla hora da morte, que dias á que para Portugall me fora; pois sou homẽ para em todas partes de mais omra, e proveito servir a V. Alteza do que até o prezente tenho, e sei de certo que dera boa conta de mim, como que a melhor deo, ou der.

Torno a pedir a V. Alteza que proveja sobre todas estas couzas que lhe tenho escripto, e dado Conta para que saiba o que devo fazer, e se não passe o tempo em balld, que he a maior perda das perdas, pois tudo se pode cobrar, se não o tempo perdido.

DEOS por sua Mizericordia tenha a V. Alteza em sua guarda, ea todollas couzas de Seu Serviço, e lhe dê vitoria contra todos os que prozumirem de contra ellas ser: amem. D'Olianda a quinze d'Abril de mil quinhentos quarenta e nove.

Acerqua das couzas do brazill proveja V. Alteza, asi pela desordem, como porque o robão com estas dezordens, e así o confirme, do que llevo grande payxão, e desgosto, e se me qua quero remediar lla, Senhor, faz-se ontra couza, e não o que ordeno pollo servir, e atalhar a tanta dezordem, que não acho que não prezumo de fazer, e tratar em brazill, como tratar em erva, e allcacer, e hillo vender apraça; eu castiguei alguns que se desmandarão, mas na juridição alhẽa não entendo se não com requerimento, e Cartas Precatorias, o quall não dam mais por iso, que por castigos de Sollão. Eu tenho ya diso avisado a V. Alteza, não será amĩ aculpa. Servo de V. Alteza » Duarte Coelho.

não passam de probabilidades, parece-me que se proximarão alguma cousa a evidencia, si consultarmos os Historiadores, (1) que posto que mui pouco se occupassem de Pernambuco, todavia fornecem esclarecimentos sobre este facto, que até hoje tem estado envolvido em uma completa escuridão. D'esses Historiadores concluo eu, que tendo Duarte Coelho acompanhado ao grande Affonço de Albuquerque na conquista de Malaca na India, e tendo ahi distinguido-se, como elles referem, e como El-Rei D. João III o confessa na sua Carta de Doação, (2) voltou para Portugal em 1530, e arribando a Pernambuco a Armada em que vinha encontrou então os Francezes em Itamaracá, aos quaes, assim como aos Indios seus alliados, bateu em 26 de Setembro d'esse anno, e seguiu pela margem do rio Juruá, (o qual El-Rei depois denominou *S. Cruz*;) até que avistando sobre um alto uma povoação dos Indios *Pitiquarés*, que em todo o caminho lhe disputaram o passo, atacou-a, e afinal apoderou-se d'ella. E porque os Indios, quando viram as naos que vinham da India exclamaram — *Iguarú - assú* — que em seu idioma quer dizer embarcação grande; d'esta exclamação tomou Coelho motivo, para denominar esse lugar *Iguarassú*. Alli depois fundou o primeiro estabelecimento de Pernambuco; e porque bateu os *Pitiquarés* em 27 de Setembro, dia dos Martyres *SS. Cosme, e Damião* a estes Santos foi consagrado o Templo que a seu tempo se edificou n'essa Villa.

Esta conclusão combina com o que dizem os Historiadores, que dão a fundação de Iguarassú a era de 1530, e concilia as noticias que aqui, e alli se colhem em todos esses escriptos antigos, que com indisivel trabalho tenho obtido para consultar. Porém tudo isto não passa de probabilidades, tudo são conjecturas: em quanto Pernambuco não mandar a Lisboa um proprio, que se interesse pela exactidão da Historia

(1) Souza Hist. Genealogica Tom. 10 Liv. 1 Cap. 10 pag. 771 (acha-se esta obra no Archivo do Mosteiro de S. Bento em Olin-da) Faria e Souza Azia Portugueza Tom. 1.º Part. 2.ª Cap. 6 Part. 3, e 6 Part. 4 Cap. 1.º citados na Introducção da Nobiliarchia Pernambucana.

(2) Vid nestas Memorias pag. 42.

de nossa Patria, e que conseguindo a permissão de folhear os registros, da Torre do Tombo, da Secretaria de Ultramar, e os das Bebliotecas dos Nobres d'aquelle Reino, nas quaes existem documentos antiquissimos, e mui importantes, nada se saberá de positivo, nunca sahiremos das probabilidades, e das incertezas. Si na Torre do Tombo se acharam as duas cartas de Duarte Coelho, que se lêem nas paginas 70 e seguintes destas Memorias, como não se acharão igualmente as outras participações, que elle necessariamente havia de fazer, já sobre a época da fundação de Iguarassú, já sobre a d'Olinda, &c, &c.? Si ha zelo pela Historia do Paiz, mande-se á Portugal um homem, que por ella se interesse, e que de boa vontade preste este relevante serviço á sua Patria. Mas voltando ás conjecturas sobre a chegada de Duarte Coelho : tendo este Capitão batido os Francezes, e os Indios seus alliados, seguiu sua derrota para Portugal, e abi casando com D. Brites de Albuquerque, Dama do Paço, filha de Lopo de Albuquerque, e de sua mulher D. Joanna de Bulhão, conseguiu a promessa da Capitania de Pernambuco, ou a doação vocal d'ella, e deixando sua mulher em Portugal, voltou pelos annos de 1531, ou 1532 para Pernambuco, trazendo sob suas ordens muitos dos seus parentes, e crescido numero de gente de guerra, no qual se contavam varios nobres cavalleiros. Com esta força desembarcou em Itamaracá, marchou para Iguarassú, fundou Olinda, &c, &c.

Esta minha opinião he corroborada pelo Foral da Camara do Olinda. D'esse Foral consta que Duarte Coelho tomara posse da Capitania de Pernambuco em 9 de Março de 1535, que he justamente a época em que podiam cá chegar as Cartas Regias de Doação, escriptas em 1534 ; logo sendo incontestavel (e ninguem ainda o contradisse) que a Villa de Iguarassú foi fundada primeiro do que a de Olinda, e primeiramente guarnecida, he evidente que para Duarte Coelho tomar posse em Olinda no mez de Março de 1535, era mister que tivesse chegado pelo menos á tres, ou quatro annos, tempo indispensavelmente preciso para fundar duas Villas : e note-se que o mencionado Foral foi escripto em Olinda a 12 de Março de 1537 (para ser submittido á Approvação Regia) quando já a

Camara d'Olinda estava formada, e organizada a governança do paiz; segundo a Legislação Portugueza. Si Duarte Coelho tivesse chegado á Pernambuco, não em 1531, ou 1532, mas sim em 1535, como se pretende; seria possível que no curto espaço de menos de dous annos podesse fundar duas Villas, distantes cinco legoas uma da outra, e as fortificasse, em um paiz coberto de inimigos, e em constantes guerra? Duarte Coelho pois veio de Lisboa povoar Pernambuco muito antes de 1534, data das Doações Regias.

Concluo portanto finalmente, que a Villa de Iguarassú teve seu primeiro fundamento em 1530, e que em 1534, ou 1535 o que Duarte Coelho fez, foi mandar transportar da Europa sua Consorte; conclusão esta mui razoavel, tanto mais porque não he presumivel, que transportasse, antes d'esse tempo, uma Senhora delicada, acostumada aos mimos da Corte, para Itamaracá, e Iguarassú, que então só eram praças d'armas, onde se devia estar em continua alarma, ja para repellir os ataques dos selvagem, que se tornaram inimigos dos Portuguezes, pelos maos tratamentos que lhes deram os degredados, remettidos pela Corte, e já para bater os Francezes, os quaes para ganharem a confiança dos indigenas, e obterem *Pão-brasil* os tinham sublevado, e se apresentavam á sua frente, como em Portugal já se sabia.

Não ha comtudo certeza se n'essa época com effeito veio para Pernambuco D. Brites de Albuquerque, Consorte do primeiro Donatario; sabe-se porém pelo testamento de seu irmão, Jeronimo de Albuquerque, que em Nota insiro, que elle a acompanhou; e pela Biographia (1) do 3.º Donatario Jorge de Albuquerque, que este nasceu em Olinda a 23 de Abril de 1539. O primeiro (2) fez importantes serviços á Pernambuco,

(1) Bibliotheca Lusitana Tomo 2.º pg. 790.

(2) Testamento de Jeronimo de Albuquerque, cunhado do 1.º Donatario de Pernambuco Duarte Coelho.

Em nome da SS. Trindade, Padre, Filho, Espirito S., trez pessoas e hum só Deos verdadeiro, que adoro, e creio perfeitamente, e da Virgem M. N. Sr.ª Amen. Este he o testamento que eu Jeronimo de Albuquerque faço com todo o meu Juizo e entendimento, e estando são, e andando em pé para quietação de minha consciencia, filhos, e herdeiros pelo modo seguinte. Primeiramente en-

e o segundo não só lhe prestou igualmente grandes serviços como honrou sua Patria na Europa: seria pois eu merecedor de

comendo minha alma ao Sr. Deos que a criou, e remio com seu precioso sangue, e lhe peço e rogo queira haver misericordia de mim. E peço á Virgem N. Sr.^a, e á todos os Santos, e Santas da Corte dos Ceos, que quando a minha alma de meu corpo sahir a queirão apresentar diante da Magestade Divina, e serem meus intercessores, para que me queira perdoar meus pecados. Mando que no dia de meu fallecimento, morrendo eu nesta Villa, e peço ao Sr. Provedor e Irmãos da Santa Misericordia, que acompanhem meu corpo, e levem para ser sepultado na Igreja que tenho no meu Engenho de N. Sr.^a da Ajuda, onde tenho minha sepultura: e por assim me acompanharem lhes deixo de esmolla 50/000 rs. e não me acompanhando em tal caso lhes não darão mais que 25/000 rs. Mando que me digão quatro officios de nove lições cantados no dia, e outro no mez e anno offertado com a valia de dez crusados de offerta o primeiro; o 2.^o com 3/000 rs.; e o 3.^o e final com 2/000 rs. pela dita maneira: os quaes officios se farão na dita minha Igreja, e meus testamenteiros pagarão por isso o que for razão. No dia que eu fallecer gastarão com pobres 20 crusados por minha alma, que se lhes darão de esmolla pela ordem que bem parecer a meus testamenteiros. Deixo e mando que se compre hum alampadario de prata para a minha Igreja de N. Sr.^a da Ajuda, que custe 30/000 rs. Deixo aos Padres da Companhia desta Villa quarenta crusados. Mando que se deem de esmolla a pessoas pobres, e envergonhadas 10/000 rs. Mando que se dê a Confraria do Santissimo Sacramento vinte crusados, e assim mais 1/500 rs. pelos anaes que lhe devo, que me parece que lhe não paguei. Deixo a todas as outras Confrarias da Igreja Matriz desta Villa a 3/000 rs. cada huma, tirando a Confraria de N. Sr.^a da Conceição, da dita Igreja que a esta deixo 6/000 rs. Deixo a meu Filho Felipe de Albuquerque 12/000 rs. que se devião a sua Mãe Apollonia pequena. Deixo a minha Filha D. Simõa, por que lhe não dei dote 100/000 rs. os quaes lhe darão de minha tersa, e se lhe não descontarão na terra, digo na doação da terra de Capibaribe, somente se se achar que por Direito ella, e os mais meus filhos naturaes legitimados podem entrar na doação, que lhe eu fiz do meu Engenho, em tal caso, se lhe descontarão de seu quinhão. Quero que todas as missas, e respõsõs que se fiserem na minha Capella e Igreja de N. Sr.^a da Ajuda sejam por minha alma, e de meus Pais, e Avõs. Digo e declaro que eu tenho feito hum morgado, no qual está declarado, que se diga missa por minha alma quotidiana: e por quanto eu depois houve muitos filhos, e o morgado tem muitas obrigações, quero, e mando que se não digão mais que tres missas em cada semana na sexta feira ás Chagas, no sabado a N. Sr.^a e ao domingo a ordinaria. Declaro que os chãos da prassa que tenho applicados e dados ao morgado, e bem assim a terra de Serinhaem que houve de meu sobrinho o Sr. Jorge de Albuquerque e a terra que lhe deixava, tudo isto tiro e desmembro do morgado: e bem assim toda a terra que lhe deixava em Capibaribe, tirando soments quatrocentas braças em quadra: e tudo o mais que assim desmembro ficará por respeito de meus filhos que depois de ter feito este morgado houve. Mando que em quanto meu filho João de Albu-

grave censura, si não fizesse honrosa menção d'estes dous distinctos Varões, principalmente do segundo, que nasceu em

querque o mais velho não for de idade de 22 annos perfeitos se lhe não entregue o morgado; e o terá, e o administrará o Sr. meu Sobrinho Jorge de Albuquerque, estando nesta Capitania, porque não estando o terá e administrará meu Genro Felipe Cavalcanti, e por sua morte ou ausencia Alvaro Fragozo, e por sua morte ou ausencia D. Felipe de Moura, e por sua morte ou ausencia Jorge Teixeira, e por sua ausencia ou morte meu filho Manoel de Albuquerque; e em caso que haja falta de todos estes quero, e hei por bem que tenha a administração e tutoria, e curadoria de meus filhos huma pessoa nobre desta Villa, digo terra: para o que peço por merce aos Snrs. Officiaes da Camara, que no tal tempo forem, que tendo respeito aos muitos serviços que eu tenho feito a esta Capitania, e aos muitos trabalhos que nella tenho passado pela sustentar, e ao muito amor que lhes sempre tive a todos, elejão a tal pessoa para ter a dita administração, com tanto que o tal eleito não seja por nenhuã via D. Christovão de Mello, ou cousa sua, e isto por justos respeitos que a isso me movem: por que a tutoria, e curadoria dos ditos meus filhos assim o morgado, como de todos os mais, quero e hei por bem que andem nas pessoas a cima declaradas, pela ordem e maneira que a cima digo, porque esta quero que se tenha sem nunca se poder ser o dito D. Christovão nem parente seu; e assim o requeiro ás Justiças de S. Magestade o cumprão, e fação guardar, porque esta he minha vontade. Hei por bem e mando que o dito meu filho João de Albuquerque, ou qualquer dos outros seus irmãos, que lhe succeder no dito morgado, que não se case athe o dito tempo de 22 annos, sem licença e parecer da maior parte dos ditos meus Testamenteiros, e em caso em que sem seu parecer se case no Brasil, sendo notoriamente em diminuição da sua pessoa, e honra, quero que pelo mesmo caso perca o morgado, e o erde, e se passe logoo irmão mais velho que vivo fôr. A mesma pena terá o que ali erdar o dito morgado. Deixo por meus Testamenteiros para em todo cumprirem este meu Testamento aos ditos Snrs. Jorge de Albuquerque, Felipe Cavalcanti, Alvaro Fragozo, D. Felipe de Moura, Jorge Teixeira, e Manoel de Albuquerque, os quaes todos juntos, e cada hum persi in solidum, cumprirão este meu testamento, aos quaes eu peço e encommendo muito o fação assim tendo lembrança da grande obrigação que tem a quem eu sou, e pelo grande amor que sempre lhes tive o cumprão, e guardem, como se nelle contém. Quero e hei por bem que todos os annos seja visitada esta minha Igreja e Capela pelo Vigario da Vara Ecclesiastica desta Capitania, o qual poderá tomar contas do successor do dito morgado para se saber se cumpre com as obrigações da dita Capela, e para isso hei por bem que o dito morgado lhe dê 2,000 rs. por cada uma visitação. Declaro que eu tenho varios escravos do gentio desta terra, e alguns por ora estou em duvida se tenho mal resgatados; e por que athe o presente não tenho feito diligencia sobre a certeza deste negocio; quero e mando que não o fazendo eu em minha vida, que os ditos meus Testamenteiros o fação, e saibão muito inteiramente, e achando algum que seja mal resgatado o tenham e tracem como forro, e lhe declarem que o he para de si fazer o que

Pernambuco. Antes porém de dar uma breve noticia da sua historia, seja-me permittido corrigir uma inexactidão do

lhe aprover, como se costuma. E se algum for morto o pratique com os Padres, para se saber a ordem que nisto se hade ter. Digo, que eu tenho hum livro, em o qual tenho escritas todas as obrigações particulares, assim de serviço de criados, como de outras cousas a que tenho obrigação de satisfazer. Mando e rogo aos ditos meus testamenteiros, que todo o conteudo no dito livro que por mim estiver assinado do meu sinal, posto que não seja letra minha, o cumprão inteiramente, assim como se o declarara neste meu Testamento, e de cada cousa fiser expressa menção, e lhe dem inteira fé e credito. Declaro que sendo caso que por falta de memoria minha ou inadvertencia ou por outro respeito me esquecer declarar alguma obrigação em que eu esteja a algumas pessoas, assim criados, como devedores, ou qual quer outras pessoas, mando que justificando cada hum bastantemente porque se conclua eu lhe dever, que os ditos meus Testamenteiros desencarreguem minha alma com o intenderem que he mais serviço de Deos Nosso Snr. e proveito de minha consciencia, porque delles o confio. Declaro eu Jeronimo de Albuquerque, que se minhas filhas legitimas erdarem tão pouco de mim, ou tiverem tão pouco de seu por outra via por doações ou dadivas que alguém lhes haja feito, que sua fazenda não chegue a 5,000 crusados, em tal caso se casarem obrigo ao morgado a lhes prefaser de sua fazenda, o que falta para a quantia de 5,000 cruzados dentro no anno que casarem. E ficando solteiras ou entrando freiras, e pelo mesmo modo tendo tam pouco de seu, que não tenham 2,500 cruzados; obrigo outro si o dito morgado a lhe suprir, e prefaser esta quantia, depois de se empossar do morgado em dous annos primeiros seguintes. Mando que se dê a todos os meus filhos naturaes solteiros 500 rs. que entre si repartirão irmãmente. Declaro que huã mamaluca, ou india por nome Felipa, tilha de huã minha escrava por nome Maria, a qual mamaluca eu mal informado alguã hora cuidei ser minha filha, e como tal lhe fiz cousas de filha, e lhe houve legitimação de ElRei nosso Sr. contudo depois informado na verdade soube de certo não era, e assim o declaro em minha consciencia. E dado que o fora, o que não he, eu a deserdo totalmente por desordens suas notorias. Declaro, que se alguma pessoa dicer que eu lhe devo alguma cousa, posto que não tenha assinado, seja crido por seu juramento athe quantia de 4,000 rs. Item declaro e afirmo que meus desejos era contentar, e satisfazer a todos os meus filhos e Erdeiros assim naturaes como legitimos: mas os muitos filhos legitimos que tenho de minha mulher e me nascerão, me obrigão em consciencia, e a rasão assim o pede, ordenar isto pelo modo presente. E pois al não posso primeiramente mando, e encomendo a meu filho morgado, que particularmente favoreça e ajude a seus Irmãos ligitimos e em especial a suas irmãs lembrando-se que pelo aventajar a elle, defraudei aos outros de suas legitimas, pretendendo deixar a elle por esteio e memoria de sua geração. Pelo que a virtude, onra, e contentamento que a minha alma terá, o devem obrigar a tudo isto, e fazer tudo o que os omens de sua qualidade

author da *Corografia Brazilica*, que na sua Nota da pg. 153, nega que Duarte Coelho militara na India, fundando-se em

devem, e soem fazer. No 2.^o lugar lhe encomendo todos o^s seus irmãos, e irmães naturaes e para isto lhe baste entender, esaber que são meus filhos e assim que lhe for possivelos favoreça e ajude: aos quaes eu peço a todos em geral, e a cada hum em particular e lhes rogo e mando se amem; e fação pelas cousas huns dos outros tendo memoria de mim, e o tronco donde procedem. Item e declaro que meu filho o morgado não entrará a partilhas com seus irmãos, e somente sahirá com o morgado in solidum. Peço muito por merce ao Sr. Jorge de Albuquerque meu sobrinho que pelo amor que em mim sempre achou, pelo eu criar como a filho, e o ter sempre nesse lugar como elle bem sabe, lembrando-lhe tambem que deixei a minha patria por vir acompanhar a Snr.^a minha irmã sua mãe; que elle assim por isto, como pela muita razão que tem com todos os meus filhos legitimos e naturaes, os favoreça em tudo aquillo que puder, e for possivel, como eu fisera, pelos seus se mos elle deixara encomendados, pois elle sabe muito bem que o estar esta sua Capitania no estado em que está, depois de Deos fui eu. Quanto a huã Jeronima Marmaluca, que se criou em minha casa, e foi tida por filha minha do qual Deos sabe a verdade em caso que o seja eu a deserdo totalmente, por desordens suas notorias. Item, digo, e declaro que eu devo algumas dividas á pessôas, as quaes de presente não pude pagar; e porque eu deixo hum livro, como a trás digo, no qual ficão postas todas ou a maior parte das que devo torno a encomendar, e pedir muito aos meus Testamenteiros que as paguem com a maior brevidade que fôr possivel, se eu antes de minha morte as não pagar, principalmente o dizimo que devo a Diogo Rodrigues de Elvas; e peço e rogo a todos os devedores a quem eu devo, que me perdoem o não lhes poder pagar, porque não foi mais em minha mão. Declaro que eu fiz hum Testamento juntamente com D. Felipa de Mello minha mulher, e digo que quanto o que toca a mim, o dito Testamento eu o revogo e não quero que em nada valha nem todos os mais que ate o presente tenho feito. Só este quero que valha, e tenha força, e vigor, e quanto ao tocante á dita D. Felipa as Justiças provejão nisso como lhes parecer que he direito. Declaro que *Duarte Coelho* (a) o velho que Deos tenha em gloria, me deu huã legoa de terra em Capibaribe para mim e pera todos os meus filhos naturaes; a qual terra eu tenho dito e assentado com alguns dos meus filhos e genros, que lhes darei ametade della, da que fica da banda do mar: e querendo elles estar por esta demarcação; e que se faça da sobredita maneira pelos ver quietos, lhes dou alem da dita metade 150 braças de terra de largo da outra minha ametade e todo o comprimento que tiver a dita terra; as quaes 150 braças, que lhes assim dou, tomarão logo pegado com a sua metade, e elles lhes darão quitação de como estão contentes de estar por esta repartição, e medição; e não lhes dando dita quitação, lhes não dou as ditas 150 braças. E porque aqui hei o meu Testamenteiro por acabado, e mando que se cumpra inteiramente como se nelle contem, porque esta he

(a) Si Duarte Coelho tivera o sobrenome de Pereira deixaria seu cunhado de o mencionar, em um papel publico, como he um Testamento.^o

que o Duarte Coelho, que fizera proezas n'aquella parte d'Asia não tivera o sobre-nome de Preira, e que além d'isso morrêra em 1527.

Si o author da *Corografia* consultasse documentos autenticos, e não se guiasse por alguns dos Historiadores, que, não sei porque razão, deram o appellido de *Pereira* (*) a Duarte Coelho, não avançaria uma propositão, que o proprio Rei D. João 3.^o desmente, como se vê n'estas Memorias a pag. 42. Duarte Coelho, filho de Gonçalo Pires, Sr. de Fil-

a minha ultima vontade, digo, e derradeira vontade: roguei a Belxior da Roza, morador nesta Villa; que este fizesse, e comigo assignasse, e elle o fez a meu rogo em Olinda aos 13 dias do mez de novembro do anno do Nascimento de N. Sr. J. C. de 1584 anos Jeronimo de Albuquerque. Belxior da Roza.

Este testamento foi aprovado por Antonio Lopes, Tabelião Publico do Judicial e Notas da Villa de Olinda, e seus Termos aos 13 dias do mes de Novembro de 1584 anos, sendo Capitão e Governador d'esta Capitania o Sr. Jorge de Albuquerque, seu 3.^o Donatario, e estando o Testador doente de cama em pousadas suas na rua de Todos os Santos. Forão presentes e assinarão por Testemunhas o Licenceado Henrique Nunes, Bras Fernandes, Manoel de Paiva Cabral, Luiz Antonio, Duarte Jacome, Jeronimo Dias, João Moutinho todos moradores, e estantes n'esta Villa.

Como o Testador affirma no principio do seo Testamento que o fas, estando em pé de saude eo Tabelião aprovou o Testamento em 13 de Novembro de 1584 anos declarando que o Testador estava enfermo de cama, segue-se que o Testador principiando a fazer o seo Testamento com saude perfeita deo fim ao mesmo testamento depois de estar já enfermo de cama, e foi concluido o Testamento no mesmo dia mez e ano em que foi aprovado como se vê do mesmo Testamento, e da sua aprovação.

Tenho tambem por muito certo que este he o mesmo Testamento com que falleceu o Testador Jeronimo de Albuquerque por que este Testamento foi extrahido por treslado do Cartorio do Escrivam dos Orfãos d'esta Olinda Francisco Alves Viegas aos 28 de Maio do anno de 1604 a requerimento de D. Cosma de Albuquerque, e sua irman D. Izabel, filhas ambas do Testador, e foi despachada a petição por um Ministro que se assignava Miranda: tudo consta do referido treslado, e petição a elle junta; papeis estes que se conservam e guardam no Cartorio de S. Bento d'esta Olinda n.^o 14, gaveta V. Masso D. da donde eu tirei fielmente esta copia, e a que me reporto em 17 de Julho de 1756.

Nobiliarch. Pern. Tom. 1.^o

(*) Fr. Rafael de Jesus no Castrioto Lusitano Livro 1 chamou-o Duarte Coelho de *Albuquerque*; teve alguma razão, porque este ultimo appellido he o da familia da mulher do Donatario. Rocha Pita, na America Portuguezza, e Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana, chamaram-lhe Duarte Coelho *Pereira*: não sei em que se fundaram.

gueiras, nunca teve o appellido de Pereira, como se vê da Carta de doação inserta n'estas Memorias, e como tambem se vê do testamento de Jeronimo de Albuquerque, e como em fim melhor convence as cartas que derigia ao Rei, nas quaes se assignava sómente — *Duarte Coelho* —; e he este mesmissimo, que fez proezas na India, e que não morreu na ilha de Samatra, como quer o author da *Corografia*; mas sim, que tendo assistido a tomada de Malaca, voltou para Portugal, e arribando com a sua Esquadra a Pernambuco, foi o primeiro que demarcou exactamente a Lat. d'esta Provincia, e obrou as acções referidas n'este Cap. como melhor se pôde ver, lendo-se o primeiro Tomo da *Asia Portugueza*, e o 10 da *Historia Genealogica*.

Agora que está corrigida a inexactidão da *Corografia Brasilica*, vou dar uma breve noticia da Biografia de Jeronimo de Albuquerque, e de seu sobrinho o 3.^o Donatario Jorge de Albuquerque Coelho.

Jeronimo de Albuquerque, cunhado do primeiro Donatario, veio para Pernambuco acompanhando sua irmão D. Brites de Albuquerque, e sendo Varão de muito valor, tornou-se logo um dos Capitães notaveis da nova conquista. Diz a chronica que este Capitão em um dos primeiros choques que tivera com os Indios perdera um olho (*) por uma frechada, e que ficára prisioneiro, chegando a termos de perder a vida, porque os Selvagens costumavam, como referi no Capitulo precedente, matar e comer com grande cerimonia os seus prisioneiros de guerra. Mas Jeronimo teve a fortuna de que d'elle se agradasse uma filha do Cacique, ou velho Director dos Indios, e que esta India, apaixonada pelo joven prisioneiro, se abraçasse com seu pai, (que se chamava — *Arco-Verde* —) e lhe representasse que si matassem o — *caraiiba* — (branco em lingua indigena) que estava prisioneiro, ella morreria igualmente, porque o amava muito, e o queria para marido.

Movido o velho Director dos Indios, pelas supplicas da

(*) Pelo defeito que lhe ficou d'esta ferida, foi denominado d'ahi por diante o *Torto*.

filha, concedeu com a vida a liberdade a Jeronimo de Albuquerque, e além d'isso alliou-se com os conquistadores, e lhes servio de grande ajuda, e favor. Feita a paz, batisou-se a filha do velho Arco Verde, dando-se-lhe o nome de D. Maria do Espirito Santo, cujo appellido Jeronimo de Albuquerque escolheu para memoria da alegria do dia de *Pentecostes*, no qual a sua libertadora recebeu a graça do Batismo. Viveram sempre Jeronimo de Albuquerque, e a sua libertadora com amor tão respeitoso, que para casados só lhes faltou o receberem-se, segundo o Rito da Igreja. D'esta união nasceram oito filhos, aos quaes amou Jeronimo de Albuquerque, como a filhos de uma mãe a quem devia a vida, e os estimou e honrou como a filhos de uma Princeza da sua terra, e que lhe facilitara a felicidade da conquista. Porém não foi bastante esta união, para que Jeronimo de Albuquerque deixasse de ter mais cinco filhos de outras mulheres, assim brancas, como Indias, a todos os quaes (que prefizeram o numero de onze) perfilhou legalmente, antes de casar com D. Felippa de Mello.

Entre os filhos que Jeronimo de Albuquerque teve de D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, se conta D. Catharina de Albuquerque, que casou com Philippe Calvacanti, Fidalgo de Florença, e dos mais esclarecidos d'aquella Monarchia, como se acha provado authenticamente na *Nobiliarchia Pernambucana* Tomo 1. D'este casal descendem os Srs. Cavalcantis de Pernambuco, e não da filha de D. Felippa de Mello, como na primeira edição d'este Tomo referi no liv. 1 a pag. 87, seguindo a Rocha Pita. Mas tornando a Jeronimo de Albuquerque.

Sendo presente á Rainha D. Catharina (que pela menordade de seu Neto El-Rei D. Sebastião governava o Reino de Portugal) a vida menos Religiosa que passava Jeronimo de Albuquerque; por algumas vezes lhe mandou estranhar o máo exemplo que dava em uma nova conquista, e vendo que não produziam effeito as suas admoestações, aproveitou a occasião em que D. Christovam de Mello foi obrigado a embarcar para Pernambuco com sua familia, e mandou insinuar ao mesmo Jeronimo, que seria muito do seu Real agrado, que elle casasse

com uma das filhas que trasia D. Christovam de Mello; insinuação á qual obedeceu promptamente Jeronimo de Albuquerque, casando com D. Filippa de Mello, filha do dito D. Christovam, e de quem, não obstante já ser velho, teve onze filhos, vindo a ter entre legitimos, e legitimados 24 filhos. Da época da morte de Jeronimo de Albuquerque não ha certeza. Agora passarei a dar uma breve noticia do 3.º Donatario de Pernambuco, sobrinho d'este Jeronimo de Albuquerque.

Jorge d'Albuquerque Coelho nasceu em a Cidade de O-linda a 23 de Abril de 1539: foram seus progenitores o primeiro Donatario de Pernambuco Duarte Coelho, e D. Brites de Albuquerque, filha de D. Lopo de Albuquerque, e D. Joanna Bulhão e da Cunha. Desde os primeiros annos exercitou os seus marciaes espiritos em serviço de Pernambuco, sua Patria, consumindo sua fazenda, e derramando o proprio sangue em varias expedições que dirigio, já contra os Indios, e já contra os Francezes; que se lhes uniram; obtendo contra todos assignaladas victorias. Igual, ou maior valentia ostentou em Africa, pois que sendo nomeado por El-Rei D. Sebastião, Enfermeiro-Mór do Exercito, com o qual este Monarcha passou no anno de 1578 ao campo de Alcacer; depois de ter recebido sete penetrantes feridas nas partes mais nobres do corpo, encontrou com El-Rei, quando o Exercito Portuguez estava quasi desbaratado; e pedindo-lhe o Monarcha o seu cavallo promptamente lh'o deo, para n'elle salvar a vida de tão fatal calamidade. Entretanto atropellado Jorge de Albuquerque pela cavallaria inimiga, foi prisioneiro, e conduzido quasi agonisante em um carro do campo até a Cidade de Fèz, onde para ser curado das feridas, foi preciso tirarem-se-lhe vinte óssos, em repetidas e dolorosas operações, que se lhe fizeram no largo espaço de sette mezes, que durou o curativo, tolerando com heroica paciencia horriveis dores, vindo ainda depois d'isto a andar quatro mezes sobre duas moletas, e no fim d'elles deixar uma em 23 de Abril de 1582 pendente do altar de Nossa Senhora da Luz, para memoria do beneficio que da sua Maternal Clemencia recebêra. Casou duas vezes; a primeira em 18 de Bezembro de 1583 com D.

Maria de Menezes, sua segunda Prima, filha de D. Pedro da Cunha, e D. Anna de Menezes: d'esta sua primeira mulher teve uma unica filha; e ficando viuvo, a 12 de Maio de 1585, passou a segundas vodas a 25 de Novembro de 1587 com D. Anna de Menezes, filha de D. Alvaro Coutinho, filho de D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, e Vice-Rei da India, e de D. Brites da Silva. Deste segundo matrimonio nasceram: D. Brites de Albuquerque; Duarte Coelho de Albuquerque, Marques de Basto, Conde e Senhor de Albuquerque, Gentil-Homem da Camara de Philippe IV, e do seu Conselho, e 4.º Donatario de Pernambuco, e Pedro de Albuquerque Coelho.

O Pernambucano Jorge d'Albuquerque Coelho, tanto foi estremado cavalleiro, como igualmente dado ás letras: elle compôz: a *Falla* que fez aos Governadores, e defensores do Reino de Portugal aos 19 de Junho de 1580, e tambem aos Procuradores dos Povos que estavam juntos em Setuval, para nomearem Deputados as Cortes da Nação Portugueza. Compôz tambem outra *Falla* no dia em que chegou a nova ao campo Portuguez de que o Exercito de El-Rei Philippe de Castella entrava pelo Reino de Portugal, sem querer esperar, que se julgasse quem era o herdeiro d'este Reino. Começa esta *Falla*: — *Senhores! Venho saber se he verdade*, e acaba — *da pessoa que nomeardes por Rei, e verdadeiro successor d'estes Reinos*: está em M. S. Compôz mais: *Conselho, e Parecer* que deu a alguns parentes, e amigos seus, e aos creados da sua casa: está tambem em M. S.

Compôz finalmente *Reconciliação, protecção, supplicação feita á Nosso Senhor Jesus Christo, e a Virgem Maria Nossa Senhora em dia dos tres Reis Magos* em 1558 na Sé da Cidade de Lisboa na Capella do SS. Sacramento, quando recebeu o SS. Viatico: está igualmente em M. S.

Todas estas obras com as petições que fez a Philippe, o Prudente, sobre o despacho dos seus serviços, que são mui extensas, se conservam em um volume em folio na Livraria (*)

(*) Assim como n'esta Livraria particular existem estes importantes documentos historicos, em outras igualmente se encon-

do Excellentissimo Marquez de Valença em Portugal, como se lê na Bibliotheca Lusitana.

CAPITULO VIII.

Duarte Coelho funda Olinda; allia-se com a Tribu Tabayré; bate os Cahetés; e finalmente consegue arrotear a terra, e levantar Engenhos.

Duarte Coelho ao mesmo tempo que fundava Iguarassú, e guarnecia esta Villa, de maneira que não fosse presa dos Indios inimigos, ao mesmo passo que levantava trincheiras, e apresentava-se em attitude hostil, para se fazer respeitar, elle como habil General, procurava sobre tudo a allianças dos naturaes do mesmo paiz que pretendia conquistar. Coelho pois por meio de um procedimento franco, e leal inspirou confiança á Tribu Taibaré, cujo Chefe, com o qual tinha contrahido alliança, grandes serviços lhe prestou (1) Fortificada Iguarassú; e arrançadas as cousas allí de uma maneira conveniente, deixou Coelho esta nova Villa, guarnecida como convinha, e á frente do seu pequeno Exército, que se compunha de Portuguezes, e já dos Indios alliados, sahio pela costa em demanda de sitio, que reunisse á um bom surgidouro outras commodidades indispensaveis em uma Cidade maritima, e que faltavam em Iguarassú; e seguindo para este fim caminho do Sul, mas sempre com muita cautella, para livrar-se das emboscadas dos Cahetés, avistou em Janeiro, ou Fevereiro (2) de 1532 um aprazivel outeiro proximo ao mar-8 graos ao Sul da Linha, no qual habitavam alguns Indios, e transportado pela belleza do sitio exclamou: *O linda situação para se fundar uma Villa.* Aprovaram todos a lembrança; mas para que ella não ficasse senta de lisonja, accor-

tram outros, que só podem ser consultados por quem for a Portugal, com o unico fim de consultar documentos historicos: Só d'este sorte se conseguirão noticias exactas, e verdadeiras.

(1) Persuado-me que este Chefe ou Cacique dos Indios foi o pai de D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, que salvou da morte a Jeronimo de Albuquerque, cunhado do primeiro Donatario.

(2) Não me foi possivel descobrir com certeza o dia da fundação de Olinda: a época que eu lhe dou he a mais aproximada, e deduzida de certas passagens dos Authores que tenho consultado, o que seria enfadonho aqui referir.

daram em que a Villa que alli se fundasse se lhe desse o nome de *Olinda*, formado das primeiras palavras proferidas por seu Chefe. Fez por tanto o Exercito alto, e tratou Coelho de fundar a Villa; e com effeito tanto trabalhou, que dentro de um anno, já ella contava centenas de habitações; algumas sumptuosas em relação ao tempo, e lugar.

Todavia Coelho não podia dilatar os seus estabelecimentos: os Cahetés, Tribu barbara e selvagem, notavel entre todas as outras pela sua ferocida, e pelo uso que fazia de canoas, que carregavam até doze pessoas, o incommodava constantemente. Iguarassú, e Olinda eram quasi todos os dias atacadas por esta Tribu; e em verdade os novos povoadores tiriam succumbido infallivelmente, si Coelho fosse General menos habil, e se igualmente não tivesse sob suas ordens officiaes tão habéis como elle. Olinda em 1535 vio-se em grande aperto: Coelho foi ferido; mas a constancia, e valor venceram tudo, e o soccorro dos Tabayrés habilitou os novos povoadores, não só para sustentarem os ataques, mas até para atacarem os inimigos em seu campo, e arredal-os para bem longe, conquistando Coelho a palmos o Paiz que lhe tinha sido doado por legoas.

Os Tabayrés foram, como já referi, os primeiros que se ligaram aos fundadores de nossa Patria. Um dos seus Chefes, chamado *Tabyra*, era dotado de grandes talentos para a guerra, e por isso o terror dos Cahetés. Elle mesmo ia espiá-los nos seus Arraiaes, para descubrir os projectos que por ventura quizessem pôr em pratica, aproveitando-se da vantagem de fallar a mesma lingua. *Tabyra* armava emboscadas, atacava os inimigos pela noite, em fim conservava-os n'um continuo sobresalto. Os Cahetés por tanto, fazendo um esforço para se livrarem de tal inimigo, reunem todas as suas forças, marcham sobre elle, cercam-no, e atacam. Neste combate, uma flexa crava-se no olho de *Tabyra*; mas este intrepido, sem alterar-se, arranca com a pupilla do olho a seta que o ferira, e voltando-se para os seus diz-lhes: *Tabyra com um só olho vé quanto he bastante para bater seus inimigos*— e com effeito, apezar do seu numero, bateu-os, e pol-os em completa debandada.

O seu immediato, e digno emulo *Hagise* (*braco de ferro*) foi um dos *Tabayrés* que mais se distinguio, e *Piragibe* (*braco de peixe*) fez serviços tão importantes, que El-Rei ó condecorou com o habito de Christo, e concedeu-lhe uma pensão. Foi pois com o auxilio destes intrepidados alliados, que Coelho fundou Olinda, e livrou Iguarassú de ser presa dos Cahetés.

Fundadas as Villas de Iguarassú, e Olinda, denominou Coelho o Paiz que lhe foi doado— *Nova Lusitania*—, (*) mas como os indigenas chamavam á barra — *Pêrá-Nambuco*, (que quer dizer *Pedra furada, ou buraco*) em allusão a fenda pela qual entram os navios, prevaleceu este nome indigena, ao que lhe quiz dar o Donatario; mas *por Euphonia* esta Provincia ficou chamando-se Pernambuco, nome sob o qual hoje se comprehende a extincta Capitania de Itamaracá.

A alliança dos *Tabayrés*, as providencias de Coelho, e sobretudo o terrivel effeito das armas de fogo, afugentaram os Cahetés para tão longe, que os novos povoadores poderam edificar engenhos, arrotear a terra, e finalmente respirar em paz por alguns annos. Olinda crescia a olhos vistos, e Iguarassú, cercada de estabelecimentos ruraes, mui pouco lhe cedia o passo. Neste estado estavam as cousas, quando os *Cahetés*, ciosos pelos favores concedidos aos *Tabayrés*, e estimulados pelo máo tratamento que lhes davam, de novo tomam armas em 1548, e cercam *Iguarassú*. Esta Villa então estava apenas guarnecida por noventa dos novos povoadores, trinta escravos negros, e alguns Indios alliados; e os Cahetés sitiantes eram doze mil! Iguarassú não tinha outra fortificação mais, do que uma trincheira de páo a pique, que o cercava, e da qual os sitiados faziam fogo. Os sitiantes construíram, se bem que de uma maneira informe, dous entrincheiramentos de arvores cortadas: de noite recolhiam-se a elles, para se defenderem das sortidas inesperadas, e de dia punham-se a abrigo dos tiros de espingarda em fôssos profundos, que haviam cavado, e donde sahiam muitas vezes para surprender a Praça. Nestes ataques, logo que viam fazer-se-lhes ponta-

(*) Este nome nos primeiros tempos estendeu-se a todo o Brasil.

ria deitavam-se por terra, entretanto que passadas as balas, levantavam-se, e avançavam, arremessando dardos á estacada, e disparando frechas guarnecidas de algodão inflamado, para incendiar as obras, e as casas, que pela maior parte ainda eram de madeira, ou taipa.

Ou este modo de combater fosse natural nos Cahetés, ou não passasse de uma grosseira imitação da destruição que n'elles faziam as armas de fogo, elles o repetiam constantemente; e ainda que nenhum partido tiravam, com tudo não cessavam de ameaçar os sitiados, asseverando-lhes que iam devoral-os. Entretanto os viveres faltavam em Iguarassú; a mandioca (principal pão dos Pernambucanos) não podia ser colhida, porque os Cahetés estavam senhores das roças: duas chalupas foram expedidas para Itamaracá a procurar viveres; mas o rio era tão estreito que os Cahetés, lançando-lhe grandes arvores, de alguma sorte prohibiram a navegação; comtudo a nossa gente rompeu estes obstaculos, e pôde fornecer de viveres seus companheiros. Finalmente depois de um sitio de trinta dias, perdendo os Cahetés a esperança de reduzir Iguarassú pela fome, pediram paz, e se retiraram. Depois destas hostilidades a Capitania de Pernambuco, e principalmente Olinda, continuou a prosperar até a morte de Coelho.

Tenho chegado já a uma época muito posterior á criação da Capitania de Itamaracá, (parté integrante de Pernambuco) e ainda não tratei desta porção do nosso territorio, que posto que á mais de um Séclo tenha perdido a sua importancia politica, todavia em seus principios foi independente de Pernambuco. Suspenderei por tanto agora a narração dos factos da Capitania de Duarte Coelho, para dar uma mui breve noticia da de Itamaracá, desde a sua fundação até quando foi incorporada a de Pernambuco.

CAPITULO IX.

Pedro Lopes de Souza funda a Capitania de Itamaracá. Noticia da Villa de Goianna, e d'outras da mesma Capitania.

1555 a 1763.

Ao mesmo passo que Duarte Coelho engrandecia os seus estabelecimentos, Pedro Lopes de Souza, a quem El-Rei D.

João 3.º por Carta Regia datada em Evora a 21 de Janeiro de 1535 doara oitenta legoas de costa, a saber cincoenta na Provincia de S. Paulo (que então se chamava Capitania de S. Vicente) e trinta em Pernambuco, des-de o rio *S. Cruz* até a Bahia da Traição; fundava na Ilha de Itamaracá a nova Capitania d'este nome.

A capitania pois de Itamaracá, tão nomeada e citada nos antigos Mappas, quanto hoje pouco conhecida, dilatava-se na costa por espaço de trinta legoas. Seu primeiro Donatario, que pouco sobreviveu à sua fundação, era irmão de Martim Affonso de Souza, Donatario de S. Vicente.

Em todos os livros que tenho consultado, o que alguma cousa diz sobre a fundação d'esta Capitania he o Chronista de S. Antonio do Brasil; (*) eu passo por tanto a copial-o, sem que me constitua fiador de suas noticias, e pelo contrario de alguma sorte mostrarei que em grande parte não he exacto.

« Constando a El-Rei (diz o Padre) que Francezes havião
« levantado huma Fortaleza em *Itamaracá* com artilheria, e
« presidio de 100 homens, e que a ella vinhão navios de Fran-
« ça a permutar Pão-Brasil com os Indios, assim da Ilha,
« como do Continente circumvizinho; despachou huma
« Esquadra, e por Capitão mór della a Pedro Lopes de Sou-
« za, a quem ordenou, que fosse a Itamaracá a desalojar
« os Francezes, e o mesmo fizesse a Estrangeiros de qual-
« quer nação, se mais alguns achasse estabelecidos em a
« Nova Lusitania, ou commerciando nos portos della. Mais
« lhe ordenou, que, depois de demolir as fortificações dos
« ditos Francezes, levantasse as necessarias para segurança
« de huma Feitoria, que por elle mandou criar na paragem,
« que julgasse mais conveniente, para o effeito de se extrair
« Pão Brasil por conta da sua Real Fazenda.

« Chegou Pedro Lopes a *Itamaracá* a tempo, que sahia
« para França hum navio deste Reino, e o Capitão d'elle, em
« vendo a Esquadra Portugueza, logo se fez na volta do mar
« com todos os pannos soltos. Vinha na Esquadra de Pedro

(*) Jaboát. Degres. 4 Estanc. 10 N. 134 pag. 91.

« Lopes hum homem da sua caza, por nome João Gonçalves,
 « Soldado valeroso , e de muita experiencia na guerra, o
 « qual era Commandante de huma caravela muito ligeira.
 « A este ordenou o Capitão mór , que dêsse caça ao navio
 « Francez. Seguio-o João Gonçalves, alcançou-o, e fez nel-
 « le preza, depois de muito valerosa resistencia. O navio
 « era de 6 peças , e rendeu-se com 35 homens.

« Pouco depois de partir a caravela , avisarão ao Capi-
 « tão mór , que na Ilha se esperava todas as horas outro na-
 « vio da mesma nação , e elle mandou a Alvaro Nunes de
 « Andrade , Fidalgo Gallego , e a Sebastião Fernandes de
 « Alvello , Commandantes de duas caravelas , que lhe sa-
 « hissem ao encontro : quando se contavão 27 dias de assis-
 « tencia dos Portuguezes na Ilha , entrou pela sua barra
 « João Gonçalves com a presa, e na mesma maré chegarão
 « tambem os outros dous Capitães com o navio , que se es-
 « perava , já rendido. São as desgraças tão cobardes , que
 « a ninguem acommettem , sem virem acompanhadas de ou-
 « tras muitas. Isto experimentarão os Francezes da Fortale-
 « za ; pois além de perderem os seus navios, sublevárão-se
 « contra elles os *Potiguarés* , Indios valerosos , que havião
 « conquistado a Ilha de Itamaracá , e o seu contorno em a
 « Terra firme. A causa da revolta foi esta :

« Antes de surgir no Porto de *Itamaracá* a Esquadra de
 « Pedro Lopes , tinhão os Francezes aprisionado alguns Por-
 « tuguezes, que conduzirão para a Ilha. Estes acharão meio
 « de contrahir amizade com os Indios , e tanto que virão no
 « porto a Esquadra dos seus Nacionaes , aconselhárão aos
 « Indios , que matassem aos Francezes , e fossem alliar-se
 « com o Capitão d'El-Rei de Portugal. Agradou o conselho
 « aos barbaros , e resolvêrão pôlo em execução : os Princi-
 « paes buscárão a Pedro Lopes, e manifestárão-lhe o seu in-
 « tento de assassina-rem aos Francezes, para assim comprova-
 « rem a estimação , que fazião da amizade Portugueza. A-
 « gradeceu-lhes Pedro Lopes a offerta ; mas rogou-lhes, que
 « interinamente se abstivessem da matança ; pois era seu in-
 « tento não fazer mal aos Francezes , se voluntariamente se
 « rendessem. Nesta occasião se alliou com os *Potiguarés*.

« Vendo-se os do Presidio sem o socorro dos viveres , e
 « gente , que esperavão no segundo navio , e sabendo , que
 « os Indios se havião unido aos Expugnadores da Fortaleza ,
 « assentárão , que lhes era impossivel defendêla , e resolvê-
 « rão entregála : despachárão logo hum Plenipotenciario ,
 « que fosse capitular com Pedro Lopes , e este sem repug-
 « nancia conveio na proposta , a qual era em substancia ,
 « que entregarião o Forte , e tudo , quanto nelle se achasse ,
 « concedendo-se a vida aos rendidos. Assignarão-se os ar-
 « tigos , e os sitiados não esperarão , que chegasse o Vence-
 « dor , ao qual fôrão buscar desarmados , e no caminho lhe
 « entregárão as chaves. Entrou na Fortaleza o Capitão mór
 « e não lhe agradando a sua situação demolio-a, depois de
 « evacuada , e de novo mandou levantar dous Baluartes ;
 « hum no lugar da Povoação , e outro onde chamão os Mar-
 « cos na Terra firme , para resguardo da Feitoria do Rei ,
 « que assentou nesta paragem. Guarneceu as Forças novas
 « com a artilheria da Fortaleza demolida, e dos navios apre-
 « zados , e o mais cedo , que lhe foi possivel , despachou
 « para o Reino alguns navios carregados de Pão Brasil toma-
 « do aos Francezes , e tambem de algum beneficiado na no-
 « va Feitoria Real.

« Depois de gastar alguns mezes nestas diligencias, dei-
 « xando nas Fortalezas a gente necessaria para a sua defen-
 « sa , e da Real Feitoria , sahio de *Itamaracá*, acompanhado
 « de Pedro de Goes , e foi reconhecer os portos até o Rio da
 « Prata , onde padeceu naufragio , e com elle o dito Pedro
 « de Goes , que o acompanhou por estas Costas. D'alli vol-
 « tou para o Reino , e com as boas noticias , que de tudo dé-
 « ra a El-Rei , e com as que o mesmo Senhor houvera de
 « Christovão Jaques , resolveu a repartilas por pessoas parti-
 « culares , para as virem povoar. A Pedro Lopes de Souza
 « fez mercê de 50 legoas para a fundação de huma Capitania,
 « as quaes elle não quiz juntas , mas separadas ; e assim to-
 « mou huma parte aqui em *Itamaracá* , e a outra em *S. Vi-
 « cente* junto á de seu irmão Martim Affonso de Souza.

« Não achamos o anno certo da fundação desta , mas
 « como não ha duvida , que a Villa de *Iguiracú* foi a primeira

« Povoação das partes de *Pernambuco*, e esta teve o seu prin-
 « cipio pelos fins do anno de 1530 por Duarte Coelho Pe-
 « reira; (1) deste anno por diante devemos assentar teve
 « principio a fundação de *Itamaracá*. E nem o seu Donata-
 « rio o podia fazer antes deste anno, porque pelos de 1525
 « (2) ou 26 se achava em *S. Vicente* com o cuidado de fundar
 « a outra de *Santo Amaro* em concurso com a do dito seu ir-
 « mão Martim Affonso de Souza, que por este mesmo tempo
 « lidava tambem com a fundação da sua. No anno de 1539
 « partindo da India para o Reino com 4 náos, de que elle era
 « Capitão, a sua desapareceu na viagem, sem se saber o
 « fim, que levou. »

Foi sim Jaboação o Historiador antigo, que mais alguma
 cousa disse a respeito de Itamaracá; mas infelizmente tendo
 louvado-se em informações inexactas, attribuiu a Pedro Lopes
 factos alheios, e confundio de tal sorte as noticias, que só por
 meio de um estudo mui reflectido, e cotejando-se as passa-
 gens dos outros escriptores (3) se poderá desenvolver a ver-
 dade do espesso véo em que elles todos, e sobretudo o inter-
 vallo de tres Secculos, a tem envolvido.

Pedro Lopes em 1530 não commandou Esquadra alguma,
 nem veio ao Brasil, e muito menos foi encarregado por El-Rei
 de reconhecer os portos até o rio da Prata. He verdade
 que Lopes em 1531 viajou para o Brasil, assim como aquelle
 Pedro de Goes, de quem falla Jaboação, mas não em Esquadra
 que commandasse; porém sim na Esquadra commandada
 pelo Capitão Mór (4) Martim Affonso, seu irmão, o qual era

(1) Jaboação tambem dá o sobrenome de Pereira a Duarte
 Coelho, mas nem El-Rei lhe dá esse appellido, e nem Duarte
 Coelho usava d'elle, quando se assignava; segue-se que nunca teve
 tal sobrenome; e si o tivesse, deixaria de uzar d'elle quando es-
 crevia ao Rei?

(2) Falsidade manifesta! Martim Affonso veio pela primeira
 vez ao Brasil em o principio de 1530, e muito depois d'este anno,
 começou a fundar *S. Vicente*. Mem. para a Hist. da Cap. de *S.*
Vicente Liv. 2.^o

(3) Padre Vasconcellos Chrom. Fr. Vicente Salvador Santuario
 Mariano Tom. IX Liv. II. Tit. 31.

(4) Naquelles tempos Capitão Mór em uma Esquadra equi-
 valia a General do Mar. Ord. Aff. Liv. 1.^o Tit. 55. Esta Patente
 foi creada por D. João 1.^o e Severim. Not. D. 2, § 14 diz que de
 novo a estabeleceu El-Rei D. Fernando.

o incumbido de reconhecer os portos do rio da Prata, onde com effeito naufragou uma embarcação em que ia Pedro Lopes, e o mencionado Goes; mas nem esse naufragio teve lugar quando Jaboaão diz, nem esta embarcação era pertencente a Esquadra que commandasse Pedro Lopes, mas sim a de seu irmão Martim Affonço, como refere Vasc. na sua Chron. Liv. 1.º n. 63 pag. 60.

Da mesma sorte não se pôde dizer que Pedro Lopes, quando em 1531 veio para o Brasil, sob o commando de seu irmão Martim Affonço (*) passou por Itamaracá, e praticou esses factos que refere Jaboaão; por quanto si fossem praticados por Lopes, não era possível que primeiro tivesse o Rei em Portugal noticia d'elles, do que Martim Affonço no Brasil, como se conclue da carta Regia, e do diario do mesmo Pedro Lopes, que n'este livro inseri; e dado mesmo o caso de que Lopes, separando-se da Esquadra de seu irmão, praticasse esses factos, e d'elles desse conta ao Rei, então não pederia o Monarcha a Martim Affonço, que lhe desse novas de seu irmão. E além d'estas razões, que inteiramente contestam Jaboaão, accresce que tratando o Rei a Martim Affonço com tanta amizade, e consideração, como da Carta se vê, não se havia de esquecer de commemorar com distincção o nome de Pedro Lopes, si com effeito elle tivesse obrado os factos que refere Jaboaão, principalmente tratando El-Rei pela primeira vez d'esses factos; e além d'isto o citado diario d'esta navegação de Pedro Lopes desmente completamente a Jaboaão.

Deve-se pois concluir, que todas as acções referidas por Jaboaão foram praticadas por Duarte Coelho, e que foi elle quem expulsou os Francezes de Itamaracá. Mas como esta Capitania tinha sido doada a Pedro Lopes, Jaboaão persuadiu-se que tudo quanto ahi teve lugar foi praticado pelo Donatario respectivo, o que induz a crer que aquelle escriptor ignorava inteiramente a Topographia do Paiz, tanto mais quando elle, para marcar a época da fundação de Itamaracá, refere a da Villa de Iguarassu', confessando que esta foi pri-

(*) Memorias para a Hist. da Capitania de S. Vicente Liv. 2.º n. 12 pag. 144. Diar. da Nav. de Per. Lop. in princip.

meiramente fundada, o que convence que ignorava, que a barra de Iguarassu' he a de Itamaracá, e que aquella Villa não podia ser fundada, sem que esta barra estivesse desembaraçada.

Além de tudo isto, estando evidentemente provado, até pelo mesmo Jaboação, que a Villa de Iguarassu' foi fundada antes da de Olinda, sendo igualmente evidente que Duarte Coelho não podia fundar Iguarassu', sem expulsar os Francezes de Itamaracá, (unica barra que então era conhecida) he fóra de duvida, que si Coelho então tinha tantos Soldados que pôde, apesar das Tribus inimigas, deixar a costa para fundar uma Villa no interior do paiz, jámais consentiriaque na unica barra d'essa Villa do seu dominio se estabelecessem e fortificassem cem Francezes, cortando-lhe a retaguarda', deixando-se assim ficar collocado entre dois fogos.

O que por tanto he unicamente veridico, he que; havendo Pedro Lopes, depois de ter regressado de S. Vicente para a Europa, obtido a Capitania de Itamaracá em 1535, fundou nesse mesmo anno a sua Capital, combatendo, e destroçando os Petiguarés, a cuja frente se apresentavam alguns Francezes, que para obterem pão-brazil e infestar os nossos portos, seduziam os Indios, afim de perturbar os estabelecimentos Portuguezes.

A carta de Doação de Pedro Lopes acha-se registrada no Archivo da Camara de Goianna no Livro 8.º do Reg. de Patentes e Ordens Regias a fl. 81, e no Archivo da Camara de S. Vicente, Provincia de S. Paulo, assim como está inserida por D. Antonio Caetano de Souza nas provas da Historia Geneologica da Casa Real Portugueza; eu porém desprezando essas copias, as quaes contém as inexactidões que notei na 1.ª edição d'este Tomo, utiliso-me daquella que achei inserida pelo Sr. Francisco Adolfo de Varnhagem no folheto que publicou ha pouco tempo em Portugal, com o titulo de *Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa*, porque reputo esta como mais exacta; porquanto o Sr. Varnhagem, com todo o escrupulo, cuidou em cotejal-a, e limp-a de todos os vicios, proporcionando-lhe os originaes da Torre do Tombo, que teve á

sua disposição, os meios necessarios para a exactidão d'esse trabalho. A seguinte copia pois he, de todas quantas se tem publicado, a mais exacta; he o fiel transumpto do original.

« D. João &c. A quantos esta minha carta virem faço sa-
 « ber, que considerando eu em quanto serviço de deus e
 « meu, proveito e bem de meus reinos e senhorios, dos na-
 « turaes e subditos delles é ser a minha costa e terra do Bra-
 « zil mais povoada do que até agora foi; assim para se nella
 « haver de celebrar o culto e officios divinos, e se exalçar a
 « nossa santa fé catholica, com trazer e provocar a ella os
 « naturaes da dita terra infieis e idolatras; como pelo muito
 « proveito que se seguirá a meus reinos e senhorios, e aos
 « naturaes e subditos delles de se a dita terra povoar e apro-
 « veitar: houve por bem de mandar repartir e ordenar em
 « capitancias de certas em certas leguas, para dellas prover
 « áquellas pessoas que bem me parecesse; e pelo qual ha-
 « vendo eu respeito á criação que fez Pero Lopes de Souza,
 « fidalgo de minha casa, e aos serviços que me tem feito,
 « e ao diante espero que me faça, e por folgar de lhe fazer
 « mercê, de meu proprio-motu, certa sciencia, poder real
 « e absoluto, sem m'ò elle pedir, nem outrem por elle: hei
 « por bem e me praz de lhe fazer mercê, como de feito por
 « esta presente carta faço mercê e irrevogavel doação, entre
 « vivos valedora deste dia para todo sempre, de juro e her-
 « dade, para elle e todos seus filhos, netos, herdeiros e suc-
 « cessores, que apoz d'elle vierem, assim descendentes como
 « transversaes e collateraes, segundo adiante irá declarado, de
 « 80 leguas de terra na dita costa do Brasil, repartidas nesta
 « maneira: 40 leguas que começarão de 12 leguas ao sul da
 « ilha da Cananéa, e acabarão na terra de Santa Anna, que
 « está em altura de 28 grãos e um terço; e na dita altura se
 « porá o padrão, e se lançará uma linha, que se corra a
 « loeste: e 10 leguas que começarão do rio de Curparê, e
 « acabarão no rio de S. Vicente; e no dito rio de Curparê da
 « banda do norte se porá padrão, e se lançará uma linha
 « pelo rumo de noroeste até altura de 23 grãos, e desta dita
 « altura cortará a linha directamente a loeste; e no rio de
 « S. Vicente da banda do norte será outro padrão, e se lan-

« çará uma linha que corte directamente a loeste; e as
 « 30 leguas que fallecem, começarão no rio que cerca em
 « redondo a ilha de Itamaracá, ao qual rio eu ora puz no-
 « me — Rio da Santa Cruz —, e acabarão na bahia da Trai-
 « ção, que está em altura de 6 grãos: e isto com tal decla-
 « ração que a 50 passos da casa da feitoria, que de principio
 « fez Christovão Jaques pelo rio dentro ao longo da praia, se
 « porá um padrão de minhas armas; e do dito padrão se
 « lançará uma linha, que cortará a loeste pela terra firme a den-
 « tro, e a dita terra da dita linha para o norte será do dito Pero
 « Lopes; e do dito padrão pelo rio abaixo, para a barra e mar,
 « ficará assim mesmo com elle dito Pero Lopes ametade do
 « braço do dito rio da Santa Cruz da banda do norte, e será sua
 « a dita Ilha de Itamaracá, e toda a mais parte do dito rio da
 « Santa Cruz que vai ao norte; e bem assim serão suas quaes-
 « quer outras ilhas, que houver até 10 leguas ao mar na fronta-
 « ria, e demarcação das ditas 80 leguas. As quaes 80 leguas
 « se entenderão, e serão de largo ao longo da costa, e entra-
 « rão pelo sertão e terra firme a dentro tanto, quanto pode-
 « rem entrar, e for de minha conquista; da qual terra e
 « ilhas pelas sobreditas demarçaoens lhe assim faço doação
 « e mercê de juro e herdade para todo sempre, como dito é.
 « E quero e me praz, que o dito Pero Lopes, e todos seus
 « herdeiros e successores que a dita terra herdarem e suc-
 « cederem, se possam chamar e chamem capitães e gover-
 « nadores della.

« Item outro sim lhe faço doação, e mercê de juro e
 « herdade para todo sempre, para elle e seus descendentes e
 « successores no modo sobredito da jurisdicção civil e crime
 « da dita terra, da qual elle Pero Lopes e seus herdeiros e
 « successores usarão na forma e maneira seguinte:

« A saber: poderá por si e por seu ouvidor estar á elei-
 « ção dos Juizes e officiaes, e alimpar e apurar as pautas,
 « passar carta de confirmação aos ditos Juizes e officiaes, os
 « quaes se chamarão pelo dito capitão e governador, e elle
 « porá ouvidor, que poderá conhecer de auçoens novas a
 « 10 leguas donde estiver; e de appellações e agravos
 « conhecerá em toda a dita capitania, e governança; e os

« ditos juizes darão appellação para o dito seu ouvidor nas
« quantias que mandam minhas ordenações, e de que o dito
« seu ouvidor julgar, assim por aução nova, como por ap-
« pellação e agravo: sendo em causas civeis, não haverá
« appellação nem agravo até a quantia de cem mil reis; e
« dahi para cima dará appellação à parte que quizer appellar-
« E nos casos crimes hei por bem, que o dito capitão e go-
« vernador, e seu ouvidor tenham jurisdicção e alçada de
« morte natural inclusive em escravos e gentios; e assim
« mesmo em piães christãos, homens livres, e em todo-los
« casos; assim para absolver, como para condemnar, sem
« haver appellação nem agravo. E porém nos quatro casos
« seguintes: heresia (quando o heretico lhe for entregue
« pelo ecclesiastico) e traição, e sodomia, e moeda falsa, terá
« alçada em toda a pessoa de qualquer qualidade que seja,
« para condemnar os culpados a morte, e dar suas sentenças
« à execução sem appellação nem agravo: e porém nos di-
« tos quatro casos, para absolver de morte, posto que ou-
« tra pena lhe queirão dar, menos de morte, darão appella-
« ção e agravo, e appellação por parte da justiça. E nas pesso-
« as de mór qualidade terão alçada de dez annos de degredo, e
« até cem cruzados de pena sem appellação nem agravo.

« Item outro sim me praz que o dito seu ouvidor possa
« conhecer das appellaçoens e agravos, que a elle houve-
« rem de ir em qualquer villa ou logar da dita capitania, em
« que estiver; posto que seja muito apartado deste logar
« donde estiver, — com tanto que seja na propria capitania.

« E o dito capitão e governador poderá pôr meirinho
« d'ante o seu ouvidor, e escrivães, e outros quaesquer offi-
« ciales necessarios, e costumados nestes reinos, assim na
« correição da ouvidoria, como em todas as villas e logares
« da dita capitania e governança.

« E serão o dito capitão e governador, e seus successo-
« res obrigados, quando a dita terra for povoada em tanto
« crescimento que seja necessario outro ouvidor, de o pôr
« onde por mim ou por meus successores for ordenado.

« Item outro sim me praz que o dito capitão e governa-
« dor, e todos seus successores possam por si fazer villas to-

« das e quasquer povoações, que se na dita terra fizerem, e
 « lhes a elles parecer que o devem ser, as quaes se chamarão
 « villas, e terão termo, Jurisdicção, liberdades, e insignias
 « de villas; segundo o foro e costume de meus reinos. E
 « isto porèm se entenderà, que poderão fazer todas as villas
 « que quizerem, das povoações que estiverem ao longo da
 « costa da dita terra, e dos rios que se navegarem; porque
 « por dentro da terra firme pelo sertão não as poderão fazer
 « por menos espaço de 6 leguas de uma a outra, para que pos-
 « sam ficar ao menos 3 leguas de terra de termo a cada uma
 « das ditas villas. E, ao tempo que assim fizerem as ditas vil-
 « las a cada uma dellas, lhe limitarão e assignarão logo ter-
 « mo para ellas; e depois não poderão da terra, que assim
 « tiverem dado por termo, fazer outra villa sem minhal-
 « cença.

« Outro sim me praz, que o dito capitão e governador,
 « e todos seus successores, a que esta capitania vier, pos-
 « sam novamente crear e prover por suas cartas os tabel-
 « liães do publico e judicial, que lhe parecer necessarios,
 « nas villas e povoações das ditas terras, assim agora, como
 « pelo tempo em diante; e lhe darão suas cartas assignadas
 « por elles, e selladas com o seu sello; e lhe tomarão ju-
 « ramento, que sirvam seus officios bem e verdadeiramente;
 « e os ditos tabelliães servirão pelas ditas suas cartas, sem
 « mais tirarem outra de minha chancellaria: e quando os
 « ditos officios vagarem por morte, ou renunciação, ou por
 « erros de — se assim é, — poderão isso mesmo dar, e lhe
 « darão os regimentos por onde hão de servir, conforme
 « aos de minha Chancellaria.

« Hei por bem, que os ditos tabelliães se chamem e pos-
 « sam chamar pelo dito capitão e governador, e lhe paguem
 « suas penções, segundo a fórmula do foral que ora para a
 « dita terra mandei fazer, das quaes penções lhe assim mes-
 « mo faço doação e mercê de juro e herdade para sempre.

« Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e her-
 « dade para sempre das alcaidarias mores de todas as ditas
 « villas e povoações da dita terra, com todas as rendas, direi-
 « tos, foros e tributos, que a ellas pertencerem, segundo é

« declarado no foral, as quaes o dito capitão e governador,
« e seus successores haverão e arrecadarão para si no modo
« e maneira no dito foral conteudo e segundo a forma delle,
« e as pessoas a que as ditas alcaidarias mores forem entre-
« gues da mão do dito capitão e governador, elle lhes tomará
« homenagem dellas, segundo a forma de minhas ordens.

« Outro sim me praz, por fazer mercê ao dito Pero Lopes
« e a todos seus successores, a que esta capitania vier de ju-
« ro e herdade para sempre, que elles tenham e hajam toda
« as moendas de agua, marinhas de sal, e quaesquer outros
« engenhos de qualquer qualidade que sejam, que na dita
« capitania e governança se poderem fazer.

« E hei por bem que pessoa alguma não possa fazer as
« ditas moendas, marinhas, nem engenhos, senão o dito
« capitão e governador, ou aquelles a que elle para isso der
« licença, de que lhe pagarão aquelle foro ou tributo, que
« com elle se concertar.

« Item outro sim lhe faço doação e mercê de 10 leguas
« de terra ao longo da costa da dita capitania, e entraram
« pelo sertão tanto quanto puderem entrar e forem de minha
« conquista, a qual terra será sua livre e izenta, sem della
« pagar direito, foro nem tributo algum, somente o dizimo
« de deus á ordem do Mestrado de N. Senhor Jesus Christo,
« e dentro do 20 annos do dia que o dito capitão e governa-
« dor tomar posse da dita terra, poderá escolher e tomar
« as ditas 10 leguas de terra em qualquer parte que mais
« quizer; não as to mando porêm juntas, mas repartidas em
« quatro ou cinco partes, = não sendo de uma a outra me-
« nos de duas leguas; as quaes terras o dito capitão e go-
« vernador, e seus successores poderão arrendar, e aforar
« em fatiota, ou em pessoas ou como quizer e lhes bem vier, e
« pelos foros e tributos, que quizerem. E as ditas terras
« não sendo aforadas, ou as rendas dellas, quando o forem,
« virão sempre a quem pertencer á dita capitania e gover-
« nança pelo modo nesta doação conteudo, e das novidades
« que deus nas ditas terras der não serão o dito capitão e go-
« vernador, nem as pessoas, que de sua mão as tiverem ou
« trouxerem, obrigados a me pagar foro nem direito algum;

« somente o dizimo de deus, á ordem, que geralmente se ha
 « de pagar em todas as outras terras da dita capitania, como
 « abaixo é declarado.

« Item o dito capitão e governador, nem os que apoz
 « elle vierem, não poderão tomar terra alguma de sesmaria
 « á dita capitania para si, nem para sua mulher, nem para
 « filho herdeiro della, antes darão e poderão dar e repartir as
 « ditas terras de sesmaria a quaesquer pessoas de qualquer
 « qualidade e condição que sejam, e lhe bem parecer livre-
 « mente, sem foro, nem direito algum, sómente o dizimo de
 « deus, que serão obrigados a pagar á ordem de todo quanto
 « nestas ditas terras houver, segundo é declarado no foral,
 « e pela mesma maneira as poderão dar, e repartir por seus
 « filhos fóra do morgado, e assim por seus parentes; e po-
 « rêm aos ditos seus filhos e parentes não poderão dar mais
 « de terra, da que derem ou tiverem dado a qualquer outra
 « pessoa estranha; e todas as ditas terras, que assim der de
 « sesmaria a umas e a outras, serão conforme a ordenação
 « da sesmaria, e com obrigação dellas, as quaes terras o
 « dito capitão e governador, nem seus successores não po-
 « derão em tempo algum tomar para si, nem para suas
 « mulheres, nem filhos, como dito é, nem pô-las em ou-
 « trem; para depois virem a elles por modo algum que seja,
 « sómente as poderão haver por titulo de compra verdadeira
 « das pessoas que lhas quizerem vender, passados oito an-
 « nos depois das taes terras serem aproveitadas, e em outra
 « maneira não.

« Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e her-
 « dade para sempre da meia dizima do pescado da dita capi-
 « tania, que é de vinte peixes um, que tenho ordenado se
 « pague além da dizima inteira que pertence á ordem, se-
 « gundo no foral é declarado, a qual meia dizima se enten-
 « derá de pescado, que se matar em toda a dita capitania,
 « fóra das 10 leguas do dito capitão e governador; por
 « quanto as ditas 10 leguas he terra sua livre e izenta, segun-
 « do atraz é declarado.

« Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e her-
 « dade para sempre da redizima de todas as rendas e direitos

« que á dita ordem, e a mim de direito na dita capitania
« pertencerem, convem a saber, que todos os rendimentos
« que á dita ordem, e a mim couber, assim dos dizimos, co-
« mo de quaesquer outras rendas, ou direito de qualquer
« qualidade que seja, haja o dito capitão e governador, e seus
« successores uma dizima, que é de 10 partes uma.

« Item outro sim me praz, que por respeito do cuidado
« que o dito capitão e governador, e seus successores hão de
« ter de guardar e conservar o brasil, que na dita terra hou-
« ver, de lhe fazer doação e mercê de juro e herdade para
« sempre da vintena parte do que liquidamente render para
« mim fóra de todos os custos, e o brasil que se da dita ca-
« pitania trazer a estes reinos, e a conta do tal rendimen-
« to se fará na Casa da Mina da cidade de Lisboa, onde o
« dito brasil ha de vir, e na dita Casa, tanto que o dito bra-
« sil for vendido, e arrecadado o dinheiro d'elle, lhe será
« logo pago e entregue em dinheiro de contado pelo feitor e
« officiaes della aquillo, que por boa conta na dita vintena
« montar, e isto por quanto todo o brasil, que na dita terra
« houver ha de ser sempre meu e de meus successores, sem o
« dito capitão, nem outra alguma pessoa poder tratar nelle,
« nem vende-lo para fóra, sómente poderá o dito capitão,
« é assim os moradores da dita capitania aproveitar-se do dito
« brasil na terra, no que lhe ahi for necessario, segundo é
« declarado no foral, e tratando nelle, ou vendendo-o para
« fóra, incorrerão nas penas conteudas no dito foral.

« Item outro sim me praz, por fazer mercê ao dito capi-
« tão e a seus successores de juro e herdade para sempre,
« que todos os escravos que elles resgatarem, e houverem na
« dita Terra do brasil possam mandar a este reino 24 peças
« cada anno para fazer dellas o que lhe bem vier, os quaes
« escravos virão ao porto da cidade de Lisboa, e não a outro
« algum porto, e mandará com elles certidão dos officiaes da
« dita terra, de como são seus, pela qual certidão lhe serão
« despachados os ditos escravos forros, sem delles pagar
« direito algum, nem 5 por cento. E além das ditas 24 pe-
« ças que assim cada anno poderá mandar forros, hei por
« bem que possa trazer por marinheiros e grumetes em seus

« lavios todos os escravos, que quizer e lhe for necessarios.

« Item outro sim me praz, por fazer mercê ao dito capi-
 « tão e a seus successores, e assim aos visinhos e moradores
 « da dita capitania, que nella não possa em tempo algum
 « haver direitos de cizas, nem imposiçoens saboarias, tribu-
 « tos de sal, nem outros alguns direitos ou tributos de qual-
 « quer qualidade que sejam, salvo aquelles, que por bem
 « desta doação e do foral ao presente, são ordenados que
 « hajam.

« Item esta capitania e governança, e rendas e ben-
 « della, hei por bem e me praz, que se herdem e succedam
 « de juro e herdade para todo sempre pelo dito capitão e go-
 « vernador, e seus descendentes, filhos e filhas legitimos
 « com tal declaração, que em quanto houver filho legitimo
 « varão no mesmo grão, não succeda filha, posto que seja de
 « maior idade que o filho, e não havendo macho, ou haven-
 « do-o, e não sendo em tão propinquo grão ao ultimo pos-
 « suidor como a femea, que então succeda a femea; em
 « quanto houver descendentes legitimos machos, ou femeas,
 « que não succeda na dita capitania bastardo algum, e que
 « não havendo descendentes machos nem femeas legitimos,
 « então succederão os bastardos machos e femeas, não sen-
 « do porém de damnado coito: e succederão pela mesma
 « ordem os legitimos, primeiro os machos e depois as fe-
 « meas em igual grão com tal condição, que se o possuidor
 « da dita capitania a quizer antes deixar a um seu parente
 « transversal que aos descendentes bastardos, quando não
 « tiver legitimos, o possa fazer, e não havendo descenden-
 « tes machos, nem femeas legitimos, nem bastardos da
 « maneira que dito é, em tal caso succederão os ascenden-
 « tes machos e femeas, primeiro os machos, e em defeito
 « delles as femeas; e não havendo descendentes nem ascen-
 « dentes, succederão os transversaes pelo modo sobredito, —
 « sempre primeiro os machos que forem em igual grão, e
 « depois as femeas, e no caso dos bastardos o possuidor po-
 « derá, se quizer deixar a dita capitania a um transversal legi-
 « timo, e tira-la aos bastardos, posto que sejam descendens
 « tes em mais propinquo grão, e isto hei assim por bem sem

« embargo da lei mental, que diz, que não succedam feméas,
 « nem bastardos, nem transversaes, nem ascendentes, sem
 « embargo de todo me praz, que nesta capitania succedam
 « feméas, e bastardos, não sendo de coito damnado, e trans-
 « versaes e ascendentes do modo que já é declarado.

« E outro sim quero e me praz, que em tempo algum se
 « não possam a dita capitania e governança, e todas as cou-
 « sas que por esta doação dou ao dito Pero Lopes, partir nem
 « escambar, espedaçar nem em outro modo alhear, nem em
 « casamento a filho ou filha, nem a outra pessoa dar, nem
 « para tirar o pai ou filho, ou outra alguma pessoa de cap-
 « tivo, nem para outra cousa, ainda que seja mais piedosa;
 « porque a minha tenção e vontade é, que a dita capitania
 « é governança, e cousas ao dito capitão e governador nesta
 « doação dadas, andem sempre juntas, e se não partam, nem
 « alienem em tempo algum, e aquelle que a partir ou alie-
 « nar, ou espedaçar ou der em casamento, ou para outra
 « cousa, por onde haja de ser partida, ainda que seja mais
 « piedosa, por esse mesmo feito perca a dita capitania e go-
 « vernança, e passe directamente àquelle a que houvera de
 « ir pela ordem sobredita, se o tal que isto assim não cum-
 « prir fosse morto.

« Item outro sim me praz, que por caso algum de qual-
 « quer qualidade que seja, que o dito capitão e governador
 « commetta; por que segundo o direito e leis destes reinos
 « mereçam perder a dita capitania e governança, jurisdicção,
 « rendas e bens della, a não percam seus successores, salvo
 « se for traidor à coroa destes reinos, e em todos os outros
 « casos que commetter será punido quanto o crime o obrigar;
 « e porém o seu successor não perderá por isso a dita capi-
 « tania e governança, jurisdicção, rendas e bens della, como
 « dito é.

« Item me praz e hei por bem, que o dito Pero Lopes, e
 « todos seus successores a que esta capitania e governança
 « vier, usem inteiramente de toda a jurisdicção, poder, e
 « alçada nesta doação conteudo, assim e da maneira que
 « nella é declarado, e pela confiança que delles tenho, que

« guardarão nisto tudo o que cumprir ao serviço de Deos
« e meu, e bem do povo e direito das partes.

« Hei outro sim por bem e me praz, que nas ditas terras
« da dita capitania não entrem, nem possam entrar em tem-
« po algum corregedor, nem alçada, nem outras algumas
« justiças, para nellas usarem de jurisdicção alguma por ne-
« nhuma via, nem modo que seja, nem menos será o dito
« capitão suspenso da dita capitania e governança e juris-
« dicção della; e porèm, quando o dito capitão cair em al-
« gum erro, ou fizer cousa por que mereça ser castigado,
« eu ou os meus successores o mandaremos vir a nós para ser
« ouvido com sua justiça, e lhe ser dada aquella pena e cas-
« tigo que de direito por tal caso merecer.

« Item quero e mando, que todos os herdeiros e succes-
« sores do dito Pero Lopes que esta capitania herdarem, e
« succederem por qualquer via que seja, se chamem Souza,
« e tragam as armas dos Souzas, e se alguns delles isto assim
« não cumprirem, hei por bem que por este mesmo feito
« perca a dita capitania e successão della, e passe logo direi-
« tamente a quem de direito devia ir, se este tal que isto
« assim não cumprir fosse morto.

« Item esta mercê lhe faço como rei, senhor destes rei-
« nos, e assim como governador e perpetuo administrador
« que sou da ordem e cavallaria do Mestrado de N. Senhor
« Jesus Christo, e por esta presente carta dou poder e auto-
« ridade ao dito Pero Lopes, que elle por si e por quem lhe
« aprouver, possa tomar e tome posse real e corporal, e au-
« tual das terras da dita capitania e governança, e das rendas
« e bens della, e de todas as mais conteudas nesta doa-
« ção, e use de tudo inteiramente, como se nella contem: a
« qual doação hei por bem, quero e mando que se cumpra
« e guarde em todo e por todo, com todas as clausulas, con-
« dições e declarações nellas conteudas e declaradas sem
« mingoa, nem desfalecimento algum, e para tudo que dito
« é derrogo a lei mental e quaesquer outras leis, ordenações,
« direitos, glosas e costumes que em contrario desta haja,
« ou possa haver, por qualquer via e modo que seja, posto
« que sejam taes que fossem necessarias serem aqui expres-

« sas e declaradas de verbo ad verbum, sem embargo da
 « ordenação do segundo livro tit. 49, que diz que quando
 « as taes leis e direitos se derogarem, se faça expressa
 « menção dellas e da substancia dellas, e por esta prometto
 « ao dito Pero Lopes e a todos os seus successores que nunca
 « em tempo algum vá, nem consinta ir contra esta minha
 « doação em parte, nem em todo; e rogo e encommendo a
 « todos os meus successores que lha cumpram e mandem
 « cumprir e guardar esta minha carta de doação, e todas as
 « cousas nella conteudas, sem nisso ser-lhe posto duvida,
 « embargo, nem contradicção alguma; porque assim é mi-
 « nha mercê, e por firmeza de todo lhe mandei dar esta carta
 « por mim assignada, e sellada com o meu sello de cbumbo,
 « a qual vai escripta em tres folhas afora esta em que está o
 « meu signal, e são todas assignadas ao pé de cada lauda por
 « D. Miguel da Silva, Bispo de Vizeu, do meu conselho, e
 « meu escrivão da puridade. Manoel da Costa a fez em Evora
 « ao primeiro dia do mez de Septembro, anno do nascimento
 « de N. Senhor Jesus Christo de 1534. E posto que nesta
 « diga que faço doação e mercê ao dito Pero Lopes de juro e
 « herdade para sempre de 10 leguas de terra, que sejam
 « suas livres e izentas, hei por bem que sejam 16 leguas de
 « terra, das quaes lhe faço doação e mercê de juro e her-
 « dade para sempre no modo e maneira que se contêm no
 « capiitulo desta doação, que fala nas ditas 10 legoas; e assim
 « me praz, que os escravos que elle e seus successores po-
 « derão mandar trazer forros de direitos sejam 39 peças em
 « cada um anno para sempre, posto que nesta carta fossem
 « 24 peças sómente, e mando que isso se entenda e cumpra
 « assim inteiramente para sempre, sem lhe nisso ser posta
 « duvida nem embargo algum; porque assim é minha marcê,
 « e hei por bem que esta carta passe pela chancelaria, posto
 « que seja passado o tempo em que houvera de passar, e
 « pagará sómente chancelaria singela. Manoel da Costa a
 « faz em Evora a 21 dias do mez de Janeiro de 1535.

FORAL DA CAPITANIA DE ITAMARACA'.

« Dom Joham &c. A quantos esta minha carta Virem

« faço saber que fiz ora doaçam e merce a pero lopes de
 « Souza fidalguo de minha caza pera elle e todos seus lhos
 « e netos erdeiros e sobcesores de Juro e derdade pera sem-
 « pre da capitania de oitenta legoas de terra na minha costa
 « do Brazil segundo mays Inteiramente he comtheudo e
 « declarado na carta de doação que da dita terraa lhe tenho
 « passado e por ser muyto necessario aver hy forall dos di-
 « reitos foros e trebutos e cousas que se na dita terraa am de
 « pagar asy do que a mim e a coroa de meus Regnos per-
 « tence como do que pertence ao dito capitam por bem da
 « dita sua doaçam eu avendo Respeito a calydade da dita
 « terraa e a se ora novamente hyr morar e poovorar e a pro-
 « veitar porque se ysto melhor e mays cedo faca sentindo o
 « asy por serviço de deus e meu e bem do capitam e morado-
 « res da dita terraa por folgar de lhes fazer merce ouve por
 « bem de mandar ordenar e fazer o dito forall na forma e
 « maneira seguinte.

« Item primeiramente o capitam da dita capitania e seus
 « sobcesores daram e Repartiram todas as terras della de
 « sesmarya a quaes quer pessoas de qualquer calydade e
 « condição que seijam com tanto que seij am crystaos livre-
 « mente sem foro nem direito algum somente o dizimo que
 « serão obrygados a pagar a ordem do mestrado de nosso
 « senhor Jezus christo de todo o que nas ditas terraas ouver
 « as quaes sesmaryas darão da forma e maneira que se con-
 « them em minhas ordenações, e não poderão tomar terraa
 « alguma de sesmaria pera sy nem pera sua molher nem
 « pera o filho erdeiro da dita capitanya e porem podellaam
 « dar aos outros filhos se os tiver que não forem erdeyros da
 « dita capitanya e asy aos seus parentes como se em sua doa-
 « ção conthem e se algum dos filhos que não forem erdeiros
 « da dita capitanya ou qualquer outra pessoa tyver alguma
 « sesmaria por qualquer maneira que ha tenha e vyer a er-
 « dar a dita capitanya sera obrigado do dia que nelle sobce-
 « der a hum anno primeiro seguinte de alugar e trespassar a
 « tall sesmarya em outra pessoa e nam na trespassando no
 « dito tempo perdera pera mim a dita sesmarya com mais
 « outro tanto preço quanto ella valler e por esta mando ao

« meu feitor ou almoxarife que na dita capitania por mim
« estyver que em tall caso lamce loguo maaõ pera dita ter-
« raa pera mim e a faça asentar no livro dos meus propios e
« faça enxucução pela valya della enão o fazendo asy ey por
« bem que perca seu officio e me pague de sua fazenda outro
« tanto quanto montar na valya da dita terraa.

« Item avendo nas terraas da dita capitanya costa mares
« Rios e bayas della qualquer sorte de pedraria, perllas
« alyofres ouro prata corall cobre estanho chumbo ou outra
« qualquer sorte de metal pagarsea a mim ho quynto do qual
« quynto avera o capitão sua dizima como se conthem em
« sua doação e serlhe a entregue a parte que lhe na dita dizima
« montar ao tempo que se o dito quynto per meus officiaes
« pera mim arrecadar.

« Item o pao do brazyll da dita capitania e asy qualquer
« especyarya ou drogarya de qualquer calydade que seja
« que nella ouver pertencera a mim e sera tudo sempre meu
« e de meus sobcesores sem o dito capitão nem outra alguma
« pessoa poder tratar nas ditas cousas nem em alguma dellas
« lla na terra nem nas poderam vender nem tirar pera meus
« Regnos e Senhorios nem pera fora delles so pena de quem
« o contrario fizer perder por isso toda sua fazenda pera a
« coroa do Reyno, e ser degradado pera a Ilha de Sam tome
« pera sempre e porem quanto ao brazyll ey por bem que o
« dito capitam e asy os moradores da dita capitanya se posam
« aproveitar delle no que lhes ay na terraa for necessario não
« sendo em o queymar por que queymando incorrerão nas
« sobre ditas penas.

« Item todo o pesquado que se na dita capytania pescar
« nam sendo a cana se pagara a dizima a ordem que he de
« dez peyxes hum e alem da dita dizima ey por bem que se
« pague mais mea dizima que he de vinte peixes hum a
« qual mea dizima o dito capitão da ditacapitanya avera e
« arrecadará pera si por quanto lhe tenho della feito merce.

« Item querendõ o dito capitão moradores e povoadores
« da dita capitanya trazer ou mandar trazer per si ou per ou-
« trem a meus regnos ou senhoryos quaes quer sortes de
« mercadoria que na dita terraa e partes della ouver tyrando

« escravos e as outras couzas que atras sam defesas podeloam
 « fazer e serem recolhidos e agasalhados em quaes quer por-
 « tos cydades Villas ou lugares dos ditos meus Regnos e
 « senhorios em que vierem aportar e não serão constrangidos
 « a descarregar suas mercadorias nem as vender em algum
 « dos ditos portos cydades e Villas contra suas vontades se
 « pera outras partes antes quizerem hyr fazer seus proveitos
 « e quando os vender nos ditos lugares de meus Regnos ou
 « Senhoryos não pagarão dellas direitos alguns somente a
 « syza do que venderem posto que pollos foraes Regimento ou
 « costume dos taes logares fossem obrygados a pagar ou-
 « tros direitos ou trebutos e poderam os sobreditos vender
 « suas mercadorias a quem quizerem e levalas pera fora do
 « Rey.^{no} se lhes bem vier sem embargo dos ditos foraes Regi-
 « mentos ou costumes que em contrario aija.

« Item todolos navios de meus Regnos e Senhoryos que
 « a dita terraa forem com mercadoryas de que ja qua tenham
 « pagos os direitos em mynhas allfandegas e mostrarem dyso
 « certydam de meus officiaes dellas não pagaram na dita terraa
 « do Brazill direito algum e se la carregarem mercadorias da
 « terraa pera fora do Reyno pagaram da sayda dizima a mim
 « da qual dizima o capitão avera sua Redizima como se con-
 « them em sua doação e porem trazendo as taes mercadorias
 « pera meus Regnos e senhorios nam pagaram da saida cou-
 « za alguma e estes que trouxeram as ditas mercadorias
 « pera meus Regnos ou senhorios serão obrigados de dentro
 « de um anno levar ou enviar a dita capitania certidão dos
 « officiaes de minhas allfandegas do lugar onde descarregaram
 « de como aiy descarregaram em meus Regnos e as calydades
 « das mercadoryas que descarregaram e quantas eram e não
 « mostrando a dita certidam dentro no dito tempo pagarão a di-
 « zima das ditas mercadoryas ou daquella parte dellas que nos
 « ditos meus Regnos ou Senhorios não descarregaram asy e da
 « maneyra que ande pagar a dita dizima na dita capitania se
 « carregarem pera fora do Reyno e se for pessoa que não aja de
 « tornar a dita capitania dara lla fianca ao que montar na dita
 « dizima para dentro no dito tempo de hum anno mandar
 « certidão de como veo descarregar em meus Regnos ou Se-

« nhorios e nam mostrando a dita certidão no dito tempo se
 « arrecadará e avera pera mim a dita dizima pela dita fiança.

« Item quaes quer pessoas estrangeyras que não forem
 « naturaes de meus Regnos ou Senhorios que a dita terraa le-
 « varem ou mandarem levar quaesquer mercadorias posto-
 « que as levem de meus Regnos ou Senhorios e que qaa te-
 « nham pago dizima pagaram la da entrada dizima a mim
 « das mercadorias que assim levarem carregando na dita ca-
 « pitania mercadorias da terraa pera fora pagaram asy mes-
 « mo dizima da sayda das taes mercadoryas das quaes dizi-
 « mas o capitam avera sua Redizima segundo se comthem em
 « sua doaçam e serlhea a dita Redizima entregue por meus
 « officiaes ao tempo que se as ditas dizimas pera mim arre-
 « cadarem.

« Item de mantymentos armas artelharyas polvora saly-
 « tre enxofre chumbo e quaes quer outras couzas de muny-
 « çam de guerra que a dita capitanya levarem ou mandarem
 « levar o capitam e moradores della ou quaes quer outras
 « pessoas asy naturaes como estramgeyras ey por bem que
 « se nam paguem dyreitos alguns e que os sobre ditos posam
 « lyvremeente vender todas as ditas couzas e cada huma dellas
 « da dita capitanya ao capitam e moradores e povoadores della
 « que forem crystãos e meus suditus.

« Item todas as pessoas asy de meus Regnos e senhoryos
 « como de fora delles que a dita capitanya forem não pode-
 « ram tratar nem comprar nem vender cousa alguma com
 « gentyos da terraa e trataram somente com o capitão e po-
 « voadores della comprando e vendendo Resgatando com elles
 « todo o que poderem aver e quem o contrario fizer ey por
 « bem que perca em dobro todas as mercadorias cousas que
 « com os dytos jentyos contratarem de que sera a terça parte
 « pera a minha camara e a outra terça parte pera quem os
 « acusar e a outra terça parte pera o espirital que na dita
 « terra ouver e nam no avendo hy sera pera a fabryca da
 « Igreja della.

« Item quaes quer pessoas que na dita capitanya carre-
 « garem seus navios serão obrigados antes que comecem a
 « carregar e antes que sayam fora da dita capitanya de o fa-

« zer saber ao capitam della pera prover e ver que se nam
 « tirem mercadoryas defesas nem partyram asy mesmo da
 « dita capitania sem licença do dito Capitam e não no fazen-
 « do asy ou partyndo sem a dita licença perderseam em
 « dobro pera mim todas as mercadoryas que carregarem
 « postoque nam sejam defesas e esto porem se entendera em
 « quanto na dita capitanya nam ouver feytor ou officiall meu
 « deputado pera yso por que avendo y a elle se fara saber o
 « que dito he e a elle pertencera fazer a dita deligencia e dar
 « as ditas licenças.

« Item o capitam da dita capitanya e os moradores e po-
 « voadores della poderam livremente tratar comprar vender
 « suas mercadoryas com os capitães das outras capitanyas
 « que tenho providos na dita costa do brazill e com os mo-
 « radores e povoadores dellas a saber de humas Capitanyas
 « pera outra das quaes mercadoryas e compras e vendas del-
 « las nam pagaram huns nem outros direitos alguns.

« Item todo vezinho e morador que viver na dita capita-
 « nya e for feitor ou tiver companhia com alguma pessoa
 « que viver fora de meus Reynos ou senhorios não poderam
 « tratar com os brazys da terraa posto que seyam cristãos e
 « tratando com elles ey por bem que perca toda a fazenda com
 « que tractar da qual sera hum terço pera quem o accusar
 « e os dous terços pera as obras dos muros da dita capitanya

« Item os alcaýdes mores da dita capitanya e das Villas e
 « povoações della averam e arrecadaram pera sy todos os fo-
 « ros direitos e trebutos que em meus Regnos e senhorios por
 « bem de minhas ordenações pertencerem e sam consedidos
 « aos alcaýdes moradores.

« Item nos Ryos da dita capitanya em que ouver neces-
 « sydade de por barquas pera a pasaijem delles o capitam as
 « pora e levara dellas aquelle Direito ou trebuto que la em
 « camara for taxado que leve sendo confirmado per mim.

« Item cada hum dos Tabaliães do publico e Judicial que
 « nas villas e povoações da dita capitanya ouver sera obryga-
 « do de pagar o dito capitão quynhentos reis de pensam em
 « cada hum anno.

« Item os moradores e povoadores e povo da dita capita-

« nya serão obrigados em tempo de guerra de servir nella
 « com o capitam se lhe necessario for notefico asy ao capitam
 « da dita capitanya que ora he e ao diante for e ao meu feitor
 « almoxarife e officiaes della e aos Juyzes e Jusliças da dita
 « capitanya e a todas as outras Justiças e officiaes de meus
 « Reynos e senhorios asy da Justiça com a da fazenda e man-
 « do a todos em Jerall e a cada hum em especial que cum-
 « prão e guardem e façam Inteiramente cumprir e guardar
 « esta mynha carta de forall asy e da maneira que se nella
 « conthem sem lhe nysso ser posto duvyda nem embargo al-
 « gum por que asy he mynha merce e por firmeza dello mam-
 « dey pasar esta carta permim asynada e asellada do meu
 « sello pendiente a qual mando que se Registe no lyvro dos
 « Registos da minha allsandega de lisboa e asy nos lyvros da
 « mynha feytorya da dita capitanya e pela mesma maneira se
 « Registara nos livros das camaras das villas e povoações da
 « dita capitanya pera que a todos seja notoryo o contheudo
 « neste forall e se cumpra Inteyramente dada em a cydade
 « devora aos 6 dias do mes doutubro diogo lopes a fez anno
 « do nacymento de nosso Senhor Jesus christo de mill qui-
 « nhentos trinta e quatro annos. (*R. Arch. Liv. 10 da Chanc.
 de D. Joao 3.º fol. 18.*)

Pedro Lopes de Souza tomou posse da sua Capitania no mesmo anno em que lhe foi doada, e, dando principio ao seu estabelecimento, fundou a Villa de Itamaracá ao mesmo tempo em que se fundava a d'Olinda, e naquelle mesmo lugar em que Jacques havia estabelecido a Feitoria, donde Coelho expulsara os Francezes.

Depois que Pedro Lopes fundou a Villa de Itamaracá, e a povoou com os moradores que conduzio de Portugal, embarcou para a India, onde foi servir por ordem de El-Rei; mas voltando d'alli para Europa em 1539, commandando 4 náos, aconteceu desgarrar-se a em que vinha das outras tres, e desaparecer, de maneira que mais nunca se soube o fim que levára. A respeito de sua morte sómente posso assegurar, que já era morto em 1542, porque sua mulher, D. Izabel de Gamboa, no fim d'esse anno constituiu Capitão Loco-Tenente das 50 legoas de S. Vicente a Christovam d'Aguiar Altero,

e Ouvidor a Gonçalo Affonço, como tutora que era de seu filho Pedro Lopes. Este menino succedeu a seu Pai, e foi o segundo Donatario; mas fallecendo ainda menor passou a Capitania para seu irmão Martim Affonço, tambem ainda menor, que ficou igualmente sob a tutella de sua Mãe.

Caberia agora tratar da successão d'esta Capitania, e de varias questões que occorreram sobre o seu dominio, antes e depois da invasão dos Hollandezes; mas pareceu-me melhor dizer primeiro alguma cousa sobre o seu augmento, Freguezias, e governo interno, para depois remontar-me a essas questões de dominio, que sustentaram os herdeiros do 1.º Donatario no principio do seculo 17.º

Dentro do Districto da Capitania de Itamaracá se crearam, vinte e tantos annos depois (pouco mais ou menos) da sua fundação, cinco Freguezias; a saber Nossa Senhora da Conceição de Itamaracá, Téjucupapo, Goianna, Itambé, e Taquara. D'estas Goianna he a mais antiga, e a que primeiro floreceu, tanto que por algumas vezes foi cabeça da Capitania. Tendo Goianna crescido muito em riqueza, e população passaram, em virtude da Provisão Regia de 1685, para esta Freguezia a Camara, e Justiças de Itamaracá; mas em 20 de Novembro de 1709 regressaram para o seu primeiro estabelecimento, ficando todavia Goianna com o titulo de Villa. Por este facto requereram os habitantes d'esta Villa ao Bispo Governador interino de Pernambuco D. Manoel Alvares da Costa, que avista d'aquelle procedimento, como um dos Capitulos da Carta de Doação d'aquella Capitania ao Marquez de Cascaes lhe concedia erigir uma Villa, a qual não fôra até então erecta, se cumprisse alli esta faculdade, por accrescer a precisão de se obstar ao consideravel prejuizo das partes, e da Justiça, originado pela falta de Juizes em um lugar tão longe da Capital, d'onde não podiam vir com presteza as providencias que o momento exigia, mórmente em tempo de Inverno, no qual as enchentes dos rios prohibem o transitto. Attendido este requerimento, mandou o Bispo Governador erigir a Villa de Goianna, o que se effectuou em 7 de Janeiro de 1711, pelo Ouvidor Geral Diogo de Paiva Baracho, formando n'esse mesmo dia a Camara, dando pòsse aos Officiaes

d'ella, adjudicando-lhe os termos de Taquara, e Desterro, e dando-lhe a prerogativa de ser a Capital da Capitania de Itamaracá. Assim permaneceu até 5 de Dezembro de 1713, dia no qual o Ouvidor pela Lei João Guedes Alcanforado, destruindo o estabelecimento de Villa, deu às Justiças de Itamaracá a Jurisdição de toda a Capitania; mas o Ouvidor triennial Dr. Feliciano Pinto de Vasconcellos, conhecendo a difficuldade assaz grande que as partes sentiam em demandar justiça n'esta ilha, resolveu em 1714 fazer algumas audiencias em Goianna, e o mais que se ofierecesse; exemplo que seguiram os Juizes Ordinarios, e Vereadores, de que se queixaram alguns do Povo da ilha em 1719 ao Governador e Capitão General Manoel de Souza Tavares. Convindo porém o General no procedimento do Ouvidor, e dos Vereadores, foram o mesmo Ministro, e os Camaristas perseverando em Goianna até que El-Rei em 6 de Outubro de 1742 confirmou este arbitrio.

Mas tornando agora ao primeiro Donatario Pedro Lopes de Souza. Fallecendo este Fidalgo poucos annos depois de ter fundado Itamaracá, ficou regendo-se a Capitania em nome de seu primeiro filho, tambem chamado Pedro Lopes, e fallecendo este ainda menor, foi seu irmão Martim Affonço de Souza 3.º Donatario. D. Izabel Gamboa sua Mãi viuva, na qualidade de tutora d'estes seus filhos, nomeava os Capitães, Governadores, Ouvidores, &c., &c., e assim se continuou a reger a Capitania.

A doação de Pedro Lopes não só comprehendia Itamaracá, mas tambem 50 legoas na Capitania de S. Vicente, limitrophes da doação de seu irmão Martim Affonço de Souza. As 50 legoas de Pedro Lopes chamaram-se pois Capitania de S. Amaro, e as que foram doadas a seu irmão Capitania de S. Vicente. Não tardou porém muito, que os descendentes d'estes dous Donatarios se julgassem mutuamente esbulhados uns pelos outros, e que em Juizo sustentassem renhidos pleitos; mas os ataques dos Tamoios, obrigando á commum defeza, suspenderam de alguma sorte o curso das demandas; as quaes, posto que versassem sobre os terrenos das Capitancias de S. Vicente, e S. Amaro (hoje S. Paulo) todavia como Ita-

maracá estava incluída na doação da segunda, dependia o seu dominio da ultima decisão d'essas demandas.

Estavam as cousas n'este estado quando a disposição testamentaria de D. Izabel de Lima de Souza e Miranda, ultima Donataria da linha de Pedro Lopes de Souza, seu Avô, deu novo motivo ás confusões antigas, assim como foi causa das modernas o Conde de Monsanto D. Alvaro Pires de Castro, por se intitular Donatario de *S. Vicente*, sem o ser, e não se appellidar Donatario de *S. Amaro*, como devia, e tinham feito os descendentes de Pedro Lopes, a quem elle succedeu, a qual desordem produzio o engano de se reputarem da Capitania de *S. Vicente* todas as terras, que o Conde possuia, sendo algumas de *Santo Amaro*. Morrendo sem filhos aquella Fidalga, e vendo extincta a geração do dito Pedro Lopes, declarou no seu testamento, que a Lopo de Souza, seu primo, e Donatario da Capitania de *S. Vicente*, competia a successão nas duas Capitania de *Santo Amaro*, e *Itamaracá*. De ambas se apossou o dito Lopo; e como deste modo ficou elle sendo Donatario de *Santo Amaro*, e de *S. Vicente*, e os Povos ignoravam a causa d'isso, ficaram entendendo, que Lopo de Souza era Senhor de ambas, como herdeiro de Martim Affonso, seu Avô. Todavia, sempre fallavam em Capitania de *Santo Amaro*, sem ninguem saber qual era, onde tinha a sua verdadeira posição, e de quantas legoas se compunha.

O mencionado Lopo de Souza, sua irmã D. Marianna de Souza da Guerra, Condessa do Vimieiro, e D. Luiz de Castro, Conde de Monsanto, todos erão netos do dito Martim Affonso de Souza; isto porem não obstante, nunca o Conde intentou herdar a Capitania de *S. Vicente*, por conhecer a preferencia incontestavel de seus primos, os quaes eram filhos de varão (de Pedro Lopes de Souza), e elle de femia (de D. Ignez Pimentel), mas oppôz-se á successão das outras Capitancias de *Santo Amaro*, e *Itamaracá*, e unicamente sobre estas moveu demanda a Lopo de Souza, com o fundamento de se acharem os litigantes no mesmo grão de consanguinidade a respeito da ultima possuidora; nenhum dos dous trazer sua origem do instituidor Pedro Lopes de Souza, e de ser o

Conde mais velho do que Lopo de Souza. Este desfructou em sua vida as Capitánias litigiosas, por ainda não estar decedido o pleito; e morrendo sem descendentes aos 15 de Outubro de 1610, instituiu herdeira, e successora a Condessa do Vimieiro, sua irmã. Contra ella proseguio a demanda o Conde de Monsanto D. Alvaro Pires de Castro, filho do Author originario D. Luiz de Castro, e depois de passados alguns annos, os Juizes nomeados por El-Rei para resolverem a contenda sem appellação, nem aggravo, deram sentença final do theor seguinte(*):

« Vistos estes Autos, Libellos dos Authores o Conde, e
« Condessa de Monsanto, artigos de habilitação, nos quaes
« por fallecimento do Conde D. Luiz de Castro se habilitou
« seu filho D. Alvaro Pires de Castro, e como mais velho
« succedeu no Condado, e está pronunciado, que com elle,
« e a Condessa sua mãy, por ficar em posse e cabeça de ca-
« zal, corresse esta cauza; Contrariedade dos Réos habili-
« tados, por fallecer Lopo de Souza, irmão da Condessa do
« Vimieiro; mais artigos recebidos, Doações, e papeis
« juntos; minha Provisão porque mandei, que os Desembar-
« gadores do Paço determinassem a quem pertencia esta Ca-
« pitania de Itamaracá breve e sumariamente sem appella-
« ção, nem aggravo. Mostra-se fazer El-Rey D. Joam III.
« Doação a Pedro Lopes de Souza de juro e herdade para elle,
« e seus descendentes, ascendentes, e transversaes, e bas-
« tardos, não sendo de damnado coito de 80 legoas de terra
« na costa do Brazil em a Capitania de Itamaracá, repartidas
« pelo modo contheudo na dita Doação, e por morte de Pe-
« dro Lopes de Souza vir a dita Capitania a D. Jeronyma de
« Albuquerque sua filha, mulher de D. Antonio de Lima,
« e por sua morte lhe succeder D. Isabel de Lima sua filha,
« que falleceu sem descendentes. Consta destes Autos o Con-
« de D. Luiz de Castro, e Lopo de Souza fallecidos, e a
« Condessa do Vimieiro Ré com a dita Isabel de Lima serem
« todos primos segundos, por o dito Pedro Lopes de Souza

(*) Prov. da Hist Geneal. da Casa R. Tom. VI. ao Liv. XIV. n.
35. Archiv. da Cam. de Goiana Liv. VIII. de Registro a fol. 81.

« ser irmão de Martim Affonso de Souza , Avô do Author , e
 « Réo , do qual ficaram dous filhos , convem a saber, Pedro
 « Lopes de Souza que falleceu na jornada de Africa com El-
 « Rei D. Sebastião, e D. Ignez Pimentel cazada com D. An-
 « tonio de Castro , Conde de Monsanto , Pay do Conde Au-
 « thor originario D. Luiz de Castro , e de Pedro Lopes de
 « Souza fallecido na guerra , ficar Lopo de Souza Réo origi-
 « nario fallecido , e a Condessa do Vimieiro sua irmãa , a
 « qual pretende pertencer-lhe a dita Capitania , por ser da
 « linha masculina , e por seu Pay viver por gloria ao tempo,
 « que D. Isabel de Lima , possuidora da dita Capitania fal-
 « leceu , e além disso haver a dita D. Isabel nomeado o di-
 « to Lopo de Souza seu irmão na dita Capitania. Prova o Au-
 « thor de Pedro Lopes de Souza não ficar mais que huma fi-
 « lha , de que nasceu D. Isabel de Lima , ultima possuido-
 « ra , e a linha de Martim Affonso de Souza nam fazer ao
 « cazo , por elle não haver sido Instruidor do dito Morgado ,
 « conforme a Ordenação do Reyno , nem possuidor senão
 « Pedro Lopes de Souza seu irmão , nem morrer na batalha
 « o Pay da Ré Condessa , e visto viver por gloria ; porque o
 « Direito commum instituio isso sómente, para escusar das-
 « tutorias , e outros encargos publicos, e a Ordenação deste
 « Reyno no Liv. II. tit. 35. § 1. não instituio o viver por
 « gloria senão em cazos de entre tios , e sobrinho, cujo Pay
 « falleceu na guerra , e assim succedeu em todos os cazos
 « das sentenças , que se allegam , nem haver nomeado D.
 « Isabel a seu primo Lopo de Souza na dita Capitania lhe dá
 « direito algum por ella fallecer sem filhos : o que tudo vis-
 « to , e a fórma da Ordenação , e mais dos Autos , e como
 « nesta cauza não podem haver lugar as tres razoens , em
 « que se fundam os Réos , e como se prova estarem os Au-
 « thores originarios em igual gráu com a defunta D. Isabel,
 « e bem assim ser o dito Conde de Monsanto mais velho em
 « idade , do que o dito Lopo de Souza , julgo pertencer a
 « dita Ilha de Itamaracá ao Conde D. Alvaro Pires de Castro ,
 « habilitado , com os rendimentos da morte da dita D. Isa-
 « bel em diante , dos quaes haverá a parte , que lhe cabe a
 « Condessa sua may , e outro sy Authora , e condemuo aos

« Réos nas custas dos Autos em Lisboa a 20 de Maio de 1615.»

Depois de proferida a sentença, com ella recorreu o Conde a S. Magestade, pedindo Carta de confirmação por successão das 80 legoas concedidas a Pedro Lopes de Souza, e o Rei lhe fez a mercê de o confirmar nas ditas 80 legoas da mesma sorte, que as havia possuido o mencionado Pedro Lopes, e depois d'elle todos os seus successores até a ultima administradora D. Izabel de Limã, a qual Carta de confirmação foi passada em Lisboa a 10 de Abril de 1617, e ao depois segunda vez confirmada na mesma Cidade aos 3 de Julho de 1628.

Convém notar aqui que a Condessa do Vimieiro, em quanto durou o pleito, não requereu confirmação pela successão das duas Capitánias letigiosas, nem da outra de S. Vicente, que ninguem lhe disputava. Como pois nem o Conde, nem a Condessa ainda tinham Carta de confirmação das Capitánias de S. Vicente, e S. Amaro nenhum dos dous as governou até 1616, e todos os Capitães, Ouvidores, e Officiaes de Justiça eram nomeados por El-Rei, ou pelo Governador Geral na falta da Provisão Regia.

D'esta sorte ficou a Capitania de Itamaracá independente do Governo de Pernambuco até a invasão dos Hollandezes: expulsos estes tomou a Corôa posse d'ella; mas questionando o Marquez de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro Atahide e Souza (descendente do 1.º Donatario) sobre esta posse, e dominio obteve sentença a seu favor contra a Corôa, e tomou posse da Capitania por seu procurador o Ouvidor Antonio Rodrigues Pereira em 1693. Sob o dominio d'esta casa se conservou a Capitania de Itamaracá até que por convenção tornou para a Corôa em 1763. D'ahi por diante ficou subordinada ao Governador de Pernambuco no Politico e Militar, mas em quanto ao Judicial continuou a fazer parte da Ouvidoria da Parahyba, como já fazia desde 1688. He de notar porém que os Donatarios, tanto de Itamaraca, como de Pernambuco, já mesmo antes da invasão dos Hollandezes não tinham o mesmo poder que tiveram ao principio, porque o Rei pouco a pouco lh'o ia coarctando quanto era possivel, e depois da expulsão dos Hollandezes o dominio do Marquez

de Cascaes , bem se póde dizer que foi nominal , como mui bem se conclue do resultado que tiveram as questões de Goianna, e Itamaracá.

CAPITULO X.

Morte de Duarte Coelho. O Governo passa a Viuva , durante a ausencia do filho herdeiro, que estava em Portugal estudando. Os Indios confederam-se contra os Pernambucanos. Os Cahetés matam, e comem o l.^o Bispo do Brazil. Jeronimo d'Albuquerque he eleito Chefe da Força armada, e subjuga os Cahetés, que afinal são condemnados a perpetua escravidão. Chega Duarte d'Albuquerque Coelho de Portugal, e toma posse do Governo. Os Francezes expulsos do Rio de Janeiro sorprendem o Recife, e são d'aqui expulsos. Os Jesuitas fundam o seu Collegio em Olinda. Primeiros fundamentos da Parahyba.

1554 A 1579.

Duarte Coelho, tendo fundado, e povoado Pernambuco, e governado mui bem o seu Povo, tendo em seus dias a felicidade de ver affluir o numero consideravel de familias Nobres que povoaram Pernambuco, falleceu finalmente em 1554. Seu filho primogenito, Duarte Coelho d'Albuquerque, lhe succedeu nos Direitos; mas como no tempo da morte de seu Pai achava-se estudando em Portugal, para onde tinha ido de tenra idade, ficou em virtude de uma verba testamentaria, encarregado do Governo a viuva sua mãe D. Brites d'Albuquerque.

A morte de Duarte Coelho foi quasi immediatamente seguida de uma confederação geral dos Indigenas, contra os Pernambucanos; apenas a constante Tribu Tabayré se conservou fiel; comtudo as hostilidades só romperam um anno depois, principiando por um facto da mais execravel barbaridade.

A indomavel Tribu dos Cahetés, retirada das proximidades d'Olinda pelos exforços do primeiro Donatario, ardia em desejos de vingança, e não perdia um só momento em que os podesse satisfazer. Um triste acaso deparou-lhe occasião d'ella se fartar de sangue humano!

Desavindo-se n'um conflicto de jurisdicção em a Cidade da Bahia o 1.^o Bispo do Brazil, D. Pedro Fernandes Sardinha,

com o 2.º Governador Geral D. Duarte da Costa, embarcou-se aquelle Prelado para Lisboa, afim de submeter pessoalmente à decisão d'El-Rei as discordias do Clero com o Governador; mas naufragando o navio que o transportava nos baixos do rio de S. Francisco, pôde o Bispo, o Provedor Mór Antonio Cardozo de Barros, e mais noventa e oito pessoas (inclusive a equipagem) que tambem vinham, salvarem-se do naufragio em as lanchas, desembarcando na praia de *Cururipe*, ao Norte do dito rio de S. Francisco. Porém infelizmente estes naufragados, que esperavam achar em terra a salvação, que o mar lhes negava, não encontraram senão uma morte horrosa, cahindo sob o poder dos *Cahetés* em 25 de Fevereiro de 1556. N'esse mesmo dia, homens, mulheres, crianças, e velhos em numero de cem foram todos despêdaçados, e comidos por esses tigres de figura humana!

Um só homem da tripulação, que fallava a lingua dos *Cahetés*, e dous Indios da Bahia poderam escapar-se das mãos d'aquelles anthropophagos, e levarem ao Governador a triste noticia do lastimoso naufragio, e de que o Bispo tinha sido a primeira, e a mais deploravel das victimas. (1)

A esta barbaridade que só de escreve-la se me gela o sangue, seguio-se uma geral sublevação dos Indios *Cahetés*. Pernambuco achou-se então em perigo: os habitantes d'Olinda não ousavam aventurar-se a duas legoas d'esta Capital! N'esta crise os Jesuitas, e os Chefes Civis e Militares, convocados pela Governadora para em Conselho deliberarem o que convinha a commum segurança, tomam uma medida que salva a todos. Jeronimo d'Albuquerque, (terceiro filho (2) de Jeronimo de Albuquerque, e de D. Maria do Espirito Santo

(1) Affirmam os Historiadores d'esse tempo, que sendo o lugar onde o Bispo foi morto, e devorado (e que ainda conserva o nome de Monte do Bispo) mui fertil em produzir arvores silvestres frondosas, de tal sorte se esterilizou, depois d'esta scena horrivel, que nunca mais nasceu n'elle folha alguma verde, ficando (diz Brito Freire) como Epitaphio milagroso d'este Varão Sagrado.

(2) Beauchamp no Liv. XII pag. 370 da sua Hist. do Braz. diz que este Chefe eleito era filho do Donatario fallecido, e eu tambem o disse na 1.ª edicção d'este Tom. mas recorrendo aos escriptos antigos, e aos documentos que se acham no Archivo de S. Bento em Olinda, vejo que n'essa época os dois filhos que o 1.º Donatario teve estavam em Portugal, e que só d'alli regressaram em 1560, e vejo

Arco-Verde,) que d'ahi a tempos tomou o sobre nome de Maranhão, e que não contava ainda mais de vinte annos de idade, he eleito Chefe da Força armada, e esta eleição, cujo acerto foi confirmado por cinco annos de trabalhos, guerras, e prosperos successos, salvou Pernambuco.

Jeronimo investido do commando da Força armada, posta-se à frente dos Pernambucanos seus patricios, e dos Indios alliados, compatriotas de sua mãe, penetra o Sertão, estende-se até o rio de S. Francisco, percorre o Norte, e faz, onde chega seu braço, uma terrivel mortandade nos Cahetés. Então estes barbaros, repellidos em todos os pontos, outra vez abandonam o paiz aos conquistadores. Comtudo não se limitou só n'isto a pena de seus nefandos delictos, ella excedeu mesmo os limites da justiça, e até foi terrivel!

Por um Edicto Regio todos os Cahetés, e seus descendentes, sem excepção de sexo, ou idade foram condemnados a perpetua escravidão. Sentença implacavel, que confundio o innocente com o culpado, e cuja amplitude foi iniquidade ainda maior, pois que abriu a porta a inaudictos abusos. Depois d'ella, para que um Indio qualquer fosse reduzido a escravidão, nada mais era preciso do que allegar-se que elle pertencia, ou descendia da raça dos Cahetés; e o mais revoltante era ser Juiz n'esta causa quasi sempre o proprio denunciante! Começou pois a escravidão legal dos Indios em Pernambuco em 1557, e postoque alguns annos depois esta barbara sentença fosse modificada, exceptuando-se os que abraçavam o Christianismo, comtudo os abuzos continuaram ainda por mais de um Seculo.

Entretanto as noticias do estado de Pernambuco chegaram a Lisboa mui adulteradas, e ainda quando Duarte d'Albuquerque Coelho não tinha acabado os seus estudos; comtudo a Rainha D. Catharina, julgando conveniente a presença do proprio Donatario em Pernambuco, ordenou-lhe positivamente que se recolhesse à sua Capitania. Em consequencia embarcou Duarte d'Albuquerque em companhia de seu irmão

igualmente que o joven que aqui havia n'esse tempo, capaz de ser encarregado de um Posto tão importante, era só aquelle, que depois immortalizou seu nome na conquista do Maranhão,

Jorge d'Albuquerque Coelho, e de varias familias Nobres, convidadas para estabelecerem-se em Pernambuco, e aqui chegou em 1560, reunindo então em sua pessoa a Jurisdicção civil, que ainda exercia sua Mãi, e a Militar que tão dignamente tinha sido exercida por seu primo.

Si Duarte d'Albuquerque Coelho já não achou Indios que o obrigassem desembainhar a espada, não tardou muito que os Francezes lhe lançassem a luva surprendendo o Recife.

Anniquilada quasi completamente a Tribu *Caheté*, affluindo constantemente para Pernambuco um grande numero de familias, animada a agricultura, desenvolvido o Commercio, cresceu tão rapidamente a população d'esta Provincia, que em 1567 (apenas com 37 annos de existencia) já ella, instigada pelo genio bellico que a distingue, pôde mandar seus filhos socorrer o Rio de Janeiro, bem persuadida em verdade, que para exercitar suas armas com um inimigo mais habil do que os Indios antropophagos, lhe era preciso sahir de seus muros. Mas não tardou muito que uma Nação Européa viesse em nossas praias experimentar o valor dos Pernambucanos, e convence-los de que aqui mesmo teriam occasião de medir suas armas com inimigos mais habéis do que os Indios.

As descripções pomposas que alguns Corsarios Francezes fizeram na Europa das vantagens que offerecia o Brazil, onde tinham a furto abordado, a importancia que o Governo Portuguez já dava a este bello paiz, então tão pouco conhecido, fizeram com que alguns aventureiros Europeos concebessem a idéa de formar estabelecimentos duraveis no Brazil, cujo dominio se tinha tornado exclusivo da Nação Portugueza, a mais pequena da Europa quanto a população, e extenção de territorio; porém a mais ousada, a mais emprehendedora.

Nicoláo Durando de Villegagnon, Cavalleiro de Malta, que tinha abraçado o Calvenismo, vendo-se perseguido em consequencia de sua nova crença Religiosa por Henrique II. Rei de França, foi um dos que primeiramente projectaram estabelecerem-se no Brazil, já pela fama das vantagens que o paiz offerecia, e já para se pôr acoberto da perseguição, que se fazia aos protestantes. Tomando pois por pretexto o projecto de formar uma Collonia Franceza na America Meridional, conse-

guiu para isto licença de seu Governo, e, congregando perto de 90 Calvinistas, armou dous navios optimamente preparados, e sahio do Havre de Grace em Maio de 1555 em demanda do Brazil, e finalmente avistando Cabo Frio em Novembro d'esse anno, desembarcou no Rio de Janeiro, fundou uma Fortaleza, e fez alliança com os Indios Tupinambás, que se tinham retirado da Bahia. Senhor Villegagnon do Rio de Janeiro, resistio aos ataques dos Fluminenses, apresentando uma attitude respeitavel. Entretanto tendo voltado Villegagnon a Europa para agenciar os soccorros que precisava, afim de estender sua conquista, Portugal acordou do letargo em que tinha permanecido por quatro annos a respeito dos negocios do Brazil, mandando ordem a Mendo de Sá, Governador da Bahia, para expulsar os Francezes do Rio de Janeiro. Então este Governador, conseguindo um auxilio de cem Pernambucanos, fez esquipar uma Esquadra de onze vasos (tres de guerra, e oito transportes) e dá velas ao vento para o Rio de Janeiro. Com trinta e sette dias de viagem avistou terra a Esquadra em 21 de Fevereiro de 1560. Mendo de Sá desembarcou, e depois de ter em varios encontros batido, já os Francezes, e já os Indios Tamoyos, seus alliados, afinal depois de uma bem porfiada contenda, na qual muito serviram os cem Pernambucanos, obrigou os Francezes a embarcarem-se, e fazerem-se ao largo. Estes porém, em vez de seguirem para a Europa, quiseram tentar ainda fortuna, e n'este disignio, procurando Pernambuco, desembarcaram no Recife em o principio de 1661 com tenção d'aqui se estabe lecerem. Mas Olinda, Capital de Pernambuco, estava mui proxima do Recife, e Duarte d'Albuquerque Coelho 2.º Donatario, que a governava tinha valor bastante, e soldados aguerridos. Apenas pois os Francezes se apoderaram do Recife, (então apenas aqui haviam algumas cabanas de pescadores, e dous ou tres armazens de recolher utensilios dos Navios) Duarte de Albuquerque Coelho a frente dos Pernambucanos atacou tão vigorosamente os Francezes, que estes não tiveram outro remedio senão embarcarem-se acceleradamente, e com bastante prejuizo. Um dos Francezes, antes de tornar a embarcar, expremio o seu pezar relativamente ás desgraças de seus compatriotas no Bra-

zil, gravando sobre uma pedra estas palavras, que o Historiador Rocha Pita nos conservou com a sua mesma orthographia : *le monde va' de pis am pi* O MUNDO VAI DE MAL EM PEIOR.

Restabelecido em Pernambuco o socego, pela retirada dos Francezes, cuidou Duarte d'Albuquerque em que o povo tornasse aos seus costumados trabalhos, e, conseguindo facilmente isto, embarcou para Lisboa, deixando o Governo da Capitania a sua Mãe D. Brites de Albuquerque, a quem passou para este fim uma procuração, que se acha registrada no Tombo do Mosteiro de S. Bento em Olinda. Governou D. Brites de 1572 até 1575, época em que falleceu. Em consequencia tomou posse do Governo seu irmão Jeronimo d'Albuquerque, em nome do sobrinho que estava na Europa. Sob a administração d'este Governador dous factos notaveis tiveram lugar: a fundação do Collegio dos Jesuitas em Olinda, no mesmo anno em que elle principiou a governar; e a fundação da Capitania da Parahyba em 1579.

A Parahyba estava comprehendida no territorio doado a Pedro Lopes, Donatorio da Capitania de Itamaracá; mas tendo fallecido este Donatorio, e carecendo a Capitania de forças, via-se todos os dias exposta ás incursões dos Indios da Parahyba. Foi n'esta conjunctura que o Capitão Mór, que governava Itamaracá em nome do successor de Pedro Lopes, e o Governador de Pernambuco, de commum accordo organisaram uma expedição, e entregando-a ao mando de João Tavares a fizeram marchar em 1579. Com effeito Tavares, batendo os Indios que se lhe oppozeram, e alliando-se com outros, lançou os primeiros fundamentos da hoje florescente Provincia da Parahyba.

Em quanto pois Pernambuco desasombrado dos Francezes, e livre dos Cahetés gozava plena paz, sob a administração do prudente, e circumspecto Jeronimo d'Albuquerque, em quanto esta Provincia alongava os seus estabelecimentos, e se engrandecia com rapidez incrível, um acontecimento estrondoso preparava-lhe na Europa o mais insoportavel dos captiveiros. Cortarei portanto aqui o fio d'estas Memorias, em quanto narro esse acontecimento, que submetteu nossa Patria ao cruel jugo Hollandez.

CAPITULO XI.

El-Rei D. Sebastião marcha contra os Mouros, e morre em Africa. O **Cardeal D. Henrique** lhe succede, e por sua morte cahe Portugal, eo **Brazil** sob o dominio Hespanhol. Governadores que houveram em Pernambuco n'esse tempo. Estado d'esta Provincia na época em que o **Brazil** passou ao dominio de **Felippe 2.^o** de Hespanha.

1578 A 1595.

El-Rei D. Sebastião, inimigo do descanso, e dos divertimentos domesticos, deixou-se arrastar de tal sorte pelo desejo de gloria, que o Jesuita Luiz Gonçalves da Camara, (valido do Cardeal D. Henrique) soube infundir-lhe n'alma, naturalmente grande, e activa, que, dominado por esta paixão sem limites, nada mais ambicionava do que assignalar-se por conquistas em Africa, onde seus passados tanto se distinguiram. A mistura de idéas religiosas, e guerreiras excitava-lhe o desejo de triumphar dos Mouros, na esperança de arvorar o Estandarte da Cruz sobre as Mesquitas do Marrocos.

Em paz com todas as Potencias da Europa, Senhor do mais extenço commercio, adorado pela Nação, porque achava n'elle as virtudes dos seus mais illustres Soberanos, D. Sebastião parecia não dever-se occupar senão da felicidade de seus Subditos; porém a paixão pela celebridade, fazendo-lhe esquecer o bem da Nação, o levou a sua perda. Os lisongeiros o fizeram surdo aos avisos de seus antigos Ministros, ás representações da Rainha D. Catharina, sua Avó, e do Cardeal D. Henrique, seu Tio, e em fim aos clamores de todo o povo, que, receioso dos perigos a que seu Monarcha se ia expôr, lhe implorava desistisse do intento.

O successo da primeira expedição á Africa, onde El-Rei havia em pessoa combater, e desfazer os Mouros, animando este valor guerreiro, seu pensamento dominante, e sua unica paixão, de tal sorte tinha preocupado este Monarcha, que elle, para se pôr em campo, não esperava mais do que um pretexto qual quer, que o acaso lhe offerecesse; com effeito este não tardou.

Muley Abdelmelek acabava de expulsar do Throno de Marrocos a seu neto *Muley Mohamet*, ao qual nenhuma qualidade recommendavel distinguia aos olhos de seus Vassallos. Depois de em vão ter solicitado soccorro de Felippe 2º Rei de Hespanha, *Mohamet* alcançou acesso na Corte de El-Rei D. Sebastião, cujo animo guerreiro e bellicoso era bem conhecido. O Principe fugitivo prometteu a El-Rei os portos de *Arzila*, e *Larache* si o reentregasse na posse de seus Estados. D. Sebastião aproveitou com gosto a occasião que tanto desejava, mais para fazer, por meio de acções estrondosas, celebre o seu nome em Africa, do que para restabelecer em seu Throno o Principe, cuja causa acabava de abraçar.

Para esta expedição temeraria exaurio D. Sebastião as rendas do Estado, já individado pelos desperdicios dos Ministros. Insensivel ás lagrimas e rogos de seus Vassallos, fez benzer o Estandarte Real, e sahio de Lisboa em 25 de Junho de 1578, tendo levantado ancoras com cincoenta vazos, cinco galeras, muitos transportes, e um Exercito de quinze mil homens de Infantaria, e mil de cavallaria.

Este Exercito fraco, composto de recrutas de diferentes Nações, continha em si mesmo o germen de sua ruina no luxo, e nos excessos dos Officiaes. Chegando a Tanjar, e deixando os navios em que se transportára, marchou logo sobre *Arzila*: n'este lugar acampou-se D. Sebastião; porem seu genio feroso não o deixava tomar medidas de prudencia! Contra o parecer dos Generaes o Exercito, levantando o campo, avançou para *Larache* pelo interior do paiz, desprezando o caminho do mar.

No momento em que o Exercito Portuguez julgava o Rei de Marrocos na defensiva, este Principe tão habil Capitão, como grande Politico, mostræ-se de repente nas planicies de Alcacer a frente de um Exercito disciplinado por elle mesmo, e tão superior em numero ao Portuguez, que contava 46 mil homens, inclusive 36,000 de cavallaria.

Finalmente no dia 4 de Agosto de 1578 engajam-se os dois Exercitos, e uma batalha sanguinolenta (na qual Soldados da Europa, e Africa, a quem a diversidade de costumes, e de Religião anima, desputam o preço do valor e gloria) decide,

sem em tal se pensar, do destino do Brazil, principalmente de Pernambuco! Envolvido pela Cavallaria Africana, que formava um immenso meio circulo, os Portuguezes e seus alliados são feitos em postas.

El-Rei D. Sebastião, mais Soldado do que General, apparece em toda a parte, e affronta os perigos; mas succumbe, e coberto de feridas he prezo por um troço de Mouros, que entre si logo disputam a preza. Um dos seus Generaes faz caminho pelo meio d'estes desesperados, promptos a virem ás mãos; e assim lhes falla — « *Que! Quando Deus vos dá a victoria, he que então vos degolaes por um prisioneiro?* — » Mais barbaro que seus Soldados, este General descarrega um tremendo golpe de alfange no desgraçado Rei D. Sebastião, e o derruba moribundo do cavallo, e em continente os outros Mouros o acabam de matar.

Outo mil Christãos morrèram, e a maior parte dos que escaparam a morte, ficaram captivos dos Mouros, a quem a victoria custou desoito mil homens. Mas o que torna este dia mais memoravel he a morte dos tres Reis, que pelejaram na batalha. *Muley Abdelmelek*, chefe do Exercito vencedor, espirou de enfermidade em a liteira em que vinha, e donde, durante a acção, deu ordens as mais bem acertadas; seu neto *Mohamet* fugindo afogou-se, e *D. Sebastião*, alliado d'este, acabou como acabo de narrar!

D'esta sorte pereceu com pouco mais de vinte e quatro annos de idade (*) com a flor da sua Nobreza, e sem herdeiro o bisneto do grande Rei D. Manoel, deixando o Reino esgotado, e seus vassallos consternados. Todo o Reino cobrio-se de luto, e o Sceptro passou ás mãos do Cardeal D. Henrique, a quem a idade, e fraqueza tornavam ainda menos apto, para sustentar o peso de uma Monarchia vacilante.

Apenas Felippe 2.^o, Rei de Hespanha, soube da morte de El-Rei D. Sebastião, dirigido por sua ambiciosa e fallaz politica, fez partir para Lisboa a D. Christovam de Moura,

(*) Beauchamp dá a D. Sebastião a idade de 34 annos quando morreu em Africa; mas n'isto enganou-se por que D. Sebastião nasceu em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554, e morreu em 4 de Agosto de 1578. Vid. De la Clede Hist. de Port. Liv. 20.

Ministro Portuguez , vendido a seus interesses , afim de sondar os espiritos a respeito da situação do Reino; e ao mesma tempo que em Madrid fazia celebrar exequias pelo Rei defunto , despunha-se para fazer valer seus direitos a Corôa de Portugal , e como não duvidava que lhe seria disputada, não desprou meio algum de apossar-se d'ella pela força das armas.

Esta Corôa estava como em deposito sobre a cabeça do Cardeal Rei , o qual , prevendo seu proximo fim , nomeou cinco Regentes para governarem o Reino , depois de sua morte , em quanto as Cortes não resolvessem , e regulassem os interesses da successão.

Cinco Principes se julgavam com direito á Corôa Portugueza , e a reclamavam : D. Antonio , Prior do Crato , filho natural do Infante D. Luiz (1) sustentava que era filho legitimo , e allegava em seu favor a promessa de casamento feita a sua mãe pelo Avô do fallecido Rei D. Sebastião ; D. Catharina , Duqueza de Bragança , firmava suas pretensões , como neta de El-Rei D. Manoel ; Philippe de Hespanha , nascido de D. Izabel , filha mais velha do mesmo D. Manoel , antepunha a perogativa do sexo para igualar os direitos do nascimento ; D. Rainunció , Principe de Parma , allegava que era filho de D. Maria , neto do Infante D. Duarte , e bisneto do mesmo Rei D. Manoel , e finalmente o Duque de Saboia , e Principe de Piemonte mostrava ser filho da Infanta D. Brites , e tambem neto de D. Manoel.

Senhor ; na Europa da Hespanha , das Duas-Sicilias , de Milão , da parte Catholica dos Paizes-Baixos , e do Franco-Condado ; n'Alfrica dos territorios de Tunes , e d'Orom , das Canarias , e de muitas ilhas de Cabo-verde ; n'Asia das Philippinas , das ilhas do Sundá , e de uma parte das Molucas ; n'America emfim dos Imperios do Mexico , Perú , e do Chile , e das mais bellas ilhas entre os dous hemisferios , o filho de Carlos 5.^o cederia por ventura seus direitos á compitedo-

(1) Tambem Beauchamp se enganou na filiação do Prior do Crato , dando-o por filho de El-Rei D. João 3.^o , sendo elle filho do Infante D. Luiz.

res incapazes de resistir ás suas armas , ou à influencia do seu ouro ?

Não : Fillippe de Hespanha calculou de antemão todos os inconvenientes da usurpação que premeditava.

Contando 68 annos (2) de idade o Cardeal Rei não reinou em Portugal, senão para ver a herança do Reino tornar-se em objecto de discussão juridica , e seu Sobrinho perturbar-lhe os ultimos momentos , para obriga-lo a adjudicar-lhe uma tão rica successão.

Porém temendo que prevalescessem os direitos que tinha a Duqueza de Bragança à Corôa Portugueza , Filippe offerece ao Duque seu Esposo , todas as Colonias Portuguezas em plena soberania com o titulo de Rei , si D. Catharina desistisse de suas pretensões. Nem o Rei de Hespanha , fazendo este offerecimento ; nem o Duque de Bragança, recusando-o souberam apreciar toda a sua importancia.

Entretanto sobrevindo a morte do Cardeal Rei , em 31 de Janeiro de 1580 , antes d'elle completar dous annos de Reinado , ficou Portugal entregue á cubiça ambiciosa de Filippe. Em vão o Povo de Lisboa , horrorisado do jugo de Hespanha , toma partido em favor de D. Antonio , Prior do Crato , e se atreve a Coroal-o ; em vão, coadjuvado pela Inglaterra , e pela França este Principe escreve para as Indias, e para o Brazil na esperanza de que se declarem por elle ; Filippe ajunta um Exercito de vinte mil homens, e determina ao famoso Duque d'Alva , que marche contra D. Antonio, e invada Portugal. O Duque acha a victoria fiel ás suas bandeiras , e por toda a parte os Portuguezes são vencidos. O Duque de Bragança reconhece a Filippe por seu Rei , e D. Antonio , proscripto , expulso de sua Patria corre a buscar asylo em França ; mas apezar de algum conseguir, Lisboa em fim he tomada e destruida ; e a armada Portugueza recebe as Ordens de Filippe , que , reconhecido Soberano de Portugal pelas Cortes de Thomar , apressa-se em tomar posse de seu novo Reino.

(2) Beauchamp dá ao Cardeal 70 annos , mas elle tinha 68 , porque nasceu em 1512 , e morreu em 1580.

Desta sorte o Brasil, seguindo a sorte da Metrópoli, passou para o poder Hespanhol, e então Pernambuco (cujo 2.º Donatario havendo marchado para Africa com El-Rei D. Sebastião morreu na batalha de Alcacer, depois de obrar grandes gentilezas) teve seu 3.º Donatario Jorge d'Albuquerque Coelho, o qual igualmente assistio a esta sanguinolenta batalha, como refiro n'estas Memorias a pag. 93, e succedeu ao irmão fallecido, porque este finou-se sem descendencia.

Jorge d'Albuquerque, para tomar posse da Capitania, obteve Carta de Confirmação de Filippe 2.º, Rei de Hespanha. Este 3.º Donatario, que tinha acompanhado seu irmão, quando d'aqui foi para Europa, não havia voltado ainda para Pernambuco, e mesmo depois de obter a confirmação da Capitania por Filippe 2.º não regressou: mas tendo adoecido seu tio Jeronimo d'Albuquerque, que governava Pernambuco por Provimento do finado 2.º Donatario, constituiu em 1580 seu lugar Tenente o Licenciado Simão Rodrigues Cardozo, o qual aqui governou até 1592, anno em que foi substituido por Pedro Homem de Castro; mas este Governador, só servio um anno, por que em 1593 por Provimento d'este 3.º Donatario, foi substituido por D. Filippe de Moura.

No decurso d'estes annos, isto he, até o fim de 1692, mantida a paz e alliança com os Indios Tabayres, destruida a Tribu dos *Cahetés*, e afugentada a dos *Pitiguarés*, Pernambuco permaneceu em paz, sem offerecer nada de notavel; apenas em todo este tempo se nota, no rapido engradecimento d'Olinda, a fundação do Convento dos Antoninos em 1583, e a do dos Carmelitas em 1588.

Cabe aqui agora dar uma idéa do estado de Pernambuco na época em que o Brasil passou para o dominio de Hespanha.

Construida em um lugar elevado perto do mar, Olinda, Capital de Pernambuco, cercada de colinas, tinha (e tem) a impossibilidade de ser fortificada regularmente; mas como os inimigos que tinha abater eram Indios ignorantissimos, e sem arte, simples estacadas, guarnecidas d'alguma artilharia, eram bastantes para os afugentar; e assim todos os estabelecimentos de Pernambuco eram d'esta sorte fortificados.

Olinda continha em 1580 setecentas casas de pedra e cal, e varios edificios publicos, principalmente conventos e Templos, entre os quaes se distinguia pela brilhante vista de que goza, e pela magnificencia com que foi construido o Collegio dos Jesuitas, (fundado á custa d'El-Rei D. Sebastião) onde se ensinavam bellas letras aos Pernambucanos, e tambem aos Indios convertidos, que mostravam algum talento.

Mais de vinte engenhos de fazer assucar, nos quaes se empregavam (além de vinte a trinta homens em cada um para defendel-o,) quatro a cinco mil escravos Africanos, as casas d'Olinda todas habitadas, o Recife já de alguma sorte povoado, e servindo de deposito da gente de mar, são dados bastantes para se fazer uma idéa do crescimento da população. Pernambuco então apresentava em campo, sem fazer notavel falta a agricultura, mil Soldados, e d'estes quatro centos de cavallaria.

Mais de cem casas gozavam de uma renda de cem a quinhentos cruzados, e algumas de oito centos, e mesmo de mil. Em poucos annos, aventureiros que tinham chegado pobrissimos de Portugal, voltavam ricos para sua Patria.

O corte, e exportação de pão-brasil, e os engenhos de assucar, eram preferidos a qualquer outro genero de industria. He verdade que em parte alguma do Brasil eram os viveres, e vitualhas mais caros, do que em Pernambuco; mas este inconveniente era lata mente compensado pela fertilidade do solo.

Iguarasú merecia mais o nome de Cidade do que de Villa, e ainda hoje as ruinas de seus magestosos edificios testificam sua antiga opulencia.

A Freguezia de N. S. de Nazareth da Mata, situada a quinze legoas d'Olinda, se bem que não tinha os seus edificios unidos em Povoação, era todavia mais povoada que Iguarassú.

Cortar pão-brasil, e leva-lo á Olinda para ser embarcado, era a principal occupação dos habitantes da Mata. Este pão precioso pertencia a Coróa, que pela permissão de o cortar e exportar recebia um certo direito. S. Lourenço,

outra Povoação, se elevava então entre a Mata e Olinda: ali era onde se fazia o melhor assucar da Provincia. N'esta época já haviam estabelecimentos, mais ou menos consideraveis desde Olinda até o rio de S. Francisco.

Os navios de commercio, que partiam de Pernambuco carregados de assucar pagavam dez por cento a Corôa, e cinco mais chegando a Portugal, além dos direitos dos Donatarios.

Quarenta e cinco navios, pouco mais ou menos, vinham annualmente a Pernambuco carregar de assucar, e pão-brasil, e comtudo esta importantte Provincia não tinha Fortalezas, nem quasi obra alguma defensiva. Alguns Pernambucanos, attentos, e perspicazes exprimiam já seus receios sobre os perigos a que estava exposta Olinda, o Recife, e toda a Capitania, e insistiam com o Governo sobre a necessidade de a pôr a abrigo de alguma empreza hostile.

Os capitaes que Duarte Coelho sacrificou para fundar esta Provincia, os incommodos, e riscos por que passou, se bem que em sua vida quasi nada lhe produzissem, porque tudo quanto arrecadava era absorvido em supprir as novas necessidades, que a cada momento nasciam, trouxeram todavia a seu filho a renda annual de dez mil cruzados, producto dos direitos impostos sobre as pescarias, e engenhos de assucar. Eis o estado Politico, e commercial de Pernambuco, na época em que Portugal passou ao dominio de Castella.

O clima de Pernambuco, saudavel como he, foi comtudo alguma cousa nociva à muitos de seus novos povoadores, cuja constituição vigorisou-se debaixo de um Céu differente; bem como as plantas exoticas, que degeneram e morrem, ainda que sejam transplantadas para terreno mais fertil, e região mais feliz.

As mulheres Portuguezas no principio criaram mui poucos filhos; dous terços destes morriam, poucos dias depois de nascidos; porém as filhas destas mulheres, que chegaram a criar-se, e mesmo ellas, accomodando-se ao clima, e regeitando o peso dos vestidos, e o uso de abafar a cabeça dos filhinhos, banhando-os pelo contrario em agoa morna, não se

queixaram mais de que o clima fosse destruidor das vidas dos recém-nascidos.

Todavia a mistura das tres differentes castas *Europea, Africana, e Americana* produzio molestias novas, ou pelo menos novas constituições, que modificaram de tal sorte as antigas enfermidades, que os novos symptomas escaparam á sagacidade dos Medicos. Uma inflamação no figado e estomago, a que denominaram frialdade, tornou-se epidemica na classe inferior, principalmente no inverno, de que pereciam muitos escravos. O estupor, a cujos doentes applicavam fumegações de incenso, e de mirrha, e banhos adstringentes mui quentes era mui frequente enfermidade. As ophthalmias, não o eram menos; o mais terrivel porém dos males, eram as febres intermitentes, e sobretudo as feridas no anus, ou maculo, que atacava os habitantes da margem do rio de S. Francisco, molestia esta que senão era logo atacada com cristeis de pimenta, mui estimulantes fazia o infeliz paciente passar pela morte a mais dolorosa, e cruel.

Taes eram, com pequena differença, os males physicos que aflegiam os Pernambucanos no primeiro seculo de sua existencia. Aquelle que queria ter longa vida, abstinha-se com cuidado do uso de carnes, vinhos, e licores, e por meio de uma regular sobriedade chegava a uma velhice feliz, e socegada.

CAPITULO XII.

James Lancaster apodera-se do Recife, e o saqueia.

1595.

A mudança de Metrópoli foi ao principio pouco sensivel ao Brasil, por que apezar da orgulhosa Politica de Filippe 2.^o, nada elle despresou que podesse conciliar a independencia apparente de seus novos Vassallos, com a sua verdadeira escravidão. Nada alterou portanto debaixo do novo governo o regimen de Pernambuco; mas a insasiavel cobiça do intruso Monarcha, preparava-lhe muitos annos de calamidades!

Possuidor de toda a Peninsula Hespanhola, dando leis

n'Asia, e Africa, e em quasi toda a America, Filippe fazia despertar o ciume de todos os Soberanos da Europa; porém a excepção de Izabel Rainha de Inglaterra, que sabia Reinar, todos os outros Principes eram fracos, despresados, ou desditosos.

Animados, e protegidos por sua Soberana, intrepidos armadores Inglezes, apresentam-se no mar, e navegam a devastar as Regiões submettidas à Filippe: Pernambuco portanto não tardou em ser victima dos odios dos Soberanos da Europa.

Alguns Officiaes do Conselho de Inglaterra, e Commerciantes de Londres, querendo vingar o destroço que na Costa do Brasil soffeu o Capitão *Cavendish* no ataque que dirigio contra a Provincia do Espirito Santo, armaram uma expedição, e a dirigiram contra este Paiz innocente, e que mais não tinha feito do que usar do imprescriptivel direito que todos tem de defenderem sua propria conservação.

James Lancaster, nobre Inglez, foi eleito Chefe desta Expedição. Portugal, e o Brasil não lhe eram particularmente desconhecidos; tendo servido entre os Portuguezes, como Soldado e traficado com elles na qualidade de negociante, em verdade era mui apto para tal empreza. Foi porém sem duvida uma especie de traição moral fazer a guerra contra uma Nação, com a qual se vinculára antes com os laços da amizade, e de quem recebêra provas de benevolencia; mas os sentimentos de honra raras vezes prevalecem ao amor das riquezas! Pernambuco foi a Capitania que Lancaster resolveu atacar. Fez-se portanto a vella com tres navios, e duzentos e settenta homens de equipagem, trazendo consigo dous Francezes de *Dieppe*, que sabiam o dioma dos nossos Indios. Duas vezes um dos navios arribou para reparar os mastros, que outras tantas perdêra: então julgando-se as equipagens muito fracas patentearam a Lancaster com um tòm de revolta que desejavam que elle desse de mão ao seu projecto. Mais este Chefe respondeu-lhes que *Carker*, seu Vice-Almirante que tinha arribado, era mui resolutto para o não alcançar, logo que podesse voltar ao mar, e que mesmo na falta d'elle protestava não tomar diverso partido, do que aquelle que esperava teria

feliz exito. « *He a falta de uma resolução firme nos homens* » (continuou Lancaster) *que dá causa ao naufragio das em-
« zas mais atrevidas; porém todos os obstaculos não vencem a
« coragem! »*

Com effeito Carker com o seu navio se lhe reunio na altura do Cabo-Branco. Lancaster tinha tomado alguns navios Portuguezes, e Hespanhoes, e sabendo de um prisioneiro que uma embarcação ricamente carregada, e vinda da India, naufragára na costa de Pernambuco, e que toda a sua carga estava em deposito no Recife, dirigio-se immediatamente para a ilha de Mago, onde mandou uma grande lancha com vinte oito remos para a abordar. Achava-se ali uma esquadra ingleza de dous navios uma Puiana, e uma presa Biscainha, commandada pelo Capitão *Venner*. Lancaster o move com as suas persuasões, e *Venner* fica seu companheiro d'armas.

Conforme o uso maritimo, esta união dos dous corsarios foi ractificada por uma escriptura por ambos assignada: Lancaster devia reservar para si tres partes, e *Venner* uma dos despojos, que colhessem. Com todo o panno fazem força de vella para o Recife, e chegam aqui pela meia noite do ultimo de Março de 1593. Tres grandes navios Hollandezes, fundeados á entrada do porto fizeram receiar uma vigorosa resistencia. Lancaster, guarneceu de gente as suas cinco presas, e ordenou aos Officiaes, no caso de opposição da parte dos Hollandezes, que abordassem os seus navios, pozessem-lhes fogo, apoderando-se das lanchas para se servirem d'ellas no desembarque. Esperava por esta maneira desembarcar ao romper do Sol, deixando os navios fóra até que fossem tomadas algumas fortificações ligeiras que já haviam, e o pequeno povoado do Recife. Pôz-se em pratica o desembarque, e Lancaster em pessoa tomou o commando da Fragata, guarnecida por oitenta homens, escolhidos; porém logo que veio o dia apercebeu as suas embarcações que bordejavam a um quarto de legoa a entrada da barra: O refluxo não lhe consentia que se approximassem, e ficaram por isso em inacção a vista da entrada. Lancaster teve a satisfação de ver os Hollandezes desviarem-se para lhe deixarem o passo livre.

D. Philippe de Moura, Governador de Pernambuco, mandou ao meio dia um Parlamentario para saber o que a Esquadra Ingleza pretendia. *Lancaster* respondeu que queria a carga da embarcação naufragada, e que por força, ou por vontade a possuiria, como o mesmo Governador em pouco tempo veria. Entretanto os Pernambucanos guarneciam a Fortificação, que defendia o porto, collocada pouco mais, ou menos, onde está hoje a Fortaleza do Brum, e apresentavam uma força de mais de seiscentos homens, para obstar o desembarque. *Lancaster* manda que seus Soldados desembarquem um pouco ao Norte, fora do alcance d'artilharia, e apenas os vê em terra despedaça as canoas, para não terem outro recurso, senão em Deos, e nas suas armas. Estes piratas ostentavam de Religiosos, e em seus discursos o nome de Deos era constantemente repetido, parecendo-lhes infalliveis os socorros da Providencia para o bom exito de uma empreza, cujo unico fim era roubar!

Às duas horas depois do meio dia de 2 de Abril, permittio a maré que *Lancaster* avançasse, e que seus navios, que estavam fóra, passando pelos dos Hollandezes investissem a barra. O forte da terra atira; mas apezar do vivo fogo os piratas desembarcam debaixo da sua artilharia: uma das lanchas encontra nos rochedos, alaga-se, e vai a pique, outras embarcações experimentam a mesma sorte; vencer ou morrer: eis a alternativa que resta aos Inglezes. Sette peças defendiam a Fortificação do Bom Jesus, porém os Soldados Pernambucanos, ainda máos artilheiros, erram os tiros, empregando as balas na area. Em todo este ataque só um dos piratas he ferido!

Entretanto *Lancaster*, que com a gente que tinha desembarcado de manhã vinha avançando, aproveita-se da pouca agilidade dos nossos artilheiros, e anima os seus exclamando -- *Coragem amigos, valor Camaradas! Avante, escalemos o Forte, elle he nosso, Deos nos proteje.*— A esta voz os Inglezes avançam, e os nossos, apezar de bisonhos, resistem com o seu natural valor; mas cedendo à disciplina inimiga, e ainda mais á falta de munições, abandonam a Fortificação, e se retiram pelo interior da terra, atravessando o rio Beberibe. Então *Lancaster*

faz signal a toda sua Esquadra para entrar, e, guarnecendo a Fortificação que tomara com gente sua, volta a artilharia contra a Cidade de Olinda, donde temia uma sortida. Depois poem-se em marcha contra o Recife, que então continha um cento de habitações. Apenas avança os habitantes do Recife lançam-se precipitadamente nas suas canoas, (*) e retiram-se pelo Beberide, e Capibaribe, abandonando aos piratas os seus armazens, a rica carregação da Caraca naufragada, e uma grande quantidade de producções do paiz.

Lancaster, depois da victoria, mostrou tanta prudencia, quanto tinha sido o valor que durante a acção apresentara; os seus Soldados não commetteram nenhuma desordem publica, nem roubo particular: já mais piratas se portaram com tanta ordem e sangue frio.

Ora o saque que tinha de ser recolhido era grande, e indispensavel portanto se tornou ao pirata tomar pösse temporaria do Recife. Fortificou-se pois com palissadas, e construiu um Fortim com duas bocas de fogo no mesmo sitio, onde depois foi construida a Fortaleza do Brum.

Concluidos estes arranjos, entroũ Lancaster em negociação com os Capitaens Hollandezes, offerecendo-lhes grandes fretes, assim de lhes transportarem para Inglaterra parte do saque; e elles não duvidaram associarem-se ao Corsario aventureiro!

Tres dias depois da tomada do Recife, avistaram-se cinco navios de piratas Francezes, um dos quaes tinha no anno precedente salvado Lancaster de um naufragio na ilha de Mona, nas Indias Occidentaes. Reconhecido o pirata, Lancaster acolheu seu bemfeitor com benevolencia, e lhe deu uma carregação de madeiras. Presenciando os outros Capitaens Francezes a generosidade de Lancaster voluntariamente se submeteram ás suas determinações, esperando participar do saque; e d'esta sorte teve Lancaster ás suas ordens uma

(*) Então ainda não estava construida a ponte do Recife. As habitações limitavam-se ao Bairro de S. Fr. Pedro Gonçalves. S. Antonio, e Boa-Vista cheios de mangues, e d'outras arvores não eram habitados ainda senão por alguns pescadores.

Frota auxiliar, a cuja gente recompensou generosamente, repartindo com ella o que seria forçado a deixar, ou inutilisar por falta de transportes.

No mesmo dia em que se avistaram os piratas Francezes, quatro dos principaes habitantes d'Olinda intentaram tratar com Lancaster, porém este evitou a negociação, passando-se para bordo dos navios Hollandezes, onde permaneceu, apezar das reiteradas embaixadas, fatigando assim a paciencia dos contractantes. Surpreendidos todos de uma conducta tão singular, perguntaram-lhe o motivo — « Melhor do que vós
« (respondeu o pirata) conheço os colonos do Brasil, côm quem
« vivi muito tempo. Quando não vencem com a espada,
« recorrem ás astucias, pois que não tem nem fé, nem fran-
« queza (*). E que ganhariamos em tratar com elles? Não
« possuímos já, com a ajuda do Céu, o que de climas tão
« romotos viemos procurar? Indiscretos seriamos se dei-
« xassemos arrancar por enganadoras persuasões, o que
« com tanto custo ganhámos! (**). »

Lancaster avisou ao Governador d'Olinda, de que em vez de aceitar proposição alguma, o primeiro que se atrevesse a dirigir-se ao Recife para esse fim, seria logo enforcado, e assim tirou a esperança de negociação.

Toda a actividade de Lancaster estava então empregada em fazer carregar os despojos, e em repellir os habitantes d'Olinda contra elle armados. Em um dos muitos combates que lhe deram, tomou Lancaster cinco carros dos nossos; preza mais proveitosa do que as munições que elles conduziam, e do que a artilharia de que na mesma acção se assenhoreara; porque, faltando estes carros, ele não poderia conduzir para o embarque, senão uma pequena parte das mercadorias, que haviam cahido em seu poder. No dia se-

(*) E por ventura teria Lancaster, e os outros ladrões, que se lhe uniram fé, e franqueza? Si estas expressões fossem soltadas por um inimigo honrado, eu com uma serie nunca interrompida de factos publicos lhe provaria, que a boa fé, e franqueza sempre caracterisaram os Pernambucanos desde seus principios; mas como foi um ladrão que as soltou, não me abaixo a responder-lhe, dando tanto peso ao seu dicto.

(**) E tambem com muito boa fé, e franqueza?

guinte a esta vantagem entrou pela barra, sem a menor desconfiança, vindo da Costa d'Africa, um navio Portuguez, com 40 homens de equipagem, e 60 escravos. Lancaster deu liberdade aos negros, e empregou os sessenta Portuguezes em puxar os carros, aliviando, por este insolente abuso da victoria, os seus soldados de tão rude trabalho

Havia já vinte dias, que o ditoso Corsario estava senhor do Recife, e todavia sustentando repetidos assaltos, e sendo obrigado todos os dias a combater para adquerir agoa, nem por isso soffria grandes danos. Os Pernambucanos, que não podiam tolerar, que o ladrão se retirasse impunemente, convenionaram em queo melhor meio de o segurar era queimar-lhe a Esquadra. N'este intento, enchendo cinco grandes canoas de combustiveis, preparados com materias inflamaveis; em alta noite, quando a corrente d'agoa conduzia para a Esquadra, tocaram fogo nos combustiveis, e assim inflamados, deixaram ir as canoas com a corrente. Lancaster porem que havia antevisto este genero de guerra, tinha collocado em torno da Esquadra seis barcas, providas de ganchos, e cadeias de ferro, e com estes instrumentos desviou as canoas inflamadas, e as fez encalhar. Seis dias depois d'esta tentativa, os Pernambucanos outra vez intentaram incendiar a Esquadra dos piratas, e em lugar de largarem canoas, carregaram de combustiveis preparados, e de uma maneira conveniente, para que a agoa os não molhasse, oito jangadas grandes e defendidas por extenções croques, para não serem abalroadas, e as dirigiram pelas onze horas da noite, depois de inflamadas, contra a Esquadra. Inglez algum ousou apartal-as, tudo tremia; mas Lancaster, a quem nada desorientava, fazendo cobrir mui bem os seu paiões, e barriz de polvora com grandes pannos molhados, animou então as equipagêns a aventurarem-se. Chegando enfim as jangadas arremessaram-lhe fatexas prezas a correntes, e d'est'arte as poderam levar a reboque para a margem opposta, onde arderam até o outro dia.

Não conseguindo o incendio da Esquadra, tentaram os Pernambucanos cortar-lhe as amarras; mas apezar de muitas tentativas, não o poderam conseguir; porque Lancaster era

mui vigilante. Preparavam ainda os Pernambucanos uma terceira tentativa de incendio, quando Lancaster, receiando as consequencias, e vendo que pernancendo por mais tempo no Recife infallivelmente succumbiria sob o valor Pernambucano, accelerou o embarque do resto do saque, e dispóz-se para uma prompta partida. Esperava portanto sómente a maré da tarde, para se fazer a vela, quando descobriu os Pernambucanos em grande numero sobre o Sthmo, onde está hoje pouco mais ou menos a Cruz do Patrão, e donde perturbariam a sahida das embarcações. Tornou portanto immediatamente para o Recife, e convocou um Conselho.

Neste Conselho sustentaram uns Officiaes que a Esquadra sahisse de noite, outros que seria imprudencia emprehender uma acção sem necessidade, e outros pelo contrario opinaram, que podendo o vento contrario impedir a sahida, demorando os navios na barra, dominada pelo fogo dos Pernambucanos, cumpria antes dessalojar-os d'aquelle lugar, para se sair com segurança. Lancaster abraçou esta ultima opinião, e em consequencia trezentos homens Inglezes, e Francezes tiveram ordem de atacar as Tropas de Pernambuco, derribar as obras que tinham levantado, e voltar apreçadamente para embarcarem-se. Avançaram estes trezentos homens, e os Pernambucanos os receberam com um vivissimo fogo; mas querendo attrahir o inimigo para mais longe da protecção da Esquadra deminuem pouco a pouco o fogo, e afinal abandonando uma plátforma, e uma bataria (que os Inglezes logo destruíram,) retiram-se para a retaguarda, atravessando o Beberibe que estava secco (*).

Animados por este successo, cuja causa não conheceram, vendo as bandeiras dos Pernambucanos, que flutuavam do outro lado, fora da vista da Esquadra, os piratas inconsideradamente avançam, suppondo marchar á uma victoria certa: mas completamente enganaram-se. Então a acção tornou-se geral, os Pernambucanos apresentaram-se em campo raso, e

(*) Sem duvida esta segunda acção foi na campina da Tacaruna, para onde com a maré secca passa-se com agoa pela canella.

os Inglezes, e Francezes depois de um bem porfiado combate, foram constringidos a retirarem-se desordenadamente, deixando mortos o Vice-Almirante Barker, Lugar Tenente de Lancaster, dous Capitães Francezes, e perto de cem Soldados. Os Pernambucanos não deixaram de perseguir os fugitivos, senão quando os viram debaixo das baterias de sua Esquadra. Lancaster recolhendo os restos do infeliz destamento, levantou ancoras na mesma noite, e fez-se a vela com onze navios, sofrendo mui pouco na sahida, porque a sua gente no ataque da praia havia inutilisado a artilharia dos Pernambucanos quando se apoderaram da bateria, e plátaforma. Esteve pois o Recife sob o poder deste pirata trinta e quatro dias; mas em nenhum destes deixou elle de ser incommodado, embora tivesse sob suas ordens melhor de mil Soldados, mui bem disciplinados, e com tanta resolução, quanta se deve suppor n'uma quadrilha de ladrões, que se abalaram da Europa só com o fim de nos roubar.

CAPITULO XVIII.

Manoel Mascarenhas Homem substitue no Governo de Pernambuco a **Filippe de Moura**. **Mascarenhas** marcha para o **Rio Grande do Norte**, e em seu lugar ficam governando Pernambuco o **Bispo**, e um Vereador da **Camara de Olinda**. Concluida esta Expedição, volta a Pernambuco, e governa até ser substituido por **Alexandre de Moura**. O **Governador Geral do Brasil** reside em Pernambuco. **Primeiros fundamentos da Provincia do Ceará**. **Duarte de Albuquerque** 4.º **Donatario** toma posse de Pernambuco. **Expedição para a descoberta, e conquista do Maranhão**. **Primeiros fundamentos da Provincia do Pará**. **Matthias de Albuquerque** governa Pernambuco, até que he succedido por **André Dias da França**, ultimo **Capitão Mor**, que governou em Nome dos **Donatarios**.

1396 A 1629.

Resgatado o Recife do poder dos piratas, voltaram os habitantes ás suas antigas occupações, e apesar de ter sido o saque mui grande, e de subido preço; contudo a fortuna publica não soffreu consideravel prejuizo. **Filippe de Moura** continuou a governar, sem que sobreviesse mais outro facto

notavel até 1596, época, em que foi substituido por Manoel Mascarenhas Homem.

Por este tempo, afugentados das praias de Pernambuco, os corsarios Francezes, encaminharam-se para o Rio Grande do Norte, e de tal sorte souberam insinuarem-se com os Indios *Pitiguarés*, que conseguiram fazer muitos carregamentos de páo-brasil. Filippe 2.^o, querendo privar este commercio, e ao mesmo tempo domar a Tribu *Pitiguaré*, que constantemente incommodava o nascente estabelecimento da Parahyba, ordenou ao Governador Geral do Brasil, D. Francisco de Souza, que fizesse expedir uma força para o Rio Grande, que ao mesmo tempo impedisse o commercio dos Francezes, e domasse os Indios. D. Francisco, nomeando para commandar esta importante expedição a Mascarenhas, Governador de Pernambuco, ordenou tambem que elle a organisasse de Pernambucanos, e que á sua frente marchasse. Em consequencia, depois de ter apromptado, com a brevidade que o negocio exigia, trezentos homens de guerra, Mascarenhas, entregando o Governo de Pernambuco (segundo a ordem do Governador Geral de 2 de Maio de 1599) ao Bispo do Brasil D. Antonio Barreiros, que estava em Olinda de visita, e ao Vereador mais Velho da Camara da mesma Olinda Duarte de Sá, embarcou com a sua expedição, e seguiu para o Rio Grande do Norte, levando em sua companhia, na qualidade de engenheiro, um Jesuita, e por interprete da lingua dos Indigenas, um Franciscano. Com feliz viagem chegou Mascarenhas, e investio a embocadura do Rio Grande. Apenas foi visto, os Indios intentaram prohibir o desembarque, mas cortados pelo ferro Pernambucano em breve cederam o campo. Mascarenhas tomando posse do porto edificou um Fortim de madeira, proximo ao terreno em que hoje está collocada a Fortaleza dos Reis, e entregando o commando deste Fortim ao intrepido Pernambucano Jeronimo de Albuquerque Maranhão, (*) fez alliança com *Sorobabé*, Chefe dos Indios Aborige-

(*) Jeronimo de Albuquerque Maranhão he aquelle 3.^o filho de Jeronimo de Albuquerque, e de D. Maria do Espirito Santo Arco-Verde, de quem fallo nestas Memorias a pag. 129. Tomou o sobrenome de Maranhão, depois dos serviços que immortalisaram seu nome nesta parte do Brasil, por Mercê de Felippe, o Prudente.

nes, depois que Jeronimo em muitos encontros os bateu, e finalmente lançou os primeiros fundamentos da Cidade do Natal, assim denominada, porque seu fundador entregou ao chão a primeira pedra no dia 25 de Dezembro de 1599.

Batida e afugentada a Tribu *Pitiquaré*, feita a alliança com a dos *Aboregines*, lançados os primeiros fundamentos da Cidade do Natal, entregou Mascarenhas o novo estabelecimento a Jeronimo de Albuquerque, e retirou-se para Pernambuco, deixando a maior parte dos Pernambucanos, que foram sob suas ordens, para povoarem o Rio Grande. Chegando a Pernambuco em 1602, continuou a governar, até 1610, anno no qual foi substituido por Alexandre de Moura. Este governou até 1613, porque o Governador Geral do Brasil, Gaspar de Souza, veio residir em Pernambuco, afim de organizar a Expedição destinada para a conquista do Maranhão, o que chegou a concluir em 1614, retirando-se então para a Bahia no principio de 1615, e deixando o Governo de Pernambuco entregue a Vasco de Souza Anno e Pacheco, sob cuja administração fundaram os Benedictinos o seu Convento em 1616. A este Pacheco substituiu João Paes Barreto, ultimo Governador que governou Pernambuco, por nomeação do 3.^o Donatario Jorge de Albuquerque Coelho.

Nestes dezaseis annos nada se offerece tão notavel, como a conquista do Maranhão, na qual os Pernambucanos, assim como tiveram todos os incommodos e despezas, tambem lhes coube toda a gloria: demorar-me-hei todavia nella só tanto quanto permite o plano destas Memorias, não deixando de commemorar os primeiros fundamentos da Provincia do Ceará, e da do Pará, que igualmente se devem aos Pernambucanos.

Tendo El-Rei D. João 3.^o doado o espaço de costa, que se estende desde o Maranhão até o Rio Grande ao Historiador João de Barros, este homem, que tantos serviços prestou á sua Nação, associou-se com os Cavalleiros Fernando Alvares, e Ayres da Cunha, afim de juntos poderem fazer as despezas, que demandava um estabelecimento tão extenço. Com effeito estes Fidalgos apromptaram uma Esquadra, e entregando o commando d'ella a Ayres da Cunha, sahio este do Tejo em

1535 com novecentos homens em dez navios de guerra; mas infelizmente esta famosa Expedição, na qual vinham dous filhos do Donatario, naufragou toda nos baixos do Maranhão, escapando apenas alguma gente que se recolheu a ilha do *Médo*, (que fica na entrada do Maranhão) donde voltou para Portugal no primeiro navio que lhe appareceu. Em consequencia d'este naufragio, resignou Barros a Doação, e El-Rei doou o mesmo espaço de terreno a Luiz de Mello, dando-lhe tambem para o conquistar cinco navios de guerra; mas este segundo Donatario foi quasi tão desgraçado como o primeiro, porque a sua Esquadra se perdeu nos mesmos baixos, salvando-se apenas uma embarcação em que voltou para Lisboa.

Por estes contratemplos, desanimados os emprehedores, conservou-se a ilha do Maranhão inculta até 1594, quando o Francez Mr. *Rifault*, com uma Esquadra de tres navios, apoderou-se dessa ilha, construiu fortificações, e, deixando-as guarnecidas sob as ordens de *Carlos de Vaux*, voltou para França. Esta debil Colonia Franceza, conseguindo a amizade dos Tupinambás, retirados de Pernambuco, (*) assim mesmo

(*) Os Francezes para conseguirem a amizade dos Tupinambás, e indespol-os ainda mais contra os Portuguezes, não perdiam occasião de se fazerem afaveis, aprovando até as estravagancias destes selvagens. Diziam-lhes os Missionarios Francezes, quando elles amargamente se queixavam de que os Portuguezes desapprovassem os seus usos.-- « Vós gostais de furar os vossos
« beijos, furai-os quanto quizerdes : si tambem gostaes de pintar
« o rosto, e todo o resto do corpo trazer-vos-hemos de França
« tintas de cores mais bellas, vivas, e variadas do que aquellas de
« que usais, emfim nós somos vossos protectores, respeitaremos
« vossos usos, e descançai que sob nossa protecção vós estais
« acuberto do barbaro jugo Portuguez: » A' um destes discursos, pronunciado por De Veaux na Assembléa dos Chefes da Tribu, *Montborre-Ouaiassú*, velho Tupinambá deu uma resposta memoravel, e digna das paginas da historia.

« Eu vi (disse Montborre-Ouaiassú) a primeira entrada dos
« Portuguezes em Pernambuco : elles principiaram como vós outros,
« não tratando senão de commerciar com nosco. Davam-nos foices,
« facas, machados, e outras mercadorias da Europa, e todos os
« estabelecimentos por elles formados não nos causavam temor.
« Tomaram o pretexto da sua segurança, e disseram-nos que era-lhes
« preciso construir Fortalezas para se aguardarem, e edificar
« Cidades, a fim de se unirem com nosco em uma só fa-

conservou-se estacionaria, e só augmentou de alguma sorte, quando foi reforçada em 1612 por Mr. *Ravardiere*, que n'esse anno fundou o Forte de S. Luiz em honra de Luiz 13 Rei de França ! Tal era o medo que os Portuguezes tomaram dos baixos do Maranhão, que por tantos annos alli estiveram os Francezes incolomes! Estava porém reservada aos Pernambucanos a gloria de vencer os perigos da barra, expulsar os dominadores intrusos, e domar os Indios, com quem se tinham alliado.

Martim Soares Moreno, Official de Pernambuco, que acahava de prestar relevantes serviços na serra de *Ibiapava*, havia n'esta expedição conduzido-se tão bem com os Tapuyas, que *Jacuana*, o principal Chefe d'estes Selvagens, o chamava seu filho. O merito e talento d'este Pernambucano eram tão geralmente reconhecidos, que o Governador Geral, apenas chegou a Pernambuco, o nomeou logo Capitão Mor do Ceará.

Com o seu novo Titulo, e quasi sem sequito partio Moreno para fundar este novo estabelecimento, certo de que alguns soccorros deviam segui-lo; mas elle contava mais com os Tapuias, do que com os Soldados que lhe prometteram. Com effeito *Jacuana* recebeu-o com transporte, forneceu-lhe trabalhadores, e ajudou-o elle mesmo a construir um Fortim, e uma Igreja sob a Invocação de Nossa Senhora do Amparo. Moreno augmentou bem depreça os seus meios e a sua reputação militar pela tomada de um navio Hollandez, do qual se apoderou, com um Corpo de Tapuias embarcados em canoas,

« milia Durante este tempo tratavam livremente com nossas fi-
 « lhas, o que nós reputavamos grande honra. Depois deram-nos
 « a entender que Deus reprovava o cazarem com ellas, senão
 « abraçasse-mos o Christianismo, e que para o conseguir deveria-
 « mos derigir-nos aos Sacerdotes. Vieram estes, arvoraram Cru-
 « zes, instruíram alguns de nós, e os baptizaram. Tentaram de-
 « pois persuadir-nos que lhes eram indispensaveis escravos, tan-
 « to para cultivarem a terra, como para o trabalho das Cidades,
 « e não contentes de reduzirem á escravidão os prisioneiros de
 « guerra, quizeram alem disso os nossos filhos, e finalmente con-
 « cluíram subjugando a nossa Nação com tanta tirania, que a
 « maior parte daquelles dos nossos, que ficaram em plena liber-
 « dade, foram obrigados a fugirem da Patria, para se subtrahirem
 « á escravidão! Vós. ó Europeos, sois todos o mesmo!

estão bem disciplinados, que os Holandezes se persuadiram que eram accommettido por Europeus. Os auxilios que se prometteram não foram remettidos; comtudo o estabelecimento prosperou, e Moreno pôde immortalisar seu nome, lançando os primeiros fundamentos do Ceará em 1613, attrahindo para alli algumas familias de Pernambucanos, para o povoarem. Concluidos estes arranjos, Moreno entregou o novo estabelecimento, ou Presidio do Ceará, ao seu immediato Estevam de Campos, e voltou para Pernambuco, a fim de acompanhar seu digno companheiro Jeronimo d'Albuquerque na importante conquista do Maranhão.

Em quanto Moreno lançava os primeiros fundamentos do Ceará, apromptava em Pernambuco o Governador Geral do Brasil a Expedição que devia conquistar o Maranhão, e expulsar d'elle os Francezes. Com effeito estando tudo prompto, e nomeado para a commandar o Fidalgo Jeronimo d'Albuquerque, deu este a vela em 1614 com tres navios, mas sómente com cem homens de guerra, levando em sua companhia Martim Soares Moreno, fundador do Ceará. Seguiu Albuquerque pela costa, e avançou pela corrente denominada *Buraco das Tartarugas*, que desagoa na enseada de Jericoacára em Ceará. Na foz d'esta enseada construiu Albuquerque uma Fortaleza, denominando-a Nossa Senhora do Rosario, e depois despachou Moreno em uma das embarcações para reconhecer a ilha do Maranhão. Tendo esperado em vão por Moreno, voltou Jeronimo d'Albuquerque por terra para Pernambuco, deixando quarenta homens de gurnição no Forte que construira.

Por este tempo solicitava na Europa a recompensa dos seus longos serviços Diogo de Campos Moreno, Sargento Mor do Brasil, e parente proximo de Martim Soares. Este Diogo obteve como grande graça o ter parte na conquista do Maranhão, para a qual se lhe prometteu 400 homens, mas só lhe deram cem, com os quaes chegou a Pernambuco em Maio de 1614, justamente quando o Governador Geral estava para isto organisando uma segunda Expedição, que devia marchar debaixo das ordens do mesmo Jeronimo d'Albuquerque, que fundara o Forte de Nossa Senhora do Rosario. Os 40 Per-

nambucanos que ficaram n'este Forte viram-se reduzidos á maior penuria, por falta de viveres, e pelos repetidos assaltos dos Indios, e infallivelmente succumbiriam, senão lhes chegasse o reforço de mais trezentos Pernambucanos: nunca auxilio algum veio tanto a tempo.

Tres dias depois da sua chegada, *Mr. De-Pratz* commandante de um navio Francez, que trazia a seu bordo trezentos homens, destinados para auxiliar os Francezes do Maranhão, sabendo em caminho do estado miseravel a que estava reduzida a guarnição do Forte *N. S. do Roario*, deixando a sua derrota, desembarcou a toda a preça, e dando grandes gritos como applaudindo a victoria antes do combate, avançou a tomar o Forte; mas os Pernambucanos que estavam emboscados, de repente apparecem em grande numero, e constringem os Francezes a retirarem-se acceleradamente, e a recolherem-se ao seu navio com bastante perda.

Entretando já era passado mais de um anno, e não se sabia ainda nova alguma de *Martim Soares Moreno*, que tinha ido reconhecer a ilha do Maranhão. O mesmo Governador Geral não tinha certeza de que os Francezes ahi tivessem estabelecimentos permanentes; o que apenas se sabia era que elles commerciam com os Indigenas. *Moreno* depois de ter descoberto a colonia Franceza, examinou as suas forças, mas experimentou na volta ventos tão fortes, que fazendo-o desarvorar, o arrojavam para os mares de Hespanha, onde aportou, e deu circunstanciada parte ao Gabinete Hespanhol do estado do Maranhão.

Segundo a relação de *Moreno*, mandou a Corte de Madrid ao Governador Geral do Brasil ordem expressa para expulsar os Francezes do Maranhão, e fazer a conquista d'esta ilha. Desde então a Expedição que se organisava em Pernambuco, adquerio um consideravel gráo de importancia; mas os preparativos tinham sido por muitas vezes contrariados. *Jeronimo d'Albuquerque*, e *Diógo de Campos Moreno*, depois de terem levantado um Corpo de Indios em a Parahyba, buscaram em vão transportes para conduzirem as tropas em um numero de quinhentos homens. Alem disso os serviços, e experiencia de *Diogo*, justificavam a sua repugnancia em estar

sob o commando de Jeronimo d'Albuquerque; de maneira que o Governador para accommodal-o nomeou-o Commandante collateral, titulo vão, que não lhe dava jurisdicção, mas que todavia o satisfez.

Finalmente o Governador Geral ordenou a partida do Expedição, mas receiando que Jeronimo d'Albuquerque não se estendesse excessivamente, limitou-lhe as operações entre o rio Titoya, e a ilha de Pereá, com ordem de fortificar-se dentro destes limites, donde não devia avançar sem novas ordens. Esta Expedição marchava sob os melhores auspícios: o Governo do Brasil, e mesmo a Metropoli haviam desenvolvido uma actividade não ordinaria, os Officiaes principalmente patentearam um desinteresse, e zelo memoraveis. Jorge Fragozo d'Albuquerque, sobrinho do Commandante em Chefe, sendo Capitão marchou com o soldo de simples Soldado, e este exemplo foi imitado por todos os outros Officiaes. Os voluntarios formaram um corpo separado, e o resto das tropas foi dividido em quatro companhias de sessenta homens cada uma. Deram a vela, e no terceiro dia de viagem alcançaram o Rio Grande, onde entraram felizmente, apesar dos perigos da barra.

Ahi fizeram os Commandantes resenha das forças disponiveis, e acharam em dous navios, uma caravella, e cinco caravelões, trezentos homens de tropas regulares, duzentos e trinta e quatro Indios alliados, debaixo das ordens de doze de seus Chefes, trazendo estes Indios comsigo suas mulheres, e filhos em numero de trezentos. Depois d'esta revista a Expedição levantou ancoras, e em dous dias chegou a bahia de Iguapé. Ahi desembarcou Jeronimo d'Albuquerque com os Indios, mas depois de dous dias de marcha tornou a ajuntar-se com a Frota no lugar denominado Nossa Senhora do Amparo, d'onde avisou ao Forte das Tartarugas a sua proxima chegada. A' mais de um anno que o Capitão do Presidio do Ceará esperava a Expedição, e apenas esta chegou unio-se a ella com as melhores tropas, que tinha sob seu commando, substituindo-as no Presidio pelos Soldados que tinham dado a entender, que desejavam ardentemente achar

ocasião, que os dispensasse de tornarem a estar amontoados nos navios.

O Chefe Indio Camarão, chegou tambem vindo do Rio Grande, e tendo passado no caminho grandes incommodos, serviram-lhe estes de pretexto para ficar com seu irmão Jacuanha, amigo intimo de Martim Soares, e apezar das instancias d'este ultimo, não auxiliou a Expedição senão com vinte Indios, debaixo das ordens de seu filho, soccorro este que não suppria toda a falta que faziam quarenta desertores, que no seu territorio se haviam refugiado.

Nossa Senhora do Amparo era máo sitio para repouso, não só porque a vizinhança das Aldeas dos Indios prejudicava a disciplina; mas tambem porque o clima era pessimo, o uma multidão de ratos devorava até os cabos dos navios. Diogo de Campos seguiu em consequencia para a bahia de Perna-merim, tres grãos ao Sul da linha, onde esperou o Commandante em Chefe. A sua chegada ajuntaram-se-lhe de novo os Indios auxiliares, e a Expedição montando o parcel de Jericoacoára, molhou ancoras no Presidio das Tartarugas. Era tambem este nm máo sitio, apezar de ser frequentado pelos Francezes; porém examinando Jeronimo d'Albuquerque as margens do Rio Camussi, ás quaes quiz dar preferencia, achou a terra pobre, e a entrada difficil: de maneirã que asentaram ser mais conveniente demorarem-se em Tartarugas.

Antes de avangarem d'este sitio, quiz Jeronimo assegurar-se da boa vontade dos Tapuias (*) da serra de Ibiapaba,

(*) Os Tapuias de Ibiapaba não matavam os seus presoneiros de guerra, e todo o inimigo que conseguia abrigar-se em alguma de suas cabanas era salvo. Jamais Tapuia algum violou este santuario de benevola hospitalidade, por maior que fosse a sua colera, por mais justo que fosse o seu resentimento. A outros muitos respeitoes differiam estes Selvagens dos outros povos do Brasil. Os seus Chefes, que exerciam o officio de Curandeiros, pretendiam curar as molestias com fricções de fumo de tabaco. Quando alguma rapariga chegava ao estado de casar, e não tinha noivo, a mãe, traçando-lhe sobre os olhos uma riscã vermelha, (signal da sua puberdade) a conduzia ao Chefe mais vezinho, para que despozesse d'ella segundo o seu gosto. Os Tapuias usavam de sendalhas de cortiça de uruguá, e ambos os sexos ornavam os braços, e as pernas com braceletes feitos de caroços de *aguay*. Tres qualidades de istrumentos compunhão

com os quaes tinha aberto communicações amigaveis , assim como com os *Turamambezes* de Titoia , que Martim Soares Moreno conciliara , quando viera explorar a ilha do Maranhão. Pouco se esperava da sua alliança , porém a sua inimidade seria fatal no caso de que o Exercito marchasse por terra. O potente Chefe dos Turamambezes chamado *Juripariquassu* (Grande Diabo) foi convidado. Esperava Jeronimo d'Albuquerque obter soccorros, persuadindo-o que a Expe-

toda a sua musica ; uns feitos de ossos humanos , outros das armas dos bois, e outros de cannas.

Estes Selvagens festejavam a elevação das constelações com canticos , e dansas , porque as reputavam Divindades. Mudavam de vivenda. com mais frequencia do que nenhuma outra Tribu do Brasil. Na vespera da partida ajuntava o Chefe os advinhos para consultar e decedir , que direcção deviam tomar , e onde convinha fixar a nova residencia. Antes de marchar toda a multidão se banhava , esfregava-se com arêa fina , e tornava-se a banhar , e cada Tapuia raspava o corpo com os agudos dentes de um pequeno peixe , até verter sangue , acreditando elles que com isto preveniam a fadiga , e a remedeavam.

Logo que se aproximavam ao sitio designado para a nova habitação, uma parte dos mancebos, cortava ramos, e fazia Cabanas, outra ia caçar. e a outra empregava-se na pesca, e na cresta do mel de Abelha. A mulher mais idosa de cada familia , colhia fructos das arvores , e raizes , e a mais moça preparava o sustento. Os mesmos advinhos eram os que apontavam a direcção , que os caçadores deviam tomar , acompanhando a estes os mais destros na arte de decifrar inigmas. Apenas avistavam a caça cercavam o lugar que a abrigava, e si o animal escapava as flexas , o que era quasi impossivel, caens industriados a alcançavam infalivelmente.

Finda a caça traziam para as novas habitações todo o resultado d'ella , dansando e cantando pelo caminho. Os que tinham ficado sahiam ao encontro dos caçadores com as mesmas demonstrações de alegria. A caça era immediatamente mettida em uma cova , ou especie de forno , guarnecido por dentro com folhas , ao qual depois de coberto com terra e folhas , tocavam fogo até assar as viandas. Preparado assim o banquete o estendiam em folhas , e o devoravam , servindo-lhe o chão de mesa. Em quanto havia mantimentos elles não cessavam de comer , porque o seu appetite dura em quanto ha viveres.

Passavam esse dia em regosijos. Os mancebos cantavam , e as raparigas dansavam , e entoavam cantigas cada uma atraz d'aquelle que mais amava. Seguia-se uma luta , para a qual escolhiam os troncos de duas arvores novas de comprimento , e grossura iguaes. Dividiam-se então em duas tropas : um dos lutadores de cada uma d'ellas tomava um dos troncos , e o lançava tão longe , quanto lh'o permittiam as suas forças. Tomava-o depois outro lutador , e o partido que triumphava era aquelle , que

dição era também a seu favor, e que protegia os seus interesses; porém os Soldados, que o conheciam a fundo, asseguraram que semelhantes esperanças eram vans, e que o *Grande Diabo* escolhera o nome que bem lhe quadrava.

Não havia ainda muito tempo, que elle conseguira dous Portuguezes armados para o defenderem de alguns Tapuias, e isto por continuas, e apertadas instancias; mas logo que ganhou a victoria com o seu auxilio, e que comeu os prisioneiros, quiz igualmente devorar os Europeos, e tel-o-lia feito, si as supplicas de sua mulher lhes não salvassem as vidas. Quando Jeronimo teve noticia d'este facto antevio uma resposta negativa. Com effeito, dous Embaixadores do Grande Diabo lhe vieram significar, que uma molestia contagiosa dessolava o seu povo; porém que logo que esta cessasse viria dispôr-se debaixo dos seus Estandartes. Dissimulou Jeronimo, e fingio receber a desculpa, despedindo os dous Selvagens com presentes.

chegava assim primeiro ao lugar, onde deviam estabelecer a venda permanente.

Este tronco então era collocado na Cabana do Chefe, para servir na futura retirada. As mulheres eram encarregadas dos trabalhos da agricultura, no que também differiam do resto dos Indios do Brasil. Os Tapuias tinham uma vida mui longa, e seus filhos começando a andar mui cedo, aprendiam a nadar quasi ao mesmo tempo. Aos machos desde a mais tenra infancia furavam as orelhas, e rachavam o beijo inferior, para formar uma boca suplementar. Esta dolorosa operação fazia-se perante todo o povo; e os meninos para este fim eram conduzidos como para uma cerimonia Religiosa. Um Advinho ligava os pés, e as mãos do paciente, e outro fazia a incisão com um instrumento de pão, entretanto a mãe derramava copiosas lagrimas.

Alguns historiadores julgaram os Tapuias da serra da Ibiapava, como a mais imprudente, e temeraria de todas as Tribus do Brasil: comtudo a vantagem de sua sítiação no meio d'essas montanhas, não lhes era estranha; por quanto em lugar de emigrarem para as campinas em busca de maior numero de caça, cultivavam nos seus valles a mandioca, e alguns legumes, com o que se preservavam da fome.

Os seus Pagés sustentavam que um dia o mundo tomaria novo ponto, e que os Tapuias seriam senhores dos homens brancos. Igualmente contra o Christianismo teceram elles uma objecção engenhosa. A encarnação, *diziam elles*, não deve somente aproveitar aos homens brancos; quando aprouver a Deos o resgate dos Indios, encarnará no ventre de uma India Virgem, e então receberemos com gosto o Raptismo.

Mais fraco, do que antes se presumira, tornou-se o pequeno Exército expedicionario com a falta d'este soccorro. Era igualmente provavel, que os Indios dos contornos do Maranhão estivessem ligados com os Francezes, e por isso penetrando o paiz, soccorro algum se podia esperar, ao mesmo passo que uma retirada expunha a reputação das armas Pernambucanas, e os novos estabelecimentos.

Chamou Jeronimo d'Albuquerque os Officiaes a conselho, e a resolução unanime foi de se tomar pösse do rio Tytoya, primeiro lugar marcado nas instrucções do Governador Geral, e de se fortificar este ponto; mas não havia Piloto que conhecesse a entrada. N'esta circumstancia Sebastião Martim, que disse haver já reconhecido o porto, offereceu-se para guiar a Esquadra a ilha de Pereá, igualmente apontada nas instrucções; porém Sebastião errou o rumo, e este erro teria occasionado a destruição da Frota, si o vento augmentasse, como se receiava.

Todavia continuaram, já com as velas rotas, e em breve espaço se viram dentro de um labyrintho de escolhos, sem se poderem desviar, pois que os navios estavam muito carregados para resistirem a um mar agitado; felizmente o vento tornou-se favoravel, e a Frota, durante a noite, elcançou o canal, e adiantando-se com segurança, postoque tocando a cada momento nos bancos de arêa, lançou enfim ancoras a tres legoas da ilha.

Os dous Commandantes tomaram immediatamente terra com uma parte das suas tropas, para no caso de opposição protegerem o desembarque; e lgo tomarão pösse do paiz em nome do Rei de Hespanha, com as formalidades costumadas. Entretanto que Francisco de Farias, commandante d'Artilharia, escolhia uma posição favoravel para levantar um Fortim. Muitas para isso seriam apropriadas, se não lhes faltasse agoa: propozeram portanto que se abrissem poços; mas os Soldados que tinham estado em Nossa Senhora do Rosario, attribuiam ao uso d'agoa de poços as doenças que n'esta Fortaleza os tinham atacado. A exposição que elles fizeram de quanto soffreram, horrorisou de tal sorte seus camaradas, que a ilha de Pereá se lhes tornou odiosa; contemplaram-na

como um lugar mortifero, e dando aos seus receios o caracter de bravura, soltaram gritos sediciosos, e pediram que sem demora os guiassem ao inimigo; porque, diziam elles, não tememos a morte combatendo, mas não a podemos encarar a sangue frio, e inutilmente na cede, ou no veneno dos reptiz.

O Alferes Sebastião Pereira era o cabeça dos revoltosos, animado talvez pela idéa de que Jeronimo d'Albuquerque se inclinava a encobrir o ataque do Maranhão, e que gostaria de um pretextos, que o fizesse avançar, sem ser obrigado a par a conhecer os seus designios.

Albuquerque persuadindo-se que facilmente arredaria os Tupinambás do partido dos Francezes, não ordenou obra alguma, que o abrigasse dos ataques a que a proximidade do inimigo o expunha; mas o seu Collega, Soldado experiente e acautellado, não cessava de instar, para que se concluissenn os intrincheiramentos que estavam delineados. Porém (dizia Albuquerque) « tudo que referem dos Francezes são puras fabulas, inventadas pelos Tapuias, afim de illudirem Martim « Soares, e mesmo quando na ilha hajam alguns Francezes « são tão poucos, que não se atrevem a sahir a campo. « Como se pôde acreditar que Soldados experimentados, « tivessem deixado aberto um porto de tal importancia como « este, estando tão junto d'elle, si tivessem forças bastantes « para o guarnece-lo? Estou portanto resolvido a marchar « em direitura ao Maranhão; he este o grande alvo do « Governador Geral, e da Corte de Madrid, e si a na- « vegação for impraticavel para os navios maiores, irei nas « caravellas. »

Esta linguagem surpreendeu a Diogo Soares, que considerava uma temeridade inutil a repentina aggressão do Maranhão. Segundo a oppinião d'este Cabo do Exercito, não convinha que a Expedição abandonasse a situação em que estava, que lhe franqueava o livre accesso da ilha, e que portanto para a sustentar cumpria fortifiical-a a todo o custo. « Não se deve perder de vista (acrescentava o Comandante Collateral) « que o navio inimigo, que tentou tomar o Forte das Tarla- « rugas, está fundeado perto dos estabelecimentos Francezes»

« com outros muitos navios de guerra. Não estando a nossa
 « armada preparada não se pôde (sem grande temeridade)
 « medir com a dos Francezes. He portanto prudente fortifi-
 « car-mo-nos onde estamos, e dar parte do nosso estado,
 « tanto à Corte de Hespanha, como ao Governador Geral. Ain-
 « da mesmo que os Francezes sejam superiores em numero,
 « não poderãõ impedir-nos que recebamos reforços de
 « todos os lados si entretanto conservarmos este posto Em-
 « quanto aos *Tupinambás*, devemos crer que cada vez ficarão
 « mais indispostos contra nós, e fugirão de conosco tratarem
 « alliança, logo que as relações amigaveis que contrahimos
 « com os *Turamambezes*, seus mortaes inimigos, chegarem
 « á sua noticia. »

Não foram absolutamente inuteis estas reflexões, Jeronimo d'Albuquerque mandou em um batel de seis remos a Belchior Rangel, nascido no Rio de Janeiro (joven emprehendedor, e mui versado em diversas lingoas dos Indios) reconhecer a ilha do Maranhão, examinar a barra, e fazer alguns presioneiros si podesse. No dia immediato procurou Albuquerque pessoalmente um terreno conveniente para se acampar ; mas quatro dias se passaram em frivolas delongas, sem que se começasse um só intrincheiramento.

Inquietado algum cousa pela longa ausencia de Rangel mandou o General em Chefe procurar Diogo a sua barraca, e participando-lhe os seus temores, concluiu que se deveria prover a segnrauça da Expedição. O Commandante adjuncto, suppondo que Albuquerque d'esta vez não mudaria de opinião partio ao declinar do Sol com o Chefe Engenheiro para examinar uma posição vezinha da barra. Achou uma favoravel perto de um lago d'agoa doce, e já estavam dadas as ordens para principiar as obras, quando se divisou uma pequena luz a entrada da barra : era o batel de Rangel.

Segundo a relação d'este Official, havia elle explorado todas as paragens perto do Maranhão, sem que descubrisse navios Francezes, nem Europeo algum d'esta Nacão, e tinha reconhecido sobre a costa em frente da ilha um excelente ancoradouro, denominado *Quaxemduba*, situado felizmente tanto para acampamento do Exercito, como para fazer subsis-

tir as tropas, pois que era regado por um rio, que tornava o lugar próprio para toda a qualidade de cultura. O transitio para elle lhe parecia abrigado dos Francezes, visto que a viagem se fazia por entre uma imensidade de ilhas, que encobiram a passagem das tropas.

Entretanto que Rangel dava relação da sua viagem ao General em Chefe, os Soldados igualmente de tudo sabiam pela boca dos remeiros, que tinham ido com este Official: então renovaram os seus clamores sobre o projecto de intrincheirarem-se onde estavam. Albuquerque porem, sem dar ouvidos a estes clamores, depois de dous dias de irresolução, ordenou o embarque, e fez-se a vela para Quaxenduba, apezar de todas as representações do Commandante adjunto. Quatro dias foram bastantes para concluir esta viagem difficil, na qual os navios a cada passo tocavam a costa, e navegavam por entre mil difficuldades. Ganham finalmente Quaxenduba, mostrando os navios tal aparato nas Famulas e Bandeiras, que aprecebidos do Maranhão infundem terror nos Francezes, que guarneciam o Forte de S. Luiz.

Os Pernambucanos desembarcam sem opposição, e immediatamente se intrincheiram; e tirando sortes, em quanto se celebrava o Santo Sacrificio da Missa, para se saber qual devia ser a invocação do Forte, que alli deviam construir sahe o bilhete com o Nome — *Natividade de Nossa Senhora*. No mesmo dia começam o Forte que devia ter este nome, que a sorte determinou, sob tão sagrados auspicios.

No outro dia veio um Chefe *Tupinambá*, acompanhado por alguns dos seus, ao Campo dos Pernambucanos, queixar-se amargamente do tratamento que dos Francezes recebera, dando conta das suas forças, e offerecendo a Jerônimo d'Albuquerque o trazer-lhe algumas Tribus do Maranhão. Todavia as informações d'este Chefe não combinavam com as que os seus companheiros (separadamente inquiridos) davam; porém Jeronimo, que prestava credito a tudo quanto lisongeava suas idéas, e arredava de si todo aquelle que lh'as contrariava, acolheu o Selvagem, e, convencido da veracidade das suas palavras, enviou com elle cinco dos seus mais fieis auxiliares, como espiões; retendo em refens dous Tupinam-

hás, que diziam ser filhos de outro Chefe : tanto este General estava persuadido, que, contentando os Selvagens, ganharia o Maranhão, sem disparar um tiro !

Entretanto as fortificações continuavam com ardor, de maneira que em poucos dias monta ram artilharia, e deram principio as obras exteriores. Em quanto porém o Exercito se intrincheirava, algumas mulheres e filhos dos Indios nossos alliados se expozeram sahindo do Campo; e ainda que se apartassem pequena distancia, com tudo desembarcou uma partida dos Selvagens da ilha, e matou , e apresionou algumas Indias: um Tapuia defendeu-se valorosamente, porém foi morto. Derramouse immediatamente o terror pelo Campo, e os Tupinambás, sendo logo perseguidos, retiraram-se apreçadamente com os seus prisioneiros. Entre estes ultimos foram a mulher, e a filha de *Mandicapuá*, um dos Chefes dos Indios nossos auxiliares. Este Chefe, no cumulo da desesperação, combateu tão corajosamente para livrar as duas pessoas que lhe eram charas, que tomou todos os prisioneiros, e apoderou-se de uma canoa commandada por um Chefe Tupinambá. Este Indio a quem a mulher, e a filha de *Mandicapuá* deviam a vida, foi igualmente salvo, e tão favoravelmente tratado, que deliberou-se a revelar tudo o que sabia das forças, e poder dos Francezes, e das suas medidas quer offensivas, quer defensivas. « Os teus inimigos (disse elle a Jeronimo d'Albuquerque) occupam todas as passagens por terra, e por mar, com o fim de cortar-te a retirada. Os Tapuias, e os outros dos teus alliados, que enviaste como espiões, para observarem os seus movimentos, estão em ferros no Forte de S. Luiz, depois de os terem posto em tormentos, por meio dos quaes lhes extorquiram uma completa confissão de teus projectos, e das tuas forças. Amanhã verás duas embarcações Francezas reconhecer tuas linhas, que determinaram atacar, e por este reconhecimento te convencerás da verdade do que te estou dizendo. »

Nada porém era capaz de apagar na imaginação de Jeronimo de Albuquerque as suas illusões. Estava ainda persuadido de que os *Tupinambás* passariam para o seu campo: « si elles ainda não se declararam a meu favor, dizia Albuquer-

« que, he sómente porque o inimigo tem tomado a precau-
« ção de fechar todas às passagens, » Ao romper do dia ap-
pareceram com effeito os navios de guerra Francezes, como
no dia precedente affirmou o presioneiro, e um dos Fortes ini-
migos, denominado *S. José*, situado em *Itapary*, sobre a mar-
gem opposta, desparou dous tiros de artilharia em signal de
guerra. Os Pernambucanos responderam-lhe com uma des-
carga geral, e arvoraram no mesmo momento os seus Pavi-
lhões.

Na maré da tarde aproximou-se uma das embarcações
Francezes, commandada por Mr. De Pratz (Fidalgo da Cama-
ra do Rei de França, e Official distincto) para reconhecer
a posição do Exercito. Jeronimo d'Albuquerque fel-a atacar;
porém como essa embarcação demandava pouca agoa, os
Francezes se pozeram acoberto dos nossos tiros, pairando
entre os bancos de aréa, onde não podiam ser perseguidos.
Ao amanhecer do dia seguinte, descobrio-se arvorada em
um mastro, collocado no banco de aréa existente no meio
do canal de Quaxemduba, uma bandeira parlamentaria.
Suppondo Albuquerque ser ella pertencente aos Indios dailha,
mandou Rangel em uma jangada, caso não podesse ir em
sua chalupa, afim de guial-os na entrada da barra. Já Rangel,
e os seus Soldados seguiam na jangada, quando a equipagem
recusou abordar, julgando serem Francezes, desfarçados
entre os Indios, que os queriam receber. Com effeito uma
descarga de mosquetaria tirou toda a duvida; e si a chalupa
não fosse logo em soccorro da jangada a força de remos,
cahiria a partida na mão dos inimigos. Mui indignado ficou
Albuquerque com este artificio dos Francezes, pela infrac-
ção das Leis da guerra, que he de commum interesse das
Nações observarem, e imputando sómente a elles este fac-
to, improprio de uma Nação civilisada, não cessou de acre-
ditar em que os Tupinambás favoreciam secretamente os seus
projectos. Uma grande canoa cheia d'estes Insulares, tocou
a praia, e os que vinham dentro desembarcaram não muito
longe do Forte, mas sendo sorprendidos, dous d'elles salva-
ram-se a nado, atrevessando o canal, que tem duas legoas
de largo; e os outros depozeram as armas, e com uma dis-

simulação, que a fuga dos seus companheiros em nada alterára, fingiram que vinham como amigos. Este artificio illudiu ainda o General, o qual acolheu estes Selvagens com benignidade, e deixou que voltassem para a canoa. Um d'estes porém, com a esperança de tornar a ver sua mãe, que estava escrava em Pernambuco, declarou ao Capuchinho-Frei Manoel da Piedade, que a canoa tinha sido mandada para reconhecer a posição do Exército, e assegurou, além d'isso, que os Francezes atacariam na manhã do dia seguinte, quasi certos do bom exito, e sitiariam o Forte por mar, e por terra.

Apressou-se o Monge em communicar este aviso a Diogo de Campos, e este reunindo sem demora uma parte dos seus Soldados, mandou informar o General em Chefe, que elle estava em marcha para defender a Frota até derramar a ultima gota de seu sangue. Chegou Jeronimo d'Albuquerque inexperadamente, e obstou-lhe que continuasse a marchar, não querendo, como elle dizia, que as suas tropas se sacrificassem, quando deviam ser empregadas na defesa do paiz, do qual tomára posse em nome do Rei. Transportado de colera, perguntou-lhe Diogo, que conta daria ao Rei da perda da Frota, e da honra das armas Portuguezas. «Eu sou o unico responsavel pelos successos; (respondeu Albuquerque) a honra das nossas armas está firmada, e não necessita de novas provas; a honra que mais ambiciono, e que mais me lisongearia de alcançar seria vencer os Francezes.» Proferidas estas palavras, ordenou que os navios se approximassem a terra.

Desde a primeira apparição dos Pernambucanos em Quaxenduba, *La Ravardiere*, Commandante em Chefe dos Francezes do Maranhão, teria atacado Albuquerque, si a respeito de suas forças, e posição tivesse previamente obtido informações, mas como sómente as podesse obter dos cinco Tapuias, que pozéra em tormentos, e dos Tupinambás da illia, que Albuquerque imprudentemente soltára, foi então que para o ataque embarcações de diversas qualidades foram preparadas, e guarnecidas competentemente por tropas

debaixo do Commando de Mr. *Pizien*, seu lugar Tenente, de Mr. *De Pratz*, e do Cavalleiro de *Rassilly*.

A frotilha Franceza, avançou em boa ordem para atacar os nossos navios na enseada. Estavam ainda os Capitães a metter-lhes marinheiros e Soldados, em virtude das ordens do dia precedente, quando aperceberam os Francezes. Neste caso vendo que infallivelmente eram prezas do inimigo, lançam-se ao mar, e passando a nado recolhem-se ao campo, cahindo em poder dos inimigos dous dos navios maiores.

Depois d'esta vantagem, filha da imprudencia, e em que nada perdeu o credito das nossas armas, seguiram-se frequentes escaramuças por terra, e por mar. Entretando os viveres todos os dias se deminuiam, e os Indios nossos alliados não se aventuravam a procural-os em um paiz, que se declarára pelos Francezes; finalmente a fome tornou-se espantosa no nosso campo, e o grito geral dos Pernambucanos foi: « Ponhamos termo a guerra com a victoria, ou aos nossos males com a morte. »

Taes eram as disposições do Exercito Pernambucano, quando os Francezes appareceram de repente a entrada da bahia de *Quaxenduba*.

La Ravardiere em pessoa vinha atacar as linhas com sete navios, quarenta e seis canoas com quatrocentos Francezes, e quatro mil Tupinambás; e observando que os Pernambucanos estavam irregularmente acampados nas proximidades de um monte, que os dominava, mandou a metade das suas forças, que occupassem esta eminencia, cuja posse os nossos tinham despresado. Divididos em duas partidas, uma commandada por *Pizien*, e outra por *De Pratz*, os Francezes com aquelle ardor, e coragem que sempre os destingue, deixam as embarcações, e se lançam ao mar antes de abordarem, para se apoderarem logo da praia. Obstaculo algum os detem; os Tupinambás, seus alliados os seguem, levando uma faxina cada um, para entupir os fóssos, que por ventura encontrassem, ou para se guardarem da fuzilaria.

Em quanto *De Pratz* apodera-se da collina, e ahí se fortifica, *Pizien* abre trincheiras até a borda do mar, para conservar franca comunicação com a sua Frota. Vendo

Jeronimo d'Albuquerque, que estas disposições tendiam a bloqueal-o, e prival-o d'agoa, e reconhecendo por tanto, que outro meio lhe não restava, para evitar a total destruição do seu Exercito, senão uma acção geral, resolveu combater; resolução esta que foi approvada por toda a Officialidade. Dividio pois o seu pequeno Exercito em dous Corpos, contendo cada um setenta Pernambucanos, e quarenta Tapuias. Do primeiro tomou o commando, e entregou o segundo a Diogo, deixando sómente no Forte trinta invalidos. Do resto dos Indios alliados formou o Corpo de reserva, que entregou ao commando de Gregorio Fragozo.

Albuquerque dar o signal para o ataque, quando um Emissario Francez se lhe apresentou, e lhe entregou uma carta de *La Ravardiere*. Era uma longa intimação aos Pernambucanos para deporem as armas. Diogo que em Flandres combatera contra *La Ravardiere*, disse ao General, que era maxima d'este Official Francez, convencionar em quanto adiantava os preparativos, e que por isso nenhum momento de delonga devia conceder-se ao inimigo. Jeronimo, que não sabia ser irrosoluto no campo da batalha, ordenou o combate sem mais demora. Diogo era quem o devia romper, forçando as obras da borda do mar, em quanto o proprio Albuquerque batesse as do monte.

Avançou Diogo encoberto pelos bosques; mas observando que muitos dos seus Soldados marchavam com passo tardio, e com extrema repugnancia, voltou-se para elles, e em tom severo perguntou-lhes: si não eram elles aquelles mesmos, que em *Pereá* se tinham amotinado, por estarem longe do inimigo? « Juro, accrescentou Diogo, que matarei o primeiro, que com a fuga procurar salvar-se. » Esta ameaça proferida por um Official, cuja firmeza era conhecida, e que sustentava uma pistola na mão, teve o desejado effeito. Então não se vio mais temor, nem hesitação, os Soldados corridos por aquella reprehensão, que só a alguns cabia, e não a todos, avançam com o seu natural denodo, forçam os intrincheiramentos dos Francezes, e espalham o terror, e a confusão em suas filas, entretanto que Jeronimo d'Albuquerque, circula o bosque para atacar o monte.

Os Francezes, que ahi se tinham postado, não prevendo perigo algum, vieram soccorrer os seus compatriotas, que estavam sendo batidos na praia. E não vio-se Diogo entre dous fogos; porém Fragozo com os *Tapuias* do Corpo de reserva, accommetteu os Francezes pelo campo, e Albuquerque, não detendo-se, manobrou n'outra direcção, e acabou de os desordenar, cahindo inopinadamente sobr'elles. Depois de um curto, mas sanguinolento combate, foi Pizien ferido mortalmente, e então os seus Soldados, abandonando a praia, retiraram-se com os *Tupinambás* para a retaguarda das trincheiras do monte; mas os Pernambucanos atacando-os ahi mesmo, proseguiram a victoria; tomando as fortificações por assalto, e derrotando completamente os Francezes.

La Ravardiere não tinha até então feito tentativa alguma para vir soccorrer esta ametade de suas forças, tanta era a confiança que tinha no numero de suas tropas, e tal era o orgulho com que despresava o inimigo! Quando conheceu porém o perigo, e quiz remedial-o era já tarde, e até para recolher os que fugiram lhe era difficil o embarque, por quanto tendo a maré vasado, e achando-se os navios em secco, entr'elles, e a praia havia um grande espaço, cheio de lama e lodo por onde não era possivel transitar. Quiz *Ravardiere* ver se poderia fazer uma diversão, atacando o Forte, porém ainda ahi mesmo a falta d'agua, e o vivo fogo que lhe fizeram os doentes, que o tinham ficado guarnecendo, obstaram que elle se aproximasse.

O Exercito Francez compunha-se de quatro centos Francezes, e quatro mil *Tupinambás*, e o nosso de cento e quarenta Pernambucanos, e de perto de mil *Tapuias* e *Turamanbezés* auxiliares, que foram os que entraram em acção; os mais que estavam doentes, e guarnecendo o Forte não se bateram. Deixaram os Francezes sobre o campo da batalha cento e quinze mortos, inclusive Mr. *Pizien*, e perto de duzentos feridos, ficando presioneiros quasi todos os mais que tinham desembarcado. Os *Tupinambás* alliados dos Francezes, pela maior parte fugiram, deixando prisioneiros um pequeno numero, que assistio até o resto da batalha. O

nosso prejuizo não foi consideravel, e filizmente nenhum Official perdemos. De um dos prisioneiros Francezes soube Jeronimo d'Albuquerque, que seis centos, ou setecentos Indios de *Cumá* esperavam sobre a terra firme momentos, para se reunirem ás reliquias do Exercito desbaratado. Ora esta junção deu cuidado a Albuquerque, obrigando-o a preparar-se para um segundo ataque. Com effeito no dia seguinte appareceram os Indios de *Cumá* em dezasseis grandes canoas, que se dirigiam para o rio Mony; mas as margens d'este rio foram a tempo occupadas por cem fuzileiros dos nossos, o que todavia não privou, que muitos inimigos desembarcassem: comtudo esta prevenção, e a noticia da derrota que lhes deram os fugitivos, fizeram que estes Indios, mudando de designio e direcção, tornassem de novo a embarcar, e se recolhessem a *Cumá*.

La Ravardiere desafogou a raiva que o delacerava em uma carta dirigida ao General dos Pernambucanos, na qual lhe lançava em rosto ter violado o direito da guerra, retendo o seu Emissario, tolerando que os Tapuias exercessem crueldades expantosas contra os Francezes feridos, que cahiram em seu poder, e não concedendo aos mortos sepultura.

A resposta de Jeronimo foi laconica, porem energica. Depois de se ter queixado de uma aggressão não provocada, nem prevista, allegava os direitos do Rei de Hespanha, e Portugal sobre o Maranhão; lembrava-lhe a perfidia da falsa bandeira parlamentaria; sustentava que os Francezes mortos com as armas na mão tinham sido sepultados com os seus Soldados, que haviam tido a mesma sorte, e para os quaes os bosques, e as florestas eram honrosos Mausoleos, e finalmente negava que se tivesse praticado crueldade alguma com os Francezes feridos, e, oppondo a esta accusação vaga, uma imputação positiva, affirmava-lhe que os *Tupinambás* alliados dos Francezes, tinham cortado, e comido o braço de um Pernambucanos ferido no ataque das trincheiras; «mas não me admiro, continuou Albuquerque, porque sou «velho, e acostumado á muito tempo n'estes climas, ás

« vicissitudes, e às crueldades de uma guerra, que nada
 « pode ter de comparavel com as guerras da Europa. »

O Commandante Francez, achando em um dos navios que havia tomada, cartas escriptas antes da batalha, nas quaes alguns Officiaes dos nossos referiam, e até exageravam os seus perigos, e as suas miserias, remetteu essas cartas a Jeronimo d'Albuquerque, mas este tornando-lh'as a enviar, confessou que ellas continham a verdade, accrescentando na carta que lhe escreveu: « O vosso Official parlamentar o
 « poderá elle mesmo instruir-vos da nossa situação. No
 « nosso paiz, e nos nossos estabelecimentos te-lo-hiamos
 « tratado melhor; mas aqui apenas temos para viver alguns
 « grãos de farinha, e alguns pedaços de cobra. Aquelles
 « que entre nós não poderem supportar este genero de vida,
 « que se retirem: a guerra não se compõe senão de pri-
 « vações, fadigas, e calamidades. »

A correspondencia entre os dous Generaes tomou então um tom de civilidade, e politica conveniente. La Ravardiere convidou Jeronimo a abrir communicação e comprim-tou-o por que tinha o nome do grande Albuquerque, que se tinha immortalizado na India; fez retirar a sua frota, e exprimio o desejo que tinha de que Diogo de Campos, que elle conhecera nas guerras de Flandres, e que fallava perfeitamente o Idioma Francez, fosse enviado para conferenciar com elle. Em consequencia Diogo, e Gregorio Fragozo d'Albuquerque foram enviados a bordo do navio de La Ravardiere, e dous Officiaes Francezes ficaram detidos em o nosso campo como em refens.

A primeira entrevista se passou em desculpas, e reciprocos cumprimentos; depois propondo o General Francez um armisticio até o fim do anno, entretando que partiam Officiaes dos partidos belligerantes para as Cortes respectivas, a fim de se decidir o negocio definitivamente convieram os dous Generaes: — em que ficassem suspensas as hostilidades até o fim do anno; em que os Pernambecanos, e os Indios seus alliados, excepto os Officiaes Generaes. ficassem prohibidos de se adiantar a mais de dez legoas dos Fortes e postos Francezes, sem uma authorisação especial; em que

o partido que recebesse ordem de sua Corte para retirar-se, evacuariam logo a ilha do Maranhão, e o Continente dentro em tres mezes, contados da determinação final dos dous Governos; e finalmente em que se faria troca reciproca dos prisioneiros, sem restricção alguma.— La Ravardiere obrigou-se tambem a permittir a livre entrada na bahia de Quaxenduba aos auxilios que Albuquerque esperava de Pernambuco, mediante a segurança de que em nenhm caso se renovariam as hostilidades. Assignados estes Artigos, para o que Albuquerque se mostrou mui delicado, e cortez, porque votando-se no Conselho que se exegisse de La Ravardiere a Patente do Rei de França, pela qual fazia a guerra, sem o que teriam direito de o considerarem como pirata, Albuquerque em vez de fazer esta exigencia, mostrou ao General Francez as Authenticas de seu Governo, e aquelle fez logo outro tanto.

Os Pernambucanos, logo que foram assignados os Artigos da convenção, fizeram uma Procissão em acção de graças ao Todo Poderoso, e começaram a edificar uma Igreja invocada a Nossa Senhora da Agada. Entretanto La Ravardiere mandou um dos seus Cirurgiões vigiar cuidadosamente os feridos Pernambucanos, e requereu no mesmo dia, que Diogo de Campos, e o Padre Manoel da Piedade fossem apaziguar os Tupinambás, cuja fermentação ameaçava a ilha. Suppozeram estes Selvagens, que em consequencia da Convenção de Quaxenduba, seriam divididos pelas duas partes contractantes, e vendidos como escravos, assim como o barbaro Pedro Coelho havia vendido os Tapuias de Ibiapava. Esta detestavel acção não fugia da memoria dos Indios. Com effeito Diogo, e o Padre Manoel conseguiram aquietar esta pobre gente.

A convenção de Quaxenduba comtudo não passava, alem d'esses tratados ephemeros, que a necessidade impoem, a politica inspira, e a má fé illude. He verdade que de ambos os lados ao principio se tinha empregado essa apparencia de franqueza, e lealdade com que soe mascarar-se a ambição: mas da parte dos Pernambucanos si houve algum refolho, este jamais lhe póde ser notado, porque elles defendiam o proprio paiz, sobre o qual tinha adquerido direitos

a Nação Portugueza a que então pertenciam , e pelo contrario da parte dos Francezes , aggreddo elles , sem que fossem provocados , nenhum motivo honesto colóra a falta de sinceridade , que por ventura empregaram.

Finalmente pouco depois d'estes arranjos , partiram para a Europa enviados de ambos os partidos a fim de advogar cada um a sua causa , isto he , para se decidir qual dos dous devia ficar de posse do Maranhão. Por parte dos Francezes foi Mr. De Pratz , e dos Pernambucanos Jorge Fragozo d'Albuquerque.

Jeronimo d'Albuquerque contava tanto, como ums successo infallivel, com a decisão a seu favor, que recommendou ao seu Enviado , que tratasse de assegurar á todos os Francezes do Maranhão uma protecção permanente , tornando-se elles subditos do Governo Hespanól, visto o seu total conhecimento do paiz , e as estreitas relações que entretinham com os Indios. Recommendou portanto ao Enviado que fizesse todos os esforços , afim de que da exclusão decretada contra todos os colonos estrangeiros , fossem exceptuados os Francezes do Maranhão : « Si se adoptar esta medida, disse Jeronimo d'Albuquerque , permanecerão os Selvagens da ilha « submettidos , e tranquillos ; teremos menos obstaculos a « superar , para formar novos estabelecimentos, e poder-se « ha então pensar na expulsão dos Holladdezes do Cabo do « Norte , onde começam a fortificar-se.

Guiado por estas instrucções , fez-se Fragozo a vela para a Europa em um navio Francez, no qual foram tambem Mr. De Pratz , e Diogo de Campos Moreno , que se offereceu para ir a Hespanha tratar do mesmo objecto. Mas ainda que o negocio estava affecto á decisão dos Monarchas , todavia os Artigos da Convenção não foram por muito tempo guardados pelos dous Generaes ; porque pequenas infracções foram toleradas , se bem que não eram expressamente concedidas. Entretanto chegaram não só de Pernambuco, e Bahia soccorros a Jeronimo d'Albuquerque, commandados por Francisco Caldeira de Castello Branco , mas tambem alguns de Portugal. A'chegada d'estes reforços informou Albuquerque

que a La Ravardiere, que para dar execução ás novas ordens que recebera da Corte, devia elle considerar o Maranhão, como parte integrante dos dominios da Coroa Portugueza, e que achando-se desmembrada cumpria, que outra vez se unisse ao todo, e que por tanto a Convenção de Quexenduba tiuha tocado o seu termo. « Lisongeo-me todavia (contiuo Jeronimo d'Albuquerque) de poder manter entre nós as amigaveis relações, que devemos a uma mutua estima; obrigo-me tambem pessoalmente a tratar as tropas Francezas com todos os respeitos que merecem, e a fazel-as comboiar para França com toda a segurança, logo depois da evacuação da ilha, que ellas occupam.» Entrou La Ravardiere em negociação, e a final convencionou em evacuar o Maranhão, e todos os seus Fortes dentro em cinco mezes, debaixo da condição expressa de que Jeronimo lhe pagaria uma somma equivalente ao valor da Artilharia da Praça, que igualmente cederia, e que lhe forneceria, além disso, um supplemento de transportes; e posto que La Ravardiere não tivesse talvez tenção de cumprir estas condições a que se sujeitava, logo que recebesse soccorros de França; comtudo em penhor da sua palavra entregou o Forte de *Itapary*, de que os Pernambueanos tomaram posse immediatamente.

Entretanto que assim se arranjavam as cousas em Maranhão, havia Diogo de Campos chegado a Portugal, cujo Governo então estava encarregado ao Arcebispo de Gôa D. Aleixo de Menezes, com o Titulo de Vice-Rei. Este Arcebispo concedeu a Diogo com muita presteza os soccorros que solicitava, tanto que em menos de cinco mezes, contados da sua sahida de Quaxenduba, elle pôde voltar para Pernambuco com seu Sobrinho Martim Soares Moreno. Então estava aqui o Governador Geral do Brasil Gaspar de Souza, apromptando uma nova Expedição para o Maranhão. Reunidos pois a esta Expedição uma centena de Soldados, vindos de Portugal, organisou o Governador Geral um Corpo de novecentos homens. Todas estas forças, embarcadas em sete navios, e duas caravellas, foram confiadas ao commando de Alexandre de Moura, Governador de Pernambuco, onde em seu lugar, e em nome do Donatario ficou governando Vasco

de Souza Anno e Pacheco. Diogo de Campos embarcou na qualidade de Almirante.

Sabio a Esquadra do Recife em Setembro de 1615, e no dia 1.º de Outubro d'esse anno entrou no mesmo porto da ilha de Pereá, onde os Francezes tinham ancorado. Jeronimo d'Albuquerque veio a bordo da Esquadra; e sabendo que Moura era o Commandante em Chefe, e que não só vinha authorisado, mas trazia ordem, para annullar a Convenção celebrada com La Ravardiere, e concluir a conquista, submetteu-se a esta mutilação injusta, e impolitica da sua Authoridade com tanta complacencia, que nem a sua palavra, nem a sua honra soffreram desar, por se ter conformado com esta condição. Elle mesmo investio o Forte de S. Luiz, e afinal o rendeu, entregando-se-lhe os Francezes a 2 de Novembro do mesmo anno, segundo o Auto (*) de entrega que se lavrou.

Diogo de Campos tomou pösse do commando do Forte, e o General Francez no dia seguinte com mais de quatro centos de seus compatriotas, foi obrigado a embarcar para a Eu-

(*) Aos 2 dias do mez de Novembro anno de 1615 na ilha de S. Luiz, onde habitavam os Francezes, e no lugar do Quartel de S. Francisco, que chamam o Forte do Sardinha appareceu perante mim Daniel de La Tonche, senhor de La Ravardiere, e por elle foi dito em presença dos Religiosos Padres de S. Francisco, que cá estavam, e dos que em miuha companhia vieram de N. S. do Carmo, e dos da Companhia de Jesus, estando tambem presente o Almirante da Armada, e muitas pessoas nobres, que elle estava prestes para entregar o Forte, que possuia em nome de Sua Magestade Catholica ao General da Armada e conquista do Maranhão Alexandre de Moura; e de como assim o houveram por bem fizeram este Auto, em que assignaram os ditos Senhores. E eu Francisco de Farias de Mesquita o fiz por mandado do dito Senhor General. Assignados *Alexandre de Moura.* — *Daniel de la Tonche.*

N'este Auto houve engano, ou na sua redacção, ou na cópia de que se servio o autor da Hist. Eccles. Pern. donde o extrahi; por quanto La Ravardiere era Francez, e como tal tomando o Maranhão, não pösseu certamente o Forte em nome de Sua Magestade Catholica, que era o Rei de Hespanha, e tambem n'aquelle tempo de Portugal, e que tinha mandado uma Expedição para tomar o referido Forte do poder do mesino La Ravardiere. Devia portanto estar escripto em lugar de S. M. Catholica; — S. M. Christianissima, visto que este he o Titulo dos Reis de França. A não se attribuir a engano esta troca dos Titulos dos dous Monarcas, não se pôde negar que foi uma illusão mui grosseira.

ropa, deixando apenas na ilha um pequeno numero d'elles, que, por terem casado com Indias, quizeram ficar.

Livre o Maranhão de inimigos, tomaram os Missionarios Portuguezes Fr. Cosme de S. Damião, e Fr. Manoel da Piedade pòsse do Convento dos Capuchinos Francezes, e entraram no exercicio de sua importantissima missão. Alexandre de Moura, em virtude dos plenos poderes que lhe tinham sido conferidos, nomeou a Jeronimo d'Albuquerque Capitão Mor do Maranhão, e a Castello Branco, Capitão Mor dos descobridores do *Grão-Pará*. Castello Branco, recolhendo todas as informações que os Francezes tinham podido obter do Pará, deu principio aos seus descobrimentos, embarcando com duzentos Soldados Pernambucanos em tres navios, e seguindo caminho de Norte. Depois de ter penetrado a arriscada barra de *Geparara* desembarcou, apesar da opposição dos Indios, e escolheu um terreno para o seu novo estabelecimento. Tendo ahi chegado em 3 de Dezembro de 1616, dia de S. Francisco Xavier, começou logo Castello Branco, com os duzentos Pernambucanos, a edificar na margem Oriental do rio Mujú, uma Cidadella invocada a N. Senhora de Belem.

Fundada a nova Cidadella, Castello Branco, à frente dos Pernambucanos bateu dous Corsarios Hollandezes que se tinham estabelecido ao Norte do Amasonas, e emfim fundou a Provincia do Pará, unindo-a aos dominios da Corôa de Portugal.

Jeronimo de Albuquerque Maranhão morreu pouco tempo depois com perto de oitenta annos de idade, tão celebrado pelo seu valor, como pela austeridade de suas virtudes. A conquista do Maranhão, na qual este bravo Pernambucano sacrificou todos os seus bens, por um excesso de patriotismo pouco vulgar, foi devida sómente ao seu valor, e virtudes; e os cuidados do Governo desta colonia nascente, e as agonias que lhe causou a tardança de soccorros, de que algumas vezes teve necessidade extrema, apressaram o seu passamento.

A Parahyba, o Rio Grande do Norte, o Ceará, o Maranhão, e finalmente o Pará, devem pois sua existencia aos Pernambucanos, seus primeiros Povoadores, e tambem aos Bahianos,

que alguma cousa, se bem que pouco, cooperaram para estas expedições. Um dobrado laço une por tanto as Provincias do Norte; e Pernambuco, que se pôde ufanar de ser a commum Patria dos seus fundadores nunca afrôxou esses laços que o ligam aos seus dignos irmãos do Norte, em cuja defesa não tem poupado, nem o sangue de seus filhos, nem o dinheiro de seus cofres; ao mesmo tempo que os seus irmãos do Sul lhe tem merecido desvelos, e sacrificios iguaes. Diga-o o Pará, diga-o o Maranhão, diga-o o Ceará, diga-o a Bahia, diga-o S. Catharina, e diga-o o Rio Grande do Sul, cujos campos tem sido regados pelo sangue Pernambucano!

Concluidas as conquistas do Maranhão, e do Pará, nada mais de notavel offerecem os annaes de Pernambuco até 1629. Vasco de Souza Anno e Pacheco, que, como disse neste Capitulo, havia tomadô pösse do Governo, quando Alexandre de Moura marchou para o Maranhão, governou até 1619, anno em o qual foi substituido no governo pelo Fidalgo João Paes Barreto, ultimo Governador, que regeu Pernambuco em nome do 3.º Donatario Jorge de Albuquerque Coelho.

Pelo fallecimento deste Donatario, tomou pösse de Pernambuco por Procurador seu filho o 4.º Donatario Duarte de Albuquerque Coelho, e em seu Nome começou a governar em 1620 Mathias de Albuquerque, o qual regeu Pernambuco até 1626, tempo em que entregou o Governo a André Dias da Franca, Fidalgo da casa Real, e Commendador de Vemioso, e Freixadas da Ordem de Christo. Este Franca foi o ultimo Capitão Mor, que Governou Pernambuco em Nome dos Donatarios.

Até então gozando Pernambuco paz, chegou esta Provincia a um auge tal de opulencia, e riqueza, que a não ser descripto por alguns dos contemporaneos, muito custaria a crer. Olinda, sua Capital, contava setenta e duas ruas principaes, e occupava quasi tres quartos de legoa; um commercio opulento, mantido pelos riquissimos productos do nosso mui fertil Sôlo, havia tornado Olinda a mais bella, e a mais rica das Villas do Brasil.

As virtudes porém dos primeiros Pernambucanos tinham enfraquecido em grande parte de seus filhos: o luxo sem li-

mite, esse cancro dos Estados, companheiro fiel dos vícios, havia immoralizado, e de tal sorte ensoberbecido os potentados, que estes, para distinguirem-se da gente a quem a fortuna não tinha protegido tanto, apresentavam nas portas de suas casas feichaduras, e pregos de prata! Mas o Povo gemia opprimido! A palavra virtude era um som que nenhuma, idéa exprimia! Ninguém ousava censurar os vícios! Nem mesmo aos Ministros da Religião era dado censural-os. Todavia no meio desta corrupção geral, em que os grandes só tinham direitos, e os pequenos eram subcarregados de deveres, um zeloso Ministro do Evangelho na Quaresma de 1629 trujejou do Pulpito de uma das Igrejas de Olinda: que si os grandes, exemplificando o Povo, não se arrependessem de seus peccados, e por meio de uma contricção sincera, não suspendessem o castigo Celeste, que estava eminente, não tardaria Pernambuco em cahir sob o jugo de hereges. Este zelo Evangelico do Ministro do Altar, em vez de comover, e produzir o desejado effeito, pelo contrario encolerisou aquelles, que ouviram nas palavras do Sacerdote a fiel historia de seus crimes. Estes homens pois, que assistiam ao Sermão, levantam-se, ameaçam o Padre, e, não contentes com este desacato em um Templo, sòbem ao Pulpito, e violentamente arrancam da Cadeira da verdade o virtuoso Ministro, que os admoestara!

A profecia realisou-se com effeito; mas ninguem foi exceptuado na Sentença do Juiz Eterno! Pernambuco por espaço de 24 annos soffreu o barbaro, e terrivel jugo de hereges.



que, em certo dos Estados, compunham-se de vícios,
 de simoniacos, e de tal sorte ansejando os potes-
 tades que estas, para distinguirem-se de outras e quem a for-
 maram tanto progresso tanto, apresentavam nas portas de
 entrada, e saídas, e outros de mais. Mas o povo góthico
 opinando: A palavra virada era um sem-por-acabado, não
 queria: Nenhum ouzura creante os vícios! Não mes-
 mo os ministros da religião era bado censurados. Todavia
 os seus hostes corruptos queriam, e os grandes se tinham
 vícios, e os populos de um subterfugio de davos, um
 novo ministrio do Evangelho na Guinéa de 1722, e de 1723
 de tal modo de uma das latas de Ollanda, que se os grandes
 desiludidos o povo, não se apresentassem de suas per-
 tuas por meio de um confissão sincera, não se apresentes-
 sem o castigo Celeste, que estava eminent, não tardaria per-
 tualuco em cair sob o jugo de horrores. Este xolo Egan-
 do do ministro de Allui, em vez de comover, e produ-
 zir o desajuste effeito, pelo contrario encetaram aquellas que
 tinham nas palavras de Barchone a fiel historia de seus est-
 ados, e estes homens pois, que assistiam ao sermão, levantam-
 se, e lançam o Padre, e não contentes com este barchone em
 do Templo, sobem ao Pulpito, e violentamente arancam de
 dentro da verdade o virtuoso Ministro, que os admiraes.
 A profecia tornou-se em effeito, mas ninguém foi es-
 tado na Sentença de juiz Eterno: Bernabuco por es-
 to de 21 annos soffreu o barchone, e o barchone logo de barch-

LIVRO II.

DA GUERRA HOLLANDEZA DURANTE O GOVERNO DO GENERAL
MATHIAS D'ALBUQUERQUE

CAPITULO I.

Hollanda declara guerra á Hespanha. Creação da Campanhia Occidental Hollandeza. Expedição contra o Brazil, A Bahia he tomada por surpresa. Restauração d'esta Cidade, então Capital do Brazil.

1625 A 1625.

Pernambuco, que desde o seu estabelecimento não havia tido que superar, senão difficuldades locais, ou quando muito, combater selvagens, ou repellir piratas aventureiros, e esses mesmos carecendo da publica protecção dos seus Governos, em vão se esforçavam para se estabelecerem no Brazil; não tardou, que depois de tantas vantagens e opulencia se visse a braços com uma Nação formidavel, offerecendo o espetaculo de uma luta renhida, mas gloriosa, e na qual com tudo só cedeu por algum tempo ao poder de um povo illustrado pela sua firmeza, e constancia nas desgraças. Vencedor glorioso nas lagoas d'Hollanda, este povo leva consigo nas emprezas mais remotas, esse espirito activo, industrioso, e perseverante, que sabe triumphar de todos os obstaculos. A tyrannia de Philippe 2.^o de Hespanha, servio de incitivo, para que estes Republicanos, com uma rapidez, espantosa, firmassem sua existencia Politica, e accumulassem immensas riquezas.

Tendo uma indignação geral armado os Paizes-Baixos contra o seu oppressor Philippe de Castellá, a Hollanda e a Zelandia, Provincias até então desconhecidas, arvoraram o Estandarte da Independencia, e reconheceram Guilherme de Orange por seu Chefe.

Vio-se então um paiz pantanoso, esteril, e mui pouco povoado, tornar-se o theatro de uma resistencia heróica

contra os Soldados e algozes de Filippe 2.^o, e os seus habitantes rechaçarem as aguerridas tropas Hespanholas, e levantarem diques para se preservarem das irrupções do Oceano.

Em quanto pois d'esta sorte arrancam ao mais poderoso Monarcha do Mundo trinta legoas de um paiz pobre, miseravel, e quasi submergido, constroem e preparam rapidamente frotas, invadem as possessões Hespanholas nas Indias, atacam as Esquadras do seu oppressor, assenhoream-se das Molucas, conquistam Java, e fundam a celebre Cidade de Batavia, onde muitos potentados d'Asia mandam por seus Embaixadores reconhecerem-se seus tributarios. Ao mesmo passo que assim firmava a sua Independencia, a Hollanda abria innumeraveis canaes, transformando seus pantanos em campinas ferteis, suas Aldeias em opulentas Cidades, e suas cabanas em magnificos Palacios. As suas armadas, senhoras do Oceano, derramando na capital as riquezas dos dous hemisferios, constituiram seu Governo em estado de prestar subsidios á muitos Soberanos da Europa. Tal foi a revolução assombrosa, que uma só geração empreendeu, e concluiu nas lagoas d'Hollanda na infancia do seculo 17.^o: taes foram os contrarios que invadiram Pernambuco, e taes foram aquelles vinte e quatro mil Soldados que os Pernambucanos, faltos de recursos, despresados da Metropoli, sem armas, sem munições, sem Generaes em fim venceram, e expulsaram de sua Patria!

Os esforços que em vão os Hespanhoes fizeram para subjugar os Hollandezes, de tal sorte tinham esgotado a Hespanha de homens, e dinheiros, que Filippe 3.^o se viu na dura necessidade de pedir paz a esses mesmos a quem seu Pai chamava Vassallos rebelados, e ainda assim não pôde alcançar da Hollanda mais do que uma tregoa de 21 annos, segundo o tractado de Anvers, no qual foram medianeiros os Reis de Inglaterra, e de França, e em virtude do qual reconheceu a Hespanha plenamente livres, e independentes as Provincias Unidas.

Estava a espirar o prazo d'esta tregoa, quando Filippe 3.^o, Principe fraco, e que nunca dirigira por si as redeas do

Governo, acabou a carreira de seus dias, depois de ter desprezado Portugal, e vibrado muitos golpes contra os seus privilegios. Filippe 4.^o seu filho, exaltado ao Trono na idade de 16 annos, entregou toda a sua confiança a D. Gaspar de Gusmão, Conde Duque de Olivares, o maior valido que reconheceu a Hespanha, ainda recorrendo aos Seculos anteriores; joven ambicioso, que chegou a ser o unico depositario do Poder Soberano, e cuja Politica tinha por fim principal a conservação de sua propria fortuna.

Si Filippe 4.^o de Castella, e 3.^o de Portugal confiasse os seus poderes a outro Ministro mais prudente, e menos ambicioso, os doze annos de treguas seriam seguidos de umas sólidas, e a conclusão do casamento da Infante com o Principe de Galles, tendo sido effectuada, não daria causa á Inglaterra de resentir-se, e de vingar uma repulsa; e a Europa, e America, livres então dos resultados, e calamidades de um aguerra devastadora e longa, daria tempo á Hespanha de restabelecer suas exaustas forças. Mas o altivo, e ambicioso Olivares não se pôde decedir a ver descer para a segunda ordem das Monarchias, aquella Nação, cujo Rei lhe entregára toda sua confiança, que por tanto tempo dictára Leis á Europa, e que elle despoticamente regia. Acendeu-se, portanto a guerra entre a Hespanha, e Hollanda; e o Brazil, que então estava sujeito á primeira, foi victima necessaria da ambição e altivez do valido do Soberano, que então regia os dominos Portuguezes.

A Hollanda pois cubrio os mares com formidaveis Esquadras, e animada pelos prosperos successos que não tardou em alcançar nas Indias Orientaes, lançou suas vistas ambiciosas para o Brazil. Uma companhia foi estabelecida em 1621 com a denominação de *Companhia Occidental* a semelhança da de Batavia, e os Estados Geraes concederam-lhe os mesmos privilegios conferidos á primeira, excepto o da eleição do Governador. *Barnevelt* foi quem formou esta Companhia, porém morreu antes de ver os seus resultados, que tão funestos nos foram.

Um negocio tão importante não podia deixar de dar lugar á muitos debates Politicos no Conselho das Provincias

Unidas. Os adversarios do Principe de Orange, atemorizados com a sua grande influencia, offereceram contra o estabelecimento da nova Companhia, e contra a invasão do Brazil um grande numero de objecções. Mas a cobiça do ouro, prevalecendo ao amor da justiça, sahio victoriosa, e a invasão do Brazil foi decretada.

Formou-se finalmente a Companhia das Indias Occidentaes (assim algum tempo os Geographos denominaram a America) Hollandezas, á qual se concedeu o privilegio exclusivo de fazer o commercio da America, e da Costa d'África, entre o Tropico de Cancro, e o Cabo da Boa Esperança, durante vinte e quatro annos. Eram estes os mesmos privilegios obtidos pela Companhia das Indias Orientaes, com a differença porém de que a eleição do Governador da nova Companhia devia ser submettida á approvação dos Estados Geraes, e que todos os Officiaes lhe deviam prestar juramento, devendo além d'isso, de seis em seis annos, dar contas das suas conquistas, progressos destas, e respectivas administrações.

Uma Armada de sessenta velas foi immediatamente aprestada, e dividida em duas Esquadras. Uma se entregou a *Jacob Willekens*, General de consumada experiencia, tendo por Almirante o celebre Petrid, que de simples marinheiro chegára aos primeiros grãos da Marinha, e a outra foi confiada á direcção de *Hans Vandort*, mais particularmente destinado a commandar as Forças de terra. Antes de sahirem ao mar, os Generaes Hollandezes, se instruíram cuidadosamente da situação politica do Brazil, recebendo exactas informações dos Judeos. que aqui se estabeleceram, e que ardentemente desejavam passar ao dominio Hollandez, pela sua grande tolerancia em materias de Religião. Porém depois de se terem comprado estas informações secretas, os mercadores de Amsterdam venderam igualmente o segredo da Expedição aos seus correspondentes de Bruxellas, e Lisboa; e finalmente a Córte de Madrid foi advertida, de que o Brazil era o alvo, e o que particularmente experimentaria os effeitos da formidavel Armada, que attrahia as vistas de toda a Europa, e que todos julgavam ameaçar os grandes estabelecimentos da India. Até a Infanta Izabel transmettio

este importante aviso á corte de Madrid. Mas nada foi capaz de despertar Olivares de seu lethargo politico ; ou fosse por que julgasse as noticias pouco exactas, ou porque as desprezasse, ou porque (e he o mais provavel) entrasse em suas vistas o enfraquecimento de Portugal, que elle ja tratava como uma Provincia conquistada, o certo he que Hespanha olhou impassivel para todo o formidavel preparativo.

Emquanto pois o Ministro Hespanhol fluctuava entre a negligencia , e a indecisão , a Armada Hollandeza sahia do porto de Amsterdam em 21 de Dezembro de 1623. Separada porém por uma grande tormenta a vista de Plymouth, reunio-se novamente em Cabo Verde, e seguiu sua derrota. Apenas passou a linha, logo os dous Generaes abriram as suas instrucções, que até alli tinham conservado selladas, e acharam ordem positiva de atacar a Bahia. Tomaram portanto este caminho, e em poucos dias avistaram, o Morro de S. Paulo, doze legoas ao Sul da Bahia, onde Willekens esperou quasi um mez, a fim de que se lhe reunissem os navios de Vandort, despertos por uma tempestade, que os arrojára para Serra Leóa.

Havia já tres dias, que a Frota Hollandeza costeava o Morro de S. Paulo , e ainda o Governador Geral D. Diogo de Mendonça , não estava informado da appareção do inimigo . O primeiro aviso annunciou-lhe somente um navio inimigo ; novas mais certas depois chegaram ; porém o Governador , não tinha á sua desposição senão oitenta homens de tropas regulares , e estas mesmas tropas , além de seu pequeno numero , não eram mui aptas.

Todavia D. Diogo não era falto de experiencia Militar , e pelo contrario nas guerras da India tinha adquerido honrosa reputação. Apressou-se em reunir nas Aldêas , e Povoações do reconcavo todos os homens capazes de pegar em armas , e assim formou um pequeno Exercito de dous mil Soldados Milicianos ; ordenou o reparo das fortificações, e dos pontos mais accessiveis ; emfim dispôz acertadamente dos fracos recursos, de que podia lancar mão. Porém as Milicias em pouco tempo cedem ao peso das fadigas, e se entregam a um profundo descontentamento. Arrancadas ás

suas familias, e aos seus trabalhos, os Bahianos do reconcevo não perdiam da memoria, suas mulheres, filhos, engenhos, plantações &c. &c., e além d'isso, persuadidos de que o inimigo, si se concervava no mar a tanto tempo, e com tantas forças era sòmente para pilhar alguns navios, e não para atacar a Cidade, julgaram superflua a sua assistencia na Capital.

Esta falsa opinião, acreditada pelo medo, e acolhida pela preguiça, se diffundio de tal maneira entre as Milicias Bahianas, que, sem temerem o castigo, desamparam a Cidade, e desertaram quasi todas no mesmo dia, e na mesma hora, rcalisando-se assim a esperança de Willekens. Em 7 de Maio (*) de 1624 appareceu elle de improviso á entrada da barra da Bahia, com a sua Armada naval, disposta em ordem de batalha.

O Governador Geral, já assaz punido com a deserção das Milicias, da fraqueza, e poucas providencias adoptadas, porém não desanimado, arma com presteza muitos navios mercantes que estavam fundeados no porto, e, auxiliado por um punhado de bravos Soldados, e por alguns dos habitantes da Cidade, intenta corajosamente resistir ao inimigo. A custa de penosas fadigas, e com um trabalho incrível, faz transportar para as muralhas alguma artilharia, e envia seu filho D. Antonio a occupar com duzentos homens o Forte de S. Antonio. O Bispo D. Marcos Teixeira não se isenta de defender a Cidade, e toma armas com todo o Clero, para defender os lugares sagrados.

Em 9 de Maio avança para o porto a Frota Hollandeza, e começa um vivo fogo d'artilharia, que causa mais pavor do que damno; os navios armados investidos pelo Almirante Petrid lhe resistem, mas em vão: em breve tempo elles são aprezados, e os Hollandezes, apezar do fogo dos dous fortes, desembarcam uma legoa longe da Cidade.

Tão superiores em numero, como em disciplina, tomam os Hollandezes no primeiro assalto o Forte de S. Antonio, e, avançando depois para a Praça, occupam o Mostei-

(*) Bríto Freire Nova Luzit.

ro de S. Bento , onde se fortificam com toda a pressa. Atacam immediatamente a porta visinha d'este Mosteiro , porém experimentam tão viva resistencia , que em desordem , e desacoroçoados voltam para abrigarem-se no mesmo Mosteiro , que tinham deixado guarnecido , e cobertos pelas sombras da noite se retiram. Abatidos os Hollandezes com este revez , não cuidam senão na posição da praça , e na extensão do seu circuito , com uma especie de inquietação. Desesperam de vencer tantas difficuldades , e a maior parte d'elles já fallavam em ganhar os navios , quando os sitiados , possuidos de um terror panico , e ignorandos em duvida a perplexidade do inimigo , abandonam covardemente a Cidade , que tão valorosamente acabavam de defender.

Todos sem distincção de classes deixam mulheres , filhos , riquezas , emfim tudo , e entregam-se a uma fuga precipitada e vergonhosa , e como perseguidos pela imagem da destruição , e da morte correm a refugiar-se nos bosques , e nas montanhas. Setenta Soldados porém ficam com o Governador , que não se apercebe d'esta segunda deserção senão depois d'ella executada. Todavia não desiste da empreza , e resolve-se resistir a um novo ataque , que o avisam se daria de noite : e sabendo que o Palacio do Governo , onde estavam a maior parte das munições de guerra , fora abandonado , corre a sacrificar-se em sua defesa , acompanhado sómente por seu filho D. Antonio Furtado , e Lorenço de Brito Corrêa , Capitaens de Infantaria , pelo Sargento Mor Francisco de Almeida de Brito , por Pedro Casqueiro da Rocha , Auditor Geral , pelo Alferes Manoel Gomes , e por doze soldados (*) inseparaveis companheiros de sua fortuna.

A claridade do dia , então fez patente aos Hollandezes as ameias desgarnecidas ; e vendo elles este abandono , e não podendo duvidar , de que a Cidade , onde reinava o mais profundo silencio , tivesse sido abandonada , desembarcam o resto d'Artilharia , penetram pelas ruas sem opposição , saqueiam as casas , e profanam as Igrejas. Dirigem-se depois

(*) Brito Freire Nova Luzit.

em grande numero para o Palacio do Governador, que acabava de se fortificar com os setenta bravos de 1.^a Linha, que nunca o abandonaram; atacam-no, mas são repellidos, conduzem por tanto Artilharia, e entimam ao Governador que escolha *render-se, ou não se lhe dar quartel*.

Mendonça recusa ao principio toda a qualidade de composição, como se a ostentação de seu valor n'esse aperto, desculpá-lo podesse da indolencia da sua passada conducta. Anima os seus, avança por um corredor já occupado pelas tropas Hollandezas, e abre caminho com a espada na mão, fazendo espantosa carnagem; porém bem depressa o numero o opprime, e os seus mesmos Soldados o exhortam a que não faça inultamente o sacrificio de sua vida. Espantado o inimigo por uma tão heroica resistencia, offerece-lhe condições honrosas.

Cede finalmente Mendonça, e entrega as armas, seguro sobre a promessa de que não se attentaria cousa alguma contra sua liberdade. Ainda que esta palavra fosse abonada pelos Generaes Hollandezes, foi indignamente violada, e com o desprezo de todas as Leis da honra, o bravo Mendonça e seu filho, com elle prisioneiro, foram conduzidos a bordo do navio Almirante.

Senhores da Cidade da Bahia, e ricos dos despojos dos seus habitantes, apossam-se os Hollandezes de todos os navios Portuguezes, e Hespanhoes, que sem suspeitarem a tomada da Cidade, entram successivamente no porto com inteira segurança. Em poucos dias doze navios mercantes foram presas do vencedor.

Vandort, (e a sua Divisão) separado pela tempestade da Esquadra de Willekens, appareceu logo depois, e tomou posse da Cidade conquistada, cujo Governo lhe era destinado, e tratou de a fortificar, reparando as antigas fortificações, e addicionando-lhes outras.

Os infelizes habitantes da Bahia, persuadidos que a Expedição Hollandeza não tinha por fim senão o saque, e não a conquista, haviam abandonado as suas riquezas, para salvar as vidas; porém logo que se viram entranhados pelos bosques, sem asylo, sem recursos, e cercados de suas mu-

heres , e de seus filhos chorosos ; envergonharam-se de ter perdido o crédito com os bens , abandonando covardemente a sua Capital.

Reanimou-se então o genio Nacional , e em nada mais se cuidou , senão em reparar as passadas faltas. Juntos em Conselhos o Bispo , e as principaes pessoas em uma das Aldeias de Indios do reconcavo , elegem por seu General o mesmo Bispo , reorganisam o Exercito com mil e quatrocentos Bahianos , e duzentos e cincoenta Indios , marcham para o Rio Vermelho , uma legoa distante da Cidade , desafiam os Hollandezes , e batem estes invasores em muitos encontros , nos quaes muito servio o Capitão Pernambucano Antonio de Moraes , que a sua custa armou , e sustentou uma Companhia para soccorrer a Bahia. Entretanto passados tres mezes Mathias d'Albuquerque (que estava governando Pernambuco) nomeado Governador Substituto de Mendonça , manda tomar o Commando do Exercito Bahiano por Francisco Nunes Marinho d'Eca , e roga ao Bispo volte todos os seus cuidados para os negocios espirituaes , e sobretudo que obste a propagação de opiniões hereticas , que os Hollandezes se esforçavam em dessemear.

Marinho d'Eca tomando o commando provisório do Exercito Bahiano , seguiu o mesmo plano de guerra adoptado por seu predecessor , que consistia em cansar os inimigos sem cessar , e arrebatá-lhes as suas forragens , e comboios ; o que não podia deixar de enfraquecel-os , e descorçoal-os.

Entretanto em Madrid , e Lisboa se espalhava o espanto , e o pezar por causa da perda recente da Bahia , e a Córte de Hespanha , que apezar de previamente avisada , não tinha tomado medida alguma para se oppôr a esta aggressão , atemorizada das consequencias que ella poderia ter , toma o negocio em grande consideração. Portugal lamentava a perda da Bahia , e os grandes do Reino , tão desembaraçadamente fallavam , que Olivares , sacrificando o odio que tinha a tudo quanto pertencia a Portugal , mostrou-se pessoalmente disposto a favorecer , e seguir o voto geral.

Uma grande Esquadra Portugueza e Hespanhola se aprompta , e emfim doze mil Soldados de desembarque em

60 navios apparecem em 11 de Março de 1625 nas freguesias da Bahia, sob o commando do Hespanhol D. Fradique de Toledo Ozorio, Marquez de Valdueza, o mais acreditado General que a Hespanha então tinha. A 28 d'este mez fundearam a entrada da barra.

Diversas acções então tiveram lugar: os Bahianos, animados pelo soccorro que lhes entrava pela barra, atacam a Cidade, mas são repellidos; os Hespanhoes, e Portuguezes desembarcam, e sitiam a praça, os Hollandezes intentam romper o sitio, porém não o conseguem, finalmente depois de se passar um mez n'estas escaramuças, nas quaes de parte a parte bizarras gentilezas acreditam o valor de ambos os lados, os Soldados Hollandezes sublevam-se, e obrigam seus Chefes a pedir Capitulação.

Escreveram-se portanto as condições da entrega, e depois de muitas conferencias foi estipulado entre os Generaes belligerantes, que n'aquella mesma noite os Hollandezes entregariam uma das portas da Cidade, com a Artilharia, armas, bandeiras, arrecadações publicas, e os escravos. Além d'isto a guarnição prisioneira se obrigou a não pegar mais em armas sob qualquer pretexto que fosse contra os Hespanhoes até a sua chegada á Hollanda. Logo que se concluiu, e assignou a capitulação por ambos os lados, obteve a guarnição passagem livre com uma determinada quantidade de bagagem, e foram-lhe concedidos navios, provisões, e seguro transito com as armas sufficientes para, durante a viagem, se defender. No primeiro de maio de 1625, conforme as condições, foi entregue a principal porta da Cidade á um Corpo de Infantaria Hespanhola, e tres dias depois o Exercito combinado tomou posse da Praça, e de todos os Fortes. Duzentas e sessenta peças d'artilharia de grosso calibre, grande quantidade d'armas, de munições de guerra, e o valor de tres milhões de libras tornezas em metal, e em mercadorias foram os despojos de que se aponderaram os vencedores.

Sabendo D. Fradique, que havia na Praça um registro, onde estavam lançados os nomes de todos os habitantes, que se tinham submettido aos invasores, para conservarem as suas propriedades, pediu este registro, afim de castigar os

que o tinham assignado, porém os Hollandezes recusaram entregar-lh'o, e o rasgaram. Esta acção tão honrosa, como politica foi louvada pelos mesmos Hespanhoes, e ainda mais pelos Portuguezes. Mas esta clemencia só aproveitou aos Bahianos: os Judeos, e os Indigenas, que se tinham confiado nas proclamações da Hollanda, foram abandonados, e muitos d'elles soffreram pena capital.

Tal foi o resultado da primeira invasão Hollandeza no Brasil, celebre ao principio pela mais heroica bravura de ambos os lados; mais que promettia uma resistencia mais honrosa da parte dos que por fim foram vencidos.

CAPITULO II.

A Companhia Occidental d'Hollanda, arma uma poderosa Armada contra Pernambuco. Reflexoens sobre o estado d'Olinda. A Armada Hollandeza reune-se em Cabo Verde. Generaes que a commaudavam.

1627 A 1629.

Evacuada a Bahia, perdeu com effeito Hollanda quasi tudo quanto tinha despendido com esta expedição; mas se por esta vez a Companhia Occidental soffreu grave prejuizo, si por elle os inimigos do seu estabelecimento quasi que conseguem dissolver-a, o Almirante Petrid porém em 1627 de novo percorre os mares da Bahia, faz nelles consideraveis prezas, e sobretudo por um desses acasos singulares, que parece a furtuna lhe preparava, por premio de seu valor, uma porção dos mais preciosos thesouros da Hespanha, cahio subitamente em seu poder, não longe dos mesmos mares, onde acabava de fazer consideraveis prezas: eram os Gallões do Mexico, commandados por João de Benevides, e que, carregados de piastras, e barras d'ouro e prata, navegavam para Cadix. Este despojo, o mais rico que jámais se tomou no mar, deu á Hollanda mais de quinze milhões tornezes, que juntos aos productos de tantas outras mercadorias, cobriram, e mesmo excederam todas as perdas, e despezas da companhia Occidental. Vio-se ella então em circumstancias de emprestar

grandes sommas aos Estados Geraes, e de renovar os seus projectos de conquistas.

Os Hollandezas pois senhores do mar, e ricos de ouro hespanhol, não se esqueciam todavia da conquista do Brasil; e a consolidação da Companhia Occidental, socegando os espiritos, alimentava as esperanças d'um successo brilhante. Já não se questionava nos Conselhos da Republica, si se devia de novo invadir o Brasil, pois que a este respeito havia uma unica opinião, um só voto; o ponto que se debatia sómente era: qual das Capitancias deveria ser o alvo dos primeiros ataques?

Dirigir novamente os tiros contra a Bahia, era passo, sobre impolitico, arriscadissimo: o espirito Nacional dos Bahianos tinha-se desenvolvido vantajosamente, e já não se podia contar com o apoio dos negros, e dos Judeos abandonados covardemente pelos Hollandezes. A Capitania de Pernambuco pela sua vantajosa posição, e riqueza atrahio consequentemente a attenção da avidéz Batava. As suas enseadas, e portos numerosos, situados no oitavo grão de latitude Meridional, eram como tantos abrigos, donde os Armadores da Hollanda podiam dar a vela para apresarem os Galliões das Indias.

Segnndo os indicios, e informações, os Accionistas da Companhia Occidental da Hollanda, avaliavam em dous milhões annuaes os lucros que d'Olinda tirariam. Afretavam-se aqui todos os annos cento e cincoenta, a centa e sessenta navios para carregar de assucar, pão-brasil, &c. &c. Foi por isto principalmente, que contra nossa Patria se dirigiram as vistas das Provincias Unidas. Além destas riquezas, que desafiavam a cobiça dos corsarios Hollandezes, a mesma opulencia d'Olinda; o destruidor luxo, que se tinha introduzido aqui, havia como que arrefecido (com pungente dôr o refiro) o espirito guerreiro de nossos Paes. Olinda então já não era uma Cidade de Irmãos: a lascivia, o fausto, a intemperança, a vaidade, a usorra, a emulação, as vinganças, os odios, as aleivozias finalmente em ninguem se estranhavam, porque eram o commum exercicio de todos, que podiam liberalmente faltar a cede d'ouro dos Governantes. Não se fazia mais justiça; os costumes austeros de nossos Maiores, apenas eram lem-

bados, e como que horrorisa dos se refugiaram nos campos, onde ainda se conservavam nossas antigas virtudes.

Não se ignorava em Hollanda estes devanços, que levavam Olinda á sua ultima perdição, e que a tornavam facil preza de qualquer aventureiro ousado : além d'isto os Judeos, que se tinham christinisado, e que todavia por cautella refugiaram-se em Pernambuco, para guardarem-se das tyrannias da Inquisição ; sabendo que este horrivel tribunal vinha assentar-se em Pernambuco, julgaram-se perdidos, e tomaram portanto a desesperada resolução de auxiliar os Hollandezes, sob cujo Governo contavam gozar liberdade de consciencia. Contra a nossa Capital pois uma Armada poderosa se equipou em pouco tempo nos differentes portos da Hollanda, e para encobrir com o maior segredo a expedição ; isto he, o seu verdadeiro destino, precaveram-se os Hollandezes, dividindo a Armada em pequenas Esquadras, que fizeram partir separadamente, com ordem de se encontrarem em Cabo Verde, onde afinal se reuniram em Julho de 1629 cincoenta e quatro vasos, guarnecidos de sete mil, duzentos, e oitenta homens, commandados por Henrique Loncq, General em Chefe, pelo Almirante Rodrigo Simon, pelo Vice-Almirante Justo Traper, e pelo General de Terra Theodoro Banduar Demburg.

CAPITULO III.

A Infanta D. Izabel communica ao Rei de Hespanha a intenção dos Hollandezes. Mathias d Albuquerque toma o Governo por Patente Regia. Aparece a Armada Hollandeza, e apodera-se d'Olinda, do Recife, e das Fortalezas. Acções que houveram n'estes conflictos.

1629 A 1630.

Ainda que os Hollandezes encobriram quanto lhes foi possivel o verdadeiro destino da Armada que preparavam, todavia não pôde este escapar á vigilancia da Infanta D. Izabel Clara Eugenia, filha de Filippe de Castella, o Prudente. Com toda a brevidade despachou esta Princeza um correio para Madrid, dando inteira noticia a Filippe 4.º de tudo quanto a Hollanda intentava ; e conhecendo o mesmo Rei quam pre-

judicial poderia ser a demora, immediatamente avisou a Diogo Luiz de Oliveira, Governador Geral do Brasil, residente na Bahia, de como o Flamengo prétendia invadir Pernambuco; mas que advertisse que de ordinario inculcam os invasores um alvo, para atirarem a outro mais a seu salvo.

Recebeu Diogo Luiz o aviso, e com a pressa possivel tratou de fortificar a Bahia, que a suspeita indigitava como alvo, e Pernambuco, que a fama ameaçava. Para este fim mandou Pedro Corrêa da Gama, (alguma cousa instruido em fortificações) para Pernambuco, a fim de fortificar Olinda, e o Recife. Chegou aqui Pedro Corrêa em Agosto de 1629, e pelas ordens que trouxe certificou o boato que corria, de que o Hollandez pretendia invadir nossa Patria. Até então este boato não passava de uma voz vaga; d'alli em diante porém achou em alguns credulidade, em outros despreso. Deu Pedro Corrêa principio a fortificação, mandando cercar a Villa d'Olinda de trincheiras, e a povoação do Recife de palissadas de pão apique; e postoque a muitos sobresaltou o receio, a mui poucos chegou o desengano, acudindo os moradores com tanta frouxidão que pela morosidade dos trabalhos, não parecia estar o perigo tão perto!

Occupado andava Pedro Corrêa em fortificar Olinda, e o Recife, quando se divulgou a noticia de que Mathias de Albuquerque entrava pela barra com duas embarcações. Recebeuse esta noticia sem espanto; mas quando se soube que El-Rei, tendo certeza da poderosa Armada que contra nós se dirigia, apenas mandara alguns Soldados; muita da gente de tino conheceu que o Ministro Olivares, não podendo furtar-se a dar alguma apparencia de interesse pela Capitania ameaçada, concedeu-lhe com effeito soccorros, porém tão fracos, que outro qualquer General, que não fosse Mathias de Albuquerque (possuidor de uma grande fortuna em Pernambuco, que o obrigava a interessar-se tanto na sua defeza) não aceitaria uma commissão tão difficil, quanto arriscada. Desembarcou Mathias de Albuquerque, apresentou a Patente Regia, pela qual estava constituido Capitão Mór e Governador, independente do Governo da Bahia, e tomou portanto posse do Governo, substituindo a André Dias da Franca, ultimo Ca-

pitão Mór, que governou Pernambuco em nome dos Donatarios. Mathias de Albuquerque, approvou o plano de fortificação de Pedro Corrêa, e ambos, conformes no parecer, deram começo a um reducto, cuja obra entregaram ao zelo de Diogo Paes; mas infelizmente não houve tempo para acabal-a!

A Rainha D. Izabel de Bourbon, mulher de Philippe 4.^o tinha passado pelo desgosto de ver morrer tres filhas, sem que uma visse o nascimento da outra. Servia pois para a Monarchia a fecundidade da Rainha, mais para a esperança, do que para a satisfação; nascendo porém mui robusto o Principe D. Balthazar em 17 de Outubro de 1629 (*), promettendo á Nação, pela sua robustez, um futuro Successor do Throno, fizeram-se por este nascimento em todos os dominios de Hespanha, esplendidas festas. Albuquerque pois em lugar de cuidar nos preparativos para a defeza, ordenou festas publicas, convencido sem duvida de que a adulação, e lisonja são mais agradaveis na Côrte, do que os serviços relevantes.

Governava a ilha de Cabo Verde João Pereira Côrte Real, Official tão zeloso que, apezar da cautela empregada pelos Mollandezes para encobrir o seu destino, pôde colher de alguns Soldados, que o inimigo por diversos accidentes deixára em terra, que o fim da poderosa Armada era surprender Pernambuco. Em consequencia fez aquelle Governador partir um Patacho para avisar Pernambuco, de que a Armada Hollandeza havia dado a vela para o Brasil em 26 de Dezembro de 1629. Engolfados nos prazeres das festas Reas estavam os habitantes de Olinda, e Recife, quando chegou o Patacho sobredito. A mesma grandeza do perigo forneceu um argumento para não se dar credito ao aviso. « Si esta Frota se tivesse dirigido para o Recife, não chegaria ella primeiro, diziam elles, do que o Patacho, que partio depois d'ella de Cabo Verde? » Este raciocinio lhes pareceu sem replica, e o povo, em vez de tomar armas, continuou nos bailes, e festins, applaudindo o nascimento do principe herdeiro.

Entre a segurança, e o receio fluctuava o parecer de todos, e continuavam-se as fortificações com braço tão remisso, que

(*) Hist. Ger. de Port. Tom. 18 pag. 51.

parecia mais que a si mesmos se queriam illudir, do que prepararem-se para resistir ao inimigo. Entretanto Mathias de Albuquerque, a quem a noticia dava mais do que a todos cuidado, convoca á Conselho as pessoas que mais interessadas deviam ser na defeza. Neste Conselho deliberou-se, que nenhum morador tirasse da Villa, pessoa alguma de sua familia, nem cousa que pertencesse á sua fazenda. Suppunham que sendo de todos igualmente o interesse, seria de todos o empenho na defenza. Alguns foram de contrario parecer, dizendo: que cada qual pozesse em guarda o mais precioso, e o mais estimado de sua familia, para que na occasião do perigo se empregasse só na commum defenza do paiz. Prevalecendo porém a primeira opinião, publicou Mathias uma ordem em nome do Rei, impedindo os habitantes de ausentarem-se, e de tirarem alguma couza das casas; mas a desconfiança fôï tal, que não obstante esta ordem, a melhor parte das riquezas foram levadas secretamente para o interior.

Apenas se tinham passado oito dias, depois da chegada do Patacho de Cabo Verde, quando se soube que a Esquadra Hollandeza fora vista do Cabo de S. Agostinho (contendo 77 velas) em 14 de Fevereiro de 1630. A consternação se espalhou immediatamente; com tudo Mathias de Albuquerque procurou serenar os espiritos inspirando-lhes confiança, pela firmeza da sua presença, ou fazendo tomar armas a todos, que estavam em estado de combater, e com a brevidade possível chega a completar um Corpo de dous mil homens, e cem cavallos, guarnece o Forte da Barreta, e cerca-o pelo lado de terra com palissadas, e fossos. Achando este Governador em todos prompta obediencia; repartio os Capitaens pelos Postos; consignou gente para as Estancias, medindo o numero pela capacidade, e a escolha pela importancia, para que chegada a occasião cada um defendesse o lugar predifinido. A' guarita de João d'Albuquerque (era um reducto collocado, onde está hoje o Forte do Buraco) encarregou ao Capitão Martim Ferreira com uma Companhia paga; e com outra Companhia, da qual era Capitão Francisco Tavares, guarneceu o reducto de S. Francisco em Olinda. A Ordenança, de que eram Coroneis Ambrozio Machado de Carvalho, e Pedro da Cunha

de Andrade, dividio por diversos lugares da seguinte maneira: para guarnecer as trincheiras de Olinda nomeou os Capitães Roque de Barros Rego, e Salvador de Azevedo, com as suas Companhias. Affonso de Albuquerque, Capitão da Nobreza, da qual era Soldado João Fernandes Vieira, e Manoel da Costa Calheiro, também Capitão dos Nobres, tomaram por sua conta a defeza do Recife, cujo presidio engrossou o Governador, não só com peões, capitaneados por Francisco Monteiro, mas ainda com uma companhia de Soldados bizonhos, vindos de Portugal, commandada pelo Capitão André Pereira Temudo. A defeza do Rio Tapado (ao norte de Olinda) entregou ao Capitão Francisco de Freitas. As forças de mar e terra, que defendiam a barra, fiou ao valor dos Capitães Antonio de Lima, e Manoel Pacheco. Da palissada do Recife fez entrega ao Capitão Bento de Freitas, commandante dos moradores da Povoação, e de alguns de Olinda para aqui mandados. Para Chefe de toda a Infantaria nomeou Albuquerque a seu antecessor André Dias da Franca, e para Sargento Mór a Ruy Dias Borges, ficando a Cavallaria sob o immediato Commando do mesmo Mathias de Albuquerque.

Apenas se tinham a toda pressa concluido estes arranjos, appareceu a 15 de Fevereiro a Armada Hollandeza, que de mar em fóra com todo o panno, e elegantemente embandeirada navegava, demandando a nossa barra. Arribando sobre o Rio Tapado, deu mostras o inimigo de querer por alli fazer a investida; mas mudando de direcção investio a barra, e aproximou-se a tiro de canhão. Carregando o panno, o seu General, despedio da Capitania um Parlamentar, certificando ao General de Pernambuco, que a Armada vinha assenhorear-se da Terra com ordem do seu Governo, para dominar-a, e não para destruil-a, e que promptos lh'a entregassem, porque a todos faria amigavel partido, mas que no caso de resistencia, occupados os Soldados no fuor do combate, se esqueceriam da piedade. A voga arrancada vinha o Mensageiro em direitura à Fortaleza do Mar, quando, com uma descarga de mosquetaria, mandou Mathias de Albuquerque adiantar a resposta à embachada. Então rompeu de ambos os lados um vivissimo fogo de artilharia, durante o qual,

uma das Fragatas inimigas tocou nos baixos de Olinda, e quasi se perde. Durou esta acção sete horas, até que pela noite se fez o inimigo na volta do mar, tendo-nos feito mui pouco mal, porque metendo no Recife para mais de duas mil balas, não passou o prejuizo de algumas casas serem passadas, e de quatro mortos, e sete feridos na Fortaleza do Mar, (*) onde se portou bisarramente o Tenente Pedro Barboza. Mas todo este fogo não tinha por fim forçar a barra, elle era sómente para entreter as nossas forças. No maior ardor do combate, e quando o fumo cobrira a terra, destacou o General Hollandez da sua Armada desaseis velas, nas quaes seguiu Demburg com perto de quatro mil homens de desembarque para Pão-Amarello, quatro legoas ao Norte de Olinda. Demburg chegou no mesmo dia 15 de Fevereiro a Pão-Amarello, e favorecido da occasião, e do tempo pôz em terra munições, artilharia, gente, e viveres sem que um só Soldado lhe impedisse o desembarque; que elle fez com agoa pelos peitos, e que em verdade não faria, si os nossos advertissem e reparassem, que 16 Fragatas, que se apartavam da Armada, na maior força do combate, não era para enfraquecel-a, e sim para melhorar seus projectos, e que portanto deviam por terra seguil-as, e prohibir o desembarque da tropa.

Demburg, apenas teve em terra o seu Exercito, dividio-o em quatro corpos. O primeiro, que constava de algumas Companhias de Caçadores, destinou-o para guarda avançada e para bater os flancos. O segundo, que constava de 934 baionetas, era commandado pelo Tenente Coronel Estiencal, o 3.º de 1,040 baionetas pelo Coronel Elestz, e o 4.º de 965 pelo Coronel Fulco Henechio, formavam o forte da columna. Neste Exercito flutuavam 36 bandeiras, e quatro bocas de fogo auxiliavam a sua Infanteria. Demburg conservou-se todaa noite de 15 sob as armas, mas sem soffrer a menor inquietação.

Com algumas horas de escuro se divulgou em Olinda, que o inimigo tinha desembarcado muita gente em Pão-Amarello, e que marchava para a Villa. A distancia de pouco menos de quatro legoas, que sómente separava o inimigo; o

(*) O Forte do Mar foi construido por um dos Donatarios; mas não me foi possivel descobrir o anno certo em que foi fundado.

inexperado da noticia; o escuro da noite; o som dos Tambores tocando rebate, tudo concorria para fazer mais horrosa a noticia. As lagrimas, e os gritos das mulheres, cuja natural fraqueza pintava-lhe o estrago antes do combate, obrigando os maridos e irmãos a faltarem ao seu dever, reduzia os homens a um estado de perplexidade, bem difficil de descrever! A pressa em todos era tanta, que se trepidava nas mesmas diligencias; o desaccordo tamanho, que qualquer rumor parecia uma batalha. Nesta confusão sahiram muitas familias de Olinda para o mato, ensinando-lhes o amor da vida a desprezar o mais precioso da fazenda; e de tal sorte que aquellas joias, de que pegou a advertencia, arrancou-as das mãos o receio, reputando-as embaraço para o caminho. Os escravos nesta medonha perturbação, tornaram-se Senhores de seus Senhores, mostrando em verdade que a violencia os reduzira, porque faltando ao serviço, que lhes cumpria, lançaram mão da occasião para se libertarem. Nesta diserção tão geral, como subita, quasi tudo que pretenderam salvar foi perdido, ou roubado pela, gentalha que seguio as pizadas dos ricos, e pelos escravos, que se deliberaram acompanhal-os!

No seguinte dia (Sabbado 16 de Fevereiro) Demburg pela manhã põem-se em marcha, protegido ao longo da costa pelas suas lanchas, que fielmente caminham parallelas ao Exercito, que avançava pela praia. Na marcha he assaltado pelos Caçadores Pernambucanos, que aproveitando a vantagem que lhes dá o conhecimento das difficuldades do terreno, esforçam-se para obstar-lhe a marcha. Chegando o inimigo ao Rio Doce, achou a margem do Sul guarnecida de trincheiras, e defendida por Ordenanças, mais para temer pelo vulto, do que pela disciplina; e ahi elle seria destroçado, si por conhecer, pela desordem das descargas, a falta de disciplina dos nossos, não avançasse, como avançou, ás trincheiras, passando o rio, e tomando-as de assalto; comtudo o inimigo não ficou senhor dellas, senão depois de perder muitos dos seus, embora fosse tão superior em forças, como em disciplina.

Entretanto que o Exercito Hollandez avançava por terra, a Esquadra fazia vivissimo fogo sobre o Recife, e dava mostras de querer aqui desembarcar. Mathias de Albuquerque

achava-se dispendo as cousas nesta povoação, quando o inimigo avançava por terra : larga Mathias este ponto, e a frente de setecentos homens (inclusive um pequeno numero de Soldados) marcha para o Rio Doce; mas chegou ahi já no fim do conflicto; e si foi testemunha da bravura dos nossos, teve o desgosto de ver que por falta de disciplina o inimigo os levava de vencida, e que os fazia retirar desordenadamente. Todavia Mathias de Albuquerque forceja, mas em vão, renovar o combate, recolhendo os que se retiravam; porém nada os pôde conter. Então resolve retirar-se para o Rio Tapado, onde o inimigo, devendo passar com agoa pelos peitos, seria infallivelmente descomposto; mas d'ahi à pouco reconheceu sua illusão, porque o maior numero dos paisanos lhe fugio, ficando-lhe só os Officiaes, e o pequeno numero de Soldados que o acompanhára. Supplicam-lhe então os primeiros de tornar para o Recife, que pela importancia do Porto, era a principal porta da Capitania.

Demburg teria podido vir perseguindo os fugitivos, servindo-se d'elles como de guias, si um mulato que apanhara, não o conduzisse por dentro, livrando-o da passagem funda do Rio Tapado, até pol-o na retaguarda da Misericordia, donde devidindo o Exercito em destacamentos, atacou Olinda por diversas partes. O Capitão Salvador de Azevedo, que com 22 Soldados defendia o Collegio dos Jesuitas, corajosamente se bateu, cedendo o campo depois de um bem ferido combate, no qual os nossos quasi todos foram ou mortos, ou feridos, e ainda assim só cederam depois de terem sido arrombadas as portas do Collegio pelas balas d'artilharia.

Senhor do monte da Misericordia, ou Collegio, e de suas proximidades, já então cobertas pelos Soldados Hollandezes, persuadio-se Demburg, que apenas se mostrasse com todo o seu Exercito, o reducto de S. Francisco se renderia, mas bem depressa conheceu a sua illusão. Repetidas descargas d'artilharia, e fuzil lhe detiveram o passo, e o obrigaram a tentar um assalto formal; porém a traição de dous Hollandezes chamados Adrian Frank, e Cornelio Jan, que a muitos annos estavam em Pernambuco, entregou-lhes as trincheiras, e ultima fortificação, que em Olinda ainda este

va em poder dos Pernambucanos. Estes dous traidores pagaram algum tempo depois o seu crime, subindo ao cadafalso por servirem de espiões contra os seus mesmos compatriotas, a quem entregaram o reducto.

Apoderados de todas as fortificações de Olinda, gastaram os Hollandezes o resto do dia 16 (*) de Fevereiro n'aquelles excessos, que não só deshonram a victoria, mas tambem a especie humana: todos os crimes, toda a sorte de barbaridades foram postas em acção no resto daquelle dia infausto! Então o Capitão André Pereira Temudo, não podendo ver profanarem-se os Templos Sagrados, e levado de catholico zelo investe elle só, junto a Igreja da Misericordia, uma Tropa de Flamengos, que a estava saqueando, e com a espada na mão mata primeiro a muitos, antes que o matem. Comtudo o espolio foi pouco consideravel em comparação do que os aggressores esperavam encontrar; mas si em vez de roubarem as Igrejas, elles cortam a retirada aos que fugiam, cahiam sem duvida em seu poder quinze mil prisioneiros, e todas as riquezas de Olinda.

Constrangido mais pela indisciplina das Ordenanças, do que pelo valor e intrepidez do inimigo, a encerrar-se no Recife, que por ser de menor ambito do que Olinda, menos gente exigia para defendel-o, Mathias de Albuquerque teve o desgosto de ver, na retirada de Olinda para o Recife, desertar a maior parte das Ordenanças, que o deixaram só com os poucos Soldados que tinha, os quaes nem chegavam para guarnecer os Fortes. Quiz o General supprir com a industria a falta de Soldados, e mandou aos Capitães João Paes Barboza, Martim

(*) Todos os historiadores que consultei dão a entrada dos Hollandezes em Pernambuco em 1630, a excepção de Fr. Manoel Calado, que no seu *Valeroso Lucideno* Liv. 1.^o pag. 11 a dá em 1631; mas tanto elle como o Castriot. Lusut. concordam em que essa entrada aconteceu em um *Sabbado* 16 de Fevereiro. Perplexo por essa discordancia do anno, e não querendo fiar a resolução do problema somente do calculo que eu fizesse, consultei o Sr. João Francisco Bastos, mui versado n'estes calculos, e este Sr. demonstrou exactamente que 16 de Fevereiro cahio em um *Sabbado* no anno de 1630. Alem d'isto, quando os Hollandezes aqui entraram festejava-se o nascimento do Principe D. Balthasar, e este nasceu em Outubro de 1629; portanto enganou-se o *Lucideno*.

Ferreira, e Francisco Tavares, que, com a gente que tinham, cortassem o caminho da Villa para o Recife, levantando uma trincheira ao Norte do Forte, ou Reducto de S. Jorge, (Forte do Buraco) mas o Hollandez frustou esta prevenção, tomando o caminho de S. Thereza, para atravessar em S. Amarinho, onde os mangues o encubriram na passagem.

Referir a calamitosa tribulação das afflictas familias, que não poderam fugir para o interior, fôra mais compôr um drama tragico, que escrever Memórias para uma Historia: basta notar que os Hollandezes eram hereges sobre inimigos, e corsarios sobre hereges! Não vinha porém o estrago somente d'elles; os facinorosos, que a Justiça recolhera aos carcereiros, vendo-se livres pela invasão, sahiram das cadeas roubando sem medo, ferindo sem causa, e matando sem colera, vingando d'est'arte na innocencia a prisão que só os seus mesmos crimes causaram! As mulheres de todo o Estado, e as crianças, que antecipadamente furtaram o corpo à violencia, a soffreram mais acerba; porque mais insupportavel se fazia executada pela gente baixa, e pelos escravos. Estes, despojando-as do que poderam salvar de suas joias, distinguiram-se no roubo, e todos os mais crimes, de tal sorte, que em maldade em nada eram inferiores ao inimigo.

Desenganado Mathias d'Albuquerque, que não podia defender o Recife, pôz fogo aos armazens, e aos navios ancorados no porto, e retirou-se para as immediações. Duas mil caixas de assucar, e immensa quantidade de outras mercadorias, cujo valor excedia a 4 milhões de cruzados foram igualmente, assim como 30 navios, pasto das chammas!

A vista do incendio lamentaram os Hollandezes a destruição d'estes ricos despojos de que os privavam, e aos quaes seus proprios donos patrioticamente, e de commum accordo com o General tocaram fogo; e resentidos por esta perda, que lhes dava a entender uma porfiada resistencia, de novo permittiram aos seus Soldados um saque geral em Olinda, e tambem no Recife. Entre as casas que saquearam descobriram as tabernas, e achando n'ellas uma prodigiosa quantidade de muito bons vinhos, entregaram-se com tal excesso a bebedice, que os mesmos escravos, que acabavam de se

lhes reunir, olhando-os como invensíveis; aproveitaram-se da occasião, e lhes roubaram o mais precioso dos despojos. Alguns, aos quaes a lialdade advertio a occasião, se apresaram em avisar a Mathias de Albuquerque, para que se aproveitasse do momento, passando o inimigo a fio de espada, certo de que não ia surprender homens, mas sim Odres estendidos no chão. Offereceu-se um paisano para marchar com um pequeno numero de Soldados, porém Mathias, temendo que o aviso fosse algum laço, deixou escapar esta occasião, em que podia anniquilar os corsarios invasores.

Entretanto os dous Fortes; S. Jorge, (colocado pouco mais ou menos, como já disse, onde está o do Buraco) e o do Mar, denominado S. Francisco, não estavam ainda submettidos; e em quanto estivessem em poder dos Pernambucanos, não podia a Esquadra Hollandeza entrar no porto. Edificado duas milhas ao Sul d'Olinda, o Forte de S. Jorge, de que era Commandante o Capitão Antonio de Lima, ia ser o primeiro atacado. Tres peças de ferro montadas grosseiramente sobre algumas traves, que os primeiros povoadores de Pernambuco tinham ahi collocado, para impedir a aproximação dos Indios, compunha a unica Artilharia do Forte, o qual além d'isto, tendo uma construção pouco solida e apertada, não podia conter mais de oitenta homens para sua defesa. Com a tomada do Recife apossou-se d'um tal terror panico a guarnição, que todos os Soldados, a excepção de sete, desertaram. Lima, no mesmo momento envia um d'estes sete informar a Mathias d'Albuquerque d'esta deserção, e a pedir-lhe soccorro.

A' chegada do enviado de Lima, estava com o General um joven de 17 annos de idade, nascido na ilha da Madeira chamada João Fernandes Vieira, que da idade de onze annos tinha vindo para Pernambuco procurar fortuna, não tendo então outros bens, senão um genio emprehendedor, e o germen de alguns talentos.

Indignado pela covardia dos desertores, Vieira offerece-se a Mathias d'Albuquerque para ir defender o Forte de S. Jorge, e mais vinte voluntarios, seguem logo o seu exemplo. Com este punhado de intrepidos, o Capitão Lima ousa

desafiar os Hollandezes , e logo estes , sahindo d'Olinda em numero de mil e quinhentos , vem durante a noite arrumar escadas á muralha, para subirem ao assalto. A guarnição Pernambucana , composta então no seu total de trinta e sete praças , animada pelo exemplo do seu valente Commandante (natural d'Olinda) resiste a todos os ataques, e derriba os sitiantes das escadas , lançando-lhes grossas vigas , de que o Forte fôra guarnecido. Os inimigos arremessam ao Forte nuvens de granadas de mão ; mas os sitiados , velozes como o raio, e prevenidos, fazem reverter os projectiz, que vão fazer explosão entre as filas dos mesmos que os arremessaram. Um combate terrivel se prolonga , durante as sombras da noite, e os assaltantes repellidos , e crivados pelas nuvens de metralhas e balas que Lima não cessa de fazer chover sobre elles , contam quando o Sol dissipou as trevas, 150 mortos, e maior numero de feridos, custando-nos apenas esta victoria a morte de quatro bravos , e as feridas de seis.

Inflamado de colera , Demburg , manda tocar a retirada , e torna elle mesmo em pessoa a fazer o cerco em regra com Artilharia , e quatro mil Soldados. Abre trincheiras , cava estradas cobertas , constroe duas baterias , e patenteia o seu fogo : porém nada intimida a pequena guarnição , socorrida por mais dous Capitaens , e alguns homens, que depois desta victoria se introduziram no Forte. Estes trinta e sete bravos dão o exemplo da mais gloriosa resistencia , batendo-se com o mesmo valor desde 27 de Fevereiro até 4 de Março ! Então já não era o Forte mais do que um monte de ruinas , já os nossos pelejavam a peito descoberto ; arrasadas as muralhas , cahidos os reparos , passado o paiol da polvara por uma bala de Artilharia , que milagrosamente não causou uma explosão terrivel ; a resistencia já era mais filha do valor, do que firmada na esperança de conservar o posto. Cançada do trabalho , já destituida de forças, a guarnição em fim , conhecendo que o socorro lhe era impossivel, e a resistencia inutil, forçada então pelas circumstancias , accordou que mais convinha salvar as vidas de uma morte inutil , para aproveitá-las em occasião melhor , do que entregá-las á espada inimiga, com gloria sim , mas sem

fructo. Arvoraram portanto os Pernambucanos Bandeira parlamentar, e cessaram o fogo. O inimigo suspendeu tambem o ataque, e trocando-se refens, sahio do Forte o Capitão Gil Corrêa de Castello Branco, a ajustar as condições da entrega, que consistiram em que sahisse a guarnição do Forte com todas as honras da guerra; isto he, com armas, e moveis, levando murrão aceso, bala em boca, e caixa batente, e que além d'isto poderia dispôr de suas pessoas como lhe aprouvesse. Não se lembraram porém os rendidos da reputação que perdiam nossas armas, deixando as Bandeiras expostas ao desprezo do inimigo; supprio porém João Fernandes Vieira este esquecimento, singindo o corpo com a Bandeira do Forte, a qual escondeu sob a roupa que vestia, e mandando que um seu criado fizesse o mesmo com a outra Bandeira do Capitão Affonso de Albuquerque, que era um dos rendidos, salvou assim ambos os Estandartes.

Assignada a Capitulação, sahio a guarnição do Forte com as honras estipuladas, e quando o General Hollandez vio que menos de cincoenta homens, tinham por tanto tempo batido-se tão heroicamente, com mais de quatro mil Soldados disciplinados, e que n'este combate havia perdido mais de trezentos homens, além de muitos feridos, não pôde occultar a admiração, e corrido de a ter patenteado quiz vingar-se, faltando ao que se tinha obrigado. Exigio o General Hollandez que estes heróes jurassem de não servir contra Hollanda por espaço de seis mezes, mas elles recusam, por não estar isto estipulado na Capitulação. Demburg fementidamente manda então prender estes bravos, e elles antes se sujeitam aos horrores do carcere, do que á quebra de sua honra. Admirado Demburg de tal coragem, e susceptivel de uma certa elevação d'alma, que se faz mesmo conhecer nos guerreiros, a quem a cobiça moveu a tomar armas, manda comtudo, depois de alguns dias de prisão, pôr em liberdade a guarnição rendida, fazendo justiça á sua heroica defeza.

Em curar feridos, enterrar os mortos, e roubar concluiu o Hollandez o resto do mez de Fevereiro: restava ainda porém a Fortaleza do Mar por conquistar. No dia 2 de Mar-

ço mandou o Flamengo embaixada a esta Fortaleza, intimando-lhe que se rendesse, que daria bom quartel à guarnição, mas que se esperasse a que a rendesse por armas, sem distincção de pessoa, havia passar todos á espada. O Capitão Manoel Pacheco, que commandava a Fortaleza, consultando com os seus que resposta se daria, vio que o voto do maior numero era que se entregasse a Fortaleza, visto que não havia esperança de soccorro; mas o Tenente Pedro Barboza, natural de Pernambuco, foi de parecer diverso, dizendo que Mathias d'Albuquerque lhes confiára a Fortaleza para defendel-a, como valorosos, e não para entrega-la, como covardes. « Que dirá de nós o Hollandez, continuou Barboza, vendo que nos vence com palavras, senão que nos rende o medo, e não a necessidade? Esta Fortaleza não peiorou de circumstancias, depois que nos obrigamos sustental-a; com que apparencia pois de desculpa havemos entregal-a ao inimigo sem combate? Quem vio a valorosa resistencia com que a nossos olhos se defendeu a Fortaleza de Terra, que ha de dizer senão que mais pôde com nosco a covardia, de que o exemplo! Esperemos o sitio, provemos as forças com o inimigo, e quando a fortuna nos olhe de revez, lugar nos fica para pactuar a entrega, sendo certo que melhores partidos havemos de tirar com a espada nua, do que com ella embainhada. »

Ouvio-se o parecer do Tenente com mais tumulto que attenção. Via-se perplexo o Capitão, entre o commodo, e a honra, não sabendo qual partido seguisse, si o da entrega, que era a do maior numero, si o da resistencia que era do menor. N'esta perplexidade lançou mão de um meio, que lhe dilatava a escolha, respondendo ao Enviado que era preciso que se lhe concedesse tres dias, para consultar dentro d'elles o General Mathias d'Albuquerque, afim de que o soccorresse, ou ordenasse a entrega da Fortaleza; mas o inimigo, conhecendo pela resposta o animo dos sitiados, tornou a mandar segunda intimação dizendo: que não concedia nem tres horas de dilação, e que si logo, e logo não entregassem a Fortaleza, entregaria todos á ira dos Soldados. Então o Capitão Manoel Pacheco, cedendo ás circumstancias,

e ao voto da maior parte dos seus, entregou a Fortaleza ao inimigo, e d'esta sorte, franca a barra, entrou toda a Esquadra inimiga, ficando os Hollandezes senhores do Recife, e do porto no dia 2 de Março de 1630.

Celebrou o inimigo esta posse, repetindo o saque e os insultos à Religião, entrando pelos Templos os Soldados, e sahindo por mofa vestidos dos paramentos sagrados, e das capas das Confrarias, excedendo tanto nos insultos a marinhagem, que não he possível descrever.

CAPITULO IV.

**Os Pernambucanos reúnem-se ao General Mathias d'Albuquerque.
Trata-se de fazer guerra ao inimigo, e expulsal-o.**

1630.

Os habitantes de Pernambuco, ainda bem não tinham abandonado ao inimigo a sua Capital, quando, entregues à desesperação, mutuamente inculpavam uns aos outros os seus soffrimentos, como si o não se terem prevenido, tendo sido avisados, não fosse culpa de todos, principalmente dos grandes, que tão remissos se mostraram nos preparativos para a defensão, quando ainda era tempo.

Os Pernambucanos comovidos pelo triste aspecto de suas mulheres, e filhos, submersos na mais deploravel angustia, pela lembrança das riquezas, e repouso de que á tantos annos gozavam, sentiam por isso mesmo duplicadamente suas perdas, tanto mais conhecendo elles que o abandono da Capital emanava da imprevidencia dos Chefes, e não da ausencia do valor, que sempre nos distinguio. Entretanto que cada um já tinha dado á sua dôr um livre curso, a voz dos bravos, como que communicasse um impulso electrico, retumbou nos conselhos, e foi em breve seguida.

Albuquerque postoque bravo, carecia d'esse sangue frio, que tão proficuo he aos Generaes nos successos repentinos; e essa falta em verdade foi uma das principaes causas da repentina, e accelerada retirada. Passada porém a primeira impressão, Albuquerque reanima os seus, e persuadido que fortificando-se na planicie, podia pôr termo ás

incursões do inimigo , e tirar-lhe a possibilidade não só de se entregar a cultura do assucar , como tambem ao cuidado do commercio , e sobretudo impedir-lhe que se firmasse no paiz , bloqueando-o nos muros d'Olinda , e Recife , juntou todos os principaes dos seus compatriotas fugitivos , que lhe bradavam , que os levasse contra o inimigo , e lhes fallou da seguinte maneira (*) « O Hollandez não se empenhou no ex-
 « cessivo gasto d'esta armada pela reputação de suas armas ,
 « senão pelo interesse de nossos productos. Esta Nação ,
 « como tem mostrado a experiencia , exercita a milicia , em
 « quanto lhe abre caminho para a ambição ; desfarça o ha-
 « bito de piratas com o de Soldados ; não se arrisca pela vic-
 « toria , senão pela riqueza. Ajudada sua força de nossa
 « desgraça se fez senhora das nossas casas , e fazendas , se
 « viera a saquear conseguindo o roubo largara a terra. For-
 « tifica-se n'ella ; que duvida que he com disgnio de nos
 « desfructar os campos? Se achar opposição mudará de in-
 « tento , pois he certo que para lhe colher os fructos , os ha
 « de cultivar ou nossa sujeição , ou sua industria ; e para
 « o não conseguir , basta que o não favoreça nem o soffri-
 « mento , nem a omissão , o que fio de animos que sabem
 « estimar a honra , e sentir a perda. Dous meios nos podem
 « conduzir a este fim , ou o da conquista , castigando a inju-
 « ria , ou da defensão , não permetendo a invasão : qual d'es-
 « tes se deva escolher por mais seguro dirá o parecer de tan-
 « tos zelosos , e interessados , quantos se acham n'este
 « congresso. »

Sem controversia se resolveu a guerra defensiva , porque com ella se escusava o despendio , e ao inimigo se fazia maior damno. Com a guerra defensiva , diziam os d'esta opinião , ficarão da nossa parte as vantagens , de que hoje goza o inimigo , porque forçado a apartar-se das suas fortificações para buscar-nos , nem do mar pode ser soccorrido , e nem o terreno o póde ajudar.

Concordes n'este parecer , sahio Mathias d'Albuquerque , acompanhado de todos a buscar sitio regular , e conveniente

(*) Castrioto Luzit Liv. 3.º n. 3.

para se levantar uma fortaleza. Por eleição dos mais entendidos foi escolhido um outeiro, que assenhoreava toda a circumferencia de uma planicie, collocada de tal sorte, que fica distante cinco milhas, tanto d'Olinda, como do Recife. Pôz-se mão a obra, e ao passo que o edificio crescia, augmentava-se o numero de Soldados, e Ordenanças, até então despersos; e com tal ardor se trabalhou, que começando a obra em o fim de Fevereiro, concluiu-se ainda antes de se findar Março. N'este curto espaço pois se vio erigida uma Fortaleza, (que Albuquerque denominou Bom Jesus) e uma povoação, que offerecia alguns commodos, e que por estar mui proxima d'ella se lhe chamou Arraial, nome que o lugar ainda hoje conserva.

Persuadido o Hollandez de que tomada a Capital, o resto da Capitania se lhe renderia pacificamente, tão pouco precavido estava, que quando veio a saber da existencia da Fortaleza do Bom Jesus, já ella estava em estado de resistir-lhe. Todavia para que esta fortificação não tomasse um pé mais respeitavel, mandou Demburg dous mil homens, commandados pelo Coronel Foulquer Henrick, tomal-a por assalto, certo de que, embebidos os nossos no trabalho, primeiro saberiam do assalto pelos golpes, do que pelo aviso; por quanto o transfuga Adrian Frank lhe assegurou, que guiaria a gente por caminhos occultos, e faltos de sentinellas.

Seguindo o inimigo os passos de Frank, sahio d'Olinda em a noite de 14 de Março, muito antes de amanhecer, mas taes rodeios percorreu, que gastou muitas horas em andar o caminho. que bastava uma só para vencel-o. Mathias d'Albuquerque, que conhecia a imperfeição da Fortaleza, cuja unica artilharia então consistia em quatro peças de um navio Hollandez, que tinha naufragado na costa; quiz cançar o inimigo, e ordenou para este fim aos Capitaens João de Amorim, Luiz Barbalho, Martim Ferreira, Pedro Manoei Pavão, e outros, que sahisses a encontral-o, e com tal denodo o fizeram no lugar chamado Agoa-Fria, que elle antes de chegar á Fortaleza, em breve tempo se vio roto, e em vergonhosa retirada. Seguiram os Pernambucanos os vencidos, mas como estes fugiam com medo, tão velozes

marchavam, que somente Manoel Dias da Franca, antecessor de Mathias, montado em um cavallo, os foi seguindo, ferindo, e matando, sem que houvesse Flamengo que voltasse a cara, para ver que um só os picava; até que investindo contra Franca um troço que lhe fez frente, quebrou-se a cilha da sella, e elle cahio do cavallo; mas este valoroso Capitão, ajudado por um mulato, seu escravo, que o acompanhou, desembaraçou-se airosamente do inimigo são, e salvo. Perderam os Hollandezes n'este conflicto perto de cem homens, além de muitos feridos que conduziram. Foi esta a primeira victoria, que depois de tantas desgraças tivemos!

Ainda lamentava o Hollandez a perda do dia 14, quando, tendo feito paga geral no dia 16 aos seus Soldados em Olinda, voltaram estes para o Recife, com o soldo que tinham recebido. Estavam n'esta occasião sessenta Indios, dos quaes era Commandante João Mendes Flores, trabalhando em uma trincheira no Buraco de S. Tiago, (*) quando dous Soldados mamelucos, que estavam de sentinella, deram aviso aos Indios da boa occasião que a fortuna lhes offerecia. Estes aproveitando-a, dão repentinamente sobre os Flamengos, e de tal sorte os atterram com gritos e descargas, que, persuadidos de que eram sorprendidos por todas as nossas forças, rendem-se depois de fraca resistencia, ficando no campo 80 mortos, e entregando-se prisioneiros mais de cem. Aproveitaram-se os Indios de tudo quanto o inimigo conduzia, e do armamento, e entraram em triumpho pelo acompanhamento com os prisioneiros na sua frente.

Apezar d'estes primeiros revezes, congratularam-se os Hollandezes entre si, imaginando que quanto mais os Pernambucanos se reunissem em massa no Arraial, tanto mais seria facil vencel-os de um só golpe, o roubal-os. A iminencia fortificada tornou-se uma Fortaleza flanqueada de varias obras, que, alargando-se na planicie em forma simi-circular, a protegiam com Reductos separados, cujo encadeamento, bem construido, ainda que pouco regular, comtudo

(*) Na margem direita do Beberibe, defronte da fortaleza do Buraco, pouco mais, ou menos.

encerrava o inimigo nas suas fortificações d' Olinda , e Recife. Cada dia se augmentava o numero dos trabalhadores , e cada obra era occupada , e defendida por companhias de Milicias , capitaneadas pelos Cidadãos mais notaveis , e mais valentes. João Fernandes Vieira , foi nomeado pelo General Mathias d'Albuquerque , Capitão de batedores , que de dia , e de noite devia segurar o campo. O preto Henrique Dias , cujas proezas eternisaram seu nome , foi igualmente nomeado Capitão dos pretos Minas , e crioulos. Antonio Ribeiro de Lacerda , Capitão de cento e trinta homens , foi incumbido da defeza da passagem do braço do rio Capibaribe , que corre para os Afogados. A um tiro d'Artilharia d'este sitio , se estabeleceu Lourenço Cavalcanti , Capitão de setenta Soldados pagos , sobre as margens do mesmo rio. Em S. Amaro se aquartellou Mathias d'Albuquerque Maranhão , com a gente da Parahyba , que com elle veio soccorrer-nos , seguia-se a Estancia do Padre Manoel de Moraes , que guarnecia com Indios disciplinados por elle mesmo , na Religião , e nas Armas. Logo adiante estava a do Indio Camarão , com os Indios do seu Governo , que eram todos aquelles , com quem veio offerecer-se para servir. Pouco distante ficava a que defendia o Capitão Estevam Alvares , e junto ao Buraco de S. Tiago , seguia-se a do Capitão Luiz Barbalho , e assim continuavam os postos avançados que sitiavam Olinda , e o Recife. Para guarnecer o intervallo das fortificações , alguma cousa distantes , repartio Albuquerque por vinte e duas Esquadras (que serviram de casco para Companhias) duzentos , e sessenta e quatro homens , compondo-se cada uma de doze Soldados , que foram confiados aos commandos dos Cabos Francisco Rebello (vulgarmente chamado Rebellinho) João de Amorim , Francisco Vianna , Antonio Vianna , Manoel Soares Roble , Antonio Pereira , Pedro Manoel Pavão , Pascoal Pereira , Estevam Alvares , Antonio de Araujo , Antonio Barboza , Simão de Figueiredo , Domingos Correia , Domingos Dias Bezerra , Antonio Gomes , Bartholomeu Fabella , Estevam de Tavora , João Dias Leite , Diogo Malheiros , Braz de Barros , João Mendes Flores , e João Ferreira. A estes Cabos se deu o titulo de Capitaens de emboscada.

Faziam estas Esquadras o serviço de partidas] de Caçadores, que ora atacavam de subito, ora se retiravam, umas vezes reunidas, outras debandadas. Andavam de continuo pelos matos, e em pouco tempo deram tão grande prova da sua utilidade, que, perdendo em diversos encontros e sortidas sómente desoito homens, mataram ao inimigo trezentos e sessenta e seis, além dos feridos, que, por não ficarem no campo, não se poderam contar.

A principal força do Exercito Pernambucano consistia em componezes, (matutos) e lavradores, que para tomar armas suspendiam os trabalhos compestres, mas que as não largavam, senão para outra vez as empunhar; de sorte que voltando, e tornando sempre, renovavam, por assim dizer, o Exercito de que eram os mais firmes esteios. Não sómente os habitantes d'Olinda, e Recife, e seus contornos, mas tambem um grande numero de familias do interior, se tinham acolhido sob a protecção do Arraial. Mas si este acampamento lhes servia de abrigo, tambem ahi soffriam grandes privações. Os viveres eram carissimos, e raros: cada Soldado apenas tinha a diminuta ração de uma espiga de milho, e era já tal a caristia, que com grande custo se alcançava um salamim de farinha por cinco patacas. Ainda que inexperientes, estes bravos Milicianos, eram pela sua constancia um objecto de admiração, e espanto, passando vinte, e trinta dias debaixo d'armas! A' todos os incommodos, infalliveis na guerra, se juntava o tormento da fome, o mais terrivel de todos. Não se pôde conceber como estes homens, á pouco sahidos de uma vida pacifica, e do centro da abundancia, podiam supportar tantas privações, e fadigas! O sentimento de honra nacional, levado ao maior grão, pôde explicar este phenomeno. Os vestidos entre estes Soldados Cidadãos, eram ainda mais raros do que o sustento, pois que todos haviam abandonado suas casas repentinamente. N'este estado de abatimento o que mais os constrangia era andarem descalços, confundindo-se com os escravos; os Officiaes porém, para pouparem aos seus subordinados esta comparação humilhante, tiravam os seus sapatos, e andavam tambem descalços! Só este lance basta para dar uma

idéa do espirito patriótico, que domina os Pernambucanos.

Si nos Soldados, e seus Chefes o patriotismo, e espirito nacional se desenvolveu de uma maneira, que nos fará sempre eterna honra; nos proprietarios, cujos interesses eram os mais feridos, não se observou menor entusiasmo. O General Hollandez, para ao menos pol-os indifferentes, offereceu-lhes em nome do Principe de Orange, todas as vantagens, e toda a protecção possivel em um paiz conquistado; porém a fidelidade, e honra dos Pernambucanos desprezaram heroicamente os offerecimentos do inimigo, preferindo elles todas as miserias, á abundancia adquirida á custa do sacrificio de sua Patria.

Em quanto os Pernambucanos passavam assim por necessidades de toda a especie, estavam os Soldados Hollandezes abundantemente providos, porque a Companhia Occidental tinha feito seguir o seu Exercito expedicionario, por uma Esquadra carregada de viveres, e munições.

Entretando cada dia se continuava nos trabalhos, e as obras dos Pernambucanos iam tomando um aspecto respeitavel. Querendo Demburg ao menos embaraçar um andamento tão rapido, atravessa o rio Beberibe ao romper do dia 1º de Março, e com 500 homens cahe sobre a trincheira de Barbalho. Este resiste corajosamente; mas opprimido pelo numero abandona as palissadas, e continúa a resistir pela retaguarda das obras interiores. Albuquerque, advirtido d'este ataque, corre dos Quarteis vizinhos com algumas companhias, mas os Hollandezes, temendo o valor Pernambucano, abandonam os postos que haviam ganhado.

Conheceu então o General Hollandez, que para vencer os Pernambucanos, e expulsal-os de suas fortificações lhe era mister forças mui superiores, e mesmo que, animados pelos successos, iriam atacal-o, até debaixo dos baluartes d'Olinda, e do Recife; e como esta ultima praça, muito importante pela sua situação, não podia conter, por ser então pouco extenção, mais do que uma pequena guarnição, resolveu dar maior desenvolvimento ás suas fortificações. A ilha de Marcos André (hoje Freguezia de S. Antonio, centro da nossa Cidade do Recife) lhe pareceu prapria para preencher as suas

vistas, e aqui portanto, na extremidade do campo do Palácio do Governo, lançou o fundamento de uma fortificação.

Albuquerque a quem estas novas obras inspiravam viva inquietação, sem demora determina obstar-as. Em 18 de Março, e por ordem sua, ainda com as sombras da noite, sahio do Arraial Antonio Ribeiro de Lacerda com 700 Soldados Pernambucanos, Indios, e pretos de Henriques Dias, para desalojar o Flamengo, e desfazer a trincheira. Lacerda, atrevessando o Capibaribe embosca-se, e manda o Capitão Rebellinho que com vinte Soldados fosse provocar o Hollandez. Deu-se este por afrontado, e sahio a castigar o atrevimento d'aquelles vintes bravos. Não viraram os nossos a cara no encontro, antes dissimulandô se foram retirando, em ordem a metter o inimigo na emboscada; mas elle suspeitando o laço, fez alto. O Rebellinho conhecendo a cautella do inimigo, apresenta-se a atacal-o, então este aceso em colera, perde o receio, e carrega tão furioso a partida que o insultava, que se metteu no coração da emboscada, conhecendo o seu erro mui pouco a tempo de remedial-o. Então Lacerda sahe a campo, e carrega o inimigo com tal furia, que o obriga a retirar-se em debandada, deixando cincoenta mortos no campo, além dos feridos que carregou, sendo perseguido por oito cavalleiros nossos, que o seguiram até as suas fortificações, que não poderam ser demolidas por já estarem mui adiantadas. N'este encontro tivemos alguns feridos, e entr' estes levemente no nariz o Capitão Rebellinho, de uma machadinha que lhe arremessou um Soldado inimigo.

Trocaram-se as sortes dos combates, trocaram-se tambem os animos. O inimigo, cortado de medo, perdeu todo o orgulho; os nossos, animados dos successos, buscavam occasiões para se vingarem. Não era dado ao Flamengo passar o Isthmo que communica Olinda com o Recife, sem ser batido. Em 26 de Março deram as sentinellas aviso, de que o General Hollandez, acompanhado de um seu Coronel, se dispunha a passar do Recife para a Villa d'Olinda, com 600 Soldados de guarda. Mathias d'Albuquerque, em consequencia d'este aviso, ordena a Pascoal Pereira, que com algumas companhias se emboscasse para esperar o inimigo. Logo cahe no

ção que lhe fôra preparado; e por maior infelicidade sua uma chuva abundante torna inuteis as armas de fogo da sua escolta, sem todavia impedir a trezentos Indios do Camarão, o uso de suas flechas: ellas voam de todos os lados, e os Hol-landezes opprimidos, são dispersos, mortos, ou prisioneiros. Loneq, cercado de inimigos, e sem esperança de ser soccorrido, estava já para se render ao Chefe dos Indios, quando o seu cavallo, recebendo uma leve ferida, arremessa-se com tal furia, que derruba tudo quanto se lhe oppoem, e retira-o do combate com uma ligeireza prodigiosa. Os Hollandezes deixaram no campo alguns prisioneiros, e quarenta e nove mortos, e nós apenas tivemos alguns feridos levemente.

Esta fatalidade, e o risco dos Hollandezes em passarem de uma para outra parte deram lugar a que seu General ordenasse, que logo que uma partida sahisse de Olinda, ou do Recife desparar-se-hia dous tiros d'artilharia, para que immediatamente se pozessem em marcha destacamentos de ambos os lados, afim de cobrirem a estrada.

Já então havia o General Hollandez perdido a esperança de com as forças que tinha a seu mando, completar a conquista de Pernambuco; cuidou portanto em fortificar-se cada vez mais, empregando todo o seu cuidado n'aquella ilha de Marcos André (Freguezia de S. Antonio, denominada depois, durante o dominio Batavo, Cidade Mauricea) a qual tanto pela localidade, como pela guarnição que tinha era o grande ponto do inimigo. Esta ilha determinou Mathias d'Albuquerque ganhar, e aproveitar-se da sua artilharia, que era mui grossa. Confiou o nosso General a empreza ao Capitão Antonio Ribeiro de Lacerda, o qual, commandando mil praças, sahio do Arraial no dia 25 de Março pela meia noite. Marchoua gente sem rumor, e antes de atravessar o Capibaribe dividiu-a em tres corpos, dando o commando de um ao Capitão Luiz Barbalho, de outro ao Capitão Manoel da Franca, e o do 3.º rezervou para si. Dado o signal para o ataque, avançou Barbalho a trincheira pela frente, e ganhando-a, (oppondo-se-lhe fraca resistencia,) entrou no acampamento, e fez grande estrago. O Capitão Franca com o seu corpo atacou o flanco esquerdo, e o forçou; o corpo do commando de Lacerda,

que era o mais forte, atacou pelo flanco direito. Entre tres fogos se vio em breve o inimigo, e o escuro da noite, não deixando distinguir amigos de inimigos, tornou aquella acção uma batalha horrivel. Confundidos os dous partidos muitas vezes vieram os combatentes a braços, e em uma d'estas lutas espirou abraçado pelo Capitão Ribellino, um Capitão Hollandez. Nas casas, e nas ruas (os Hollandezes acamparam-se em forma de povoação.) acharam os miseraveis rendidos uma mesma sorte. Era tanta a confusão, ajudada do estrondo das armas, dos gritos, e da afflicção, que ninguem se entendia. A artilharia das trincheiras virada pelos nossos contra a povoação era o que maior estrago fazia. Entretanto ainda não era dia : mas a mesma sombra da noite, que havia dado lugar a surprender-se o inimigo, foi tambem aquella que o fez cobrar o perdido. Destruindo quanto encontravam, corriam os nossos pelas ruas do acampamento, quando succedeu avistarem-se o Capitão Rebellinho, e Luiz Barbalho, que pelos lados o ppostos de uma mesma rua, caminhavam para o centro d'ella. Presumiram-se contrarios, os que eram amigos, tendo cada um para si, que a gente do outro era socorro que vinha para o Hollandez. Nesta perplexidade estavam, quando dando-se rebate no Recife, rompe das Fortalezas, e embarcações um vivo fogo contra a povoação, confirmando este successo a suspeita dos dous Capitaens. Em ambos os lados se toca a retirada, e os dous corpos retiram-se, com aquella confusão e desordem, natural em quem se receia de sua propria sombra. Cobrou-se então o Flamengo das trincheiras, e ás balas de sua artilharia perseguiram os nossos em todo o seu alcance. Nesta retirada perdeu a vida o Tenente General (*) Pedro Fernandes Ferrete, e uma perna o chefe d'esta infructuosa empresa Antonio Ribeiro de Lacerda, ferida de que veio a morrer no dia seguinte. No campo ficaram mortos oito Pernambucanos, e tres Indios, e nos recolhemos com dez feridos; arrebatando da nossa mão um ponto tão importante, a imaginação preoccupada

(*) Tenente General n'aquelles tempos, correspondia a Ajudante General de hoje.

gada d'alguns dos nossos. Mas si d'esta sorte o nosso engano, nos tirou a preza da mão, comtudo não melhorou o partido inimigo: foi tal a prejuizo que elle soffreu n'esta noite, que em vez de praz er, derramou-se a consternação, e o lucto por todo o seu campo. Então convencendo-se mais o General Hollandez da importancia d'este ponto, determinou que se levantasse uma Fortaleza regular e duradoura no lado do Sul da ilha, defronte de uma pequena barra, dando-lhe o nome de—Fortaleza de Frederico Henrick;— mas a figura de Pentagono, que lhe deram seus fundadores, fez que os Pernambucanos lhe chamassem—*Cinco Pontas*--, nome que ainda hoje conserva, posto que careça da sua primitiva forma.

Ardia o General inimigo em desejos de vingança e vindo ao seu conhecimento, que da trincheira guarnecida pelo Capitão Luiz Barbalho, encobertos os nossos pelos matos, recebiam sempre os seus consideravel damno, acezo em ira sahio em 10 de Agosto, com quasi todo o seu poder, para arrasar a trincheira, e degolar toda a guarnição d'ella. Passou o Beberibe na vasante da maré, antes de romper o dia, e de repente deu sobre a trincheira. Barbalho apenas tinha então comsigo doze Soldados, e com tudo, avisado pelas sentinellas de que o inimigo o procurava com tão grande força, o esperou com tanto desenfado, como se tivera força igual a dos contrarios. Deu e recebeu cargas; mas vendo que necessariamente succumbiria, retirou-se para a segunda trincheira em quanto lhe chegava soccorro; e com tal arte se retirou, que o inimigo só veio a perceber-o pela ausencia do nosso fogo; apponderou-se então elle da trincheira, e arrazou-a; mas quando estava no fim d'este trabalho, chegando soccorro nosso, retirou-se, atravessando o rio precipitadamente sem esperar pelo encontro.

Dentro de suas mesmas fortificações se via o Hollandez preso, e flagellado pelo uso do alimento salgado, unico que lhe era dado gostar. Apertado pela necessidade, determinou tentar fortuna: emboscou a maior parte da sua gente, e com o resto sahio á campina de Olinda, cingida por algumas Estancias nossas: fizeram as sentinellas signal, e nas trincheiras, e no Arraial se pegou em armas. Mathias d'Albuquerque

que expedio logo os Capitaens Santos da Costa, Roque de Barros Rego, Miguel de Abreu, e outros em socorro das Estancias ameaçadas. O inimigo esperou os nossos, e para os metter nas emboscadas, nos primeiros tiros retirou-se em desordem; mas esta retirada, pela sua mesma precipitação, deu a conhecer o fingimento; todavia os Capitaens Martim Ferreira, e Roque de Barros, carregaram o inimigo, mas sempre com alguma cautella: o Capitão Santos da Costa porém respondendo aos que o avisavam, dizendo-lhe que se ia metter no coração das emboscadas, e que se retirasse.— *Eu tive ordem para invistir, e não para retirar*—avançou corajosamente com o seu Alferes, e ambos, com os Soldados que os seguiram, foram entregar as vidas, como entregaram, sem mais outra utilidade do que a vaidade de perdel-as honrosamente, embora bem caro custasse ao inimigo, que não deixou de ter grave prejuizo.

Vendo o General Hollandez, que perdia em todas as suas tentativas, quiz ver se mudando de lugar, melhorava de fortuna. Em 16 de Outubro mandou 400 Soldados de infantaria, e 14 batedores a cavallo surprender a Estancia do Rio Doce; mas o seu Commandante, o Capitão Simão de Figueiredo, que estava vigilante, apresentou tal resistencia, que o inimigo, perdendo muitos homens, retirou-se, sendo perseguido pelos nossos até as proximidades d'Olinda.

Assim n'estas escaramuças se passou todo o resto do anno de 1630; os Holandezes, encurralados no Recife, e Olinda; e os nossos em suas Estancias sitiando-os. Raro foi o dia, no qual não houve um encontro, e em que o Hollandez não teve mais um motivo para admirar o valor dos Pernambucanos; mas elles tinham ainda que passar muitos annos por amargas experiencias, para conseguirem o libertar seu paiz do dominio Batavo!

Entretanto que em Pernambuco as cousas estavam no estado em que tenho exposto, chegou a Lisboa em principios de Abril de 1630 a noticia da tomada d'Olinda, e Recife, e pouco depois á Madrid. Os Portuguezes com toda a razão culpavam o primeiro Ministro de Hespanha, e diziam. « Como não pôde O Ministro prever, e mesmo acreditar que a cu-

« bica da Companhia Hollandeza lhe faria dirigir todos os
 « seus tiros para a Provincia de Pernambuco ! Tudo annun-
 « ciava, accrescentavam elles, e tudo indica hoje mesmo, que
 « a sua ambição não se limita só a esta conquista parcial,
 « mas sim que o dominio de todo o Brazil enche as vistas
 « dos invasores ; comtudo o Brazil está desamparado ! »

O desamparo de Pernambuco parecia tanto mais inex-
 cusavel, quantas maiores eram as urgentissimas reclamações,
 que Mathias d'Albuquerque fazia a Olivares , sobre o
 estado de fraqueza e privação de todas as cousas, no qual
 o deixava a Metropoli. Com não menos vehemencia repre-
 sentava elle ao primeiro Ministro, quanto era insufficiente o
 pequeno numero de tropas regulares, que tinha para guar-
 necer as suas linhas, preservar as obras, oppôr-se ás repetidas
 sortidas do inimigo, e defender-se quotidianamente até no
 centro dos matos ; quanto sobre tudo eram insuportaveis
 as fadigas, e fomes que soffriam as fieis, ainda que inexpe-
 rientes Milicias, as quaes teriam já succumbido á miseria,
 e trabalhos senão fossem sustentadas pela esperança de
 receber os soccorros da Europa, que em vão esperavam.
 « He para receiar, accrescentava Mathias d'Albuquerque, que
 « os desgraçados habitantes de Pernambuco, oprimidos com
 « tão duros revezes, cedam finalmente á força de seu des-
 « tino. »

Outra circumstancia tambem havia que inquietava Al-
 buquerque : alguns proprietarios eram Portuguezes, que
 tendo deixado a sua Patria, para fazer fortuna em Pernambu-
 co, nenhum amor tinham a este paiz ; e porque a guerra os
 privava do lucro, que vieram procurar, pouco se importavam
 elles que Pernambuco estivesse sujeito ao Estrangeiro, comtan-
 to que os deixassem lucrar, e locupletarem-se a custa do suor
 e liberdade dos mesmos Pernambucanos ! Da fidelidade d'estes
 Portuguezes muito duvidava Albuquerque, e as suas repre-
 sentações para Olivares , exprimiam bem o que receiava
 d'estes homens.

Eram porém inuteis estas representações. Os thesou-
 ros de Portugal, e até mesmo os rendimentos do Brazil
 iam-se absorver nos Exercitos de Italia, e Flandres. Pre-

textos menos especiosos bastariam sem duvida a Olivares, para apoiar o seu systema de indifferença a respeito do Brazil. Os riscos que corria esta interessante parte da Coroa Portugueza, sempre elle os reputava exagerados, pois que, apezar das diminutas forças militares de que Mathias podia dispôr em Pernambuco, os Hollandezes não tinham ganhado no campo uma só pollegada de terreno, estando como sitiados nas praças que occupavam. Basta, dizia Olivares, enviar ao Brazil ligeiros soccorros, que sem enfraquecer a Hespanha obstem os progressos do inimigo.

Por maiores que fossem os clamores a este respeito, o impetuoso Olivares (que não perdia occasião de aniquilar a infeliz, e subjugada Nação Portugueza) fingia que estava persuadido de que os Hollandezes não se poderiam manter em Pernambuco ; que os Cofres da Companhia Occidental estavam quasi exhaustos ; que esta guerra não era da sua parte, mais do que uma especulação mercantil, dirigida sómente pelas regras d'Arithmetica, e que si a espada não dêsse exactamente resultados iguaes, aos dos calculos da penna, bem depressa se veria as Provincias Unidas da Hollanda abandonarem covardemente as suas conquistas. Taes eram os raciocinios d'Olivares nos Concelhos, em que elle era tudo, e nos quaes os outros Ministros eram cegos instrumentos de sua falsada politica.

D'esta sorte não enviou Olivares a Pernambuco por espaço de mais de um anno, senão nove caravellas, e quatro centos homens por diversas vezes, e tão poucas munições de guerra, que os Pernambucanos se viram obrigados a reduzir à balas os chumbos das redes de pescar. Como os Hollandezes estavam Senhores do mar, não podiam estes fracos soccorros chegar ao campo Real, senão com difficuldade, e tardança, pois que era necessario, para evitar os Cruzeiros, desembarcar em pontos apartados, resultando d'isto que com as marchas trabalhosas, estes mesmos fracos auxilios, chegavam ao Arraial mui diminuidos.

CAPITULO V.

Os **Hollandezes** são sorprendidos colhendo caju's. Fortificam-se na Secca, onde levantam uma trincheira. **Mathias d'Albuquerque** ataca Olinda, e he repellido.

1651

Favorecidos mais pela traiçoeira politica do Ministro Hespanhol Olivares, do que pelo poder de suas armas, os Hollandezes não perdiam um só momento em que se podessem fortificar, espaçando a capacidade das praças que dominavam, já cercadas de grossas estacadas de pão a pique. Tinha porém entrado o anno de 1631, e o seu principio lhes foi logo desastroso : a fome era grande em Olinda, e no Recife ; e os Soldados Hollandezes portanto não perdiam occasião de adquirir algum mantimento, principalmente fructas, que metigassem os effeitos da comida salgada, principal alimento a que estavam reduzidos. Uma legoa longe d'Olinda, no lugar chamado Olarias, (*) havia uma prodigiosa abundancia, de Cajueiros ; e postoque os Hollandezes, apenas sahiam de seus muros, eram logo cortados, teve n'elles mais imperio a fome do que o medo. Sem que os seus Chefes soubessem, sahiam escoltas de Soldados Hollandezes para as Olarias a colher fructos, e não tendo sido nos primeiros dias precebidos pelos nossos, muito a seu salvo refrescavam-se com o saboroso cajú. A boa sorte dos primeiros convidou a outros ; entretanto chegou isto á noticia de Mathias d'Albuquerque Maranhão, Commandante da Estancia de S. Amaro, e dando parte ao General, determinou este que com 300 Pernambucanos e oitenta Indios fosse surprender os Hollandezes, que iam a colheita das fructas. Maranhão fez emboscar a sua gente, e esperou que os famintos Hollandezes chegassem. Com effeito trezentos d'estes, pouco mais ou menos, pelas oito horas do dia appareceram, largaram as armas, e começaram a colheita ; mas quando estavam mais embebidos, e descuidados sahiram das emboscadas os nossos, e os ataca-

(*) Hoje este lugar he conhecido pelo nome de Santa.

ram. Não lhes deixou o assalto grande tempo para resistencia, por que deixando no campo cento, e oitenta mortos, e ficando pelo caminho muitos feridos, e prisioneiros, apenas se recolheu a Olinda um pequeno numero d'elles, e quasi todos feridos.

Então o General inimigo, reconhecendo cada vez mais a neccsidade de dar ao seu campo uma maior extensão, deliberou augmenta-la. Havia proximo á grande estacada de pão apique do Recife, uma restinga de arêa, denominada Secca (*) resolveu o inimigo fortificar este ponto, levantando n'elle uma forte trincheira, que, guarnecida de artilharia, e Soldados, servisse para repellir os nossos. No dia 3 de Fevereiro de 1631 sahio para este fim com grande força de Olinda, levando gastadores, artilharia, &c., e pôz mão a obra, e com tal empenho trabalhou, que quando os nossos souberam, já a fortificação estava em estado de defender-se: todavia atacaram os nossos a nova trincheira, mas não a poderam tomar, antes perderam alguns Soldados, sahindo feridos o Capitão Francicco Monteiro Bezerra, em um braço, e o Tenente Luiz Barbalho em uma verilha. Tudo annunciava portanto que o intento de se estabelecerem em Pernambuco cada vez mais occupava os Holandezes, e que mesmo não tardariam em fazer novas tentativas no centro da Capitania.

Albuquerque, julgando então, que não se poderia impedir os seus progressos por uma simples defensiva, e perdendo a esperança de receber auxilios da Metropoli, resolveu reunir todas as suas forças para tentar fortuna com um golpe estrondoso. Reunio pois todo o Exercito, e lhe fallou d'esta sorte.

« Bravos Portuguezes, valorosos Pernambucanos ! Quaes
 « sejam os motivos por que El-Rei Catholico nos não soccor-
 « re, são manifestos. Ou seja que uma guerra vizinha, e
 « mais apertada occupe as suas armas, ou que elle me honre
 « com a sua confiança até o ponto de me considerar equiva-
 « lente a um Exercito, vós não podeis já contar com soccor-
 « ros, quando o numero, e o poder dos vossos inimigos cada

(*) O Pilar pelo lado do rio Beberibe.

« dia se vigora ! Porque o dissimularemos ? A conquista do
« Brazil he de maior momento para as Provincias Unidas,
« do que a sua conservação aos Ministros de Filippe 4.^o da
« Hespanha. Esperamos nós para combater que novas for-
« ças, ás quaes não poderemos resistir, venham assaltar estes
« gloriosos intrincheiramentos, que devemos á nossa intre-
« pidez, e constancia ? Quem nos poderá taxar de temerarios
« no meio dos riscos, que nos cercam ? Não espiram os
« nossos Soldados victimas da fome, que se unio contra nós
« aos flagellos da guerra ? He por ventura esta a morte, que
« devemos esperar a pé firme ? Certo que não : ella não he
« a dos heróes ! A sorte dos combates favorece a audacia.
« Demos ao inimigo assombrado um assalto gèral. Talvez
« que a justiça da nossa causa esteja esperando, para nos
« dar o triumpho, por este ultimo esforço do nosso valor. »

Um grito unanime de approvação foi a resposta que todo o Exercito deu á falla do seu General. Albuquerque por tanto depois de ter dividido as suas tropas em tres columnas, avançou coberto pelas sombras da noite em o fim de Março de 1631, para a Villa d'Olinda, a fim de ataca-la por tres lados. Retardado porém o Exercito pela passagem do Beberibe, as vanguardas das nossas columnas não avistaram os postos avançados do inimigo senão ao romper do dia. Ja tinham as sentinellas bradado as armas, quando os nossos rompem o fogo : numerosos destacamentos, sahem apressadamente d'Olinda para sustentar os seus postos avançados, mas os Pernambucanos derrotam esses destacamentos, e, fazendo grande mortandade, se apoderam das fortificações exteriores do inimigo ; ainda porém quatro mil Soldados tinham ficado na praça, cujas trincheiras eram guarnecidas por grossa artilharia!

Obstaculo algum desanima Mathias d'Albuquerque ; pelo contrario, reunindo ás exhortações as mais energicas, o exemplo do mais heroico valor, dá elle mesmo o assalto a testa da primeira^a columna. Comtudo complicam-se as difficuldades ; profundos fòssos, que precediam as trincheiras, não era possivel encher ; e sem este caminho, não se podia escalar as muralhas. Além d'isto o terrivel fogo d'ar

tilharia , e a explosão de um chuveiro de granadas , arremessadas pelo inimigo no meio de nossas fillas , fazia horri-vel mortandade. Não querendo portanto Albuquerque , que os seus valorosos Pernambucanos fossem por mais tempo vic-timas da sua temeridade , tocou a retirar , e entrou nova-mente nas suas linhas. Tal foi o resultado d'esta acção me-nos pensada , postoque intrepida , que custou quatrocentos homens á Hollanda ; mas que tambem nos custou um maior prejuizo de bravos.

Si Albuquerque perdeu desde então toda a esperança de expulsar o inimigo do Recife , do outro lado os Generaes Hol-landezes não se lisongeavam de o forcarem nos seus intrin-cheiramentos , ou de perseguil-o no interior. Os armazens porém do Recife estavam quasi esgotados , porque si o mar era franco aos Hollandezes , o accesso do continente lhes era absolutamente prohibido. Não havia no Recife outra agoa , senão a que se tirava dos poços cavados na praia , e que era filtrada de um modo imperfeito. Tal era a critica situação das guarnições Hollandezes , que apenas tinham a ração de pão , e biscoito da Europa , e carne salgada , sendo até obri-gadas a queimar lenha da Hollanda , por que os Pernambu-canos , guardando exactamente o paiz , não lhes per-mettiam cortar os seus bosques , embora estivessem tão perto d'elles.

Todavia todos os sentimentos , e interesses não tendiam inteiramente para o bem de Pernambuco no campo de Ma-thias d'Albuquerque. Este General tinha por inimigos aquel-les Portuguezes , de quem elle ha muito se receiava , e que despidos de todos os sentimentos , que lhes deviam inspirar as desgraças de um paiz , onde elles chegando miseraveis , se haviam de repente enriquecido ; pelo contrario sollicitos de vender os productos das suas propriedades , sem os in-quietar a qualidade dos compradores , e as consequencias d'esse commercio , traficavam secretamente com o inimigo! Tres d'estes Portuguezes avarentos , convencidos de terem commerciado occultamente , foram enforcados por sentença de um Concelho de Guerra , ou Commissão Militar , presi-dida por Mathias d'Albuquerque ; severidade esta unica

que poderia conter homens, que, sahindo de sua Patria miserabilissimos, e achando em Pernambuco riquezas, e um hospitaleiro acolhimento, não tinham remorsos de sacrificar este mesmo povo, a troco de um vil ganho.

Estimulados então os correos d'estes miseraveis, ordiram em segredo contra o General uma conjuração, cujo resultado lhes pareceu seguro. Favorecidos pelo escuro de uma noite, e em quanto Mathias d'Albuquerque estava entregue ao somno, conseguiram os conjurados lançar fogo no Quartel General; mas advertido em tempo do progresso das chammas, pôde Albuquerque escapar do perigo; e como politico, para evitar a desunião entre Portuguezes, e Pernambucanos, visto que os primeiros eram os autores de tão infame delicto, julgou prudente fingir, que o incendio tinha sido filho do acaso.

Eram estas as desposições secretas da maior parte dos Portuguezes ricos, que por desgraça nossa aqui tinham vindo habitar, desde o principio do seculo 17, quando os descendentes dos companheiros de Duarte Coelho, tendo afugentado os Indios, conservavam ainda intactas todas as virtudes de seus Paes. O mesmo Povo estava singularmente irritado contra a administração, e influencia dos Portuguezes; e antes da invazão tinha elle patentiado por mais de uma vez o seu descontentamento, por cauza da tyrania sob a qual os poderosos, honorificamente empregados, o faziam gemer. Era sempre impunemente, que estes homens, expellidos de Portugal pelos seus crimes, commettiam acçoens as mais indignas e iniquas, sem que o povo tivesse meio de os conter. Esta distracção dos principios de justiça, e a corrupção dos costumes, não contribuíram pouco para as desgraças de Pernambuco, e foram essas sem duvida as principaes causas, que deram lugar a que Olinda, ainda estivesse indefeza, quando o Exercito Hollandez a invadio.

Esperava o General Hollandez soccorros da Hollanda, para tentar fortuna, e penetrar o interior, que até então não tinha podido invadir; mas em quanto esses soccorros não chegavam, resolveu-se em Conselho no Recife, que as forças

Hollandezas deviam aproveitar-se do imperio do mar, para conseguirem entretanto a conquista do litoral, augmentando assim o numero de seus partidistas, e ao mesmo tempo estabelecendo relaçoens de commercio; sem as quaes seria difficil conservarem-se, e chegarem ao principal fim dos armamentos da Companhia Occidental.

Os Generaes Hollandezes voltaram pois as suas vistas para a ilha de Itamaracá. Esta ilha, cujo territorio he fertilissimo, não era ainda habitada, senão por um pequeno numero de familias de agricultores, que preencheriam pouco mais de cem fogos. Era alli Governador o Capitão Salvador Pinheiro, Official não menos recommendavel pela sua bravura, do que pela sua experiencia, tendo apenas sessenta Soldados para guarnecer este Ponto.

Por muito fracos que fossem os meios de defeza d'este Capitão, o Côronel Hollandez Canefelt, expedido do Recife no dia 22 de Abril de 1631 (a fim de se apossar da ilha) commandando vinte embarcações de guerra, reputou o ataque difficil, contentando-se de arriscar ligeiras escaramuças. Desenganado que a viva força não se apoderava da ilha, poz todo o seu cuidado em construir sobre a praia uma pequena Fortaleza, que dominava a entrada do porto, do meio de uma lingoa de terra, em torno da qual formava o mar duas barras pouco distantes do Continente. Canefelt denominou esta sua Fortaleza—Forte de Orange—, e depois de a ter aperfeiçoado, guarneceu-a com doze peças, e oitenta homens, e, deixando-lhe no porto uma Sumaca e um Navio, voltou para o Recife, sem ter obtido nem um outro resultado. A Villa de Iguarassú, vendo o inimigo fortificar-se tão proximo d'ella, tractou immediatamente de fortificar-se, e em breve seus habitantes se pozeram em estado de fazer cara ao inimigo.

Eis pois tudo quanto pode conseguir de Pernambuco, falto de meios, de gente, e de disciplina, o aguerrido Exército Hollandez, que parecia prometter à companhia Occidental um estabelecimento solido e permanente; mas que no decurso de mais de um anno, batendo-se quasi todos os

dias, ora tendo vantagem, ora perdendo, apenas circunscrevia o seu dominio em Olinda, Recife, e na pequena Fortaleza de Orange em Itamaracá.

CAPITULO VI.

Chegam reforços de Hollanda ao Recife. Hespanha igualmente manda uma Esquadra para o Brazil, que se bate nas agoas da Bahia com o inimigo. Chega a Pernambuco o Conde de Bagnoulo. Olinda he incendiada pelos Hollandezes, Estes atacam a Parahyba, e o Rio Grande. Callabar foge para os Hollandezes. Character d'este mulato. Tomada de Iguarassu'. Ataque em Rio Formoso. Dous Commissarios da Companhia Occidental chegam ao Recife. Demburg General Hollander resigna o Commando, e Lourenço Reimaback o substitue.

1651 A 1655.

Abandonada ás suas proprias forças a Provincia de Pernambuco, parecia nada mais ter a esperar da Metropoli, quando se divulgou em Madrid a noticia, de que um novo armamento se preparava em Hollanda, com destino para o Brazil. Esta nova Armada Hollandeza compunha-se de vinte e seis navios de alto bordo, guarnecidos, além da precisa equipagem, por tres mil, e quinhentos homens de desembarque. Neste comboio se transportavam grande numero de familias Hollandezas, e alguns Judeos ricos, attrahidos ao Brazil como Colonos, pela esperanza de um commercio lucrativo, que a posse de Pernambuco promettia. Esta Armada foi dividida em duas Esquadras; a primeira, composta de onze navios, e nos quaes se transportavam as familias Hollandezas, os Judeos, e dous mil homens de desembarque, foi confiada ao mando do Coronel Alexandre Siton, com directo destino para Pernambuco, e a segunda, de 15 navios com mil e quinhentos homens de desembarque, foi commettida ao commando do Almirante João Adrian Patry, Official de uma intrepidez experimentada, e destinado especialmente para se apoderar dos Galiões do Mexico, que, carregados de ouro, e prata, aim todos os annos para Hespanha.

A noticia d'este ultimo projecto inquietou de tal sorte o Ministro Olivares, que elle deu ordens as mais apertadas a D. Antonio de Oquendo, Almirante General, e membro do Conselho de Guerra de Hespanha, para equipar em Lisboa huma frota de vinte navios, destinada particularmente a comboiar os Galiões do Mexico, que era o que mais cuidado dava ao Ministro Hespanhol! Como todos os gastos d'esta frota, deviam ser feitos á custa de Portugal, El-Rei de Hespanha recebeu as mais vehementas supplicas dos Portuguezes Europeos, que tinham grande parte de suas fortunas no Brazil, para que ao menos uma secção d'esse armamento fosse empregada na defeza d'este paiz. Filipe 4.^o não pôde ser surdo a estas supplicas, e o seu Conselho decidiu por tanto, que dous mil homens de reforço embarcados na Esquadra, fossem distribuidos pelas principaes guarnições das Colonias: a saber, duzentos em Belem, (Pará) oitocentos na Bahia, debaixo do commando de D. Christovau Mexia Bocanegra, e o resto, formando um corpo de mil homens, composto de trezentos Hespanhoes, outros tantos Napolitanos, e quatrocentos Portuguezes, debaixo do commando de João Vicencio Sanfiliche, Conde de Bagnuolo, foi destinado especialmente a reforçar o pequeno Exercito de Mathias em Pernambuco.

Bagnuolo era um General Napolitano, a quem a guerra do Brazil, depois de bastantes alternativas, deixou em duvida a sua capacidade. Apezar de conhecer a fundo a theoria da arte militar, e nada entregar ao acaso, todavia muitas de nossas infelicidades se lhe devem; embora Mr. Beauchamp na sua Historia do Brazil diga o contrario: o testemunho de Officiaes que com elle serviram, denigra sua conducta.

A primeira Esquadra Hollandeza, fez-se de vela dos portos da Hollanda, em Janeiro de 1631, e chegou a Pernambuco em Março; e a segunda, tendo sahido tres mezes depois da primeira, aqui aportou em Julho do mesmo anno, tendo ambas muito tempo para desembarcar a seu salvo a grande quantidade de municões de boca, e guerra, e os tres mil e quinhentos homens que transportara.

est. fe. armada de Hollanda chegou a Pernambuco em março de 1631.

Entretanto concluidos os aprestos da Armada Hespanhola, deu ella a vela de Lisboa, pelo mesmo tempo em que a ultima expedição Hollandeza chegava a Pernambuco, e segundo as ordens do seu Governo dirigio-se o Almirante Oquendo para a Bahia, desembarcou ahi os oitocentos homens, que lhe eram destinados, e tornou a sahir para o mar, com disignio de largar o Conde de Bagnuolo, e o Donatario Duarte d'Albuquerque Coelho (que como Donatario, e Senhor da Capitania veio por ordem de El-Rei Catholico defendel-a) em algum dos portos de Pernambuco, e seguir guardando um comboio de doze Caravelas, que seguiam para a India, para depois proteger a passagem dos Galiões do Mexico.

O Almirante Hollandez, instruido a tempo do destino da frota Hespanhola, apressou-se em dar á vela do Recife, para ir encontral-a. Depois de ter por muito tempo luctado contra os ventos, avistou-a em fim nos mares da Bahia no ultimo de Setembro de 1631 (*). Na manhã do dia seguinte acharam-se as duas armadas na presença uma da outra, e formadas em ordem de batalha, e tendo já o Almirante Hespanhol dado ordem aos navios, que conduziam o reforço de Pernambuco, para seguirem o seu destino, logo que rompesse o fogo, deram ambos os Almirantes o signal para o combate, e principiaram a acção por uma descarga geral. Destacados do conflicto os navios do reforço de Pernambuco, Oquendo, aproveitando a vantagem que lhe dava o vento, sobre o navio de Patry, afferra-o, e lhe dá combate terrivel. Patry intenta desembaraçar-se, mas a sua pôpa se achava preza á borda do navio de Oquendo. Então o Capitão Hespanhol João Costilho, arriscando-se a uma morte quasi certa, salta em o navio Almirante inimigo, consegue passar um cabo em redor do masto da

(*) O Reverendo Fr. Calado no seu *Valeroso Lucideno* enganou-se na data d'este facto, assim como se enganou na da entrada dos Hollandezes em Pernambuco; por que diz a pag. 13 que a batalha naval, da qual sahio Oquendo victorioso, pela honrosa morte do bravo Almirante inimigo, deu-se em 1632, tendo ella pelo contrario sido dada em 1631, como referem todos os outros historiadores, e está provado.

mezena , e impede a separação dos dous navios , por esta acção heroica , que lhe custa a vida ; porém um navio Hollandez , vindo em soccorro do seu Almirante , aproxima-se do Almirante Hespanhol , e o bate pelo outro lado.

Oquando teria succumbido então , si o Capitão de Mar e Guerra Portuguez Cosme do Couto Barboza , não se metesse com seu navio , de menor grandeza , no meio dos dous inimigos ; mas opprimido por estas duas grandes montanhas , o navio de Barboza submergio-se , salvando-se a nado este bravo Portuguez , que cahio em poder do inimigo , depois de ter salvado o seu Almirante com tão habil manobra. (*)

Entretanto que o combate se complica , e se torna geral , os dous Almirantes começam de novo a canhonearem-se cada vez com mais furia , e em breve os dous navios não apresentam mais , do que uma superficie raza , onde os Soldados dos dous partidos se confundem , e misturam : o fuzil , a espada , servem igualmente á raiva dos combatentes. A vista dos cadaveres mutilados , dos membros dispersos , dos moribundos lançados indistinctamente ao mar com os mortos , apresenta o espectaculo mais horrivel , que pôde offerer a ferocidade dos homens , que tão superiores se julgãam as feras ! Finalmente para cumulo de todo o horror , um Artilheiro Hespanhol , salta em o navio do Almirante Hollandez , e toca-lhe fogo : então as reliquias da equipagem empenham-se para apagal-o ; mas as continuas descargas d'artilharia , e fuzilaria tornam inuteis todos seus esforços ; finalmente arde a capitânea Batava no meio do Oceano , e representa a perfeita imagem do Inferno !

Oquando corta então o cabo que o prende ao navio inimigo , porém os arpões de bordagem o retêm , e o seu navio , inteiramente desamparado , arderia tambem , si o Capitão João do Prado , sacrificando-se gloriosamente o não viesse soltar , e não o arredasse do incendio , levando-o a

(*) O Capitão de Mar e Guerra Cosme do Couto , por essa acção foi elevado a Almirante , e teve huma pequena Comenda.

reboque. O bravo Almirante Patry, vendo que o Almirante Hespanhol não participava do perigo, que elle não pôde evitar, despreza salvar a vida nadando para os Hespanhoes, como parte de suas equipagens estavam salvando-se, e tomando o seu Pavilhão envolve-se n'elle, e lança-se ao mar dizendo aos Officiaes que intentam demora-lo: « *O Oceano he o unico tumulo digno de um Almirante Batavo!* »

Ainda que desamparado, o navio de Oquendo, comtudo combatia, mesmo depois de ter perdido dous terços da sua equipagem; porém a que restava, vendo-se impossibilitada de manobrar o navio aberto, não pôde obstar que elle se submergisse. Oquendo tinha conservado assaz presença de espirito, e ventura para com tempo salvar os seus, e passar-se para outro navio, donde continuou a dar suas ordens.

Esta sanguinolenta batalha, cuja victoria foi tão denodadamente disputada, por ambos os lados, com igual valor, e com notavel habilidade nas manobras, custou perto de tres mil homens a cada uma das duas nações. A igualdade das perdas he singular, e segundo a opinião geral, o valente Almirante Hollandez, que perdeu a vida tão gloriosamente, não foi considerado como perdendo a batalha. As duas frotas ficaram tão derrotadas, que nenhum de seus navios se achou em estado de resistir ao mar.

Logo ao amanhecer a esquadra Hollandeza tomou o largo, e entrou de novo no Recife; Oquendo fez o mesmo, e se recolheu ao porto da Bahia da Traição, para reparar os seus navios; e depois de ter encontrado com Bagnuolo, e tomado-lhe trezentos homens, dos mil destinados para Pernambuco, a fim de supprir em parte a falta dos que morreram na acção, foi comboiar os galiões do Mexico, segundo a ordem que recêbera.

Bagnuolo, tendo costeado a praia, ganhou o porto do Rio Grande do Norte, desembarcou ahí com segurança tanto a gente, como munições, e cargas de particulares, e depois de uma marcha penosa de mais de trinta legoas, reunio-se à Mathias d'Albuquerque. com os setecentos homens que lhe tinha deixado Oquendo.

Os Generaes Hollandezes informados da chegada d'estes socorros , cuja fraqueza ignoravam, perderam a esperança de conservar as duas praças conquistadas , e julgando conveniente , concentrar as suas forças no Recife , onde elles receíavam ser atacados por terra e mar, trataram em conselho: si deviam abandonar Olinda , danificando-a sómente , ou destruindo-a. Adoptaram este ultimo partido; mas querendo incobrir com hum estratagema , o verdadeiro motivo de uma medida tão desastrosa , mandaram um Enviado a Mathias d'Albuquerque , dizendo-lhe : que a guarnição Hollandeza grandemente irritada contra os habitantes de Olinda , de quem tinha recebido deversas offensas , queria incendiar a Villa, e que elles Generaes , não tendo meio algum com que socegassem o furor dos Soldados , só elle Mathias podia salvar a Capital , resgatando-a do incendio , isto he , fazendo aos Soldados amotinados hum donativo de caixas de assucar , mediante o qual , os Generaes Hollandezes se obrigavam a socegal-os , e a entregar por este meio a Villa intacta.

Ouvio Mathias d'Albuquerque o Enviado , e penetrando logo o artificio , no mesmo momento lhe respondeu da maneira seguinte:

« Os Pernambucanos , com as armas nas mãos , não
 « compram , conquistam , sabem dar cargas de balas , e
 « não de caixas ; as marceiaes os alvoroçam , desprezam as
 « que os embaraçam. As chagas que n'elles abre o agravo não
 « se curam com assucar , senão com polvora. Com inimigos
 « em quem falta a fé são estaveis os contráctos que firma o
 « sangue , e de nenhuma firmeza os que afiança a palavra.
 « Aconselharia eu ao Sr. General Theodoro Banduar Demburg,
 « que não gastasse a magoa em se doer do estrago dos nossos
 « edefícios , por que sei que toda lhe será necessaria , para
 « se lastimar do destroço de seus Soldados , e quando o
 « medo os adiante a queimar a Villa , animo , e cabedal tem
 « os moradores , para a redificarem com tantas vantagens ,
 « que as melhoras os ensinem a julgar por beneficio a ruina ,
 « porque dezejam deixar na Cabeça d'esta Capitania uma

« memoria , em que apezar do tempo , leam as idades os cas-
 « tigos de Hollanda , e os triumphos de Pernambuco. »

Não achou o Enviado a rêsposta tão doce como imagi-
 nava. Voltou com presteza , e com igual mandou Bandua^r
 Demburg pôr fogo a Olinda , ordenando à guarnição que
 ateado o encendio , se retirasse , para que os nossos no mes-
 mo momento do delicto , não dessem o castigo ; porém ape-
 zar da celeridade com que se retiraram, não se livraram, que
 de uma emboscada os assaltassem nossas armas, tanto mais te-
 miveis , quanto a occasião lh'as representava duplicadamente
 colericas. Muita gente lhes matou, e ferio , e muita mais
 pereceria , si a maior parte dos nossos não acodira a apagar
 o fogo , que ateando-se nos combustives , de que os Hollan-
 dezes tinham enchido as casas , tornou infructiferas todas as
 diligencias.

Ardeo em breve espaço no dia 25 de Novembro de 1631
 toda a Villa d'Olinda, tão celebrada pelo commercio, como en-
 nobrecida pelos edificios , salvando-se n'este geral incendio
 uma caza terra , que a sorte reservou para memoria da
 perda .

Sabendo depois quanto era fraco o reforço que Albuquer-
 que recebêra , os Generaes Hollandezes , se arreponderam,
 mas mui tarde , de ter incendiado Olinda , e sobre tudo
 quando descobriram que entre os novos , e antigos Chefes do
 Exercito Pernambucano existiam germens de dissensões ,
 que não podiam deixar de enfraquece-los: Duarte d' Albu-
 querque , Donatario da Capitania de Pernambuco , que che-
 gára com Bagnuolo, tinha ido aquartelar-se com os Portu-
 guezes que trouxera , no campo de seu irmão Mathias de Al-
 buquerque , e Bagnuolo havia tomado quarteis a parte , com
 as suas tropas Napolitanas , e Hespanholas , conservando as-
 sim separados os seus Soldados , e os seus partidistas.

Estes dous Generaes , não se conformavam senão para fa-
 vorecerem as tropas regulares Europeas , tratando as Mili-
 cias Pernambucanas com uma especie de desprezo , tan-
 to mais injusto , quanto eram ellas a verdadeira força , e a es-
 perança da Patria . Era por ellas que o paiz tinha sido de-
 fendido, igualmente por ellas viria um dia em que se arran-

caria Pernambuco do jugo estrangeiro . Esta falta de união, e politica no exercicio do commando, não escapou aos Generaes Hollandezes , e estes para melhor d'ella se aproveitarem, abriram com Bagnoulo uma correspondencia de mera civilidade , que este General deixou imprudentemente continuar, dando ao inimigo a facilidade de sondar, e corromper alguns descontentes . Mas este successo não teve logo lugar, antes foi precedido por algumas tentativas menos felizes.

Retirando-se para o Recife as tropas que guarneciam Olanda , ficaram os Generaes do Exercio Pernambucano em estado de fazerem manobrar as suas principaes forças sobre hum ós ponto , e d'esta sorte os Hollandezes estavam como sitiados, ainda que senhores do mar, e com grandes forças despoñiveis.

Tendo pois os Hollandezes um só ponto a sustentar, rêsolveram pôr em pratica um systema mais atrevido. Embarcaram em vinte e seis navios, e outras tantas barcaças tres mil homens, e no dia 2 de Dezembro de 1631 deram a vela com designio de se apossarem da Parahyba , então governada por Antonio d'Albuquerque Maranhão. A Fortaleza do Cabedello , (cujas primeiras obras , tendo sido arruinadas, estavam ainda se reedificando) defendia o ancoradouro. O General Lichthart , commandante das forças navaes da expedição Hollandeza , quiz forçar a entrada da barra , a fim de atacar immediatamente a Villa ; e com effeito si o porto fosse tomado , a Parahyba cahiria sem duvida em poder do inimigo ; porém o Coronel Estein Calvi , commandante das tropas de terra , dessuaçio Lichthart , persuadindo-o que se apoderaria do Forte , sem superar grandes difficuldades. O Capitão João Matos Cardezo , velho illuminado , por uma longa experiencia militar , e muito cioso da sua reputação, era quem commãdava a Fortaleza de Cabedello !

O Coronel Calvi desembarcou as suas tropas entre o Forte e a Villa , e impedio a marcha de seiscentos homens, que chegavam em soccorro da Parahyba, com os quaes travou uma viva escaramuça ; mas os nossos, inferiores em numero, e cansados por uma marcha forçada , foram obrigados a retirarem-se para os matos . Durante, a noite construíram os

Hollandezes um Reducto , mas de manhã elle foi tomado pelos nossos , morrendo infelizmente n'essa acção Jeronimo d'Albuquerque Maranhão , o Capitão de Milicias André da Rocha , e cinco Soldados , além de alguns feridos que tivemos. Entretanto a chegada de um reforço de quatro companhias Hespanholas , mandado por Mathias d'Albuquerque , desconcertou inteiramente os Hollandezes , Calvi foi rechaçado por duas vezes pelo Capitão D. João de Xereda , e principalmente pela guarnição do Forte. Todavia no terceiro ataque Xereda , o Capitão Sebastião de Palacio , e o Alferes Nocolão de Placoala são mortos , e D. João do Orellhana é ferido ; (*) mas os seus Soldados , dirigidos pelo Capitão de Pernambuco Matos Cardozo , e protegidos pela artilharia da Fortaleza , cahem sobre os Hollandezes , e fazem n'elles grande carnagem. Calvi levanta immediatamente o sitio , e torna a embarcar com os seus em desordem pelo meio da noite , logo que foi avisado de que Bagnoulo , com uma força respeitavel , marchava a soccorrer a Parahyba ; deixando Calvi sobre a praia uma grande parte da sua artilharia , e das munições de guerra , que conduzira.

O General Hollandez , informado de que os Generaes chegados da Europa ao nosso Campo , mostrando grande predilecção pelos Soldados Europeos , tinham desgostado a muitos Pernambucanos , e que por isso alguns d'estes se tinham retirado para a Parahyba , persuadio-se que estes homens justamente estimulados , tomariam o vil desforço de entregarem-se ao estrangeiro ; mas quanto se illudio ! Os Pernambucanos não vingam seus agravos , trahindo a Patria ; pelo contrario elles tudo esquecem , quando o paiz demanda o sacrificio de seus resentimentos , por mais justos que sejam. Na guerra dos Hollandezes deram elles huma prova incontestavel d'esta verdade : no decurso de vinte e quatro annos , elles , sempre offendidos , com manifesta injustiça pelos Portugue-

(*) O Castrioto Luzit no Liv. 3.º n.º 36 diz , que o reforço Hespanhol de pouco nos servio , eaté de alguma sorte o accusa de covarde ; mas Brito Freire refere o contrario , e Beauchamp , com muito criterio seguiu a este ultimo , a quem eu quasi copio fielmente.

zes, preferiram antes sacrificar seu justo resentimento no altar da Patria, mostrando-se vassallos sem baixeza, e bravos sem crueldade, do que vingarem-se de tantas afrontas, sacrificando sua Patria ao dominio estrangeiro.

O General Lichthart, regressando para o Recife imputou este revez aos concelhos, e conducta de Calvi, allegando para se justificar, a imprevista chegada de soccorros, mandados do Campo dos Pernambucanos. Demburg então resolve-se ir em pessoa tentar fortuna, e faz alvo de seus tiros a Capitania do Rio Grande do Norte.

O Brazil devia a conservação d'este estabelecimento aos Missionarios Jesuitas. Constrangido pelos Indios, Manoel Mascarenhas, Homem fundador da Parahyba, se tinha visto forçado a marchar contra elles por diversas vezes, e derrotal-os ; mas estas victorias, pode-se dizer que eram ephemeras : as Tribus Selvagens fugiam sim ; porem apenas Mascarenhas se recolhia ao seu Quartel, ellas de novo começavam suas correrias devastadoras. Os Jesuitas porém armados sómente do Estandarte da Cruz, e possuidos de um puro zelo Evangelico, pacificam estes Selvagens, e conseguem que cento, e cincoenta Tribus, cedendo emfim ao seu ascendente, alliem-se com os novos povoadores da Parahyba. Todavia faltava ainda fundar um estabelecimento solido, capaz de conter no respeito esta multidão simi-barbara. Um dos Padres, tão bom architecto, como engenheiro, traçou o plano de uma Fortaleza ; e os seus collegas, dando exemplo aos trabalhadores Indios, carregavam elles mesmos as costas as pedras para construir esta fortificação. Em pouco tempo pois a Fortaleza do Rio Grande, cavada na rocha, a entrada do rio Pottengy, tornou-se uma das melhores Cidadellas do Brazil, ainda mais pela vantagem da sua posição, do que pela solidez e perfeita construcção da obra.

A' meia legoa d'este sitio existiam algumas habitações, as quaes, n'esta Capitania, onde a população era tão rara, se havia dado o nome de Villa. O General Demburg com o fim de surprender o Rio Grande, embarcou, e sahio do Recife com dois mil Soldados, em Dezembro de 1631 ; mas no momento de sua partida, um navio portuguez, que vio a sahida

da Expedição; levou a noticia á Parahyba, e o Governador d'esta Capitania se apressou em enviar ao Rio Grande trezentos Soldados, e igual numero de Indios de reforço, tornando d'esta sorte formidavel a fortificação do Rio Grande, já respeitavel pela sua construcção. Demburgo, reconhecendo em pessoa a praça, e observando as difficuldades que offerencia, temeu empenhar-se em uma empreza inutil, e fez-se de vela: prolongando-se então pela costa, para reconhecê-la, antes de entrar no Recife, resolveu apoderar-se de um porto do Cabo de S. Agostinho chamado Pontal de Nazareth, nome que lhe prestou a Capella consagrada a Virgem Santissima de Nazareth, mui visitada pelos romeiros, e peregrinos.

A enseada d'este porto havia tornado-se importantissima para Pernambuco, pois que apezar dos infortunios, filhos de uma guerra porfiada; comtudo o commercio d'esta rica Capitania com Portugal, estava ainda em grande actividade. Postoque a maior parte dos navios, que se tinham aventurado, tivessem sido tomados pelos Hollandezes, senhores então do mar, os interesses do pequeno numero d'aquelles, que tinham chegado ao seu destino, foram tão grandes, que uma só viagem feliz bastava, para animar os armadores, e compensal-os das suas perdas. Elles vendiam os generos Europeos por um preço enorme, porque havia immensos consumidores e poucas mercadorias, e compravam os productos do paiz por menos de seu valor, pois que todos os armazens estavam atulhados.

Em menos de dous annos, o porto de Nazareth, situado sete legoas ao Sul d'Olinda, tornou-se pois o grande mercado de Pernambuco. A sua entrada he, como a da Capital, por uma fenda que ha no recife, ou rocha que se prolonga alguma cousa arredada da costa. Quatro peças de ferro dominavam a praia e armavam um Forte, flanqueado por dois Reductos, construidos por ordem de Mathias d'Albuquerque, logo no principio da campanha. O total da guarnição não excedia a duzentos homens. Eis o estado de Nazareth, quando os Hollandezes atacaram.

Demburg, depois de ter desembarcado as suas tropas em uma pequena enseada, chamada Calheta, meia legoa

para o Norte, atacou o Forte em Março de 1632; porém foi rechaçado com perda de setenta homens, tendo sido batido no desembarque por uma pequena partida, que vinha da Bahia, escoltando dinheiro de particulares, e que casualmente, passando ao tempo que o Hollandez demandava terras nas lanchas, emboscou-se, e fez-lhe do mato um terrível fogo. Era Commandante de Nazareth o bravo Capitão Bento Maciel.

Tendo pois o inimigo soffrido muito damno no desembarque, e ainda maior no ataque do Forte, que heroicamente lhe resistio, persuadio-se que a maior parte das nossas forças alli estavam, e por isso, recolhendo-se aos seus navios, fez-se de vela para Rio Formoso. D'ahi, depois de queimar tres navios nossos, que achou no porto, voltou para o Recife, pensoso por ver o seu pequeno exercito inutilmente debilitado. Esta feliz defeza foi attribuida pela Christã piedade dos nossos á milagre de Nossa Senhora de Nazareth; comtudo não obstante a protecção Celeste, o Conde de Bagnuolo, julgou prudente fortificar melhor o lugar, construindo ahi uma Fortaleza, cujo risco, e construcção foi sua, assistindo elle mesmo aos trabalhos; porém ninguem, a excepção d'elle, ficou satisfeito com a obra, porque o terreno foi mal escolhido, e muito apartado da barra.

Até este tempo tinham os Hollandezes poucos motivos para se ensoberbecerem pelos successos de suas armas: estavam á dous annos Senhores do Recife, e nada mais tinham podido conseguir, do que levantar um pequeno Forte em um canto das praias da ilha de Itamaracá. Todas as outras empresas que havia tentado, tinham sahido frustradas; e as Milicias Pernambucanas, sobre as quaes as tropas Hollandezas ao principio tiveram tanta superioridade, adquiriam cada vez mais disciplina, e habito da vida militar.

Porém um mameluco (1), nascido em Porto-Calvo, chamado Domingos Fernandes Calabar, fez mudar tudo, e de tal sorte, que os Hollandezes chegaram a ganhar sua primeira preponderancia! Este mameluco, que combatêra entre os

(1) Mamelucos se chamam os filhos de Cabocolo, (Indio e preta.

nossos, tinha recebido em diferentes encontros feridas honrosas, e até mesmo havia ganhado alguma reputação; porém accusado por furtos que fizera á Fazenda Real, perseguido por este crime pelo Provedor André de Almeida da Fonseca, e prevendo uma infallivel punição, sem que lhe podessem aproveitar os bons serviços que prestara, fugio em consequencia para o campo inimigo (2). Foi este o primeiro transfuga que tivemos, e bem se póde dizer o unico, que se empregasse com tanto interesse a favor do inimigo.

Si os Hollandezes tivessem feito escolha de um traidor entre as nossas fileiras, elles em verdade elegeriam Calabar, pois que este homem era atrevido, habil, e emprehendedor, degenerando em temerario. Ninguem conhecia melhor do que elle as costas, os portos, as enseadas, os rios, os bosques e todo o interior de Pernambuco. Os Generaes Hollandezes o acolheram com todas as demonstrações de benevolencia, e até o General Segismundo Vandscope aceitou o ser padrinho de um seu filho, havido de uma mameluca sua amasia chamada Barbara, com quem fugira para o campo Holladez (3). A imprudencia de Bagnuolo, que abriu uma negociação, para obter por via de troca alguns Soldados Napolitanos desertores, deu occasião aos inimigos para se comunicarem com outros descontentes, a quem o acolhimento benigno feito á Calabar, não deixou de seduzir, e corromper, a ponto de que o menor movimento das nossas forças, era previamente sabido pelos Generaes inimigos!

Bagnuolo imprudentemente enviou diversos Officiaes ao General Hollandez, pedindo-lhe esses Soldados Napolitanos, que para elle tinham fugido, em troca de outros tantos Hollandezes prisioneiros, que estavam em nosso poder: mas aquelle General, não dando audiencia aos Enviados, sob frivolos pretextos, os reteve alguns dias no Recife. Este facto, dando que cuidar aos nossos Generaes, fel-os persuadir, que o inimigo tentava alguma expedição, e prevenindo-se, mandaram ordem para todos os pontos estarem alerta principalmente Nazareth,

(2) Valeroso Lucideno Liv. 1.^o pag. 14.

(3) Valeroso Lucideno Idem.

Serinhaem, e Iguarassú; mas o aviso chegou tarde. O audaz transfuga Calabar, offereceu-se para guiar os Hollandezes a esta ultima Villa, e entregal-a. Seguro do bom successo, leva com sigo quatrocentos negros, para trazerem o espolio, e conduz as tropas, que passam a meia noite do ultimo de Abril, sobre as ruinas d'Olinda, e sorprendem os habitantes da Villa de Iguarassú no 1.º dia de Maio de 1632, quando elles assistiam a Festa dos Apostolos S. Philippe, e S. Tiago. Irritados pelos passados revezes, trataram os Holladdezes os desditosos habitantes de Iguarassú, não como a um povo, que, como bons politicos, deviam conciliar; mas como a inimigos, dos quaes deviam tomar cruel vingança: degolam, os homens, que não lhes resistem, violam as mulheres, tiram-lhes os vestidos, cortam-lhes os dedos. para mais facilmente lhes tirarem os anneis, arrancam-lhes com os brincos uma parte das orelhas, e assim n'este estado as deixam descompostas ! Depois de terem d'esta sorte pilhado, queimam a Villa, e retiram-se para a costa visinha, conduzindo prisioneiros dous Franciscanos, que pelo seu patriotismo particularmente detestavam, e levando diante de si por escarneo, vestido com os paramentos Sacerdotaes, o Coadjutor da Freguezia, que estava dizendo Missa, quando sorpenderam a Villa. Todavia antes de embarcarem, no espaço de mais de meia legoa, que lhes foi preciso marchar, alguns moradores picaram-lhe a retirada, tomando dos negros, que carregavam o roubo, uma grande parte d'elle, matando-lhes alguns Soldados, e ferindo-lhes muitos, ate que chegados a praia embarcaram, e seguiram, para o Recife, onde entraram tão ufanos de sua victoria, que das nossas Estancias se ouviram os gritos de alegria.

Antes que se dissipasse o terror, inspirado por esta expedição, levou Calabar os Hollandezes ao Rio Formoso, e tomou ahi cinco navios mercantes, que tinham acabado de carregar. Sentidos os nossos d'esta perda e querendo preservarem-se d'alli por diante das incursões do inimigo, construíram hum Forte, que fechava a entrada do rio. Calabar conduzio os Hollandezes para atacar este Forte, que não tinha senão duas peças, e uma guarnição de vinte ho-

mens, debaixo do commando do Capitão Pedro d'Albuquerque; força esta em verdade diminutissima contra um tal adversario; porém jámais gente alguma preencheu tão dignamente os seus deveres, como este punhado de Pernambucanos! Os Hollandezes intimáram a Pedro d'Albuquerque que se rendesse; mas elle respondeu, que se defenderia até o ultimo arranco da existencia. Com effeito ninguem melhor do que elle cumprio a sua palavra! Resistindo a quatro assaltos consecutivos, elle vio morrer, de vinte Soldados que tinha, dezanove, e o vigesimo, postoque ferido, atravessar o rio a nado, e escapar-se d'este modo aos vencedores, os quaes vendo cessar inteiramente o fogo, entram então no Forte, e com pasmo observam o Comandante Pernambucano, estendido ao lado dos seus dezanove bravos, tendo o peito atravessado por uma bala de fuzil!

Sorprendidos, e tocados d'este amor de Patria, os Hollandezes prodigalisam á Pedro de Albuquerque soccorros, aos quaes este Official fica devendo a sua cura. Não parou aqui o effeito que este heroismo produzio no coração dos Hollandezes; elles quando abandonaram a Fortaleza, para se recolherem ao Recife, deram a liberdade a Pedro de d'Albuquerque, obrigando-se elle sob sua palavra de honra a retirar-se para Lisboa. El-Rei Catholico, para recompensar a valorosa resistencia, que este bravo oppôz, confiou-lhe o Governo do Maranhão.

Calabar não limitou aqui os seus esforços a favor dos inimigos de sua Patria. Ensinou-lhes o modo de fazer a guerra de postos; essa guerra que tantas vantagens nos deu em quasi dous annos, e, mostrando-lhes o meio de oppôr a enganos, outros enganos, fez que as nossas tropas cahissem nas mesmas ciladas que armavam.

Todavia o General Hollandez não deixou de reconhecer que os bons successos, que as suas armas acabavam de obter, tivera n'elles maior parte o descuido dos nossos, do que a industria d'elle, e que portanto para vencer, lhe era necessario achar-nos desaperecebidos. Mas elle via que o furtar-se á nossa vigilancia não era empresa de cada dia, pois que o desastre causado por um descuido, alerta, e previne para

os outros; resolveu portanto o inimigo, suspender a continuação dos ataques, para d'est'arte intibiar a vigilância dos Pernambucanos. Os nossos Chefes porém, que deviam penetrar a razão d'este procedimento do inimigo, pelo contrario entregando-se ao descanso, pozeram-se tambem em inacção; e assim a apathia dos nossos Generaes, e o artificio do inimigo suspendêram os combates até o fim de Setembro de 1632. Bagnuolo principalmente não sabia nem atacar, nem defender-se: inquietado, e fatigado incessantemente, ficou em um estado de inacção, e susto, que pôz muito em duvida a sua fidelidade. Ou fosse infortunio, ou que um concurso de circumstancias o tornasse sempre tarde, sempre indiciso, Pernambuco deve grande parte de seus passados infortunios á este General estrangeiro.

Apezar d'este estado de perplexidade, o Conde de Bagnuolo, sustentava que a suspensão d'armas da parte do inimigo era filha do medo, e que cumpria pôr as nossas forças em acção. Seguindo esta opinião Bagnuolo manda fazer aprestos para ir sitiá a Fortaleza de Orange, construida pelos Hollandezes na ilha de Itamaracá. Mas nenhuma reserva, nem segredo houve n'estes preparos, de sorte que o inimigo, certo do ataque, e do lugar teve todo o tempo para prevenir-se. Finalmente Bagnuolo sahio do nosso Arraial, com um grande aparato de Soldados, artilharia, carros, munições, mantimentos, &c., &c.; avistou a Fortaleza, escolheu sitio, collocou baterias, e começou a bater a Praça; mas o inimigo, que a tinha fortificado com toda a pericia, resistio-lhe denodadamente, tornando infructiferos todos os esforços dos sitiantes. O Conde portanto, que em todas as suas resoluções obrava com leviandade, levantou o sitio, e retirou-se para o Arraial, deixando na ilha as peças de bater que havia tirado da nossa Fortaleza do Bom Jesus, de maneira que parece que as tirára, para entregal-as ao inimigo.

Entretanto que as cousas assim iam em Pernambuco, espalhava-se a consternação em todo o Brazil, pela disposição que o Governo Hollandez mostrava de sustentar a Companhia Occidental. Esta pois achou-se em estado de

mandar nos fins de 1632 uma nova Esquadra para Pernambuco com tres mil homens de desembarque, munições de toda a especie, e viveres em abundancia. A Expedição tinha por Chefes Mathias Centio, e João Glessinghen, ambos Commissarios da mencionada Companhia, que os enviara. Vinham elles munidos de plenos poderes, ou para evacuar o Recife, caso o estado da guerra não offerecesse esperanças de successos importantes, ou para determinarem se proseguisse na guerra, e conquista do Brazil com novo vigor. A grande autoridade de que estes dous Commissarios estavam revestidos, pelos mesmos Estados Geraes da Hollanda, deu lugar a grandes debates entre elles, e o General em Chefe das suas tropas. Pouco satisfeito d'este augmento de forças, que diminuia o seu poder, Demburg, entregou o commando do Exercito, e partio para Hollanda, substituindo-o no Posto e exercicio o General Lourenço Reimback; Soldado velho, e experimentado, porém que, não tendo a mesma inteireza de character de Demburg, docilmente se submetteu ás instrucções dos Commissarios da Companhia. Sob estes novos Chefes, os Hollandezes, como adiante o leitor verá, se assenhorearam de outras muitas Provincias, e de todo Pernambuco.

CAPITULO VII.

Os Hollandezes atacam em quinta feira Santa o Arraial, e a Fortaleza do Bom Jesus. Reimback morre no assalto. O General Segismundo põe em sitio a Fortaleza do Bom Jesus. Os Hollandezes levantam o sitio, perdendo a sua artilharia. Calabar guia o inimigo ás Alagoas. El-Rei de Hespanha manda um soccorro, mas a Frota em que vinha he tomada pelo inimigo. Os Hollandezes conquistam o Rio Grande do Norte, e o Indio Jaguarary porta-se generosamente. Os Hollandezes alliam-se com os Janduiz, e estes perpetraram horriveis crueldades. Os escravos, fugidos para os Palmares, incommodam os Pernambucanos.

1655.

A sorte da guerra havia-se mostrado favoravel aos Hollandezes; os dous Commissarios portanto, aproveitando a quadra, resolveram proseguir o curso das suas vantagens, e emfim apoderarem-se de toda a Provincia de Pernambuco.

Em 18 de Março de 1633 sahio do Recife , no quarto d'alva , o inimigo com oitocentos homens escolhidos, vadeou , estando a maré secca , o braço do Capibaribe, que passa debaixo da ponte dos Afogados, e invistio as trincheiras d'este lugar , então fracamente guarnecidas. Apezar da surpresa, os nossos resistiram quanto foi possivel, mas cedendo ao numero , e tendo perdido 20 homens , e o Capitão Francisco Monteiro Bezerra , além de muitos feridos , (entre estes o Capitão Francisco Duarte) abandonaram a trincheira ao inimigo.

Este ponto (o dos Afogados) tantas vezes atacado , quantas heroicamente defendido , era sem duvida uma das portas por onde o inimigo sahindo do Recife , podia aproximar-se ao nosso Arraial , e penetrar o centro de Pernambuco. O General Reimback tendo apoderado-se d'ella , da maneira que acabo de expôr , não deixou , como habil General , de aproveitar o enthusiasmo , que esta acção desenvolveu nos seus Soldados , para continuar nos assaltos. Guiado então por hum desertor , que o avisa de que a Estancia de Nuno de Mello (no Remedio) estava mal guarnecida , Reimback, deixando a dos Afogados guarnecida, avança e toma essa Estancia , depois de uma bem disputada resistencia, que lhe fez o Padre Fr. Belxior, da Ordem de S. Francisco, e que depois foi Bispo do Brazil. Com igual successo , mas com maior prejuizo nosso, apoderou-se Reimback da trincheira do Mendonça, na qual perdemos nós , mais pela negligencia do Commandante , do que pelo valor do inimigo , os Capitães Braz Soares, Manoel de Sá , e D. Manoel Déça (que foi degolado , depois de prisioneiro) além de trinta Soldados, ficando prisioneiro um Alferes , muitos Soldados , e D. Antonio Ortiz , que por ser Italiano, compatriota de Bagnuolo , talvez lhe não coubesse a sorte do infeliz Déça. Os nossos Soldados que , para escaparem ao captivo , se metteram pelos alagadiços , foram perseguidos por caens de fila , que para esse fim o inimigo conduzia.

Senhor Reimback destas vantajosas posições , apressou-se em construir um Forte nos Afogados , ao qual denomi-

nou Guilherme, nome do Principe de Orange. D'este Forte faziam os Hollandezes incurções pelo interior, onde bellas, e ricas possessões lhe eram abandonadas, obrigando os Pernambucanos a estarem constantemente sob as armas.

Animado o General Reimback com este primeiro successo e por instancias de Calabar, decidio o ataque do Arraial, ou Campo Real do Bom Jesus. Inspirado pelo Inferno, Calabar, recommenda sobretudo ao General Hollandez, que dêsse o ataque em Quinta feira de Endoenças quando os Pernambucanos estivesem embebidos nos Mistérios Sacrosantos de nossa Religião. « Se ganhades o Arraial, (disse esse Demonio a Reimback) toda a Capitania será nossa; porque he sobre este unico ponto, que repousa a existencia politica dos Pernambucanos: destruindo-se o campo, dessipam-se as suas esperanças, e concluireis sem obstaculo a conquista inteira do paiz. »

Reimback, seguindo o conselho do transfuga, sahio do Forte Guilherme com tres mil Soldados ao romper do dia 24 de Março de 1633 (quinta feira Maior) com designo de atacar o nosso Arraial, Igoa e meia longe do Recife; e marchando pelos engenhos de Francisco de Brito, e de Ambrozio Machado (Magdalena, e Torre) atravessa o Capibaribe (na passagem de S. Anna, pouco mais ou menos) e faz alto. Ahi dividindo o seu Exercito em tres columnas, ordena que a um mesmo tempo ellas avancem, e ataquem por tres lados; a primeira pelo engenho de Jeronimo Paes, (Caza Forte) a segunda pela estrada d'Olinda, e a terceira pelo riacho Parna-Merim. Esta ultima chegando primeiro, e sem ser sentida, invistio a Povoação, adiantando-se até as portas da Fortaleza, sem quasi nemnhuma resistencia, porque toda a gente estava recolhida na Igreja, recebendo os Sacramentos da Penitencia, e da Eucharistia. O inimigo achando lançada a ponte levadiça (que atravessava o foço que circundava o Arraial), por descuido, ou traição dos Italianos a quem n'aquelle dia tocou guarnecer este posto importante, ganham as primeiras obras, e o primeiro Reducto, guarnecido por 17 Italianos, os quaes rendendo-se sem resistencia, fo-

ram todos degolados pelos vencedores , talvez pela vileza da entrega.

Já n'esse tempo as outras duas columnas Hollandezas se tinham mettido debaixo da artilharia da Fortaleza, (para onde correu toda a nossa gente , no momento do ataque do Reducto) de maneira que esta arma pouco mal lhes fazia; mas foram tantas as cargas de fuzilaria , que apezar do valor dos Cabos Hollandezes , e dos esforços que fizeram, para que os Soldados continuassem no ataque, estes desobedecendo-os pozeram-se em vergonhosa retirada. Os dous irmãos, Mathias d'Albuquerque, (*) e o 4.º Donatario Duarte d'Albuquerque, com incançavel actividade assistem em todos os pontos, e dispoem a defeza com todo o acerto. O Conde de Bagnuolo (a quem esta occasião achou enfermo de gota) fez-se conduzir em hum cadeirinha de mãos , para a porta da Fortaleza , no mesmo momento em que os Pernambucanos, levando os inimigos de vencida , queriam alcançal-os na retirada ; mas o Conde , moderando o ardor dos Soldados, e de Mathias d'Albuquerque, fez que ninguem seguisse o inimigo.

Reimback, muitos de seus Officiaes, e perto de seiscentos Soldados perderam as vidas n'esta acção. Quarenta prisioneiros, inclusive quatro Capitães feridos , grande copia de armas, e munições deixaram os inimigos para despojo. Nós tivemos 25 mortos, isto he, os 17 Italianos degolados, depois de rendidos, e oito Pernambucanos. Tivemos tambem varios feridos, e entre estes o Capitão João Vasques, (que veio a morrer tres dias depois) e o Governador dos pretos Henrique Dias, que nesse dia, diz o Castrioto Luzitano, se excedeu a si mesmo.

Mathias d'Albuquerque vendo a confusão em que o inimigo se retirava quiz seguir , apezar das reflexões de Bag-

(*) Releva notar, para evitar equívocos ; que Matias de Albuquerque tinha o sobrenome Coelho, assim como seu irmão, o 4.º Donatario, igualmente tinha o mesmo sobrenome, pois que ambos eram filhos do 3.º Donatario Jorge de Albuquerque Coelho porém que os Historiadores antigos, quando trataram d'elles, sómente usavam dos dous primeiros nomes de cada um, e que eu, seguindo quasi o mesmo, muito poucas vezes lhes dou o referido sobrenome Coelho.

nuolo, as pegadas dos fugitivos; mas já não era tempo; tendo atravessado o rio, este lhes servia de reparo. Foi principalmente n'esta occasião, que Mathias deplorou a inercia do Ministerio Hespanhol, o qual, apezar das suas continuas sollicitações, não tinha enviado a Pernambuco senão 25 homens de cavallaria, quando um Regimento completo seria bastante para dar ás tropas Pernambucanas uma soperioridade decidida sobre as Hollandezas.

Calabar, que tinha aconselhado o desastroso ataque do Campo do Arraial, onde os Hollandezes tiveram tão grave prejuizo; para recuperar o seu credito, prometeu a Segismundo Van Schopp, que succedêra no commando ao finado Reimback, de lhe entregar toda a ilha de Itamaracá. Segismundo, que ardia em desejos de se assignalar, transportou-se par' alli em grande numero de lanchas, com dous mil homens, e saltou em diversos pontos. Estas forças tornavam inutil toda a resistencia: favorecidas pelo Forte Orange, que Gaoufelt construiu, e pelas direcções de Calabar, pozeram em grande aperto a villa da Conceição; todavia o Capitão Mór Salvador Pinheiro, que a commandava, tendo perdido o Capitão Antonio de Moraes, e muitos Soldados na vigorosa resistencia que fez a um inimigo tão superior em forças, ainda assim só veio a ceder, depois de obter uma capitulação honrosa, sahindo livremente da ilha com todas as honras da guerra. Mathias d'Albuquerque pôz-se em marcha para soccorrel-o; mas já era tarde. Depois que Segismundo se assenhoreou da ilha, um negro descobrio-lhe que no mais denso dos matos havia uma casa com preciosidades occultas, e em consequencia dez mil cruzados em ouro, foram alli achados pelo inimigo.

A Villa de Iguarassú, que os Pernambucanos haviam reedificado, depois da derrota que soffrêra, foi segunda vez atacada por inimigo mui superior, e por isso abandonada. A povoação de Muribeca foi no dia 13 de Abril saqueada, e entregue ás chammas, e a 25 de Maio o engenho Gararapes teve igual sorte; com a differença porém que na retirada do inimigo, reunindo o Capitão Domingos Dias 20 Soldados, e alguns dos moradores, retomaram estes uma grande parte do roubo,

matarem a 25 Hollandezes , feriram um maior numero , e apresionaram um Sargento, e varios Soldados.

Em vão os Chefes dos Pernambucanos se dirigiam ao Governo Hespanhol, expondo-lhe o estado em que estavam, e pedindo promptos soccorros. A Corte de Madrid acreditava, ou fingia acreditar, que os Hollandezes não podiam conservar-se em uma conquista tão abstinadamente disputada. Eis a causa por que, apezar das energicas representações de Mathias d'Albuquerque, e do protesto solemnemente feito pela Nação Portugueza, Pernambuco, não obteve da Metropoli senão inuteis, e diminutissimos auxilios. Os Pernambucanos perdiam quasi todos os dias gente, sem que essas perdas fossem reparadas, e os Hollandezes recebiam continuamente reforços de munições, e de homens, de maneira que no meiado de 1633, estava o nosso Exercito reduzido a mil, e duzentos Soldados de tropas regulares.

Não ignoravam os Commissarios Hollandezs o estado do nosso Exercito: infelizmente entre os nossos existiam Portuguezes avaros, que, tendo transportado-se para Pernambuco a fim sómente de enriquecerem-se, não escrupulisavam corresponderem-se com o inimigo, e até entregarem-lhe o paiz a troco de algumas vantagens mercantis. Julgaram pois os Commissarios Hollandezes o momento favoravel, e resolveram sitiar o campo de Mathias, fortificando-se em pontos apartados sim, mas que lhe cortassem a communicação; meio este em verdade detençoso, porém mais seguro do que a empreza de um novo assalto. Mathias, instruido a tempo pelos espiões que tinha no Recife, do projecto dos Commissarios Batavos, concentrando as forças de que podia dispôr, manda sahir do Campo todas as bocas inuteis, põe fogo aos canaviaes, que lhe impediam descobrir o inimigo ao longe, e prepara-se para uma vigorosa resistencia.

Entretanto o General Segismundo dirige-se contra o Campo Pernambucano com um Corpo de quatro mil homens, e a sua frente, marcha pelos Afogados, e chega ao amanhecer do dia 4 de Agosto de 1633 á margem do Capibaribe, que servia de baliza aos dous partidos. As sentinellas avançadas chamam immediatamente ás armas, e trava-se um tiroteiro. Albu-

querque, que o ouvio, ordenou aos Capitães Manoel Freire de Andrade, Luiz Barbalho, e Francisco de Almeida Mascarenhas, (este natural da ilha de S. Miguel) que disputassem a passagem. Estes tres officiaes reuniram sem demora oitocentos soldados, mas não se contentando com a defensiva, atravessam o rio (onde hoje se chama S. Anna.) chegam á outra margem, e cahem sobre a vanguarda Hollandeza, que desordenada por um tão subito ataque, he completamente derrotada. Então he tal entre os Hollandezes a confusão, e desordem, que não sendo possivel aos seus officiaes reunil-os, buscam ao accaso um abrigo em algumas casas isoladas, e desertas, onde precipitadamente se intrincheiram. Os Pernambucanos intimam ao inimigo que se renda, ameaçando-o com tocar fogo as casas: neste aperto, Segismundo, fingindo querer render-se, desenrola da janella uma bandeira branca, e enceta uma conferencia, que elle sabe prolongar, em quanto dá tempo para que chegue o resto de sua tropa, cuja marcha havia mandado acelerar. Em quanto pois estavam nas conferencias, que Segismundo arditosamente prolongara, chega o grosso do Exercito Hollandez, e então os Pernambucanos, atacados por um inimigo mui superior em numero, são forçados, não só a deixarem o posto ganho, como tambem, repassando o rio, a recolherem-se ás suas linhas.

Não tendo os Hollandezes mais obstaculos a superar, acampam-se em tres pontos na margem direita do Capibari-be, e ahi levantam fortes trincheiras, para protegerem as suas operações. Então Albuquerque chama a guarnição do Forte de Nazareth, composta de Napolitanos ás ordens do Conde de Bagnuolo, e unindo dous corpos de Infantaria ás tropas d'este General, incumbio-lhe a defeza dos postos avançados, e de prevenir o assalto. Apertado de tão perto, empregou-se Albuquerque em interceptar os comboios d'artilharia, e munições, seguindo o antigo systema das emboscadas. Ainda que estas novas fortificações Hollandezas, pouco mais de meia legoa estivessem distantes do seu Forte Guilherme, era impossivel ao General Batavo conduzir para ellas artilharia por terra, em um terreno coberto de matos, e tão conheci-

do pelos nossos, quanto desconhecido pelos d'elles, determinou portanto leval-a pelo rio Capibaribe.

Foi Mathias d'Albuquerque avisado de que por este rio, apezar de estar mui cheio, subiam com todo o silencio possivel cinco lanchas, e um lanchão armado, conduzindo artilharia, munições, armas, e mantimentos para as novas trincheiras inimigas. Em consequencia este General chama o Governador dos Indios D. Antonio Felippe Camarão, e ordena-lhe, que com o Corpo de seu Commando, se embosque em um sitio chamado Guardez (Ponte do Uchoa) que domina o rio, e aos Capitães Luiz Barbalho, Manoel Rebello da Franca, Miguel de Abreu, e outros, que se formassem com oitocentos homens em Parná-Merim, para o que podesse succeder. Estavam assim dispostas as nossas forças, quando ás duas horas da noite de 18 de Agosto de 1633 descobriram as sentinellas do Camarão as lanchas inimigas, que apezar da rapida correnteza do rio, vinham subindo á vara. Prepararam-se as emboscadas, e quando as lanchas estavam sob seu alcance, fizeram sobr' ellas vivissimo fogo, o qual convidando o Corpo formado em Parná-Merim, dá lugar a uma acção sanguinolenta. De ambos os lados chegam soccorros, multiplicam-se as cargas, e depois de quatro horas de um bem sangrado combate, no qual os Hollandezes perderam mais de cem homens mortos, além de muitos feridos, cahio em poder dos Pernambucanos seis peças de bronze, oito pedreiros, muita quantidade de polvora, e abundancia de refrescos, queimando o inimigo quasi todas as lanchas, antes de desamparal-as. Esta acção teve mais outra vantagem para os nossos: o inimigo que guarnecia as novas trincheiras, abandonou-as, deixando arvoradas n'ellas as suas bandeiras, para encobrir a fuga. Então perdendo Segismundo as esperanças de continuar o cerco que projectára, abandona sem gloria esta empreza, cujo bom successo submettería sem duvida toda a Capitania á sua jurisdicção.

Não desenganados ainda os commissarios Hollandezes decidiram levar suas armas a pontos mais apartados, porém menos fortes. Alagoas, que então já contava algumas Povoações, ainda que sessenta legoas ao Sul do theatro da guerara,

não era esquecida por Calabar. Este infatigavel mameluco, ahi conduzio os Hollandezes, e depois de ter pilhado a principal Aldeia, que continha cento e vinte habitações, e que por fraca mui pouco resistio, pôz-lhe fogo. A segunda, que he hoje a capital da Provincia, oppôz-lhe mais alguma resistencia, porém a final tambem succumbio; e d'esta sorte destruiam cruelmente os Hollandezes aquelle mesmo paiz que ostentavam querer possuir, e proteger!

Assim, ora soffrendo revezes, ora obtendo pequenas vantagens, os Pernambucanos, quasi sem esperanças de socorro se sustentavam ainda, contra um inimigo poderoso, e activo, cujos revezes eram logo reparados pelo constante cuidado do seu Governo, quando emfim a Corte de Madrid suppôz fazer um grande esforço a favor do Brazil, ordenando ao Fidalgo Francisco de Vasconcellos da Cunha, que se fizesse a vela de Lisboa com dous navios, e cinco Caravellas, transportando seiscentos homens de desembarque, e algumas munições de guerra; fraco auxilio em verdade, mas que a penuria dos nossos tornava importante! Chegando a vista da Parahyba em 22 de Outubro de 1633 Vasconcellos foi atacado por uma Esquadra Hollandeza, que ahi cruzava. Algumas das caravellas encalham em terra, e as outras entram no rio Putengy; mas ahi mesmo são tomadas. Não tentam os Hollandezes abordar os navios, temendo as tropas de desembarque; porém batem-os, e fazem-lhe um fogo tão bem dirigido, que um d'elles se despedaça na costa, e outro, onde vinha o proprio Vasconcellos, apezar de sustentar o combate até o resto do dia, pela noite he obrigado a desembarcar uma parte das tropas na Bahia Formosa. Entretanto os Hollandezes entram ao amanhecer n'esse porto, e logo dando uma banda, mettem a pique o navio, já damnificado pelo combate do dia precedente. Então Vasconcellos conduz para a Parahyba as reliquias das tropas, e das munições que salvára, dando aviso a Albuquerque da sua chegada. Este General faz partir sem demora quatro barcas á vela, e a remos para conduzirem tudo que se salvára; porém apenas estas barcas haviam sahido do porto, foram accomettidas por muitos navios de guerra Hollandezes, e tão vivamente perseguidas que não podendo re-

ganhar o porto donde sahiram, encalharam na costa, e os nossos Soldados tocando-lhe fogo as abandonaram ardendo.

D'este modo perdemos, não só os navios que Vasconcellos trouxera da Europa, mas tambem as barcas que tinham ido em seu soccorro; e os Pernambucanos passaram pelo desalvor de verem dissiparem-se as esperanças que tinham firmado n'este armamento. Foi esta a mais sensivel das perdas, que no decurso d'esta guerra experimentaram; de seiscentos homens que tinham partido de Lisboa n'esta mal fadada Expedição, apenas chegaram ao Arraial cento e oitenta nos fins de Novembro, e uma grande parte doentes.

Favorecidos pela fortuna, os Hollandezes esmeraram-se em aproveitarem-se de seus favores, e com effeito pouco tempo tardou, que se não vissem senhores dos melhores estabelecimentos do Norte do Brazil. A Fortaleza do Rio Grande do Norte, chave de toda a Capitania d'este nome, tinha a necessaria capacidade para uma longa defeza, tanto pela sua situação, como pela perfeita construcção. Treze peças d'artilharia, e oitenta e cinco Soldados, commandados pelo Capitão Pedro Mendes de Gouveia, parecia sufficiente força para repellir os ataques, e sustentar os sitiados. Era tal a importancia que os Hollandezes davam a Fortaleza do Rio Grande, que não empregaram para a tomar menos de desaseis navios, e dous mil homens. Esta Armada sahio do Recife, sob o commando do Commissario Mathias Centio em Dezembro, levando a seu bordo o transfuga Calabar. Por mais regular que fosse a Fortaleza, tinha o grande defeito de ser dominada por hum monte de arêa, o qual jámais podia ter sido removido, por quanto ainda que algumas vezes se tivesse conseguido nivellal-o com a planicie, o vento em breve espaço outra vez accumulava n'aquelle lugar grande porção de arêa.

Calabar que sabia justamente disto, conduzio os Hollandezes para esta montanha arenosa, onde elles, apezar do vivissimo fogo da Fortaleza, construíram baterias, e collocaram artilharia. No seguinte dia, continuando o fogo foi Gouveia ferido gravemente, e assim não podendo vigiar na defeza do Forte, a sua tropa desde este momento perdeu

todo o ardor. Apercebendo-se d'isso o Commissario Centio, intimou á guarnição que se rendesse, offerecendo-lhe comtudo condições toleraveis. Gouveia não obstante suas feridas, recusou heroicamente entregar-se; mas infelizmente achava-se preso n'esta Praça um Portuguez de nome Simão Pitta Ortigueira, condemnado em Portugal a prisão perpetua, por enormes crimes que alli commettêra, e era Sargento da Fortaleza, e immediato a Gouveia hum Fulano Pinheiro, Portuguez tambem, desertor do Presidio da Bahia, que por patronato tinha sido admittido na guarnição. Aquelle infame Pitta Ortigueira, aproveitando a occasião do assalto, offereceu-se para a commum defenza, e para isto obteve uma tal qual liberdade; e tanto soube insinuar-se, que captou a confiança do Commandante. Aquelle malvado porém, impondo que desejava occasiões de distinguir-se, para merecer as graças do Rei, nutria em seu fementido peito o designio de infames crimes! Aproveitando-se da liberdade, que lhe franquearam, elle faz uso d'ella para entreter com o inimigo inteligencias secretas; e chamando para o seu partido o sargento desertor da Bahia, resolvem ambos entregar a Fortaleza, conferenciando com Calabar sobre o meio, e o modo.

Era alta noite, e entregue ao somno repousava o Governador da Fortaleza na fidelidade dos que lhe cercavam o leito, quando Pitta Ortigueira, roubando-lhe as chaves da Fortaleza se dirigia para entregal-as a Calabar; mas o Sargento Pinheiro, que na infamia não queria primeiro, arabata as chaves da mão de Pitta, e as leva ao mesmo Calabar, para entregal-as ao Commissario Centio. Então uma forte partida Hollandeza, por meio d'esta traição, dá de subdito sobre a Praça, em quanto outra abrindo as portas, penetra, degola o honrado Commandante já gravemente ferido, mata a quantos se lhe oppoem, e apresiona o resto D'esta sorte foi entregue a Praça mais forte que tinhamos, um dia antes de chegar Francisco de Vasconcellos, que com quinhentos homens a vinha secorrer, e que teve o desgosto de avistal-a, já quando em seus muros tremulava o Pavilhão Hollandez.

Os vencedores acharam em uma das prisões da Fortaleza um Indio, chamado Jaguarary, tio de D. Antonio Filipe Camarão, o qual Indio, vendo sua mulher, e um filho prisioneiros dos Hollandezes, quando em 1625 atacaram a Bahia, passou-se para elles, com designio de resgatar a familia, ou fugir com ella; mas apesar d'isto, e dos relevantes serviços de seu tio, Jaguarary (que pelo Baptismo havia tomado o nome de Simão Soares) por se ter passado para os Hollandezes, gemia a oito annos nas abobodas da Fortaleza do Rio Grande! Em vão protestou Jaguarary, que não tinha obrado d'este modo, senão para reclamar sua mulher, e filho captivos. O General Portuguez não prestou fé á sua justificação, lançou-o no fundo de uma masmorra, sem attender que era sobrinho do grande Camarão, nosso fiel alliado.

Assim que os Hollandezes quebraram os ferros de Jaguarary, apresenta-se este Indio no meio da Povoação, e diz á sua Tribu. « Os signaes de minhas cadeias ainda
« me rocheam os pulsos, e membros magoados; mas he
« sómente o crime que he infame, e não o captiveiro! Quan-
« to mais nossos compatriotas forem comnosco injustos,
« tanto maior será o nosso galardão, permanecendo-lhes
« fieis, e com muito maior razão agora que são desdito-
« sos. ! »

Os Indios da Tribu de Jaguarary, deixaram-se persuadir facilmente pelo exemplo de uma generosidade tão rara, e sob adirecção d'este generoso Indio, prestaram relevantes serviços a Pernambuco!

Senhores da Fortaleza, e da Povoação, cuidou o General Hollandez em estabelecer-se, e alliar-se com uma Tribu Indigena, nossa constante inimiga. O Almirante Hollandez Walduino Henrick, quando em 1624 ancorou em um dos portos do Rio Grande, para commerciar em Pão Brazil, havia levado da Bahia da Traição para Hollanda alguns Tapuyas da Tribu Janduíz, e o Governo Batavo tinha-se esmerado em os educar com cuidado, com o designio de algum dia empregal-os no Brazil, como Missionarios Politicos. Com effeito logo que á Hollanda chegou a noticia da tomada

do Rio Grande, dous d'estes Indigenas foram sem demora enviados para o seio de sua Tribu, a mais barbara da raça Tapuya. Estes Selvagens foram convidados pelos Hollandezes para tomar uma cruel vingança dos Portuguezes, que no fim do Seculo 16º os tinham expulsado da costa, e este convite, grato ás feras impacientes de exercer terriveis crueldades, foi com prazer aceito. Reunidos estes dous bandos, tão differentes em costumes, e educação, quanto homogeneios em maldade, taes devastações, e horriveis excessos commettêram, tal foi a pilhagem, tal a lascivia brutalidade de ambos, que não era possivel distinguil-os: todos eram Selvagens!

Nenhuma Igreja escapou da pilhagem; o sexo fragil, não podendo jámais subtrahir-se á brutalidade do Soldado Hollandez, só no suicidio encontrava garantia á sua honestidade. Os mais ricos Rio-Grandenses reputavam-se venturosos, se a custa de contribuições exorbitantes, podiam comprar a vida; mas de todos os excessos de barbaridade dos vencedores, o mais affrontoso em verdade foi a ferocidade, que exerceu sobre os malfadados moradores do Rio Grande, a Tribu Janduy, a qual marchando sob o Estandarte Hollandez, não respirava senão vingança. O assassinio, o roubo, o estupro, em summa todos os crimes não satisfaziam a ferocidade d'estes Selvagens; queriam além d'isso fartar-se com a carne de suas victimas! Muitas mulheres, para escapar a feroz brutalidade do Soldado Hollandez, e dos seus amigos antropofagos, precipitavam-se do alto das casas, ou afogavam-se nos rios, e outras sepultavam-se vivas em profundas cavernas!

Todo o territorio do Rio Grande foi theatro d'estas scenas horrorosas! Custa a crer, que um povo civilizado, como o Hollandez, se unisse á entes, aos quaes apenas muito a custo concedia a nome de homens, e ainda mais custa a crer, que a estes mesmos, que inculcava querer civilisar, incitasse contra os seus inimigos, como tigres sequiosos de sangue humano; custa a crer sim, mais he uma verdade attestada por centenas de testemunhas! A imaginação se horrorisa, o coração se opprime, e de bom grado um denso véo eu lançaria n'esses horrores, si como historiador, não con-

trahira á obrigação de expôr os factos taes quaes se passaram.

Inimigos quasi tão formidaveis para os Pernambucanos, como os Selvagens Janduiz se haviam estabelecido nas matas de Porto Calvo, ao Sul de Olinda. Eram estes os escravos de Pernambuco, e Alagoas, que aproveitando-se d'esta guerra infeliz, para cobrarem a sua liberdade, evadiram-se a todo dominio, tanto de seus legitimos Senhores, como dos Hollandezes, que invadiram o paiz, hostilizando a qualquer d'elles logo que podiam.

Em 1630, quando quarenta escravos, fugindo á seus Senhores, se reuniram n'essas matas, que denominaram Palmares, e que já ha muitos annes serviam de coito a negros fugidos, quasi nenhuma attenção mereceu esse Quilombo; mas ainda bem não eram passados tres annos, já elle se tinha tornado formidavel, tanto, que muitas vezes foram nossas tropas obrigadas a destacarem grandes partidas, para repellirem os negros, nas incursões que faziam nos engenhos, e fazendas circunvizinhas; tarefa que depois da derrota dos Pernambucanos coube aos Hollandezes.

Estes escravos, pela maior parte Africanos, transferindo-se para o interior, e conseguindo defenderem-se em forma de Nação, mantendo a sua independencia, por mais de meio Seculo, formam na ordem politica uma especie de phenomeno, digno da historia, e da attenção da posteridade: he por isso que eu tocando aqui n'esse facto tão sómente, quanto basta para dar uma idéa do estado da guerra Hollandeza n'aquella época, reservo um Capitulo d'estas Memorias para a historia circunstanciada do Quilombo dos Palmares, quando tratar do Governador, que gloriosamente o fez destruir.

CAPITULO VIII.

Os Pernambucanos tentam tomar o Recife; mas não o conseguem. O General Segismundo ataca Nazareth, e apodera-se da povoação do Pontal. Calabar introduz a Frota Hollandeza no porto. Mathias d'Albuquerque tenta, mas em vão, restaurar a povoação. Calabar salva a Frota Hollandeza de um grande perigo. O General Pernambucano pede ainda soccorro á Hespanha. Hollanda manda um grande soccorro ao Recife. Parahyba he invadida pelo inimigo, e a final conquistada, saqueada, e incendiada. Um Portuguez atraiçoa os nossos. Os Hollandezes ganham tambem Itamaracá.

1654.

Os Pernambucanos acoissados pelos negros dos Palmares, e pelos Salvagens Janduiz, não estavam já em estado de resistir com vantagem ás tropas Hollandezas victoriosas, e capitaneadas por um Chefe tão habil, e emprehendedor, como Segismundo. Este General levantou ancoras em 5 de Fevereiro de 1634, e em vinte e quatro navios, e grande numero de transportes embarcou quatro mil homens, com o designio de surprender o Forte de Nazareth, no Cabo de S. Agostinho, e de tomar depois a Capitania da Parahyba. A importancia, e a riqueza d'esta ultima Capitania, devia excitar-lhe a ambição, ainda mais porque os Parahybanos tinham-se defendido, e repellido os Hollandezes em mais de um ataque.

Mathias d'Albuquerque, suspeitou o projecto de Segismundo, e aproveitou o momento em que o Recife estava falto de Soldados, para aventurar um subito assalto, e retomar esta praça aos Hollandezes. Uma tal empresa demandava tanta firmeza, como audacia: d'estas qualidades não carecia o Capitão Martim Soares Moreno, que se encarregou d'essa commissão tão gloriosa. Elle pois, lisongeando-se de durante a noite assenhorear-se do Recife, marchou com oitocentos homens escolhidos para esse fim.

O rio Beberibe não tinha senão um só ponto vadeavel, e este mesmo era dominado por um navio armado, estacionado pouco mais ou menos defronte do lugar, em que hoje está collocado o Arsenal de Marinha. Chegando pela meia

noite sobre a margem do rio em S. Amaro, Soares fallou á sua tropa n'estes termos:

« Eis-aqui, bravos Pernambucanos, uma occasião se-
 « gura de tomar ao inimigo a praça mais forte que possui no
 « Brazil, ou aquella sem a qual não poderia nada conservar,
 « nem conquistar. O successo depende de algum modo do
 « curto transitio, que separa as duas margens d'este rio;
 « mas este obstaculo não nos póde deter. Si esperarmos
 « para atravessal-o mais a nosso salvo, que vaze a mare,
 « perderemos a vantagem das trevas, que nos protegem, e
 « nos dão a esperanza de surprender o inimigo, entregue ao
 « somno. Lancemo-nos a nado, si as espingardas vos em-
 « baraçam, deixai-as, e não vos sirvais senão das espadas;
 « a arma branca nos bastará.

« Recommendo-vos sobretudo, que não hesiteis: não se
 « deve dar quartel ao inimigo; cheguemos em silencio aos
 « seus postos avançados, degolemos sem piedade tudo quan-
 « to se nos apresentar, e então demos immediatamente o as-
 « salto á Praça. He d'esta sorte que podereis justificar a es-
 « colha do General em Chefe, e encher as esperanças do
 « Exercito, d'entre o qual fosteis escolhidos. Tudo espero
 « do vosso valor; porém si a tomada do Recife não coroar os
 « vossos esforços, provai ao menos á posteridade, que não
 « degenerasteis dos vossos antepassados. »

Soares dá sem demora o signal, e o exemplo lançando-se primeiro no rio, que felizmente vadea, seguido de cem bravos que o imitam. Chegando a outra margem, este punhado de intrepidos Pernambucanos, sem mesmo se aperceber, si era seguido pelo resto da columna, ataca com impetuosidade as principaes obras do Isthmo, que liga Olinda ao Recife. penetra-o, e passa quantos inimigos encontra a fio de espada. No momento d'este ataque imprevisto, dão as sentinellas Hollandezas grandes brados para o interior da praça: a confusão, e a desordem se apossam da guarnição, e do povo, e suppondo cada um já o Forte em poder dos assaltantes, cuidam mais em fugir, do que em defendel-o.

Arrancado inopinadamente ao somno, o Commissario Hollandez Centio, que ficára guardando o Recife com quatro

centos homens, arroja-se quasi nú na primeira canoa que encontra, e refugia-se na Fortaleza das Cinco Pontas, em quanto os habitantes do Recife, assustados pelo tumulto, pelo rumor das armas, e pelos gritos dos combatentes, correm para se abrigarem nas outras fortificações; mas tambem a perturbação reinava entre os nossos: o dia começava a romper, o navio que estava de guarda, dirigia o seu fogo contra o vão do Beberibe, e posto que os tiros fossem dirigidos ao acaso, desconcertaram todavia a principal columna de ataque; os que já estavam n'agoa regressaram, e os que principiavam a passar o rio não ousaram mais; e assim setecentos homens abandonaram d'este modo ao seu destino, um punhado dos seus companheiros intrepidos, que lhes tinha aberto o caminho da honra, e da gloria.

A valorosa centena de Soldados, que havia seguido a Soares, não sendo apoiada, e vendo que o dia se adiantava foi forçada a retirar-se, trazendo os seus feridos ás costas, atravez do vão do Beberibe, que tornou a passar debaixo de um chuva de balas! Si toda a columna se tivesse conduzido com tanta resolução como a vanguarda, o Recife seria tomado por um feliz acaso.

Em quanto os Pernambucanos eram mal succedidos no Recife, o General Segismundo, depois de ter desembarcado na Parahyba, fazia armar barracas, e dava começo a trincheiras defronte do forte Cabedello, sem comtudo tencionar proseguir no sitio, e tomada d'essa Praça, porque o seu fim era attrahir para esse ponto a attenção dos nossos, para mais a seu salvo dar n'outro. O projecto de Segismundo era atacar as nossas fortificações do Cabo de S. Agostinho, das quaes precisava apossar-se, para completar a conquista de todo Pernambuco. Era ahí que os Pernambucanos embarcavam os seus productos, e que recebiam da Europa, e das outras Capitánias do Brazil provisões, e soccorros. Depois de ter por alguns dias dissimulado o seu fingido ataque, Segismundo torna a embarcar-se a pressa, e seguindo o rumo do Sul, apparece subitamente nas agoas do Cabo de S. Agostinho em 4 de Março do dito anno. Pedro Correia da Gamma, que era o Commandante do Forte de Nazareth, não ti-

nha de guarnição mais do que trezentos e cincoenta homens, comprehendidos os moradores em estado de pegar em armas.

Parte da força Pernambucana acampou-se n'esse mesmo Forte, (obra inútil de Bagnuolo) muito distante para dominar a povoação do Pontal. Correia da Gama, sem se alterar com a superioridade do inimigo, destaca duzentos homens para irer defender a praia da Taipa, (uma légua ao Norte da Fortaleza) donde os Hollandezes podiam marchar sobre o Pontal, que estava fóra do alcance da artilharia da barra. Entretanto Mathias d'Albuquerque, tendo noticia do designio do inimigo, deixa o Arraial, e manda um soecorro para Nazareth, que consegue chegar ainda a tempo de se reunir aos fuzileiros, que marchavam ao longo da praia, para observar o inimigo. Com effeito este depois de ter tentado desembarcar na Taipa, onde foi batido, determinou saltar no lugar chamado — Pedras-pretas — e conseguindo deitar em terra quatrocentos homens, debaixo de vivissimo fogo, travou-se ahi uma acção renhida, e por muito tempo indiceisa, sendo finalmente obrigado a reembargar as suas forças, que n'este conflicto, e no da Taipa deixaram mortos na praia noventa homens, tendo a nossa gente sómente dous mortos, e alguns feridos, e entre estes o Tenente D. Diogo de Monroy.

A primeira Divisão da Esquadra Hollandezza, composta de doze velas, e que se tinha adiantado ao resto da Frota, vendo os obstáculos que offerecia o desembarque, aventurou-se a ganhar a dianteira ás baterias, e assim dominar a povoação, apesar de ser a barra estreita, e o passo perigoso. N'este transitó, um dos navios teve o leme arrancado; e despedaçou-se, e dous foram a piqué; mas os outros, não [sem grande risco, adiantaram-se, ancoraram defronte do Pontal, e bateram a povoação com tal vigor, que os habitantes, pela maior parte pescadores, em vez de a defenderem, a abandonaram, depois de lhe tocarem fogo, e em alguns navios que estavam á cãrga; mas o inimigo saltando immediatamente pôde salvar grande parte das casas, e os armazens que estavam bem providos.

Meia légua ao Sul havia no Recife uma entrada (do Suapé) que conduzia directamente ao porto; mas tão estreita, que

sempre se suppôz, que uma pequena canoa não poderia entrar por ella. Calabar, que estava a bordo das embarcações, tinha melhor pensado: nada escapava ao olho observador d'este malvado! Elle sonda a barra, e depois consegue fazer entrar por ella os navios, (com grande admiração dos moradores) desembarca as tropas no Pontal, e ahi ellas se fortificam. Então tornou-se singular a situação dos dous partidos: a povoação, e o porto estavam em poder dos Holandezes, a barra, e a Fortaleza em o nosso; de maneira que o inimigo não se podia communicar com as suas principaes forças, que tinham ficado fóra, senão em chalupas, (pequenas lanchas) ou por meio da nova barra, que Calabar acabava de descobrir, que sobre perigosissima, era mui estreita, e carecia de profundidade.

Entretanto Mathias d'Albuquerque, e o Conde de Bagnuolo, que tinham deixado o Arraial, e a fortaleza do Bom Jesus sob o commando dos Capitaens Luiz Barbalho, e Francisco Serano vinham a marchas forçadas em soccorro de Nazareth, mas achando o porto, e a povoação em poder dos Holandezes, marcham contra elles a frente de uma columna de oitocentos homens, tomam uma bateria que tinham construido, e chegam até aos principaes intrincheiramentos. Estas fortificações, feitas a pressa, eram de pouco valor, e já os Holandezes abandonando-as, se retiravam para os seus navios, quando appareceu uma partida dos nossos, que tinha recebido ordem de accommetter os contrarios pela retaguarda. Immediatamente ouve-se nas fileiras de Mathias uma voz, exclamando, que aquella partida era de Holandezes, que lhes ia cortar a retirada. Este rumor (que alguns attribuiram a traição de um Portuguez, que vinha com a nossa gente) desordena a columna de ataque, e espalha a confusão entr'ella. Em vão se esforçam os Chefes para desenganar os Soldados, e tornal-os a ajuntar: um terror panico n'elles impera, e a artilharia dos navios jogando vivamente acaba de os despersar. D'esta sorte perdeu Mathias a melhor occasião de cobrar o Pontal, além de vinte mortos que ficaram no campo, e muitos feridos, entre os quaes se contaram os Capitaens Domingos Dias, Miguel de Abreu, Estevam de Tavora, Fernão

da Silva, e outros, cujo valor augmentou n'esta occasião sua fama.

Não obstante as vantagens sobre os Pernambucanos alcançadas, Mathias era ainda Senhor do forte de Nazareth, e da barra, o que ainda o fazia tão formidavel aos Hollandezes, que não se atreveram a emprehender mais outra acção. A sua Esquadra estava distante: o canal que uma só Divisão tinha passado, era tão estreito, que não tinha senão o espaço necessario para a passagem de um só navio, cujas vergas tocavam a terra de um lado, e o recife do outro, e assim ninguem se persuadia que esta Divisão podesse sahir pela mesma passagem com tão pouca perda como entrára. Toda a costa estava além d'isto coberta de Reductos, que Mathias guarnecia, esperando que estes navios inimigos cahissem em seu poder. Julgava elle já segura a sua preza; mas todos os outros officiaes, que viram como os navios Hollandezes tinham entrado no porto, por um canal até então nunca fendido, receiaram que elles não tornassem a juntar-se com a Esquadra, por algum meio pouco facil de prever.

Com effeito Calabar a golpes de picão e marreta começa a fazer alargar o canal, que elle primeiro que todos passa para experimentar; depois faz desarmar os navios, e não se achando ainda assim agoa assaz bastante para as suas quilhas, deminue-lhes o peso, e então reboca-os um depois de outro a vista dos nossos, cuja surpresa igualava a raiva!

Tendo pois Segismundo salvado os seus navios d'esta sorte por conselho de Calabar, deixou dous mil homens para defender o Pontal, e tornou para o Recife em fins de Março com o resto da expedição. Ainda que Nazareth, como porto estivesse perdido para os Pernambucanos, elles todavia julgaram conveniente manterem-se nos Reductos, e na Fortaleza que occupavam, porque ainda não tinham perdido as esperanças de recobrar a povoação, a qual por ordem de Mathias foi atacada novamente no ultimo de Março, mas sem fructo; porque depois de um bem sangrado combate de muitas horas, no qual os Hollandezes soffreram bastante,

retiraram-se os nossos com perda de um Alferes, e seis Soldados mortos, além de muitos feridos.

Os nossos Generaes acamparam-se em Nazareth para aproveitarem o momento favoravel, e d'ahi enviaram despachos para Hespanha, a fim de darem conta da sua posição critica, e ao mesmo tempo reiterarem a requisição de um prompto soccorro. Da sua parte o Conselho do Recife resolveu excitar por todos os meios possiveis a Companhia Hollandeza, para completar a conquista de um Imperio, que cedia em todos os lugares á fortuna de suas armas. Os dous Commissarios Centio, e Gleissenghen, querendo secundar os projectos do Principe de Orange, voltaram á Europa, a fim d'elles mesmos confirmarem de viva voz aos Estados Geraes Hollandezes a importancia da possessão do Brazil.

Chegados a Haya teceram grandes elogios á fertilidade do terreno de Pernambuco, á salubridade do seu clima, e as vantagens da sua navegação : com menos complascencia não expozeram elles as privações que os nossos soffriam, a falta de esperanças que desanimava as nossas tropas, as quaes não recebendo nem reforços, nem soccoros viam todos os dias diminuir o seu numero, e enfraquecerem-se os seus meios « As disposições geraes do paiz (accrescentavam os Commissarios) são todas a favor da Hollanda : desejam em « Pernambuco um Governo mais protector do que o da Hespanha. Em pouco tempo os Brasileiros serão subjugados « sem remedio, ou postos em fuga, si uma poderosa armada « vai reforçar, e secundar as tropas Hollandezas de terra, e « mar, cujos gloriosos esforços, tem já submettido duas Provincias, e muitas Cidades, e Villas do Brazil á obediencia da « Hollanda. »

Uma exposição tão favoravel decidio a Companhia Occidental a fazer esquipar uma Frota de quarenta e seis embarcações de guerra, nas quaes fez embarcar uma Divisão de tres mil e quinhentos homens, dando o Commando ao Coronel Artyosk, Polaco de Nação, e que já se tinha distinguido no serviço das Provincias Unidas. A comparação de uma tal armada, com os fracos soccorros, que Hespanha fez passar ao Brazil he sensivel ; estes soccorros limitaram-se n'esta cam-

panha a tres caravelas montadas por cento e cincoenta homens de desembarque ás ordens de Pedro Cabral! Deste modo os reforços enviados para concluir a conquista de Pernambuco estavam na razão decupla, em proporção dos socorros que deviam protegê-lo. Nunca Hespanha se descuidára tão vergonhosamente do Brazil, possessão Portugueza.

Olivares, que exclusivamente dominava nos Conselhos do Rei de Hespanha, já não recebia senão com enfado, e desprezo as reclamações dos Brasileiros, e de Portugal. Tirou o Governo d'este Reino a D. Diogo de Castro, Conde de Bastos, que exercia o lugar de Vice-Rei, e que era publica, e particularmente interessado na restauração de Pernambuco, e o fez dar a Duqueza D. Margarida, viuva de Vicencio Gonzaga, terceiro Duque de Mantua Monferrato. Esta Princesa tinha por Secretario Miguel de Vasconcellos, (filho do Doutor Pedro Barboza, homem inquieto, e immoral) cujo despotismo não podia deixar de accelerar uma revolução, que a disposição dos espiritos, e o descontentamento geral tornava inevitavel; uma revolução que devia ter sobre o Brazil decisiva influencia. O lugar de Secretario de Estado Portuguez, antes de Vasconcellos, era exercido por Filipe de Mesquita, a mais de quatro annos, em lugar de seu tio Christovam Soares, ambos estimados da Nobreza Portugueza, e do Povo; mas como era necessario empregar quem melhor correspondesse ás intenções do valido do Rei, foi Mesquita substituido por Vasconcellos, cunhado, e sogro de Diogo Soares, que junto ao valido occupava em Hespanha o lugar de Secretario do Conselho Portuguez.

Antes do fim da campanha d'este anno, chegaram de volta da Europa os Commissarios da Companhia Hollandeza ao Recife, tendo sahido de Hollanda com uma Esquadra de quarenta e seis navios de guerra. O primeiro artigo das suas Instrucções continha ordem expressa de atacar a Parahyba, cuja Capital, que os Hespanhoes denominavam — *Filipa* — em honra do seu Rei, e os Hollandezes — *Frederica* — em obsequio ao seu Principe, não tinha deixado de conservar o nome do rio que a refresca. Parahyba era já uma Cidade florescen-

te, tendo mais de setecentos vizinhos, sem contar os que se tinham retirado no principio da guerra. Além de muitas Igrejas ella possuia o Convento da Misericordia, e mais tres, um de Benedictinos, outro de Capuxinhos, e o terceiro de Carmelitas, e vinte engenhos de assucar. A situação da Cidade he que poderia ter sido mais bem escolhida, si a não collocassem longe do porto tres legoas, em um terreno pantanoso, e pouco salubre. O forte Cabedello, que da margem meridional domina a entrada do porto, era de muito maior importancia do que a Cidade; podia-se consideral-o como chave de toda a Provincia.

Sobre a outra margem do Parahyba, se elevava o forte S. Antonio, (*) cujas muralhas não estavam ainda concluidas. Novecentos homens guarneciam estas fortificações. Sobre o escolho de uma ilha arenosa, chamada S. Bento, entre Cabedello, e S. Antonio, a um tiro de espingarda d'estes dous fortes, estava situada uma bateria de sete peças, defendida por quarenta Soldados. Taes eram os meios de defeza do Capitão Mór Antonio de Albuquerque Maranhão, Governador da Parahyba, que desde a primeira apparição dos Holandezes, não perdeu tempo, a fim de se preparar para um vivo ataque. Tinha elle a pouco tempo enviado seu irmão à Europa, para fazer conhecer ao Rei, e aos Ministros o estado de fraqueza da importante Capitania, que lhe fôra confiada, não tendo, representava elle ao Rei, para oppôr às empresas do inimigo, senão Milicianos inferiores em numero, indisciplinados, e sem experiencia; porém estas representações não produziram effeito algum na Corte de Madrid; e assim, tanto a Parahyba, como Pernambuco foram abandonadas à sua sorte.

O General Segismundo deu a vela do Recife, e appareceu a vista do forte Cabedello com trinta e dous navios, e com dous mil, e quatrocentos homens de desembarque. Era impossivel defender todos os pontos accessiveis da praia contra uma força tão superior; e por isso os Holandezes effectuaram o desembarque, sem outra perda mais do que a de qua-

(*) Hoje nem vestigios ha d'este Forte.

tro lanchas que se viraram. Na primeira escaramuça os Parahybanos repellidos, retiraram-se em desordem para o forte, deixando desoito mortos no campo, um grande numero de feridos, e dez prisioneiros. Foi do numero d'estes prisioneiros um Portuguez, chamado Bento do Rego Bezerra. Este homem, que nenhum amor tinha ao paiz, onde só viera adquirir riquezas, a fim de desfructal-as na Europa, preferindo os bens á honra, dedicou-se aos interesses dos inimigos da sua Nação, e valendo-se da ascendencia que as suas riquezas lhe davam sobre a gentalha contribuiu o mais possivel para fazer entrar toda a Capitania da Parahyba no dominio Hollandez, esperando por este meio vil, conservar intactas todas as suas riquezas.

O General Segismundo, tomando conselho com este traidor, marchou para o forte Cabedello, e começou o cerco; mas as suas tropas ficaram expostas ao fogo da bateria de S. Bento. Cumpria portanto apossar-se d'este escolho, porque não só incommodava os aproxes; mas tambem fazia entrar com segurança as embarcações, que vinham em soccorro do forte. N'este desígnio mandou Segismundo atacar S. Bento pelo Coronel Andrezon, e este, aproveitando a espessa nevoa, que escureceu o ar da manhã de 9 de Dezembro de 1634, passa a barra com uma Divisão de sete navios pequenos, e seis barcaças; e com tal cautela, e tão coberto pela nevoa, que quando os Parahybanos o aperceberam, já a Divisão estava entre os fortes! Immediatamente oitocentos Hollandezes, desembarcados sobre o escolho, atacam os quarenta Soldados Brasileiros, que guardavam a bateria. Vinte e seis d'estes morreram, e o resto nadou para as embarcações, chegadas muito a tempo para os soccorrer, porém não para salvar o ponto atacado. Senhor d'este posto, voltou a artilharia contra Cabedello, e no primeiro dia matou onze Soldados nossos, e ferio desanove. Um tiro de fuzil quebrou o queixo do Capitão João de Matos Cardozo, commandante do forte; mas esta ferida não o fez largar o seu posto, e o combate, até que o Capitão Mór Antonio d'Albuquerque veio obrigar-o a retirar-se com outros feridos, e a deixar em seu lugar o Capitão Jeronimo Pereira.

Os sitiados, privados de auxilios, que não esperavam senão do forte S. Antonio, experimentavam falta de viveres, e de munições, porque era difficil introduzir no Cabedello cousa alguma. Por terra a distancia era de nove legoas, e o infatigavel Calabar, guia fiel dos Hollandezes, tinha-se ahi postado para lhes indicar as veredas, e impedir a communição entre os dous fortes, e a Cidade. Ir por agoa, por baixo do fogo dos sitiantes, que, senhores das duas margens, cruzavam os seus tiros, era o unico, mas arriscadissimo meio de soccorrer a Praça.

Não foi senão ao favor das trevas, e do fumo da artilharia, que quatro lanchas cobertas, de couros molhados, levaram alguns soccorros á fortaleza, desenvolvendo-se tanta coragem e patriotismo n'esta empreza, que os mesmos inimigos o elogiaram. Antonio Peres Calhau, que commandava uma d'estas lanchas carregadas de munições, atravessava, por entre um chuveiros de balas, de S. Antonio para o forte sitiado, quando uma bala d'artilharia mata a seu lado um dos seus camaradas, fere outros dous, e lhe leva o braço, que regia o leme. Seu irmão Francisco Peres Calhau, levanta-se, e quer tomar-lhe o leme, porém Antonio Peres recusa dar-lh'o dizendo — *Para me succeder em o posto, ainda tenho este irmão mais chegado* —, (mostrando-lhe o braço esquerdo) e logo passando o leme para outra mão, prosegue como dantes; entretanto outra bala, dando-lhe nos peitos, o faz cahir sem accordo: então seu irmão corajosamente o imita, lançando immediatamente mão do leme, importando-lhe mais a obrigação, do que a vida de seu irmão, e amigo! Francisco Peres continuou pois a governar a lancha, mas sendo ferido tambem na mão direita serve-se, como o primeiro, da esquerda: finalmente as lanças effectuam a passagem, e introduzem o soccorro na Praça; e os dous irmãos foram felizes, porque se curaram de suas feridas; porém tal foi a ingratição do Governo Portuguez, que toda a recompensa que estes dous intrepidos marinheiros tiveram, foi apenas a estima, e admiração de seus Compatriotas!

Todavia os Hollandezes apertavam vivamente o cerco, e haviam levantado baterias, que batiam o forte noite e dia:

já alguns baluartes minados tinham saltado, causando grandes ruínas, e matando muitos homens, já as peças pela maior parte estavam desmontadas, os artilheiros mortos, ou feridos, e as muralhas quasi derribadas, quando o Capitão Jeronimo Pereira, ferido de um golpe mortal, foi substituído no Commando pelo Capitão Gregorio Guedes Souto Major então só promptos soccorros podiam salvar a Fortaleza. Entretanto chega Bagnuolo do Campo Real de Pernambuco com um reforço de trezentos Hespanhoes, e Napolitanos; porém não só foi muito vagaroso na sua marcha, como tardo em tudo, porque em vez de soccorrer immediatamente o Cabello, com aquella rapidez, que a sua penuria demandava, mandou chamar a Antonio d'Albuquerque, e deteve-o com inúteis conferencias!

Os sitiados ainda que indignados pela ausencia, e inação dos Generaes, recusaram renderem-se ás primeiras intimações, postoque a Praça já não estivesse em estado de defender-se, mas Segismundo, a quem o cerco havia custado seiscentos homens, offerecendo-lhe proposições toleraveis conseguiu que a Fortaleza, que tão corajosamente se tinha defendido, lhe fosse entregue; e d'esta sorte a chave da Capitania da Parahyba ficou em poder dos Hollandezes, assim como o forte S. Antonio, que teve igual sorte. Ainda restava a Cidade, onde as forças da Capitania, e os soccorros de Bagnuolo poderiam ter-se concentrado. Mas este General que tinha previsto, e annuciado a entrega dos fortes, sem se oppôr, e cuja experiencia militar não servia se não de presagiar as derrotas, julgou toda a resistencia vã, e aconselhou aos habitantes da Parahyba de levarem seus effeitos mais preciosos, e abandonarem a Cidade. Dá elle mesmo ás ordens, sem escutar representação alguma, e, sem esperar a volta do Capitão Mór Governador, que se pozera em marcha para salvar o forte S. Antonio, fez pôr fogo aos navios ricamente carregados, que estavam fundiados no porto, e marchou em retirada!

Os Soldados de Bagnuolo, quasi todos mercenarios Hespanhoes, e Italianos, dispostos, a roubar com igual rapacidade a amigos, e inimigos espalharam-se pelas casas, devastaram

commetteram grandes desordens, e finalmente saquearam a Cidade, como se tivesse sido tomada de assalto! Os habitantes assim desesperados a entregaram às chammas, e para não cahirem em poder do inimigo, seguiram os saqueadores na sua retirada; mas estes lhe arrancaram o que tinham podido salvar do incendio! Tornou-se então geral a indignação, contra uma Soldadesca desenfreada, que em vez de proteger as propriedades, e de defender o paiz, mostrava-se mais formidavel do que os inimigos. Não dando ouvidos, senão ao seu justo resentimento, os desgraçados habitantes da Parahyba, fogem d'estes mercenarios de Bagnuolo, e voltam a render obediencia aos Hollandezes, imitando assim um grande numero dos seus Concidadãos, que fatigados de luctar contra a má fortuna, tinham ficado na Cidade entregando-se á nova Administração. Bagnuolo com a sua tropa, ou com os seus salteadores, que deshonraram o nome de Soldado, dirigio a sua marcha para o forte de Nazareth, carregado com a maldição dos habitantes da Parahyba, onde sómente appareceu, para prophetisar infortunios, e abandonal-a á rapacidade de suas tropas.

Segismundo, não achando obstaculos, veio occupar a Cidade, reparou os danos do incendio, e guarneceu os fortes da barra com uma numerosa guarnição, assegurando assim a posse de sua conquista, á vista do inimigo em fuga. Logo que o ultimo forte se rendeu, fez Antonio d'Albuquerque a sua retirada para a Cidade, não suspeitando que ella tivesse sido assim abandonada; de maneira que deram-lhe noticia d'este abandono, as salvas d'artilharia com que o inimigo celebrava a victoria. Vendo os fortes, e a Cidade perdidos, procurou este General um posto vantajoso, para ali se intrincheirar, esperando ainda defender e disputar o paiz; porém os Soldados desanimados, não patentearam confiança alguma, e pelo contrario a maior parte o abandonou, e até duas companhias de Indios se juntaram ao inimigo vencedor.

Comtudo Antonio d'Albuquerque, conservou-se firme, não perdendo as esperanças de melhorar de fortuna, mas Segismundo, conformando-se com as instrucções dos Commis-

sarios Hollandezes, e com a politica das Provincias Unidas, fazia offerecer secretamente por Duarte Gomes da Silveira (Portuguez potentado, estabelecido na Parahyba, e amigo do outro traidor Bento do Rego) aos principaes moradores, e aos Chefes dos Indios *Salvos conductos* em nome do Principe de Orange. Silveira, que figurava entre os Parahybanos, que tinha sacrificado parte de sua fortuna, e perdido seu unico filho na defeza do paiz, tornou-se por uma indigna mudança, e para conservar o que ainda possuia, o emissario secreto dos Hollandezes no mesmo campo dos seus Compatriotas, aos quaes promettia, em nome de Segismundo, o livre exercicio da Religião Catholica, o gozo das suas propriedades, e a vantagem de poderem tirar dos armazens do Recife mercadorias da Europa, que receberiam a credito, e pagariam em productos Brazileiros. Antonio d'Albuquerque, descobrindo a traição de Silveira, metteu-o em ferros, e o mandou manietado ao General em Chefe Mathias d'Albuquerque; mas durante a viagem um destacamento Hollandez o livrou.

Em vez de tranquillamente aproveitar-se do favor da sorte, que o livrou dos ferros, Silveira, não se occupou mais senão em vingar-se de Antonio de Albuquerque; e persuadido que realçava os serviços que prestára aos Hollandezes, entregando-lhes este Chefe, traçou o seu perfido projecto, e depois de o ter concertado com Segismundo, a fim de que Albuquerque lhe não escapasse, veio atrevidamente encontrá-lo, e disse-lhe « A Providencia pôz em meu poder dous meios para provar a minha innocencia: o primeiro permittindo que os Hollandezes me livrassem, quando injustamente V. S. me mandava preso, e o segundo quando eu der aos meus Compatriotas um penhor certo da minha fidelidade. Os inimigos são em pequeno numero na Parahyba, onde desorientados pelo excesso dos alimentos, e do vinho, seriam facilmente presas do valor de V. S. si marchasse immediatamente a sorprendel-os, e ataca-os. Venha V. S. que eu darei o signal do ataque, e assim facilitando-lhe uma victoria decisiva, provarei que tenho, como sempre, um coração Portuguez. »

Illudido por este discurso artificioso , Albuquerque promette a Silveira que atacaria os Hollandezes no momento em que elle dêsse o signal que convencionaram. Dispôz-se pois para a marcha; mas os seus officiaes, descobrindo n'esse mesmo discurso de Silveira um laço, o dissuadiram, e o fizeram deixar a Parahyba, onde reinava a desconfiança, e a traição. Antonio d'Albuquerque então effectuou a sua retirada para Pernambuco com as reliquias de suas tropas, e o traidor Silveira vendo malgrado seu perfido projecto, refugiou-se entre os Hollandezes. Estes porém pensando maduramente julgaram que um homem, que fôra traidor aos seus Concidadãos, e que maquinára um artificio tão subtil, poderia adiantar mais as suas intrigas, e enganar-os, e prevenindo-se portanto o prenderam, e conservaram por muitos annos em uma prisão.

Segismundo seguindo o curso de seus prosperos successos, destacou para o interior da Provincia muitas columnas de suas tropas ligeiras, ás quaes se renderam á discrição as povoações, as Aldeias, e diversas habitações, quasi desertas, por terem os moradores emigrado para Pernambuco. Todos os Indios da Capitania saudaram os seus novos Senhores, e os do Rio Grande do Norte reconheceram igualmente o dominio da Hollanda. Não foi com a mesma facilidade que Segismundo se apoderou da Capitania de Itamaracá: Mathias d'Albuquerque, conhecendo o designio do General inimigo, e desconfiando que intentasse por ultimo a tomada da Fortaleza do Arraial, ordenou ao Capitão Rebellinho que com algumas companhias, tiradas de Nazareth, e do Arraial sahisse a cortar o passo do inimigo, e que quando o não podesse bater, não descansasse de o picar continuamente. Em consequencia marchando, Rebellinho chegou com as Companhias que levava, e as de alguns moradores que se lhe aggregaram, a uma Aldeia chamada S. Miguel de Mussupe, onde fez alto, e foi avisado de que Segismundo com todo seu Exercito marchava em direitura ao mesmo lugar. Mui inferior em forças para offerecer acção, Rebellinho, toca fogo nas casas que haviam em S. Miguel, e retira-se para um campo no interior das matas, porém mui accommodado ao genero

de guerra que adoptára. Entretanto Segismundo aproxima-se, e não encontrando quem se lhe opponha, segue para Mussurepe, engenho dos Religiosos Benedictinos que achou desamparado, mas muito abastecido de viveres que o fartaram. Aqui atacou Rebellinho com noventa homens a Segismundo na passagem da mata de João Leite, fazendo tal estrago, que duas vezes ganhou, e perdeu a passagem, até que foi obrigado a retirar-se. Entretanto, informandose Segismundo do lugar em que estava o nosso Capitão cercou-o, e bateu-o vigorosamente, matando-lhe alguns Soldados, e ferindo á muitos, até que ferido tambem o mesmo nosso Capitão Rebellinho por duas balas, retirou-se com os seus por entre o mato.

Concluida esta acção Segismundo marcha para Maciape, commette as maiores barbaridades, rouba os moradores; e o mais he que depois de dar-lhes bilhetes de segurança, ou Salvos conductos! Entretanto Luiz Barbalho, com uma columna de quinhentos homens, espera o inimigo entre Maciape, e S. Lourenço, mas Segismundo sendo avisado de que tão perto o esperavam, e tambem de que Mathias d'Albuquerque, apesar de se achar enfermo, marchava a disputar-lhe a conquista na povoação de S. Lourenço, deixou Maciape, mui bem fortificado, e guarnecido, e recolheu-se ao Recife, como conquistador da Parahyba, e com uma rica preza, atravessando as campinas de Paratibe.

Estes successos estrondosos concluíram a campanha de 1634, e deram esperanças aos Hollandezes de consumir a conquista de Pernambuco, cuja pacifica posse lhe garantia os meios de se apoderarem de todo o Brazil.

CAPITULO IX.

Os Generaes, e Commissarios Hollandezes deliberam em Conselho, que se continue a guerra com todo o ardor. O General Artijoski cerca a nossa Fortaleza do Arraial, que a final se rende por capitulação. Os Hollandezes portam-se infamemente com os vencidos. A Fortaleza de Nazareth he investida, e a final tambem cede. Ataque e tomada da Villa de Porto Calvo. Corajosa resistencia dos nossos em Serinhaem. Heroismo da Pernambucana D. Maria de Souza. Os Pernambucanos emigram para Alagoas. Sebastião de Souto illude os Hollandezes. Mathias d'Albuquerque retoma Porto Calvo. Calabar he preso, processado, e enforcado. Mathias d'Albuquerque retira-se para as Alagoas, e Pernambuco fica entregue aos Hollandezes.

1654 E 1655.

Os negocios da guerra, postoque favoraveis ás armas Hollandezas, nem por isso deixavam de cada dia merecer mais a attenção dos seus Generaes, e Commissarios: todos os dias haviam Conselhos de guerra, e nenhuma deliberação importante se tomava, sem que primeiro fosse discutida em Conselho. Em um d'estes expóz o General Segismundo, que era geral a consternação dos Brasileiros, desde que as tropas Hollandezas victoriosas lhes tinham tomado quatro Capitánias; que os mesmos Pernambucanos haviam chegado a um tal estado de abatimento, que os Generaes Batavos encarregados do seguimento d'esta guerra, seriam culpados senão se apressassem em aproveitar os favores da fortuna, para se apossarem por viva força, ou por artificios dos dous pontos fortificados, que nos restavam. Segundo a opinião de Segismundo, estas operações não deviam ter demora, convingo necessariamente precedel-as por uma segunda invasão da Capital (Bahia) do Brazil; ultimo golpe que era preciso, para completar a conquista d'este vasto Imperio.

As razões do General Hollandez, cujas operações acabavam de ser coroadas de felizes resultados, captaram os votos do Conselho, onde finalmente se deliberou que as Fortalezas de Nazareth e do Bom Jesus do Arraial se atacassem a um mesmo tempo, por dous Corpos do Exército, indepen-

dentes um do outro. Segismundo encarregou-se da Divisão, que devia tomar Nazareth, e o Coronel Christovam Archifofle teve o mando do cerco da Fortaleza do Arraial: cada um d'estes Corpos Hollandezes não tinha menos de tres mil homens.

Apenas se pozeram em marcha as columnas Hollandezas, o susto, e a costernação tornaram-se geraes. Não he já uma só Cidade, um só ponto, uma só fortaleza que os Hollandezes ameaçam; os unicos baluartes de Pernambuco, cuja conquista ardentemente ambicionam, são os que elles ameaçam. Os nossos agricultores, vendo que os Hollandezes se approximavam, recolheram-se com suas mulheres e filhos, e o que tinham de mais valor, ás fortificações do Arraial de Nazareth.

Mathias d'Albuquerque, que não participava do susto, que á muitos aterrava, julgou de seu dever conter os esforços do inimigo, que já desolava o campo; e destacando algumas Companhias ligeiras, ordenou-lhes que incendiassem as plantações, a fim de nada ter em que se sevar a cubiça Hollandeza. E como a posição do Arraial já não era assaz central, Albuquerque assentou o seu Campo no territorio da Villa de Serinhaem; e convocando ahí um Conselho de todos os principaes officiaes, e dos Pernambucanos mais ricos, que nunca o desampararam, submetteu á deliberação d'esse Conselho os negocios da guerra. Quasi todos votaram que se demolissem as fortificações do Arraial, a fim de se concentrarem todas as forças em Nazareth, onde sendo aberta a communicação maritima, podiam chegar os socorros sem obstaculo. Trouxe então Albuquerque á lembrança, com uma especie de orgulho, que defendêra por longo tempo, contra um inimigo bem superior em forças, estas linhas, e estes intrincheiramentos, no centro dos quaes uma nova Olinda se tinha levantado, e onde, durante mais de tres annos, os Pernambucanos tinham encontrado asylo, e protecção.

Firme na idéa de defender até a ultima extremidade uma Provincia, que era sem duvida o patrimonio de sua familia, Albuquerque distribuiu as poucas forças disponiveis que

linha, de maneira que levasse a effeito sua idéa. Confiou a defeza da Fortaleza e do Arraial (denominados Campo-Real) ao Tenente General d'Artilharia André Marim, dando-lhe quatrocentos e cincoenta homens de tropas regulares, além das Milicias das vezinhanças. O Capitão Mór Luiz Barbalho Bezerra, e o Sargento Mór do Estado Pedro Corrêa da Gama, foram encarregados da defeza de Nazareth com seiscentos Soldados. Mathias d'Albuquerque conservou junto a si seu irmão Duarte, o Conde de Bagnuolo, seiscentos Soldados escolhidos, e o terço do Indio Camarão. Achan-do-se assim regulado o Exercito, reunio as suas tropas, e em um breve discurso não occulta-lhes que tocavam a crise mais decisiva, e terrivel, que jámais se havia offerecido ao seu valor; porém ao mesmo tempo as exhorta vivamente a não atentarem para a superioridade numerica do inimigo, em lucta tão desigual, e na qual só a sua coragem suppriria a falta de braços. Além d'isso as encoraja dizendo-lhes, que nas duras provas em que a Providencia punha o seu patriotismo, nenhum d'elles devia perder de vista, que um Soldado Pernambucano, que impavido sabia affrontar a fadiga, a fome, a sede, e todos os outros flagellos inseparaveis da guerra, valia por si só dez Hollandezes, e podia aspirar a todo o fastigio da gloria militar, tanto mais pugnando para fazer triumphar a causa da sua Religião, da sua Patria, e do seu Monarcha.

Comovidos vivamente os nossos Soldados, pelas exhortações do seu General, pozeram-se em marcha para os seus destinos; e não tardou que justificassem, quando menos se esperava, a idéa que o seu Chefe formara da sua constancia, e do seu zelo.

Artyoski movia-se entretanto para investir o campo Real conduzindo com a sua Divisão um consideravel trem de artilharia. Depois de ter estabelecido o seu campo em Março de 1635, e traçado as suas linhas, veio occupar uma eminencia fortificada por Bagnuolo, mas tão informemente, que houve quem com razão dissesse, que elle nesta fortificação fizera para a conveniencia do inimigo o que bastava, e para a defeza da nossa Fortaleza o que não servia. André Marim

destacou no dia 20 de Março, o Capitão Gregorio Guedes de Souto Maior, com algumas tropas, a fim de expulsar o inimigo desta collina, que dominava a Fortaleza. Marchou Souto Maior, e com tal valor atacou, que depois de seis horas de um obstinado combate, Artyoski abandonou a collina, e a bateria, cuja artilharia os nossos encravaram; mas no dia seguinte o General Hollandez tomou a offensiva com forças superiores, e desenvolveu tal capacidade nas suas manobras, que, não obstante todos os esforços dos Pernambucanos, estes, não podendo conservarem-se na posse do monte, abandonaram-o, e recolheram-se às suas muralhas. Artyoski senhor deste ponto dominante, adianta as obras, restabelece a sua bateria, e dirige todo o fogo contra o corpo da Praça; mas a nossa guarnição faz varias sortidas, em muitas das quaes derrama a confusão nas fileiras dos sitiantes:

Em um destes ataques no dia 1.º de Abril de 1635 (era Domingo de Ramos) um fuzileiro Pernambucano encontra o General Artyoski, e leva a arma a cara para o matar, na occasião em que os nossos levavam o inimigo de vencida. O General grita que não o mate, e que se rende, e no mesmo momento entrega a sua espada ao fuzileiro, o qual tomando as redeas do cavallo de seu prisioneiro, o conduz em triumpho para os nossos; porém fiando-se na palavra de honra do Hollandez, deixa de lhe pedir o bastão do Commando, que armado com um ferro, em forma de martello, não era menos uma arma offensiva, do que a insignia do seu Posto. Apenas Artyoski dá alguns passos, vendo que o seu guarda estava descuidado, fere-o na cabeça, derriba-o, e ganha o seu campo a galope; e assim fica devendo a liberdade, tanto á sua perfidia, como á presença de espirito de que era dotado.

As obras dos sitiantes tocavam já o seu termo, e noite, e dia as suas baterias batiam as nossas muralhas. Ao terrivel effeito das bombas, e granadas se reunia um fumo sulfureo, e insuportavel, que, escurecendo o ar, suffocava os Soldados, que guarneciam os baluartes. Não se podendo preservar d'armas tão destruidoras, e damnosas, o Commandante da Fortaleza faz escavar a terra, a fim de formar uma espere-

cie de casas matas, onde guarda em segurança as suas munições de guerra, os seus feridos, e os doentes. He ahí, que privados da luz do Sol, e do ar atmosphérico, recebiam estes infelizes algum allivio. A terra que tiravam das cavas, servia para construir novas obras, logo que as primeiras eram destruidas. Chegando por meio da solapa a um tiro de pistola da muralha, Artyoski fez levantar com pasmosa celeridade uma especie de fortim, guarnecido de morteiros, e peças, donde batia a Praça tão vivamente, que as nossas fortificações foram successivamente abaladas pelas bombas, e balas. Todavia André Marim resistia ao cerco com coragem, supprindo muitas vezes com artificios, e negaças, os meios de defeza de que carecia.

A parte mais fraca da Praça era a que o inimigo atacava com mais furia, por isso André faz ahí levantar uma bateria fingida, e depois ordēna um ataque falso contra o fortim, que batia a brecha, a fim de attrahir as melhores tropas inimigas. Este estratagemata teve feliz effeito: as tropas escolhidas do Exercito de Artyoski marcharam para este ponto, e de improviso foram derrotadas pela metralha da Praça, sendo o mesmo Artyoski ferido gravemente. Animada então a nossa guarnição tenta muitas sortidas vigorosas, em uma das quaes os Pernambucanos chegam até ao interior dos quartéis inimigos, onde colhem ricos despojos.

Havia já dous mezes que a guarnição repellia os esforços dos sitiantes com uma constancia inimitavel, posto que sem auxilios, e flagellada por privações, que cada vez se tornavam mais intoleraveis: já não tinha viveres, e era tal sua miseria, que para manterem a existencia os nossos Soldados comiam cães, gatos, cavallo, &c., &c. Brito Freire no Livro 8.^o n. 633 encarece o extremo de penuria a que os nossos chegaram, narrando-o assim « Acabaram-se as munições, e tendo-se acabado todas as cousas, a constancia servia de alimento aos sitiados, de cura aos feridos. De quantas immundas sevandijas se foram sustentando, depois que ficaram sem sustento, facilitado já o asco de comel-as, repararam só em achal-as, por não haver onde descobrissem mais rocins, cães, ratos, couros, ou hervas. Chegam-

« do finalments a taes miserias, que vendo-as os inimigos
« padecer aos nossos, se lastimavam d'elles, e elles não se
« lastimavam de si. Com que entre o desejo de se defende-
« rem, e a impossibilidade de persistirem pelejaram ainda
« vinte e dous dias. «

Mathias de Albuquerque foi instruido a tempo desta penuria ; mas então todo o territorio entre o seu Acampamento, e o Arraial estava dominado pelos Hollandezes, e não lhe restava forças disponiveis, com as quaes podesse forçar a passagem, e vir em soccorro dos seus compatriotas.

Nesta extremidade recorreu á fidelidade de alguns habitantes, que se offereceram a abastecer a Praça, por muito ariscada que fosse a empreza, pois os Hollandezes haviam comminado a pena de morte a todo e qualquer, que buscase meios de introduzir viveres em Nazareth, ou no Campo-Real; tinham tambem promettido a liberdade aos escravos, que descobrissem, ou malograssem taes designios, e pondo rigorosamente em pratica os seus Decretos, condemnaram ao supplicio um Pernambucano, que não teve outro crime, senão o de ter cumprido os seus deveres para com sua Patria. André Marim vingou-se deste assassinio, mandando fuzillar dous Hespanhoes, e um Portuguez, convencidos de tratarem secretamente com o inimigo.

Ainda que os horrores da fome flagellassem a guarnição, e que a esta não restasse mais do que morrer a mingoa, ou submetter-se ; comtudo tanto ella, como o seu bravo Commandante, não se alimentando senão com couro cozinhado, ou iguarias iguaes, supportaram ainda vinte e dous dias o que a penuria, e a falta total de tudo (excepto d'agoa) quanto he indispensavel para viver, tem de mais mortificante !

Reduzidos pelas mortes, e enfermidades a menos de trezentos homens de combate, e não tendo esperanza alguma de auxilio, trataram da entrega; porém não sahiram da Fortaleza senão com todas as honras da guerra, e com a promessa de lhes ser permittido o transportarem-se livremente para qualquer das possessões Hespanholas a custa dos Hollandezes. A magrem, e debilidade destes bravos, ainda

mais os honravam, do que os louvores que os mesmos inimigos lhe prodigalisavam, depois de tão gloriosa resistencia, que em fim cessou no dia 10 de Junho de 1635, quando se renderam por capitulação.

Os paisanos, e mulheres que se tinham abrigado em a Fortaleza, e os Melicianos, que haviam participado do common perigo, não foram comprehendidos na Capitulação, apesar das instancias do Governador, e dos seus officiaes. Segismundo, que tinha vindo ao campo de Artyoski para presidir a entrega, não quiz que na Capitulação algum artigo se insirisse a favor dos habitantes. « Para que (dizia Segismundo) os comprehenderemos em uma Capitulação militar? Não são elles Vassallos da Hollanda, e não he do interesse da Republica, e do seu dever protegel-os, e ganhar a sua afeição pela benevolencia? São injuriasas suas suspeitas, e podem sem temor abandonarem-se á generosidade do vencedor. »

Todos portanto se convenceram, que os infelizes que tanto tinham cooperado na defeza com a guarnição Militar, não seriam inquietados, nem por suas opiniões, e nem por sua passada conducta; porém fóra de toda a esperanza, e em desprezo da moral, e da honra, os Hollandezes exerceram sobre estes bravos e leaes Pernambucanos os mais indignos tratamentos. Aquelles que possuíam propriedades, e que sobre a totalidade da somma, em que tinham sido taxados para resgatar tanto á seus bens de um sequestro, como á si mesmos da pena de morte; se não entregavam logo a taxa, eram postos a tormentos, colorando Segismundo este infame procedimento com declarar em um Decreto, que os Pernambucanos tinham merecido pena capital, por serem traidores ao Principe de Orange.

Entre os Milicianos, e pessoas distinctas, que ficaram na Fortaleza, confiados na fementida promessa de Segismundo, e que para não soffrerem a pena que impunha o barbaro Decreto que os declarava traidores á Hollanda, compraram a liberdade a dinheiro, menciona a historia com mais particularidade o Coronei Pedro da Cunha de Andrade, que foi condemnado a tratos, e que para os não soffrer deu cinco

mil cruzados; Antonio de Freitas da Silva que, não obstante dar o dinheiro para seu resgate, foi mettido em tormentos, dos quaes sahio mui maltratado, e João Fernandes Vieira, que para salvar a si, e a dous famulos entregou a quantia em que taxaram os seus resgates.

João Fernandes Vieira, cujo nome depois foi collocado na lista dos grandes Capitaens do seu tempo, desappareceu então do theatro da guerra, e entregou-se a vida privada, sob o dominio do conquistador. D'ahi a dez annos o mesmo João Fernandes Vieira solta o grito de liberdade, he aclamado General dos Independentes, e a frente d'estes, depois de nove annos de guerra, sacode o jugo Hollandez.

Por meio deste despotismo politico, adquirio o General Hollandez vinte e oito mil Escudos (11:000#000 réis). Foi deste modo que a Nação Hollandeza, pela sua insigne maldade, e por terriveis crueldades tornou detestavel a sua memoria e manchou a sua Historia; ao mesmo passo que em o seu proprio paiz, por brilhantes acções, e pela pratica de uma moral pura, captava a admiração dos seus contemporaneos.

D'esta sorte succumbio a Fortaleza, e o campo do Arraial, depois de um sitio de tres mezes. Os vencedores ordenaram a demolição da Fortaleza que haviam ganhado; talvez para apagar até o menor vestigio de uma conquista, que tanto sangue lhes custara, e que elles mancharam com tantos actos de perversidade.

A defeza de Nazareth, cuja duração, e circunstancias foram as mesmas, não offerecia um objecto menos digno de assombro, e compaixão! A Divisão Hollandeza, que deixava as ordens de Segismundo, devia formar o cerco, tinha marchado até o engenho Algodoaes, (oito legoas para o Sul do Recife, e uma e meia a Oeste do forte) onde podia cortar os soccorros aos nossos; mas não dominar o paiz. Aváro do sangue de seus Soldados, o General Hollandez evitava quanto podia as acções geraes, limitando-se apenas a interceptar os reforços, e privar os soccorros, esperando reduzir a Fortaleza de Nazareth, mais pela penuria, do que pela força.

Ou fosse para dividir as forças do inimigo, ou para se assegurar de outro posto na costa, ou (o que he mais presu-

nivel) para arredar do pé de si um General, cuja fidelidade era mui duvidosa, (*) Mathias d'Albuquerque destacou do seu Quartel General de Villa Formosa (ou Serinhaem) o Conde de Bagnuolo, para vinte e cinco legoas mais para o Sul, com ordem positiva de fortificar, e defender Porto Calvo. Era sem duvida interessante conservar a posse de um ponto tão importante pela sua posição, e porto de mar; mas igualmente Mathias privava-se assim de uma parte das suas tropas, em presença de um inimigo que ameaçava Nazareth, e o seu mesmo campo; porém como Mathias confiava inteiramente em todos que ficavam com elle, preferio sem duvida enfraquecer o seu Exercito, a ter Bagnuolo tão junto a si, já que as circumstancias o obrigavam a não desfazer-se de outra sorte d'esta creatura de Olivares, favorito do Rei de Hespanha. Além d'isto Mathias estava quasi sem munições; uma arroba de polvara, era tudo quanto lhe restava, e para encobrir esta falta, mesmo aos seus Soldados, fez encher alguns barriz de areia, e collocou-lhe em torno a guarda ordinaria; couvinha-lhe pois, no caso de precisão, distribuir estes restos de munições com gente de sua inteira confiança.

Retirado Bagnuolo para seu destino, formou Mathias dos mais vigorosos lavradores sete partiidas, compostas cada uma de quinze homens, a excepção de uma só, que compunham treze irmãos chamados Baptistas, dos quaes o mais velho era o Capitão (***) partida esta que se denominou—Companhia dos Baptistas—: porém este systema de pequena guerra, não podia salvar Nazareth, onde era impossivel introduzir viveres á força. Mathias enviou-lhe furtivamente alguns Indios, levando cada um o seu sacco de farinha ás costas; mas em vão tomaram elles uma estrada menos frequentada, os Hollandezes, que batiam as entradas em todas as direcções, tomaram estes fieis Indios, e depois barbaramente os enforcaram.

(*) Castrioto Luzitano Livro 3.^o

(**) Brito Freire Livro 8.^o n.^o 638.

Mathias lançou então ao rio de Algodoaes tres barcas carregadas de viveres, e entregou-as a direcção do Alferes Diogo Rodrigues, Official vindo de Nazareth para o instruir da penuria em que estava a guarnição. Rodrigues sahio do porto ao pôr do Sol, e chegou incolume á meia, noite depois de ter passado ousadamente debaixo do alcance do fogo Hollandez. Este soccorro inexperado, reanimou o valor dos sitiados, e fel-os perseverar na sua resistencia.

Porto Calvo porém, para onde tinha marchado Bagnuolo, quasi que nenhuma resistencia fez. Ainda que esta Villa fosse tão importante pela sua posição, como pelos abundantes pastos, que cobriam seu territorio, todavia estava mui mal guarnecida. Barra-Grande, optimo porto, e mui perto de Porto Calvo, estava em poder dos Hollandezes, e bem fortificada; e a Villa apresentava tão fracas obras, que os seus habitantes estavam bem persuadidos, que a resistencia era inutil, e que a sua sorte seria em tudo semelhante aos da Barra-Grande. Estavam as cousas n'este estado em Porto Calvo, quando appareceu Bagnuolo com a sua Divisão de Italianos, e se reunio com o Mestre de Campo D. Fernando de Riba Aguerro, que com a sua Companhia de Hespanhoes, commandava a Villa.

Quando Lichthart, que dirigia as forças navaes Hollandezas, soube que Bagnuolo se fortificava em Porto Calvo, desembarca immediatamente as suas tropas, e, cioso de se mostrar digno emulo de Segismundo, cujos successos invejava, resolve tomar a Villa a escala. Reunio-se a um destacamento da guarnição da Barra-Grande, e fazendo apartar os seus navios para o mar alto, dirigio ás suas forças reunidas a seguinte falla :

« Bravos companheiros ! Vós tendes na vossa frente a
 « Villa de Porto Calvo, e na retaguarda um mar immenso.
 « Para que consumiremos nós o precioso tempo nas delongas
 « de um sitio, quando as nossas armas são por toda a parte
 « victoriosas, e que os nossos inimigos não vêem em redor
 « de si, senão fortalezas conquistadas, exercitos dispersos,
 « e derrotados, e os campos de batalha cobertos de cadaveres?
 « Não seria desconhecer a fraqueza dos nossos adversarios, e

« trahir a fortuna cansarmo-nos assim em trabalhos, que
« mais competem a escravos, do que á Soldados? Uma hora
« nos basta para realizar o que o General Segismundo não
« pôde concluir, senão depois de muitos mezes. Marchai,
« e segui o vosso General, que unicamente se satisfaz recom-
« mendando-vos a execução fiel d'estas duas palavras--*Vencer,*
« *ou morrer!* »

Lichthart avançou para a Villa, e Bagnuolo informado da sua aproximação marcha, impondo que pretendia defender o ponto a todo o risco. Trava-se a batalha, e depois das primeiras cargas, a arma branca serve ao furor de ambos os lados. D. Fernando com menos de uma centena de Hespanhoes, e Pernambucanos, rompendo com a espada na mão as linhas Hollandezas, faz n'ellas terrivel estrago, e põe indecisa a victoria; mas o traidor Conde de Bagnuolo, com os seus Italianos, tão covardes como elle, vira a cara ao inimigo, e foge vergonhosamente pela estrada das Alagoas, deixando sacrificados os bravos, que tinham principiado a ganhar a victoria. Com a fugida de Bagnuolo, esfriou o ardor do combate: D. Fernando para não ser prisioneiro, ou morto atirou-se a um alagadiço, pelo qual se retirou com os seus bravos da melhor forma que pôde. D'esta sorte ficou Porto Calvo em poder do inimigo, suspeitando todos que Bagnuolo, antes do combate, tinha ajustado com Lichthart entregar-lhe a Villa.

O General Hollandez em vez de inquietar a Bagnuolo na sua retirada (o que fez augmentar a's suspeitas) não se occupou, senão em tomar posse da Villa, que os seus Soldadas saquearam. Fez-lhe algumas obras, levantou em redor da antiga Igreja, situada em uma eminencia, uma trincheira forte, e deixando n'esta praça quinhentos homens de guarnição, assegurou-se assim da conquista de um paiz importante, que só lhe custara meia hora de combate.

Toda a attenção dos Hollandezes se tornou então para Nazareth, unico porto fortificado de Pernambuco, que ainda estava em poder dos nossos. A guarnição perseverava na sua resistencia, postoque estivesse de tal sorte apertada pelas linhas dos sitiantes, que era mais impossivel, do que no prin-

cipio do cerco introduzir-lhe o menor soccorro. Mathias de Albuquerque julgou abastecer-a por meio de jangadas pequenas, em cada uma das quaes depositou duas medidas de arroz, e entregou assim um grande numero ao acaso, e com effeito esta feliz lembrança alguma cousa servio: vinte d'estas jangadas encalharam junto a Fortaleza; porém soccorros tão fracos, e tão precarios não podiam por muito tempo subtrahir a guarnição aos horrores da fome. Os Soldados Napolitanos, que faziam parte d'ella, como não tinham interesse na causa que defendiam, desertaram; porém os Pernambucanos, e os Indios resistiram á penuria com uma resignação, e valor digno de melhor sorte: muitos d'elles morreram de fome nos seus postos.

Esta firmeza quasi sobre-natural, persuadio a Segismundo que a fortaleza recebia por alguma traça que elle nunca poderia descobrir, viveres da Villa de Serinhaem, onde se acampára Mathias d'Albuquerque, e antolhando este campo fortificado, como o unico obstaculo que ainda se oppunha a entrega da Praça, fez partir o Capitão Anderson com um destacamento consideravel, ordenando-lhe que expulsasse o nosso General do posto que corajosamente guardava, ainda que com trezentos homens sómente: eram estas as reliquias do pequeno, mas aguerrido Exercito que Albuquerque levantára, e formára no Arraial, ou Campo-Real do Bom Jezes.

Anderson, atacou os pontos avançados dos Pernambucanos; mas estes cedendo á superioridade do numero, deixaram o campo. Mathias d'Albuquerque, e seu irmão Duarte, avançam sem demora para os sustentar; porém elles se vêem ora embaraçados pelas aguas do rio Serinhaem, ora batidos pelas tropas Hollandezas. Decididos n'este aperto a vencer, ou morrer, fazem frente ao inimigo com um punhado de Soldados, animados pelas suas exhortações, e pelos seus exemplos, e o carregam denodadamente, com tal valor, que mais parecia desesperação! Teve o desejado effeito este heroico esforço; os Pernambucanos, pondo os Hollandezes em vergonhosa fugida, recobram o posto que tinham perdido!

N'esta acção brilhante pereceu Estevam Velho, filho ed

D. Maria de Souza, uma das Senhoras mais nobres, e respeitaveis d'esta Provincia. Já n'esta guerra desastrosa tinha ella perdido, não somente dous filhos, mas tambem um genro. Quando lhe annunciaram a nova infelicidade, que a privava do seu terceiro filho, chama os dous que lhe restavam de idade um de quatorze annos, e outro de treze, e lhes falla n'estes termos: — « Vosso irmão Estevam acabava de ser morto pelos Hollandezes, cumpre que preenchaes os deveres que a Religião, o Rei, e a patria impoem á Nobreza Portugueza. Desembainhai as vossas espadas, e lançai para longe as bainhas, porém quando vos recordardes do triste dia em que tomais as armas; não combatais como desesperados, pugnai somente pela honra, e vingança. Succumbindo, ou vingando a morte de vossos irmãos, reflecti que trabalhais para ser dignos d'elles, e d'aquelle que vos deu o ser. » Depois d'esta falla envia os filhos a Mathias d'Albuquerque, rogando-lhe que os receba, como simples Soldados. Os filhos de uma tal Mãe, não podiam degenerar: sob o commando do Capitão Manoel de Souza, provaram depois por heroicos feitos de valor, que eram dignos filhos d'ella.

Todavia a perseverança de Albuquerque, e o afferro d'estes homens valentes, que participavam da sua fortuna não podiam salvar Nazareth, e nem impedir a total invasão d'esta Provincia, que já não tinha outra defeza, mais do que este ultimo ponto fortificado. Entretanto chegaram, mas já mui tarde, ao porto de Jaraguá em Alagoas, duas Caravelas vindas de Portugal, conduzindo os Capitaens Paulo de Parada, e Sebastião de Lucena, algumas munições, e a noticia de que em Lisboa ficava-se apromptando um soccorro consideravel, que brevemente partiria. Comtudo Bagnuolo, que tinha chegado são e salvo ás Alagoas, communicando estas noticias a Mathias, o aconselha que abandone o Forte de Nazareth, por que já não podia ser conservado, e que fosse reunir-se a elle ás Alagoas, paiz fertil, cujo porto estando aberto, offerecia o sitio o mais adaptado para estabelecer o seu Quartel General. Os officiaes de Albuquerque, convocados a Conselho, foram unanimemente de opinião, que na

sua presente situação, não lhes era possível tomar uma medida mais conveniente, do que a lembrada por Bagnuolo. Em consequencia resolvendo-se adoptal-a, o Forte, e as mais fortificações de Nazareth renderam-se por meio de capitulação, e entregaram-se no dia 1.º de Julho de 1635, ficando em refem em poder dos Hollandezes o Capitão D. José de Souto Ponce, para garantir a sahida das embarcações que, segundo um artigo da capitulação, deviam transportar as guarnições vencidas para um dos Portos da Asia.

Mathias d'Albuquerque fez sciente, por meio de uma Proclamação, aos habitantes de Pernambuco, da resolução que tomára de evacuar o territorio, offerecendo-se para guardar, e defender todos os que quizessem emigrar, e segui-lo. O maior numero, indignado pelo desprezo da Corte de Madrid, e preferindo outro qualquer Governo, não hesitou em render obediencia aos vencedores, que eram tão estrangeiros, como os Hespanhoes; porém perto de oito mil familias, que se tinham entregado sem reserva, e de uma maneira decidida aos interesses de sua Patria, abandonaram o paiz natal, no qual gëmeriam sob o jugo de uma Autoridade estrangeira, e, ligando a sua sorte á do General, pozeram-se em marcha com os seus rebanhos, e escravos, levando todos os seus effeitos, e o precioso que poderam salvar em um grande numero de carroças. Sessenta Indios precediam a este Povo, abrindo-lhe a estrada, seguia-se um Corpo de Infantaria, depois os emigrados com todo o seu trem e sequito, protegidos por algumas Companhias de tropas regulares, cobrindo finalmente a retaguarda o fiel Camarão, com o seu terço de Indios. Esta tristissima emigração foi longa, penosa, e acompanhada de uma multidão de perigos. Perseguidos por todas as precisões, estes infelizes não evitaram o encontro do inimigo, senão abrindo uma passagem atravez de espessas brenhas, e de sombrios bosques, onde apenas a furto penetravam os raios do Sol.

Durante a sua marcha penosa á muitas mulheres sobrevem as dores do parto, e outras mais infelizes ainda, são privadas de seus innocentes filhinhos, e dos autores de seus dias; d'aquelles, porque a pequena idade lhes nega forças,

para resistir a tantos incommodos, e d'estes, porque o peso dos annos os reduz a igual fraqueza : vio-se Mãe e filhos darem com as suas proprias mãos sepultura aos seres, que lhes eram mais charos ! Foi sómente depois de estar esgotado o calix de todas as amarguras, que estas victimas de um heroico patriotismo se approximaram ao lugar de seu destino. Mas ao mesmo tempo, que se iam chegando, a necessidade de se approximarem a Porto Calvo, as fazia receiar que a guarnição Hollandeza as não atacasse, para roubar-lhes o que haviam podido salvar dos restos de sua fortuna. Um raio de esperanças porém começou a brilhar para estes desditosos : Sebastião de Souto, um dos principaes habitantes de Porto Calvo, informado da chegada de seus compatriotas, projecta render-lhes um serviço assombroso e ao mesmo tempo satisfazer a colera com que olhava os Hollandezes, aos quaes apparentemente se submittêra. Souto escolheu o momento em que Mathias d'Albuquerque fez alto uma legoa longe de Porto Calvo, para ir offerecer-se ao Governador Hollandez, Alexandre Picard, a fim de reconhecer a marcha, e situação dos emigrados, para depois atacal-os, e finalmente enriquecer-se com os despojos d'esta acção. O Governador Hollandez aceitou com transporte os serviços de um homem, que tão zeloso se mostrava pelos interesses da Hollanda. Souto, seguro da credulidade do Governador Batavo, monta a cavallo, adianta-se para a collina onde estavam os emigrados acampados, afronta todos os obstactulos, expõe-se ao fogo das nossas sentinellas, até que enfim consegue entregar-lhes uma carta para Mathias d'Albuquerque.

N'esta carta informava ao nosso General, que Calabar havia chegado no dia precedente á Porto Calvo com um re-torço, com o projecto de atacal-o em sua marcha; mas que estando alerta, não sómente repelliria Calabar, porém que tambem restauraria Porto Calvo, e que para o conseguir não precisava mais do que aproveitar-se da occasião, que o autor da carta lhe procuraria, ainda que se expozesse a todos os perigos.

Tendo Souto assim disposto as cousas conforme as suas

vistas, voltou a encontrar o Governador Hollandez, e lhe disse, que pelo reconhecimento que fizera estava convencido de que a guarda da collina, onde os nossos estavam acampados tinha sido confiado a um punhado de Indios, e a pouco mais de vinte Soldados Portuguezes, forças incapazes de impedir que Calabar abrisse uma passagem, e de um só golpe tomasse o grande comboio, que encerrava todas as riquezas conduzidas de Pernambuco.

O Governador, cego pela ambição de possuir logo ao primeiro ataque um tão grande espolio, he illudido, sahe da Villa, levando com sigo Calabar, um Corpo de tropas, e Souto, que lhes serve de guia; mas este logo que avista os Pernambucanos, deixa o Governador Hollandez, e se ajunta com aquelles de seus compatriotas, que estavam a um lado emboscados. N'este mesmo momento os nossos carregam os Hollandezes com tal violencia, que desconcertando-os, os fazem ceder o campo donde, deixando cincoenta mortos, fogem em completa debandada para a Villa. Os nossos, aproveitando a confusão do inimigo, entram de envolta pelas trincheiras, que guarneciam a Villa, e ahi fazem horrivel matança, e quarenta e cinco prisioneiros. Mathias chegando com o restante das tropas occupa-se em completar a victoria, e dirige immediatamente o seu ataque sobre a Igreja, e casas fortificadas. He tal o valor de seus Soldados, que avançam sem precaução, e sem advertirem que era noite, mas são rechaçados com perda. Entretanto fortifica antes de amanhecer todos os lados pelos quaes o inimigo podia pedir, ou receber soccorros, e assim o conserva sitiado, certo de que faltando-lhe agua, não tardaria em render-se; porém os nossos Soldados, impacientes por apossarem-se da presa, tomam logo ao amanhecer uma das casas fortificadas, matando tudo que lhe resiste, tiveram o desgosto porém de perderem n'este ultimo ataque o Capitão Diogo Rodrigues, que havia prestado relevantes serviços no cerco de Nazareth, e mais outro Official, além d'alguns Soldados. Os Hollandezes que escapam a carnagem refugiam-se na Igreja, onde o seu Governador, e Calabar se tinham fortificado, com os Soldados que haviam podido reunir; mas

conhecendo ser impossivel a resistencia, todos, excepto Calabar, cuidam em render-se, e até este mesmo conhece, que os seus ultimos momentos são chegados, por que Mathias offerece condições favoraveis aos sitiados, com tanto que se lhe entregue á discripção este famoso transfuga. Ao principio os Hollandezes negam-se a entregar Calabar, e respondem, que antes morrer, do que nisso consentirem; mas elle conhece que não o deve acreditar, nem esperar. Parecendo-lhe inevitavel a sua perda, as idéas de sua primeira educação retomam em seu espirito todo o imperio: elle declara pois aos Hollandezes, que era um homem perdido; mas que estava certo de que a Misericordia Divina não o ia punir na terra, senão para salvá-lo na outra vida; finalmente conjura-os para que aceitem as condições offerecidas por Mathias, sem os inquietar o seu destino. Então o Governador Hollandez não hesita; e trezentos, e oitenta Soldados, numero superior ao dos sitiados, capitulam, e se obrigam a passar para Hollanda, como prisioneiros de guerra, entregando Calabar, aquelle mesmo que tantos serviços lhes prestára, aquelle a quem o seu Governo conferira a Patente de Major, (*) aquelle enfim que por vantagem alguma deviam entregar ao supplicio. A vil entrega do transfuga Calabar, lançou uma nodoa indelevel na historia dos Hollandezes, que conquistaram Pernambuco!

Os Pernambucanos, que havia tanto tempo eram desditosos, demonstraram a sua alegria; ainda mais porque se lhes deparou a occasião de punir o traidor Calabar, do que pela retomada de Porto Calvo. Calabar tinha ahí nascido, commetteu n'esse lugar crimes atrozes, desafiou o odio de todos os seus compatriotas; toda-via estes mui longe de se mostrarem vingativos, tomando por suas proprias mãos vingança, pelo contrario deixaram que a Justiça livremente obrasse segundo as Leis. He verdade que Calabar, como refere o Valeroso Lucideno, foi entregue pelos Hollandezes, sob a frivola condição de ficar á disposição de El-Rei de Hespanha, e Portugal; mas Mathias de Albuquerque, enten-

Calabar, e convenientemente entregue pelos Hollandezes.

(*) Valeroso Lucideno Liv. 1.^o pag 19.

dendo que representava o Monarcha n'esta Provincia, e que portanto podia dispôr do prisioneiro como lhe aprouvesse, entregou-o a um Conselho de guerra, e este, depois de ouvir a esse infeliz, d'esta sorte mettido em julgamento, e de convencel-o de seus enormes crimes, o condemnou a morrer enforcado, e depois esquartejado, a fim de que seus quartos, e a cabeça se expozessem, para exemplo, nas pontas das estacadas da Villa. Calabar subio ao patibulo mostrando um profundo arrependimento, de que communmente não são susceptiveis os grandes malvados. Este Mameluco, flagello de sua Patria, recebeu pacientemente a morte com uma esperança tal na Misericordia Divina, que os Sacerdotes, encarregados de o exhortarem nos ultimos momentos, e os que foram testemunhas do seu supplicio, não duvidaram da sua salvação. Este homem contrito negou-se a fazer as denuncias que Mathias d'Albuquerque exgio fizesse contra aquelles com quem se communicara, sem que o seu confessor lh'o permitisse, e dispoz antes de morrer de alguma cousa que tinha em poder dos Hollandezes, pagando varias dividas, e mandando entregar os apontamentos que fizera a sua mãe Angela Alvares.

Calabar foi suppliciado pelas oito horas da noite, e não no dia seguinte, destinado para sua morte, não se lhe permitindo fallar, para despedir-se, como pedio, sem duvida por que temeram que compromettesse gente de ordem muito superior à d'elle.

Um factó notavel, que no 1.º de Abril de 1634 livrara da morte a este audaz Mameluco, induzio a crer que a sua Alma não podia ser salva, senão pela perda voluntaria do seu Corpo.

Depois da sua deserção tinha Calabar recebido da parte de Mathias de Albuquerque grandes offeras, para abandonar o partido inimigo; mas elle não só havia despresado os offercimentos, como tambem respondido insolentemente. N'esta colisão, convindo à salvação publica punir um criminoso tão audaz, e ao mesmo tempo privar o inimigo de uma guia tão habil, quanto emprehendedora, Mathias d'Albuquerque, por meio de liberalidades ganhou a vontade de Antonio Fernandes, primo de Calabar, e o enviou ao campo inimigo, ensinando-lhe que fingisse, que o exemplo do seu parente o mo-

Informacia de Mathias de Albuquerque. Antonio Fernandes

vera a passar-se para elle ; a fim de que, captada assim a sua confiança, o matasse logo que tivesse occasião, e voltasse para os nossos. Fernandes procurou encontrar Calabar em uma das suas incursões, e apparecendo-lhe ao longe, bradou, e assenou-lhe para que o recebesse entre os seus fieis amigos. Calabar reconhece seu primo, e faz-lhe signal que avance, e Fernandes corre para o valle, que os separa, com o perfido intento de o matar ; mas n'esta carreira, embaraçando-se no boldrié, salta-lhe a espada da bainha, e cahindo sobre ella, sente o coração atravessado, e espira n'aquelle mesmo momento, em que por meio de traição tão feia ia assassinar seu primo ; aquelle mesmo de quem se fingia amigo, e cuja companhia procurava !

Divulgando-se este facto, depois do supplicio, conveio-se que Calabar não tinha sido preservado, senão porque o Ente Supremo o tinha destinado para castigo dos peccados de Pernambuco, e que logo que esteve satisfeita a Justiça Eterna, nada o tinha podido subtrahir ao castigo merecido. Depois do supplicio foi o seu corpo, segundo a Sentença, esquartejado, e os quartos assim ensanguentados foram expostos sobre as estacadas de Porto Calvo. Este rigor da Sentença teve a meu ver mais outro fim, além do exemplo ; no mesmo tempo em que se processou, e condemnou Calabar, processou-se, e condemnou-se tambem à morte de forza um Portuguez, preso na mesma occasião, e que no Recife servia aos Hol-landezes na qualidade de Almojarife : ambos eram grandes criminosos, mas o primeiro, tendo commettido muito maior numero de crimes, quasi sempre acompanhados de atrocidades, cumpria que soffresse uma pena, ao menos na apparencia maior.

Mas as vantagens momentaneas, que offerecia a retomada de Porto Calvo, não deslumbraram a Mathias d'Albuquerque, nem lhe fizeram esquecer a sua situação : com effeito elle não podia demorar-se por muito tempo no territorio de Pernambuco, coberto de inimigos. Arrasou as fortificações de Porto Calvo, enterrou nos bosques a artilharia que alli tomara, e marchou para as Alagoas, seguindo-o o Exercito de emigrados. Aqui se deve referir em honra dos Pernambu-

*O nome do Portuguez q servia de Almojarife
Hollandez: por D. João e emforcado ao mesmo*

canos o que a seu respeito diz Mr. Beauchamp no 2.^o Tomo da sua Hist. do Braz. Liv. 25 pag. 372 da Edição de 1815. « Deve-se dizer em honra dos Brasileiros, que todos os que « tinham em Pernambuco grandes possessões, preferiram « abandonal-as a viver possuindo-as sob o jugo dos vencedo- « res. Lamentaram-se he verdade, por terem sido sacrificaa « dos pela Corte de Madrid; porém sem se irritarem contra « a sua má fortuna, quasi todos a supportaram, como homens « capazes de a domar. »

As reliquias das forças de Pernambuco reunidas em Alagoas não excediam a oitocentos Soldados, e dusentos Indios auxiliares. Mathias apressou-se em fortificar este estabelecimento, que pela sua posição offerecia mais facil defeza, e um acantonamento seguro, para se esperarem os soccorros da Europa.

Tres dias depois de ter Mathias d'Albuquerque abandonado Porto Calvo, entrou Segismundo com todo seu Exercito n'essa Villa, que achou erma, offerecendo-lhe em triste espectáculo a cabeça de Calabar enfiada em um poste, e os quartos pendurados das trincheiras, a par do corpo do Almojarife. Segismundo cego de colera, e talvez desejando de alguma sorte reparar a infamia d'aquelles dos seus, que covardemente entregaram Calabar, faz recolher em um athaúde o corpo mutilado d'este seu alliado, e o manda conduzir a sepultura sagrada, fazendo-lhe as honras funebre militares (*) que lhe competiam, segundo o grão a que foi elevado no seu Exercito. Entretanto para vingar a morte afrontosa de Calabar, senão para ter pretexto de extorquir dinheiro, Segismundo mandou publicar um Bando, no qual ordenava que todos os moradores fossem passados a espada, sem excepção de sexo, ou idade, mandando, para executar esta barbaridade, muitas partidas a procurar pelos matos os infelizes Pernambucanos, que por ventura encontrassem. Tristissimos, consternados, e sem alento ficaram os moradores, que não emigraram, vendo que a mesma confiança que depositaram nas promessas do infiel Holandez, e que os desviara de seguir os seus compatriotas.

(*) Valeroso Lucedeno Liv. 1 pag. 23.

os entregava a espada ! Vivia porém nos contornos de Porto Calvo um Religioso Heremita da Ordem de S. Paulo , Fr. Manoel do Salvador , letrado zeloso , e de uma virtude austera , sobre quem mais largamente tratarei no Tomo 2.^o d'estas Memorias. A este Religioso procuraram os infelizes moradores , e elle apezar de conhecer o odio que os hereges tinham aos Sacerdotes , principalmente aos Regulares , comtudo animado de um verdadeiro zelo Christão , dirigio-se a Segismundo , e com tal liberdade , e efficacia lhe fallou , que a final conseguiu do General inimigo modificar o primeiro Bando , publicando um outro , pelo qual eram sómente condemnados á morte todos os moradores , que dentro de um prazo que lhes marcou , não viessem com suas familias , e moveis para suas casas , e pedissem Carta de residencia.

Doze dias se deteve Segismundo em Porto Calvo , vendendo o captiveiro , ou Cartas de residencia , por subido preço , até que levantando o campo , e espalhando o boato que ia bater Mathias d'Albuquerque até desalojal-o das Alagoas , seguio caminho do Sul ; fez porém alto em um lugar chamado Piripueira , situado entre Alagoas , e a povoação de S. Antonio Grande , e ahi construiu uma fortificação , guarneecendo-a por seiscentos homens , sob o mando do Coronel Christovam Artyoski. Depois construiu outra nas margens do rio Camaragibe , guarneecida por cento e vinte Soldados , commandados por Jacob Estacour , e , guarneecendo emfim todos os caminhos , por onde os nossos podiam communicar-se com Pernambuco , retirou-se para o Recife , publicando que regressava unicamente para refazer o Exercito , e voltar sobre Mathias , persuadido que tinha interceptado toda a communicação do nosso Exercito com o resto do paiz subjugado ; porém esta disposição não teve outro resultado , senão obrigar aos fieis Indios do Camarão a abrirem uma nova estrada pelo interior das matas!

Taes foram os acontecimentos da campanha de 1635 , que concluindo a guerra no territorio de Pernambuco , entregou aos Hollandezes esta bella Provincia. As hostilidades tornaram-se então mais importantes , tanto pela escolha dos Chefes , como pela natureza da guerra , que depois se

seguio. Em verdade as operações ulteriores decidiram não somente da sorte d'esta Provincia, mas tambem do destino de quasi todo o Brazil.

CAPITULO X.

Temores da Corte de Madrid sobre o Brazil, e principalmente sobre os Galliões do Mexico. Batalha naval no Canal de Bahama. D. Fradique de Toledo regeita o Commando de uma Esquadra, e por isso he desterrado. Prepara-se em Lisboa uma Frota para soccorrer Pernambuco. D. Luiz de Rochas e Borja chega com reforço as Alagoas, e Mathias d'Albuquerque he rendido, e chamado á Europa.

1655.

Os Portuguezes, victimas da ingratição da Hespanha, e da má administração nas suas possessões da America, não eram mais bem tratados na Europa. Margarida, Duqueza de Mantua, continuava a governar Portugal, ou, para exactamente dizer, Olivares o regia, como senhor absoluto, sob o nome de Felippe 4.º, e de Margarida. Os impostos com que flagellava aquelle infeliz Reino, tanto mais excitavam a indignação dos Portuguezes, quanto elles não tinham o prazer de ver ao menos uma parte applicada, para as urgentes necessidades do Brazil. Entretanto os Hollandezes faziam do Recife, como Capital de suas conquistas, uma Praça formidavel, e que não podia deixar de atemorisar a Corte de Madrid. Aqui tinham elles levantado taes Arsenaes de Marinha, que já não era necessario enviar da Hollanda Frotas, para aprisionar os Galliões do Mexico, podendo ellas ser construidas, e equipadas no Recife. Dentro em pouco tempo quatorze navios de guerra, abastecidos para sete mezes, sahiram d'este porto, debaixo das ordens de Cornelio Jolo, aquelle mesmo que, no principio de campanha, havia sido rechagado na ilha de Fernando da Noronha; porém que depois, pelas vantagens adqueridas nos seus cruzeiros, tinha sido elevado de simples Corsario ao Posto de Almirante.

Com esta Esquadra, equipada no Recife, Jolo apresenta-se nas aguas d'aquella ilha, cuja posse era para os Hollandezes de grande importancia, já pelo seu porto,

já porque ella era indispensavel como Praça, para se fazer aguada, visto que d'este genero muito faltava no Recife. Esta segunda tentativa de Jolo, foi mais feliz do que a primeira; todavia a guarnição da ilha, não se rendeu, senão depois de dous dias de cerco, durante os quaes a Fortaleza da barra, foi quasi destruida pelas bombas, e balas d'artilharia. Um porto alguma cousa commodo, e abundancia de agoa potável; eis as vantagens da ilha de Fernando. Jolo deixou allí alguns navios, e com o restante de sua Esquadra ganhou o alto mar, com esperança de tomar na sua passagem a Frota do Mexico, commandada pelo General D. Carlos de Ybarra. Com effeito Jolo encontra-a no Canal de Bahama; e ataca-a sem hesitar; porém no momento de alcançar a victoria, ella lhe escapa pela insubordinação dos seus Officiaes, que se julgavam abatidos, por servirem ás ordens de um Almirante, (por antonomazia Pé de pão) sahido da classe dos Corsarios. Cinco d'estes officiaes foram expulsos, e declarados infames, severidade esta reclamada pela disciplina, e digna de ser louvada por todos que apreciam a subordinação militar.

O perigo eminente de que acabava de escapar a Frota do Mexico, fez emfim com que a Corte de Hespanha sahisse do seu longo, e criminoso lethargo. Já por culpa sua, e contra toda a expectação, uma Potencia rival se achava estabelecida no centro da America do Sul, e era para temer que as riquezas das Indias Hespanholas excitassem cada vez mais a cubiça d'essa Potencia.

Filippe 4.^o, que não tivera até então senão uma idéa mui imperfeitá do estado dos negocios da America, soube finalmente que os Hollandezes aqui tinham feito conquistas importantes; porém Olivares, para pôr a salvo a sua responsabilidade, não só desfigurou aos olhos do Monarcha o quadro da situação deploravel em que se achava o Brazil, mas ainda imputou á má politica, e incapacidade de Mathias d'Albuquerque as desgraças que opprimiam a Capitania de Pernambuco. Dizia Olivares que Mathias receiava a concorrência das tropas Hespanholas, para a expulsão dos Hollandezes, temendo sem duvida que esta intervenção directa,

diminuisse os direitos do paiz, que elle defendia, como propriedade de sua familia; que cumpria portanto tirar-lhe o commando, e não o confiar jámais, senão a um General, que não tivesse em vista mais do que a gloria da sua Patria, e a do seu Rei.

Estes raciocinios preveniam, não com menos astucia do que perfidia, as justas recriminações do General Portuguez. Filipe 4.^o deixou-se persuadir facilmente por um Ministro, de quem não podia desembaraçar-se, pela victoriosa valia, e ascendencia que tinha sobre seu espirito.

Olivares estava decidido em limitar os soccorros que elle parecia acelerar em favor do Brazil, e teve arte de desfarçar esta disposição, indigitando à confiança do Rei a D. Fradique de Toledo, General dos presidios Portuguezes, aquelle mesmo que restaurou a Bahia. Offereceu-se pois a D. Fradique o commando de uma nova Expedição, por se pensar que elle, mui cioso da sua reputação militar, e gozando da mais alta estima entre os seus compatriotas, se deixasse enganar pelo esplendor de um commando illusorio. Devia elle por ventura enganar-se sobre os motivos da escolha, de que fôra o objecto? Não certamente. Conhecia melhor do que o Rei a natureza d'esta guerra, os recursos do inimigo, e a necessidade de o atacar com forças superiores, e não com um Exercito em nome: declarou portanto ao valido, que não se poria a testa do armamento, senão transportando ao Brazil um corpo de doze mil homens, com as munições de guerra correspondentes.

Estas pretensões, contrarias ás vistas do Primeiro Ministro, pareceram exageradas à todo o Ministerio Hespanhol, a quem o estado miseravel da Monarchia não era occulto. Uma prisão rigorosa, seguida de perpetuo desterro, foram por esta justissima recusa, a remuneração dos serviços que D. Fradique fizera ao Estado! Privado para sempre da graça do Soberano, e victima da vingança de um Ministro irritado, não lhe restou para sua consolação no retiro obscuro, onde se terminaram seus dias, senão a gloria ligada ao seu Nome, e a publica estima, que nunca perdeu!

O Commando foi por esta escusa offerecido a D. Filippe

da Silva, Fidalgo Portuguez, que acabava de destinguir-se na guerra de Flandres; porém escusando-se pelas suas infirmitades, e por ignorar inteiramente as manobras da guerra naval, foi o commando depois offerecido a D. Antonio de Avilay Toledo, Marquez de Velada, Grande de Hespanha, e que acabava de governar as Armas de Orão. Este Marquez, penetrando tambem, como D. Fradique, as intenções do valido, aceitou o Generalato, certo de que não passava de um titulo vão. Com effeito o tempo consumio-se em deliberações, e em conferencias, e fingindo occupar-se de um armamento formidavel, a Corte de Madrid, resolveu finalmente não mandar em soccorro de Pernambuco, senão mil e setecentos homens. Este pequeno Exercito foi confiado a D. Luiz da Rochas e Borja, Mestre de Campo General, o qual partio de Cadix em duas Esquadras, uma Castelhana, commandada por D. Lopo de Hoses, e outra Portugueza, governada por D. Rodrigo Lobo, contendo ambas trinta velas, de que era General em Chefe o dito Hespanhol D. Lopo Hose, encarregado especialmente de desembarcar na Bahia Pedro da Silveira, (denominado o Duro,) novo Governador Geral do Brazil, e de tomar a bordo, e transportar para Lisboa o seu Antecessor Diogo Luiz d'Oliveira, Conde de S. Lourenço. Si aquelles Chefes fossem dotados de talentos, ou de zelo para obrarem a proposito, e de concerto, talvez tomassem a offensiva, e sem muito custo, se apossassem de nove navios Hollandezes, carregados de productos do Brazil, que as Esquadras Hespanhola, e Portugueza deixaram de perseguir.

O mesmo Recife poderia ter sido reconquistado, si depois de um desembarque ousado, de subito o atacassem; por quanto as tropas Hollandezas estavam divididas em pequenos corpos, espalhados por uma extensão de cem legoas de costa, desde Peripueira até Putangy. O General Segismundo, não tinha comsigo senão duzentos homens, e tão fraco se considerava, que quando em 25 de Novembro de 1635 avistou as Esquadras Hespanhola, e Portugueza exclamou: — *Perdeu-se o Recife.* — Já uma grande parte dos Pernambucanos havia pegado em armas a vista do Pavilhão Ca-

tholico, quando os Generaes das Esquadras, sem se informarem do estado da Capital, dirigiram-se para o Cabo de S. Agostinho, e ahi receberam, por via de um Indio, que se aventurou n'uma jangada, as primeiras noticias dos Chefes do nosso Exercito. Os ventos fortissimos, que então imbraveciam o mar, não permittiram que as tropas desembarcassem nas praias do Cabo, e D. Lopo de Hoses recusou de as pôr em terra na embocadura do rio Serinhaem, posto que os seus mesmos officiaes fossem d'este parecer, e que um tal desembarque fosse recommendado por Mathias d'Albuquerque, e pelo Conde de Bagnuolo, que para este fim haviam enviado a bordo o Capitão Martim Soares Moreno.

Invariavel no seu plano, D. Lopo seguiu para as Alagoas, e desembarcou na ponta de Jaraguá a D. Luiz da Rochas e Borja com as suas munições, e o seu pequeno Exercito, composto em parte de Castelhanos, e Italianos, commandados por João de Ortiz, e Heitor de la Clace.

Rochas entregou a Duarte d'Albuquerque o Diploma, pelo qual El-Rei Philippe o nomeava Governador civil de Pernambuco, porém Mathias d'Albuquerque, victima da fermentida politica do valido Olivares, em vez de ser louvado, foi chamado a Europa, sem que de maneira alguma fossem compensados os relevantes serviços que prestara. A sua Alma porém nobre, e altiva muito custava supportar a obscuridade a que o reduzia o valido Olivares. Foi com o sentimento o mais vivo, que Mathias deixou ao seu successor o cuidado de continuar n'uma guerra, cujo peso as suas luzes, e experiencia lhe haviam adquerido o direito de sustentar.

Apossado Rochas e Borja do Commando do Exercito embarcou Mathias d'Albuquerque para a Bahia, donde pouco depois seguiu para Hespanha. Ali experimentou a sorte reservada ordinariamente aos Generaes, cujo zelo não foi coroado pelos successos; porém não se passaram muitos tempos, que não se visse vingado da ingratição de um Ministro imperioso, que havia sido a origem das desgraças de Pernambuco, pela feliz revolução que libertou Portugal do jugo

hespanhol. Então foi reconhecido o merito de Mathias d'Albuquerque, pelos seus mesmos inimigos, que o viram distinguir-se na guerra arriscada, que firmou a independencia da sua Nação, e depois da qual o legitimo Soberano dos Portuguezes lhe conferio o titulo de Grande do Reino.

FIM DO TOMO 1.º

J. R. Pessoa de Cacerda

ADVERTENCIA.

Quando consultei o Sr. João Francisco Bastos sobre o calculo de que trato em a Nota da pagina 201 d'este Tomo, consultei igualmente o Muito Reverendo Sr. Conego Manoel Ferreira da Ascenção, mas como a impressão não podia ser demorada, não esperei pela resposta de S. S. Reverendissima para continual-a, contentando-me com o voto do Sr. Bastos. Porém como depois de impressa a dita pagina 201, recebi a seguinte resposta do Reverendissimo Sr. Conego, aproveito esta ultima pagina do Tomo para publical-a.

« Consultando eu a Gavanto, Autor de Epactas, achei que o anno de 1630 foi o segundo depois do Bissexto, o Aureo N.º d'esse anno foi 16, a Epacta 16, e a letra Dominical F., e que principiou em uma Terça feira, e o dia 16 de Fevereiro foi um Sabbado. O anno de 1631 foi o terceiro depois do Bissexto, e principiou em uma Quarta feira, o Aureo N.º foi 17, a Epacta 27, a letra Dominical E, e o dia 16 de Fevereiro um Domingo. »

Eis o que sobre o objecto teve a bondade de responder-me, em carta datada a 6 de Abril, o Ill.º e R.º Sr. Conego Manoel Ferreira da Ascenção, que concorda inteiramente com o Senhor Bastos, e que prova ter-se enganado o autor do Valeroso Lucideno.

Esqueceu-me collocar nos respectivos lugares as tres seguintes Notãs : a primeira que pertence á linha 12 da pagina 139 (*), a segunda á linha 11 da pagina 155 (**), e a terceira á linha 9 da pag. 199 (***), por isso vão aqui inseridas.

NOTA DA PAGINA 139.

(*) Da Bibliotheca Lusitana Tom. 1 pag. 512 consta que Jorge d'Albuquerque Coelho fôra de Pernambuco á Lisboa no anno de 1565 em a não *S. Antonio*, e que n'esta viagem soffrêra naufragio , que fôra até cantado em verso pelo Vate Pernambucano Bento Teixeira Pinto, mas ignora-se quando regressou ; sabe-se porém que voltára com seu irmão quando d'aqui partio em 1572. Tambem consta que o 1.º Donatario Duarte Coelho fôra á Lisboa duas vezes, mas nem se sabe quando, e nem ha certeza do fim principal destas viagens. Si forem consultados os registros de Lisboa, talvez que com certeza se saiba de toda nossa historia, que começando apenas á tres Seculos, quasi que nada d'ella se sabe!

NOTA DA PAGINA 155.

(**) Não consta dos livros que consultei , quando Jeronimo d'Albuquerque Maranhão voltou do Rio Grande do Norte, onde o Governador Mascarenhas o tinha deixado, como eu disse a pag. 152.

NOTA DA PAGINA 199.

(***) N'esta confuzão, na qual quasi todos só cuidavam em salvar as vidas , e a pouca fazenda que podiam conduzir , Lourenço Guterres, Meirinho da Correição, em vez de cuidar na salvação do que era seu, deixou, tudo ao inimigo, para conduzir ás costas de seus escravos onze barris de polvora, que com effeito salvou. Si não fora esta patriotica resolução de Guterres, Mathias d'Albuquerque não teria polvora para defender-se nos primeiros mezes do Campo do Arraial. Val. Luc. pag. 26.

ERRATAS.

Em a pagina XIII do Prologo na linha 2.^a em lugar de
de Maio de 1842, lea-se-26 de Abril de 1842.

<i>Paginas.</i>	<i>Linhas.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
6	7	1358	1385.
27	6	capitânia . .	capitanea
83	30	não passa de probabilidades,	não passa ainda as de probabilidades,
91	19	sua irmão . .	sua irman
94	11	Pedro de Al- buquerque Coelho.	Mathias d'Albuquere Coelho.
112	10	ben-	bens
127	25	(descendente do 1. ^o Dona- tario)	(descendente do 1. ^o natario de S. Vicente)
128	23	encarregado	encarregada
131	34, e 35	estabelece- ram-se	estabelecerem-se
132	27	1661	1561
146	7	Capibaribe, e abandonando.	Capibaribe, abandon do
150	18	Capitulo XVIII	Capitulo XIII
161	28	lgo	logo
"	29	costumadas, Entretanto . .	costumadas, entreta
162	11	par	dar
164	20	desembara- cam	desembarcam
167	17	inexperada- mento	inesperadamente
176	16	ze-lo	zelo.

<i>Linhas.</i>	<i>Linhas.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
	32, e 33	21 annos . . .	12 annos
	38	Arrancadas . . .	Arrancados
	3	que nunca o abando- naram . . .	que nunca abandonaram a Cidade ;
	10	mais . . .	mas
	6	christinisado,	christianisado,
	17	foram leva- das . . .	foi levada.
	25 e 26.	possivel . . .	possivel
	28	da Capitania	da Capitanea
	34	aim . . .	iam
	21	ogo . . .	logo
	19	caza terra . . .	casa terrea
	11	ós . . .	só
	27	ás Alagoas	á Itamaracá
	31	subdito . . .	subito
	32	a nome . . .	o nome
	10	Os Hollande- zes'ganham tam- bem Itamaracá	Os Hollandezes devas- tam tambem o territo- rio da Capitania de Ita- maracá.
	14 e 15.	do Arraial de Nazareth . . .	do Arraial , e de Naza- reth.

Alguns outros erros escaparam na correcção , mas como nada alteram o sentido, deixo de emenda-los, certo de que o juicioso leitor os supprirá. Mesmo dos que aqui vão correctos alguns foram corrigidos no meio do acto de imprimir; por isso em muitos Volumes, não se hão de encontrar erros, todavia vão mencionados nas Erratas.